

Revista **Linguística**

Volume 21, número 2, maio/ago. de 2025

Organizadores da edição:

Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFES)
Veridiane Pinto Ribeiro (IFSC)
Paulo Henrique Duque (UFRN)

**Linguística Cognitiva: diversidade e
interfaces com os Estudos da
Tradução e da Interpretação**

A Linguística Cognitiva investiga a relação entre cognição e linguagem, evidenciando como mente, corpo, forma e significado são indissociáveis.

A edição da revista discute fundamentos, aplicações e diálogos interdisciplinares.

ISSN: 2238-975X

UFRJ

COMISSÃO EDITORIAL

Editor-chefe

Gean Nunes Damulakis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores

Aniela Improta França, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Isabella Lopes Pederneira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marcus Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marije Soto, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Aleria Lage, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores Honorários

Maria Luiza Braga, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editor Fundador

Lilian Ferrari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Conselho Editorial

Anthony Naro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil (in memoriam)

Fernanda Ferreira Spoladore, Michigan State University, EUA

Gabriela Matos, Universidade de Lisboa, Portugal

Kees Hegenveld, Universidade de Amsterdam, Holanda

Leticia Sicuro Correa, Departamento de Letras - PUC/RJ

Leo Wetzels, Universidade Livre de Amsterdam, Holanda

Luiz Amaral, University of Massachusetts, USA

Maria Armanda Costa, Universidade de Lisboa, Portugal

Maria Cecília Mollica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Roberto Almeida, Concordia University, Canada

Ruth Lopes - Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Organização da Edição

Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFES)

Veridiane Pinto Ribeiro (IFSC)

Paulo Henrique Duque (UFRN)

Redação e Assinaturas

Programa de Pós-Graduação em Linguística - Faculdade de Letras da UFRJ

Av. Horácio de Macedo, 2151 - Sala F. 321. Ilha do Fundão Cidade Universitária

CEP 21941-917 - Rio de Janeiro - RJ. E-mail: ppglinguistica@letras.ufrj.br

Editor Operacional e Editoração Eletrônica

Patricia Mabel Kelly Ramos, pattydesign/Brasil

Revista **Linguística**

RIO DE JANEIRO | VOLUME 21 | NÚMERO 2 | MAIO - AGO. DE 2025

LINGÜÍSTICA COGNITIVA: DIVERSIDADE E INTERFACES COM OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO
COGNITIVE LINGUISTICS: DIVERSITY AND INTERFACES ON TRANSLATION AND INTERPRETATION STUDIES

UFRJ

Programa de Pós-Graduação em Linguística Faculdade de Letras
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Apresentação

7

Linguística Cognitiva: diversidade e interfaces com os Estudos da Tradução e da Interpretação

Flávia Medeiros Álvaro Machado, Veridiane Pinto Ribeiro e Paulo Henrique Duque

Artigos

14

A gramática de construções visuo-corporificadas aplicada aos estudos metalinguísticos de poemas sinalizados

Veridiane P. Ribeiro

35

Construções com *x-inho/a*: uma análise no âmbito da linguística funcional centrada no uso

Deborah Rheesa Santos e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

51

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Si (X) fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

Keren Betsabe González Rodríguez

73

As funções semântica e pragmática nas escolhas linguísticas na interpretação em Libras

Eliziane Manosso Streiechen, Denielli Kendrick e Sarah Tamara Corrêa Hilgemberg

93

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

Rafael Monteiro da Silva e Flávia Medeiros Álvaro Machado

114

Tradução e interpretação como ferramentas sociais: atos e formas libertários da linguagem

Jade Baez e Ernani Mügge

123

Como os espaços mentais moldam a tradução em Libras de histórias infantis

Denielli Kendrick, Suellen Fernanda de Quadros Soares e Alan Marlon de Mattos

141

Quando a tradução brinca com a mente: integração conceptual e efeitos humorísticos dos memes “leia em inglês”

Eduardo Alves da Silva

- 161** **A conexão entre linguagem e cognição: a interação do significado e das funções categóricas na Linguística Cognitiva**
Bruno Alexandre Scapolan e Letícia de Sousa Leite
- 175** **Ejemplos de montaje cinematográfico en la lengua de señas uruguaya**
Santiago Val
- 203** **A dimensão cultural na aquisição de segunda língua: contribuições da semântica transcultural para o ensino de línguas estrangeiras**
Mariana Souza Santos e Wellington Mendes Junior
- 215** **Estudos sobre a cognição e a tradução de Línguas de Sinais: criação social e ampliação terminológica**
Neiva de Aquino Albres
- 230** **Entre metáforas e memes: um exercício de análise sobre ocorrência de metáforas situadas em memes políticos**
Marcos Helam Alves da Silva e Márcia Ananda Soares Siqueira de Sousa
- 246** **Propósitos retóricos da metáfora da doença: estudo sobre títulos noticiosos da política portuguesa**
Sara Topete de Oliveira Pita
- 261** **Versos que humanizam: poesia, cognição e humanização em sala de aula**
Leonardo Jovelino Almeida de Lima e Tânia Mara Gastão Saliés
- 284** **Discursos de intérpretes de Libras não heteronormativos: uma análise crítica sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional**
Saionara Figueiredo Santos
- 303** **O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva**
Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa, Geisymeire Pereira do Nascimento e Heron Ferreira da Silva
- 329** **Geossociolinguística Cognitiva: variação sociocultural e espacial na cognição e no uso da linguagem**
Elias de Souza Santos

343 **Gender and nominal classifiers: congruences and contrasts between Brazilian Portuguese and Yoruba**
Rodolfo Borer Parpinelli

361 **A língua de sinais e a presença do discurso orofacial durante a sinalização: uma contribuição da semântica cognitiva**
Flávia Medeiro Álvaro Machado e Priscila Delfina de Souza Ribeiro

379 **Linguística cognitiva e estudos gramaticais da Libras: sinais técnicos em saúde e biossegurança**
Gildete da S. Amorim Mendes Francisco, Saulo Cabral Bourguignon e Gláucio de Castro Júnior

398 **A semântica de *frames* aplicada à lexicografia eletrônica: reflexões sobre o desenvolvimento de um dicionário bilíngue**
Diego Spader de Souza, Aline Nardes dos Santos, Ana Luiza Treichel Vianna e Rove Luiza de Oliveira Chishman

Resenha

422 **Resenha de *Prefixação na língua portuguesa contemporânea*, de Graça Rio-Torto**
Mailson dos Santos Lopes

Entrevista

431 **Entrevista com Lilian Ferrari**
Lilian Vieira Ferrari, Flávia Medeiros Álvaro Machado, Veridiane Pinto Ribeiro e Paulo Henrique Duque

**LINGUÍSTICA COGNITIVA: DIVERSIDADE E INTERFACES COM OS ESTUDOS
DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO**
COGNITIVE LINGUISTICS: DIVERSITY AND INTERFACES ON TRANSLATION AND INTERPRETATION STUDIES

*Flávia Medeiros Álvaro Machado*¹

*Veridiane Pinto Ribeiro*²

*Paulo Henrique Duque*³

É com satisfação que a *Revista Linguística* apresenta o dossiê temático intitulado “Linguística Cognitiva: diversidade e interfaces com os Estudos da Tradução e da Interpretação”, organizado por Flávia Medeiros Álvaro Machado (UFES), Veridiane Pinto Ribeiro (IFSC) e Paulo Henrique Duque (UFRN). O conjunto de artigos que compõe esta edição reflete a vitalidade, a maturidade teórica e a crescente expansão da Linguística Cognitiva no cenário acadêmico brasileiro, destacando sua capacidade de articular diferentes perspectivas teóricas e metodológicas na investigação da linguagem como fenômeno complexo, situado e multimodal.

Compreendida como um paradigma que concebe a linguagem como parte integrante e não dissociada da cognição humana (Lakoff; Johnson, 1980; Fillmore, 1982; Langacker, 1987; Fauconnier, 1997; Talmy, 2000a; Talmy, 2000b; Croft; Cruse, 2004 entre outros), a Linguística Cognitiva tem se consolidado como um campo transdisciplinar, com importantes repercussões nos estudos sobre semântica, gramática, pragmática, discursividade e, mais recentemente, nos Estudos da Tradução e da Interpretação. A linguagem, nesse modelo, é vista como sistema de categorização motivado pela experiência perceptual e pela corporeidade, moldado por fatores sociocognitivos, históricos e culturais.

Este dossiê acolhe trabalhos que se situam nesse referencial, bem como estudos que estabelecem interfaces produtivas com outras correntes teóricas, tais como a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Linguística Sistêmico-Funcional, a Análise Crítica do Discurso, a Semântica Transcultural e a Sociolinguística. Essa diversidade epistêmica revela a permeabilidade da Linguística Cognitiva a outras tradições analíticas, reforçando seu potencial heurístico para descrever e explicar fenômenos linguísticos em contextos reais de uso.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), flavia.m.machado@ufes.br, <https://orcid.org/0000-0001-7838-1227>.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), veridiane.ribeiro@ifsc.edu.br, <https://orcid.org/0000-0003-3981-3909>.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), duqueph@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7100-0556>.

Os artigos que integram este volume abordam temas como processos de construção de sentido, categorização linguística, tradução intermodal e intercultural, corporeidade e multimodalidade em línguas de sinais, metáforas conceituais em práticas midiáticas, formação de léxicos técnicos, entre outros. Parte significativa dos trabalhos é dedicada à Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a outras línguas sinalizadas, o que reforça o compromisso do dossiê com abordagens que reconhecem a diversidade linguística e a centralidade do corpo e da modalidade visual-espacial na significação.

Ao reunir estudos que transitam entre domínios da teoria linguística, da tradução, da análise do discurso, da educação e da descrição lexical, este dossiê reafirma o papel da Linguística Cognitiva como campo sensível à complexidade dos usos contemporâneos da linguagem e capaz de dialogar com distintas áreas do saber. Esperamos que os textos aqui reunidos contribuam para fortalecer os debates em curso e ampliar as possibilidades de interlocução teórica e metodológica no campo das ciências da linguagem.

O dossiê tem início com o artigo de Veridiane P. Ribeiro, *A gramática de construções visuo-corporificadas aplicada aos estudos metalinguísticos de poemas sinalizados*, que discute as contribuições da Linguística Cognitiva, em particular da Gramática de Construções Visuo-Corporificadas (GCVC), para a análise de poemas sinalizados em Língua Brasileira de Sinais (Libras). A autora enfatiza a motivação corporificada de elementos estéticos, como repetição, ritmo e rima, e analisa como esses recursos participam da construção de sentidos ancorados na experiência visuo-corpóreo-espacial dos sujeitos sinalizantes.

A temática das construções gramaticais é retomada em diferentes línguas e enfoques teóricos nos artigos seguintes, que exploram como estruturas linguísticas recorrentes operam na produção de sentido em contextos variados. Deborah Rheesa Santos e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, no artigo *Construções com x-inho/a: uma análise no âmbito da linguística funcional centrada no uso*, investigam o funcionamento e os significados das construções com o sufixo diminutivo “-inho/-inha” no português brasileiro, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. As autoras demonstram como essas construções se organizam em esquemas e subesquemas no interior de uma rede construcional, considerando variações semântico-pragmáticas e fatores contextuais que influenciam seu uso e interpretação.

Ampliando o escopo da análise construcional para o domínio das línguas românicas, Keren Betsabe González Rodríguez, no artigo *La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [Si (X) fuere Y]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos*, examina uma construção arcaica do espanhol com a forma verbal “fuere”. A autora propõe que essa construção atua como um transpositor conceptual da voz de autoridade prescritiva, sendo utilizada estrategicamente para conferir formalidade e legitimidade discursiva mesmo fora de contextos jurídicos. Sua permanência em gêneros específicos evidencia a força simbólica das construções gramaticais na mediação entre linguagem e autoridade social.

A questão da tradução e da interpretação em Libras constitui um dos eixos centrais deste dossiê, sendo abordada sob diferentes enfoques teóricos e analíticos. No artigo *As funções semântica e pragmática nas escolhas linguísticas na interpretação em Libras*, Eliziane Manosso Streiechen, Denielli Kendrick e Sarah Tamara Corrêa Hilgemberg analisam as decisões linguísticas adotadas por intérpretes de Libras com base nas funções semânticas e pragmáticas que emergem durante o processo interpretativo. As autoras destacam o uso de estratégias como reformulação, seleção lexical e organização discursiva, mostrando como essas escolhas estão ancoradas nos sentidos implicados e nas intenções comunicativas dos enunciadores.

Rafael Monteiro da Silva e Flávia Medeiros Álvaro Machado, no artigo *As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais*, aprofundam a discussão sobre a centralidade da corporeidade na constituição da Libras como sistema linguístico. Os autores argumentam que o corpo não é apenas um meio de expressão, mas um operador semântico fundamental na organização do significado, e discutem as implicações dessa perspectiva para os estudos da tradução em línguas de sinais.

Complementando essa discussão, Jade Baez e Ernani Mügge, no artigo *Tradução e interpretação como ferramentas sociais: atos e formas libertários da linguagem*, propõem uma abordagem que concebe os Estudos da Tradução e da Interpretação como campos inter-relacionados, mas com especificidades epistemológicas e metodológicas próprias. Os autores discutem os desafios enfrentados por profissionais e pesquisadores que atuam simultaneamente nessas duas áreas, ressaltando a importância de um olhar crítico sobre suas distinções, especialmente no que diz respeito à formação, à prática profissional e às fundamentações teóricas que sustentam cada campo.

A reflexão sobre tradução em Libras é retomada no artigo *Como os espaços mentais moldam a tradução em Libras de histórias infantis*, de Denielli Kendrick, Suellen Fernanda de Quadros Soares e Alan Marlon de Mattos. Os autores investigam a tradução de narrativas infantis para a Língua Brasileira de Sinais com base na Teoria dos Espaços Mentais, destacando como a ativação e manipulação desses espaços permite a reconstrução visuo-espacial de cenas, personagens e eventos, em conformidade com os princípios da modalidade gestual-visual da Libras. O estudo evidencia a relevância das operações cognitivas envolvidas na mediação entre o texto-fonte e sua reconfiguração visual, espacial e narrativa.

O artigo de Eduardo Alves da Silva, *Quando a tradução brinca com a mente: integração conceptual e efeitos humorísticos dos memes “leia em inglês”*, amplia o escopo da análise dos processos tradutórios ao explorar os mecanismos cognitivos subjacentes à produção de humor em memes. Com base na Teoria dos Espaços Mentais e na Teoria da Mesclagem Conceptual, o autor examina como a sobreposição de estruturas linguísticas e culturais (expressa em construções enunciativas que misturam o português com tentativas de imitar a pronúncia do inglês, criando jogos sonoros e ambivalências que provocam o efeito cômico característico desses memes) gera tensões

cognitivas que são resolvidas de modo criativo e humorístico. A análise revela a complexidade dos processos de integração conceitual e demonstra como a cognição participa ativamente da construção de sentido em práticas discursivas digitais contemporâneas.

Em sintonia com os pressupostos da Linguística Cognitiva, Bruno Alexandre Scapolan e Letícia de Sousa Leite, no artigo *A conexão entre linguagem e cognição: a interação do significado e das funções categóricas na Linguística Cognitiva*, exploram a linguagem como um sistema de categorização que se estrutura a partir de domínios cognitivos diversos. Os autores defendem que o significado linguístico não se reduz a um sistema autônomo de signos, mas emerge da interação entre formas linguísticas e processos mentais, fundamentada na experiência corporificada e na atividade conceitual.

A relação entre linguagem, cognição e multimodalidade é explorada por Santiago Val no artigo *Ejemplos de montaje cinematográfico en la lengua de señas uruguaya*. O autor propõe uma leitura inovadora da Língua de Sinais Uruguaia (LSU), ao analisar como sinalizadores mobilizam recursos visuais e espaciais análogos a técnicas de montagem cinematográfica, como cortes, enquadramentos e mudanças de perspectiva, na organização narrativa de seus discursos. O estudo evidencia a complexidade expressiva da LSU e sua articulação com formas visuais e performativas de construção de sentido.

No campo do ensino de línguas, Mariana Souza Santos e Wellington Mendes Junior, no artigo *A dimensão cultural na aquisição de segunda língua: contribuições da semântica transcultural para o ensino de línguas estrangeiras*, discutem a importância da dimensão cultural nos processos de ensino-aprendizagem. Fundamentados na semântica transcultural, argumentam que o ensino deve considerar os significados culturais e cognitivos que estruturam o léxico e a gramática, reconhecendo a língua como um veículo de visões de mundo, e não como um sistema neutro.

No artigo *Estudos sobre a cognição e a tradução de Línguas de Sinais: criação social e ampliação terminológica*, Neiva de Aquino Albres discute, a partir de um estudo documental ancorado na Linguística Cognitiva, como princípios de iconicidade e mapeamento mental informam a criação de sinais-termos conceituais em processos de tradução do português para a Libras. Baseando-se em dados do Núcleo InterTrads, a autora evidencia que a elaboração de repertórios terminológicos especializados na Língua de Sinais emerge como prática socialmente construída e cognitivamente estruturada, integrando discurso espontâneo, visualidade e conceptualização linguística.

A articulação entre metáfora, discurso e práticas sociais é investigada em dois artigos que analisam fenômenos comunicativos contemporâneos, mediados por tecnologias digitais ou por gêneros midiáticos. Em *Entre metáforas e memes: um exercício de análise sobre ocorrência de metáforas situadas em memes políticos*, Marcos Helam Alves da Silva e Márcia Ananda Soares Siqueira de Sousa examinam como metáforas cognitivas operam na construção de sentidos ideológicos em memes compartilhados nas redes sociais.

Já no artigo *Propósitos retóricos da metáfora da doença: estudo sobre títulos noticiosos da política portuguesa*, Sara Topete de Oliveira Pita analisa os efeitos discursivos da metáfora da doença em manchetes políticas. A autora mostra como, ao atribuir propriedades patológicas a atores ou processos políticos, essa metáfora é empregada estrategicamente para intensificar críticas e moldar percepções públicas mediante julgamentos valorativos implícitos, porém eficazes.

Ao abordar diferentes práticas comunicativas, da sala de aula à mídia digital, do discurso jornalístico à narrativa em línguas sinalizadas, esses trabalhos evidenciam a capacidade explicativa da Linguística Cognitiva para compreender as inter-relações entre linguagem, cognição e cultura, reafirmando sua pertinência diante da complexidade dos usos linguísticos contemporâneos.

Leonardo Jovelino Almeida de Lima e Tânia Mara Gastão Saliés, em *Versos que humanizam: poesia, cognição e humanização em sala de aula*, analisam a produção de poemas por alunos do 8º ano de uma escola no Rio de Janeiro, investigando como práticas literárias fundamentadas em metáforas, *frames* e integração conceptual favorecem o desenvolvimento de capacidades expressivas, reflexivas e críticas. Ancorados na concepção de humanização de Candido (2011), os autores argumentam que o exercício da escrita poética em sala de aula constitui uma prática cognitivamente complexa e humanizadora, com efeitos significativos no processo ensino-aprendizagem de línguas.

Outros artigos do dossiê abordam aspectos identitários, sociolinguísticos e lexicais em línguas de sinais, aprofundando a reflexão sobre o papel da cognição na constituição da linguagem em contextos sociais e culturais específicos. No artigo *Discursos de intérpretes de Libras não heteronormativos: uma análise crítica sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional*, Saionara Figueiredo Santos investiga como a heteronormatividade é discursivamente construída nos relatos de intérpretes que não se identificam com esse modelo normativo. A partir do Sistema de Avaliatividade, a autora analisa os posicionamentos axiológicos e ideológicos desses profissionais, evidenciando discursos dissidentes que desafiam normas institucionais e sociais hegemônicas e revelando como identidades são negociadas linguisticamente em contextos marcados por assimetrias de poder.

A dimensão sociolinguística da Libras é tratada no artigo *O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva*, de Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa, Geisymeire Pereira do Nascimento e Heron Ferreira da Silva. Combinando pressupostos da Sociolinguística e da Linguística Cognitiva, os autores analisam a formação e o uso de sinais compostos em contexto acadêmico, demonstrando como sujeitos surdos participam ativamente da construção e adaptação do léxico da Libras.

Ampliando essa discussão para outras realidades linguísticas e socioculturais, Elias de Souza Santos, em *Geossociolinguística cognitiva: variação sociocultural e espacial na cognição e no uso da linguagem*, propõe uma articulação entre os fundamentos da Linguística Cognitiva e da Geossociolinguística. O autor argumenta que a cognição humana é moldada por fatores socioculturais e espaciais que influenciam tanto o uso da linguagem quanto os processos mentais subjacentes à significação, evidenciando que a linguagem não apenas reflete realidades sociais e territoriais, mas também contribui ativamente para sua construção.

O dossiê contempla ainda um conjunto de estudos que, embora diversos em seus objetos empíricos, convergem na análise dos mecanismos cognitivos envolvidos na categorização linguística e na construção do sentido.

No artigo *Gender and nominal classifiers: congruences and contrasts between Brazilian Portuguese and Yoruba*, Rodolfo Borer Parpinelli realiza uma análise comparativa entre o sistema de gênero do português brasileiro e os classificadores nominais do iorubá. O autor investiga como essas línguas estruturam semanticamente a referência nominal, evidenciando tanto convergências funcionais quanto contrastes estruturais. Sua análise contribui para os estudos tipológicos e para a compreensão das distintas formas de organização do léxico e da gramática em diferentes tradições linguísticas e culturais.

Esse interesse pelas formas de categorização linguística se desdobra, de maneira singular, em estudos voltados à Língua Brasileira de Sinais. Em *A língua de sinais e a presença do discurso orofacial durante a sinalização: uma análise sobre compreensão de elementos linguísticos expressos pela face*, Flávia Medeiros Álvaro Machado e Priscila Delfina de Souza Ribeiro examinam o papel dos componentes orofaciais na construção do sentido em Libras. Demonstram que expressões faciais, movimentos labiais e outros elementos do discurso orofacial não são meramente acessórios gestuais, mas unidades linguísticas essenciais, responsáveis por codificar categorias gramaticais, nuances semânticas e informações pragmáticas fundamentais à interpretação dos enunciados, contribuições da Semântica Cognitiva.

Ainda no âmbito da Libras, o artigo *Linguística cognitiva e estudos gramaticais da Libras: sinais técnicos em saúde e biossegurança*, de Gildete da S. Amorim Mendes Francisco, Saulo Cabral Bourguignon e Gláucio de Castro Júnior, analisa a criação e o uso de sinais técnicos em contextos especializados. Com base na Linguística Cognitiva, os autores destacam o papel da motivação semântica e da iconicidade na formação desses sinais, evidenciando como a experiência perceptual e a corporeidade contribuem para a constituição do léxico técnico em línguas sinalizadas.

No campo da descrição e representação lexical, Diego Spader de Souza, Aline Nardes dos Santos, Ana Luiza Treichel Vianna e Rove Luiza de Oliveira Chishman, no artigo *A semântica de frames aplicada à lexicografia eletrônica: reflexões sobre o desenvolvimento de um dicionário bilíngue*, investigam a aplicação da semântica de frames, tal como desenvolvida no projeto *FrameNet*, ao desenvolvimento de um dicionário bilíngue eletrônico português–espanhol. Os autores discutem os desafios metodológicos e conceituais dessa abordagem, ressaltando sua contribuição para uma descrição lexical mais precisa, situada e compatível com os princípios da cognição encarnada e da modelagem experiencial do significado.

Na resenha da obra *Prefixação na língua portuguesa contemporânea*, de Graça Rio-Torto (Editora Cortez, 2019), Mailson dos Santos Lopes oferece uma análise crítica que destaca a relevância do estudo no campo da morfologia do português. O autor enfatiza a minuciosidade descritiva da obra no tratamento das estruturas prefixais e reconhece o caráter inovador da proposta teórico-metodológica da autora, sobretudo em um domínio ainda carente de sistematizações abrangentes.

O dossiê encerra-se com uma entrevista concedida por Lilian Vieira Ferrari, na qual a pesquisadora relata sua trajetória acadêmica e sua contribuição para a consolidação da Linguística Cognitiva no Brasil. A entrevista também aborda os desafios enfrentados no campo dos estudos sobre construção gramatical e cognição, além de apresentar reflexões sobre o papel da linguagem na mediação da experiência humana.

Ao reunir estudos teóricos, empíricos e aplicados, o presente dossiê reafirma o compromisso da *Revista Linguística* com a promoção de um espaço plural, crítico e inovador de produção científica. Espera-se que os artigos aqui apresentados não apenas inspirem novas investigações, mas também contribuam para a consolidação das abordagens cognitivas como vertentes fundamentais na compreensão da linguagem em suas múltiplas dimensões: cognitivas, sociais, discursivas e culturais.

Referências

- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FILLMORE, Charles. J. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. pp. 111-137.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Vol. 1: Concept structuring systems. Cambridge (MA): MIT Press, 2000a.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Vol. 2: Typology and process in concept structuring. Cambridge (MA): MIT Press, 2000b.

A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES VISUO-CORPORIFICADAS APLICADA AOS ESTUDOS METALINGÜÍSTICOS DE POEMAS SINALIZADOS

*THE GRAMMAR OF VISUAL-EMPLOYED CONSTRUCTIONS APPLIED
TO METALINGUISTIC STUDIES OF SIGNED POEMS*

Veridiane P. Ribeiro¹

RESUMO

A literatura surda tem revelado cada vez mais a arte da poesia sinalizada. Vários poetas surdos e ouvintes têm construído textos sinalizados aliando a liberdade criativa às técnicas da estrutura linguística estética que caracterizam o cenário poético sinalizado. Diante deste cenário, mais pesquisas sustentam a relevância de registros que caracterizem os elementos estéticos destes textos. Sendo assim, emergiu destas reflexões a seguinte questão-problema: de que forma as teorias da Linguística Cognitiva podem contribuir para os estudos estéticos e corporificados da poesia sinalizada? Para responder a esta questão, foi definido como objetivo geral identificar elementos estéticos em poemas sinalizados que dialoguem com as teorias dos elementos estéticos sinalizados, bem como com a Gramática de Construções Visuo-Corporificadas (GCVC). A Linguística Cognitiva encontrou em um de seus modelos cognitivos, a Gramática de Construções Visuo-Corporificadas, relações de significado corporificado com alguns dos elementos da linguagem estética sinalizada, a saber: repetição, ritmo e rima. A pesquisa é de natureza qualitativa, em que a metodologia de análise se dá de forma qualitativa e descritiva, tomando como *corpus* de análise dois textos clássicos da Língua Portuguesa interpretados em músicas e transformados em textos poéticos sinalizados, a saber: “A dona aranha” (abordando uma linguagem infantil) e “Canção da América” (abordando uma linguagem metafórica), ambos disponíveis no canal “Educação e Acessibilidade”, no YouTube. Os textos sinalizados foram transcritos em glosas e analisados à luz da teoria da Gramática de Construções de Bergen e Chang (2005 e 2013) e da Gramática de Construções Visuo-Corporificadas de Ribeiro (2016), além dos estudos da Literatura Surda de Sutton-Spence (2021). A análise revelou a presença de elementos linguísticos motivados pela experiência corporificada do poeta, identificados na GCVC, dialogando com elementos estéticos como: irregularidade e regularidade notáveis, efeitos de repetição, ritmo articulado e contínuo, ritmo de tempo, repetição de tempo, entre outros. A pesquisa pode contribuir para ampliar os estudos da literatura surda com foco na produção e análise estética de textos sinalizados, valorizando a arte surda em poemas, motivada pela experiência corporificada do poeta.

PALAVRAS-CHAVE: Poema sinalizada e corporeidade. Experiência corporificada no poema em Libras. Poema em língua de sinais.

ABSTRACT

Deaf literature has increasingly revealed the art of signed poem. Several deaf and hearing poets have built signed texts combining creative freedom with techniques of the aesthetic linguistic structure that characterize the signed poetic scenario. Given the present scenario, more research supports the relevance of recordings that characterize the aesthetic elements of these texts. Thus, the following question emerged from these thoughts: in what way can the theories of Cognitive Linguistics contribute to the aesthetic and embodied studies of the signed poem? To answer this question, it was defined as a general objective to identify aesthetic elements in signed poems that converge with the theories of signed aesthetic elements, as well as with the Grammar of

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), veridiane.ribeiro@ifsc.edu.br, <https://orcid.org/0000-0003-3981-3909>.

Visuo-Embodied Constructions (GCVC). Cognitive Linguistics found in one of its cognitive models, the Grammar of Visual-Embodied Constructions, relationships of embodied meaning with some of the elements of signed aesthetic language, namely: repetition, rhythm and rhyme. The research is of a qualitative nature, in which the methodology of analysis is qualitative and descriptive, taking as body of analysis two classic texts of the Portuguese language interpreted in music and transformed into signed poetic texts, namely; “A dona aranha” (addressing children’s language) and “Canção da América” (addressing a metaphorical language), both available on the YouTube channel “Educação e Acessibilidade”. The signed texts were transcribed into glosses and analyzed in light of the theory of Construction Grammar by Bergen and Chang (2005 and 2013) and the Grammar of Visuo-Embodied Constructions by Ribeiro (2016), in addition to the studies of Deaf Literature by Sutton-Spence (2021). The analysis revealed the presence of linguistic elements motivated by the embodied experience of the poet, identified in the GCVC, conversing with aesthetic elements such as: notable irregularity and regularity, repetition effects, articulated and continuous rhythm, time rhythm, time repetition, among others. This research can contribute to expand the studies of deaf literature focusing on the production and aesthetic analysis of signed texts, valuing the deaf art in poems, motivated by the poet’s embodied experience. **KEYWORDS:** Signed poem and corporeity. Experience embodied in poem in Brazilian Sign Language. Poem in sign language.

1. Introdução

Falar em Linguística Cognitiva nos remete a ícones da literatura em autores como Lakoff e Johnson (1980) e Langacker (1987), ganhando força a partir da Fauconnier (1994), com a Teoria da Metáfora da Gramática Cognitiva e da Teoria dos Espaços Mentais, porém desde de sua concepção, esta perspectiva teórica tem revelado cada vez mais simpatizantes e pesquisadores dedicados a comprovar suas contribuições para os estudos da construção linguística ancorada nas experiências corporificadas e na língua em uso, indissociando forma e significado.

Na literatura surda o mesmo movimento se observa. Várias pesquisas têm apontado as contribuições dos modelos cognitivos da Linguística Cognitiva para explicar os processos visuo-corpóreo-espacial da língua de sinais, inclusive de estudiosos da linguagem estética, como estudos que buscam esta perspectiva teórica para explicar as motivações corporificadas que influenciam na construção de textos produzidos por sujeitos de cultura visual. Desta forma, a questão-problema que se apresenta nesta pesquisa vem a ser: de que forma as teorias da Linguística Cognitiva podem contribuir para os estudos estéticos e corporificados do poema sinalizado? O objetivo geral que guia as ações vem a ser identificar elementos estéticos em poemas sinalizados que dialoguem com as teorias dos elementos estéticos sinalizados, bem como com a Gramática de Construções Visuo-Corporificadas (GCVC).

A metodologia é de base qualitativa e descritiva na medida em que busca na perspectiva da Gramática de Construções de Bergen e Chang (2005 e 2013) e da Gramática de Construções Visuo-Corporificadas de Ribeiro (2016), além dos estudos da Literatura Surda de Sutton-Spence (2021), subsídios teóricos que possam dialogar com estéticos dos textos analisados. Os textos que compõem o *corpus* de análise são: “A dona aranha”(abordando uma linguagem infantil) e “Canção da América” (abordando uma linguagem metafórica), ambos disponíveis no canal “Educação e Acessibilidade”, no Youtube.

Para guiar o leitor na compreensão destas perspectivas, a revisão de literatura inicia com conceitos sobre a Gramática de Construções Visuo-Corporificadas, passando pela conceptualização de Zona de Representação Visuo-imagética e Zona de Representação Homóloga-integracional, finalizando com uma breve apresentação dos conceitos de Repetição, ritmo e rima na linguagem estética.

Os estudos puderam mostrar as contribuições da perspectiva da Gramática de Construções Visuo-Corporificadas (GCVC) para explicar a motivação corporificada na produção de textos estéticos expressos em poemas sinalizados.

2. Conceitos pertinentes para o início das reflexões

As bases teóricas que norteiam nossas análises são a Zona de Representação Visuo-imagética (ZRVI) e Zona de Representação Homóloga-integracional (ZRHI), oriundas dos estudos da Gramática de Construções Visuo-Corporificadas defendida por Ribeiro (2016). Estas perspectivas teóricas dialogam com outras já consagradas na literatura dos estudos da cognição e linguagem, como a teoria da Zona de Desenvolvimento Real e Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky (2007, 2008, 2009 e 2014), bem como com a teoria da Integração Conceptual de Fauconnier e Turner (2002).

Além destas perspectivas teóricas, dialogam com as análises de nosso estudo, conceitos da linguagem estética presentes em textos poéticos sinalizados, a saber: repetição, ritmo e rima. Estas ricas contribuições se encontram na obra “Literatura em Libras”, de Rachel Sutton-Spence, publicada em 2021 pela editora Arara Azul. Os textos estéticos são textos literários, dentre eles os poemas, objetivo de análise de nosso estudo.

2.1. Gramática de Construções Visuo-Corporificadas

Gramática de Construções Visuo-Corporificadas (GCVC) de Ribeiro (2016) foi motivada pelo modelo de Gramática de Construções Corporificadas (GCC) de Bergen e Chang (2005 e 2013). A GCC é um dos modelos cognitivos que compõe a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva. Trata-se de uma perspectiva que se ocupa dos processos utilizados como modelos de análise linguística a partir de experiências corporificadas. Considera que a frequências de uso e de tipo são ponto crucial para a convencionalidade e aquisição natural das línguas. A análise linguística na GCC se dá em situações reais de uso, retratada em representações de simulações de compreensão da linguagem. Estas simulações, tidas como semânticas, são processos cognitivos que envolvem inputs-processamento-outputs nas relações de construção de significado.

A Gramática de Construções Visuo-Corporificadas (GCVC) de Ribeiro (2016) foi motivada pelo modelo de Gramática de Construções Corporificadas (GCC) de Bergen e Chang (2005 e 2013). A GCC é um dos modelos cognitivos que compõe a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva. Trata-se de uma perspectiva que se ocupa dos processos utilizados como modelos de análise linguística a partir de experiências corporificadas. Considera que a frequências de uso e de tipo são ponto crucial para a convencionalidade e aquisição natural das línguas. A análise linguística na GCC se dá em situações reais

de uso, retratada em representações de simulações de compreensão da linguagem. Estas simulações, tidas como semânticas, são processos cognitivos que envolvem inputs-processamento-outputs nas relações de construção de significado. Para a GCC “forma-significado”, são indissociáveis já que os elementos gramaticais estão intrinsicamente ligados aos fenômenos semasiológicos. No cerne destas análises se encontram as orientações pragmáticas, onde os interlocutores são fundamentais na medida em que as análises consideram seus próprios conhecimentos, a intenção comunicativa e o contexto a que estão expostos para a identificação do sentido, são os esquemas conceituais evocados pelas construções e como eles estão relacionados. Evocação que ocorre em habilidades imagéticas durante as construções de significados.

A proliferação de recentes estudos de imagiologia neural completa as evidências comportamentais existentes de que a recordação de experiências motoras recruta mecanismos cognitivos responsáveis pela execução das mesmas ações motoras por ativar as mesmas partes do sistema motor do cérebro, assim como a recordação de experiências de percepção, tanto nos domínios visuais quanto auditivos, utilizando estruturas neurocognitivas específicas da modalidade perceptual (...). da mesma forma, a imagem mental que envolve o controle motor ou a percepção visual ou auditiva produz a ativação adequada de áreas motoras ou perceptuais do cérebro (...). Parece assim, que a recordação, a imaginação ou a compreensão da linguagem sobre ações e perceptos recrutam estruturas cerebrais responsáveis pela execução das ações ou pela apreensão dos perceptos que afiguram-se ao olho da mente. (Bergen, 2005, p. 258, tradução nossa)

Para Bergen, Lindsay, Matlock, Narayanan (2007) “o pensamento é impossível sem uma imagem.” Com base em pesquisas já consolidadas, estes estudiosos realizaram experimentos com o objetivo de identificar a interferência das habilidades imagéticas do ser humano na construção da linguagem. Uma habilidade que se constitui a partir de experiências corporificadas, armazenadas na memória e evocadas a partir de estímulos comunicativos. Porém, o pensamento não é feito apenas de imagens, é constituído também por palavras e por símbolos abstratos, que existem sob a forma de imagens auditivas ou visuais na nossa consciência. Essas representações simbólicas podem influenciar o curso do pensamento, ajudando a traduzir todos os outros tipos de imagens (imagens de objetos específicos, ações e esquemas relacionais) sob a forma de linguagem. Bergen e Chang (2013), afirmam ainda que a linguagem e o pensamento estão fundamentados na experiência sensório-motora e são sensíveis às condições contextuais.

A perspectiva corporificada da GCC, que considera as relações sensório-motoras do indivíduo, ou seja, o corpo como referência para aquisição de conhecimentos, onde se ancoram os sentidos, motivou a existência dos estudos que envolvem a Gramática de Construções Visuo-Corporificadas (Ribeiro, 2016). Esta é uma proposta que vem apresentar um conjunto de elementos gramaticais para compor as construções espaciais da língua de sinais, porém, afastada das estruturas linguísticas e gramaticais das línguas orais-auditivas, próxima de uma realidade ancorada na perspectiva corporificada, onde a língua se constrói a partir do significado corporificado, onde a motivação para a expressão corpórea se faz a partir do olhar de um sujeito visuo-corpóreo-espacial.

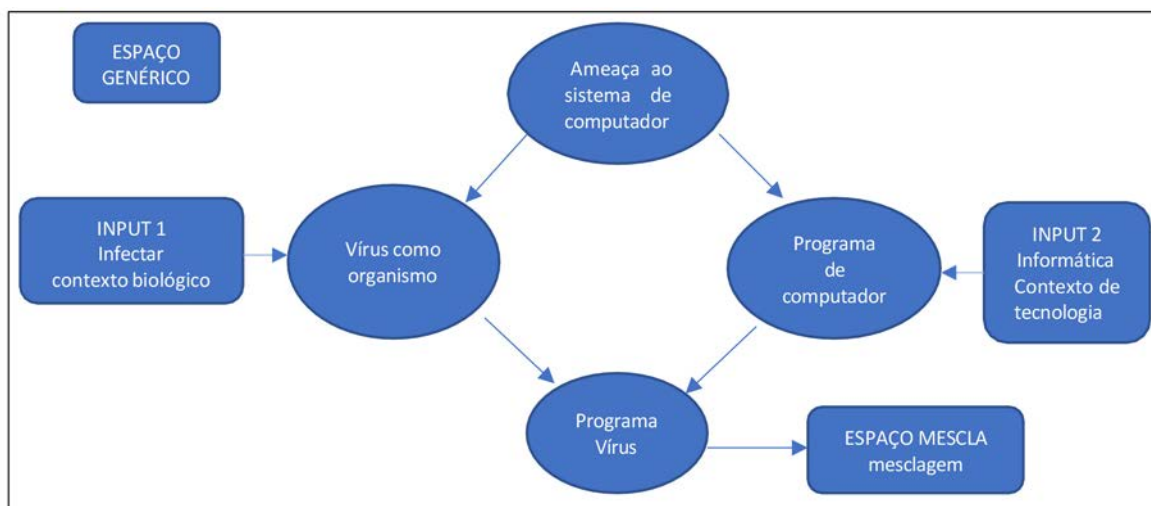
A tese da GCVC (Ribeiro, 2016), engloba uma série de 12 propostas de construções particularmente corporificadas, a saber: 1) Classificadores Perspectiva-ação e Classificador Manual; 2) Contexto Visuo-factual; 3) Figura-Fundo Dupla Perspectiva e Proeminência; 4) Referentes Visuais e Verbos Corporificados; 5) Metafonímia e Metafonímia de Movimento; 6) Motivação de Iconicidade Corporificada; 7) Domínio Visuo-imagético superior; 8) Direção visual, Direção corporal, Direção dêitica nominal, pronominal, demonstrativa ou local; 9) Referente Visuo-corpóreo-espacial; 10) Zona de Representação Visuo-imagética e Zona de Processamento Imagético-integracional, 11) Expressões Visuo-idiomáticas; 12) Dêiticos Interrogativos Semânticos. Para este estudo que propõe a análise de poemas sinalizados, o modelo cognitivo que se enquadra aos objetivos de análise, é o que discute processos linguístico-cognitivos presentes na Zona de Representação Visuo-imagética e Zona de Processamento Imagético-integracional, por seu aspecto processual, que se debruça sobre a construção de sentidos na linguagem.

Assim, como a GCVC, a Linguística Cognitiva apresenta diferentes modelos cognitivos que se propõem a explicar os processos cognitivos da construção da linguagem. Dentre estes modelos se encontra a Integração Conceptual, um estudo que relaciona domínios locais (significados construídos no momento da fala) e estáveis (significados armazenados de experiências pretéritas), domínios estes presentes nos Espaços Mentais, que surgem da capacidade humana de “atuar criativamente sobre conhecimentos e experiências anteriores, construindo, transformando e transferindo esses saberes para situações novas”, Duque (2012). Todo este processo de Integração Conceptual é possível pela ação de um processo cognitivo que viabiliza essa atuação criativa: a mesclagem (blending), Fauconnier (1994). Em um espaço cognitivo denominado “espaço genérico”, se relacionam inputs linguísticos em pontos de convergência, estes pontos de convergência produzem um novo sentido que é chamado de “espaço mescla”, onde ocorre a mesclagem.

Em Fauconnier e Turner (2002), sugere-se a existência dessas redes de integração que ocorrem, em parte, permitidas pelos interlocutores, que identificam a estrutura comum dos *inputs*. A partir desta identificação, elementos do espaço genérico são projetados para os pontos de convergência, pontos homólogos (características comuns) existentes em cada um dos espaços de entrada, conduzidos até o Espaço Mescla, onde habita o sentido.

Estas habilidades cognitivas possibilitam processos de significação e ressignificação que, muitas vezes são reveladas em figuras de linguagem, onde a mais comum é a metáfora, que se faz cotidiana e de grande valor simbólico nas interações comunicativas.

Um exemplo clássico apresentado por Fauconnier e Turner (2002), é “vírus de computador”.

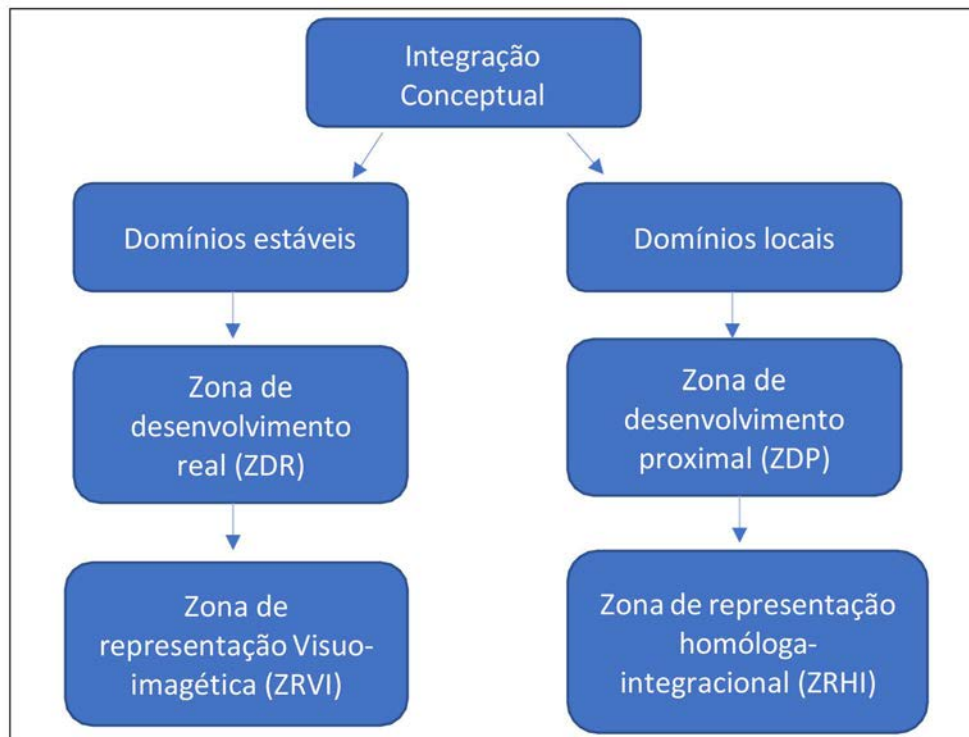
Fluxograma 1: Espaço Mescla

Fonte: Adaptado de Fauconnier e Turner (2002)

O interlocutor, com base em seu domínio estável de conhecimento de frames (Fillmore, 1982, 1985, 2007) que vêm a ser os contextos e suas características, evoca este conhecimento no contexto biológico envolvendo “vírus” e no contexto tecnológico envolvendo “computador”. Neste conhecimento de vírus, o interlocutor sabe que se trata de um organismo capaz de infectar outro organismo. Relacionando à tecnologia, onde computadores podem receber programas, inclusive os que podem provocar danos à máquina, o interlocutor mescla o significado “vírus de computador”, cujo sistema precisa ser “tratado” por um antivírus. É uma análise cognitivista dos processos linguísticos.

Outro estudo que transita pelas análises cognitivistas são os vygotskyanos. Vygotsky (2014) em seus estudos referentes à Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) e Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), afirma que o conhecimento que a criança já adquiriu, aquilo que já consegue realizar sozinha é chamado de Zona de Desenvolvimento Real (ZDR); ao que a criança apresenta potencial para aprender com a ajuda de um adulto ou de um de seus pares com mais conhecimento é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). O processo é inacabado e contínuo, ocorre durante toda a vida. O sujeito, que já apresenta domínios identificados na Zona de Desenvolvimento Real, tem seu potencial mediado por seus pares na Zona de Desenvolvimento Proximal, produzindo novas Zonas de Desenvolvimento Real. Ou seja, o aprendizado leva ao desenvolvimento que, por sua vez leva a aprendizados mais complexos.

Fluxograma 2: processo de construção da ZRVI e ZRHI



Fonte: Elaboração da autora

Esta perspectiva teórica aliada à perspectiva da Integração Conceptual, revela o que chamamos de Zona de Representação Visuo-imagética (ZRVI) e Zona de Representação Homóloga-integracional (ZRHI) nos estudos da Gramática de Construções Visuo- Corporificadas defendida por Ribeiro (2016). O objetivo é construir sentidos de base corporificada ancorados nos significados que o sujeito sinalizante já domina (Zona de Representação Homóloga-imagética) produzindo integração entre estes domínios que culminam na significação ou ressignificação ao final do processo (ZRHI), construindo expressões sinalizadas baseadas em suas experiências visuo-corpóreo-espaciais e armazenadas na ZRVI. A partir de estímulos comunicativos, o interlocutor evoca estes significados visuo- imagéticos para relações de sentido, produzindo uma integração entre estes significados para chegar à compreensão e possível produção de expressões sinalizadas.

Este processamento cognitivo ocorre na mente do narrador e do espectador. O narrador ativa este processo em busca de relações coerentes a serem expressas e o espectador ativa o processo em busca de compreensão do que é exposto.

Neste estudo, esta perspectiva teórica será o embasamento para análise de poemas sinalizadas, com o objetivo de explicar a motivação corporificada de expressões sinalizadas em uma linguagem estética estudada por Spence (2021).

2.2. Repetição, ritmo e rima

Bom base na obra “Literatura em Libras”, de Rachel Sutton-Spence, publicada em 2021 pela editora Arara Azul, tomaremos conceitos da linguagem estética como repetição, ritmo e rima na produção de poemas sinalizados. A linguagem estética apresenta elementos que compõe os textos classificados como gêneros literários, ou seja, que não têm compromisso com a realidade, em que o foco é na própria língua e no quanto ela pode produzir construções imagéticas e estéticas, produções artísticas, encontradas em diferentes gêneros textuais, inclusive na poesia sinalizada, que é o *corpus* de análise deste estudo.

Algo peculiar nos poemas sinalizados é a ruptura com regras comuns em textos sinalizados formais e cotidianos, o que vem sendo chamado de “irregularidade notável”. Ou seja, a quebra de regras lexicais, sintáticas e semânticas, produzindo classificadores e incorporação, construindo novos sentidos, faz parte da licença poética do autor. Também se encontra no cerne das produções estéticas sinalizadas o que chamamos de “regularidade notável”. Esta marca na produção linguística estética, acontece através da repetição, gerando uma notoriedade proposital sob algum elemento ou informação no texto poético. A repetição é o aspecto mais presente em poesias sinalizadas.

2.2.1. Repetição

Usada de forma cuidadosa para não gerar cansaço no espectador, conforme definição do autor ou artista, a repetição provoca um efeito estético na produção sinalizada que encanta os olhos de seus espectadores. A repetição cria uma simetria que torna o poema visualmente peculiar na construção do texto visuo-corpóreo-espacial, pelo fato de não ser comum o uso de repetições nas construções formais e cotidianas destes textos. A repetição também evidencia a criatividade do artista, na medida que produz algo incomum e que revela um talento para algo diferenciado.

Os momentos em que ocorre a repetição ficam a critério do autor e podem ocorrer em diferentes elementos do texto. O autor pode fazer repetição de um ou mais sinais, de forma destacada e que marque um determinado ponto no texto, chamando a atenção do espectador para o aspecto artístico da construção sinalizada. Também é possível repetir uma frase, onde o artista vai e volta na mesma frase, construindo relações de sentido em torno desta frase. A repetição gramatical também aparece em muitos poemas sinalizados, com o uso de vocabulários e incorporação, principalmente de classificadores que desafiam o espectador à compreensão da profundidade poética. Repetir configurações de mão, locação, direção de mão, movimento, também criam efeitos estéticos na poesia que chamam a atenção do espectador, principalmente em poemas mais líricos.

Na repetição existem, ainda, alguns padrões em que ocorrem: 1) o primeiro padrão mostra que as repetições mais comuns ocorrem duas vezes, isto porque leva a uma sensação de equilíbrio, visto que temos duas mãos, dois pés... visualmente é agradável aos olhos do público de cultura visual; 2) há também a repetição de três sinais ou de um sinal por três vezes. O equilíbrio se encontra na ideia de que os sinalizantes se valem de duas mãos e o corpo central com a cabeça e o tronco do sinalizante,

além da divisão espacial onde se encontra o lado esquerdo corpo, o eixo central que é o corpo e o lado direito. Também se justifica por composições onde os poemas se dividem em três partes ou três eventos; 3) a repetição de quatro sinais não é muito comum porque toma muito o tempo da narrativa do poema, mas há poemas que se dividem em quatro partes e; 4) existem ainda poemas sinalizados com muitas repetições, cujo objetivo está em evidenciar o próprio processo de repetição no texto, sem muito foco no enredo e sim na capacidade de produzir repetições.

2.2.2. Ritmo

Percebemos o ritmo no poema sinalizada pelos padrões de repetição, pela forma como o autor organiza a construção do texto visuo-corpóreo-espacial. Ao sinalizar poemas, o autor define um fluxo visual para a repetição que gera um ritmo no poema. O autor também define o momento, envolvendo a organização temporal do poema, o que faz gerar um ritmo. O movimento é outro aspecto do ritmo que também chama a atenção do espectador por se diferenciar das expressões sinalizadas formais e cotidianas. No movimento temos a possibilidade de atribuir ênfase a um determinado trecho ou suavizá-lo conforme a intenção comunicativa, criativa e artística do autor. Se o movimento é mais rápido ou mais lento, também interfere no significado e no ritmo.

O ritmo também se percebe na transição de um sinal para o outro. Em textos poéticos, o autor não costuma fazer escolhas que “quebrem” o fluxo do poema. O que ocorre é a “colagem” de um sinal para o próximo, gerando um efeito visual agradável.

Outro recurso poético que apresenta o ritmo nos poemas sinalizados é a repetição de tempo. Spence destaca quatro categorias de movimentos e pausas: 1) com ênfase na suspensão (pausa longa, pausa sutil, pausa brusca); 2) com ênfase no movimento (longo, curto, alternado, repetido); 3) com ênfase no tamanho do movimento (movimento de trajetória ampliada, movimento reduzido, movimento de trajetória reduzida, movimento acelerado) e; 4) com ênfase na duração do movimento (regular, lento ou rápido).

2.2.3. Rima

Estas repetições também criam um efeito de rima, de aliteração nas construções sinalizadas, e isso ocorre com o uso de diferentes sinais que usam a mesma configuração mão, ou a mesma locação, ou a mesma direção de mão ou movimento. A seleção de mais parâmetros para repetição da construção sinalizada, caracteriza o efeito poético e lírico. Ao contrário do português, onde as rimas aparecem no final das estrofes, na língua de sinais, as rimas podem aparecer em qualquer momento do texto.

Estes recursos linguísticos podem gerar metáforas no texto poético que desafiam o público a mergulhar na profundidade poética do autor, ressignificar vocabulários e expressões, além de reconhecer a criatividade nos modos de expressão em uma língua visuo-corpóreo-espacial.

3. Metodologia e análise

A pesquisa se classifica por bases descritiva e qualitativa. Dois textos foram selecionados para a análise: “A dona aranha”(abordando uma linguagem infantil) e “Canção da América” (abordando uma linguagem metafórica), ambos disponíveis no canal “Educação e Acessibilidade”, no Youtube. Os textos foram transcritos em glosas e organizados em tabelas comparativas com a letra original e a glosa. A partir do estudo do significado e da produção das glosas, os textos foram sinalizados com foco em uma linguagem estética, transformados em poemas. Os poemas foram gravados em vídeos e destes vídeos foram selecionadas imagens transformadas em fotos para compor o *corpus* de análise. As fotos foram organizadas em quadros e separadas conforme as categorias dos elementos da linguagem estética em textos poéticos, a saber: repetição, ritmo e rima.

Pelo fato do objetivo da tradução e interpretação dos textos estar na produção de uma linguagem estética em Libras, confere ao tradutor-intérprete o compromisso com a profunda inspiração para uma expressão carregada de significado em teor artístico. Nesta medida, a análise busca identificar elementos estéticos em poemas sinalizados que dialoguem com as teorias dos elementos estéticos sinalizados, bem como com a Gramática de Construções Visuo-Corporificadas (GCVC).

As perspectivas teóricas que embasam esta análise estão ancoradas na Gramática de Construções Visuo-Corporificadas de Ribeiro (2016), em seus modelos cognitivos Zona de Representação Visuo-imagética (ZPVI) e Zona de Representação Homóloga-integracional (ZRHI), além dos estudos da Literatura Surda de Sutton-Spence (2021), para os elementos repetição, ritmo e rima em textos de linguagem estética.

3.1. Letras e glosas

Quadro 1: Letra e glosa da música “A dona aranha” (Galinha pintadinha)

Letra	Glosa
A dona aranha subiu pela parede Veio a chuva forte e a derrubou Já passou a chuva e o sol já vem surgindo E a dona aranha continua a subir Ela é teimosa e desobediente Sobe, sobe, sobe E nunca está contente	ÁRVORE ARANHA-ANDAR-DIREÇÃO-ÁRVORE (CL – configuração de mão de ARANHA se afasta para formar sinal de CHUVA) CHUVA-FORTE (na direção da aranha presa na árvore) (CL – configuração de mão da ARANHA gruda novamente no topo do caule da árvore) ARANHA-ESCORREGAR (expressão resistência e tentativa de não cair) ARANHA-CAIR-PERNAS-PARA-CIMA-ESPERNEANDO (expressão facial de desespero)
	(CL – configuração de mão de ARANHA volta a ser CHUVA no topo do caule da árvore) CHUVA SUMIR (movimento retilíneo inclinado para cima em direção ao sol) SOL (em direção à aranha, expressão facial de alegria) ARANHA-SUBIR-ÁRVORE (DÊITICO na direção da aranha) ELA TEIMOSA DESOBEDIENTE (expressão facial de “não concordar com desobediência”) ARANHA-SOBE ARANHA-SOBE ARANHA-SOBE (insistente)

Fonte: Elaboração da autora

Este quadro comparativo, apresenta a letra original da música “A dona aranha” e a glosa. É possível observar as escolhas tradutórias com foco em uma tradução-interpretação corporificada, além dos elementos estéticos de textos poéticos como repetição, ritmo e rima.

Quadro 2: Letra e glosa da música “Canção da América” (Milton Nascimento)

Letra	Glosa
Amigo é coisa pra se guardar Debaixo de sete chaves Dentro do coração Assim falava a canção que na América ouvi Mas quem cantava chorou Ao ver o seu amigo partir Mas quem ficou, no pensamento voou Com seu canto que o outro lembrou E quem voou, no pensamento ficou Com a lembrança que o outro cantou Amigo é coisa para se guardar No lado esquerdo do peito Mesmo que o tempo e a distância digam “não” Mesmo esquecendo a canção O que importa é ouvir A voz que vem do coração Pois seja o que vier (seja o que vier) Venha o que vier (venha o que vier) Qualquer dia, amigo, eu volto A te encontrar Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar Seja o que vier (seja o que vier) Venha o que vier (venha o que vier) Qualquer dia, amigo, eu volto A te encontrar Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar	TODOS GERAL (lado direito e esquerdo) OUINTÉ@SURD@UNID@ CAMINHAR-JUNT@ ANOS (CL com movimento passado até o presente) ATÉ- HOJE (deste mesmo ponto de articulação com mesmo sinal conduz até o peito para sinalizar AMIGO) AMIGO (acaricia com a outra mão com expressão de carinho e cuidado, fecha as mãos e aperta contra o peito como se estivesse guardando) (CL) (transforma as mãos apertadas contra o peito em formato de coração num movimento articulado e contínuo) (CL) (transforma o coração em duas pessoas caminhando juntas) PESSOAS-2-CAMINHAR-JUNTAS (DÊITICO) EU ACREDITAR SENTIMENTO ETERNO DENTRO CORAÇÃO(CL) (movimentos articulados e contínuos) (CL) CORAÇÃO-SE-PARTE, CORAÇÃO-METADE-VOAR-LONGE CL) LÁGRIMAS-SECAR (com a outra metade do coração que se transforma em mão para passar de um lado do rosto secando as lágrimas) (CL) METADE-DO-CORAÇÃO-VOLTA (as duas metades se unem novamente na frente do corpo para formar uma “bolha de pensamento” ao lado da cabeça) LEMBRAR (duas mãos com expressão facial de alegria nas lembranças) (CL) PESSOAS-2 (expressão de alegria, uso da direção do olhar como se estivessem interagindo uma com a outra)
Continuação da glosa	
(CL) SORRIR (transforma PESSOAS-2 em SORRIR com as duas mãos de forma contínua e articulada) LEGAL (LC) mesma configuração de mão de LEGAL direciona à lateral da cabeça para voltar à “bolha de pensamento” (CL) (transformar a “bolha de pensamento em configuração de mão para o sinal de ANOS) ANOS (com movimento passado até o presente) ATÉ-HOJE (deste mesmo ponto de articulação com mesmo sinal conduz até o peito para sinalizar AMIGO) AMIGO (acaricia com a outra mão com expressão de carinho e cuidado, fecha as mãos e aperta contra o peito como se estivesse guardando) (CL) (transforma as mãos apertadas contra o peito em formato de coração num movimento articulado e contínuo) (CL) (transforma o coração em duas pessoas caminhando juntas) PESSOAS-2-CAMINHAR-JUNTAS	
(CL) PESSOAS-2 (separam-se e ficam distantes, expressão facial de tristeza) (CL) MUITO-TEMPO-PASSA, PESSOAS-2 SEPARAR, MUITO-TEMPO-PASSA, PESSOAS-2 SEPARAR POSSÍVEL (movimento articulado e contínuo, partindo de PESSOAS-2 SEPARAR, com expressão facial e corporal de “lutar” e “consequir”) PESSOAS-2-UNIDAS (CL que parte do sinal de POSSÍVEL a partir de um giro com as duas mãos no espaço neutro, separando as mãos e unindo novamente formando o sinal) (CL) (transforma o coração em duas pessoas caminhando juntas) PESSOAS-2-CAMINHAR-JUNTAS (DÊITICO) EU ACREDITAR SENTIMENTO ETERNO (CL) (classificador abrindo as duas mãos em movimento lento, jogando para o infinito, OM de mão para cima e depois para baixo) TRABALHAR (movimento articulado e contínuo, partindo do último movimento) TRABALHARmuito, TRABALHAR-TODO-LUGAR, PESSOAS-2-SEPARAR, COMPROMISSOS-TODO-LUGAR, PESSOAS-2-SEPARAR, OCUPADOmuito OCUPADO-TODO-LUGAR, PESSOAS-2-SEPARAR	

(CL) PESSOAS-2 SEPARAR (expressão facial cabeça baixa e triste na direção da mão mais baixa preparando o sinal de LÁGRIMA-SECAR)
 (CL) FICAR-LONGE (mão mais ao alto), (CL) FICAR-LONGE (mão mais baixa) LÁGRIMA-SECAR (expressão de choro)
 (CL) METADE-DO-CORAÇÃO (volta voando para o peito, aguardando a outra metade)
 (CL) FICAR-LONGE (movimento de “voar” na direção de retorno para a mão mais baixa, expressão de direção do olhar para a mão mais alta com expressão de alegria)
 (CL) as duas metades do “coração” se unem novamente (movimento de impacto no encontro das duas metades, levantando o rosto e expressão de alegria)
 (CL) coração batendo, saindo do peito e se transformando em PESSOAS-2-ANDANDO-JUNTAS-DE-UM-LADO-PARA-O-OUTRO
 (CL) infinito com as duas mãos abertas em movimento retilíneo para frente no ponto neutro do corpo TRABALHAR (movimento articulado e contínuo, partindo do último movimento) TRABALHARmuito, TRABALHAR-TODO-LUGAR, PESSOAS-2-SEPARAR, COMPROMISSOS-TODO-LUGAR, PESSOAS- 2-SEPARAR, OCUPADOmuito OCUPADO-TODO-LUGAR, PESSOAS-2-SEPARAR
 (CL) PESSOAS-2 SEPARAR (expressão facial cabeça baixa e triste na direção da mão mais baixa preparando o sinal de LÁGRIMA-SECAR)
 (CL) FICAR-LONGE (mão mais ao alto), (CL) FICAR-LONGE (mão mais baixa) LÁGRIMA-SECAR (expressão de choro)
 (CL) METADE-DO-CORAÇÃO (volta voando para o peito, aguardando a outra metade)
 (CL) FICAR-LONGE (movimento de “voar” na direção de retorno para a mão mais baixa, expressão de direção do olhar para a mão mais alta com expressão de alegria)
 (CL) as duas metades do “coração” se unem novamente (movimento de impacto no encontro das duas metades, levantando o rosto e expressão de alegria)
 (CL) coração batendo, saindo do peito e se transformando em PESSOAS-2-ANDANDO-JUNTAS-DE-UM-LADO-PARA-O-OUTRO

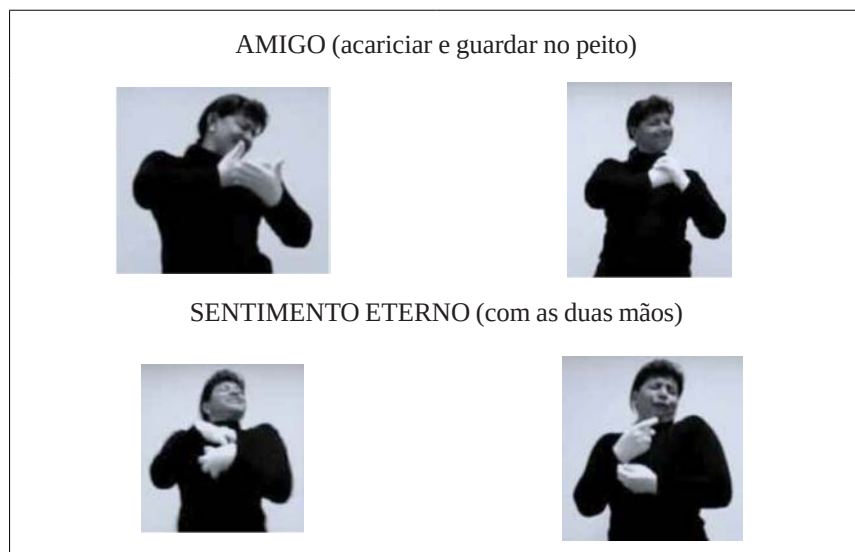
Fonte: Elaboração da autora

Este quadro comparativo, apresenta a letra original da música “Canção da América” e a glosa. É possível observar as escolhas tradutórias com foco em uma tradução-interpretação corporificada, além dos elementos estéticos de textos poéticos como repetição, ritmo e rima.

3.2. Resultado das análises

Quadro 3: Irregularidade notável

Irregularidade notável - Duas formas		
ANOS (passado até o presente)		ETERNAMENTE
		
CORAÇÃO-PARTIDO (distante e voltando)		
		



Fonte: Elaboração da autora

Quando fazemos alguma coisa que a língua normalmente não faz, chamamos de “irregularidade notável”.

No poema “Canção da América”, a autora usou construções como “ANOS (passado até o presente)”, inspirando sua sinalização no conhecimento já adquirido de que a amizade é de longa data até a atualidade, por isso, o sinal de ANOS não aparece na frente do corpo e sim, inicia para trás do ombro até a frente do peito parando no sinal de “ATÉ-AGORA”. Uma forma diferente de expressar este significado, motivado pelo processo temporal ancorado no corpo, de algo que começou no passado e se estende até os dias atuais, construindo uma nova forma de expressar este significado. Para sinalizar “ETERNAMENTE”, a autora faz uso de um classificador não comum. As mãos estendidas para frente remetem a ideia de continuidade sem fim, um significado que precisou, aos olhos da autora, de uma expressão mais corporificada, com as mãos estendidas em direção ao horizonte, a cabeça erguida acompanhando o “voo” das mãos em direção ao horizonte infinito. Ao sinalizar “CORACÃO-PARTIDO (distante e voltando)”, a autora usa a metade do coração que se partiu como classificador de pessoa, metaforizada como cada parte do coração ser uma pessoa, mas que juntas tornam-se uma só, como numa amizade de muita cumplicidade. O sinal de “AMIGO (acariciar e guardar no peito)”, a autora personifica o sinal de amigo, acariciando o sinal como se fosse alguém querido. Finalmente, o sinal de “SENTIMENTO ETERNO (com as duas mãos)”, como se cada mão fosse uma pessoa que caminham juntas, com o mesmo sentimento, o sinal sai do peito e se dirige para frente transformando-se no sinal de “ETERNO”, também com as duas mãos.

Observe que para que a autora fizesse as escolhas apresentadas, é necessário o conhecimento já adquirido destes significados para, a partir de relações com outros significados criar novas formas de expressão.

Quadro 4: Regularidade notável

Fonte: Elaboração da autora

Quando Usamos um elemento já existente nela, que tenha frequência incomum, para realçar ou destacar a linguagem utilizada no poema, chamamos de “regularidade notável”.

A autora, ao sinalizar, “COMPROMISSO-TODO-LUGAR”, “OCUPADO-TODO-LUGAR” e “TRABALHAR-TODO-LUGAR”, dá um giro da direita para a esquerda, repetindo várias vezes o mesmo sinal, usando movimentos e pontos de articulação como forma de chamar a atenção para uma ação recorrente e em vários lugares. As escolhas demonstram a percepção da autora sobre o quanto o significado destes sinais pode interferir no tempo livre para se manter contato com um amigo. Os termos não aparecem na letra, mas foram as escolhas para a construção do poema, com o objetivo de demonstrar as razões pelas quais os amigos podem ter se afastado. A autora se vale de seu conhecimento a respeito do tema para construir novos significados, chamando a atenção para esta informação no poema.

Quadro 5: Repetição

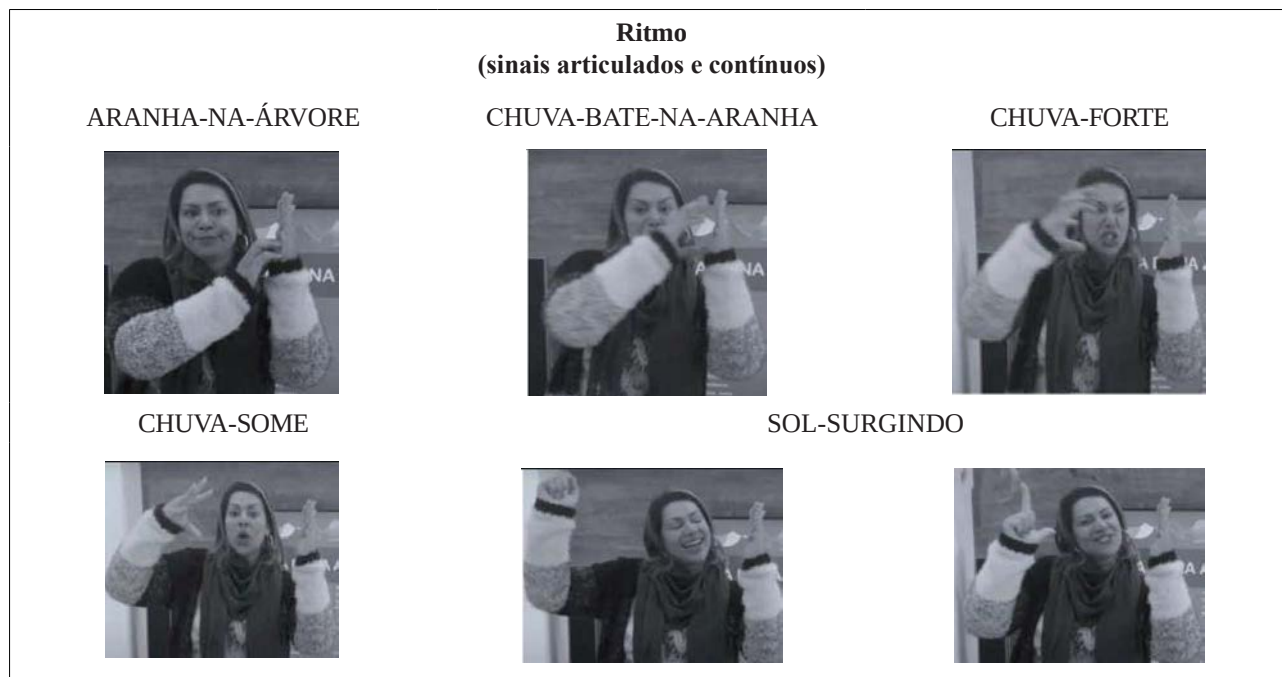


Fonte: Elaboração da autora

Repetir sinais ou parâmetros de sinais também contribui para a criação de imagens visuais agradáveis e marcantes. No poema “A dona aranha”, a autora sinaliza “DONA- ARANHA”, “CHUVAforte”, “ARANHA-CAIR”, “ARANHA-TEIMOSA” e “ARANHA-

CHATA”, a autora usa a mesma configuração de mão para dar a ideia de rima. As escolhas foram cuidadosas para que a rima fosse possível, porém em momentos específicos, não no poema todo. Estas escolhas foram possíveis pelo conhecimento que a autora possui do contexto e do vocabulário possível dentro deste contexto, que se tornasse coerente com o significado do poema. Aliado aos seus conhecimentos sobre elementos da linguagem estética, a autora pode transformar sinais em poema com rimas.

Já no poema “Canção da América”, para expressão “amigos juntos”, a autora sinaliza “CORAÇÃO-COMPLETO”, para expressar “amigos separando”, a autora sinaliza “CORAÇÃO-SE-PARTE”, para expressar “amigos distantes”, a autora sinaliza “METADES-DO-CORAÇÃO-DISTANTES”, e para expressar “amigos muito distantes e tristes”, a autora sinaliza “FICAR-LONGE” e “LÁGRIMAS-SECAR”. O cuidado nas escolhas que pudessem repetir a mesma configuração de mão para produzir rimas visuais, atribui ao poema uma expressão corporificada, baseada em significados que se ressignificam em metáforas.

Quadro 6: Ritmo

Fonte: Elaboração da autora

Ritmo é o efeito que percebemos quando os padrões de repetição são organizados no espaço ou no tempo. Em Libras, o ritmo vem do fluxo visual dos sinais, e vemos padrões de tempo (por exemplo, variação organizada na velocidade ou duração do movimento de sinais e pausas entre eles), ou da ênfase do movimento (alteração entre movimento agudo e suave, por exemplo). Qualquer tipo de padrão nos sinais e de variações desse padrão pode criar um ritmo visual e temporal.

No poema “A dona aranha”, a autora sinaliza “ARANHA-NA-ÁRVORE”, “CHUVA-BATE-NA-ARANHA”, “CHUVA-FORTE”, “CHUVA-SOME” e “SOL-SURGINDO”, mantendo o fluxo dos sinais, realizando uma espécie de “colagem” dos sinais, fazendo com que o final de um sinal já seja o início da expressão do próximo. Escolhas propositais, cuidadosamente construídas com o objetivo de produzir o ritmo visual, agradável aos sujeitos de cultura visual. A autora transformou o que antes eram léxicos, em uma expressão de linguagem estética. O domínio do conhecimento dos sinais, somado ao domínio do conhecimento dos elementos da linguagem estética, foram as molas propulsoras para o exercício cognitivo e corporificado na construção deste trecho do poema.

Quadro 7: Ritmo

Ritmo

POSSÍVEL (circulando para articular um sinal no outro de forma que crie um ritmo na sinalização)



PESSOAS-2-JUNTAS-ANDANDO





UNIÃO



SENTIMENTO

Fonte: Elaboração da autora

No poema “Canção da América”, para garantir o ritmo na sinalização, a autora soma ao sinal “POSSÍVEL”, um movimento circular longo em distância e rápido na finalização, significando que mesmo os amigos estando muito longe é possível encontrar uma forma de reencontrarem. A finalização do sinal rápido e forte representa a possibilidade forte do encontro acontecer. Este sinal é realizado logo após ter sinalizado “AMIGOS-DISTANTES”, com os dois braços bem separados, onde cada mão sinalizava o classificador de “PESSOA”. O ritmo também é o foco da construção “PESSOAS-2-JUNTAS-ANDANDO”, “UNIÃO” e “SENTIMENTO”, sinais em sequência, um após o outro, privilegiando o fluxo em sinais “colados” para manter o ritmo. Os sinais são realizados com movimentos circulares, passando a ideia de um ciclo de acontecimentos, além de ajudar a manter o pretenso ritmo na narrativa poética. As competências linguístico-cognitivas que a autora desenvolveu, são os domínios necessários para o exercício do ressignificar.

Quadro 8: Repetição de tempo para atribuir ritmo

Repetição de tempo para atribuir ritmo

ARANHA-SOBE-SOBE-SOBE-SOBE (teimosa)



TRABALHO-TODO-LUGAR**mu**itoCOMPROMISSO-TODO-LUGAR**mu**ito

Fonte: Elaboração da autora

A duração, a velocidade, o tipo de movimento de um sinal e a duração das pausas criam um ritmo nos poemas.

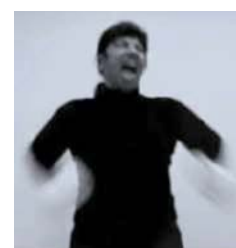
No poema “A dona aranha”, em um determinado trecho, a autora sinaliza “ARANHA-SOBE-SOBE-SOBE-SOBE”, repetindo este “sobe”, muitas vezes. Somada a expressão facial de “perdendo a paciência”, a autora tem a intenção comunicativa de expressar o quanto a aranha é teimosa. Toda a sinalização é realizada de forma repetida, mas mantendo um ritmo que passe a ideia de persistência, isto porque a autora começa a subir, faz uma pequena pausa e sobe novamente, demonstrando que poderia ter parado, mas nunca está contente, continua subindo. No poema “Canção da América”, a autora sinaliza “TRABALHO-TODO- LUGAR**mu**ito” e “COMPROMISSO-TODO-LUGAR**mu**ito”. Neste caso a repetição em movimentos rápidos, tem por objetivo representar a ausência de paradas, onde o trabalho e outros compromissos ocupam todo o tempo. O movimento ressignificou os sinais a partir de um ritmo frenético.

A autora demonstra que baseou suas escolhas para estes ritmos, em suas possíveis experiências com movimentos em atividades corporificadas de recorrência.

Quadro 9: Ritmo: categorias

Ritmo

1. Ênfase na suspensão
2. Tamanho do movimento
3. Duração do movimento

SENTIMENTO**im**portantePESSOAS-2-CAMINHANDO-
JUNTAS**l**entamentePOSSÍVEL**com** atitude firme

Fonte: Elaboração da autora

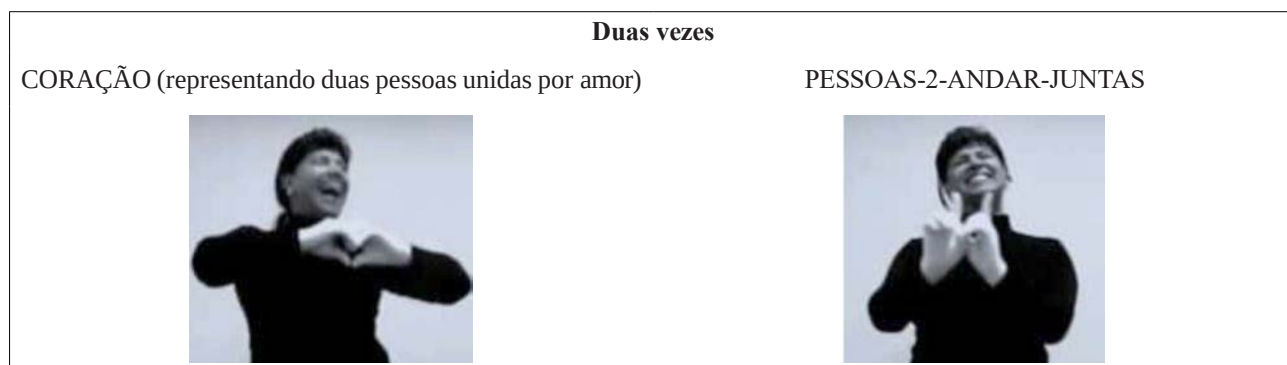
Sutton (2021) atribui quatro categorias ao ritmo. No caso da ênfase na suspensão (pausa longa, pausa sutil, pausa brusca), ao expressar “SENTIMENTO impactante”, provocando uma parada brusca no peito, tem o objetivo de demonstrar o impacto deste sentimento, que se choca e adentra ao peito, neste trecho do poema “Canção da América”.

Na ênfase no movimento (longo, curto, alternado, repetido), a autora realiza movimentos da direita para a esquerda em “PESSOAS-2-CAMINHANDO- JUNTAS lentamente”. O objetivo é demonstrar que os amigos caminham juntos sem pressa, de forma calma e em paz.

Em relação ao tamanho do movimento (movimento de trajetória ampliada, movimento reduzido, movimento de trajetória reduzida, movimento acelerado), ao sinalizar “PESSOAS-2-CAMINHANDO-JUNTAS lentamente”, a autora alonga a realização do sinal, repetindo-o partindo da região bem próxima ao peito, até a distância total dos braços esticados. Este movimento de trajetória ampliada tem por objetivo demonstrar o longo período pelo qual os amigos caminham juntos.

Na duração do movimento (regular, lento ou rápido), a autora sinaliza “POSSÍVEL com atitude firme”, em movimento rápido e firme, com o objetivo de representar uma atitude convicta de que é possível o reencontro entre os amigos.

Quadro 10: Ritmo: duas vezes



Fonte: Elaboração da autora

Para falar de duas pessoas, temos a possibilidade do contraste, que cria cooperação ou conflito entre elas.

Neste caso, no trecho do poema “Canção da América”, há um ritmo que confere significado de cooperação entre as pessoas, no caso entre os amigos, pois a autora faz a escolha lexical de sinalizar o classificador “CORAÇÃO”, que gira e se transforma em duas pessoas caminhando juntas. O ritmo é contínuo, circular e lento, atribuindo ao sinal a ideia de uma amizade contínua, que não acaba.

Em todos os trechos analisados foi possível se observar que os domínios que a autora apresenta dos significados e dos contextos, aliados aos conhecimentos na utilização dos elementos da linguística estética, favorecem os processos de significação e ressignificação dos textos, assim como pondera as perspectivas teóricas que explicam os processos cognitivos presentes na Zona de Representação Visuo-imagética e Zona de Representação Homóloga-integracional.

Conclusão

O objetivo desta pesquisa foi identificar elementos estéticos em poemas sinalizados que dialoguem com as teorias dos elementos estéticos sinalizados, bem como com a Gramática de Construções Visuo-Corporificadas (GCVC). Considera-se que o objetivo foi alcançado na medida em que o modelo teórico da GCVC utilizado foi a Zona de Representação Visuo-imagética e Zona de Representação Homóloga-integracional, que explicam os processos cognitivos de significação e ressignificação porque passam os interlocutores sinalizantes no momento da compreensão e construção linguísticas.

As análises demonstraram que estes processos cognitivos semânticos, gerenciam os processos de significação e ressignificação na construção de sentenças sinalizadas de linguagem estética em poemas compostos pelos elementos repetição, ritmo e rima.

Esta pesquisa pode contribuir para a organização e criatividade de artistas da literatura de linguagem estética, como é o caso dos poetas surdos e ouvintes sinalizantes, na medida em que explica os processos cognitivo-corporificados na produção de textos de linguagem estética do gênero poemas em língua de sinais, levando estes artistas à compreensão destes processos, para que possam produzir cada vez mais e melhor.

Referências

- BERGEN, Benjamin K.; CHANG, Nancy. Embodied construction grammar in simulation- based language understanding. In: OSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjan (ed.). *Construction grammars: Cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, pp. 147-190.
- BERGEN, Benjamin K.; CHANG, Nancy. Embodied construction grammar. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (ed.) *Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2013, pp. 168-190.
- BERGEN, Benjamin K. Mental simulation in literal and figurative language understanding. In: COULSON, Seana; LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, Barbara (ed.). *The literal and nonliteral in language and thought*. Berlin: Lang, 2005, pp. 255-280.
- BERGEN, Benjamin K.; LINDSAY, Shane; MATLOCK, Teenie; NARAYANAN, Srin. Spacial and linguistic aspects of visual imagery in sentence comprehension. *Cognitive Science*, v. 31, pp. 733-764, 2007.
- DUQUE, Paulo Henrique. *Simulação semântica e compreensão de textos*. Cadernos do CNLF, vol. XVI, N. 03. Livro do Minicurso e Oficinas. 2012.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. pp. 111-137.

A gramática de construções visuo-corporificadas aplicada aos estudos metalinguísticos de poemas sinalizados

FILLMORE, Charles J. *Frames and the semantics of understanding*. Quaderni di Semantica. 1985, pp. 222-254.

FILLMORE, Charles J. Frame semantic. In: BERGEN, Benjamin K.; EVANS, Vyvyan; ZINKEN, Jörg. *The cognitive linguistic reader*. London, Oakville: Equinos, 2007.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press. Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. I: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

RIBEIRO, Veridiane P. *A linguística cognitiva e construções corpóreas nas narrativas infantis em Libras: uma proposta com foco na formação de TILS*. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação da UFSC, Florianópolis, 2016.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em libras* [livro eletrônico], tradução de Gustavo Gusmão. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: http://files.literaturaemlibras.com/Literatura_em_Libras_Rachel_Sutton_Spence.pdf.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. Martins Fontes. São Paulo, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica de José Cipolla Nelo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. *Imaginação e criatividade na infância*. Tradução de João Pedro Fróis; revisão técnica e da tradução de Solange Afeche. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

CONSTRUÇÕES COM X-INHO/A: UMA ANÁLISE NO ÂMBITO DA LINGÜÍSTICA

FUNCIONAL CENTRADA NO USO

CONSTRUCTIONS WITH X-INHO/A: AN ANALYSES FROM THE PERSPECTIVE OF USAGE-BASED FUNCTIONAL LINGUISTICS APPROACH

Deborah Rheesa Santos¹

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda²

RESUMO

Este artigo tem como finalidade a descrição do pareamento forma-função das microconstruções representadas por {[X^{N/ADJ/ADV}]-inho/a}, em que X pode ser substituído por um nome, um adjetivo ou um advérbio, tal como *salinha*, *bonitinho*, *pouquinho* etc. Assume-se, para tanto, o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), que tem como pressupostos básicos a renovação da língua pelo uso, o estudo da gramática e do discurso simultaneamente e a correlação entre formas e funções linguísticas. Adota-se como procedimento metodológico o método misto, nos termos de Cunha Lacerda (2016), o qual se baseia no levantamento da frequência de uso e na descrição de ocorrências representativas do objeto analisado. Para o levantamento e a análise das ocorrências, foi constituído um *corpus* sincrônico oral, a partir de vídeos retirados da plataforma YouTube, pertencentes aos gêneros *vlog* e *podcast*. Contamos ainda com o recurso do software Praat para análise acústica da fala. Os resultados obtidos apontam que o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, instanciará na língua seis padrões microconstrucionais. Assim, observa-se que construções com *X-inho/a* cumprem diferentes propósitos comunicativos na língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Funcional Centrada no Uso. Abordagem construcional da mudança. Diminutivo.

ABSTRACT

This article aims to describe the form-function pairing of microconstructions represented by {[X^{N/ADJ/ADV}]-inho/a}, in which X can be replaced by a noun, an adjective, or an adverb, such as “*salinha*”, “*bonitinho*”, “*pouquinho*” etc. The research is aligned with the Usage-Based Functional Linguistics approach (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), which assumes as its presuppositions the renewal of language through usage, the simultaneous study of grammar and discourse, and the correlation between linguistic forms and functions. The methodological procedures follow the mix method, as proposed by Cunha Lacerda (2016), which is based on the survey of the frequency of use and the description of the occurrences of the constructional patterns analyzed. The data collection and analysis were conducted using a synchronic oral *corpus* composed of videos from YouTube, specifically from the *vlog* and *podcast* genres. Acoustic analysis was also performed using the Praat software. The results indicate that the diminutive suffix *-inho/a* instantiates six distinct microconstructional patterns in Portuguese. Thus, constructions with *X-inho/a* fulfill different communicative functions in the language.

KEYWORDS: Usage-based Functional Linguistics. Constructional approach to change. Diminutive.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), deborahrsantos2016@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0006-8145-9893>.

² Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), patricia.cunha@ufjf.br, <https://orcid.org/0000-0002-0970-224X>.

1. Introdução

Neste artigo, apresentamos um recorte da pesquisa desenvolvida na nossa dissertação de Mestrado, defendida em 2024, no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação da Profa. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda. Investigamos a mudança linguística que derivou novos pareamentos forma-função com o diminutivo, em que o sufixo *-inho/a* combina-se com um nome, um advérbio ou um adjetivo.

Assumimos o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também LFCU – (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), o qual concebe a língua como interação, ou seja, a atividade linguística é entendida como uma ação social e culturalmente compartilhada. Nesse sentido, o falante e o ouvinte negociam sentidos no curso da interação comunicativa devido às necessidades semânticas, pragmáticas e discursivas, fazendo emergir novos padrões construcionais na língua.

A língua, desse modo, está em constante transformação, dado que o falante busca ser cada vez mais expressivo devido a novas necessidades comunicativas. Dessa forma, a comunicação é uma ação intersubjetiva, na qual o locutor considera a face do outro (Goffman, 1967) para se proteger ou ameaçar ou também proteger a face do seu interlocutor. Assim, a gramática e o léxico de uma língua estão em constante renovação por meio das mudanças linguísticas, refletindo toda a negociação de sentido entre os participantes da interação.

Por esta razão, pode-se afirmar que novas construções emergem na língua, as quais são constituídas, segundo Goldberg (1995, 2006), de pareamentos forma-sentido e, de modo mais atual, de acordo com a própria autora, de pareamentos forma-função (Goldberg, 2016). Portanto, a língua é composta por um inventário de construções hierarquicamente organizadas. A LFCU tem como princípios básicos que a unidade básica da língua é a construção (Goldberg, 1995, 2006, 2016) e que a língua se organiza a partir de extensas redes construcionais (Croft, 2001).

Conforme Croft (2001), o polo do sentido traduz todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção. Assim, atuam sobre a função as propriedades de natureza semântica, pragmática e discursiva. Já no polo da forma, operam as propriedades de natureza sintática, morfológica e fonológica.

Nesse sentido, a língua adapta-se às necessidades comunicativas dos falantes. Defendemos, assim, o conceito de gramática emergente, que pressupõe que toda gramática passa por constante (re)formulação e de (re)elaboração, que se dá por meio do contexto de uso (Gonçalves *et al.*, 2007; Furtado da Cunha, 2008; Furtado da Cunha *et al.*, 2013).

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo a descrição dos pareamentos forma-função dos padrões microconstrucionais representados por $\{[X^{N/ADJ/ADV}]\text{-inho/a}\}$, em que *X* pode ser substituído por um nome, um adjetivo ou um advérbio, que instancia, na língua portuguesa, diferentes propósitos comunicativos.

Para a investigação das microconstruções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, no contexto da LFCU, nos pautamos, mais pontualmente, em Traugott e Trousdale (2013), que descrevem um modelo para o tratamento da mudança linguística sob uma perspectiva construcional.

Como procedimento metodológico, adotamos o equacionamento entre o cálculo da frequência de uso e a análise qualitativa, nos termos assumidos por Cunha Lacerda (2016). As ocorrências das microconstruções representados por {[X^{N/ADJ/ADV}]-inho/a} foram coletadas de um *corpus* sincrônico oral, composto por vídeos retirados da plataforma YouTube.

A fim de cumprir o objetivo proposto, este artigo organiza-se da seguinte maneira: na seção 2, tratamos dos pressupostos teóricos que fundamentam a análise empreendida neste trabalho; na seção 3, apresentamos os procedimentos metodológicos; na seção 4, apresentamos os resultados obtidos a partir da análise realizada; por fim, na seção 5, sistematizamos as considerações finais.

2. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos fundamentais

A Linguística Funcional Centrada no Uso – também conhecida como LFCU – compreende uma denominação, assumida no Brasil, para a coadunação entre pressupostos fundamentais do funcionalismo clássico de vertente norte-americana e pressupostos também fundamentais da Gramática de Construções (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), especialmente, em relação a três correntes específicas, a saber: a) Gramática de Construções Cognitiva – *CognitiveConstructionGrammar* –, de Goldberg (1995, 2006, 2016); b) Gramática Cognitiva – *CognitiveGrammar* –, de Langacker (1987, 1991); c) Gramática de Construções Radical – *Radical ConstructionGrammar* –, de Croft (2001).

De maneira geral, essa corrente que se pauta na conjugação entre o funcionalismo clássico de vertente norte-americana e a Gramática de Construções tem recebido a denominação de *Usage BasedLinguistics* – Linguística Centrada no Uso – ou *Cognitive-Functional Linguistics* – Linguística Cognitivo-Funcional (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013). Já no Brasil, de maneira bastante particular, essa vertente mais contemporânea do Funcionalismo tem sido denominada de Linguística Funcional Centrada no Uso a fim de que, primordialmente, seja demarcada a identidade funcionalista em uma Linguística que seja centrada no uso.

A LFCU assume que a unidade básica da língua é a construção, partindo da indissociabilidade entre os aspectos de ordem formal e os aspectos de ordem funcional e considerando, nesse sentido, que as novas construções que emergem se ancoram tanto em processos cognitivos de domínio geral bem como no uso da língua. Também nesse modelo, a língua, como outros sistemas cognitivos, é considerada uma rede de nós, em que cada construção compõe um nó na rede.

No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, a noção de mudança é central. E, nesse contexto, a publicação da obra *Constructionalization and Constructional Change*, publicada por Traugott e Trousdale (2013), assume um papel crucial. Nessa obra, os autores propõem um modelo teórico para a compreensão da mudança, considerando a centralidade da noção de rede construcional

e defendendo que a língua, tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico, constitui-se a partir de redes taxonômicas de construções, as quais seriam hierarquicamente constituídas e organizadas.

Nesse sentido, os autores operam com a diferenciação entre três níveis de esquematicidade, a saber: microconstrução, subesquema e esquema (Traugott; Trousdale, 2013). As microconstruções compreendem as construções individuais propriamente ditas, que se realizam a partir de um pareamento entre forma e função e já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Por sua vez, os subesquemas envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre microconstruções diversas, e os esquemas possuem uma natureza altamente abstrata e esquemática, compreendendo as construções mais genéricas da rede e abarcando as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento (*slots*).

Os autores também consideram que a mudança opera em duas diferentes dimensões (Traugott; Trousdale, 2013): construcionalização e mudança construcional. Enquanto a construcionalização envolve a emergência de novas construções na língua a partir do pareamento entre forma e significado, as mudanças construcionais estão relacionadas à dimensão interna da construção, uma vez que são afetados os subcomponentes de uma construção já existente, sejam eles relacionados à forma (subcomponentes de natureza fonética, morfológica e sintática) ou ao significado (subcomponentes de natureza semântica, pragmática e discursiva).

Ainda, como sinalizam, inclusive, Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017), uma das contribuições centrais do modelo teórico proposto pelos autores consiste na consideração de que a construcionalização opera a partir de três propriedades, as quais são intituladas como esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade constitui, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 13), “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração”. A noção de esquematicidade está, segundo os autores, intrinsecamente relacionada à noção de rede construcional, uma vez que as mudanças linguísticas seriam interligadas e as construções da língua estariam relacionadas a partir do estabelecimento de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas.

Já a produtividade de uma construção está indiscutivelmente relacionada, como destacam os autores, à noção de frequência, a qual compreende, nos termos de Bybee (2003, 2011), a frequência *token* e a frequência *type*. Enquanto a frequência *token* está relacionada à extensão de uso de determinado construto por parte dos falantes, a frequência *type* está relacionada ao fenômeno que Himmelmann (2004) intitula de *host-class expansion*, uma vez que as construções, ao possuírem natureza relacional e (relativamente) esquemática, podem, ao longo do tempo, ser empregadas em diferentes colocações.

Por sua vez, a propriedade da composicionalidade refere-se ao nível de transparência da ligação entre forma e significado. Em enunciados como *passar a bola* e *chutar o balde*, por exemplo, encontramos um maior grau de decomponibilidade, uma vez que o significado do todo pode ser inferido pelo significado das partes. Já em enunciados como *dar zebra*, *pintar o sete* e *pregar os*

olhos, encontramos um menor grau de decomponibilidade e o princípio da fraca composicionalidade, uma vez que o sentido do todo independe do significado das partes.

Reconhecemos, portanto, que os autores trazem, de fato, uma grande contribuição em relação às proposições já realizadas no âmbito da Gramática de Construções ao buscarem, do ponto de vista teórico, a formulação de um modelo que dê conta da mudança linguística a partir de uma abordagem de natureza construcional.

3. Procedimentos metodológicos

Para a realização da análise apresentada neste trabalho, operamos com um *corpus* compilado e organizado por Santos (2024), o qual é composto por um total de 6 horas e 29 minutos de vídeos retirados da plataforma *online* YouTube, os quais datam do período compreendido entre 2020 e 2023. Nesse sentido, vale destacar que os vídeos foram selecionados de maneira randômica quanto aos temas, contemplando falantes e regiões diversas do Brasil, a fim de garantir maior grau de variabilidade e representatividade.

Como este trabalho visa a realizar também uma análise de *cunho* prosódico, analisando o contorno entonacional dos padrões construcionais identificados e analisados, optamos pela constituição de um *corpus* representativo da modalidade oral. Assim, coletamos excertos de construções com o sufixo *-inho/a*, vinculado a um nome, adjetivo ou advérbio, em contextos de linguagem natural e pouco monitorada.

Levando em consideração que o objetivo deste trabalho é descrever os diferentes pareamentos forma-função das construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, adotamos como procedimento de análise o método misto, que diz respeito ao equacionamento entre as análises qualitativa e quantitativa dos dados, nos termos assumidos por Cunha Lacerda (2016).

O método misto consiste na combinação entre os métodos qualitativos e quantitativos, a fim de ampliar e aprofundar o conhecimento do analista sobre o objeto pesquisado (Johnson, *et al.*, 2007). De modo mais específico, nas análises linguísticas, Schiffrrin (1987) defende a aplicação do método misto, uma vez que permite ao pesquisador dispor de um número elevado de ocorrências e, assim, realizar uma análise mais apurada do objeto investigado e do contexto em que ele se instancia. Sob essa perspectiva, Cunha Lacerda (2016, p. 89) aponta que, no âmbito dos estudos da mudança linguística, o método misto permite ao pesquisador caracterizar padrões construcionais individuais e descrever os contextos de uso em que emergem construtos na língua, que são convencionalizados na língua por meio do aumento da frequência de uso e que estão organizados em esquemas abstratos de natureza cognitiva.

No que tange à análise de *cunho* prosódico, o Praat é um programa criado para a análise linguística da fala por meio da acústica, desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, da Universidade de Amsterdã, na Holanda. Esse software garante um alto grau de controle na análise dos aspectos fonológicos dos áudios dos dados coletados. Tais aspectos desempenham papéis fundamentais na interação dos falantes.

Nesta pesquisa, utilizamos o *software* Praat como ferramenta para a compreensão da própria construção, mais especificamente, de sua parte formal no que tange à sua dimensão fonética, sabendo que a prosódia é um elemento que compõe parte da estrutura de uma construção (Croft, 2001).

No que concerne à pesquisa empreendida, nos apoiamos no modelo Autossegmental e Métrico da Fonologia Entoacional (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 2008) para a análise da prosódia nos dados coletados. Esse modelo interpreta a entoação como uma sequência de eventos fonológicos discretos – acentos de *pitch* e tons de fronteira –. As melodias prosódicas são descritas com base na realização concreta da curva entoacional em valores de F0 fornecidos por programas computacionais.

Os símbolos tonais que representam o contorno entoacional são: H (tom alto) e L (tom baixo). Os acentos tonais são marcados com (*), presentes na sílaba tônica, podendo ser simples (H* ou L*) ou complexos (ex.: H+L*). Já os tons de fronteira são acompanhados pelo símbolo % (ex.: H% ou L%), os quais marcam os limites prosódicos.

A partir do *corpus* constituído, foram levantadas 524 ocorrências, tendo sido todas usadas na análise deste trabalho. Por fim, realizamos pequenos recortes dos áudios dos vídeos selecionados de cada excerto transcrito para submeter ao programa Praat, e, assim, analisar os aspectos formais e funcionais de cada construto.

4. Análise dos dados: construções com sufixo *-inho/a*

Como discutido anteriormente, Traugott e Trousdale (2013) descrevem a língua como uma rede construcional composta por construções de níveis esquemáticos hierarquicamente distintos, os quais são: esquema, subesquema e microconstrução, conforme Traugott e Trousdale (2013). No presente artigo, realizamos um recorte de um trabalho maior, a fim de descrever apenas o pareamento forma-função referente às microconstruções com diminutivo, representado por *-inho/a*, representados por um esquema mais geral e abstrato $\{[X^{N/ADJ/ADV}]\text{-inho/a}\}$, em que *X* pode ser substituído por um nome, um adjetivo ou um advérbio, tal como *quartinho*, *fofinho*, *pouquinho* etc.

Ao longo da pesquisa, identificamos seis microconstruções que se distribuem, por similaridades e por particularidades no que se refere às suas propriedades formais e funcionais. Observamos que a noção de escalonamento perpassa por todas as microconstruções em diferentes níveis de abstração, apresentando uma escala desde uma extensão dimensional até um posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica ou avaliativa. Essa escalaridade incide sobre o grau de engajamento do falante, sendo sua forma codificada por um nome, adjetivo ou advérbio vinculado ao sufixo *-inho/a* com prosódia específica. Além disso, percebemos que há um *continuum* de (inter) subjetividade entre os padrões microconstrucionais, considerando os pressupostos assumidos por Traugott e Dasher (2002).

Encontramos, no *corpus* de investigação deste trabalho, 524 ocorrências no total distribuídas em seis padrões microconstrucionais, os quais são: dimensivo físico, com 96 ocorrências; dimensivo quantitativo, com 26 ocorrências; dimensivo de atenuação temporal, com 16 ocorrências; dimensivo

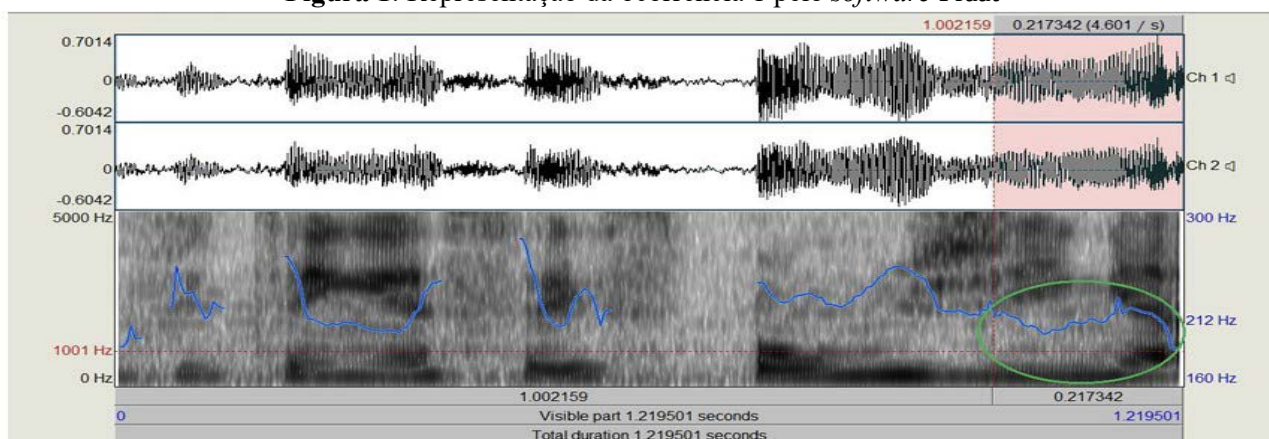
intensivo, com 123 ocorrências; posicionamento modalizador asseverativo-epistêmico, com 01 ocorrência; e, posicionamento avaliativo afetivo, com 262 ocorrências. No que se refere à frequência de dados, as microconstruções com o diminutivo, representado por *X-inho/a*, mostram-se mais produtivas em contextos mais (inter)subjetivos.

O primeiro padrão microconstrucional – *dimensivo* físico – se caracteriza como sufixo de grau para promover uma diminuição do referente no plano físico, caracterizando-se como o padrão [- intersubjetivo] em relação aos demais padrões que foram identificados no *corpus*. Esta microconstrução apresenta a forma [SN^{dimensionável} + -inho/a^{prosódia}], em que há uma restrição de valência lexical (Langacker, 1988) em relação a seu escopo, que só pode ser um sintagma nominal dimensionável, passível de ser diminuído no plano físico, combinado ao sufixo *-inho/a*. Sendo assim, esse padrão microconstrucional revela a função prototípica do diminutivo. A seguir, descreveremos uma amostra, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.

- (1) Nina: Esse aqui é novo também. É o ... revloncushionlip tint. Custa \$9,99. Tem essa esponjinha. É bem legal. Tem uma textura bem interessante, assim. Gostei bastante dele. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)³

Na ocorrência (1), a locutora Nina descreve o produto de maquiagem conhecido como *revlon cushion lip tint*, marcando a pequenez da esponja que compõe o produto com o sufixo *-inha* vinculado ao nome esponja, caracterizando esta ocorrência com ancoragem [- intersubjetiva]. Ademais, está presente todos os elementos da forma, isto é, o sintagma nominal – *essa esponjinha* – é dimensionável e vincula-se ao sufixo *-inha*. A análise prosódica da fala confirma a função de dimensionar o tamanho físico, ao apresentar uma baixa extensão da variação do contorno do *pitch*, conforme demonstrado na figura a seguir.

Figura 1: Representação da ocorrência 1 pelo *software* Praat



Fonte: Santos (2024)

³ Disponível em: https://youtu.be/71_fnAvq2TI0. Acesso em: 15 maio 2022. Minutagem do dado: 20 min e 28 s.

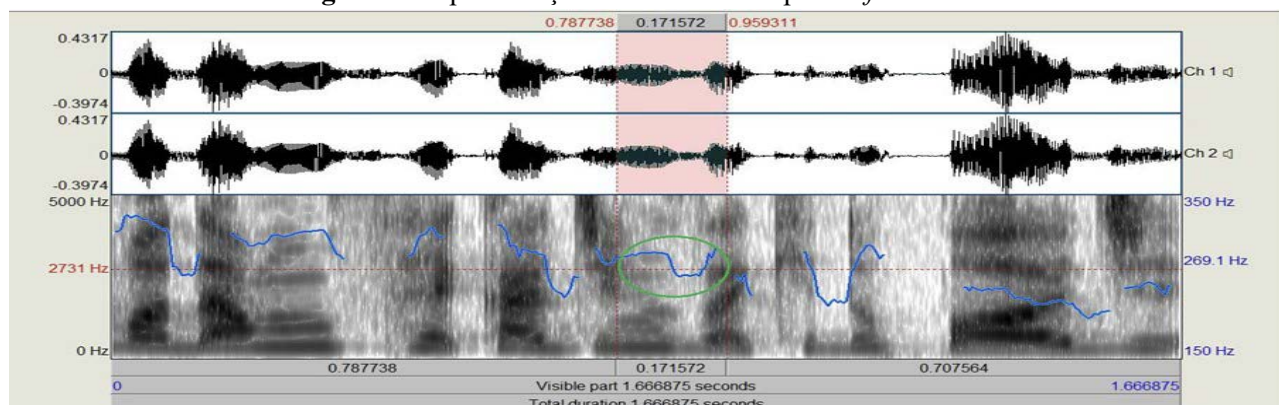
Na figura 1, a análise do contorno entoacional da ocorrência *esponjinha* revela um *pitch range* – a diferença entre o *pitch* mais alto e o *pitch* mais baixo – de 73.1 Hz, demonstrando que há pouca interferência ao longo do contorno entoacional de tons muito altos ou tons muito baixos. O contorno segue o padrão H*L+H+L%, com leve subida na sílaba [es], representado por H e queda na sílaba [inha], representado por L%.

A segunda microconstrução – *dimensivo quantitativo* – define-se pelo uso do diminutivo para diminuir o referente em relação à quantidade, com base na metáfora QUANTIDADE É DIMENSÃO, onde MENOS É MENOR. Esse padrão microconstrutivo expressa uma ancoragem [+ intersubjetiva] do que a primeira, pois o falante expressa o seu posicionamento subjetivo em relação à quantidade do referente. A forma desta microconstrução é descrita como [elemento quantificador/pronome indefinido + SN^{dimensionável} + -inho/a^{prosódica}], em que um sintagma nominal, também restrito ao plano físico e passível de diminuição em quantidade, vinculado ao sufixo -inho/a, é precedido de um elemento quantificador ou de um pronome indefinido. A seguir, descreveremos uma amostra, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 2.

- (2) Bruna: Só pra começar vou dar uns recadinhos aqui do POD: pra você se inscrever aqui no canal, em outros canais que agente tem. A gente sempre solta conteúdo. Tem o canal do, é de cortes que, assim, bomba demais. E também tem as nossas reders sociais, que é o Twitter, PodDelas Podcasts. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)⁴

Em (2), a locutora Bruna, ao iniciar a entrevista com a surfista Chloé para o canal PodDelas, faz uso do diminutivo para indicar a pequena quantidade de recados que dará antes de começar as perguntas para a entrevistada. A locutora mapeia o domínio dimensão (menor) no domínio de quantidade (menos recados), representando o esquema mais geral QUANTIDADE É DIMENSÃO, e avalia subjetivamente a quantidade reduzida de recados que serão ditos por ela. A forma consiste no elemento quantificador *uns* precedendo o nome recado, combinado ao sufixo -inho. No que se refere ao traço prosódico, não há alta variação na extensão do *pitch*. Vejamos na imagem a seguir:

Figura 2: Representação da ocorrência 2 pelo software Praat



Fonte: Santos (2024)

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/6wl3Iv43o6U?feature=share>. Acesso em: 8 jul. 2023. Minutagem do dado: 1 min e 37 s.

A figura 2 ilustra o contorno do *pitch* da ocorrência (2), em que o emprego do sufixo *-inho* desempenha a função dimensiva quantitativa. O *pitch range* é de 126.6 Hz, com pouca interferência de tons muito altos ou tons muito baixos. O contorno do *pitch* onde ocorre uns recadinhas é descrito por H*L%, apresentando uma elevação em [uns] (H) e descida em [dinhos] (L%), mantendo baixa variação entoacional.

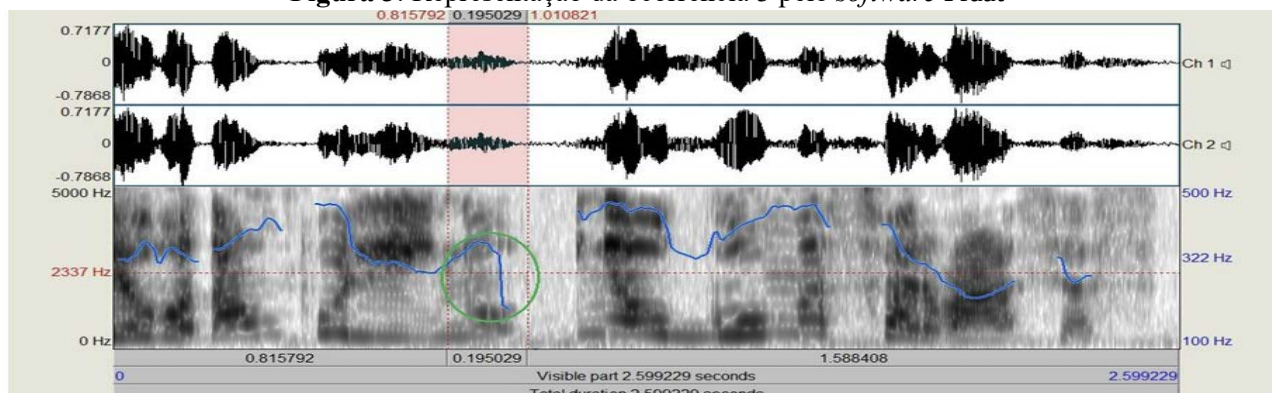
Por sua vez, na microconstrução *dimensivo de atenuação temporal*, o diminutivo é utilizado para promover uma atenuação da extensão temporal de um evento, marcando, dentro de uma escala, a duração mínima temporal de um evento. O falante busca reduzir certos efeitos negativos que a extensão prolongada do evento pode ter em relação ao interlocutor, protegendo a sua face (Goffman, 1967 [1955]). Este padrão microconstrucional possui uma ancoragem [+ intersubjetiva] do que a microconstrução 2. A forma desta microconstrução é descrita como [V + SN^{dimensionável} + *-inho/a*], em que um sintagma nominal dimensionável, vincula-se ao sufixo *-inho/a*, precedido de um verbo. Entendemos que, neste padrão microconstrucional, são recrutados nomes que marcam eventos no plano temporal.

A seguir, descrevemos uma amostra, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 3.

- (3) Nina: Hoje eu vou levar vocês junto comigo, para conhecer as novidades e os lançamentos dos cosméticos e das maquiagens das farmácias americanas. Tô em Orlando. Acabei de chegar aqui. E vou dar um pulinho em algumas farmácias pra ver essas novidades. E mostrar pra vocês em primeira mão. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)⁵

Na ocorrência (3), a locutora, Nina, está em Orlando e, nesse trecho, ela atenua a extensão temporal de suas visitas às diferentes farmácias. A ocorrência *vou dar um pulinho* é marcada pela brevidade do evento para proteger a face da locutora e evitar efeitos negativos que a extensão prolongada desse evento poderia causar no interlocutor. Todos os elementos da forma estão presentes nesta ocorrência: o verbo *dar* precede o sintagma nominal um *pulinho*, indicando a ação de ir às farmácias. Em relação à análise acústica dessa ocorrência, dar um pulinho também é produzido sem variação significativa dos tons produzidos pela locutora, conforme observamos a seguir:

Figura 3: Representação da ocorrência 3 pelo *software* Praat



Fonte: Santos (2024)

⁵ Disponível em: https://youtu.be/71_fnAvq2TI0. Acesso em: 15 maio 2022. Minutagem do dado: 0 min e 13 s.

A figura 3 mostra a produção oral de *vou dar um pulinho em algumas farmácias americanas*, apresentando baixa variação do contorno do *pitch*, com *pitch range* de 257.4 Hz. O contorno entoacional de *vou dar um pulinho* pode ser descrito por LH*L%, em que se inicia com tons complexos, com um tom mais alto na sílaba [dar] e declínio nas sílabas [li] e [nho]. Como observado na figura, não apresenta alta interferência no contorno entoacional.

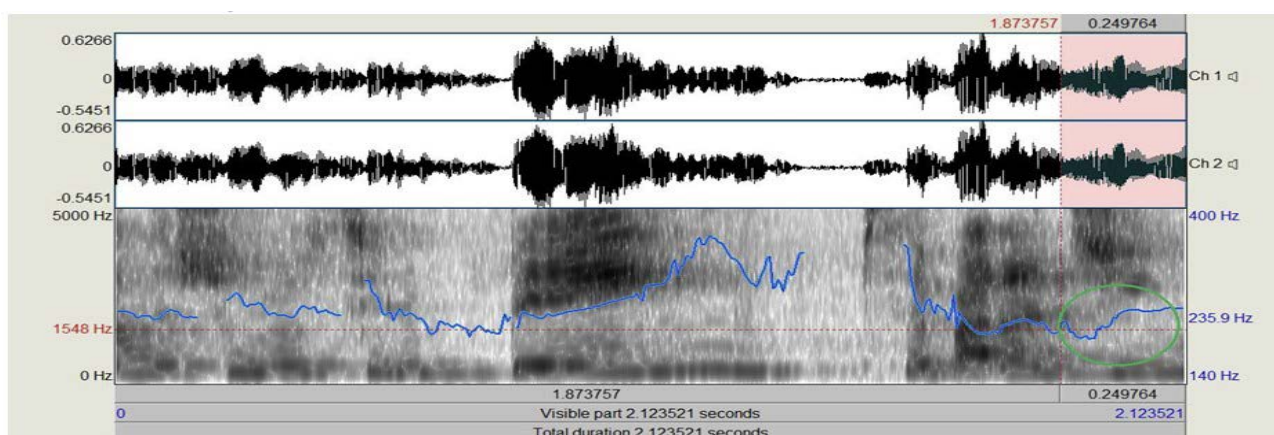
Adiante, na microconstrução *dimensivo intensivo*, o diminutivo tem a função de promover uma intensificação de uma propriedade do referente ou do evento, ou seja, dentro de uma escala, determinada propriedade é elevada ao seu grau máximo. O uso do diminutivo processa-se, então, como uma estratégia de intensificação, operando como um fenômeno semântico-pragmático. Portanto, esta microconstrução é [+ intersubjetiva] do que as microconstruções apresentadas anteriormente.

A forma é descrita como [(elemento intensificador) + SN^{dimensionável} / SADJ^{dimensionável} + -inho/a], em que um sintagma nominal ou um sintagma adjetival vincula-se com o sufixo -inho/a, podendo ser ou não precedido de um elemento intensificador. Nesse padrão, o elemento recrutado para ocorrer com o diminutivo pode ser um elemento de natureza intensificadora ou o sufixo -inho/a pode atribuir ao elemento recrutado essa natureza. A seguir, descrevemos uma amostra, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 4.

- (4) Nina: E a máscara de cílios ... Estou bem surpresa com ela. Deixou o meu cílio bem separadinho, volumoso, alongado. Achei que cumpriu assim o que promete. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)⁶

Em (4), Nina relata a sua opinião sobre determinados produtos de maquiagem. A locutora faz uso do diminutivo em *separadinho* como intensificador a fim de enfatizar a separação dos cílios, como resultado da aplicação da máscara de cílios. Nesta ocorrência, o elemento intensificador *bem* precede o sintagma adjetival *separadinho*, atribuindo-lhe natureza intensificadora. A seguir, apresentamos a tela do programa Praat, a fim de ilustrar os traços prosódicos dessa ocorrência.

Figura 4: Representação da ocorrência 4 pelo *software* Praat



Fonte: Santos (2024)

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/69IILCNuOiQ>. Acesso em: 21 maio 2022. Minutagem: 10 min e 54 s.

Na figura 4, observa-se que o *pitch range* é de 152.45 Hz, indicando baixa interferência nesse evento tonal. A descrição entoacional da ocorrência *bem separadinho* é: H*L%, iniciando com um leve pico na sílaba [bem], seguido de um declínio na sílaba [nho], com tom mais baixo (L%).

A microconstrução 5 – *posicionamento modalizador asseverativo-epistêmico* – tem a função de atribuir veracidade a partir da realidade factual, expressa pelo diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*. Nesse padrão, a noção de escalaridade incide no contexto em que ocorre o construto, e não no elemento recrutado. O falante atribui veracidade àquilo que é dito, com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica, escalonando o seu posicionamento. Desse modo, há um aumento de (inter) subjetividade e do grau de engajamento.

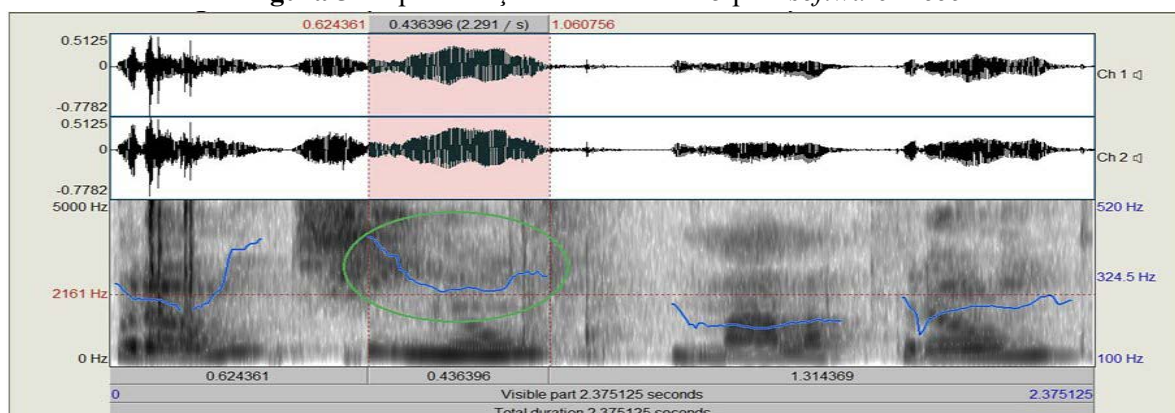
A forma desta microconstrução é representada por [SADJ^{não escalar} + *-inho/a*^{prosódia}], em que há uma restrição de valência em relação a seu escopo, uma vez que o sintagma adjetival recrutado necessariamente não possui propriedade escalar vincula-se ao sufixo *-inho/a*, revelando uma relação de valência lexical (Langacker, 1988). Vejamos abaixo a única ocorrência representante desta microconstrução encontrada no *corpus* analisado.

- (5) Nina: Eu vou hoje e volto amanhã. Então, é uma mala pequena com necessaire, um lookinhopra amanhã e uns casacos. Porque, em Curitiba o tempo é mucholoko, né. Do nada tá calor e do nada tá frio. **Prontinho!** Mala pronta. Vou levar essa bolsa aqui, vou começar a ler esse livro aqui. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)⁷

Na ocorrência (5), a locutora Nina grava um *vlog* para mostrar a organização de sua mala para uma viagem a trabalho. Ao dizer que a mala está *prontinha*, ela utiliza o diminutivo para atribuir veracidade ao fato, escalonando seu posicionamento e reforçando seu engajamento. Em uma escala, a locutora poderia ser ainda mais expressiva se combinado a outros elementos, *prontinho mesmo*, *prontinho de verdade*, *prontinho realmente*, etc. Na forma, com um sintagma adjetival não escalar – *pronto* – vincula-se ao sufixo *-inho/a*.

Quanto aos traços prosódicos, observa-se alta extensão de variação no contorno do *pitch* e o elemento combinado ao sufixo *-inho/a* é produzido com maior duração. Embora a diferença seja sutil, a análise feita por meio do programa Praat comprova essas características presentes tanto na microconstrução 5 quanto na microconstrução 6, conforme demonstrado na figura abaixo.

Figura 5: Representação da ocorrência 5 pelo *software* Praat



Fonte: Santos (2024)

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/8m9ChCWdmGw>. Acesso em: 20 nov. 2022. Minutagem do dado: 12 min e 3 s.

Na figura 5, o construto *prontinho* desempenha a função de promover o posicionamento do falante, apresentando alta variação no contorno do *pitch* e maior duração (0,43s), sendo o *pitch range* de 250,79 Hz. O contorno entoacional pode ser descrito por L+H*L%, em que se inicia com tom baixo em [pro], atingindo um pico em [ti] e declínio em [nho] (H*L%).

Por fim, na microconstrução 6 – *posicionamento avaliativo afetivo* – o escalonamento está presente na demarcação do grau de engajamento do falante, assim como na microconstrução 5. A função desta microconstrução é promover uma proximidade afetiva em relação ao referente a partir de uma noção de pertencimento. O locutor avalia com base na sua perspectiva interna, levando em consideração seu estado afetivo, emocional ou psicológico (White, 2001), podendo ser positiva ou negativa.

Por meio de processos de metaforização, o falante metaforiza a dimensão física para uma dimensão temporal até passar para um nível ainda mais abstrato, que é a afeição. Logo, a microconstrução de avaliação afetiva é a mais (inter)subjativa, com o maior grau de engajamento do falante, em relação às demais construções.

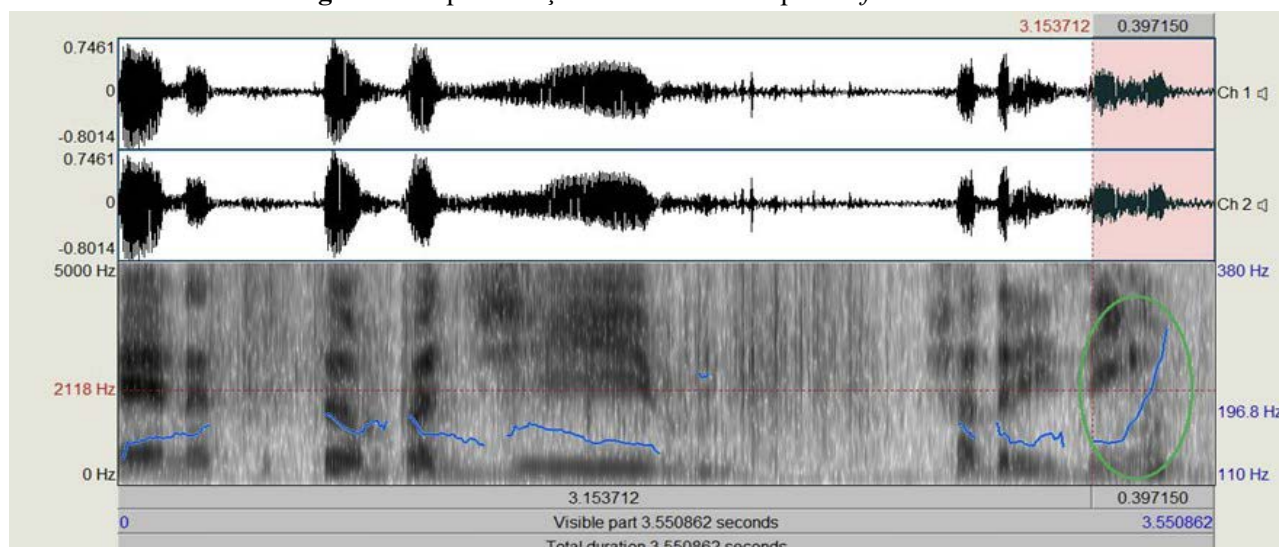
A forma desta microconstrução pode ser descrita como [SN^{com noção qualificativa} / S^{com noção qualificativa}ADJ^{com noção qualificativa} / SPREP^{com noção qualificativa} + -inho/a], em que o sufixo -inho/a vincula-se a um sintagma nominal ou sintagma adjetival ou sintagma preposicional que possua o traço semântico específico de estabelecer uma noção qualificativa. A seguir, descreveremos uma ocorrência, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 6.

- (6) Fabi: Esse aqui também é nessa estampa de xadrez**inho**. E esse aqui eu achei que era um vestido meio cara de patricinha. Bem patricinha, aí coloca uma meia calça e um sapatinho preto, aqueles vernizadinho. Bem patricia. (*Corpus oral vlogs e podcasts YouTube – anos 2020 a 2023*)⁸

Na ocorrência (6), a locutora Fabi mostra as roupas compradas na *Shein* e, ao retirar um vestido xadrez para sua filha, o qualifica como *xadrezinho*. Nesta ocorrência, o diminutivo expressa a função de qualificar o vestido com base no estado emocional, psicológico e afetivo do falante. Estabelecendo, assim, uma noção de pertencimento.

Em relação à forma, estão presentes todos os elementos previstos: o sintagma adjetival formado pelo nome xadrez, o qual exerce função adjetiva, combinado ao sufixo -inho, com noção qualificativa. A seguir, demonstramos a análise acústica desse dado.

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/aE9qALNpAD4>. Acesso em: 12 maio 2022. Minutagem do dado: 7 min e 5 s.

Figura 6: Representação da ocorrência 6 pelo *software* Praat**Fonte:** Santos (2024)

Na figura 6, a produção da ocorrência *xadrezinho* tem duração de 0,39s e apresenta alta variação do contorno entoacional, com *pitch range* de 155.54 Hz. Nesse caso, ainda que a diferença entre o *pitch* máximo e o *pitch* não seja tão significativo, o desenho do *pitch* – a linha azul – demonstra que a ocorrência *xadrezinho* é produzida por um pico consideravelmente mais alto em relação ao seu entorno. O contorno entoacional pode ser descrito como padrão L*H%, iniciando com tom baixo em [de] e atingindo um pico em [nho] (H%), evidenciando que a locutora está avaliando afetivamente o referente.

5. Conclusão

No presente trabalho, defendemos que as microconstruções com o diminutivo, representado por *X-inho/a*, instanciam, na língua, diferentes padrões construcionais em variados contextos de uso, os quais, mesmo possuindo similaridades entre si, apresentam especificidades.

Com os dados expostos, evidenciamos que, as construções com o sufixo *-inho/a* analisadas possibilitam o escalonamento em diferentes níveis de abstração em relação a um referente ou a um evento. Essa noção de escalonamento pode estar contida no elemento ao qual o sufixo *-inho/a* se vincula ou pode estar presente no grau de engajamento do falante acerca da proposição por meio da modalização epistêmica asseverativa ou avaliativa.

Verificamos, também, que há um deslocamento de sentidos mais concretos relacionados à realidade para outros com ancoragem mais intersubjetiva, principalmente nos casos em que o elemento que se combina com o sufixo *-inho/a* não apresenta propriedade escalar, que revelaria o posicionamento e as crenças do falante em relação ao interlocutor a depender do propósito comunicativo na interação. Constatou-se, assim, que há um aumento gradual de (inter)subjetividade a partir da microconstrução 1 – menos (inter)subjetiva – até a microconstrução 6 – mais (inter)subjetiva).

Atestamos, por meio da análise quantitativa dos dados, que as construções vinculadas à microconstrução 6, cuja função é marcar o posicionamento avaliativo afetivo do locutor, são as mais frequentes e mais produtivas da rede construcional.

Diante desses resultados, defendemos, neste trabalho, que o locutor utiliza as construções com o sufixo *-inho/a* com propósitos comunicativos específicos, ou para promover uma extensão dimensional – microconstruções 1, 2, 3 e 4 – ou promover um posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica ou avaliativa – microconstruções 5 e 6. Sendo que essas construções variam gradualmente desde um polo menos intersubjetivo a um polo mais intersubjetivo.

Nesse sentido, a análise acústica mostrou-se essencial para definir o grau de expressividade nas construções com o sufixo *-inho/a*. O contorno do *pitch*, variando entre tons baixos e altos, ajuda na categorização das ocorrências nos padrões microconstrucionais. A altura do *pitch* indica o grau de (inter)subjetividade, com maior variação em construções mais (inter)subjetivas.

Porquanto, entendemos que a pesquisa realizada será relevante para os estudos que se desenvolvem a partir da língua em uso e, mais especificamente, àqueles que se dedicam a descrever os aspectos formais e funcionais de construções a partir de uma perspectiva construcional.

Referências

- BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. *Anais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (ed.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, pp. 602-623. DOI: <https://dx.doi.org/10.1002/9780470756393.ch19>.
- BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>.
- BYBEE, J. L. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, pp. 69-78. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199586783.013.0006>.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional – reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. 1, 2016, pp. 83-101. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440>. Acesso em: 08 jan. 2025. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5440>.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, pp. 13-44.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CUNHA LACERDA, P. F. A. da. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; CEZÁRIO, M. M. (org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017, pp. 17-45. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/nupact/files/2019/09/As-principais-contribui%C3%A7%C3%B5es-da-abordagem-construcional-da-mudan%C3%A7a-no-contexto-da-Lingu%C3%ADstica-Funcional-Centrada-no-Uso-evid%C3%A2ncias-a-partir-de-um-estudo-de-caso.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behaviour*. New York: Pantheon Books, 1967 [1955].

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199268511.001.0001>.

GOLDBERG, A. E. A constructionist approach to language. In: Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. *Anais*. 2016.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 207.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N.; WIEMER, B. (ed.). *What makes Grammaticalization?*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2004, pp. 21-42. DOI: doi.org/10.1515/9783110197440.1.21.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. Toward a Definition of Mixed Methods Research. *Journal of Mixed Methods Research*, Pennsylvania, v. 1, n. 2, 2007, pp. 112-133. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1558689806298224>.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511808814>.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. The nature of grammatical valence. In: RUDZKA-OSTYN B. (ed.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. pp. 91-125. DOI: <https://doi.org/10.1075/cilt.50.05lan>.

LANGACKER, R. W. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110857733>.

PIERREHUMBERT, H. *The phonology and phonetics of English intonation*. 1980. 401 f. Tese (Doutorado em Linguística) – MIT, Boston, 1980. Disponível em: https://www.phon.ox.ac.uk/jpierrehumbert/publications/Pierrehumbert_PhD.pdf. Acesso em: 06 fev. 2025.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 60, n. 2, 2016, pp. 233-259. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 05 fev. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>.

SANTOS, D. R. *O uso do diminutivo no contexto da abordagem construcional da mudança*. 2024. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16914>. Acesso: 16 jan. 2025.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*, Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511611841>.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486500>.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>.

WHITE, P. R. R. *An introductory tour through appraisal theory*. 2001. Disponível em: <https://www.grammatics.com/appraisal/appraisaloutline/appraisaloutline.doc>. Acesso em: 10 fev. 2025.

**LA CONSTRUCCIÓN CONDICIONAL DE CONTENIDO EN ESPAÑOL CON LA PRÓTASIS [Si (X) FUERE Y]:
UN TRANSPOSITOR CONCEPTUAL DE LA VOZ DE AUTORIDAD PRESCRIPTIVA
MÁS ALLÁ DE LOS DOMINIOS NORMATIVOS**

*A CONSTRUÇÃO CONDICIONAL DE CONTEÚDO DO ESPANHOL COM A PRÓTASE [Si (X) FUERE Y]:
UM TRANSPOSITOR CONCEPTUAL DA VOZ DE AUTORIDADE PRESCRIPTIVA PARA ALÉM DOS DOMÍNIOS NORMATIVOS
THE CONTENT CONDITIONAL CONSTRUCTION IN SPANISH WITH THE PROTASIS [Si (X) FUERE Y]:
A CONCEPTUAL TRANSPOSER OF THE PRESCRIPTIVE AUTHORITATIVE VOICE BEYOND NORMATIVE DOMAINS*

Keren Betsabe González Rodríguez¹

RESUMEN

En este artículo, guiados por el marco teórico de la Gramática de Construcciones Basada en el Uso, presentamos una investigación sobre el uso contemporáneo de la Construcción Condicional de Contenido (CCC_{ONT}) con la prótasis [Si (X) Fuere Y] en las variedades del español de Argentina, Paraguay y Uruguay. Esta unidad simbólica tiene una forma verbal flexionada en el futuro de subjuntivo, tiempo verbal considerado en desuso en el español actual. Seleccionamos datos en dos *subcorpora* del *Corpus del Español (Web/Dialects y Now)*, en los cuales encontramos 205 ocurrencias de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] en géneros discursivos producidos, principalmente, en los ámbitos jurídico, político y periodístico, entre 1967 y 2019. En el estudio, constatamos que esta construcción es marcada y tiene poca frecuencia. Sin embargo, los datos mostraron que la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] es productiva en géneros discursivos normativos (leyes, proyectos de ley, reglamentos, etc.). Además, encontramos instancias de uso de esta construcción en géneros discursivos informativos, explicativos y argumentativos (noticias, artículos de opinión, *blogs* jurídicos, comentarios en sitios *web* jurídicos, etc.), en los cuales la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] funciona como transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva procedente de dominios normativos.

PALABRAS CLAVE: Gramática de construcciones basada en el uso. Construcción condicional de contenido. Futuro de subjuntivo. Lengua española.

RESUMO

Neste artigo, orientados pelo referencial teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso, apresentamos uma pesquisa acerca do uso contemporâneo da Construção Condicional de Conteúdo (CCC_{ONT}) com a prótase [Si (X) Fuere Y], em variedades do espanhol da Argentina, do Paraguai e do Uruguai. Esta unidade simbólica tem uma forma verbal flexionada no futuro do subjuntivo, um tempo verbal considerado em desuso no espanhol atual. Realizamos um levantamento de dados em dois *subcorpora* do *Corpus del Español (Web/Dialects e Now)*, nos quais mapeamos 205 ocorrências da CCC_{ONT} com a prótase [Si (X) Fuere Y] em gêneros do discurso produzidos, principalmente, nos âmbitos jurídico, político e jornalístico, entre 1967 e 2019. No estudo, verificamos que essa construção é marcada e apresenta baixa frequência. Apesar disso, os dados evidenciaram que a CCC_{ONT} com a prótase [Si (X) Fuere Y] é produtiva em gêneros do discurso normativos (leis, projetos de lei, regulamentos etc.). Além disso, encontramos instâncias de uso dessa construção em gêneros do discurso informativos, explicativos e argumentativos (notícias, artigos de opinião, *blogs* jurídicos, comentários em sites jurídicos etc.), nos quais a CCC_{ONT} com a prótase [Si (X) Fuere Y] funciona como transpositor conceptual da voz de autoridade prescriptiva oriunda dos domínios normativos.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), betsabe32@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-4854-3234>.

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Si (X) fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de construções baseada no uso. Construção condicional de conteúdo. Futuro do subjuntivo. Língua espanhola.

ABSTRACT

In this article, guided by the theoretical framework of the Usage-Based Construction Grammar, we present research on the contemporary use of the Content Conditional Construction ($C_{\text{ONT}}\text{CC}$) with the protasis [*Si (X) Fuere Y*], in varieties of Spanish from Argentina, Paraguay, and Uruguay. This symbolic unit features a verb form inflected in the future subjunctive, a tense considered obsolete in modern Spanish. We conducted a data survey in two *subcorpora* of the *Corpus del Español* (Web/Dialects and Now), in which we mapped 205 occurrences of $C_{\text{ONT}}\text{CC}$ with the protasis [*Si (X) Fuere Y*] in discourse genres produced mainly in the legal, political and journalistic spheres, between 1967 and 2019. The study reveals that this construction is marked and has a low frequency. Despite this, the data showed that the $C_{\text{ONT}}\text{CC}$ with the protasis [*Si (X) Fuere Y*] is productive in normative genres (laws, bills, regulations, etc.). In addition, we found instances of use of this construction in informative, explanatory, and argumentative genres (news articles, opinion pieces, legal blog posts, user comments on legal websites, etc.), in which the $C_{\text{ONT}}\text{CC}$ with the protasis [*Si (X) Fuere Y*] works as a conceptual transposer of prescriptive authoritative voice coming from normative domains.

KEYWORDS: Usage-Based construction grammar. Content conditional construction. Future subjunctive. Spanish Language.

1. Introducción

En este trabajo, presentaremos algunos resultados de la investigación de doctorado² sobre el uso contemporáneo de la Construcción Condicional de Contenido (CCC_{ONT}) con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] en las variedades del español de Argentina, Paraguay y Uruguay. Esta construcción compleja tiene una forma verbal flexionada en el futuro de subjuntivo [*Fuere*], tiempo verbal cuya frecuencia de uso ha ido disminuyendo con el tiempo. Según Solomon (2007, p. 419), el uso del futuro de subjuntivo aún se conserva en determinadas regiones geográficamente aisladas, tales como las Islas Canarias (Tenerife y La Palma), ciertas zonas de Panamá, algunas regiones de Colombia (Bolívar, Santander y el norte de Antioquia), el noroeste de Venezuela, así como en áreas específicas de Cuba, República Dominicana, Puerto Rico, Ecuador y México (Sastre Ruano, 1997, p. 40-41 *apud* Solomon, 2007, p. 419).

Otros lingüistas y gramáticos afirman que este tiempo verbal aparece fosilizado en algunas expresiones idiomáticas (“*fuere lo que fuere*”; “*sea cual fuere*”; “*si así no lo hicierais, Dios y la patria os lo demanden*”; “*adonde fueres, haz lo que vieres*”), en textos jurídicos y administrativos (cf. Fukushima, 2015, p. 45-61; Hernández Alonso, 1996 [1984], p. 378-379; Mištinová, 2012, p. 231-243; Rae, 2010, p. 459-460; Rojo; Veiga, 1999, p. 2909-2910). Hernández Alonso (1996 [1984], p. 378-379) considera que las formas flexionadas en el futuro de subjuntivo son inusuales y constituyen “arcaísmos sintácticos”. Por ello, opta por no incluirlo en el paradigma verbal del español contemporáneo.

² Investigación desarrollada en el Programa de Posgrado en Estudios del Lenguaje de la *Universidade Federal Fluminense* (UFF), donde actualmente realizamos el posdoctorado.

Durante las investigaciones, usamos dos *subcorpora* del *Corpus del Español (Web/Dialects y Now)*, en los cuales encontramos diferentes formas verbales flexionadas en el futuro de subjuntivo. En los *subcorpora* de Paraguay, por ejemplo, encontramos 1.087 registros de [Fuere]. Analizando los datos, observamos que esa construcción verbal aparece más frecuentemente en las prótasis de construcciones complejas, como la CCC_{ONT}, un tipo de Construcción Condicional. En los *subcorpora Web/Dialects y Now*, recopilamos 205 ocurrencias de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y], en géneros discursivos normativos (leyes, proyectos de ley, reglamentos, etc.) y en géneros discursivos informativos, explicativos y argumentativos (noticias, artículos de opinión, blogs jurídicos, comentarios en sitios *web* jurídicos, etc.), producidos, sobre todo, en los ámbitos jurídico, político y periodístico, entre 1967 y 2019.

Los datos mostraron que la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] es una construcción muy marcada y con poca frecuencia. Sin embargo, durante el estudio, observamos que la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] es productiva en géneros discursivos normativos. Además, la construcción se utiliza con frecuencia en noticias que citan – de forma directa o indirecta – textos normativos y discursos de autoridades jurídicas, políticas y deportivas. Asimismo, encontramos instancias de uso (constructos, ejemplares) de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] en noticias que remiten -también de manera directa o indirecta- al discurso de enunciadores que no configuran autoridades jurídicas o políticas, pero que hacen referencia al ordenamiento jurídico.

Teniendo en cuenta el marco teórico de la Gramática de Construcciones Basada en el Uso (GCBU) (Croft, 2001; Diessel, 2019; Goldberg, 1995, 2006; Langacker, 1987, 2008), así como los datos recogidos en los *subcorpora del Corpus del Español (Web/Dialects y Now)*, en este artículo presentaremos un estudio, principalmente sincrónico y cualitativo, acerca del uso de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y]. Considerando que el español es la lengua oficial y franca en 21 países, utilizamos un muestreo de conveniencia. Por lo tanto, solo analizamos datos lingüísticos de los *corpora* de Argentina, Paraguay y Uruguay. El objetivo principal de esta investigación es comprobar si esta unidad simbólica funciona como un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva desde los dominios normativos hacia los dominios informativos, explicativos y argumentativos.

En otras palabras, analizaremos la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y], a fin de verificar si dicha construcción evoca esquemas conceptuales contruidos a partir de interacciones socioculturales y discursivas asociadas al ejercicio del poder prescriptivo y de la autoridad. Además, examinaremos el uso de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] en géneros discursivos informativos, explicativos y argumentativos³, con el objetivo de constatar si esta unidad simbólica desplaza cognitivamente la voz de autoridad prescriptiva desde dominios normativos hacia dominios no normativos.

³ En esta investigación, no limitamos la argumentación a una secuencia textual, pues entendemos que también existen géneros discursivos argumentativos en los cuales podemos observar – de forma explícita o implícita – uno o varios puntos de vista. Entre estos textos se incluyen noticias, artículos de opinión, editoriales, artículos científico-académicos, tesis, redacciones de pruebas de admisión a la universidad, peticiones legales, sentencias, entre otros.

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [Si (X) *fuere* Y]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

Tras la introducción, en la sección 2, describiremos la fundamentación teórica de la investigación. En la sección 3, analizaremos los datos que demuestran que la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) *Fuere* Y] funciona como transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos. Por último, presentaremos las consideraciones finales.

2. La estructuración del significado de las unidades simbólicas

La GCBU (Croft, 2001; Diessel, 2019; Goldberg, 1995, 2006; Langacker, 1987, 2008) defiende que el conocimiento lingüístico surge a partir de la experiencia de los usuarios de la lengua con la realidad corpórea, cognitiva y sociocultural. La articulación (interacción) entre el entorno externo y la cognición se produce por medio de procesos cognitivos como la categorización, el *chunking*, la memoria enriquecida, la analogía, entre otros. Estos procesos cognitivos ayudan a conceptualizar la experiencia mediante el uso de construcciones compartidas en interacciones socioculturales y discursivas.

Según la GCBU y otras perspectivas construccionistas, las construcciones configuran binomios convencionales de forma y significado (función). Estos modelos amplían el concepto de signo propuesto por Saussure (2012 [1916]) (cf. Fillmore; Kay; O'Connor, 1988; Diessel, 2019; Marques; Alonso; Pinheiro, 2017). Los construccionistas sostienen que las palabras, los modismos, las colocaciones, las oraciones simples y las compuestas conforman un

[...] *continuum* de unidades simbólicas (Langacker 1987, p. 35; Croft, 2001, p. 19-20), cuya forma – compuesta por propiedades sintácticas, morfológicas y fonológicas – está internamente vinculada al significado convencional – constituido por propiedades semánticas, pragmáticas y discursivo-funcionales –. Esta asociación se produce mediante un nexo (enlace) de correspondencia simbólica (González Rodríguez, 2024, p. 14-15).

En este *continuum* las construcciones establecen diferentes relaciones (taxonómicas, simbólicas, secuenciales, de relleno de *slot*, etc.), configurando una red construccional, en la cual las unidades simbólicas varían en niveles de esquematicidad, productividad, composicionalidad, procesamiento, etc. (cf. Croft, 2001; Diessel, 2019; González Rodríguez, 2022a, 2024; Langacker, 1987, 2008). Véase el cuadro 1:

Cuadro 1: El *continuum* lexicón-sintaxis

Tipos de construcción	Denominación tradicional	Ejemplos
Complejay(mayoritariamente) esquemática	sintaxis	[SUJ <i>be</i> –TIEMPO VERB– <i>en by</i> COMPLIND]
Verbo sustantivo, complejo	Frame(marco)de subcategorización	[SUJ <i>consume</i> (consumir) COMPLDIR]
Complejay(mayoritariamente) sustantiva	modismo	[<i>Kick</i> –TIEMPO <i>the bucket</i>]
Compleja, pero unida	morfología	[NOMBRE-s, VERBO –TIEMPO]
Atómica y esquemática	Categoría sintáctica	[DEM], [ADJ]
Atómica y sustantiva	Palabra / lexicón	[<i>this</i> (este)], [<i>green</i> (verde)]

Fuente: Cuadro propuesto por Croft y Cruse (2004, p. 255) (traducción de González Rodríguez, 2024, p. 14).

Con respecto a la relación simbólica que se establece entre la forma y el significado de una construcción, Diessel (2019, p. 90) afirma que dicho vínculo se configura mediante procesos cognitivos asociados a la conceptualización y a la cognición social (inferencia pragmática). La conceptualización abarca diversos procesos cognitivos, como la metáfora, la metonimia, la deixis, la perspectiva, la figura-fondo, etc. Para comprender cómo se estructura el significado de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y], en el presente trabajo, nos centraremos en los procesos de conceptualización figura-fondo (perfil-base) y deixis, articulados con la cognición social (inferencia pragmática). De este modo, podremos entender cómo esta construcción desplaza cognitivamente la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos.

Los cognitivistas y los construccionistas adoptan la Teoría de la *Gestalt* propuesta por Koffka (1935), con la finalidad de analizar de qué manera se organiza conceptualmente el significado de las construcciones. Teniendo en cuenta el proceso figura-fondo, las unidades simbólicas se entienden como figuras que evocan una o varias estructuras cognitivas (*frames*, dominios, espacios mentales, modelos de contexto), las cuales constituyen el fondo de dichas construcciones. Los esquemas conceptuales están moldeados por la experiencia humana y se interrelacionan en una red conceptual. Por lo tanto, las estructuras cognitivas configuran segmentos del conocimiento del mundo de los usuarios (conocimiento enciclopédico), los cuales se activan a través de unidades simbólicas en diferentes contextos sociointeraccionales y culturales (cf. Fillmore, 1982; Fauconnier 1994 [1985], 1997; Langacker, 1987, 2008)

Con respecto al *frame*, Fillmore (1982, p. 111) señala que este modelo cognitivo constituye un sistema integrado por conceptos interrelacionados. Es decir, el significado de un concepto está vinculado a los demás conceptos que conforman el *frame*. Por ello, cuando uno de los conceptos de esta estructura se introduce en un enunciado, todos los demás se activan automáticamente. Langacker (2008, p. 46-47) afirma que el *frame* es similar al dominio, ya que ambos esquemas conceptuales corresponden a estructuras cognitivas no básicas. Estos modelos cognitivos se construyen a partir de experiencias sensoriales, intelectuales, estáticas, dinámicas, fijas, nuevas, simples y complejas, y ocupan los niveles superiores de la organización conceptual. Así, los dominios no básicos o *frames* incluyen tanto:

[...] instancias de experiencias inmediatas de tipo sensorial, emotivo y motor/quinesésico (por ejemplo, la sensación de humedad, el miedo o el acto de inflar un globo), como los productos abstractos derivados de operaciones intelectuales (por ejemplo, conceptos como JUSTICIA, VERTEBRADO o PROMEDIO DE BATEOS en un partido de béisbol). Además, se incluyen los conceptos que se manifiestan instantáneamente en el nivel de conciencia (por ejemplo, la imagen de un círculo), así como escenarios complejos que solo podemos conceptualizar etapa por etapa durante el tiempo de procesamiento (como el paso a paso de una receta compleja). No se requiere que un dominio no básico sea fijo, establecido o reconocido convencionalmente. La aprehensión del contexto situacional puede considerarse un dominio cognitivo, al igual que el discurso precedente.

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Si (X) fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

Los dominios no básicos varían considerablemente en su grado de complejidad conceptual. Estos abarcan desde conceptos simples (por ejemplo, ROJO), hasta conceptos más elaborados (como la configuración del cuerpo humano), e incluso sistemas complejos de conocimiento (como todo lo que sabemos sobre el béisbol) (Langacker, 2008, p. 45, traducción nuestra)⁴.

Langacker (2008, p. 43-54) subraya que, además de las estructuras cognitivas no básicas, existen dominios que ocupan niveles inferiores en la taxonomía conceptual. El lingüista sostiene que el término dominio es más amplio que *frame*, ya que también incluye esquemas conceptuales básicos. Estos dominios constituyen modelos cognitivos más generales, moldeados por experiencias sensoriales, perceptivas, motoras y corporales (vista, oído, olfato, espacio, tiempo, movimiento, materialidad corporal, etc.). Al estar situados en niveles inferiores de la taxonomía conceptual, a partir de los dominios básicos pueden surgir estructuras cognitivas más específicas y no básicas.

Al analizar el término dominio, observamos que este concepto coincide con el de espacio mental propuesto por Fauconnier (1994 [1985], 1997). Este estudioso considera que los espacios mentales configuran modelos cognitivos del discurso, los cuales están estructurados por *frames* y otros esquemas conceptuales disponibles en la cognición de los usuarios. Fauconnier (1994 [1985], 1997) señala que los espacios mentales son estructuras cognitivas parciales y locales, construidas en el discurso. Esto significa que los espacios mentales se evocan por medio de las construcciones durante la organización cognitiva y discursiva de los enunciados y de los géneros discursivos. El proceso de activación de estos esquemas conceptuales se produce de forma dinámica, a través del proceso cognitivo figura-fondo. Por lo tanto, los espacios mentales son figuras perfiladas por el fondo, el espacio mental base – el cual corresponde a la conceptualización de la realidad y al momento de la enunciación –. Consecuentemente, esos espacios mentales funcionan como el fondo a partir del cual se estructura el significado de las construcciones (figuras).

En el discurso, esta dinámica de proyección entre modelos conceptuales también se efectúa por medio de la deixis, otro proceso cognitivo asociado a la conceptualización (cf. Diessel, 2019, p. 27-30). Mediante este proceso, los enunciadores pueden activar, por ejemplo, espacios mentales pretéritos o futuros, así como espacios mentales creados en enunciados anteriores o que anticipan discursos posteriores. La deixis también posibilita la referenciación tanto de entidades discursivas y cognitivas ya mencionadas y activadas, como la de entidades que aún aparecerán en el discurso y en los espacios mentales contruidos *a posteriori*.

⁴ [...] *instances of immediate sensory, emotive, and motor/kinesthetic experience (e.g. the sensation of wetness, of being afraid, or of blowing up a balloon), as well as the abstracted products of intellectual operations (e.g. concepts like JUSTICE, VERTEBRATE, and BATTING AVERAGE). Also included are conceptions manifested instantaneously at the level of conscious awareness (e.g. the image of a circle), as well as elaborate scenarios that we can only conceptualize stage by stage through processing time (like the successive steps in a complicated recipe). There is no requirement that a nonbasic domain be fixed, established, or conventionally recognized. Apprehension of the situational context thus qualifies as a cognitive domain, as does the previous discourse.*

Nonbasic domains vary greatly in their degree of conceptual complexity. They range from minimal concepts (e.g. RED), to more elaborate conceptions (like the configuration of the human body), to entire systems of knowledge (such as everything we know about baseball) (Langacker, 2008, p. 45).

Los conceptos de *frame* (Fillmore, 1982), dominio (Langacker, 1987, 2008) y espacio mental (Fauconnier, 1994 [1985], 1997) se relacionan de alguna manera, ya que se refieren a modelos cognitivos que son evocados por unidades simbólicas organizadas en redes discursivas. Estas estructuras cognitivas están vinculadas conceptualmente a esquemas más amplios, formando una matriz (cf. Langacker, 1987, p. 147, 2008, p. 44), la cual configura conjuntos o redes de esquemas conceptuales

En la organización conceptual, algunas estructuras cognitivas se ubican en niveles superiores. Esto significa que configuran esquemas conceptuales evocados por una construcción dentro de un alcance (ámbito) inmediato (cf. Langacker, 2008, p. 62-65). De este modo, la relación entre figura y fondo tiene un mayor grado de especificidad y *framing* (encuadre). Por otro lado, las estructuras cognitivas situadas en los niveles inferiores de la taxonomía conceptual son activadas por unidades simbólicas dentro de un ámbito menos inmediato o, incluso, dentro de un alcance máximo (cf. Langacker, 2008, p. 62-65). Por lo tanto, la relación perfil-base puede presentar una gradación que va desde lo más específico (alcance inmediato) hasta lo más genérico (alcance máximo).

A partir de lo expuesto anteriormente, podemos observar que el concepto de dominio es más amplio, puesto que se refiere a esquemas conceptuales básicos y coincide con el concepto de *frame*, cuando se trata de estructuras cognitivas no básicas y más específicas. Además, el concepto de dominio es similar al de espacio mental, ya que también se utiliza en el análisis de modelos conceptuales relacionados mediante la metaforización. Esto puede verificarse en los trabajos sobre Construcciones Condicionales de Dancygier (1998), Dancygier y Sweetser (2005) y Sweetser (1990).

Estas estudiosas consideran que los dominios epistémico e ilocutivo (de enunciación) son extensiones metafóricas del dominio de contenido, el cual corresponde a la conceptualización de la experiencia corpórea y sociocultural de los usuarios. Además, al igual que el concepto de espacio mental, el de dominio también puede utilizarse para referirse a las estructuras cognitivas construidas en el discurso. Para ilustrarlo, observemos que las formas verbales del pretérito indefinido de indicativo “compré” y “comí” evocan un dominio básico, el dominio temporal, el cual se activa a partir del dominio base (el dominio de la realidad y el dominio de enunciación). Por lo tanto, estas construcciones verbales tienen la función de activar el dominio temporal en situaciones comunicativas que evocan el pasado.

Aunque dominio y espacio mental sean términos similares, Langacker (2008, p. 51) afirma que estos conceptos difieren en la manera como se analiza la estructura cognitiva. El lingüista señala que el término dominio suele emplearse cuando se observa la unidad y la coherencia interna de un concepto, teniendo en cuenta las relaciones que se establecen entre el contenido conceptual y los significados léxicos. En cuanto al espacio mental, Langacker (2008, p. 51) sostiene que dicho término se utiliza, por lo general, para analizar las discontinuidades conceptuales, así como para estudiar la fragmentación de la estructura conceptual en regiones semiautónomas. Asimismo, el concepto de espacio mental se emplea para referirse tanto a productos resultantes de operaciones imaginativas como a estructuras creadas dinámicamente en el discurso.

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Si (X) fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

Considerando que las estructuras cognitivas son conceptualizaciones de la experiencia humana (corporal, mental, sociocultural, etc.), podemos entender que, así como los espacios mentales son esquemas cognitivos creados en el discurso, la aprehensión del contexto situacional también puede constituir un modelo conceptual (cf. Langacker, 2008, p. 45). Según Van Dijk (2016, 2018 [2008], 2020 [2011]), estas estructuras cognitivas son conceptualizaciones de situaciones interactivas socioculturales y de conocimientos del mundo compartidos. Por lo tanto, son modelos de contexto que forman parte del *common ground* (terreno común), mediante procesos vinculados a la cognición sociocultural.

Una de las formas de materializar los esquemas conceptuales de los contextos es por medio del discurso (oral, escrito, multimodal). De acuerdo con Bakhtin (Bajtín) (2011 [1979])⁵, el discurso puede organizarse en géneros discursivos, los cuales son producidos por los usuarios teniendo en cuenta las especificidades de diferentes ámbitos socioculturales, históricos, políticos, económicos, etc. Este estudioso afirma que los géneros discursivos son “tipos relativamente estables de enunciados” (Bakhtin, 2011 [1979], p. 262) y tienen una finalidad comunicativa. Dependiendo del contexto socio-interactivo y cultural, los usuarios utilizan construcciones más adecuadas a un género discursivo específico, con el objetivo de cumplir su función comunicativa. De este modo, podemos comprender que, así como las construcciones, los géneros discursivos constituyen binomios de forma y significado (función).

Para entender la estructuración del significado de una construcción en el discurso, debemos considerar la articulación entre las propiedades del polo formal – fonológicas, morfológicas y sintácticas – y las del polo del significado – semánticas, pragmáticas y discursivo-funcionales –. En consecuencia, podemos observar que la adquisición, el aprendizaje y el uso de unidades simbólicas y de géneros discursivos se produce mediante procesos de conceptualización vinculados a procesos de cognición sociocultural, dado que conforman el conocimiento enciclopédico de los usuarios, el cual ayuda tanto en la producción como en la comprensión del lenguaje (cf. Diessel, 2019; Tomasello, 2019 [1999]; Van Dijk, 2016, 2018 [2008], 2020 [2011]).

En cuanto a la cognición social (y cultural), Diessel (2019, p. 25-27) afirma que este proceso está vinculado a la inferencia pragmática. Además, considera que la atención conjunta, el terreno común y la definición de la audiencia (*audience design*) son procesos cognitivos fundamentales para la configuración de la cognición sociocultural. La atención conjunta está relacionada con la naturaleza triádica de las situaciones interactivas (Tomasello, 2019 [1999], p. 85-96), en las que intervienen los interlocutores y un foco de atención compartido. Este puede ser un objeto, un acontecimiento o una escena relacionada con la situación comunicativa, o bien un concepto evocado por el discurso precedente (Diessel, 2019, p. 25-27).

⁵ En esta investigación, adoptamos los supuestos bakhtinianos (bajtinianos) (Bakhtin, 2011 [1979]), pues entendemos que la perspectiva sociocultural e histórica de los géneros discursivos dialoga con los planteamientos de la GCBU, la cual defiende que la experiencia humana moldea de manera continua el conocimiento lingüístico. Por lo tanto, consideramos que, los géneros discursivos materializan los discursos y configuran redes discursivas compuestas por unidades simbólicas, las cuales representan la conceptualización de las experiencias socioculturales e históricas de los usuarios.

El terreno común está vinculado a la atención conjunta. Ese proceso cognitivo abarca conocimientos, creencias, valores, intenciones, costumbres, normas, comportamientos y otros aspectos social y culturalmente compartidos (cf. Diessel, 2019; Tomasello, 2019 [1999]; Van Dijk, 2016, 2018 [2008], 2020 [2011]). Por lo tanto, el terreno común configura el fondo a partir del cual se construyen estructuras cognitivas como *frames*, dominios, espacios mentales y modelos de contexto. El conocimiento compartido y la atención conjunta están intrínsecamente relacionados con la definición de la audiencia – un proceso cognitivo que permite evaluar el conocimiento del mundo (personal y sociocultural) de los usuarios –. De esta manera, los enunciadorees pueden elaborar su discurso teniendo en cuenta la información necesaria para que sus interlocutores comprendan su finalidad comunicativa en una situación concreta. Así pues, por medio de la cognición sociocultural se configura el aspecto intersubjetivo del conocimiento lingüístico (Tomasello, 2019 [1999], p. 298).

Considerando las discusiones planteadas hasta el momento, podemos constatar que la articulación entre la conceptualización y la cognición sociocultural moldea las relaciones simbólicas de las construcciones, en la medida en que dichos procesos cognitivos estructuran las propiedades semánticas, pragmáticas y discursivo-funcionales de las unidades simbólicas usadas en diferentes interacciones comunicativas. Por lo tanto, la conceptualización del contexto situacional, sociocultural y discursivo – basada en la experiencia de los usuarios – auxilia en el proceso de inferencias pragmáticas, así como en la comprensión del significado de las construcciones que conforman un enunciado.

Debido a cuestiones teóricas y metodológicas, en este artículo utilizaremos *frame* para referirnos a una *gestalt* conceptual más limitada. Esto significa que la estructura cognitiva involucra conceptos de figura más específicos y uno o más conceptos de fondo (cf. Diessel, 2019, p. 96-99). Emplearemos dominio para referirnos a modelos de conocimiento más amplios, los cuales se componen de *frames*. Como tienen un alcance máximo, los dominios pueden ser más abstractos y más complejos. Por esta razón, la relación entre el perfil y la base no es tan explícita (cf. Diessel, 2019, p. 96-99; Langacker, 2008, p. 46-47). Asimismo, adoptaremos el concepto de espacio mental propuesto por Fauconnier (1994 [1985], 1997) para analizar estructuras cognitivas más dinámicas, las cuales permiten la construcción de extensiones metafóricas a partir del espacio mental de la realidad, así como la creación de espacios mentales a partir del espacio mental de la enunciación.

3. La CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

Según González Rodríguez (2022a, b), en el polo formal, la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] se caracteriza por tener un patrón no marcado [*Si (X) Fuere Y Q_{CONT}*] y otro marcado [*Q_{CONT} Si (X) Fuere Y*]. Además, el *slot* [(X)] puede llenarse con uno o más grupos nominales (GN), los cuales funcionan como sujeto explícito. En algunos constructos, el *slot* [(X)] aparece vacío, configurando un sujeto implícito. Cuando esto ocurre, la función deíctica personal se limita a la forma verbal [*Fuere*], la cual tiene una función deíctica temporal futura. Con respecto al *slot* [Y], los datos mostraron que diferentes grupos sintácticos – GN, grupo adjetival (GA_{DJ}) y grupo preposicional (GP) – pueden ocupar este espacio. También observamos que, en posición preverbal, el *slot* [Y] está ocupado por el clítico *lo*.

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Si (X) fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

Con respecto al polo del significado (función), González Rodríguez (2022a, b) señala que la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] activa tanto el dominio de contenido como los *frames* copulativo, de condición suficiente y de no asertividad. Esto muestra una correspondencia semántica entre la CCC_{ONT} y la prótasis [*Si (X) Fuere Y*], ya que ambas construcciones evocan los *frames* de condición suficiente y de no asertividad, los cuales funcionan como fondo a partir del cual se construye el espacio mental de no asertividad activado por la apódosis. En la CCC_{ONT} [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*] o [*Q_{CONT} Si P_{CONT}*], se suspende la asertividad de los esquemas construccionales que ocupan el *slot* [*Q_{CONT}*], puesto que la prótasis [*Si P_{CONT}*] funciona como condición suficiente para la apódosis. Asimismo, González Rodríguez (2022a, b) afirma que, en la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*], también se establece una correspondencia semántica entre la forma verbal [*Fuere*] y la prótasis [*Si (X) V_{COP} Y*], dado que [*Fuere*] construye un espacio mental futuro asociado al *frame* de no asertividad.

Además de los aspectos morfosintácticos y semánticos, la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] tiene propiedades pragmáticas y discursivo-funcionales asociadas a la función cognitiva de desplazar la voz de autoridad prescriptiva de los dominios normativos a los no normativos.

En los *subcorpora Web/Dialects* y *Now*, encontramos un total de 205 ocurrencias de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] en distintos géneros discursivos producidos en diferentes ámbitos discursivos y socioculturales. A partir del análisis de los datos, mapeamos 129 ejemplares en géneros discursivos normativos y 76 en géneros discursivos no normativos. A continuación, véase la tabla 1 con la distribución de ocurrencias por ámbito sociocultural y discursivo, género discursivo y país:

Tabla 1: Datos encontrados en diferentes ámbitos socioculturales y discursivos, y en géneros discursivos normativos y no normativos

Ámbitos socioculturales y discursivos	Géneros discursivos (GD)	Argentina	Paraguay	Uruguay	Datos totales por DG	Datos totales por ámbito	Total
Legal / Político (Legislativo / Ejecutivo)	Constitución	0	5	0	5	137	205
	Leyes	47	55	3	105		
	Proyectos de ley	0	2	0	2		
	Decreto	3	0	0	3		
	Resolución	5	0	0	5		
	Reglamento de un consejo de administración gubernamental	0	1	0	1		
	Monografía	2	0	0	2		
	Artículos de sitios web jurídicos / Políticos	2	0	1	3		
	Artículos de blogs	2	5	2	9		
	Comentarios en blogs jurídicos	1	0	0	1		
	Glosario	1	0	0	1		

Ámbitos socioculturales y discursivos	Géneros discursivos (GD)	Argentina	Paraguay	Uruguay	Datos totales por DG	Datos totales por ámbito	Total
Periodístico	Noticias	45	5	3	50	55	
	Artículo de opinión	0	1	0	1		
	Editorial	0	1	0	1		
	Comentario en un periódico	2	0	0	2		
	Condiciones de uso de un periódico digital	1	0	0	1		
Religioso	Comentario en un blog	1	0	0	1	1	
Contable	Resolución técnica	4	0	0	4	4	
Deportivo	Comentario en un blog	0	0	1	1	3	
	Reglas de un torneo de fútbol	0	1	0	1		
	Comentario en la página web de un equipo de fútbol	1	0	0	1		
Empresarial/ Comercial	Reglas para recibir un premio	0	1	0	1	1	
Educativo	Estatuto del estudiante	0	1	0	1	1	
Filosófico	Artículo de blog	1	0	0	1	1	
Historia	Artículo de blog	1	0	0	1	1	
Cultural	Mito/Leyenda	1	0	0	1	1	

Fuente: Elaboración propia a partir de los datos recogidos en los *subcorpora Web/Dialects y Now*.
(Argentina, Paraguay y Uruguay, 1967-2019)

Con base en la distribución de las 205 ocurrencias de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y], podemos constatar que esta construcción es más frecuente en géneros discursivos normativos que circulan, principalmente, en las esferas jurídica y política. Además, encontramos que esta unidad simbólica también es frecuente en géneros discursivos no normativos producidos, en su gran mayoría, en el ámbito periodístico.

El análisis de las instancias de uso de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] mostró que, dado el contexto, esta unidad simbólica puede funcionar como transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos. Esto quiere decir que esta construcción puede desplazar cognitivamente la voz de autoridad prescriptiva de los ámbitos jurídico y político al ámbito periodístico, por ejemplo. De las 76 ocurrencias mapeadas en géneros discursivos no normativos, 65 constructos de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] tienen esta función.

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [Si (X) Fuere Y]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

Para comprender cómo funciona este proceso cognitivo – el cual está vinculado a las propiedades pragmáticas y discursivo-funcionales de la CCC_{ONT} con la prótasis [Si (X) Fuere Y] – a continuación, presentaremos algunos análisis acerca del uso de esta unidad simbólica fuera de los géneros discursivos normativos.

- (1) [...] De acuerdo a los chats a los que accedieron los colorados oficialistas, en un intercambio de mensajes, la legisladora Masi consulta a Acevedo cuánto cuesta la contratación de un sicario, en abierta alusión a la persona del jefe de Estado. El caso fue denunciado por el asesor de Yacypretá, Luis Canillas, ante la Fiscalía. # Guerrero aclaró que si los legisladores se niegan a entregar sus aparatos celulares, esa instancia judicial recurrirá a sus pares de los Estados Unidos para llegar a obtener la información que necesita. “**Si no fuere factible, recurriremos a otros medios (a fiscales norteamericanos)**”, que también ya veníamos considerando con la defensa, en el sentido de peticionar los datos a la proveedora de ese servicio Whatsapp, que es Facebook, a través de Asuntos Internacionales, vía Cancillería”, explicó. # Alegó que el objetivo de la solicitud es confrontar el contenido de los celulares con la información que se tiene en el teléfono evidencia, cuya extracción de datos ya se tiene. “Es una de las formas de acreditar o [...] (Subcorpus Now, Paraguay, 2017, negrita y subrayado nuestros).

El ejemplo (1) es un fragmento de una noticia publicada el 15 de febrero de 2017 en el diario digital paraguayo *La Nación*. En esta noticia se informa sobre el plazo establecido por la Fiscalía para que algunos senadores entreguen voluntariamente sus teléfonos móviles. El objetivo de esta prórroga es continuar con la investigación sobre un supuesto complot para asesinar al Presidente de la República. En esta noticia se establece una interdiscursividad entre las esferas jurídica, política y periodística, ya que el redactor del texto se refiere – de manera directa o indirecta – al discurso jurídico y político, ya sea para situar y presentar los hechos o para señalar uno o varios puntos de vista y, por consiguiente, persuadir a los lectores mediante el uso de argumentos de autoridad.

Este mecanismo de citar – directa o indirectamente – textos producidos en otras esferas socioculturales y discursivas les permite a los usuarios desplazar esquemas cognitivos entre dominios. En (1), notamos que al informar – de modo directo e indirecto – sobre el discurso de una autoridad estatal, el redactor de noticias toma decisiones discursivas, con la finalidad de instaurar los dominios jurídico y político. Por lo tanto, se realiza un desplazamiento conceptual de la voz de autoridad prescriptiva de estos dominios normativos al dominio periodístico. Esto es posible gracias a procesos de cognición sociocultural como la definición de la audiencia y el terreno común.

La estrategia argumentativa y persuasiva asociada al desplazamiento cognitivo y discursivo de la voz de autoridad prescriptiva entre dominios también puede observarse en el discurso del fiscal Guerrero. A partir del discurso de esta autoridad estatal – citado directa e indirectamente –, el periodista les informa a sus interlocutores acerca de las medidas institucionales y coercitivas que este agente público tomará para obligar a los legisladores a entregar los teléfonos celulares en caso de que no cooperen con las investigaciones. En su pronunciamiento, el fiscal Guerrero emplea una instancia

de uso la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*], a través de la cual activa el dominio de contenido asociado a los *frames* copulativo, de condición suficiente y de no asertividad.

A partir de estas estructuras cognitivas, los usuarios pueden construir los espacios mentales hipotético y bicondicional vinculados a los dominios jurídico y político. En esos espacios mentales, es posible localizar un espacio mental imperativo y otro no imperativo. En el primero, se confirma la hipótesis, es decir, los congresistas no entregan sus teléfonos voluntariamente. En consecuencia, la Fiscalía paraguaya, en cumplimiento de su deber legal y constitucional, le solicitará a la Fiscalía estadounidense el acceso a los datos de los senadores disponibles en *WhatsApp*. Por otro lado, en el espacio mental no imperativo, la hipótesis es refutada. Es decir, los senadores cumplen con la orden de la Fiscalía paraguaya. Por ello, no será necesario recurrir a otras vías legales para obligar a los congresistas a entregar sus teléfonos móviles.

Teniendo en cuenta los esquemas cognitivos mencionados en el párrafo anterior, podemos observar que el constructo de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] también crea espacios mentales de poder y de autoridad prescriptiva, más específicamente, espacios mentales de poder y de autoridad legal y constitucional. La construcción de estos espacios mentales es posible gracias a la cognición sociocultural de los usuarios que comparten conocimientos sobre las funciones del Ministerio Público paraguayo – una institución legitimada por el Estado para ejercer sus poderes de fiscalización e investigación, a fin de garantizar la protección del orden legal y constitucional (cf. Paraguay, 1992, cap. III, seq. IV, art. 266-272) –.

Los esquemas conceptuales evocados por la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] también pueden ser activados por la CCC_{ONT}, cuando el *slot* [V] de la prótasis es ocupado por una forma verbal en el presente de indicativo. Esto puede comprobarse en el ejemplo (1), en el que mapeamos una instancia de uso de esta construcción en el discurso del redactor de noticias, el cual cita indirectamente el discurso del fiscal Guerrero: “[...] si los legisladores **se niegan** a entregar sus aparatos celulares, esa instancia judicial recurrirá a sus pares de los Estados Unidos para llegar a obtener la información que necesita [...]”.

En el español contemporáneo, el uso de formas del presente de indicativo en la prótasis de la CCC_{ONT} es más productivo que el uso de formas verbales del futuro de subjuntivo (cf. González Rodríguez, 2022a, b). Aunque estas formas marcadas tengan una frecuencia de ocurrencias menor, a partir de los datos recogidos en los *subcorpora Web/Dialects* y *Now*, encontramos que la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] – cuyo *slot* [V] es ocupado por una forma verbal del futuro de subjuntivo – es productiva en los géneros discursivos normativos, especialmente en los que circulan en los ámbitos jurídico y político. En virtud de esto, consideramos que el uso de esta construcción marcada en las esferas no normativas instauro dominios normativos, así como espacios mentales de poder prescriptivo y de autoridad.

Con base en el análisis de los datos, constatamos que, en los géneros no normativos, la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] aparece tanto en el discurso citado – de manera directa e indirecta – de

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Si (X) fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

autoridades estatales (ejemplo 1), como en el discurso referido – también de modo directo e indirecto – de una autoridad jurídica del ámbito privado. Para ilustrarlo, véase el siguiente ejemplo:

- (2) [...] parcelas con servicios incluidos y de forma gratuita, se afrontaba un proceso judicial que significaba una suma millonaria para el erario público. # Tiempo Sur dialogó con el abogado Javier Pérez Gallart, propietario, quien criticó que el proyecto presentado por el hijo del Intendente de Piedra Buena, “no llegó a tener más de dos semanas de estado parlamentario y un día de tratamiento en comisiones”. # Preciso que “lo que nosotros, la familia cuestiona, es que los argumentos centrales, la falta de tierra en Piedra Buena no es cierta hoy y **si lo fuere en el futuro podríamos cederle al municipio** como se realizó este año una porción razonable del lote y eso les resolvería la cuestión” indicó en sintonía con el planteo del jefe de la bancada radical. # En cambio por vía de la expropiación, “eventualmente el municipio podría tener la posesión del inmueble y si quiere entrega lo a quien le plazca, pero no van a tener la posibilidad de otorgar la transferencia de dominio, hasta el final del proceso expropiatorio, que puede [...] (*Subcorpus Now*, Argentina, 2014, negrita y subrayado nuestros).

El ejemplo (2) es un extracto de una noticia publicada el 21 de diciembre de 2014 en el diario digital argentino *Tiempo Sur*. Esta noticia trata sobre un polémico proyecto de ley, por medio del cual pretenden expropiar tierras privadas en el municipio de Piedra Buena. En ese momento, el proyecto ya había sido sancionado por la legislatura y estaba a la espera de su promulgación por parte del poder ejecutivo para convertirse en ley. Por lo tanto, observamos que los dominios jurídico y político son evocados y asociados al dominio periodístico. Además, en (2), el redactor de noticias cita el discurso de una autoridad jurídica – el abogado Javier Pérez Gallart – la cual, por medio del ejemplar de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] activa el dominio de contenido vinculado a los *frames* copulativo, de condición suficiente y de no asertividad.

Esta red conceptual sirve de espacio base para la construcción de un espacio mental de distanciamiento epistémico probable. Este espacio mental está vinculado al espacio mental modalizador activado por la apódosis, cuyo *slot* [V] está ocupado por una perífrasis verbal constituida por una forma verbal del condicional simple de indicativo “podríamos”. A partir de las estructuras cognitivas mencionadas, asociadas a los dominios jurídico y político, se construye un espacio mental permisivo en el que se ubica el evento relacionado con la posibilidad de que el propietario, el abogado Javier Pérez Gallart, y su familia cedan su propiedad a la municipalidad en caso de escasez de tierras en Piedra Buena.

Además de los esquemas conceptuales citados, observamos que el uso de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] crea espacios mentales de poder y de autoridad prescriptiva, dado que el usuario, aparte de tener los derechos de propiedad y de posesión del terreno mencionado en el ejemplo (2), también actúa como representante legal en los procesos relacionados con dicha propiedad. Por esta razón, el abogado Javier Pérez Gallart está legitimado por el Estado para ejercer la potestad de proteger los derechos de su propiedad, ya sea por vía judicial o extrajudicial. Por lo tanto, este

profesional del derecho puede establecer términos y condiciones en los acuerdos firmados con particulares o empresas, ya sean públicas o privadas, en defensa de sus derechos.

A partir del análisis de los ejemplos (1) y (2), verificamos que, en ciertos contextos discursivos, la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] funciona como un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva. Asimismo, observamos el uso de esta construcción con dicha función tanto en artículos de *blogs* y de páginas *web* jurídicas (ejemplo 3), como en un comentario de un *blog* jurídico (ejemplo 4) y en un glosario jurídico (ejemplo 5):

- (3) [...] sociedad comercial se otorgará en escritura pública o privada. Aplicando esta norma, si la sociedad anónima se constituye por acto único, los fundadores podrán extender una escritura pública o privada. Si se constituye en forma sucesiva, el acta de la asamblea se ha de recoger, normalmente, en un documento privado. Una vez cumplidas las publicaciones, la sociedad anónima adquiere regularidad. Hasta ese instante era una sociedad anónima en formación. **Después de obtenida la regularidad, le quedan algunos pasos a cumplir en el legajo que lleva la Auditoría Interna de la Nación, si fuere una sociedad anónima abierta** (art. 418 modif. por Ley Orgánica Registral n° 16.871 de 1997). Advertimos que, si durante el complejo proceso de constitución, marcado por etapas a cumplir en plazos determinados, no se cumpliera en tiempo con alguna de ellas, la sociedad deviene irregular. En rigor, no se trata de una constitución por un único acto, puesto que la constitución regular de la sociedad anónima implica el cumplimiento de una serie de trámites y etapas, caracterizados por la fijación de plazos [...] (*Subcorpus Web/Dialects*, Uruguay, 2019, negrita y subrayado nuestros)
- (4) [...] SEGURIDAD SOCIAL le corresponderá fijar y publicar el promedio resultante, juntamente con las escalas salariales de cada Convenio Colectivo de Trabajo. Para aquellos trabajadores excluidos del convenio colectivo de trabajo el tope establecido en el párrafo anterior será el del convenio aplicable al establecimiento donde preste servicios o al convenio más favorable, en el caso de que hubiera más de uno. Para aquellos trabajadores remunerados a comisión o con remuneraciones variables, **será de aplicación el convenio al que pertenezcan o aquel que se aplique en la empresa o establecimiento donde preste servicios, si éste fuere más favorable**. El importe de esta indemnización en ningún caso podrá ser inferior a UN (1) mes de sueldo calculado sobre la base del sistema establecido en el primer párrafo. Preaviso El contrato de trabajo no podrá ser disuelto por voluntad de una de las partes, sin previo aviso, o en su defecto, indemnización además de la que corresponda al trabajador por su antigüedad en el empleo, cuando el contrato se disuelva por voluntad del empleador. El preaviso, cuando las partes no [...] (*Subcorpus Web/Dialects*, Argentina, 2011, negrita y subrayado nuestros).
- (5) [...] cada uno pudiendo exigir el total de lo debido. Pasiva, si la fue contraída por varios codeudores y, cada uno, obligado a satisfacer todo lo que se debe y liberar, con el pago, a los demás. Derecho real en virtud del cual una cosa se encuentra sometida a la voluntad y la acción de una persona. Así, resulta inherente a la propiedad el derecho

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

de poseer la cosa, de disponer o de servirse de ella, de usar la, de gozar la conforme a un ejercicio regular y, **si él no fuere abusivo, no se lo restringe**. (2506, 2513 y 2514=Cód. Civ). Derecho de propiedad que recae sobre dos o más personas por sus partes indivisas sobre bienes tanto muebles como inmuebles. Es el dominio compartido por más de un sujeto en que, cada uno, podrá ejercer, respecto de una parte indivisa, los derechos inherentes al dominio en un todo de acuerdo a la índole de cada cuota. Por ellas se entiende gastos que demanda la administración de un inmueble como [...] (*Subcorpus Web/Dialects*, Argentina, sin fecha, negrita y subrayado nuestros).

También observamos ejemplos de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] en el discurso de usuarios que no constituyen autoridades jurídicas ni políticas. En algunos casos, dicha construcción es empleada por el redactor de una noticia que informa sobre el ordenamiento jurídico y constitucional:

- (6) [...] de servicios, la naturaleza de dicha prestación, los sueldos percibidos y los aportes y contribuciones efectuados a los organismos de seguridad social. # Entonces, puede suceder que todo esté perfectamente bien o, en su defecto que: # – El empleador no haga entrega efectiva del documento. En este caso, **el empleado tiene las puertas abiertas para reclamar una multa consistente en la suma de tres salarios tomando como tal a la mejor remuneración mensual, normal y habitual percibida por él durante el último año o durante el tiempo de prestación de servicios, si éste fuere menor**. # – La compañía entregue el certificado pero lo haga de manera deficiente, en cuyo caso el dependiente podría llegar a argumentar que la relación no está correctamente registrada, lo que implicaría una duplicación en la indemnización. # – El propio trabajador se niegue a recibir los mencionados certificados argumentando alguna falta u omisión en el registro de la relación llevado a cabo por la firma. En ese caso, el empleador tiene que tomar cartas en el asunto para evitar una onerosa condena judicial [...]. (*Subcorpus Now*, Argentina, 2014, negrita y subrayado nuestros).

El ejemplo (6) es un fragmento de una noticia publicada el 25 de febrero de 2014 en el diario digital argentino *Iprofesional*. El texto expone temas relacionados con los derechos laborales. En este sentido, establece una relación interdiscursiva con textos producidos en los ámbitos jurídico y político. El autor de la noticia fundamenta su discurso citando leyes laborales, de modo directo e indirecto. Esta estrategia argumentativa y persuasiva permite evocar los espacios mentales de poder y de autoridad prescriptiva, propios de los ámbitos jurídico y político, dentro del ámbito periodístico. La argumentación y la persuasión se ven reforzadas por el uso de ejemplares de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*], ya que esta construcción es marcada y frecuente en los textos legales. Al observar la instancia de uso de esta construcción, los usuarios la asocian con las esferas jurídica y política, puesto que las formas verbales del futuro de subjuntivo son productivas en estos ámbitos. Consecuentemente, se produce un desplazamiento cognitivo de la voz de autoridad prescriptiva de los dominios normativos al dominio periodístico.

En un fragmento de una noticia que cita indirectamente el discurso de una institución deportiva también identificamos que la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] funciona como un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva entre dominios:

- (7) [...] el anfitrión Brasil en la fase de grupos ya está definido. Después de participar en el partido de apertura, el 14 de junio, **la selección brasileña** regresa a la actividad el día 18, en Salvador, en el Arena Fonte Nova, y finalizará la fase de grupos el día 22, en el Arena Corinthians, en Sao Paulo. # En caso de que se clasifique en primer lugar del grupo A, **Brasil** disputará los cuartos de final el día 27, en el Arena de Gremio, en Porto Alegre. En la secuencia, **si fuere ganadora, la selección brasileña jugará la semifinal el 2 de julio en el Estadio Mineirao, en Belo Horizonte**. En la hipótesis de una clasificación para la final en el Estadio Maracanã, Brasil actuaría en los seis estadios de la Copa América. # El Observador ofrece a sus usuarios una serie de notas gratis. Si querés acceder a El Observador.com.uy de forma ilimitada y disfrutar de más beneficios hay un plan de suscripción para ti [...] (*Subcorpus Now*, Uruguay, 2018, negrita y subrayado nuestros).

En el ejemplo (7), tenemos un extracto de una noticia publicada en Uruguay el 18 de diciembre de 2018 en el diario digital *El Observador*. Esta noticia informa sobre la participación de la selección uruguaya en la Copa América de ese año y sobre la posibilidad de que el equipo llegue a la final del campeonato. Esta competición se rige por las normas establecidas por la Confederación Sudamericana de Fútbol, CONMEBOL. En el ejemplo (7) no se hace referencia a esta organización. Sin embargo, en la introducción de la noticia sí se menciona dicha institución deportiva:

La Confederación Sudamericana de Fútbol (Conmebol) dio a conocer los detalles de la Copa América de Brasil 2019, la cual tendrá el partido inaugural en el estadio Morumbí el 14 de junio y la final en el Maracanã el 7 de julio.

La Conmebol comunicó el calendario de partidos, con la distribución de los 26 encuentros en los seis estadios de la competición, que se disputará entre el 14 de junio y el 7 de julio del año entrante [...] (*El Observador*, Uruguay, 2018).

La noticia informa sobre el funcionamiento y las fechas de los partidos de la Copa América. Asimismo, el redactor del texto menciona las decisiones de la CONMEBOL por medio del discurso referido indirecto. De esta manera, fundamenta la información ofrecida en la noticia. Por consiguiente, se realiza el desplazamiento conceptual de la voz de autoridad prescriptiva del dominio deportivo al dominio periodístico. En el ejemplo (7), este proceso cognitivo también se realiza mediante el uso de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*], la cual es más frecuente en géneros discursivos normativos que circulan tanto en las esferas jurídica y política, como en la deportiva.

Los datos también mostraron que esta unidad simbólica funciona como un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos en discursos referidos – de manera directa o indirecta – de usuarios que no son periodistas ni autoridades jurídicas o políticas:

- (8) [...] la prensa que deje de relacionar su imagen con el caso. “Si bien la prensa está dándole al caso la importancia debida, lo que comparto, les pido por favor, en mi nombre, en el de mis hijos y en el de mi marido que se utilice en todos los medios el nombre y apellido de quien está siendo investigado, y que eviten continuar mostrando

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Si (X) fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

imágenes mías, de mi marido y de mis hijos y/o nuestros nombres “, apuntó. # “Espero de todo corazón que la verdad salga a la luz y **si fuere culpable, que la Justicia condene el delito cometido**”, finaliza el comunicado firmando por Wanda Nara. El comunicado de Wanda Nara # Ante la terrible noticia que da cuenta de las acusaciones contra mi tío Carlos Colosimo, hermano de mi madre, quiero aclarar que ni mi marido ni yo avalamos ningún comportamiento obsceno. # Si bien la prensa está dándole al caso la importancia debida, lo que comparto, les pido por favor, en mi nombre, en el de mis hijos y en [...] (*Subcorpus Now*, Argentina, 2015, negrita y subrayado nuestros).

El ejemplo (8) corresponde a un fragmento de una noticia publicada el 28 de agosto de 2015 en un diario digital argentino *La Nación*. La noticia informa acerca de un caso de abuso infantil que, en su momento, tuvo repercusión mediática, ya que el acusado era el tío materno de dos modelos argentinas, Wanda y Zaira Nara. Ninguna de las modelos fue entrevistada por el periódico. Sin embargo, el redactor de la noticia cita la declaración de Wanda publicada en *Twitter*, en la cual mapeamos un ejemplar de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*]. En el ejemplo (8), observamos que el constructo de esta unidad simbólica evoca los *frames* copulativo, de condición suficiente y de no asertividad asociados al dominio de contenido. A partir de esta red conceptual se estructura el espacio mental de distanciamiento epistémico probable vinculado al espacio mental modalizador. Este esquema cognitivo se relaciona al espacio mental del deseo construido por la apódosis, la cual configura una Construcción Acusativa compleja – tradicionalmente denominada Oración Subordinada Sustantiva de Objeto Directo –.

La CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] también evoca los dominios jurídico y político, así como el espacio mental punitivo asociado a los espacios mentales de poder y de autoridad prescriptiva. Considerando que Wanda no es una autoridad jurídica ni política, entendemos que esta usuaria utiliza la instancia de uso de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] con fines argumentativos y persuasivos, pues dicha construcción funciona como un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos. Por lo tanto, al emplear la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*], la enunciadora legitima su discurso, ya que instaura cognitiva y discursivamente un argumento de autoridad jurídico y político (cf. Ducrot, 2020 [1984]).

Durante la investigación, observamos que, de las 76 ocurrencias de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] mapeadas en géneros discursivos no normativos, 23 ejemplares habían sido empleados en fragmentos de normas legales citadas directamente en noticias o artículos de *blogs* jurídicos, como en el ejemplo (9):

- (9) [...] serán sancionados con hasta tres (3) días de trabajo comunitario, multa de hasta seis unidades de multa (6 UM) o arresto de hasta tres (3) días los que molestaren a otra persona afectando su decoro personal mediante gestos, palabras o graficaciones en la vía pública, lugares de acceso público o desde un lugar privado con trascendencia a terceros”. # Además, la conducta registra un agravante cuando se trate de personas o situaciones en las que exista una asimetría de poder: “**El máximo de la sanción**

prevista se duplicará si la víctima fuere mujer, menor de dieciocho (18) años de edad, mayor de setenta (70) años de edad o si el hecho se produjere en horario nocturno, cualquiera fuere su edad”. # El secretario judicial cometió el abuso cuando estaba dentro de su horario de trabajo, lo cual representa un agravante para el ámbito de tribunales, indicaron desde ese entorno. # Uno de los testigos de la causa es un taxista, quien detectó la situación al observar el comportamiento llamativo del secretario judicial [...] (*Subcorpus Now*, Argentina, 2019, negrita y subrayado nuestros).

El ejemplo (9) es un extracto de una noticia publicada el 9 de febrero de 2019 en el periódico digital argentino *El Día*. El tema de la noticia está relacionado con casos de acoso sexual y sus sanciones legales. Para fundamentar su argumento, el periodista cita – de manera directa e indirecta – el ordenamiento jurídico. Este recurso discursivo permite desplazar cognitivamente la voz de autoridad prescriptiva de los dominios jurídico y político al dominio periodístico. Aunque la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] aparezca en un pasaje de una ley, entendemos que dicha unidad simbólica también funciona como un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva, ya que la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] es marcada y menos frecuente en géneros discursivos no normativos. Por lo tanto, el empleo de dicha construcción en una noticia como la del ejemplo (9) les permite a los usuarios activar, dentro del dominio periodístico, tanto los dominios jurídico y político, como los espacios mentales de poder y de autoridad prescriptiva.

Consideraciones finales

En vista de los análisis presentados en este artículo, constatamos que, dependiendo del contexto sociocultural, discursivo y construccional, la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] puede crear espacios hipotéticos y bicondicionales, los cuales asociados a dominios normativos, posibilitan la construcción de espacios mentales imperativos, permisivos y punitivos. La articulación de dichos esquemas cognitivos constituye una red conceptual que funciona como base para la creación de espacios mentales de poder prescriptivo y de autoridad.

Asimismo, la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*] funciona como transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva en géneros discursivos informativos, explicativos y argumentativos (noticias, glosarios jurídicos, artículos y comentarios en *blogs* y sitios *web* jurídicos, etc.) que citan – de modo directo o indirecto – las normas producidas, principalmente, en el ámbito jurídico y político. Consideramos que dicho proceso cognitivo está asociado a estrategias argumentativas y persuasivas, puesto que los usuarios pueden legitimar su discurso empleando construcciones que activan espacios mentales de poder y de autoridad prescriptiva.

Por último, destacamos que el proceso de desplazamiento cognitivo de la voz de autoridad prescriptiva desde dominios normativos hacia dominios no normativos está asociado a procesos de cognición sociocultural, dado que los usuarios activan el terreno común para identificar tanto a los interlocutores, como los géneros discursivos, los ámbitos, los contextos socioculturales y las funciones discursivas y pragmáticas de la CCC_{ONT} con la prótasis [*Si (X) Fuere Y*]. Por lo tanto, en

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Sí (X) fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

virtud del conocimiento sociocultural y discursivo de los usuarios, dicha unidad simbólica funciona como un constructor de espacios mentales de poder y de autoridad prescriptiva, así como transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos.

Referencias

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Traducción de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979], pp. 261-335.

BANCO DE DATOS DO SUBCORPUS: NOW. Disponible en: <https://www.corpusdelespanol.org/now/>. Accedido el: 04 abr. 2025.

BANCO DE DATOS DO SUBCORPUS: WEB/DIALECTS. Disponible en: <https://www.corpusdelespanol.org/web-dial/>. Accedido el: 04 abr. 2025.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William; CRUSE, Alan D. *Cognitive linguistics*. Cambridge: University Press, 2004.

DANCYGIER, Barbara. *Conditionals and prediction: time, knowledge and causation in conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. *Mental spaces in grammar: conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DIESEL, Holger. *The grammar network: how linguistic structure is shaped by language use*. New York, NY: Cambridge University Press, 2019.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Traducción de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2020 [1984].

EL OBSERVADOR. *¿Uruguay jugará outra final em el Maracanã?* La Copa América de Brasil tiene forma. El observador, Montevideo, 18 de diciembre de 2018. Disponible en: <https://www.elobservador.com.uy/nota/-uruguay-jugara-otra-final-en-el-maracana-la-copa-america-de-brasil-tiene-forma-2018121811202>. Accedido el 04 de abr. de 2025.

FAUCONNIER, Guilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 [1985].

FAUCONNIER, Guilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the morning calm: Selected Papers from SICOL-1981*. Seoul: Hanshin Publishing, pp. 111-137, 1982. Disponible en: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/9783110199901.373/html>. Accedido el: 04 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110199901.373>.

FILLMORE, Charles J.; KAY Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and Idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. In: *Language*, Lexington, v. 64, n. 3, pp. 501-538, sep. 1988. Disponible en: <https://www.jstor.org/stable/414531?origin=crossref>. Accedido el: 04 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.2307/414531>.

FUKUSHIMA, Noritaka. Pasado, presente y futuro del subjuntivo en español. *Actas del II Congreso Internacional sobre el español y la cultura hispánica en Japón*. Instituto Cervantes. Tokio, pp. 45-61, oct. 2015. Disponible en: https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/tokio_2015/07_fukushima.pdf. Accedido el: 04 de abr. de 2025.

GOLDBERG, Adele. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Construction at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, Keren Betsabe. *Construção condicional de conteúdo do espanhol com a prótase [Si (X) Fuere]: um transpositor conceptual da voz de autoridade prescritiva entre domínios*. 2022. 167 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022a. Disponible en: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/30254>. Accedido el: 04 abr. 2025.

GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, Keren Betsabe. Uso do futuro do subjuntivo na construção condicional de conteúdo do espanhol. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, pp. 138-159, maio/ago. 2022b. Disponible en: <https://revistas.uff.br/index.php/rl/article/view/56989>. Accedido el 04 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2022.v18n2a56989>.

GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, Keren Betsabe. Postulados teóricos de la gramática de construcciones basada en el uso. *Revista e-escrita*, Nilópolis, v. 15, n. 2, pp. 7-21, jul./dic. 2024. Disponible en: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/4923>. Accedido el: 04 abr. 2025.

HERNÁNDEZ ALONSO, César. *Gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1996 [1984].

KOFFKA, Kurt. *Principles of gestalt psychology*. New York: Harcourt, Brace & World, 1935.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, v. 1, 1987.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MARQUES, Priscilla Mouta; ALONSO, Karen Sampaio; PINHEIRO, Diogo Oliveira. Do signo à construção: o legado saussuriano e as abordagens construcionistas da gramática. *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, pp. 1149-1171, sep./dic. 2017. Disponible en: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33553/19540>. Accedido el 04 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.2017n44a1022>.

MIŠTINOVÁ, Anna. La expresión del tiempo en las variedades hispanoamericanas del español. *Revista Verba Hispanica XX/1*, Ljubljani, v. 20, n. 1, pp. 231-243, jun. 2012. Disponible en: <https://journals.uni-lj.si/VerbaHispanica/issue/view/222>. Accedido el: 04 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.4312/vh.20.1>.

PARAGUAY. Constitución (1992). *Constitución de la República del Paraguay*. Asunción, 1992. Disponible en: https://www.oas.org/juridico/spanish/mesicic2_pry_anexo3.pdf. Accedido el: 04 abr. 2025.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Asociación de Academias de la Lengua Española. *Nueva Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros, S.L.U, 2010.

La construcción condicional de contenido en español con la prótasis [*Si (X) fuere Y*]: un transpositor conceptual de la voz de autoridad prescriptiva más allá de los dominios normativos

ROJO, Guillermo; VEIGA, Alexandre. El tempo verbal. Los tempos simples. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, v. 2, pp. 2867-2934.

SASTRE RUANO, María de los Ángeles. *El subjuntivo en español*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Traducción de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SOLOMON, Julia G. El futuro de subjuntivo en español. Su historia: su situación y su futuro. *Neophilologus*, Londres, v. 91, n. 3, pp. 407-421, jul. 2007. Disponible en: <https://link.springer.com/journal/11061/volumes-and-issues/91-3>. Accedido el: 04 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11061-007-9034-3>.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Traducción de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019 [1999].

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso y conocimiento: una aproximación sociocognitiva*. Traducción de Flavia Limone Reina. Barcelona: Gedisa, 2016.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Traducción de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2020 [2011].

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2018 [2008].

AS FUNÇÕES SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA NAS ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS NA INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS

SEMANTIC AND PRAGMATIC FUNCTIONS IN LINGUISTIC CHOICES IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

(LIBRAS) INTERPRETATION

*Eliziane Manosso Streiechen*¹

*Denielli Kendrick*²

*Sarah Tamara Corrêa Hilgemberg*³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar as escolhas linguísticas adotadas na interpretação em Libras relacionadas à semântica e à pragmática, em contextos de avaliação de proficiência na língua de sinais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, apoiada em um estudo de caso. Os dados foram constituídos a partir da gravação de uma banca de avaliação na área de tradução e interpretação de Libras/Português. A análise centra-se em recortes de vídeos das autoras, deste texto, as quais reproduziram, de forma fidedigna, os materiais selecionados que fazem parte do acervo da instituição responsável pela avaliação da proficiência. Foram analisados três excertos com foco nas escolhas lexicais, sintáticas, semânticas e pragmáticas. Os resultados revelam que, embora se trate da mesma temática interpretada, os candidatos recorreram a léxicos e estruturas sintáticas diferentes. Algumas dessas escolhas acabaram por gerar significados semânticos que não condizem com o texto da língua fonte. Apesar de a Libras oferecer múltiplos recursos linguísticos, como topicalização, dêixis e anáfora, entre outros, os dois candidatos não recorreram a eles, recaindo, muitas vezes, no português sinalizado. Pretende-se, a partir desta pesquisa, contribuir com os estudos que envolvem a tradução e a interpretação do par linguístico Libras-Português.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Tradução. Interpretação. Semântica. Pragmática.

ABSTRACT

This article aims to analyze the linguistic choices adopted in the interpretation in Brazilian Sign Language (Libras) related to semantics and pragmatics, in contexts of sign language proficiency assessment. This is a qualitative research study, with an exploratory and descriptive character, supported by a case study. The data were collected from the recording of an evaluation board in the area of translation and interpretation of Libras/Portuguese. The analysis focuses on video excerpts from the authors of this text, who faithfully reproduced the selected materials that are part of the collection of the institution responsible for proficiency assessment. Three excerpts were analyzed, focusing on lexical, semantic, and pragmatic choices. The results reveal that, although the interpreted theme was the same, the candidates resorted to different lexicons and syntactic structures. Some of these choices ended up generating semantic meanings that do not correspond to the source language text. Despite Libras offering multiple linguistic resources, such as topicalization, deixis, and anaphora, among others, the two candidates did not resort to them, often falling back on signed Portuguese. This research intends to contribute to studies involving the translation and interpretation of the Libras-Portuguese language pair.

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro/PR), eliziane@unicentro.br, <https://orcid.org/0000-0002-9919-5797>.

² Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná- CAS Guarapuava/SEED/DEIN/PR, deniellik@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-8880-0560>.

³ Instituto Federal do Paraná (IFPR/Irati), sarah.hilgemberg@ifpr.edu.br, <https://orcid.org/0009-0009-6285-6625>.

KEYWORDS: Libras. Translation. Interpretation. Semantics. Pragmatics.

1. Introdução

Desde que a Língua de Sinais Brasileira (Libras) foi oficializada (Brasil, 2002) e o Decreto Federal nº 5.626 (Brasil, 2005) tornou obrigatória a presença do tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS) nas esferas em que haja surdos, o campo da tradução e interpretação em línguas de sinais tem se ampliado e demonstrado bastante promissor no sentido profissional. Contudo, denota-se um grande desafio das instituições e empresas em atender à legislação, devido à escassez de profissionais habilitados para assumirem a demanda que a inclusão escolar e social dos surdos requer.

Embora as pessoas se interessem pela área, a maioria não consegue atingir o nível de proficiência exigida para atuar como TILS, visto que o ato tradutório e interpretativo demanda tomadas de decisões que vão muito além da simples sobreposição de sinais e domínios de vocabulário (Streiechen; Finau, 2024).

Quadros (2004, p. 7) aponta algumas características que definem os profissionais que atuam como TILS, a saber: a) Intérprete: pessoa que interpreta de uma língua fonte (LF) para outra língua alvo (LA) o que foi dito; b) Intérprete de língua de sinais: pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais; Tradutor: pessoa que traduz de uma língua para outra. Tecnicamente, tradução refere-se ao processo envolvendo pelo menos uma língua escrita. Assim, tradutor é aquele que traduz o texto escrito de uma língua para outra. Tradutor/intérprete de língua de sinais: pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral ou escrita).

Contudo, o TILS precisa ter o compromisso com a fidelidade da mensagem a ser traduzida/interpretada, de forma a respeitar certas características, as quais são destacadas por Gile (1998, p. 45), tais como: 1. ouvir e entender a mensagem na língua de partida, 2. reproduzir esta mensagem na língua de chegada, 3. arquivar e acessar informações na memória de curto prazo. Para isso, torna-se fundamental que o TILS respeite os preceitos éticos, discriminados por Quadros (2004, p. 28) da seguinte forma: confiabilidade (sigilo profissional); imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); e, talvez, o mais controverso deles: fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

Além dos valores éticos estabelecidos por Quadros (2004), a teoria pragmática de Grice (1982) sobre as Máximas Conversacionais – Quantidade, Qualidade, Relação e Modo – contribuem com o processo de tradução. Embora formuladas originalmente para explicar como os falantes cooperam em conversas cotidianas, as Máximas podem ser pensadas como diretrizes aplicáveis a qualquer mediador de discurso, incluindo o TILS, ao não acrescentar nem omitir informação (quantidade),

ao manter a veracidade (qualidade), ao priorizar o que é mais importante no discurso (relação) e a transmitir a informação na língua-alvo de forma clara e ordenada (modo).

O processo que ocorre entre o ato de receber uma determinada mensagem em uma língua e transferi-la para o contexto de uma segunda língua envolve, portanto, mais do que fatores cognitivos, intelectuais e princípios, mas também, fatores sociais, culturais, históricos, geográficos e linguísticos. De acordo com Segala (2010, p. 7):

Ser tradutor não é ser aquele que sabe duas línguas e que simplesmente transpõe uma língua para outra; também não é só aquele que reconstrói significados. Esse profissional precisa conhecer e saber a cultura, a linguística das línguas fonte e alvo, além de ter experiência na vida social.

Portanto, traduzir e interpretar remete a novos olhares guiados por visões distintas que permeiam a discussão da mediação entre mundos culturais e sociais distintos, em que adaptações, contextualizações, personalização, perdas, ganhos são inerentes à atuação.

Alguns pesquisadores (Aubert, 1994; Guerini, 2008; Quadros, 2004; Segala, 2010, entre outros) descrevem a diferença conceitual referente à tradução e à interpretação em línguas de sinais. A primeira, sempre envolverá a escrita, que pode ser de qualquer língua ou do sistema *Sign Writing* (Escrita em Línguas de Sinais) para a LS ou vice-versa. Já a interpretação sempre envolverá uma língua oralizada para a LS ou vice-versa. Por concordarmos com essa definição, nesse texto, usaremos o termo ‘interpretação’, visto que os dados contemplam Língua Portuguesa (LP), falada (LF) e a Língua de Sinais (LS) sinalizada (LA), em nossas análises.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo analisar as escolhas linguísticas, adotadas na interpretação da Língua Portuguesa (LP) – língua fonte (LF) para a Língua de Sinais Brasileira (Libras) – língua alvo (LA), relacionadas à lexicografia, sintaxe, semântica e pragmática, em contextos de avaliação de proficiência na língua de sinais. A sintaxe estuda a formação/estrutura das frases. A semântica é a área da Linguística que estuda o sentido (conceitos, significados) das palavras/sinais de uma determinada língua. A pragmática ocupa-se de investigar a forma como usamos a linguagem em situações reais de comunicação, trata do uso concreto da linguagem, considerando o contexto, as intenções e as expectativas dos interlocutores. Consideramos, em nosso estudo, a interação entre as funções semântica e pragmática na Libras na produção de sentidos e significados em contexto.

Os dados foram analisados com respaldo em autores como Gile (1998), Grice (1982), Quadros e Karnopp (2004), Rosa (2008), Gomes e Valadão (2020), entre outros.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, apoiada em estudo de caso, a qual consiste na análise de recortes de vídeos do *corpus* paralelo Português/Libras. Os dados foram constituídos a partir de vídeos gravados em uma banca de avaliação na área da tradução e interpretação do Português/Libras. A análise está centrada em capturas de algumas partes

desses vídeos, reproduzidos pelas autoras, de forma fidedignas. Os materiais selecionados fazem parte do acervo da instituição responsável pela avaliação da proficiência em Libras.

A Banca de Proficiência é organizada em seis momentos avaliativos, cada etapa com um peso específico na nota final, que determinará o nível de proficiência do candidato. As etapas são: 1. Apresentação pessoal: O candidato, em Libras, apresenta-se, destacando os pontos relevantes para a banca, como formação acadêmica, experiência profissional e contato com a comunidade surda. Esta etapa deve durar no máximo três minutos; 2. Conhecimento teórico: Quinze questões abordam os fundamentos históricos e acadêmicos da Educação de Surdos, bem como a linguística da Libras/LP e os processos de tradução e interpretação. O candidato sorteia dois números, e as respectivas questões são feitas pela banca. As perguntas são realizadas e respondidas em Libras; 3. Questões de ordem ética profissional: Similar à etapa 2, o candidato sorteia duas questões das quinze possíveis. Neste momento, as perguntas são feitas e respondidas oralmente em Língua Portuguesa; 4. Interpretação da Língua Portuguesa oral para Libras: Quinze vídeos, com temas de diferentes componentes curriculares e anos/séries do Ensino Fundamental II e Médio, estão disponíveis para sorteio. O candidato sorteia um número e interpreta o vídeo correspondente em Libras, em até três minutos; 5. Interpretação da Libras para a Língua Portuguesa: Quinze vídeos, sinalizados por professores surdos e/ou ouvintes bilíngues, abordam fundamentos históricos e acadêmicos da Educação de Surdos, linguística da Libras/LP, processos de tradução e interpretação, literatura e histórias de vida. O candidato sorteia um número e realiza a interpretação oral em Língua Portuguesa, em até três minutos; 6. Interpretação de narrativa: O candidato sorteia uma temática, dentre quinze possíveis, relacionadas a situações do cotidiano escolar. Um avaliador surdo narra a situação presencialmente, e o candidato realiza a interpretação oral em Língua Portuguesa.

Em nosso estudo, o recorte para produção de dados e análise foi com base no item 4, *Interpretação da Língua Portuguesa oral para Libras*. A aula sorteada pelos candidatos foi do componente curricular ‘Ensino Religioso’, versando sobre o tema ‘Diversidade Religiosa’. Em vídeo, é apresentado o professor explanando oralmente o conteúdo, com duração de 3 minutos e 24 segundos. Aos candidatos, é requerida a interpretação simultânea, ou seja, enquanto o enunciador está falando, o candidato interpreta concomitantemente, sem cortes.

Selecionamos os vídeos de dois candidatos aprovados na banca: o candidato 1, aprovado com nível 1 (alta proficiência, nota entre 8,0 e 10,0), e o candidato 2, aprovado com nível 2 (boa proficiência, nota entre 6,0 e 7,9). A seleção foi baseada em dois critérios: 1) ambos os candidatos deveriam ter sorteado a mesma aula para interpretação simultânea; 2) ambos deveriam ter sido aprovados na banca.

Os dados foram produzidos com trechos do conteúdo sinalizado pelos candidatos, em análise comparativa, para compreendermos as estratégias de interpretação utilizadas e as escolhas de ordem semântica e pragmática no processo interpretativo. Pretendemos, ainda, verificar se os candidatos conseguiram manter a fidelidade e coerência do conteúdo da Língua Portuguesa (LF) para a Libras (LA); se os léxicos (sinais) foram os mesmos ou equivalentes; se seguiram a mesma ordem sintática; se

demonstraram, por meio de expressões faciais, a mesma relevância que algumas partes do enunciado exigia.

Para esta análise, selecionamos três trechos da aula e elaboramos as glosas, que são registros escritos para associar cada sinal a uma palavra em português, aproximando o significado. A fim de preservar o anonimato dos candidatos, as autoras (tradutoras/intérpretes) deste artigo reproduziram, em vídeo, os trechos selecionados de forma fidedigna a interpretação dos candidatos, que serão destacados ao longo da análise.

3. O tradutor/intérprete, a tradução e a interpretação

Atualmente, a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) desfruta de reconhecimento formal (Brasil, 2010), reflexões acadêmicas e debates aprofundados sobre escolhas semânticas e pragmáticas, como apresenta este artigo, evidenciando a complexidade do ato interpretativo das línguas de sinais. No entanto, esse *status* consolidado é bastante recente. O que hoje é uma prática profissional regulamentada, já foi, no passado, predominantemente assistemática e informal.

Segundo Gesser (2009 p. 47), muitos intérpretes brasileiros estabelecem sua relação com a língua de sinais por meio de laços familiares e da convivência social com surdos, sobretudo em ambientes escolares e religiosos. Desse modo, à medida que pessoas surdas passaram a frequentar atividades sociais, inclusive as religiosas, criou-se uma situação de “emergência comunicativa”, conforme destaca a autora, levando à necessidade de pessoas que tinham contato com a comunidade surda desenvolverem habilidades para mediar a interação surdo/ouvinte. Em decorrência disso, várias pessoas iniciaram sua atuação como intérpretes em igrejas, trabalhando voluntariamente para assegurar o acesso da comunidade surda às práticas litúrgicas. Nessa fase inicial, a atuação voluntária prevalecia sobre critérios técnicos e formativos, o que resultava em pouca atenção à complexidade semântica e pragmática das escolhas interpretativas. Além disso, havia escassez de aprofundamento teórico sobre como as expressões de fé, símbolos e referências culturais poderiam ser transpostas para a Libras de modo que os surdos compreendessem os conceitos em condições de acessibilidade linguística equivalentes às dos ouvintes.

Embora tenha sido fundamental ampliar o acesso da comunidade surda à atividades sociais, como eventos religiosos, a profissão do tradutor intérprete de Libras apenas começa ser fortalecida após a Lei nº 10.436 (Brasil, 2002) que reconheceu a Libras e, principalmente, o Decreto nº 5.626 (Brasil, 2005), que explicitamente mencionou a profissão de tradutor/intérprete e regulamentou sua presença na rede de ensino, além de definir atribuições, competências e requisitos de formação para atuação profissional.

A partir de então, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que implantou, em 2006, o primeiro curso superior de Letras/Libras no país, impulsionou discussões acadêmicas mais robustas acerca da complexidade do ato interpretativo, ampliando a preocupação com a precisão semântica e

a adequação pragmática. Assim, programas de pós-graduação em áreas como Estudos da Tradução, Linguística, Letras e Educação passaram a acolher pesquisas específicas sobre a interpretação em Libras, produzindo dissertações e teses que abordam as nuances metodológicas, pragmáticas e cognitivas. Tais estudos contribuíram para evidenciar o papel central das escolhas linguísticas na mediação entre surdos e ouvintes, reforçando a necessidade de uma formação especializada para o tradutor e intérprete.

Nesse contexto formativo e profissional, o tradutor e intérprete de Libras/LP encontra no espaço educacional sua maior demanda e este exige um perfil específico para o trabalho. O intérprete educacional, necessita de habilidades tradutórias e interpretativas que perpassam por técnicas e estratégias.

Cabe destacar que, no âmbito educacional, as escolhas das estratégias tradutórias e interpretativas são essenciais para a promoção de construções enunciativas que favoreçam a compreensão dos estudantes surdos, ainda que tais opções envolvam a inclusão de mecanismos explicativos no contexto da informação. Dadas as especificidades já mencionadas, isso não faculta ao TILS a posição de detentor do discurso fonte, ou de agente cerceador dos direitos do público-alvo a quaisquer informações, mas legitima o profissional a ser, de fato, um mediador hábil no oferecimento de uma mensagem mais coerente possível a esses estudantes (Gomes; Valadão, 2020, p. 608).

Entende-se, portanto, que o profissional está imerso no ato interpretativo que se efetiva na interface de duas línguas, a LF, língua de partida, na qual o TILS vê ou ouve e realiza a interpretação e tradução para outra língua, a LA. A interpretação e tradução transcendem a codificação e decodificação de informações, além de envolver técnicas e estratégias interpretativas, demandam um sólido conhecimento da pragmática, pois mobilizam a subjetividade e os contextos histórico, social e cultural de cada TILS.

No que se refere a ação do TILS, (Rosa, 2008, p. 115) explica,

O trabalho do intérprete de língua de sinais consiste em pronunciar, na língua de sinais, um discurso equivalente ao discurso pronunciado no português oral (ou vice-versa). O ILS trabalha em variadas circunstâncias, precisando ser capaz de adaptar-se a uma ampla gama de situações e necessidades de interpretação da comunidade surda, situações às vezes tão íntimas quanto uma terapia, sigilosa como delegacias e tribunais, ou tão expostas como salas de aulas e Congressos (Rosa, 2008, p. 115).

Dentre as possibilidades de interpretação temos a *consecutiva* e *simultânea*, e cada uma requer técnicas específicas. Na interpretação consecutiva, o TILS escuta ou vê uma sentença completa e posteriormente faz interpretação, “o intérprete escuta um longo trecho de discurso, toma notas e, após a conclusão de um trecho significativo ou do discurso inteiro, assume a palavra e repete todo o discurso na língua-alvo” (Pagura, 2003, p. 211).

Na interpretação simultânea, a enunciação fonte está em andamento, o TILS acompanha a sinalização ou a fala e realiza a interpretação, sem cortes. O TILS recebe a mensagem na LF, enquanto a enunciação acontece, interpretando-a em tempo real para a LA, com apenas um hiato de alguns segundos para processar a informação. Não há pausa para o locutor terminar um trecho grande do discurso, a interpretação ocorre praticamente em paralelo, seja do oral para o sinalizado ou vice-versa, ou seja, o TILS utiliza-se do *tempo de espera* ou *tempo de atraso* (*lag-time*, em inglês ou *décalage*, em francês). “A interpretação simultânea ocorre, basicamente, na versão de uma língua a outra em um pequeno intervalo de tempo que engloba a recepção da mensagem na língua-fonte, a (re)elaboração das informações na língua alvo e, finalmente, a sua produção” (Gomes; Valadão, 2020, p. 606). Esse pequeno atraso entre ouvir ou ver a enunciação na LF serve para processar a informação e ativar os recursos técnicos, cognitivos e linguísticos para passar para a LA no tempo da enunciação.

4. Análise e discussão dos dados

Há diversos recursos gramaticais da Libras utilizados durante o processo de interpretação dos excertos selecionados para a análise (datilologia, marcadores não manuais, uso de referentes no espaço, classificadores, entre outros). Contudo, não é nosso objetivo, nesse texto, descrever todos os recursos linguísticos e gramaticais da Libras, visto que eles são muitos e, mesmo que quiséssemos, não daríamos conta em apenas um artigo. Faremos, portanto, a descrição dos recursos que estão mais relacionados aos aspectos semântico e pragmático, tanto das escolhas lexicais, quanto das sintáticas.

Quadro 1: Excerto 1 em LF e em LA (glosas)

LÍNGUA PORTUGUESA (LF)	
Como todos sabem estudando a história, a religião é um elemento muito importante para as civilizações, aliás existem muitas civilizações que se constituíram a partir de crenças religiosas.	
GLOSAS 1	
Candidato 1	Candidato 2
TOD@ ⁴ VOCÊ SABER ESTUDAR HISTORICAMENTE RELIGIÃO MOMENTO MUITO-IMPORTANTE TOD@ SOCIEDADE SOCIEDADE DIFERENTE SOCIEDADE INICIAR ACREDITAR RELIGIÃO.	TOD@ HOJE SABER ESTUDAR HISTÓRIA RELIGIÃO IMPORTANTE TOD@ POPULAÇÃO. TER VÁRI@ POPULAÇÃO GRUPO ORGANIZAR ACREDITAR DIFERENTE.
INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS (LA)	
Candidato 1	Candidato 2
https://www.youtube.com/watch?v=tnh8T_T-ZPo	https://www.youtube.com/watch?v=ez4muD14nBw

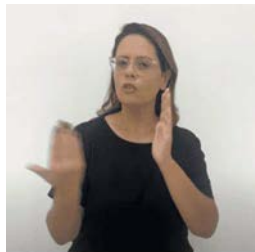
Fonte: Elaboração das autoras (2025).

⁴ Na Libras, quando as palavras da LP são transcritas para as glosas (que seguem a estrutura da LS), não levam a marca da desinência de gênero e número, portanto as palavras da LP, que possuem essas marcas, e são transformadas em glosas, estão terminadas com o símbolo @, como por exemplo: AMIG@ - “amigo(s) ou amiga”, FRI@ - “frio ou fria”, MUIT@ - “muito ou muita”, ME@ - “meu ou minha”, EL@ - “ele ou ela”.

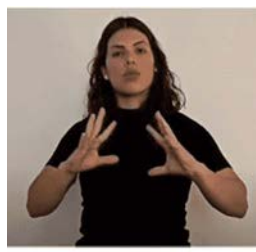
Nesse excerto, do quadro 1, os candidatos utilizam diversos sinais diferentes. O primeiro é o sinal de ‘TODOS’, vejamos:

Figura 1: sinal de TOD@

Candidato 1



Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

De acordo com os dicionários de Fernando Capovilla, essas duas formas de sinalizar ‘TOD@’ existem, tratam apenas de sinais regionais, mas com o mesmo valor semântico.

No texto da LF, há a palavra ‘história’ (“Como todos sabem estudando a **história**...”) e mais uma vez os candidatos optaram por dois sinais diferentes, vejamos:

Figura 2: sinal de HISTÓRIA

Candidato 1



Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

O candidato 1 se utiliza de um sinal que, comumente, está mais relacionado a um contexto de marcação de temporalidade, algo que acontece a um longo tempo, do passado até o momento.

O candidato 2 tenta utilizar o sinal convencional de ‘HISTÓRIA’, mas, apesar de a configuração de mão estar correta, a orientação da palma da mão e o movimento deveriam ser para a frente, conforme podemos observar em (Capovilla *et al.*, 2017):

Figura 3: sinal de HISTÓRIA, segundo Capovilla

Sinal de História



Descrição

“Mão em V, palma para frente. Passar lentamente a lateral do indicador para frente, no lado direito da testa”

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1463).

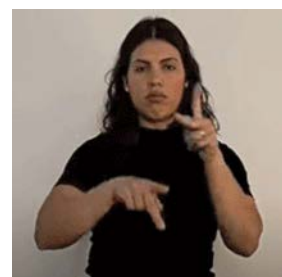
Ao interpretarem o léxico ‘civilizações’ (LF), os candidatos se apropriaram de dois diferentes sinais: o candidato 1 sinalizou ‘sociedade’ e o candidato 2 ‘população’ conforme podemos ver nas fotos a seguir:

Figura 4: sinais de SOCIEDADE e POPULAÇÃO

Candidato 1



Candidato 2

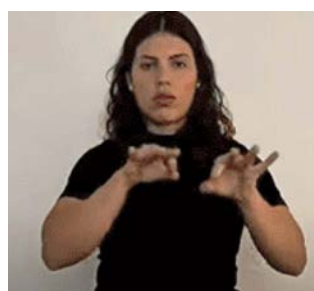


Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Para dar o plural de ‘civilizações’, conforme está na LF, o candidato 1 sinaliza ‘SOCIEDADE’, duas vezes, com o corpo ereto, e, ao sinalizar pela segunda vez, inclina o corpo à sua direita concluindo o sinal e deslocando o sinal no espaço para caracterizar o plural (fig. 4). Já, o candidato 2 repete o sinal de ‘POPULAÇÃO’ quatro vezes e, ao final, usa o sinal GRUPO + ORGANIZAÇÃO, ou seja, utiliza-se da sinonímia, vejamos:

Figura 5: sinais de GRUPO e ORGANIZAÇÃO

Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Percebe-se, assim, que ambos os candidatos buscam, em seus repertórios linguísticos, o sinal correspondente à ‘civilizações’, visto que não conheciam o sinal equivalente na Libras. Ao pesquisarmos o significado de ‘sociedade’, ‘população’ e ‘civilização’, temos o seguinte: sociedade: “grupo de pessoas que, voluntariamente, vivem sob determinadas regras comuns” (Michaelis, 2025, n.p., grifo nosso); população: “conjunto dos indivíduos que habitam uma localidade, um país, um território, o mundo” (Michaelis, 2025, n.p., grifo nosso); civilização: “conjunto de aspectos próprios da vida social, intelectual, artística, cultural, econômica, política e moral de uma sociedade” (Michaelis, 2025, n.p., grifo nosso).

Em nossa compreensão, os três termos são formados por um ‘conjunto’ ou ‘grupo’ de pessoas e, assim, podemos afirmar que esses três itens lexicais apresentam a sinonímia lexical, que Araújo e Carvalho (2017, p. 210) descrevem da seguinte forma: “é uma relação entre palavras, como nos exemplos ‘belo’ e ‘bonito’, ‘secar’ e ‘enxugar’ onde os traços que as identificam parecem coincidir”.

Além disso, não houve perda semântica, uma vez que os três vocabulários (sociedade, população e civilização) apresentam uma proximidade de sentido e, assim, os dois candidatos mantiveram fidelidade e clareza nessa mensagem na LS.

Diante disso, não podemos dizer que um candidato foi mais sensato do que o outro, em suas escolhas lexicais, porque a interpretação simultânea exige muita agilidade, nessa busca cognitiva, e torna-se bastante natural utilizar-se do primeiro sinal correspondente, que faz parte da memória semântica de cada TILS. Contudo, é preciso que o repertório linguístico do TILS seja amplo, com múltiplos sinônimos, para, assim, não gerar a ‘paralisia’ interpretativa.

Quadro 2: Excerto 2 em LF e em LA (glosas)

LÍNGUA PORTUGUESA (LF)					
Eu vou definir a cultura a partir do pensamento de uma antropóloga norte-americana chamada Ruth Benedict. Ela diz o seguinte: “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”					
GLOSAS					
Candidato 1			Candidato 2		
COMPREENDER CULTURA PENSAR			EXPLICAR CULTURA PENSAR		
REFLEXÃO IMAGINAR NOME R-U-T-H			PESQUISADORA R-U-T-H. CULTURA		
EXPLICAR O QUE? CULTURA UMA VER			COMO VER HOMEM VER MUNDO.		
IMAGEM NÓS SER HUMANO CONSEGUIR					
PERCEBER O MUNDO.					
INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS (LA)					
Candidato 1			Candidato 2		
https://www.youtube.com/watch?v=4Hf4RZp4srs			https://www.youtube.com/watch?v=_zSjGyIt8BE		

Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Um dos principais desafios na interpretação de metáforas da LP para Libras reside no fato de muitas delas estarem enraizadas em expressões culturais e linguísticas específicas e, frequentemente,

não encontrando correspondência direta na Libras. Assim, cabe ao intérprete buscar sinais ou sequências de sinais capazes de recriar a imagem metafórica na mente do surdo, preservando a intencionalidade do falante em LP e adequando-a ao contexto sociocultural e linguístico da Libras.

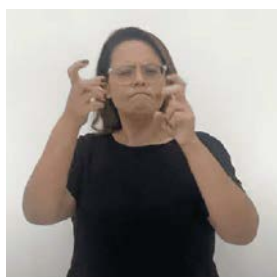
Nesse excerto, do quadro 2, destaca-se a existência da metáfora: “a cultura é como uma lente da qual o homem vê o mundo”. Percebe-se que a noção central de que a cultura permite enxergar o mundo de certa forma é preservada por ambos os candidatos, mas com enfoques pragmáticos e semânticos ligeiramente distintos. O candidato 1 insere vários verbos ligados ao pensamento (COMPREENDER, PENSAR, REFLEXÃO, IMAGINAR), enfatizando a natureza conceitual do tema “cultura” e também utiliza a estratégia de pergunta retórica (EXPLICAR O QUE?) para organizar o fluxo de informações. O candidato usa o acréscimo de “VER IMAGEM” e, na sequência “NÓS SER HUMANO CONSEGUIR PERCEBER O MUNDO” para transmitir a metáfora de “cultura como lente”. Apesar de não haver menção direta à palavra “lente”, a ideia de IMAGEM e PERCEBER sugere a intencionalidade da representação.

O candidato 2 optou por uma sinalização mais direta e objetiva, sem perguntas retóricas. Ele comprime a metáfora de ‘Ruth Benedict’ em poucas palavras: “CULTURA COMO VER HOMEM VER MUNDO”, mas, assim como o candidato 1, consegue, em partes, transmitir a ideia de que a cultura está relacionada à forma de ver o mundo. Assim, o candidato alcançou a máxima de relação da metáfora a ser interpretada, Grice (1982).

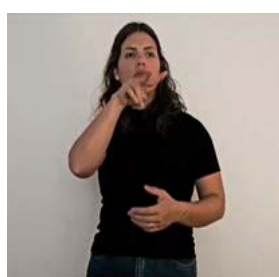
Ambos fazem omissões de sinais e de escolhas, como a dêitica-anafórica, que poderiam potencializar a interpretação da metáfora, como marcar a referência da antropóloga no espaço de sinalização e depois usar o apontamento para retomar a personagem e marcar que ela conceitualiza o que é cultura.

Figura 6: sinais de PERCEBER MUNDO e VER MUNDO

Candidato 1



Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Quanto à interpretação da função de ‘Ruth como antropóloga’, ambos os candidatos deixaram de sinalizar especificamente o termo “antropóloga”. Enquanto o candidato 2 optou por caracterizar ‘Ruth’ como “pesquisadora”, aproximando-se do conceito da profissão, seguido pela soletração do nome próprio, o candidato 1 omite qualquer menção à sua função profissional e usa apenas o alfabeto

manual para soletrar o nome da antropóloga. Essa diferença mostra que, embora a ideia geral de alguém com autoridade acadêmica não tenha sofrido prejuízo, a ausência do léxico correspondente em Libras para “antropóloga” limita a precisão do enunciado, podendo comprometer o entendimento de sua área de estudo específica.

Quadro 3: Excerto 3 em LF e em LA (glosas)

LÍNGUA PORTUGUESA (LF)	
Desse modo nós podemos entender que a diversidade religiosa está diretamente relacionada à diversidade cultural, cada cultura tem uma maneira de crer, cada cultura tem uma maneira de entender o seu sagrado, cada cultura tem uma maneira de ver o que é profano e o que é santificado.	
GLOSAS	
Candidato 1	Candidato 2
ENTÃO PERCEBER DIVERSIDADE RELIGIÃO DIRETA RELAÇÃO DIVERSIDADE CULTURAL CADA CULTURA TER UM MOMENTO ACREDITAR COMO ENTENDER VÁRI@ SAGRADO VER CULTURA EXPLICAR OU ERRADO	NÓS PODER ENTENDER DIVERSIDADE RELIGIÃO FOCO VÁRI@ CULTUR@. CADA CULTURA ACREDITAR ESPECIAL ENTENDER SANTO. CADA CULTURA VER O QUE CERTO, O QUE SANTO
INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS (LA)	
Candidato 1	Candidato 2
https://www.youtube.com/watch?v=1gtzKUvcrtM	https://www.youtube.com/watch?v=-39j2936jd4

Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Nesse excerto, os candidatos realizaram algumas escolhas linguísticas bastante diferentes. Na frase da LF, havia a palavra ‘nós’ (“Desse modo **nós**...”). O candidato 1 ignorou esse sinal e começou a interpretação pelo sinal ‘então’, para fazer um gancho com o enunciado anterior, criando fluxo na interpretação.

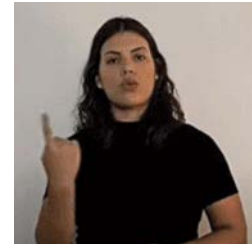
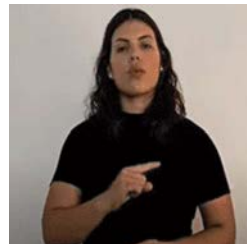
O candidato 2 começou a interpretação, justamente, pelo sinal ‘nós’, conforme podemos verificar nas figuras:

Figura 7: sinais de ENTÃO e NÓS

Candidato 1



Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Na frase da LF “diretamente relacionada à diversidade cultural”, o candidato 1 tenta se aproximar da mensagem utilizando a seguinte estratégia ‘DIRETA RELAÇÃO DIVERSIDADE CULTURAL’, conforme a figura 5:

Figuras 8: DIRETA RELAÇÃO DIVERSIDADE CULTURAL

Candidato 1



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Na frase em LP, “a diversidade religiosa está diretamente **relacionada** à diversidade cultural”, a palavra ‘relacionada’, dentro dessa oração, é um predicativo do sujeito (a diversidade religiosa). Ao analisarmos, sintaticamente, esta oração, podemos dizer que ela obedece à uma estrutura sintática básica (sujeito+verbo+objeto ou complemento) da LP, sendo: A diversidade religiosa (sujeito simples), está (verbo de ligação), diretamente (adjunto adverbial), a diversidade cultural (complemento nominal).

A sintaxe da Libras oferece múltiplas possibilidades de ordenação nas estruturas sintáticas, tais como: SVO (ordem básica), VSO, OVS, VOS (Cotovicz; Streiechen; Antoszcyszen, 2018). Entretanto, para usar essas possibilidades, muitas vezes torna-se necessário trazer outros elementos linguísticos da Libras, como a topicalização – recurso para dar ênfase a um elemento da oração; a deixis – ação de apontar, mostrar os referentes alocados no contexto do discurso; anáfora – retomada do referente alocado no espaço⁵; marcadores não manuais (MNM) – conhecidos também como as Expressões Faciais – um dos parâmetros linguísticos da Libras, Classificadores (CL) – exercem diversas funções morfológicas no discurso, tais como: assumir referentes de pessoa, animais, objetos; atribuir características como forma, tamanho ou qualidade a um objeto; descrever uma ação verbal ou de adjetivo, locativo, advérbio de modo e nome (pronome), entre muitas outras propriedades (Streiechen; Finau, 2024).

Contudo, nota-se, na interpretação de ambos os candidatos, uma tentativa de seguir a ordem sintática da estrutura em LP, quase se encaminhando para um português sinalizado, pois em nenhum momento esses TILS fazem uso desses recursos gramaticais mais específicos da Libras, tentando sinalizar de forma mais pragmática e literal, com uma simples sobreposição de sinais.

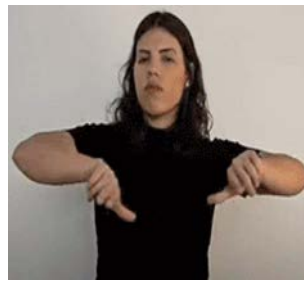
⁵ Para entender, de forma mais aprofundada, o uso de referentes no espaço e o processo dêitico-anafórico, segue sugestão de leitura: Streiechen, E. M. Finau, R. Escolhas linguísticas na tradução de um artigo científico da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira. *Revista Uniletras*, Ponta Grossa, v. 46, p. 1-26, e-22182, 2024.

Neste contexto, o candidato 1, sem pensar nos conceitos de ‘relação’ existentes na LS, faz uso do sinal de ‘RELAÇÃO’ (entre indivíduos) e, assim, perde-se o valor semântico dentro desse contexto, tendo em vista que o léxico ‘relacionada’ (LF) está mais condizente à ‘conexão’ ou ‘ligação’ (LA).

O candidato 2 segue uma estratégia diferente sinalizando ‘FOCO VÁRI@ CULTUR@’, vejamos:

Figura 9: sinalização: FOCO VÁRI@ CULTUR@

Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Em nossa compreensão, a omissão do sinal ‘relacionada’ comprometeu a fidelidade da mensagem. Esse candidato quase não faz uso dos recursos gramaticais da Libras, como os MNM e sem explorar o espaço de sinalização em frente ou ao lado do corpo, dificultando, assim, a compreensão da mensagem em sua íntegra.

Nesta mesma frase da LF, no trecho, “cada cultura tem uma **maneira** de entender”, o candidato 1 sinaliza ‘CADA CULTURA MOMENTO ACREDITAR’. Assim, ele substituiu o sinal de ‘MANEIRA’ por ‘MOMENTO’, conforme a figura a seguir:

Figura 10: sinalização: MOMENTO ACREDITAR

Candidato 1



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

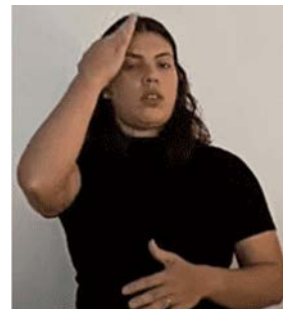
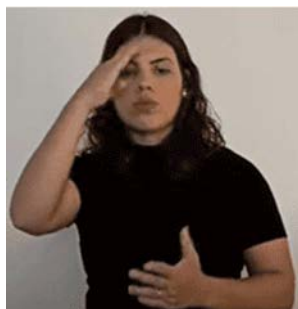
Aqui, novamente, o valor semântico é desconstruído e compromete a compreensão da mensagem em sua totalidade. Fica claro que no processo da interpretação simultânea, é essencial o *lag-time* para

que as buscas lexicais tenham melhores possibilidades e consigam manter o mesmo valor semântico. Neste aspecto, ter domínio de um vocabulário farto faz muita diferença.

O candidato 2 recorreu a mais sinais e sua interpretação ficou assim: ‘CADA CULTURA ACREDITAR ESPECIAL ENTENDER’. Vamos ver apenas os três últimos sinais de ‘ACREDITAR ESPECIAL SABER’:

Figura 11: sinalização: ACREDITAR ESPECIAL SABER

Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Se invertêssemos essa interpretação da Libras para o Português falado, provavelmente, a mensagem ficaria assim: Cada cultura tem um modo especial de acreditar e saber [...]. Embora o sinal MANEIRA ou MODO não apareçam na sinalização, um bom TILS a usaria nesse contexto, como equivalente semântico. Contudo, há um sinal que os candidatos poderiam ter utilizado, MANEIRA/MODO/JEITO, que possuem o mesmo sinal, conforme segue:

Figura 12: Sinal de MANEIRA/JEITO/MODO

Sinal de MANEIRA/JEITO/MODO



Descrição

“Mão horizontal aberta, palmas para trás, dedos curvados. Tocar as pontas dos dedos no peito, repetidas vezes”.

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1759).

Ao utilizarem esse sinal de ‘MANEIRA’, a mensagem ficaria bem mais clara e seu significado de acordo com a LF.

Na frase da LF “cada cultura tem uma maneira de entender o seu **sagrado**, cada cultura tem uma maneira de ver o que é profano e o que é **santificado**”, há a palavra ‘sagrado’ e ‘santificado’. O candidato 1, na primeira menção ao léxico ‘sagrado’ utiliza o seguinte sinal:

Figura 13: Sinal de SAGRADO

Candidato 1



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Ao final, em vez de retomar o sinal ‘sagrado, por meio do dêitico-anafórico, para interpretar “o que é **profano** e o que é **santificado**”, ele decide usar o espaço neutro de sinalização, inclinando o corpo à esquerda, e sinalizar ‘CULTURA EXPLICAR’ e inclinando o corpo à direita, sinalizar ‘OU ERRADO’. Vejamos:

Figura 14: Sinalização: CULTURA EXPLICAR OU ERRADO

Candidato 1



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Entende-se que o candidato 1 não conseguiu passar a mensagem claramente, pois, semanticamente, o sinal ‘EXPLICAR’ não substitui o sinal de ‘SANTIFICADO’. Uma hipótese é que esse candidato, ao sinalizar CULTURA (figura 12), pretendia, na sequência, ainda com corpo ereto, sinalizar EXPLICAR’ (CULTURA EXPLICAR) e, ao seu lado direito, sinalizar ‘SAGRADO, e do outro lado ‘ERRADO’, utilizando o espaço lateral de sinalização. Contudo, ele lançou o corpo à sua direita antecipadamente, esquecendo-se de alocar, nesse espaço, o sinal SAGRADO.

Já, o candidato 2 usou o sinal de ‘SANTO’, tanto para ‘sagrado’, quanto para santificado’, conforme demonstrado na figura 13:

Figura 15: Sinal de SANTO

Candidato 2

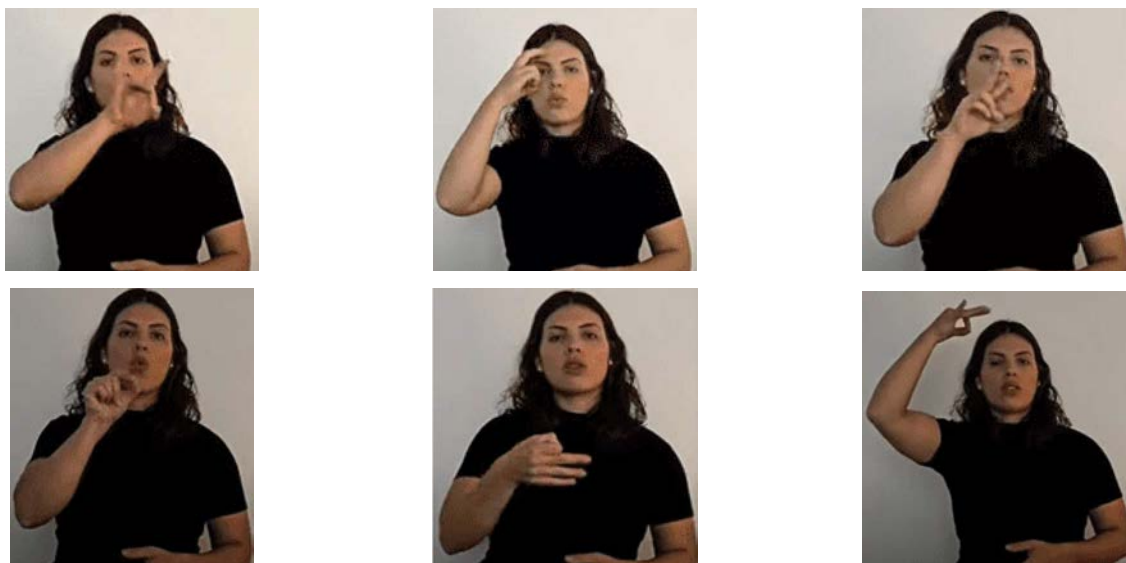


Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Para sinalizar “o que é **profano** e o que é **santificado**”, esse candidato sinaliza ‘CADA CULTURA VER CERTO ERRADO’, conforme seguem as fotos ilustrativas:

Figura 16: Sinalização: CADA CULTURA VER O QUE CERTO SANTO

Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Percebe-se que a sinalização do candidato 2, em relação a esse e aos demais excertos, é uma sobreposição de sinais, sem usar o espaço em frente ou nas laterais do corpo, quase sem expressões faciais e corporais, que são recursos fundamentais no processo interpretativo. Sua expressão é neutra em quase toda a interpretação. Às vezes, há um leve movimento dos lábios com emissão de alguns termos da LP.

Em relação a outros recursos linguísticos que a Libras oferece, a topicalização seria um elemento que contribuiria demais nesse contexto pragmático, visto que:

O surdo precisa visualizar a situação enunciada para que esta faça sentido. Dessa forma, construções com topicalizações parecem atender este quesito, visto que o componente mais importante é trazido para o topo da sentença e posteriormente recebe os comentários (Cotovicz; Streiechen; Antoszcyszen, 2018, p. 33).

Outros elementos, que enriqueceriam a interpretação, seriam o processo dêitico-anafórico, os classificadores, o uso dos espaços mentais na organização do espaço de anunciação, as expressões faciais e corporais. De modo geral, o candidato 1 utilizou-se mais desses elementos do que o candidato 2, o que impactou no entendimento do que foi enunciado em LS, mesmo ocorrendo omissões significativas no processo tradutório.

Desta forma, compreendemos que o trabalho do tradutor e intérprete implica em um processo, em que ele pode influenciar o objeto e o resultado da tradução. Ele recebe a LF, a interpreta e precisa, no ato, decidir sobre o vocabulário, a pragmática e a semântica, buscando coerência e coesão em ambas as línguas, ao mesmo tempo em que mantém a precisão das informações e das intenções da língua original. Essa complexa atividade requer um vasto conhecimento em diferentes campos por parte do intérprete em situação de tradução simultânea.

Considerações finais

Neste texto, analisamos três excertos de um conteúdo interpretado, da LP para a Libras, de dois candidatos em processo de avaliação em banca de proficiência da língua de sinais. A partir das nossas análises, foi possível considerar que ambos os candidatos utilizaram poucos recursos linguísticos da Libras, os quais poderiam enriquecer e tornar a interpretação mais clara e fiel, tais como: a dêixis e a anáfora, *role shift*, os classificadores, os referentes no espaço, entre outros. Houve, também, durante a interpretação, o emprego de sinais que não condiziam ao contexto na LF, ocasionando certa confusão na mensagem final, na LA.

Entretanto, é preciso considerar que esses TILS estavam participando de um processo avaliativo e isso deixa o candidato mais tenso, diminuindo, portanto, a capacidade de pensar rápido e encontrar os sinais equivalentes àquele contexto. Além disso, parte da banca é composta por pessoas ouvintes e, sinalizar para ouvintes, pode ser ainda mais complexo, porque esses ouvintes estão OUVINDO a mensagem e realizando julgamentos que irão interferir diretamente na aprovação ou reprovação do candidato que, por sua vez, sabe dessas consequências. Outra observação importante é que a nossa análise contempla uma, dentre seis etapas distintas de avaliação, cada uma com um valor numérico para chegar em uma nota que se configura no nível de proficiência do candidato.

Relevante destacarmos que é altamente recomendado, aos TILS, estudos específicos de técnicas de tradução e interpretação em LS/LP, pois tendem a potencializar os mecanismos de escolhas interpretativas para que no enunciado, na LA haja a equivalência do conteúdo da LF, em sua

integralidade, gerando os sentidos adequados entre as línguas e seus interlocutores, especialmente em situações de interpretação simultânea, que exige escolhas e decisões rápidas no processo interpretativo.

Consideramos que uma boa conduta de interpretação, do profissional TILS, vai além da noção de neutralidade, imparcialidade ou fidelidade, mas também se revela nas decisões linguísticas e interpretativas que levam em conta a quem se destina a interpretação, na busca incessante em apresentar a mensagem enunciada em sua integralidade.

Ainda, há a imprescindibilidade que o TILS tenha um envolvimento amplo e contínuo com a comunidade surda, pois é primordial mergulhar no universo linguístico, nos espaços de lazer, pesquisas e discussões, no sentido de buscar uma formação continuada, trocar experiências e parcerias nas questões que envolvem a atuação de surdos e ouvintes.

Nesse sentido, nossa investigação destaca que é fundamental aprofundarmos o estudo das escolhas linguísticas, especialmente no que se refere às funções semânticas e pragmáticas, e mostra-se essencial para aprimorar as práticas interpretativas, pois revela como o intérprete processa e produz significados em tempo real. Com base nisso, tais estudos não apenas consolidam a profissionalização do TILS, assegurando qualidade e eficiência no atendimento às demandas comunicacionais dos surdos, mas também abrem perspectivas promissoras para novas pesquisas e para o avanço contínuo do campo da tradução e interpretação.

Referências

AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994,

ARAÚJO, Marília do Socorro Oliveira; CARVALHO, Márcia Monteiro. O desafio da tradução entre Língua Portuguesa e Libras diante do fenômeno da sinonímia. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. 2, pp. 208-228, maio-ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/hSNPc9js8G5HxSzMqNbKqx/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 18 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 2 set. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 18 abr. 2025.

CAPOVILLA, Fernando César, RAPHAEL, Walkiria Duarte; MARTINS, Antonielle Cantarelli; TEMOTEO, Janice Gonçalves. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. São Paulo: EDUSP, 2017.

COTOVICZ, Marcio; STREIECHEN, Eliziane Manosso; ANTOSZCYSZEN, Samuel. Libras: algumas reflexões sobre a sintaxe. *Odisseia*, Natal, RN, v. 3, n. 1, pp. 16-35, jan.-jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12613>. Acesso em: 6 abr. 2025.

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GILE, Daniel. Conference and simultaneous interpreting. In: BAKER, Mona. (org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

GOMES, Eduardo Andrade.; VALADÃO, Michele Nave. Tradução e interpretação educacional de Libras-língua portuguesa no ensino superior: desdobramentos de uma atuação. *Trabalhos em linguística aplicada*, 59. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/PR6PwJ8r3dsgJX7xyMLbSpF/>. Acesso em: 1 abr. 2025.

GRICE, Herbert Paul. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos Metodológicos da Linguística: volume IV – Pragmática – Problemas, Críticas, Perspectivas da Linguística*. Campinas: Editora da Unicamp, 1982.

GUERINI, Andréia. *Introdução aos estudos da tradução*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras – Modalidade a Distância, 2008.

MICHAELIS. Civilização. In: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/civiliza%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 18 maio 2025.

MICHAELIS. População. In: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/popula%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 18 maio 2025.

MICHAELIS. Sociedade. In: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sociedade/>. Acesso em: 18 maio 2025.

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *Delta, Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 19, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-44502003000300013>.

QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos/MEC. Brasília: SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller. de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

ROSA, Andrea da Silva. *Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Campinas, SP, 2008.

SEGALA, Rimar Ramalho. *Tradução intermodal e Intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

STREIECHEN, Eliziane Manosso; FINAU, Rossana Aparecida. Escolhas linguísticas na tradução de um artigo científico da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira. *Revista Uniletras*, Ponta Grossa, v. 46, pp. 1-26, e-22182, 2024.

AS PALAVRAS, OS SINAIS E O CORPO: UMA ANÁLISE DA CORPOREIDADE EM LIBRAS PELA PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO EM LÍNGUAS DE SINAIS

WORDS, SIGNS AND THE BODY: AN ANALYSIS OF EMBODIMENT IN LIBRAS FROM THE PERSPECTIVE OF COGNITIVE LINGUISTICS AND ITS CONTRIBUTIONS TO STUDIES OF TRANSLATION IN SIGN LANGUAGES

Rafael Monteiro da Silva¹

Flávia Medeiros Álvaro Machado²

RESUMO

A tradução e interpretação em Libras ultrapassam a simples transposição de palavras entre línguas; envolvem um processo criativo, no qual o corpo do intérprete se torna o próprio meio de construção do sentido (Silva, 2022). O Tradutor e Intérprete de Libras-Português (TILSP) atua como uma “corporificação do texto” (Lakoff; Johnson, 1999), trazendo para o corpo, os gestos e os sinais o significado completo da mensagem original. Essa abordagem vai além do literal, privilegiando uma recriação que respeita a estética, a expressividade e a cultura da comunidade surda, aspectos centrais da língua visual-gestual que é a Libras (Machado, 2019). A tradução literal muitas vezes não transmite o sentido integral do texto original. A simples literalidade pode distorcer a mensagem, pois o conteúdo está intrinsecamente ligado à forma como é comunicado. No caso da Libras, que depende da expressividade corporal, espacial e facial, a tradução precisa ser sensível e criativa, utilizando esses elementos para preservar o efeito comunicativo original. A transcrição (Campos, 2004) se destaca como a estratégia mais adequada para a tradução em Libras. Ela envolve a recriação do texto na língua alvo, respeitando não apenas o conteúdo semântico, mas também os aspectos estéticos e culturais da língua. Nesse processo, o intérprete é mediador, reconfigurando a mensagem para torná-la acessível e impactante para o público surdo. A Libras exige que o intérprete crie imagens visuais e expressões significativas, respeitando a cultura e identidade do público surdo, configurando-se como uma prática inclusiva e democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução e Interpretação. Corporeidade. Transcrição. Libras.

ABSTRACT

Translation and interpretation in Brazilian Sign Language (Libras) go beyond the simple transposition of words between languages; they involve a creative process in which the interpreter's body becomes the very medium of meaning construction (Silva, 2022). The Brazilian Sign Language-Portuguese Translator and Interpreter (TILSP) acts as an “embodiment of the text” (Lakoff; Johnson, 1999), bringing the full meaning of the original message into the body, gestures, and signs. This approach goes beyond the literal, favoring a recreation that

¹ Doutorando em Linguística Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestre em educação bilíngue de surdos - Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Professor Substituto no Letras/Libras (UFES), Docente do curso de pedagogia da Multivix e Tradutor e Intérprete de Libras Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do grupo LingCognit - Língua(gem) & Cognição: escolhas tradutórias e interpretativas. rafael.silva.57@ufes.br, <https://orcid.org/0009-0004-5284-5643>.

² Pós-doutora em Linguística Universidade Federal de Uberlândia (UFU), doutora e mestre em letras na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e líder do grupo LingCognit - Língua(gem) & Cognição: escolhas tradutórias e interpretativas. flavia.m.machado@ufes.br, <https://orcid.org/0000-0001-7838-1227>.

respects the aesthetics, expressiveness, and culture of the Deaf community, which are central aspects of the visual-gestural language that is Libras (Machado, 2019). Literal translation often does not convey the full meaning of the original text. Simple literalism can distort the message, as content is inherently linked to how it is communicated. In the case of Libras, which depends on bodily, spatial, and facial expressiveness, the translation must be sensitive and creative, using these elements to preserve the original communicative effect. Transcreation (Campos, 2004) stands out as the most suitable strategy for translation in Libras. It involves recreating the text in the target language, respecting not only the semantic content but also the aesthetic and cultural aspects of the language. In this process, the interpreter is a mediator, reconfiguring the message to make it accessible and impactful for the Deaf audience. Libras requires the interpreter to create visual images and meaningful expressions, respecting the culture and identity of the Deaf community, configuring it as an inclusive and democratic practice.

KEYWORDS: Translation and interpretation. Embodiment. Transcreation. Libras.

1. Considerações iniciais

A atividade e a tarefa do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras, requer uma atenção redobrada em suas realizações, devidos ao fato desse profissional estar exposto diretamente a pelo menos duas línguas, para acontecer a tradução e a interpretação, compreendendo serem processos completamente diferentes, mas se complementam em determinados momentos, mas deixamos claro que se trata de processos completamente diferentes. O profissional Tradutor e Intérprete de Libras - TILSP, não está apegado apenas a parte linguística dos sinais produzidos ou que serão produzidos durante o ato tradutório, mas por todo contexto apresentado pelo processo, sendo sinais, representações mentais com significados, corporeidade e tantas outras estruturas apresentadas pela produção em Libras (Silva, 2022), sendo responsável por uma estética linguística e uma estética atrelada ao corpo, enfatizando e ressignificando na língua de sinais os significados que não conseguiriam ser acessados pela língua de partida, sendo assim esse texto precisará ser recriado pelo profissional, por exemplo, quando o texto parte do português falado ou escrito sendo traduzido para a Libras, onde ocorre a tarefa de recriação no texto traduzido na língua de chegada.

Assim, para nós, a tradução de textos criativos será sempre uma recriação, ou uma criação paralela, autônoma, mas recíproca. Quanto mais difícil este texto, mais recriável, mais atraente ele é como uma possibilidade aberta de recreação. Numa tradução desta natureza, não se traduz apenas o sentido, mas traduz-se o próprio signo, ou seja, a sua fisicalidade, a sua própria materialidade (propriedades sonoras, imagens visuais, enfim tudo o que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade) do signo estético, entendido por signo icônico como “que é de alguma forma semelhante ao que designa”). O significado, parâmetro semântico, será apenas o ponto de demarcação do lugar do empreendimento criativo. É, portanto, o inverso da chamada tradução literal. (Campos, 2004, p. 35).

Recriar o texto é respeitar os diferentes propósitos do texto traduzido e principalmente suas similaridades de sentido na língua de chegada, sendo assim, recriar o texto em outra língua vai ser o objetivo que segundo Campos (2004) vai enfatizar para o processo de tradução e a criação na língua de chegada, usando os recursos que a língua de chegada apresenta e exige. Para esse processo se faz necessário a potencialização de um olhar intermodal e que se tratado de uma língua

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

sinalizada utiliza-se a categoria de *embodiment* (Lakoff; Johnson, 1999) que se trata do processo de corporificação, pois se trata da relação direta que a linguagem utiliza o corpo e toda a sua interação com o que está experienciado na realidade, a língua atrelada ao corpo e seus movimentos com a finalidade de produção linguística, evidenciando conceitos e significados estéticos e os signos de uma determinada língua na construção de sentidos, tendo em vista que a Libras é elaborada por essa realidade visual-gestual (Campello, 2008) possuindo os aspectos voltados à visualidade de e para os surdos, onde o tradutor e intérprete precisa conhecer profundamente a língua de partida bem como a língua de chegada, segundo Quadros (2004) esse texto tem suas implicações durante o ato tradutor, sendo assim,

Língua fonte - É a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua (a língua alvo).

Língua alvo - É a língua na qual será feita a tradução ou interpretação. (Quadros, 2004, p. 9).

Outro fator importante para essa pesquisa é que quando falamos de tradução e interpretação em Libras, consideram-se as diferentes modalidades (Rodrigues, 2018) que se apresentam os textos, não somente a língua, mas as modalidades também são diferentes — como é o caso do par português-Libras —, a influência da primeira língua na produção da segunda tende a ser reduzida durante o processo do ato tradutor, que é:

Portanto, entende-se que a tradução, bem como a interpretação, assume-se como um ato cultural que diz respeito não somente a passagem de uma língua para outra, mas a sua relação de existência crítica a começar por quem emite o discurso ou o texto, examinando a relação deste com a língua, bem como cultura, fazendo que esse seja a todo momento colocado em questão sobre sua veracidade e administrado pela pessoa que recebem o texto traduzido/interpretado, ou seja, o texto também é administrado pelo seu leitor. (Silva, 2022, p. 55).

Ao abordar a temática da modalidade, é fundamental compreender as diferenças existentes na forma de reprodução dos códigos linguísticos. No contexto desta pesquisa, isso implica analisar a relação entre línguas orais-auditivas e línguas visuais-gestuais, bem como as particularidades envolvidas no processo de interpretação entre diferentes línguas de sinais.

[...] na interpretação simultânea entre línguas orais, isso não ocorra, visto que também ocorre, mas do fato de as línguas de sinais possuírem algumas características que se destacam, tais como a simultaneidade na organização interna dos sinais e na estruturação dos enunciados, o emprego de verbos de movimento e locação, a intensa ocorrência de expressões faciais gramaticais e emocionais, o uso comum de classificadores, características essas que se vinculam diretamente à modalidade espaço-visual da língua. (Rodrigues, 2018, p. 269).

Isso se deve ao fato de que ambas operam em modalidades distintas: o português, atrelado prioritariamente ao som e à escrita, e a Libras, articulada por meio de elementos visuais e gestuais. Ainda que haja empréstimos linguísticos entre os códigos, suas estruturas gramaticais entram em conflito justamente por pertencerem a sistemas sensoriais distintos.

[...] Uma tradução sempre envolve uma língua escrita. Assim, poder-se-á ter uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada, da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da língua de sinais para a escrita da língua falada, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais. A interpretação sempre envolve as línguas faladas/ sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais. Vale destacar que o termo tradutor é usado de forma mais generalizada e inclui o termo interpretação. (Quadros, 2004, p. 9).

Nesse contexto, considerando que a Libras se vale de recursos da visualidade, conforme Campello (2008). A produção linguística está, portanto, intrinsecamente ligada ao corpo, o que implica que, no processo de tradução entre modalidades, o intérprete/tradutor não pode apenas seguir um modelo linear ou literal de transposição palavra por palavra ou sinal por sinal. Pelo contrário, é necessário que ele atue de forma crítica e criativa, compreendendo e ressignificando o conteúdo na língua-alvo, de modo a construir um novo texto, priorizando não apenas a equivalência semântica, mas também a expressividade e a estética da Libras.

Envolve um ato COGNITIVO-LINGÜÍSTICO, ou seja, é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes. O intérprete está completamente envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos. (Quadros, 2004, p. 27).

Durante o processo de atuação, não apenas usamos a linguagem verbal e gestual, mas também estamos conscientes de nossa presença física e da maneira como nosso corpo expressa significados. A tradução e interpretação em Libras, é uma arte que envolve o corpo, pois nos tornamos “atores” nesse processo interpretativo. Essa corporeidade é parte integrante do ato de traduzir e interpretar em Libras sendo influenciando diretamente pelo modo que nos relacionamos com as línguas, as culturas e as modalidades de comunicação.

Deve-se considerar a intersecção de Língua(s), Cultura(s) e Modalidade(s) ao refletirmos sobre essa prática. A utilização do corpo não é apenas um aspecto físico, mas também uma afirmação da identidade e da intencionalidade no ato de traduzir e interpretar, conferindo profundidade e significado ao que comunicamos, integrando à uma experiência de compreensão linguística.

Os termos tradução e interpretação se complementam e remetem à mesma tarefa, ou seja, “versar os conteúdos de uma dada língua para outra, buscando trazer neste processo os sentidos pretendidos, sem que eles se percam ou que sejam distorcidos no percurso” (Lacerda, 2009, p. 252). O termo *tradutor-intérprete* visa designar o profissional que traduz e interpreta o que foi dito ou

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

escrito, destacando especialmente aqueles que trabalham com pares linguísticos envolvendo línguas sinalizadas. Define-se, assim, o tradutor-intérprete de língua de sinais como o profissional responsável por traduzir e interpretar “a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentem - oral ou falada” (Quadros, 2004, p. 11).

Apesar de serem utilizadas há séculos pelas comunidades surdas, as línguas de sinais só passaram a ser reconhecidas como línguas naturais a partir dos estudos de William Stokoe, na década de 1960. Sua obra pioneira *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf (1960)* demonstrou a estrutura linguística da *American Sign Language* - ASL, desmistificando a ideia de que se tratavam apenas de gestos. Esse marco impulsionou novas pesquisas e, no Brasil, culminou no reconhecimento oficial da Libras pela Lei nº 10.436/2002. A partir disso, a tradução e interpretação entre Libras e português passaram a ser vistas não apenas como práticas técnicas, mas como atos culturais, éticos e identitário, atribuindo aos tradutores-intérpretes a responsabilidade de preservar os sentidos e contextos socioculturais da comunidade surda.

2. Fundamentação teórica

A compreensão sobre o papel da corporeidade, dos sinais e das palavras na tradução e interpretação em Libras demanda uma análise embasada em conceitos teóricos que articulam corpo, linguagem e cognição. Para tanto, este capítulo apresenta os fundamentos da Linguística Cognitiva e da teoria da cognição corporificada, destacando a importância do corpo como elemento central na construção de sentidos e na mediação comunicativa na língua de sinais. Além disso, serão abordadas as contribuições de autores que investigam os processos de tradução, a natureza dos conceitos abstratos e a relação entre cultura, experiência e linguagem, evidenciando a natureza estética, criativa e ética do trabalho do tradutor-intérprete em Libras.

2.1. A relação entre corpo, sinais e linguagem

Ao traduzir para Libras em contextos bilíngues, o corpo do intérprete torna-se elemento central na construção de sentido. Mais do que transpor conteúdos linguísticos, a tradução envolve um processo criativo que incorpora visualidade, ritmo e expressividade. Nesse cenário, a transcrição bem como a corporificação emergem como estratégias essenciais, especialmente quando o texto se insere em práticas literárias e artísticas que rompem com as convenções gramaticais e exploram novas formas de significação. Um fator que colabora com a transcrição e os processos de corporificação para esse texto flertando com o ato tradutório, é o fato de estar em um contexto bilíngue entre o português (escrito ou falado) e as línguas de sinais (Libras), tendo a possibilidade da recriação do texto em um novo texto com um apelo visual e corporal. Como se fosse uma dança dos sinais e das palavras sendo traduzidas, fluindo pelo corpo e pelas mãos, não somente se atendo aos sinais produzidos, mas todo o corpo sendo imerso nesse processo estético que envolve a Libras.

Na literatura, brincamos principalmente com a língua para criar efeitos estéticos. A teoria linguística lida com uma descrição de “unidades” delimitadas da língua, descrevendo os fonemas e morfemas, os sinais, os itens do vocabulário e a sintaxe das sentenças, mas a língua artística vai além dos limites dessas unidades fundamentais da Libras. As brincadeiras estéticas mesclam os sinais até que não existam mais “unidades”, quebram as regras fonológicas, geram morfemas esquisitos e criam novas experiências visuais e comunicativas fora dos padrões da Libras cotidiana. Os elementos na literatura sinalizada chamam atenção ao “visual” com movimento no espaço e por isso são diferentes dos elementos literários na literatura escrita, especialmente na literatura escrita das línguas orais. (Sutton-Spence. 2021, p. 56).

O corpo passa a se utilizar de parâmetros com significação linguísticas incorporadas a substantivos e tantas outras construções gramaticais tendo em vista que a parte estética das línguas de sinais estarão diretamente ligadas a produção do corpo, das mãos, dos gestos, das expressões faciais e seus parâmetros em geral ligados a uma experiência de produção corporal que faz saltar aos olhos do espectador que faz a leitura desse texto agora corporificado.

A experiência corporal das pessoas surdas é, na maioria, de visão e de tato ao invés de som, e a linguagem estética da literatura destaca isso. Já falamos que a Libras artística e literária nos poemas, nas narrativas, no teatro e até nas piadas, centra-se na linguagem estética visual. A linguagem estética apela aos sentidos e por meio dela o artista surdo busca criar uma experiência para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação. (Sutton-Spence. 2021, p. 55).

A tradução mistura diversos elementos em sua realização, não preso às palavras do português e muito mesmo a somente itens lexicais ou vocabulares, mas expandindo a compreensão para um lugar cênico carregado de criatividade.

A Libras criativa é uma forma de arte linguística que compartilha elementos em forma de arte visual e arte visual em movimento. Frequentemente, a literatura vai além do vocabulário da Libras para criar algo muito mais visual. Às vezes, a literatura em Libras é mais parecida com a pintura, a dança, o filme e o cinema e tudo isso compõe um elemento estético (Sutton-Spence. 2021, p. 56).

A tradução e interpretação em Libras baseia-se em uma literatura visual e gestual que valoriza a criatividade e a expressividade da língua de forma artística. Esse processo ultrapassa os limites das descrições tradicionais da linguística, indo além das regras gramaticais formais que costumam definir a linguagem em unidades fixas como fonemas, morfemas e sinais. Isso evoca que, em Libras, os sinais deixam de funcionar apenas como unidades fixas com significados estáveis e explorados visualmente, com ênfase no movimento, no espaço e na expressão corporal. É por isso que os elementos estéticos dessa forma de literatura são muito diferentes daqueles da literatura escrita em línguas orais. Sendo assim o apelo estético da tradução ganha novas evidências.

Mais especificamente, sua distinção de base semiótica e teórico-informativa entre “informação documentária”, “informação semântica” e “informação estética”. Cada uma

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

dessas categorias remetem, respectivamente, a contextos informacionais específicos. “Informação documentária” remete a um contexto que “reproduz algo observável, é uma sentença empírica, uma sentença-registro”. (Campos, 2004, p. 32).

Gessner (2016), propõe a existência de três tipos de informação, são elas, a informação documentária, a informação semântica e a informação estética. Cada uma delas se relaciona com diferentes níveis de complexidade dentro do processo comunicativo. A informação documentária refere-se àquilo que é diretamente observável, como um registro empírico como, por exemplo, a frase “O livro está sobre a mesa” apenas descreve um fato perceptível, enquanto a informação semântica vai além, por introduzir um elemento interpretativo, como julgar se a frase é verdadeira ou falsa: “O livro está sobre a mesa é uma sentença verdadeira”. Já a informação estética se destaca por romper com a previsibilidade e agregar um grau de surpresa, imprevisibilidade ou originalidade à organização dos signos. Ou seja, ela não somente transmite algo, mas provoca uma experiência sensível e criativa e em Libras, visual e corporal, característica essencial em obras traduzidas e interpretadas em línguas sinalizadas.

Cada uma dessas categorias remetem, respectivamente, a contextos informacionais específicos. “Informação documentária” remete a um contexto que “reproduz algo observável, é uma sentença empírica, uma sentença-registro” (Campos, 2004, p. 32); por exemplo: “O livro está sobre a mesa”. A “informação semântica” vai além da informação documentária ao acrescentar algo que não é passível de ser observado; acrescenta um “elemento novo” que pode ser, por exemplo, uma categoria de “verdadeiro” ou “falso”: “O livro está sobre a mesa é uma sentença verdadeira”. A “informação estética”, por sua vez, transcende a semântica, agregando elementos de “imprevisibilidade”, “surpresa”, improbabilidade, na “organização dos signos”[...]. (Gessner, 2016, p. 147).

A distinção entre informação documentária, semântica e estética propõe diferentes níveis de complexidade no tratamento da informação. A informação semântica vai além da documentária ao introduzir elementos que não são diretamente observáveis, como, por exemplo, a possibilidade de classificar uma sentença como verdadeira ou falsa — o que já implica um processo de interpretação. Já a informação estética ultrapassa esse nível ao incorporar aspectos como imprevisibilidade, surpresa e improbabilidade na forma como os signos são organizados. Nesse caso, o sentido não está apenas no que se diz ou na veracidade do que é dito, mas na maneira criativa e sensível com que a linguagem é estruturada, gerando experiências que envolvem a percepção e a emoção do receptor. Assim, compreende-se uma progressão que vai do descritivo ao interpretativo e, por fim, ao estético, destacando a riqueza e diversidade dos modos de significar.

Assim permite compreender diferentes níveis de complexidade e intenção na produção e recepção da informação. Enquanto a informação documentária está ligada à descrição objetiva e observável da realidade, a informação semântica acrescenta interpretação e julgamento de valor, e a informação estética ultrapassa ambos os níveis ao introduzir a criatividade, a subjetividade e a imprevisibilidade na organização dos signos. Essa última categoria é especialmente relevante nos contextos artísticos e

poéticos, onde o efeito estético é construído por meio de uma experiência sensível e não apenas pela transmissão de conteúdos objetivos ou lógicos.

2.2. Conceitos de signos, categorias e a cognição humana

O processo de tradução e interpretação em Libras de fato envolve a manifestação do corpo diante de uma determinada audiência, essa visibilidade traz à tona a necessidade de uma visualidade (Campello, 2008) que fica evidenciada pela modalidade que a língua é produzida, sendo assim, o texto não pode ser separado de sua encenação (Quadros; Souza, 2008). Destacando a partir dessa realidade a questão da intermodalidade (Rodrigues, 2018) durante a sua produção, principalmente por ser línguas diferentes que se articulam de formas peculiares de serem pensadas e projetadas.

[a] língua fonte (LF), portanto, é a Língua Portuguesa escrita e a língua alvo (LA), é a Língua Brasileira de Sinais na sua versão “oral”. Entende-se “oral” em como a língua na sua forma de expressão oral, no caso específico das Línguas de Sinais, expressão em sinais. Como as modalidades das línguas envolvidas são diferentes, percebem-se efeitos de modalidade. (Quadros; Souza, 2008, p.175).

Segundo os estudos linguísticos, outra evidência sobre o processo de tradução é que de acordo com Jakobson (1959) que versa com a realidade do processo de tradução estar entre línguas diferentes, pode ser considerado um processo interlingual.

Tradução interlingual: que corresponde em ser o processo de tradução conforme o já determinado, que se utiliza da interpretação dos signos verbais por meio de outra língua, podendo, por exemplo, ser um processo de tradução de um livro infantil em 51 português para a Libras ou pegando uma contação de história em Libras e interpretando de maneira simultânea para um público alvo. (Silva, 2022, p. 51).

Nos estudos linguísticos, envolvendo o olhar da tradução e a interpretação em línguas sinalizadas, uma vez que o pano de fundo dessa pesquisa é a tradução e a interpretação envolvendo diretamente línguas em contraste. Segundo Quadros e Segala (2010), que a tradução intramodal como um quarto processo atrelado ao que encontrado por Jakobson (1959), que visa lidar justamente com o ato tradutório ao ter uma língua de sinais envolvida durante o processo, ou seja, todos os processos encontrados anteriormente, como estando atrelados e envoltos ao processo intermodal.

Na tradução de Língua Portuguesa para Libras, esses diferentes tipos de tradução precisam captar as especificidades envolvidas nesse processo, pois estamos diante de línguas em diferentes modalidades. Assim, vamos tratar essa tradução intermodal como um quarto tipo, conforme proposto por Segala (2010), mas salientamos que é uma tradução que envolve línguas, ou seja, sistemas verbais (tradução interlingual) e outros sistemas não-verbais (tradução intersemiótica). Importante esclarecer que a Libras, assim como outras línguas de sinais, configuram um sistema verbal, apesar de se apresentarem na modalidade visual-espacial. (Quadros; Segala, 2015, p. 358).

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

A tradução se torna uma corporificação do texto original, podendo ser o texto falado ou escrito, exigindo que o tradutor traga para o corpo e para os sinais não apenas as palavras, mas o sentido completo do texto. Isso significa evitar uma postura rígida ou estanque durante a tradução, abrindo espaço para a criação de imagens visuais (descrições imagéticas) que representem, de forma significativa, as ideias expressas no conteúdo de origem. Assim, o corpo do tradutor não atua apenas como instrumento, mas como espaço de criação, onde cada escolha de sinal, expressão ou movimento precisa ser crítica e consciente, respeitando a cultura e a identidade do público surdo.

[...] mas está ligado ao fato desse processo ser interpretativo, uma corporificação do texto falado ou escrito, trazendo para as mãos, para o corpo, para os sinais o que o texto como um todo quer significar e não deixar a pessoa que está executando o ato tradutório estanque, rígido em uma tradução, mas sendo criativo no que diz respeito a criação de descrições imagéticas, como esse corpo vai ser atravessado pelo texto que se interpreta e traduz, como será a produção de tal sinal utilizado durante a fala, escolhas lexicais, escolhas tradutórias, sendo crítico para não cometer algum equívoco, quase um processo metafísico da tradução, sendo criterioso na escolha de produção de sinais, respeitando a cultura, a identidade do interlocutor do texto, e nesse caso o receptor do texto uma vez que o tradutor e intérprete se coloca em uma posição de estar no meio do texto onde ele é atravessado pelo texto, pelas intenções. (Silva, 2022, p. 30).

Silva (2022) destaca a complexidade e a profundidade do processo tradutório quando se trata da tradução para a Libras, tendo em vista que essa prática é atravessada pela perspectiva da transcrição (Campos, 2004), que traz a possibilidade do tradutor e intérprete como recriador do texto na língua de chegada. A transcrição evidencia o aspecto estético do texto, ou seja, a maneira como ele é apresentado podendo assim possuir ritmo, estrutura, estilo e até sensações visuais ou em alguns casos informações sonoras como onomatopeias entre outras características textuais verbais e não verbais. Nessa abordagem, o significado do texto não está apenas nas palavras em si, mas na forma como essas palavras são articuladas e precisam ser recriadas para a Libras, mantendo sentido e se alterando pela forma. O alvo da transcrição, como uma ferramenta do ato interpretativo, está em recriar o mesmo efeito ou impacto no público da língua de chegada, respeitando as características culturais e expressivas daquela nova língua.

A transcrição, portanto, prioriza o efeito estético, que em muitos casos pode estar na própria superfície formal de um texto, sendo que o significado é o resultado dessa articulação de formas; já a tradução literal estabelece em primeiro plano a significação do texto, busca reproduzir na língua de chegada os mesmos efeitos de sentidos obtidos na língua de partida, sendo que o aspecto formal, muitas vezes, é deixado em segundo plano. (Silva, 2022, p. 71).

Por outro lado, a tradução literal busca manter o significado original do texto com o máximo de fidelidade, priorizando o conteúdo e o sentido direto das palavras, mesmo que a forma estética do texto original seja deixada em segundo plano. Quando pensamos na tradução para a Libras, esse contraste se torna ainda mais evidente. Como a Libras é uma língua visual e gestual, depende da

visibilidade (Campello, 2008), que depende do corpo, da espacialidade e da expressividade, a simples tradução literal de palavras pode não ser suficiente para transmitir de forma eficaz o conteúdo e, principalmente, o impacto comunicativo de um texto.

A fidelidade na tradução da palavra isolada quase nunca consegue dar plenamente o sentido que ela tem no original, porque este não se esgota, na sua significação poética original, naquilo que se quer dizer, mas adquire-a precisamente pela forma como o que se quer dizer se articula com o modo do querer dizer nessa palavra. Costuma expressar-se esta ideia através da fórmula que diz que as palavras transportam consigo conotações afectivas. A simples literalidade na transposição da sintaxe vira completamente do avesso qualquer reconstituição de sentido, ameaçando mesmo levar à absoluta incompreensão. (Benjamin, 2011, p. 93).

Benjamin (2011) afirma que traduzir uma palavra isoladamente raramente transmite todo o sentido que ela carrega no original. Isso acontece porque o significado de uma palavra não está apenas no que ela diz, mas em como ela diz. Ele discute uma limitação importante da tradução literal, ou seja, o sentido poético e afetivo da linguagem surge da combinação entre o conteúdo (o que se quer dizer) e a forma (o modo como se diz), destacando que as palavras têm conotações afetivas, carregam sentimentos, cultura, estilo e que ignorar isso, ao simplesmente reproduzir palavras ou estruturas gramaticais literalmente, pode distorcer completamente o sentido original do texto. Em vez de elucidar o conteúdo na nova língua, a tradução literal pode até gerar incompreensão e ruídos que não deixam claro sobre a realização na Libras, por exemplo. Esse pensamento reforça a importância de uma abordagem mais sensível e criativa na tradução, como a transcrição, especialmente quando lidamos com línguas como a Libras, que operam com outras formas de expressão e sentido.

Nesse sentido, a transcrição se mostra adequada, por exigir que o tradutor-intérprete utilize o corpo de forma criativa, deixando emergir em seu processo de corporeidade, envolvendo expressões faciais, uso do espaço e construção visual de conceitos diversos para representar, em Libras, não apenas o que o texto diz, mas como ele diz. Nesse processo, o corpo não é somente um veículo da tradução, mas o próprio meio de construção do sentido. Traduzir para Libras não é simplesmente converter palavras de uma língua para outra, mas sim realizar um ato criativo e estético que exige do tradutor-intérprete sensibilidade, criticidade e domínio dos recursos corporais, visuais e espaciais. Como a Libras é uma língua visuo-gestual, ou seja, que depende do corpo, das expressões faciais e do espaço para se concretizar, é necessário que o profissional saiba lidar com esses elementos que ultrapassam a convencionalidade da língua.

Durante o processo de transcrição, é fundamental que o tradutor ou intérprete de Libras — seja em traduções do português para Libras, de Libras para o português, ou entre Libras e outras línguas de sinais — atue de forma crítica na língua de chegada. Mais do que simplesmente buscar equivalência semântica, esse profissional deve fazer escolhas linguísticas conscientes, considerando aspectos culturais, estéticos e expressivos que contribuam para a construção de sentido no novo texto.

Podemos perceber nos exemplos abaixo o processo de transcrição, onde usaremos quatro frases para exemplificar o processo:

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

A) Frase em português:

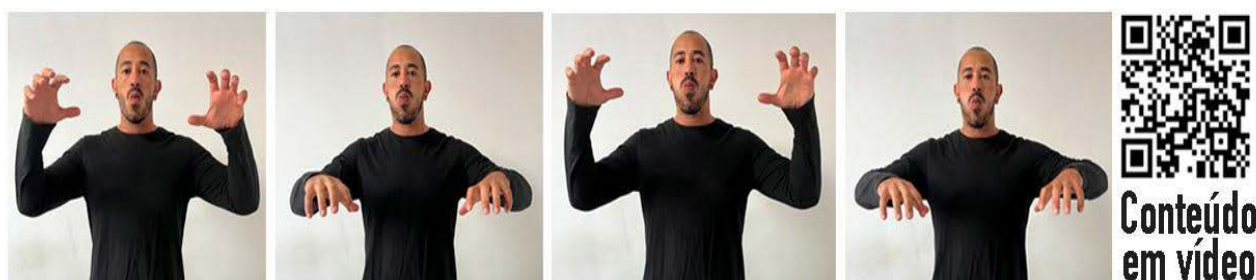
Está chovendo canivetes!

B) Frase em inglês:

It's raining cats and dogs!

C) Frase em Libras: (*SINAL DE CHOVER + ÊNFASE NA FORÇA DA CHUVA*).

Figura 1: Exemplo do sinal em Libras.



Fonte: Exemplo extraído de Silva (2022, p. 67).

D) Frase em ASL: (*SINAL DE CHOVER + ÊNFASE EM UMA AÇÃO EQUIVALENTE A DERRAMAR UM LITRO/BALDE DE MUITA ÁGUA*).

Figura 2: Exemplo do sinal em ASL.



Fonte: Exemplo extraído de Silva (2022, p. 67).

Na frase A, temos uma expressão que significa “está chovendo muito” ou “está caindo uma forte chuva”, embora nenhuma chuva literal de objetos cortantes esteja ocorrendo, trata-se de uma expressão idiomática que não pode ser traduzida literalmente. Na frase B, a tradução literal da expressão inglesa “*it's raining cats and dogs*” resultaria em algo como “está chovendo gatos e cachorros”, o que também não faz sentido literal. Ambas as frases, em suas respectivas línguas de origem, expressam a ideia de uma chuva intensa por meio de construções metafóricas que fogem à literalidade.

Já na frase C, em Libras, a construção assume contornos visuais específicos. O sinal para “muita chuva” envolve expressões faciais marcantes como inflar as bochechas e soprar compõem a intensidade do sinal sendo produzido para passar o significado e o movimento repetido das mãos de cima para baixo, reforçando visualmente a ideia de intensidade e direção da chuva. Essa escolha, além de comunicar a informação semântica, agrega valor estético e expressivo por meio da corporeidade e da visualidade características da Libras.

Semelhantemente, na ASL, a expressão equivalente também se afasta da estrutura literal do inglês. Além de preservar o apelo visual, a construção do sinal pode incluir um gesto metafórico semelhante ao ato de despejar água de um balde, enfatizando a quantidade de chuva que cai. Nas quatro frases analisadas, a ideia de “chuva” está presente, seja por meio da palavra (em português e inglês) ou dos sinais (em Libras e ASL). No entanto, enquanto as línguas orais recorrem a metáforas linguísticas, as línguas de sinais traduzem essa metáfora em expressões corporais e visuais, promovendo uma reconstrução estética e sensorial do significado, por meio da transcrição e da corporeificação. justificando o uso do recurso da transcrição para a Libras e para a ASL por conta da reconstrução modal da língua.

2.3. Tradução, interpretação e a estética na LIBRAS

Uma importante compreensão para essa pesquisa é a base teórica da obra nomeada *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*, de George Lakoff e Mark Johnson (1999), tem como fundamento a teoria da cognição corporificada ou *embodied cognition*. Esta teoria trata que a mente e a cognição humana não estão separadas do corpo e de suas experiências físicas, mas são, na verdade, fundamentadas nelas. Os autores da obra, exploram como o funcionamento cognitivo está profundamente enraizado em aspectos corporais, sensoriais e motores, desafiando a visão tradicional que separa mente e corpo, o pensamento humano não é uma atividade isolada da mente, mas surge diretamente das experiências corporais e sensoriais.

Com base nesse pensamento pode-se alinhar as possibilidades do aprendizado de uma língua e por meio dessa estamos de maneira direta associando os nossos pensamentos a esse aprendizado, fazemos diversas inferências durante o processo de aprendizagem até que julgamos estar aptos para pensar, se relacionar e colocar em prática dessa língua aprendida. Tendo como exemplo a Libras, algumas pessoas que aprendem a língua e tem um determinado desempenho com a língua, acabam migrando profissionalmente para as profissões de tradutores e intérpretes de Libras, inclusive essa expansão também abarcou o crescimento para os tradutores e intérpretes de Libras surdos,

A tradução e a interpretação de/entre/para línguas de sinais têm ganhado considerável visibilidade nas últimas décadas. Além disso, os intérpretes surdos têm conquistado cada vez mais espaço na mídia televisiva, na internet, nos eventos internacionais, atuando na interpretação de conferências e em diversos âmbitos intrassociais — inclusive junto aos intérpretes ouvintes — na promoção do acesso das comunidades surdas aos provedores de serviços de Saúde, Justiça e Educação, por exemplo. Podemos citar também os muitos trabalhos de tradução para a língua de sinais que circulam socialmente, os quais foram em sua íntegra produzidos por surdos. (Rodrigues; Ferreira, 2019, p. 110).

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

Além disso, é interessante considerar como, nesse contexto, a modalidade gestual-visual de Libras interage naturalmente com os gestos e expressões corporais que já utilizamos em vários atos comunicativos (Befi-Lopes; Oliveira; Soares, 2024). Esse ponto encontra um paralelo histórico na relação de L'Épée com a língua de sinais, estabelecida por meio de sua interação com surdos franceses que utilizavam a língua em seu cotidiano. Embora a história frequentemente atribua a criação da língua de sinais a L'Épée, Baiense (2023), observa que sua trajetória foi, na verdade, direcionada ao aprendizado de uma língua já existente, ainda que não oficial.

A relação de L'Épée com a língua de sinais se deu com a interação entre ele e os surdos franceses que a utilizavam de maneira cotidiana; apesar da história relatar que foi o religioso que criou a língua no século XVIII, percebemos que sua trajetória foi bem direcionada a aprender uma língua que, mesmo não sendo oficial, já existia. (Baiense, 2023, p. 30).

É importante ressaltar que essa perspectiva não pretende generalizar sobre a profissão, mas sim refletir a experiência de alguns profissionais, muitos dos quais relatam ter aprendido Libras em ambientes religiosos. Segundo Santos (2016), “metade dos intérpretes que narraram sua história de vida destacaram que aprenderam a Língua de Sinais em uma instituição religiosa, seja por meio de oficinas ofertadas pela instituição, seja pelo contato com surdos que frequentam a igreja”. Esse perfil evidencia um aprendizado que ocorre fora das instituições públicas e privadas formais.

Metade dos intérpretes que narraram sua história de vida destacaram que aprenderam a Língua de Sinais em instituição religiosa, seja através de oficinas ofertadas pela instituição, seja pelo contato com surdos que frequentam a igreja. Tal perfil evidencia a origem do aprendizado fora do âmbito institucional do público e privado. (Santos, 2016, p. 31).

Nota-se a indissociabilidade entre o aprendizado da Libras e sua aplicação nas variadas trajetórias profissionais que os intérpretes podem seguir. Esse ponto nos remete às ideias de Lakoff e Johnson (1999), que propõem uma teoria da cognição corporificada fundamentada em três premissas principais. Essa base teórica aborda também os efeitos da corporalidade na linguagem e na formação de conceitos culturais, ampliando o entendimento sobre como as interações sensoriais e motoras influenciam o pensamento humano e como as metáforas moldam nosso conhecimento.

Primeiramente, eles defendem que a mente é inerentemente corporificada, ou seja, nosso corpo molda nossa maneira de pensar. A cognição, portanto, não é um processo abstrato e independente, mas profundamente influenciado por como percebemos e interagimos fisicamente com o mundo. Em segundo lugar, os autores argumentam que os conceitos são essencialmente metafóricos. Para eles, as metáforas são mais do que meras figuras de linguagem; são o fundamento de como compreendemos conceitos abstratos. Essa metáfora fundamentada na experiência física é o que nos permite entender ideias complexas, como tempo e moralidade, a partir de aspectos concretos e familiares, como espaço e movimento.

A visão tradicional da racionalidade ao sugerirem que a razão depende da percepção e não é puramente lógica ou objetiva. A racionalidade humana, em sua visão, é inseparável das experiências

corporais e do contexto cultural, contrariando a ideia clássica de uma razão “pura” e descontextualizada. Dessa forma, *Philosophy in the Flesh* explora como a corporalidade influencia nossa linguagem e como a cognição se apoia na experiência física. Ao demonstrar que o pensamento humano é enraizado em interações sensoriais e motoras, os autores reformulam o entendimento da razão e da linguagem, colocando a metáfora e o corpo como centrais no processo cognitivo e na construção de conhecimento.

Tratar da Linguística Cognitiva - LC, bem como as questões sobre conceitos abstratos, que provém das obras de Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1999), Croft e Cruse (2004), Geeraerts (2006), Feltès (2007) entre tantos outros autores que tratam sobre os diversos processos relacionados às “categorias conceituais e a sua relação com as categorias linguísticas” (Machado, 2019, p. 263). De acordo com as propostas da LC, os conceitos projetam, baseadas em nossas experiências, as propostas de compreensão sobre a realidade.

A realidade não é meramente subjetiva, mas também não pode ser considerada algo totalmente objetivo e independente de nossa percepção, segundo a compreensão de Delbecque (2008). O mundo não existe de forma única e fixa por si só e se manifesta sempre a partir da nossa atividade cognitiva, ou seja, da maneira como categorizamos e interpretamos a realidade com base em nossa percepção, conhecimento, emoções e experiências.

No entanto, isso não significa que cada indivíduo viva em uma realidade isolada, pois conseguimos compartilhar significados e construir uma compreensão comum do mundo por meio da intersubjetividade. Apesar de vivenciarmos certas experiências em nosso modelo individual, ou nosso ponto de vista, experimentamos também pelo coletivo, pelo olhar plural de observar e compreender o mundo. Viver em sociedade implica justamente essa partilha de experiências e a construção de acordos sobre o que consideramos real, permitindo a comunicação e a organização coletiva da vida social.

O mundo não é uma realidade objectiva em e por si mesma. Ela aparece sempre de uma forma ou de outra por meio de nossa actividade que consiste em categorizar com base em nossa percepção, nosso conhecimento, nosso estado de espírito; em suma, a partir de nossa condição humana. Isso não quer dizer que a realidade assim criada seja subjectiva, uma vez que conseguimos chegar a acordo sobre as nossas experiências intersubjectivas. Com efeito, viver em sociedade significa partilhar experiências comuns. (Delbecque, 2008, p. 35).

Essa perspectiva de experimentar o mundo, é uma visão trabalhada em Lakoff (1987) como sendo uma visão ‘experencialista’, como, por exemplo:

[...] pois quando se observa conceitos, como MESA ou LIVRO, ambos lexemas envolvem processos de categorização que são resultados das interações da nossa percepção, conhecimento, sócios culturais e situacionais da língua em uso. Embora pareçam menos problemáticos, eles implicam em sua construção e uso, uma série de operações cognitivas, de acordo com a comunidade de fala. (Machado, 2019, p. 264).

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

Machado (2019, p. 264) explica assim, que alguns conceitos, embora pareçam simples tem suas proporções e dimensões categóricas bem mais aprofundadas, como nos exemplos citados pela autora, como MESA ou LIVRO não são apenas palavras isoladas, mas envolvem processos de categorização que são resultados de nossas interações e a nossa percepção, bem como o nosso conhecimento sociocultural e ainda podemos dizer que o contexto em que a língua é utilizada também influencia esses processos. Embora esses conceitos possam parecer simples e universais, sua construção e uso dependem de diversas ‘operações cognitivas’ que variam de acordo com a comunidade de fala. Isso significa que, ao nomearmos objetos, estamos aplicando ‘esquemas mentais’ em que foram desenvolvidos ao longo de nossa experiência e influenciados pelo meio social em que estamos inseridos.

Outros conceitos como VIOLÊNCIA, LIBERDADE, AMOR, VIDA, JUSTIÇA (...) são mais complexos em sua construção e aplicações a contextos de fala, pois são afetados pela natureza das instituições sociais, jurídicas, religiosas, entre outras, as quais variam sobremaneira de cultura para cultura e de subcultura para subcultura em uma mesma comunidade. São considerados abstratos à medida que implicam mais operações de abstração, em que crenças e valores introduzem não apenas maior variação, mas também mais negociações de sentido em eventos de fala. (Machado, 2012, n.p.).

Feltes (2007) explica que conceitos como ‘violência’, ‘liberdade’, ‘amor’, ‘vida’ e ‘justiça’ são mais complexos em sua construção e aplicação, pois seu significado depende das instituições sociais, jurídicas e religiosas que os moldam, variando significativamente entre culturas e até mesmo dentro de diferentes grupos de uma mesma comunidade. Esses conceitos são considerados abstratos porque exigem um maior nível de abstração para serem compreendidos, já que crenças e valores influenciam sua interpretação, gerando não apenas variações no significado, mas também negociações constantes sobre seu uso em contextos de fala.

Ao comparar essa explicação com a de Machado (2019), percebe-se que, enquanto conceitos como “mesa” e “livro” envolvem processos de categorização baseados na percepção direta e no conhecimento sociocultural e situacional, os conceitos abstratos dependem de camadas mais complexas de interpretação. No primeiro caso, a categorização é mais concreta e objetiva, pois se refere a objetos físicos facilmente identificáveis, embora ainda envolvam operações cognitivas.

Outra abordagem possível para esta pesquisa é a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados - TMCI, proposta por Lakoff (1987), segundo a qual “os conceitos e categorias têm sua estrutura motivada por modelos cognitivos e culturais” (Machado, 2019, p. 264). Essa teoria sugere que os conceitos organizam o pensamento com base nas relações humanas, projetando a realidade a partir de nossas experiências, enquanto as categorias agrupam e representam conjuntos de entidades. Essa perspectiva, fundamentada na Linguística Cognitiva, permite compreender como a estruturação do conhecimento é influenciada por fatores cognitivos e culturais, em outras palavras, categorizamos e compreendemos os conceitos com base no que vivemos e nas interações que temos, e essa capacidade de organizar informações é inerente à cognição humana.

Delbecque (2008) traz a língua, vista como um sistema de signos, não se limita a uma simples relação entre forma e significado. Os signos linguísticos estão conectados ao ‘conceptualizador’³ humano, ou seja, ao indivíduo que interpreta e dá sentido às palavras com base em sua experiência do mundo. Isso significa que as relações de “significado” dos signos não é estanque e isolado, porém construído a partir da maneira como cada indivíduo percebe e experimenta as diferentes realidades. Passa a existir então uma relação dinâmica entre o conceptualizador, as categorias que ele utiliza para organizar o conhecimento e os signos linguísticos que expressam esses conceitos.

Uma visão mais abrangente da língua como sistema de signos ultrapassa o tipo de ligação entre a forma e o significado de um signo linguístico. Este é então ligado ao “conceptualizador” humano e ao mundo que é o seu, isto é, tal como ele o vive. O conceptualizador, as categorias e os signos linguísticos estão ligados entre si (Delbecque, 2008, p. 35).

Ao relacionar essa ideia com as categorias conceituais, percebe-se que tanto os signos linguísticos quanto as categorias são estruturados com base na experiência humana e na maneira como interpretamos o mundo. As categorias conceituais, como apontado na TMCI, não são somente agrupamentos objetivos de entidades, mas refletem a forma como os indivíduos organizam a realidade com base em seus modelos cognitivos e suas culturas. Isso reforça a concepção de que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo da cognição humana, mediando nossa percepção do mundo e a forma como compartilhamos significados em uma comunidade.

3. Considerações metodológicas

Esta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem teórica e analítica, que se volta à uma compreensão dos processos de tradução e interpretação em Libras sob a perspectiva da corporeidade e da cognição, com ênfase na relação entre corpo, linguagem e cultura. Para isso, utilizamos uma análise crítica de obras e autores que contribuem para o entendimento e a compreensão do funcionamento cognitivo e do papel do corpo na produção de sentidos, considerando as especificidades da língua de sinais e sua natureza visual-espacial, bem como o tradutor e intérprete de Libras se encontra nesse contexto.

A princípio, estabelecemos o arcabouço teórico com base na teoria da *embodied cognition*, defendida por Lakoff e Johnson (1999), que sustenta que a mente e os processos cognitivos estão profundamente estabelecidos nas experiências corporais e sensoriais. Essa perspectiva é importante para compreender que as línguas de sinais, entre elas a Libras, são línguas com características de uma visualidade e determinada gestualidade, cuja estrutura e significado estão estes intrinsecamente ligados à corporeidade do sujeito que sinaliza, influenciando diretamente suas formas de produzir e interpretar sinais.

³ O sujeito conceptualizador ou observador, é aquele que se relaciona com o processo, sendo o “que” ou “aquele” que conceitualiza; conceptualizador.

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

Em conjunto com tais abordagens acima citadas, incorporamos as reflexões de Campos (2004), que enfatiza a importância do processo de recriação textual na tradução para línguas de sinais, destacando que a tradução não é apenas uma transposição de palavras, mas uma reinterpretação que valoriza a materialidade dos signos visuais e gestuais, potencializadas pelo corpo do intérprete. Campos ressalta a necessidade de uma visão intermodal, na qual recursos corporais e visuais são utilizados de forma integrada para manter o sentido original do texto, seja ele literário, poético ou informacional.

Para embasar essa compreensão no ponto de vista de uma língua de modalidade visual-espacial, suportamos nossa análise com as contribuições de Quadros (2004), que enfatiza a importância da corporeidade na constituição do significado em Libras, onde o corpo não atua como mero veículo de sinais, mas como elemento ativo na construção de sentidos. Assim, a produção de sentidos na língua de sinais é uma atividade corporal que envolve gestos, expressões faciais e espaço, elementos que, segundo a autora, são fundamentais na compreensão estética e semântica de textos sinalizados.

Empregamos também os conceitos discutidos por Delbecque (2008), que aborda a natureza dinâmica dos signos linguísticos e a influência das experiências culturais na formação do significado. Essa abordagem permite uma análise sensível às diferenças culturais e às experiências pessoais dos intérpretes e dos sujeitos de tradução, fundamentais na elaboração de estratégias de interpretação que respeitem os contextos culturais dos usuários de Libras.

Para ampliar a base de sustentação, também incluímos contribuições de autores contemporâneos como Sutton-Spence (2021), que destaca elementos específicos da literatura de sinais, e de Benjamin (2011), que discute aspectos estéticos e emocionais na tradução, reforçando a importância de uma atuação sensível e criativa no processo de interpretação. Essas obras ajudam a compreender que a tradução de textos em Libras envolve mais do que a substituição de signos, requer uma re-criação estética baseada na corporeidade, na visualidade e na cultura surda.

A análise dos textos se apoiará, assim, na compreensão de que a língua de sinais é uma língua articulada por sinais que possuem propriedades iconográficas, espaciais e expressivas, sendo que esses elementos demandam do intérprete uma atuação que combina precisão técnica com sensibilidade estética e cultural. Assim, a pesquisa busca compreender as estratégias utilizadas pelos tradutores para manter o sentido, a estética e a cultura presentes nas obras sinalizadas, refletindo o papel central do corpo na construção desses sentidos.

Dessa forma, a metodologia emprega uma análise crítica de textos e traduções, apoiada em uma revisão bibliográfica que aborda conceitos de linguística cognitiva, corporeidade, comunicação visual e estética, sempre considerando o contexto sociocultural da língua de sinais. Cada uma dessas referências fornece elementos essenciais para uma compreensão aprofundada do papel do corpo e da corporeidade na tradução em Libras, contribuindo para uma reflexão teórica consistente, que possa subsidiar análises futuras e práticas de tradução mais sensíveis às especificidades da língua sinalizada.

4. Caminhos da análise: entre corpo, texto e tradução

A análise do papel da corporeidade na interpretação em Libras revela que o corpo do intérprete não pode ser considerado apenas como um elemento mediador passivo, mas sim como uma verdadeira “corporificação do texto” – ou seja, o corpo se torna o meio essencial de construção do sentido. Essa perspectiva, fundamentada nos conceitos de Lakoff e Johnson (1999), evidencia que a atuação do intérprete vai além da mera transposição lexical, incorporando recursos estéticos e expressivos que potencializam o impacto comunicativo. A utilização do corpo, por meio de gestos, expressões faciais, movimentos e do espaço, confere à tradução uma carga artística que promove uma compreensão mais sensorial e cultural por parte do público surdo, contribuindo para a democratização do acesso à cultura e fortalecimento da identidade cultural desse grupo.

Nesse contexto, a corporeidade assume uma dimensão fundamental, pois não se limita à transmissão do conteúdo, mas também atua como ferramenta de criação e reconfiguração de sentidos, tornando a interpretação mais envolvente e significativa. Como aponta Silva (2022), a prática da tradução em Libras constitui uma experiência de criação compartilhada, uma “corporificação do texto”, na qual o corpo do intérprete é parte ativa na construção do sentido, reforçando a ideia de que o processo não é apenas técnico, mas essencialmente artístico, ético e cultural. Ademais, a compreensão dessa dinâmica é sustentada pelos princípios da Linguística Cognitiva, de Lakoff e Johnson (1999), que reforçam a relação intrínseca entre corpo, mente e linguagem, evidenciando que os sinais em LIBRAS carregam uma dimensão sensorial e experiencial, tecida a partir de metáforas enraizadas na experiência física e espacial.

Esses recursos culturais, envolvendo movimentos, espaço e expressões faciais, tornam-se elementos essenciais na construção de sentidos mais ricos e estéticos, exigindo do tradutor uma sensibilidade especial e uma postura criativa na utilização desses elementos. Como destacado por Campos (2004), a recriação do texto na língua de chegada deve respeitar os diferentes propósitos do texto original, enfatizando a importância de um olhar intermodal, que potencialize os recursos do corpo e da linguagem visual-gestual.

Nesse cenário, a criatividade aliada a estratégias interdisciplinares contribui para que a tradução não seja apenas uma transposição semântica, mas uma experiência artística que enriquece e valoriza a língua de sinais. Dessa forma, a atuação do intérprete como um criador cultural e artístico fortalece a dimensão estética da tradução, ampliando seu potencial inclusivo e promovendo a acessibilidade cultural para os públicos surdos. Assim, o intérprete desempenha um papel significativo na construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva, na qual a cultura passa a ser acessível, perceptível e valorizada por seus próprios sujeitos, contribuindo para a efetiva promoção da cidadania e da inclusão social.

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

Considerações finais

A atuação do tradutor-intérprete de Libras não se limita apenas à conversão literal das palavras, mas certamente envolve um aprofundamento no processo de corporificação do texto. O TILSP se posiciona como alguém que administra esse processo criativo, utilizando o corpo, os gestos, as expressões faciais e o espaço para recriar sentido no lugar das palavras, trazendo nova vida para o texto projetado na Libras. Sendo assim, visando aflorar o fator estético do texto e transmitir à cultura surda de forma bem mais sensível e eficaz. Esse processo de transcrição evidencia que a tradução em Libras é um ato artístico e ético, que exige criticidade, domínio técnico e sensibilidade cultural.

Ao corporificar o texto, o tradutor-intérprete não só torna o conteúdo ainda mais acessível, como também colabora para a descentralização do conteúdo de sua língua fonte, ampliando o acesso comunicativo para o público surdo. Deste modo, assumiu um papel importante e basilar na promoção da inclusão social e da valorização da identidade linguística e cultural das pessoas surdas, criando pontes entre diferentes comunidades e seus diversos modos de expressão.

Compreender o intérprete como um texto corporificado amplia a noção da tradução para Libras como um processo dinâmico, ético e estético, que vai além da equivalência semântica tradicional, valorizando a expressividade e a criatividade corpórea. Por meio desse olhar, reconhece-se a importância do corpo e da corporeidade como elementos centrais na mediação linguístico-cultural, destacando o papel do tradutor-intérprete como agente ativo na construção de sentidos e na promoção da acessibilidade cultural.

Os desafios enfrentados pelo tradutor-intérprete demandam formação contínua que integre conhecimentos linguísticos, culturais, cognitivos e artísticos, permitindo que ele exerça seu papel com excelência e ética. O reconhecimento dessa prática como uma arte é uma forma de conhecimento e fortalece o debate sobre a importância da Libras e da cultura surda nos contextos educacionais, artísticos e sociais, reafirmando o compromisso com uma sociedade mais inclusiva e plural.

Referências

BAIENSE, Joyce Karolina Ribeiro. *O atravessamento da direção cristã na modulação das condutas de tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa em formação*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

BEFI-LOPES, Débora Maria; OLIVEIRA, João Vitor Ribeiro de; SOARES, Aparecido José Couto. Perfil de atos comunicativos de crianças com transtorno do desenvolvimento de linguagem. *Audiologia, Comunicação e Pesquisa*, [S.l.], v. 29, e2824, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2023-2824pt>. Acesso em: 31 out. 2024.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2011. pp. 101-120.

- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91182>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- CAMPOS, Haroldo de. Da Tradução como Criação e como Crítica. In: *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DELBECQUE, Nicole. *Linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- FELTES, Heloísa P. de Moraes. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics Research*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- GESSNER, Ricardo. Transcrição, transconceituação e poesia. *Cadernos de Tradução*, [S. l.], v. 36, n. 2, pp. 142-162, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n2p142>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n2p142>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: BROWER, R. A. (ed.). *On Translation*. Cambridge: Harvard University Press, 1959. p. 232-239.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.
- MAGALHÃES, Ewandro. *Sua majestade o intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. Contribuições da Linguística Cognitiva nos processos de tradução e interpretação de Libras/português: itens polissêmicos para conceitos abstratos de CRÍTICO. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS, 2012, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=16&idart=191>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. As contribuições da linguística cognitiva e o uso funcional de línguas interpretantes. In: LINS, Maria da Penha Pereira; JÚNIOR, Rivaldo Capistrano; MARLOW, Rosani Muniz (org.). *O lugar da linguística: percursos de uma (r)evolução*. UFES, 2019, pp. 263-293.
- QUADROS, Ronice Muller de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2025.

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

QUADROS, Ronice Müller de; SOUZA, Saulo Xavier. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: prática tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de.(ed). *Estudos Surdos III*. 1. ed. Cap. 8. Editora Arara Azul, 2008, pp. 168-207.

QUADROS, Ronice Müller de; SEGALA, Rimar Romano. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. *Cadernos de Tradução*, [S. l.], v. 35, n. esp. 2, pp. 354-386, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p354>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354>. Acesso em: 8 ago. 2025.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v. 57, n. 1, pp. 287-318, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/wgrtd7x9bfqckZNY6nXgs3R/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2024.

RODRIGUES, Carlos Henrique; FERREIRA, João Gabriel Duarte. Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos: prática profissional e competência. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro: INES, n. 51, pp. 109-125, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1544/1498>. Acesso em: 17 out. 2024.

SANTOS, Joaquim Cesar Cunha. *A formação do tradutor-intérprete de Língua Brasileira de Sinais como intelectual específico*: o trabalho de interpretação como prática de cuidado de si. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/a3abd9d3-4c69-4169-b68b-be1ce3b5dc4f/content>. Acesso em: 08 ago. 2025.

SILVA, Rafael Monteiro da. *Transcrição em Língua Brasileira de Sinais*: um processo criativo e crítico, recriando o texto durante o ato tradutório. Mestrado Profissional em Educação Bilíngue – INES, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/726797>. Acesso em: 08 ago. 2025.

STOKOE, William. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf. *Studies in Linguistics Occasional Papers*, n. 8. New York: Universidad de Buffalo, 1960.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras*. Tradução de Gustavo Gusmão. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: http://files.literaturaemlibras.com/Literatura_em_Libras_Rachel_Sutton_Spence.pdf. Acesso em: 08 ago. 2025.

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO COMO FERRAMENTAS SOCIAIS: ATOS E FORMAS LIBERTÁRIOS DA LINGUAGEM

TRANSLATION AND INTERPRETATION AS SOCIAL TOOLS: LIBERTARIAN ACTS AND FORMS OF LANGUAGE

Jade Baez¹

Ernani Mügge²

RESUMO

O presente estudo busca explorar a tradução e a interpretação, analisando suas interfaces com a Linguística Cognitiva, a decolonialidade e a inferência cultural. Partindo de uma investigação teórico-argumentativa pautada por conceitos fundamentais da Linguística Cognitiva, como as metáforas conceptuais (Lakoff; Johnson, 1980) e a corporificação (*embodiment*) (Bergen; Chang, 2005), o artigo apresenta análises teóricas de como tradutores e intérpretes atuam como mediadores culturais, promovendo a inferência cultural e desafiando estruturas de poder colonialistas. Quanto às conclusões, os resultados demonstram que a tradução e a interpretação, quando conscientemente engajadas, podem servir como instrumentos de transformação social, reforçando a importância de uma prática tradutória crítica e reflexiva. No que se refere a pesquisas futuras, são sugeridas investigações analíticas e empíricas de casos em que a tradução e a interpretação tenham sido utilizadas como ferramentas de emancipação cultural e política.

PALAVRAS-CHAVE: Análise teórica. Decolonialidade. Cultura. Interpretação. Tradução.

ABSTRACT

The present study aims to explore translation and interpretation, analyzing their interfaces with cognitive linguistics, decoloniality and cultural inference. Starting from a theoretical-argumentative research guided by fundamental concepts of cognitive linguistics, such as conceptual metaphors (Lakoff; Johnson, 1980) and embodiment (Bergen; Chang, 2005), the article analyzes how translators and interpreters act as cultural mediators, promoting cultural inference and detuning colonialist power structures. It is concluded that translation and interpretation, when consciously engaged, can serve as instruments of social transformation, reinforcing the importance of a critical and reflexive translation practice. It is recommended, for future research, the empirical investigation of cases in which translation and interpretation have been used as tools of cultural and political emancipation.

KEYWORDS: Culture. Decoloniality. Interpretation. Theory analysis. Translation.

1. Considerações iniciais

A tradução e a interpretação, longe de serem meros processos técnicos de transposição linguística, constituem-se como práticas sociais e culturais profundamente engajadas na mediação entre mundos, ideias e identidades. Em um contexto global marcado por desigualdades históricas e hierarquias de poder, essas práticas assumem um papel crucial na promoção da justiça social e

¹ Universidade Feevale, jadebaez2@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0003-0882-2332>.

² Universidade Feevale, ernani@feevale.br, <https://orcid.org/0000-0001-8243-8759>.

na desconstrução de estruturas colonialistas. A decolonialidade, como perspectiva teórica e política, oferece um olhar crítico sobre como a linguagem e a cultura podem ser instrumentalizadas para reforçar ou desafiar sistemas de dominação. Nesse sentido, a tradução e a interpretação emergem como atos potencialmente libertários, capazes de reconfigurar narrativas e amplificar vozes marginalizadas.

A Linguística Cognitiva, por sua vez, fornece ferramentas teóricas valiosas para compreender como esses processos funcionam. Ao investigar a relação entre cognição, linguagem e experiência, essa abordagem revela como metáforas conceituais, corporificação (*embodiment*) e integração de espaços mentais moldam não apenas a compreensão individual, mas também as interações sociais e culturais. Ao unir essas perspectivas, este artigo busca analisar como a tradução e a interpretação podem ser entendidas como práticas transformadoras, que não apenas refletem, mas também reconfiguram as dinâmicas de poder e significado.

O problema central, o qual orienta esta discussão, é o seguinte: de que maneira a tradução e a interpretação, analisadas à luz da Linguística Cognitiva e da decolonialidade, podem ser compreendidas como atos libertários e transformadores? Para responder a essa questão, o artigo tem como objetivo explorar as interfaces entre essas áreas, a partir de uma investigação teórico-argumentativa, destacando o papel do tradutor e do intérprete como agentes sociais e culturais. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica e análise conceitual de exemplos de atividades tradutórias/interpretativas. A relevância deste estudo reside em sua contribuição para os Estudos da Tradução e da Linguística Cognitiva, ao propor uma reflexão crítica sobre o potencial emancipatório dessas práticas e ao sugerir caminhos para uma atuação mais engajada e consciente no campo da mediação linguística e cultural.

2. Linguística Cognitiva, decolonialidade e mediação cultural

O ato tradutório é intrinsecamente relacionado à cultura, uma vez que há uma conexão fundamental entre esses dois elementos. A tradução e a interpretação constituem práticas culturais complexas que operam na interface entre língua, cognição e poder.

Nenhuma língua pode existir a menos que esteja num contexto cultural; e nenhuma cultura pode existir sem que tenha em seu núcleo, a estrutura da língua natural. (Bassnett, 1991 *apud* Agra, 2007, p. 9). [Tradução nossa]

Esta relação simbiótica entre língua e cultura demanda uma abordagem teórica multidimensional capaz de articular os aportes da Linguística Cognitiva com a crítica decolonial, oferecendo, assim, um arcabouço robusto para compreender o potencial transformador da atividade tradutória.

Nesse contexto, a Linguística Cognitiva, enquanto investiga as relações entre linguagem, mente e experiência (Croft; Cruse, 2004), também oferece uma base teórica significativa para compreender como a linguagem reflete e molda a experiência humana. O trabalho seminal de Lakoff e Johnson (1980) sobre metáforas conceituais revolucionou o estudo da metáfora ao demonstrar que ela não é meramente um recurso retórico, mas um mecanismo cognitivo fundamental; como afirmam os autores, “a essência da metáfora é compreender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra”

(Lakoff; Johnson, 1980, p. 5). Esse conceito demonstra como estruturas abstratas são compreendidas por meio de domínios concretos. Por exemplo, a metáfora “amor é uma viagem” não apenas organiza nossa compreensão do amor, mas também influencia como falamos e agimos em relação a ele. No contexto da tradução e interpretação, as metáforas conceptuais revelam como diferentes culturas constroem significados de formas distintas, exigindo do tradutor/intérprete uma sensibilidade cultural aguçada para mediar essas diferenças.

O desenvolvimento da teoria da corporificação (*embodiment*) por Bergen e Chang (2005) aprofunda esta perspectiva ao demonstrar como a compreensão linguística envolve simulações sensoriais e motoras, enfatizando a relação indissociável entre corpo, mente e linguagem. Segundo essa perspectiva, a cognição é profundamente enraizada na experiência física e sensorial, o que implica que a linguagem não é meramente simbólica, mas também corporal; segundo os autores, “a linguagem é compreendida através da ativação de sistemas perceptivos e motores que recrutam experiências corporais” (Bergen; Chang, 2005, p. 148). Dessa maneira, para tradutores e intérpretes, isso significa que a mediação linguística envolve não apenas a transposição de palavras, mas também a negociação de experiências corporificadas, o que pode ser particularmente desafiador em contextos interculturais.

Em consonância com os conceitos da Linguística Cognitiva, o presente estudo reconhece a perspectiva decolonial (Mignolo, 2021; Santos, 2014) como uma crítica contundente às estruturas de poder colonialistas que permeiam a linguagem e a cultura. A decolonialidade propõe a desconstrução de hierarquias epistemológicas e a valorização de saberes marginalizados, o que tem implicações profundas para a tradução e a interpretação. Santos (2014) propõe alternativas através da valorização das “epistemologias do Sul”, concebendo a tradução como ato político de resistência e defendendo uma colaboração horizontal com comunidades linguísticas marginalizadas. Assim, tradutores e intérpretes, ao atuarem como mediadores culturais, podem desafiar narrativas hegemônicas e amplificar vozes historicamente silenciadas, contribuindo para uma prática mais justa e inclusiva.

A articulação entre estes aportes teóricos sugere um modelo de análise que reconhece os fundamentos cognitivos da atividade tradutória ao mesmo tempo que problematiza suas dimensões políticas e de poder, propondo alternativas metodológicas engajadas. Como demonstraremos na análise subsequente, esta perspectiva integrada permite compreender os desafios específicos na tradução de textos decoloniais, desenvolver estratégias para uma mediação linguística mais equitativa e repensar criticamente a formação de tradutores e intérpretes. A combinação dos *insights* da Linguística Cognitiva com o marco crítico da decolonialidade oferece, assim, uma base teórica sólida para examinar como a tradução e interpretação podem servir como ferramentas de transformação social e emancipação cultural.

3. Abordagens teóricas e culturais na tradução e legendagem

O presente estudo adota uma abordagem metodológica qualitativa que integra análise teórica e exame de casos paradigmáticos, permitindo explorar as complexas interfaces entre Linguística

Cognitiva, decolonialidade e práticas tradutórias. Como destacam Creswell e Poth (2018), pesquisas qualitativas em estudos linguísticos são particularmente adequadas para investigar fenômenos complexos onde múltiplos fatores cognitivos, culturais e políticos interagem. Esta opção metodológica justifica-se pela natureza do objeto de estudo – a atividade tradutória como prática social transformadora – que demanda uma abordagem capaz de articular diferentes níveis de análise.

A pesquisa desenvolveu-se em etapas interrelacionadas, seguindo os conceitos apresentados por Brizolla *et al.* (2020) para estudos qualitativos em ciências humanas. A primeira etapa consistiu em uma revisão bibliográfica, focalizando três eixos teóricos fundamentais: i) os princípios da Linguística Cognitiva aplicados aos estudos da tradução, com ênfase nos trabalhos de Lakoff e Johnson (1980) sobre metáforas conceituais e de Bergen e Chang (2005) sobre corporificação; ii) as contribuições da perspectiva decolonial, particularmente os escritos de Mignolo (2000) sobre colonialidade do saber e de Santos (2014) sobre epistemologias do Sul; e iii) as abordagens críticas nos Estudos da Tradução, especialmente as propostas de Baker (2006) sobre narrativas e ativismo tradutório.

Os exemplos a serem discutidos incluem traduções de textos decoloniais e interpretações em contextos de ativismo, escolhidos por sua relevância cultural e impacto social. A seleção foi guiada pelos seguintes critérios:

Relevância Cultural: Os exemplos devem refletir contextos em que a tradução/interpretação desempenhou um papel central na mediação entre culturas e na promoção da diversidade epistemológica.

Impacto Social: Priorizaram-se casos em que a prática tradutória/interpretativa contribuiu para desafiar estruturas de poder ou amplificar vozes marginalizadas.

Aplicabilidade dos Conceitos Teóricos: Os exemplos foram escolhidos por sua capacidade de ilustrar como os conceitos da Linguística Cognitiva e da decolonialidade podem ser aplicados à análise de práticas reais.

Com base nas discussões prévias, a pesquisa propõe uma discussão geral, combinando-a a uma análise crítica do discurso; isto é, a discussão busca abranger três lentes analíticas interconectadas: (a) a dimensão cognitiva, identificando como metáforas conceituais e processos de corporificação se manifestam nas escolhas tradutórias; (b) a dimensão decolonial, analisando estratégias de resistência a estruturas de poder linguístico; e (c) a dimensão ético-política, avaliando o potencial transformador das práticas analisadas. Esta triangulação metodológica permite superar as limitações de abordagens unidimensionais, oferecendo uma compreensão mais holística do fenômeno estudado (Denzin; Lincoln, 2018).

Cabe ressaltar que, embora o estudo não tenha pretensão de generalização estatística – dado seu caráter exploratório –, a seleção dos casos e o rigor analítico adotado garantem, nos termos de Stake (1995), sua validade naturalística. Como observa Yin (2018), estudos de caso bem conduzidos permitem o que ele denomina “generalização analítica”, ou seja, a identificação de padrões e princípios que podem informar a compreensão de fenômenos similares em outros contextos.

A opção por esta abordagem metodológica mista, que combina revisão teórica com discussão de casos paradigmáticos, justifica-se pela necessidade de responder adequadamente às questões, anteriormente mencionadas, que orientam esta pesquisa. A metodologia aqui delineada permite abordar essas questões de forma contextualizada, oferecendo contribuições tanto para o campo teórico dos Estudos da Tradução quanto para a prática profissional de tradutores e intérpretes engajados em projetos de transformação social.

4. Tradução e interpretação como práticas libertárias

A análise dos exemplos selecionados revela como a tradução e a interpretação podem ser entendidas como práticas libertárias e transformadoras, especialmente quando articuladas com os conceitos da Linguística Cognitiva e da decolonialidade. A seguir, discutem-se casos concretos que ilustram essa perspectiva, destacando o papel do tradutor/intérprete como agente social e cultural.

Um exemplo emblemático é a tradução dos trabalhos de Walter Mignolo e Boaventura de Sousa Santos, para línguas hegemônicas, como o inglês. Nesses casos, os tradutores enfrentam o desafio de transpor conceitos profundamente enraizados em contextos culturais específicos, como a noção de “epistemologias do Sul” (Santos, 2014), para um público global. A metáfora conceptual do “Sul” como espaço de resistência e produção de conhecimento é reinterpretada em diferentes contextos linguísticos, exigindo que o tradutor não apenas traduza palavras, mas também recrie significados que ressoem com as experiências do público-alvo. Essa prática evidencia como a tradução pode ser um ato de descolonização, ao desafiar hierarquias epistemológicas e amplificar vozes marginalizadas.

[...] o texto se sustenta em uma dada situação e é condicionado pela sua experiência sócio-cultural. A tradução, então, é dependente da sua função como um texto ‘implantado’ em uma cultura-alvo. O critério básico para atingir a qualidade de uma tradução é chamado de “grau necessário de diferenciação”, que representa “o ponto de intersecção entre a função do texto-alvo e os determinantes sócio-culturais” (Hönig; Kussmaul, 1982, p. 53).

Ao analisar trabalhos tradutórios de caráter decolonial, vemos que a tradução desses textos constitui um campo privilegiado para observar a complexa interação entre processos cognitivos e projetos políticos. Na tradução para o inglês da obra *Epistemologias do Sul*, de Santos (2014), identificou-se um desafio cognitivo central: a transposição da metáfora conceptual “NORTE/SUL” enquanto esquema geopolítico de conhecimento. Seguindo o exemplo, na parte de tradução do texto, a opção por manter ‘*Global North/South*’ em vez de ‘*developed/underdeveloped countries*’ preservaria a dimensão crítica original. Esta escolha exemplifica o que Lakoff (1987) denomina “preservação de mapeamentos conceptuais”, onde a manutenção da estrutura metafórica original serve a um propósito decolonial específico.

A corporificação (*embodiment*) também desempenha um papel crucial nesses processos. Ao traduzir conceitos como “corporeidade” ou “saberes encarnados”, o tradutor precisa negociar não apenas significados linguísticos, mas também experiências sensoriais e culturais. Por exemplo, a

tradução de termos indígenas que expressam uma relação holística entre corpo e natureza para línguas ocidentais, que tendem a separar essas dimensões, exige uma mediação cuidadosa e consciente. Essa prática reforça o papel do tradutor como mediador cultural, capaz de criar pontes entre mundos distintos.

Esse processo de corporificação revela-se particularmente desafiador na tradução de conceitos como “Buen Vivir” (Sumak Kawsay) de línguas indígenas para o português. Nesses casos, é perceptível que os tradutores recorrem frequentemente a estratégias combinadas que incluem ampliação parafrástica (como “viver em plenitude com a comunidade e a natureza”), empréstimos linguísticos com glosas explicativas e notas de rodapé contextualizadoras. Ao traduzir textos como esse, não basta encontrar palavras equivalentes, é preciso fazer sentir a relação corpo-território que está no original; isso ecoa profundamente os postulados de Bergen e Chang (2005) sobre a natureza *embodied* da compreensão linguística, destacando como a tradução exige não apenas competência linguística, mas também sensibilidade corporal e cultural.

Outro exemplo significativo é a interpretação em contextos de ativismo, como em fóruns internacionais sobre direitos indígenas ou migrações, atualmente em ascensão. Nesses cenários, os intérpretes não apenas traduzem palavras, mas também mediam discursos associados a conflitos culturais e políticos. A teoria dos espaços mentais e da integração conceptual (Fauconnier; Turner, 2002) ajuda a entender como os intérpretes combinam elementos de diferentes culturas para criar significados compartilhados. Por exemplo, ao interpretar discursos de líderes indígenas sobre a defesa de seus territórios, o intérprete precisa integrar conceitos como “terra” e “ancestralidade” em um contexto global, muitas vezes dominado por noções ocidentais de propriedade e desenvolvimento.

Nos casos de interpretação em contextos de ativismo, observaram-se padrões recorrentes que merecem destaque: a gestualidade, por exemplo, emerge como elemento crucial de amplificação semântica, com intérpretes em tribunais de direitos humanos frequentemente incorporando elementos não-verbais para transmitir a intensidade emocional de depoimentos. Este fenômeno ilustra concretamente como a interpretação transcende a dimensão puramente linguística para envolver uma sincronização corporal entre intérprete e falante.

A interpretação de conceitos culturalmente específicos, como “terra ancestral” para audiências jurídicas ocidentais, exige o que Fauconnier e Turner (2002) denominam criação de espaços mentais híbridos. Neste processo, os intérpretes desenvolvem estratégias criativas que incluem o uso de analogias contextualizadas (“terra como arquivo vivo da história”) e a inserção de marcadores culturais explícitos (“como explicam nossos avós...”). Contrastando com o ideal tradicional de neutralidade do intérprete, os profissionais da tradução devem buscar conscientemente escolher o que Baker (2006) classificaria como “intervenção narrativa”, como a intensificação lexical de termos que denunciam violações de direitos. Afinal, tradução

[...] não é transcodificação de palavras ou sentenças de uma língua para outra, mas uma complexa forma de ação, por meio da qual informações são geradas em um texto (material

da língua-fonte) em uma nova situação e sob condições funcionais, culturais e lingüísticas modificadas, preservando-se os aspectos formais os mais próximos possíveis (Vermeer, 1986, p. 33).

Indubitavelmente, essa mediação não é neutra, mas carregada de implicações políticas. Como destacado por Mona Baker (2006), os intérpretes em contextos de ativismo frequentemente assumem um papel ativo, escolhendo estratégias que amplifiquem a mensagem dos falantes e desafiem narrativas hegemônicas. Essa prática evidencia o potencial libertário da interpretação, ao transformá-la em uma ferramenta de justiça social e empoderamento.

5. O papel do tradutor/intérprete como agente social e cultural

Os exemplos descritos reforçam a ideia de que tradutores e intérpretes são agentes sociais e culturais, cujo trabalho vai além da mera transposição lingüística. Ao aplicar conceitos da Linguística Cognitiva, como metáforas conceptuais e corporificação, fica claro que a mediação lingüística envolve a negociação de significados profundamente enraizados na experiência humana. A perspectiva decolonial, por sua vez, destaca a importância de uma prática tradutória crítica e engajada, capaz de desafiar estruturas de poder e promover a diversidade epistemológica.

Essas análises dialogam com a literatura existente, como os trabalhos de Lawrence Venuti (1995) sobre a ética da tradução e de Mona Baker (2006) sobre o papel político do tradutor/intérprete. No entanto, ao integrar a Linguística Cognitiva e a decolonialidade, este artigo oferece uma contribuição original, ao mostrar como os processos cognitivos e culturais se entrelaçam na prática tradutória, ampliando seu potencial transformador.

A triangulação dos dados coletados permite identificar correlações significativas entre complexidade conceptual e estratégias tradutórias. Conceitos com maior densidade metafórica e *embodied*, como “corpo-território”, demandam invariavelmente maior criatividade tradutória e geram com frequência notas explicativas extensas. A análise dos desafios decoloniais revela uma distribuição particular: algumas se referem a diferenças nos esquemas metafóricos, outras envolvem lacunas de corporificação cultural, enquanto outras ainda também se relacionam diretamente com assimetrias de poder lingüístico. Estes números sugerem que a dificuldade tradutória em contextos decoloniais distribui-se de forma relativamente equilibrada entre desafios cognitivos, culturais e políticos.

Os casos analisados com maior impacto social compartilham características metodológicas importantes. A colaboração prévia com falantes ou fontes originais emerge como fator determinante para o sucesso da mediação lingüística. Da mesma forma, o uso consciente de paratextos explicativos e a manutenção cuidadosa de marcos conceptuais originários mostram-se como práticas recorrentes nas traduções consideradas mais bem-sucedidas pelos pares e pelas comunidades envolvidas.

Esta análise avança significativamente o debate teórico sobre prática tradutória em três dimensões principais. Primeiro, sugere a necessidade de ampliar os modelos de competência tradutória para incluir componentes como consciência metafórica intercultural, treinamento em corporalidade comunicativa

e alfabetização em justiça epistêmica. Segundo, propõe uma reconceitualização da noção de fidelidade tradutória como “fidelidade situada”, que considere simultaneamente a preservação de mapeamentos conceituais-chave, o respeito às epistemologias *embodied* e o compromisso com posicionamento ético. Terceiro, identifica direções promissoras para pesquisas futuras, incluindo estudos empíricos sobre tomada de decisão em tempo real, análises comparativas entre contextos ativistas diversos e o desenvolvimento de ferramentas específicas para tradução de conceitos *embodied*.

Como demonstrado ao longo desta análise, a integração das lentes da Linguística Cognitiva com a perspectiva decolonial oferece um marco analítico particularmente potente para compreender e potencializar o caráter transformador da prática tradutória. Os resultados reforçam consistentemente a premissa central deste estudo: que a tradução e interpretação, quando conscientemente articuladas como projetos cognitivos e políticos integrados, podem efetivamente servir como tecnologias de resistência e reexistência cultural, mediando não apenas entre línguas, mas entre diferentes formas de conhecer e estar no mundo.

6. Por uma prática tradutória engajada e transformadora

Este artigo teve como objetivo analisar práticas tradutórias/interpretativas à luz da Linguística Cognitiva, da decolonialidade e da inferência cultural, buscando oferecer uma visão geral crítica que evidenciasse o potencial libertário e transformador dessas atividades. A análise teórica e os exemplos discutidos demonstraram que a tradução e a interpretação não são meros processos técnicos, mas práticas sociais e culturais profundamente engajadas na mediação entre mundos e na desconstrução de estruturas de poder. Ao aplicar conceitos da Linguística Cognitiva, como metáforas conceituais e corporificação (*embodiment*), foi possível evidenciar como a linguagem reflete e molda a experiência humana, influenciando tanto a cognição individual quanto as interações sociais.

As discussões destacam o papel do tradutor/intérprete como agente social e cultural, cuja atuação pode ser instrumentalizada para desafiar hierarquias epistemológicas e amplificar vozes marginalizadas. A perspectiva decolonial, em diálogo com a Linguística Cognitiva, oferece um horizonte ético e político para essa prática, reforçando a importância de uma abordagem crítica e engajada. Essas reflexões têm implicações significativas tanto para a prática profissional quanto para o ensino da tradução e interpretação, sugerindo a necessidade de uma formação que integre conhecimentos teóricos e habilidades práticas com uma consciência crítica sobre o papel social dessas atividades.

Para pesquisas futuras, sugerimos a realização de estudos empíricos sobre práticas tradutórias em contextos decoloniais, que investiguem como tradutores e intérpretes negociam significados e desafiam estruturas de poder em situações reais, bem como análises de interpretação em situações de conflito ou mediação intercultural, com foco no papel do intérprete como mediador político e cultural. Além disso, é fundamental o desenvolvimento de metodologias de ensino que integrem a Linguística Cognitiva e a decolonialidade, preparando profissionais para atuar de forma crítica e transformadora em um mundo cada vez mais globalizado e diverso.

Em suma, é essencial ter em vista o potencial transformador da tradução e da interpretação como ferramentas sociais; em um contexto mundial marcado por conflitos e desigualdades, essas práticas podem servir como instrumentos de emancipação cultural e política, promovendo a diversidade epistemológica e fortalecendo laços interculturais. Ao reconhecer e valorizar esse potencial, tradutores e intérpretes podem assumir um papel ativo na construção de um mundo mais justo e inclusivo, no qual a linguagem seja não apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta de libertação.

Referências

- AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. A Integração da Língua e da Cultura no Processo de Tradução. *BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. 1, pp. 1-18, 2007.
- BAKER, Mona. *Translation and Conflict: A Narrative Account*. Londres: Routledge, 2006.
- BERGEN, Benjamin; CHANG, Nancy. *Embodied Construction Grammar in simulation-based language understanding*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005.
- BRIZOLLA, Maria Margarete Baccin et al. *Uma Revisão Sobre a Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais Aplicadas*. UFAM Business Review, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/ufambr/article/view/8087>. Acesso em: 04 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.47357/ufambr.v2i3.8087>.
- CRESWELL, John; POTH, Cheryl. *Qualitative Inquiry and Research Design*. Nova Iorque: SAGE Publications, 2018.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2018.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Nova Iorque: Basic Books, 2002.
- HÖNIG, Hans; KUSSMAUL, Paul. *Strategie der Übersetzung: Ein Lehrund Arbeitsbuch*. Tübingen: Narr, 1982.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- MIGNOLO, Walter. *Local histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- MIGNOLO, Walter. *The Politics of Decolonial Investigations*. Durham: Duke University Press, 2021.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. Londres: Paradigm Publishers, 2014.
- STAKE, Robert. *The Art of Case Study Research*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1995.
- VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Londres: Routledge, 1995.
- VERMEER, Hans. Übersetzen als kultureller transfer. In: SNELL-HORNBY, Mary (ed.). *Übersetzungswissenschaft: Eine Neuorientierung*. Tübingen: Francke, 1986. pp. 9-29.
- YIN, Robert. *Case Study Research and Applications*. Nova Iorque: Sage Publishing, 2018.

COMO OS ESPAÇOS MENTAIS MOLDAM A TRADUÇÃO EM LIBRAS DE HISTÓRIAS INFANTIS

HOW MENTAL SPACES SHAPE THE LIBRAS TRANSLATION OF CHILDREN'S STORIES

Denielli Kendrick¹

Suellen Fernanda de Quadros Soares²

Alan Marlon de Mattos³

RESUMO

O presente artigo analisa os processos envolvidos na tradução de uma história infantil no que se refere aos usos dos espaços mentais na elaboração dos enunciados e sentidos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca contribuir com a área dos Estudos da Tradução e Interpretação (ETILS). O material escolhido para o estudo foi a história intitulada “A Sementinha”, traduzida e sinalizada por uma professora surda, componente da equipe do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná - CAS Guarapuava (2021). Para a produção dos dados, a história foi dividida em três momentos, e em cada um desses momentos escolheu-se uma sentença para análise e discussão de como se moldou a tradução do gênero história infantil em relação aos espaços mentais. A análise considerou se houve ou não estes cinco pontos principais: a produção imagética do enunciador no espaço de enunciação; o corpo como referência principal na organização dos usos dos espaços mentais; a predominância de qual(is) espaço(s) mental(is); a função dêitico-anafórico na estrutura sintática; a necessidade de indicação de melhor uso dos espaços mentais. Os resultados apontam a maior recorrência no uso do espaço mental token, uma vez que a tradutora utiliza-se de modo abundante dos Classificadores. Em algumas sentenças, há passagem de forma suave e com transição pontual desse espaço para o espaço mental sub-rogado, e que a história infantil sinalizada se caracteriza como importante recurso para fruição e potencializa o desenvolvimento da criança surda.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução/interpretação. Libras. História infantil. Espaços mentais.

ABSTRACT

This article analyzes the processes involved in the translation of a children's story with regard to the uses of mental spaces in the elaboration of utterances and meanings. This is a qualitative research study that seeks to contribute to the field of Translation and Interpreting Studies (TIS). The material chosen for the study was the story entitled ‘A Sementinha’ (The Little Seed), translated and signed by a deaf teacher, a member of the team at the Support Center for the Deaf and Professionals in Deaf Education of Paraná - CAS Guarapuava (2021). For data production, the story was divided into three moments, and in each of these moments, a sentence was chosen for analysis and discussion of how the translation of the children's story genre was shaped in relation to mental spaces. The analysis considered whether or not these five main points were present: the enunciator's

¹ Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná (CAS Guarapuava/SEED/DEIN/PR), deniellik@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-8880-0560>.

² Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná (CAS Guarapuava/SEED/DEIN/PR), sufquadros@hotmail.com, <https://orcid.org/0009-0006-0294-6483>.

³ Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná (CAS Guarapuava/SEED/DEIN/PR), alanmarlonmattos@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0002-9764-0911>.

imagetic production in the space of enunciation; the body as the main reference in the organization of the uses of mental spaces; the predominance of which mental space(s); the deictic-anaphoric function in the syntactic structure; the need to indicate a better use of mental spaces. The results indicate the greater recurrence in the use of token mental space, since the translator makes abundant use of Classifiers. In some sentences, there is a smooth passage and with a punctual transition from this space to the surrogate mental space. And that the signed children's story is characterized as an important resource for enjoyment and potentiates the development of the deaf child.

KEYWORDS: Translation/interpretation. Libras. Children's story. Mental spaces.

1. Introdução

Os Estudos da Tradução e da Interpretação (ETILS) é uma área acadêmica dedicada aos estudos e pesquisas das práticas, teorias e processos envolvidos na tradução de uma língua para a outra. Esse campo possui uma série de desdobramentos que tem como objetivo compreender e discutir os diferentes efeitos da tradução produzidos ao longo dos anos, nos mais diversos contextos. Dentre os campos contidos nos Estudos da Tradução encontram-se os Estudos da Interpretação como uma área distinta, alguns autores argumentam que a tradução e a interpretação se complementam e representam a mesma tarefa, que consiste em transferir conteúdos de uma língua para outra, com o objetivo de manter os sentidos e conteúdos intactos, sem distorções ou alterações (Lacerda, 2015).

Por outro lado, há autores que defendem que a tradução e a interpretação são atividades completamente distintas. Eles afirmam que a tradução está associada ao trabalho com textos escritos, o que permite ao tradutor mais tempo para ler e refletir sobre suas escolhas, considerando os significados e o uso das palavras na língua alvo. Além disso, destacam que, na tradução, existe a possibilidade de pesquisar em dicionários, consultar livros ou até buscar outras pessoas para discutir qual seria o sentido mais adequado a ser empregado. Já a interpretação está relacionada à comunicação interpessoal entre línguas, uma tarefa que ocorre em um curto período de tempo, de forma simultânea, sem a chance de estudo ou reflexão prolongada, exigindo agilidade para transmitir de forma imediata o que foi enunciado (Lacerda, 2015).

Entretanto, entende-se os ETILS como um campo unificado que ainda está em constituição pelos pesquisadores da área e tem se apresentado nos últimos anos como um espaço valoroso de investigação e busca consolidar-se em seus aspectos epistêmico, científico- acadêmico e político, nos termos de Rodrigues e Christmann (2023). Entre os objetivos fomentados no campo há o intuito de contribuir para o aprimoramento formativo dos profissionais da tradução e interpretação de Língua de Sinais (LS) e oferecer um conjunto de teorias, dados e conhecimentos que possibilitem a formulação e o desenvolvimento de políticas linguísticas e de tradução/interpretação.

A tradução/interpretação possui aspectos linguísticos e a compreensão desses aspectos segundo Jakobson (1995), depende dos contextos a quais estão inseridas sem o conhecimento prévio da palavra, não seja possível compreendê-la e atribuir-lhe um significado. Em outras palavras, é essencial possuir um conhecimento linguístico estabelecido para a construção de significados e suas atribuições nos diversos contextos em que podem surgir. Como Jakobson afirma: “o significado da palavra queijo,

maçã, néctar, conhecimento, ou de qualquer outra palavra ou frase, é, de maneira decisiva, um fato linguístico – ou, para sermos mais precisos e menos restritos, um fato semiótico” (Jakobson, 1995, p. 63). Nesse sentido os ETILS levam à reflexão de como esses processos são constituídos no pensamento do tradutor.

Neste artigo, ao analisarmos os processos envolvidos na tradução de uma história infantil, especificamente no que se refere aos usos dos espaços mentais na elaboração dos enunciados, busca-se contribuir para o enriquecimento dos estudos no campo dos ETILS, de modo que profissionais tradutores e intérpretes de Libras/ Língua Portuguesa olhem para sua atuação de modo mais reflexivo e reavaliem sua prática quanto a esses domínios locais e suas redes de combinações (Duque; Costa, 2012), ampliando, assim, suas experiências.

A história escolhida integra o repositório de histórias infantis sinalizadas produzidas pela equipe do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná - CAS Guarapuava/PR⁴. O Centro, inaugurado em 2018, é um dos 7 centros do estado do Paraná, vinculados ao Departamento de Educação Inclusiva (DEIN), da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED), que, desde 2021, desenvolve um projeto voltado à aquisição de língua de sinais por crianças surdas, denominado Laboratório Bilíngue⁵.

No contexto de atividades voltadas especificamente para crianças surdas, surgiu a necessidade de produções sinalizadas que atendessem às temáticas desenvolvidas nos encontros. Essa demanda motivou a equipe do CAS Guarapuava/PR a realizar traduções, adaptações e criações de diversos gêneros discursivos, direcionados ao público infantil, e utilizados com os participantes do Laboratório Bilíngue.

2. Metodologia

A produção e análise de dados se deu a partir do estudo da tradução de uma história infantil gravada em vídeo. O processo de tradução dos materiais, é realizado em equipe (por tradutores e intérpretes de Libras e professores surdos) e distribuído da seguinte forma: 1. escolha do gênero a ser sinalizado, de acordo com o tema de interação proposto para o encontro do Laboratório Bilíngue; 2. escolha de quem irá sinalizar; 3. estudo e construção de glosa; 4. gravação, com intervenções e correções, durante o processo; 5. edição do material; 6. conferência do material; 7. ajustes, quando necessários; 8. versão final; 9. divulgação e/ou uso.

Todas as etapas são tratadas com rigor para que o resultado seja um produto realmente considerado recurso pedagógico-linguístico para crianças surdas. Consideramos que o processo tradutório exige

⁴ Parecer Consubstanciado do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) aprovou o Projeto de Pesquisa. Número do Parecer: 5.196.375. Há anuência do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná - CAS Guarapuava/PR e autorização dos professores surdos e tradutores e intérpretes de Libras para uso de suas imagens para fins acadêmico-científicos.

⁵ KENDRICK, Denielli. *Limites e possibilidades na educação de crianças surdas: A constituição de um laboratório bilíngue*. 2023. 238f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023.

dos profissionais não apenas um vasto vocabulário em Libras, mas conhecimento de técnicas e habilidades específicas que possibilitem construções sintáticas coerentes e que, visualmente, produzam sentido para a criança surda.

A história sinalizada escolhida para este estudo denomina-se “A Sementinha”, do gênero literário infantil, com duração de 2 minutos e 47 segundos, traduzida por uma professora surda (CAS Guarapuava PR, 2021). A tradução é da história “Era uma vez uma sementinha”, de autoria de Judith Anderson, editora Scipione, 1ª edição, ano de 2019. O critério de escolha se deu mediante à riqueza de elementos que compõem a história, sua construção imagética e, principalmente, o modo como os espaços mentais foram explorados ao longo da narrativa.

Os principais itens analisados relacionam-se ao uso de espaços mentais na construção da tradução sinalizada, partindo da compreensão de que “os espaços mentais se referem ao que acontece por detrás das cenas quando falamos ou pensamos; são construções mentais muito complexas, até mesmo para as sentenças mais corriqueiras. São pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos” (Coscarelli, 2005, p. 291).

Assim, os elementos na produção de dados foram: 1. Se e como a produção imagética do enunciador se materializou no espaço de enunciação; 2. Se e como o corpo foi utilizado como referência principal na organização dos usos dos espaços mentais; 3. Quais espaços mentais foram utilizados com maior e menor prevalência e por quê; 4. Se e como a função dêitico-anafórico aparece na estrutura sintática; 5. Se e como os espaços mentais poderiam ser melhor explorados.

A análise ocorreu da seguinte forma: 1. Assistir ao vídeo e dividi-lo em três momentos para favorecer a análise quadro a quadro; 2. Selecionar uma sentença de cada momento tendo como critério a riqueza na construção da visualidade que a compõe; 3. Analisar os espaços mentais utilizados nas sentenças selecionadas; 4. Analisar se em cada sentença foram utilizados os cinco elementos descritos anteriormente (1. Se e como a produção imagética do enunciador se materializou no espaço de enunciação; 2. Se e como o corpo foi utilizado como referência principal na organização dos usos dos espaços mentais; 3. Quais espaços mentais foram utilizados com maior e menor prevalência e por quê; 4. Se e como a função dêitico-anafórico aparece na estrutura sintática; 5. Se e como os espaços mentais poderiam ser melhor explorados).

3. A tradução e interpretação

Ao discutir a tradução/interpretação deve-se pensar nas competências e habilidades que o tradutor e intérprete necessita desenvolver, pois, por meio de seu corpo, não só narra uma história, mas pode “ativar a sensibilidade para a percepção visual e transformá-la em língua, expressando-se através de todo o esquema corporal” (Ribeiro, 2016, p. 30). Para que um trabalho seja exitoso é fundamental a este profissional, por meio de um movimento intralingual, interlingual ou semiótico-intersemiótico, compreender, significar e ressignificar em sua primeira língua, garantindo uma informação fidedigna (Ribeiro, 2021).

Lacerda (2015) alerta para a habilidade que envolve a compreensão de sentidos do texto, em sua partida (texto fonte) e em sua chegada (texto alvo), e requer do tradutor e intérprete, em atuação, mais do que um domínio gramatical e de vocabulário, uma vez que se depara com alguns elementos essenciais para que se tenha equivalência entre as línguas envolvidas como “a organização sintática, os aspectos culturais muito peculiares em cada língua e a polissemia” (Ribeiro, 2021, p. 198).

As experiências culturais, linguística, social e corpórea possibilitam “ativar a percepção de nuances, vivenciar características ímpares, mergulhar no universo de conhecimento, ativar uma rede de combinações com foco na fidelidade da mensagem” (Ribeiro, 2021, p. 198). Para que uma tradução/interpretação compreenda sentenças coerentes de sentido faz-se necessário que esse intérprete e tradutor esteja “atento às nuances entre forma e significado” (Ribeiro, 2016, p. 179), uma vez que “a forma não vem se sobrepor ao sentido: os dois são indissociáveis” (Oustinoff, 2011, p. 66).

Segundo Azevedo (2010), desde a infância, somos expostos a experiências internalizadas que moldam nosso corpo físico. A recorrência dessas experiências, por sua vez, influencia nossas interações comunicativas futuras. Nesse contexto, a produção de sentidos pelo tradutor, além das experiências linguísticas que os constituem, envolve habilidades cognitivas que transcendem a atividade verbal. Essas habilidades, de natureza imagética, são acionadas durante o processo intercomunicativo, juntamente a habilidades perceptivas e corporificadas, para atribuir sentido à construção realizada. Tal atribuição de sentido baseia-se em domínios permanentes e transitórios, armazenados em uma enciclopédia mental (Ribeiro, 2021).

Essas experiências corpóreas possibilitam ao tradutor da língua de sinais, por meio de todo esquema corporal, desenvolver a capacidade de mensurar algo, como “a distância, o tempo, o tamanho, a quantidade, a velocidade, o espaço, a intensidade”, com ou sem o uso de um léxico, de expressões faciais, de movimentos corporais, de direcionamento do olhar, a partir de uma “competência cognitiva construída a partir de nossas experiências em relação ao nosso entorno” (Ribeiro, 2016, p. 130).

Entre os desafios que concernem uma tradução/interpretação está o de garantir que uma informação chegue de forma fidedigna na língua-alvo, seja por um movimento intra-interlingual ou semiótico-intersemiótico. O ato de traduzir/interpretar implica domínio de alguns elementos como a organização sintática, conhecimento cultural das línguas envolvidas e a polissemia para que esse profissional consiga estabelecer maior equivalência possível entre as línguas.

Outro ponto que se atribui ao tradutor é o conhecimento sobre os tipos de tradução existentes e suas implicações no processo tradutório. Jakobson (1975, p. 64-65), definiu três tipos: 1. “A tradução intralingual, ou reformulação (*rewording*), consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”. 2. “A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua”. 3. “A tradução inter-semiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais”.

Para exemplificar os processos envolvidos no ato de traduzir/interpretar, Ribeiro (2021, p. 207) apresenta um diagrama que representa esse processo tradutório cognitivo-corporificado.

Figura 1: Diagrama - Processo Tradutório cognitivo-corporificado



Fonte: Ribeiro (2021).

Na perspectiva da autora, no processo de tradutório/interpretativo são acionados diferentes domínios cognitivos em relação a simulação mental, esses domínios são interligados e interdependentes como apresentado no diagrama.

O profissional, em um primeiro momento, busca em seu conhecimento prévio a significação mental para o produto que deve realizar a tradução, ou seja, ele busca informações que possam contribuir para a compreensão do discurso fonte. Na sequência, o seu processo é de imaginar as possíveis formas em que esta tradução pode ser feita considerando todos os aspectos linguísticos, culturais e sociais envolvidos no contexto, a fim de buscar adequações e equivalências para o texto de chegada. Dessa forma, os domínios sentencionais são acionados para a construção das enunciações.

A partir dessas construções e de todas as estruturas mentais estabelecidas nesse processo inicial, em que o profissional constrói sentidos e faz as suas escolhas tradutórias, por meio de subsídios cognitivos já presentes em seu repertório linguístico e cognitivo, e com base na imaginação, ele produz as sentenças e dá a elas uma significação.

3.1. A tradução/interpretação de histórias infantis

Quando discutimos sobre a construção da infância surda, emerge-se uma necessidade de possibilitar que a criança surda tenha acesso a um mundo fantástico, como possibilidades de fruição de histórias que a leve a imaginar e estabelecer relações com o real, a partir de materialidades que satisfaçam essa necessidade imagética. Estimular que essa criança acompanhe histórias em sua língua enriquece não apenas seu desenvolvimento cognitivo, mas influencia também na constituição de sua subjetividade. Os *inputs* durante o acesso a uma história sinalizada proporcionam à criança surda significar e ressignificar, de acordo com construtores mentais envolvidos.

Na literatura surda infantil, Mourão (2011) apresenta três eixos principais de produção: criação, adaptação e tradução. As características da história criada é o ineditismo, são histórias originais produzidas a partir de ideias e contextos muito próximos aos vivenciados na comunidade surda, geralmente os autores são surdos, exemplificamos com a história de “O Feijãozinho Surdo”, da escritora Liege Gemelli Kuchenbecker, 1ª edição, editora Ulbras, 2009. Schlemper (2019) aponta que há poucas produções literárias infantis produzidas, “no Brasil ainda é escasso o material literário infantil criado pelos sujeitos surdos e disponibilizado ao público” (n.p.).

As adaptações trazem clássicos infantis remodelados, geralmente com experiências surdas envolvidas no contexto da história, “alguns dos personagens antes ouvintes passam a ser surdos, ou então, a interagir com personagens surdos. Nas adaptações, se expressa a busca da identidade surda e do empoderamento do povo surdo por meio do uso da língua de sinais” (Schlemper, 2019, n.p.). Há mudanças significativas no texto adaptado. Um exemplo é “O patinho surdo”, dos autores Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, 1ª edição, editora Ulbra, 2011. A história é adaptada de “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen, de 1843.

Por fim, nas histórias traduzidas não há alteração do texto original, utiliza-se da tradução equivalente para construir a história sinalizada e disponibilizar à comunidade surda. “A tradução por sua vez, acontece ao se disponibilizar, em Libras, um conto, poesia, anedota ou outro gênero literário escrito em outra língua” (Schlemper, 2019, n.p.). As alterações são de ordem linguística e estrutural de uma língua para outra, ou seja, elementos de uma tradução intermodal, pois envolve o texto escrito em língua portuguesa para a Libras, em vídeo.

Nesse sentido, uma tradução/interpretação, voltada ao público infantil, bem construída na língua de sinais, leva a criança surda não apenas a despertar sua imaginação, mas, também, apropriar-se de sua língua de modo a internalizar elementos fundamentais que auxiliarão na construção e no aperfeiçoamento de sentenças, na ampliação de vocabulário e no desenvolvimento de sua competência imagética. Sentenças construídas erroneamente poderão atrapalhar esse processo.

Cabe, portanto, ao profissional tradutor utilizar-se de técnicas tradutórias/interpretativas, bem como, dominar os espaços mentais, para que o desenvolvimento linguístico desse público, que enfrenta uma escassez de materialidades em sua língua, seja robustecido.

4. Os espaços mentais nas línguas de sinais

A análise da complexidade sintática das línguas de sinais (LS) se baseia na observação dos tipos de estruturas envolvidas. Estruturas simples geralmente seguem a ordem sujeito-verbo-objeto (SVO), ou variações dessa ordem. Já as estruturas mais complexas incorporam múltiplos referentes e sentenças subordinadas (Quadros; Cruz, 2011). O discurso em LS acontece no espaço de sinalização, também chamado de espaço neutro, ou espaço de enunciação com função anafórica. O espaço de sinalização está à frente do corpo do enunciador.

A função anáfora é um recurso linguístico que permite a retomada de um referente já mencionado no discurso, sem a necessidade de repeti-lo integralmente. Reis, Pinheiro e Bidarra (2016) destacam que a função anafórica estabelece correferência com o antecedente e que o entendimento completo depende dos elementos introduzidos na enunciação. Comumente, a anáfora vem acompanhada da função dêitica, são processos diferentes, mas acontecem simultaneamente, esse fenômeno gera a coesão textual visual na organização das ideias enunciadas.

Nas línguas de sinais, a função dêitica manifesta-se por meio da apontação direta. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizante, através de apontamentos em diferentes locais. Nesse contexto, o espaço emerge como um elemento crucial para a coesão e a coerência na sinalização. O dêitico-anafórico, recurso de coesão textual que permite aos sinalizantes introduzir referentes no discurso (dêixis) e, subsequentemente, referir-se a eles (anáfora), foi investigado em diferentes línguas de sinais como a Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS) (Reis; Pinheiro; Bidarra, 2016).

Nesse contexto, a produção de sentidos no discurso do enunciador transcende o uso de regras gramaticais, envolvendo estruturas cognitivas independentes. Dentre essas estruturas, os *Espaços Mentais* destacam-se como fundamentais para a construção de significados.

Espaços mentais são articulações entre domínios construídos no momento em que pensamos e sinalizamos para fins de compreensão em ações reais. Eles contêm elementos e são estruturados por frames⁶ e modelos cognitivos. Espaços mentais estão ligados ao conhecimento esquemático envolvendo a memória de longo prazo. [...] Espaços mentais são construídos e modificados à medida que pensamento e discurso se desenrolam e são ligados uns aos outros por vários tipos de mapeamentos, em particular, de mapeamentos de identidade e de analogia. Postula-se que a nível neural, espaços mentais são conjuntos de conjuntos neuronais ativados e que as conexões entre os elementos correspondem a um processo de coativação-ligação. Deste ponto de vista, espaços mentais operam na memória de trabalho, mas são construídos, em parte, pela ativação de estruturas disponíveis a partir da memória de longo prazo (Fauconnier, 2007, p. 351 *apud* Ribeiro, 2021, p. 199-200).

Ribeiro (2021) apresenta a teoria dos espaços mentais, proposta por Fauconnier (1985, 1994) e investigada nas línguas orais. Liddell (2000), por sua vez, contribuiu para essa teoria ao aplicá-la e investigá-la na Língua de Sinais Americana (ASL), identificando três tipos específicos: o real, o sub-rogado e o token, a saber:

O espaço mental real, em particular, representa mentalmente o ambiente físico imediato onde ocorre a enunciação em língua de sinais. Este espaço mental, denominado ‘real’, é diretamente influenciado pelo que está fisicamente presente no ambiente da enunciação. Ele utiliza a apontação (dêixis) para se referir a pessoas e objetos presentes no local naquele momento. O espaço real marca a presença da primeira e segunda pessoas do discurso (sinalizador e interlocutor, respectivamente), embora também possa incluir pessoas e objetos da terceira pessoa. “Espaço mental real é a concepção

⁶ De acordo com Ferrari (2014), o termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento a partir da esquematização da experiência. Refere-se à estrutura semântica dos itens lexicais e construções gramaticais.

do que é fisicamente real no ambiente em que ocorre a enunciação” (Quadros; Cruz, 2011, p. 50), ou seja, o que é percebido como presente e real no local e no tempo de conversação (Araújo, 2016).

O espaço mental sub-rogado, representa pessoas e objeto como se estivessem presentes, o enunciador “empresta” seu corpo para vivenciar a cena. Assim, existe semelhança no modo como se faz alusão ao espaço sub-rogado e aos referentes fisicamente presentes. Representa uma espécie de encenação e pode enunciar algo que já aconteceu ou algo que irá acontecer. Nesse espaço, o enunciador interpreta o papel de narrador e dos personagens que participam da narrativa. É possível enunciar a pessoa ou objeto que não está presente, “por meio da apontação para algum lugar no espaço que fica marcado para referências anafóricas. É um espaço muito usado pelo surdo para narrar suas histórias ou se remeter a fatos ocorridos em sua vida ou na de terceiros” (Araújo, 2016, p. 1165). Por exemplo, o enunciador pode fazer a marcação no espaço de sinalização de duas pessoas e a cada momento que um sinaliza, usa do processo anafórico para marcar a pessoa que “incorpora”.

O espaço mental Token é a representação da terceira pessoa em uma enunciação, podendo ser uma pessoa, um animal, objeto ou lugar. A sinalização ocorre em espaço mais limitado, em comparação com os dois espaços mentais supracitados. Os referentes são marcados em algum ponto imaginário no espaço e sempre que for apontado, o interlocutor tem a compreensão do elemento, pois inicialmente deve ter sido estabelecido no discurso, “a referência às pessoas do discurso é feita por meio da terceira pessoa, mesmo que sejam indivíduos do ato de fala ‘eu-tu’. Essa forma prevê o uso da área que fica em frente ao corpo do sinalizador, como se pudesse visualizar um tabuleiro com pequenas ‘peças’ de representação” (Araújo, 2016, p. 1166). Trata-se, portanto, de um espaço que integra uma mistura do espaço real com o espaço mental relativo à conceitualização da situação enunciada (Moreira, 2007).

Anchieta (2017) ressalta que a participação do corpo possibilita que “vozes e perspectivas estabelecidas a partir de diferentes níveis de intersubjetividade atuem simultaneamente. Enquanto as mãos do tradutor - para este trabalho - sinalizam como narrador, seu corpo age, concomitantemente, como um personagem corporificado” (Anchieta, 2017, p. 71). O uso dos espaços mentais nas línguas de sinais ocorre com a participação do corpo do enunciador durante a sinalização, ao mesmo tempo, as expressões faciais podem exprimir atitudes, pensamentos, emoções que podem ser do enunciador ou dos personagens que representa e a direção do olhar é elemento essencial para compreensão do interlocutor.

Neste sentido, Azevedo (2010) ao tratar do uso dos espaços mentais aponta que vários esquemas imagéticos são formados e estão presentes nas formas que, linguisticamente, construímos significados. As categorias discursivas da Teoria dos Espaços Mentais “correspondem a noções que vemos mais facilmente atuar relativamente à percepção visual/espacial” (Azevedo, 2010, p. 88). A autora denomina algumas categorias que estruturam os espaços mentais: de Base, Ponto de Vista, Foco e Evento.

Ribeiro (2016, p. 76) conceitua sinteticamente as categorias, definindo a Base como “o espaço no qual o discurso está ancorado, o ponto de partida do discurso, correspondendo em geral, mas nem sempre, ao aqui e agora do falante (realidade do falante)”; o Foco “é o espaço para o qual se dirige a atenção”; o Ponto de Vista como “o espaço a partir do qual outros espaços são acessados ou estruturados, o ponto de referência para as categorias tempo-aspectuais”; e, Evento como “o espaço no qual a estrutura do evento ou a situação indicada pelo verbo é construída”.

Essa organização em categorias, na prática, remete-se à dinamicidade dos espaços e submete-se a restrições variadas, de cunho gramatical, lexical, pragmática e contextual. Assim, por meio dos espaços mentais, constrói-se um deslocamento de um espaço Base para qualquer outro espaço referido na sentença. O uso desses espaços mentais exige do sinalizante domínio da língua e habilidades cognitivas para que os sistemas de processamento sejam enriquecidos e, assim, consiga significá-la e ressignificá-la de acordo com o propósito comunicativo de cada situação.

A ativação de redes de sentido acontece na mente das pessoas usuárias da língua através dessas relações imagéticas de sentido, do uso de léxicos, classificadores, expressão corporal, entre outros recursos da língua que possibilitam a marcação de interlocutores a diferentes espaços onde se ancoram referentes dêiticos.

5. Análise e resultados

A história escolhida para análise conta como uma semente se torna uma planta, a partir da experiência de dois personagens: uma menina e seu avô, que acompanham esse processo de transformação.

Figura 2: A história traduzida para Libras



Fonte: CAS Guarapuava/PR - <https://www.youtube.com/watch?v=0UPxgghM3NA>

Organizamos a história em três momentos, vejamos:

Momento 1: (11” até 50”) “Em um belo dia ensolarado, estava a menina no seu balanço, a balançar. E ela viu o seu vovô cultivando flores, cuidando de suas flores. E ela balançando começou a imaginar: como será que crescem as flores.

Foi então que ela resolveu descer do seu balanço e pegou um pacotinho de sementes de flores e foi até o seu vovô.

Momento 2: (51” até 1’46”) - Vovô, vovô, por favor, eu quero saber como nascem as flores.

- Ah, você quer saber como nascem as flores? Eu vou te ensinar.
- Ai, que bom, vovô!
- Oh, você precisa prestar atenção. Vamos colocar terra neste vasinho, né, vamos enchê-lo de terra. Você está vendo esta sementinha aqui? Nós vamos colocá-la agora na terra. Organizamos aqui, oh, e precisamos ainda colocar água para regá-la e você deverá fazer isso todos os dias.
- Ok, vovô. Eu vou cuidar para a minha flor nascer muito bonita. E os dois levaram o vasinho de flor e deixaram ele em um lugar.

Momento 3: (1’47” até 2’46”) Passou-se os dias, eles foram lá olhar aquela flor e regá-la para que começasse a brotar. Passaram-se mais alguns dias e quando eles viram estava aquela sementinha e, de repente, com o passar do tempo, lindas flores se criaram.

- Ah, que flores lindas! Ai, elas são tão lindas! As minhas flores!
- Vovô, vovô, venha ver que lindas as minhas flores.

O vovô foi olhar e, realmente, as flores eram lindas. E, assim, ele chamou sua netinha para passear. Os dois foram passear e observavam a natureza e seus encantos”.

Na sequência, apresentamos as sentenças escolhidas em cada momento e os espaços mentais identificados.

Quadro 1: Espaços mentais no momento 1

Momento 1	
Sentença: Em um belo dia ensolarado, estava a menina no seu balanço, a balançar.	
Espaços mentais utilizados	
Token:	
	(11” a 15”) - Representa o dia ensolarado com o classificador NASCER DO SOL. Quando o movimento chega no ponto mais alto, faz o sinal de SOL.

Token:



(15'' a 18'') - Localiza o elemento ÁRVORE, à sua esquerda e o TRONCO com uso de classificador, onde o elemento BALANÇO está alocado.

(18'' a 20'') - O BALANÇO em movimento, com a configuração de mão que representa uma PESSOA SENTADA a se balançar.

Sub-rogado:



(20'' a 22'') - Marca o gênero MENINA, com o sinal e traz para seu corpo o movimento de BALANÇAR.

Fonte: Elaboração dos autores.

Quadro 2: Espaços mentais no momento 2

Momento 2

Sentença: Vamos colocar terra neste vasinho, né, vamos enchê-lo de terra. Você está vendo esta sementinha aqui? Nós vamos colocá-la agora na terra.

Espaços mentais utilizados

Token:



(1'11'' a 1'15'') - Coloca o elemento VASO DE FLOR à sua esquerda, coloca o elemento TERRA dentro do vaso e faz a marcação, utilizando o classificador de encher, para indicar que o vaso ficou cheio de terra.



(1'16'' a 1'20'') - Utiliza-se de dêixis para reforçar o elemento SEMENTE DE FLOR mostrado anteriormente.

Real:



(1'22" a 1'25") - Coloca a SEMENTE DE FLOR NO VASO. A construção reforça a ideia de que o vaso já está cheio de terra. Realiza a sinalização no espaço de enunciação a partir da imagem ilustrada na história escrita, conforme aparece ao fundo, trazendo a imagem da ilustração para o espaço de sinalização.

Sub-rogado



(1'21" a 1'22") - Realiza processo anafórico para representar a ação da MENINA em pegar a semente da mão do avô e trazer para si.

Fonte: Elaboração dos autores.

Quadro 3: Espaços mentais no momento 3

Momento 3

Sentença: Os dois foram passear e observavam a natureza e seus encantos.

Espaços mentais utilizados

Token:



(2'34" a 2'35") - Direcionamento do olhar, de cima para baixo (alguém mais alto olha para alguém mais baixo), indicando o olhar do vovô para a netinha. Uso o sinal de PASSEAR.



(2'36" a 2'37") - Uso do classificador de DUAS PESSOAS (dedos indicadores de cada mão) acrescido de movimento, para indicar que os personagens caminham lado a lado. Direcionamento do corpo - marca a saída do espaço onde estavam observando o vasinho de flor para outro espaço onde é estruturado o espaço NATUREZA.

Token:



(2'38" a 2'40") - Uso de classificador de plural para construir o espaço NATUREZA (ÁRVORE + MOVIMENTO).

Sub-rogado:



(2'41" a 2'45") - Incorpora o vovô e segura a menina no seu colo.

Fonte: Elaboração dos autores.

Nas sentenças analisadas há prevalência dos usos do *espaço mental token*. A tradutora utiliza-se dos Classificadores de forma abundante, isso resultou na utilização deste espaço em maior quantidade, há passagem do uso de um espaço mental token para espaço *mental sub-rogado* de forma suave e com transição pontual, percebe-se isso com clareza no Momento 1, “(18” a 20”) - O BALANÇO em movimento, com a configuração de mão que representa uma PESSOA SENTADA a se balançar.; (20” a 22”) - Marca o gênero MENINA, com o sinal e traz para seu corpo o movimento de BALANÇAR”.

Os detalhes incorporados pela tradutora possibilitam a produção imagética de uma criança a se balançar, remetendo em sua expressão corporal a ação de balançar, por meio do movimento e a expressão facial que retrata a leveza do brincar em um balanço, a tradutora empresta seu corpo para trazer a personagem para o presente e, assim, vivenciar a cena, utilizando-se do *espaço mental sub-rogado* para realizar esta construção visual. Uma construção apenas utilizando os sinais [MENINA + SENTAR + BALANÇAR] não traria a mesma riqueza na construção de sentido.

No momento 2, na sentença selecionada identificamos três pontos para análise. Inicialmente, temos: “Vamos colocar terra neste vasilho, né, vamos enchê-lo de terra.”, em que a tradutora faz uso do *espaço mental token*, apropriando-se de classificador para construir a cena, indica segurar um VASO DE FLOR, coloca o elemento TERRA dentro do recipiente e indica que este vaso ficou cheio de terra. Visualmente, conseguimos acompanhar o processo que ela faz. Na sequência, em: “Você está vendo esta sementinha aqui?”, utiliza-se de dêixis para retomar o elemento SEMENTE, que já havia sido contextualizado anteriormente. Nessa construção, não é apenas sinalizar [SEMENTE + VER], mas o direcionamento do olhar, a expressão, o apontamento, a forma como a tradutora segura o pacote de sementes e como demonstra, enriquecem a construção.

O *espaço mental sub-rogado* é bem estabelecido na contação da história, como vemos no Momento 3, “(2’41” a 2’45”) – Incorpora o vovô e segura a menina no seu colo”. Um dos principais elementos utilizados para explorar este espaço é o uso do processo anafórico, com o movimento do tronco, da cabeça e a marcação do olhar. Há diálogos entre os personagens que se compreende quem está enunciado apenas pelos usos da marcação de abaixar a cabeça e o olhar para enunciar e de elevar a cabeça e o olhar para enunciar, virando o tronco, mostrando assim, que ora é o avô, ora é a menina.

O *espaço mental real* aparece em menor quantidade, é uma escolha da tradutora não acompanhar as posições dos elementos das imagens e trazê-las ao espaço de enunciação. Vemos no Momento 2, uma das poucas ocasiões de uso desse espaço, “(1’22” a 1’25”) – Coloca a SEMENTE DE FLOR NO VASO. A construção reforça a ideia de que o vaso já está cheio de terra. Realiza a sinalização no espaço de enunciação a partir da imagem ilustrada na história escrita, conforme aparece ao fundo, trazendo a imagem da ilustração para o espaço de sinalização”. O uso do espaço real caracteriza-se pela expressão do que está representado no espaço de enunciação, concebido como real, presente, no caso, em “Nós vamos colocá-la agora na terra”, a construção da sinalização se deu a partir da imagem do livro, tradutora a remete no modo de segurar o elemento VASO e de alocar o elemento TERRA e no modo de direcionar seu olhar para a ação.

A estrutura da história sinalizada traz elementos significativos para o gênero história infantil, com as imagens da ilustração original ao fundo, contextualizando a contação da história, trazendo significação à medida que as imagens auxiliam na construção e relação dos enunciados em Libras. A tradutora traz em suas expressões faciais e corporais a leveza e inocência da menina que é uma das protagonistas. Da mesma forma, representa o personagem do avô carinhoso, atento e muito calmo para ensinar a neta. Tais características são essenciais para o gênero e proporciona à criança surda possibilidades de fruição da história e potencializa seu processo de aquisição da língua de sinais, enquanto materialidade surda.

Aspectos importantes utilizados pela tradutora como o uso de classificadores, expressões faciais e corporais, marcação de olhar, posição da cabeça, movimento do tronco, apontamentos, movimento visual e performance adequada ao gênero explorado, usos adequados dos espaços mentais, foram explorados de modo compatível ao gênero abordado, durante toda a sinalização.

Considerações finais

Os Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), enquanto área acadêmica, têm apresentado avanços significativos em suas diversas vertentes, impulsionando discussões aprofundadas sobre os processos de tradução e interpretação e seus impactos na construção do conhecimento. Nesse contexto, destaca-se a utilização da gravação em vídeo de produções sinalizadas como um valioso instrumento para aprimorar as análises e debates em torno das metodologias e dos diferentes aspectos envolvidos na tradução e interpretação.

Sendo possível com esse instrumento a análise minuciosa e precisa de todos os aspectos que compõem uma tradução ou de métodos e práticas específicas, como no caso o uso e exploração dos

espaços mentais. O registro em vídeo permite o entendimento de quais habilidades, competências, técnicas e estratégias estão sendo utilizadas e como elas se aplicam, permitindo uma reflexão aprofundada sobre os processos tradutórios.

Posto isso, concordamos com Azenha (2005) ao enfatizar que materializada por videogravação, edição e composição didático-pedagógica, a tradução serve como rica fonte para descrever e analisar as práticas dos tradutores em tais circunstâncias, contribuindo para o conhecimento nas metodologias, visando implementar a tradução de ou para a língua de sinais. A reflexão sobre o fazer tradutório possibilita a construção de conhecimento nesse campo.

A gravação em vídeo, enquanto recurso didático-pedagógico, oferece um meio valioso para a exploração da compreensão e da narração, impulsionando o desenvolvimento linguístico dos sujeitos a quem esse material se destina. No contexto de histórias infantis, essa potencialidade se articula de forma criativa com o conceito de *Mãos Literárias*, idealizado por Mourão (2016). Nessa abordagem as mãos sinalizantes buscam produzir efeitos expressivos nas narrativas sinalizadas, fluidez e utilização de inúmeros recursos linguísticos para explorar a visualidade, como o uso de classificadores, os espaços mentais, apontamentos, marcação de olhar, entre outros, agregando camadas de significado que enriquecem a experiência da criança surda. Ao terem acesso a histórias infantis em formato de vídeo, as crianças surdas são beneficiadas em seu desenvolvimento cognitivo e linguístico, além de terem sua forma de ser e expressar-se em língua de sinais valorizada.

A produção sinalizada de histórias infantis torna-se assim um elemento importante para o desenvolvimento e a aquisição linguística das crianças surdas, visto que estão contidos nesse processo aspectos como a produção cognitiva, narrativa e compreensiva desses sujeitos, além dos aspectos culturais e linguísticos envolvidos que dependem de diversos fatores, como por exemplo o contato com outras maneiras de sinalização. Esses registros oportunizam aos sujeitos um contato real com outras sinalizações e contribuem para o desenvolvimento dos mesmos.

Além das contribuições acima citadas, o registro em vídeo e a sinalização de histórias infantis é um instrumento potencializador para que os sujeitos aprendam a construir corretamente as questões gramaticais e linguísticas da língua de sinais, bem como, o uso de outros aspectos que são intrínsecos às línguas e vão sendo aprendidos de forma natural, mas sistematizados por meio dessas histórias.

Desta forma, a contação de histórias em Libras mostra-se como um excelente recurso para que crianças surdas se apropriem da língua de sinais e desenvolvam a linguagem em seus aspectos de ordem compreensiva e expressiva, desde que o tradutor saiba aplicar técnicas tradutórias e interpretativas, como é o caso dos usos dos *espaços mentais*, para moldar a tradução deixando-a adequada ao gênero sinalizado e ao público que se almeja alcançar.

Esses e outros fatores envoltos na tradução/interpretação têm evidenciado a necessidade de os profissionais tradutores e intérpretes de Libras aprofundarem-se em conhecimentos sobre a gramática e a linguística dessa língua visual, bem como, aperfeiçoarem-se em técnicas tradutórias/interpretativas para que tenham domínio dos diferentes gêneros discursivos que circulam nos mais diversos meios

em que atuam, considerando as especificidades de seu público surdo, como por exemplo, o infantil, que terá, muitas vezes, como referência linguística esse profissional. Tal demanda apenas reafirma a necessidade de oferta de formação de qualidade e de pesquisas científicas que discutam sobre o processo tradutório na prática.

Referências

ANCHIETA, Ester Vitória Basílio. *Incorporação e partição do corpo: o espaço sub-rogado no discurso narrativo de uma tradução de literatura infantil do português para a Libras*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/183235>. Acesso em: 25 mar. 2025.

ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. A alternância no uso dos espaços token e sub-rogado na narrativa do surdo. *Revista Intercâmbio*, Brasília, n. 6, 2016.

AZENHA JÚNIOR, João. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 9, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/73944>. Acesso em: 9 abr. 2025.

AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta de. Uma breve apresentação da Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Mesclagem. In: HERMONT, Arabie Bezri; *ESPIRITO SANTO*, Rosana Silva; *CAVALCANTE*, Sandra. (org.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Ed. PUC Minas, 2010.

CAS GUARAPUAVA PR. *A Sementinha*. Youtube, 20 de set. de 2021. 2 min 47s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0UPxgghM3NA>. Acesso em: 29 mar. 2025.

COSCARRELLI, Carla Vieira. Uma conversa com Gilles Fauconnier. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 2, pp. 291-306, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982005000200012>. Acesso em: 25 mar. 2025.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal, RN: EDUFRN 2012.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*, Cambridge: Mit Press/Bradford. 1985.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

JAKOBSON, Roman. *Aspectos linguísticos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1975.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Intérpretes de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

Como os espaços mentais moldam a tradução em Libras de histórias infantis

LIDDELL, Scott. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: McNEILL, David. (org.). *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MOREIRA, Renata Lúcia. *Uma descrição da Dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira*: pronomes pessoais e verbos indicadores. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13112007-103644/>. Acesso em: 01 abr. 2025.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. *Literatura Surda*: produções culturais de surdos em Língua de Sinais. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. *Literatura Surda*: experiência das mãos literárias. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151708/001012805.pdf?seque>. Acesso em: 25 mar. 2025.

OUSTINOFF, Michael. *Tradução*: história, teorias e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de; CRUZ, Carina Ribeiro. *Língua de sinais*: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

REIS, Leidiane da Silva.; PINHEIRO, Valdenir de Souza; BIDARRA, Jorge. O processo anafórico na Libras: classificadores em evidência. *Anais... do V Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Florianópolis, 2016. Disponível em: https://www5.unioeste.br/portaunioeste/images/files/GpPORLIBRAS/3704_-_Artigo_Completo.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

RIBEIRO, Veridiane Pinto. *A linguística cognitiva e construções corpóreas nas narrativas infantis em Libras*: uma proposta com foco na formação de TILS. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177579>. Acesso em: 22 mar. 2025.

RIBEIRO, Veridiane Pinto. Linguística cognitiva e língua de sinais: por uma tradução visuo- corpórea-espacial. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 1-14, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1647>. Acesso em: 25 mar. 2025.

RODRIGUES, Carlos Henrique; CHRISTMANN, Fernanda. As pesquisas brasileiras sobre tradução e interpretação de língua de sinais: os ETILS na pós-graduação em estudos da tradução. *Cadernos de Tradução*, v. 43, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/94239>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SCHLEMPER, Michelle. As traduções infantis em Libras: O uso da literatura no processo de aquisição sinalar de crianças surdas. *REVISTA RE-PRODUÇÃO*, v. 6, p. 1, 2019. Disponível em: <https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/revista-reproducao/ver-noticia.php?id=111>. Acesso em: 04 abr. 2025.

QUANDO A TRADUÇÃO BRINCA COM A MENTE: INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL E EFEITOS HUMORÍSTICOS DOS MEMES “LEIA EM INGLÊS”

WHEN TRANSLATION PLAYS WITH YOUR MIND: CONCEPTUAL BLENDING AND
HUMORISTIC EFFECTS OF “READ IN ENGLISH” MEMES

Eduardo Alves da Silva¹

RESUMO

Este artigo investiga os memes do tipo “leia em inglês”, nos quais a tradução fonética de uma expressão portuguesa para o inglês se assemelha a uma ação ilustrada na imagem, gerando um efeito humorístico. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e tem como ferramenta analítica a Teoria da Integração Conceptual (*Blending Conceptual*) de Fauconnier e Turner (2002). Em relação aos conceitos operacionais, utiliza as noções de *Frame* (Fillmore, 1976, 1982; Duque, 2015, 2017) e Espaços Mentais (Fauconnier, 1985, 1997) para compreender os mecanismos cognitivos subjacentes à construção de sentido nesses memes. A análise explora como a sobreposição de estruturas linguísticas e visuais ativa múltiplos espaços mentais, permitindo que a tradução seja reinterpretada dentro de um novo *frame* semântico. Além disso, discute-se a relação entre cognição e humor na tradução interlinguística, evidenciando como o *blending* conceptual contribui para a experiência humorística e a criatividade linguística dos falantes. O estudo busca demonstrar que esses memes não apenas refletem fenômenos linguísticos, mas também revelam processos cognitivos complexos na mediação entre diferentes línguas e culturas.

PALAVRAS-CHAVE: Integração Conceptual. Espaços Mentais. *Frame*.

ABSTRACT

This paper investigates “Read in English” memes, in which the phonetic translation of a Portuguese expression into English resembles an action illustrated in the image, generating a humorous effect. The research adopts a qualitative approach and uses Fauconnier and Turner’s (2002) Conceptual Blending Theory as an analytical tool. As operational concepts, it uses the notions of *Frame* (Fillmore, 1976, 1982; Duque, 2015, 2017) and Mental Spaces (Fauconnier, 1985, 1997) to understand the cognitive mechanisms underlying the construction of meaning in these memes. The analysis explores how the overlapping of linguistic and visual structures activates multiple mental spaces, allowing the translation to be reinterpreted within a new semantic frame. In addition, the relationship between cognition and humor in interlingual translation is discussed, highlighting how conceptual blending contributes to the humorous experience and linguistic creativity of speakers. The study seeks to demonstrate that these memes not only reflect linguistic phenomena, but also reveal complex cognitive processes in the mediation between different languages and cultures.

KEYWORDS: Conceptual Blending. Mental Spaces. *Frame*.

¹ Doutor em Estudos da Linguagem pelo programa de pós graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL/UFRN), pesquisador do grupo Gelp-Colin (UFC) e professor adjunto efetivo do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE), eduardo.silva@unilab.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-7626-1504>.

1. Introdução

A interseção entre linguagem, cognição e humor constitui um campo de investigação profícuo para os estudos linguísticos, notadamente quando se observa a proliferação de fenômenos discursivos emergentes em ambientes digitais. A linguagem que podemos perceber é, como diria Gilles Fauconnier em sua célebre frase, apenas a ponta de um *iceberg*. Nesse sentido, e na mesma esteira da linguagem, os memes² constituem uma manifestação singular de criatividade linguística e de interação social, configurando-se como objetos de estudo particularmente reveladores dos mecanismos cognitivos subjacentes à produção e interpretação do humor. Gênero bastante abordado por outros linguistas que se já se dedicaram ao estudo da formação de sentido e humor (Soares; Ferrari, 2016; Asmolovskaya; 2010; Coulson; Oakley, 2005; Moss; Hampton, 2003 etc.)

O presente estudo tem como foco específico os memes do tipo “leia em inglês”, retirados da rede social *Instagram*, os quais exploram a similaridade fônica entre expressões da língua portuguesa e sua tradução presumida para a língua inglesa, gerando um efeito humorístico a partir da emergência de novos sentidos nos processos de integração conceptual. Acreditamos que o sistema linguístico leva o indivíduo a construir sentido através do humor que a piada sugere a partir da tradução do pretenso discurso desse tipo de gênero textual. Fato, inclusive, também abordado por Fauconnier e Turner em seus estudos sobre polissemia e efeito humorístico (2003). A investigação insere-se no escopo da Linguística Cognitiva, fundamentando-se na Teoria da Integração Conceptual (Fauconnier; Turner, 2002), a qual permite analisar o modo como informações linguísticas e visuais são combinadas em espaços mentais distintos para originar construções humorísticas inovadoras. O significado parece ser construído justamente quando a tradução aproximada se concretiza.

Conforme pontua Jakobson “[...] a tradução de uma língua para outra substitui mensagens em uma língua não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras em alguma outra língua³”. (Jakobson, 1959, p. 114, tradução nossa). Dessa forma, após a mensagem inteira ser processada, temos a emergência do significado linguístico.

Para tal análise, o estudo recorre às noções de *Frame* (Fillmore, 1976, 1982; Duque, 2015, 2017) e Espaços Mentais (Fauconnier, 1985, 1997), as quais são essenciais para a compreensão do processamento cognitivo da linguagem e da interação entre diferentes estratos semânticos na perspectiva de Linguística Cognitiva proposta aqui. A dimensão interacional do *frame* (Duque, 2017) funcionaria como estrutura cognitiva que orienta a interpretação discursiva, ao passo que os espaços mentais operariam como domínios dinâmicos nos quais informações de diferentes naturezas são manipuladas e combinadas em processos de integração conceptual⁴.

² Segundo Silva (2020), Meme é um conteúdo, como uma imagem, vídeo ou texto, que se espalha de pessoa para pessoa e costuma ser humorístico ou sarcástico.

³ [...] translation from one language into another substitutes messages in one language not for separate code-units but for entire messages in some other language.

⁴ Muitas nomenclaturas são utilizadas para se referir à teoria da Integração Conceptual tais como *Blending Conceptual*, *Mesclagem Conceptual* etc. Doravante, neste estudo, usaremos o termo Integração Conceptual como forma padronizada.

O que parece ser indiciário é que a relação entre linguagem e cognição, mediada pelo humor, resulta da ativação de espaços mentais interconectados, nos quais a superposição de estruturas linguísticas e imagéticas desencadeia novas interpretações dentro de *frames* semânticos alternativos, essencialmente quando são traduzidos do inglês para o português através dos memes do tipo “leia em inglês”. Assim, o processo de construção de sentido nesses memes não se reduz a um fenômeno de simples associação fônica, mas envolve operações cognitivas complexas que articulam múltiplos níveis de significado pela tradução pois, com efeito, “qualquer comparação entre duas línguas implica um exame da sua traduzibilidade mútua” (Jakobson, 1959, p. 115, tradução nossa)⁵.

Ademais, a pesquisa busca evidenciar que tais memes constituem não apenas um recurso humorístico, mas também um fenômeno linguístico e cognitivo que reflete os processos de mediação entre diferentes sistemas linguísticos e culturais. A análise revela como a integração conceptual desempenha um papel crucial na compreensão e apreciação humorística dessas construções, proporcionando entendimentos necessários sobre a flexibilidade cognitiva e a criatividade linguística dos falantes.

Ao longo do artigo, pretende-se demonstrar que a análise linguística dos memes “leia em inglês” é, além do que Wittgenstein (1953) acertadamente poderia chamar de jogo de linguagem, uma forma de perceber que a linguagem vai muito além da ponta do *iceberg* (Fauconnier; Turner, 2002), orbitando num bioma de significado de língua, tradução, cognição e humor. Assim, a investigação busca contribuir para a compreensão da dinâmica da comunicação digital e do modo como os processos cognitivos subjacentes são mobilizados na interação entre línguas e culturas.

Na primeira seção, apresentamos a teoria da Integração Conceptual (Fauconnier; Turner, 2002), bem como seus principais conceitos operacionais e ferramentas analíticas. Dentro da mencionada seção, oferecemos uma visão global sobre os principais pontos concernentes à teoria para que seja possível entender sua relação direta com a interpretação do *corpus* escolhido. Em seguida, é feita uma breve explicação sobre o conceito de Espaços Mentais (Fauconnier, 1985) e sobre a abordagem de *frame* escolhida neste estudo. Apesar das muitas perspectivas de estudo sobre *frame* existentes (Minsky, 1974; Goffman, 1974; Fisher, 1997; Coulson, 2001; Lakoff, 2004 etc.), definimos o recorte de dois principais autores, a saber, Fillmore (1976, 1982) e Duque (2015, 2017), sendo este a base epistemológica e aquele detentor de uma abordagem interacional, voltada para a relação de expectativa entre interlocutores, adequado à análise do *corpus* preterido.

Finalmente, procedemos às seções de metodologia, análise e subsequente concatenação das conclusões. A pesquisa tem cunho qualitativo segundo Casell e Gillian (1994) por apresentarem foco específico em pesquisa qualitativa e o objeto são as operações de integração de conceitos promovidas pela tradução dos memes do tipo “leia em inglês”. O que parece ser evidente é que as operações de formação de sentido vão além da sobreposição de análogos numa integração conceptual. O objetivo é compreender como a relação entre linguagem e cognição, modulada pelo humor, se dá por meio da

⁵ Any comparison of two languages implies an examination of their mutual translatability.

Quando a tradução brinca com a mente: integração conceptual e efeitos humorísticos dos memes "leia em inglês"

ativação de espaços mentais interligados usando para isso a tradução do gênero textual meme tipo "leia em inglês".

2. Integração Conceptual: mesclagem de conceptualizações inventivas

A Teoria da Integração Conceptual, proposta por Fauconnier e Turner (2002), descreve um mecanismo cognitivo inato ao ser humano pelo qual múltiplos espaços mentais interagem para gerar novas estruturas de significado. Esse processo, também denominado *blending*, permite a combinação seletiva de elementos oriundos de diferentes domínios discursivos, promovendo a emergência de interpretações inovadoras e não triviais.

A integração conceptual fundamenta e torna possível todas essas diversas realizações humanas, é responsável pelas origens da linguagem, da arte, da religião, da ciência e de outros feitos humanos singulares e é tão única para o pensamento básico do dia-a-dia quanto para as habilidades artísticas e científicas. (Fauconnier; Turner, 2002. p. 6, tradução nossa)⁶.

No contexto linguístico, a integração conceptual opera em estreita articulação com os *frames* (Fillmore, 1976, 1982), que fornecem esquemas interpretativos preexistentes, e com os espaços mentais (Fauconnier, 1985), que atuam como domínios dinâmicos onde a informação é manipulada e reorganizada.

Dessa forma, o fenômeno da integração conceptual não ocorre de maneira aleatória, mas depende da ativação de conhecimentos prévios e da interação entre múltiplos níveis de representação semântica. Falaremos agora, em sequência, sobre seus expedientes fundamentais: espaços mentais e a noção de *frame*.

2.1. Espaços Mentais

A teoria dos Espaços Mentais, proposta por Fauconnier (1985) e elemento primordial na teoria da integração conceptual, descreve um modelo dinâmico de representação cognitiva no qual a compreensão linguística e discursiva é processada através da ativação e interconexão de domínios conceptuais temporários. Diferentemente das representações semânticas estáticas (Montague, 1974), os espaços mentais são construídos de maneira flexível e em tempo real durante o processamento da linguagem, permitindo que o falante manipule e combine informações para interpretar enunciados de forma inovadora. Segundo Fauconnier "espaços mentais são pequenos pacotes conceituais construídos à medida que pensamos e falamos, para fins de compreensão e ação locais". (Fauconnier; Turner, 2002, p. 40, tradução nossa)⁷.

⁶ *Conceptual blending underlies and makes possible all these diverse human accomplishments, that it is responsible for the origins of language, art, religion, science, and other singular human feats, and that it is as indispensable for basic everyday thought as it is for artistic and scientific abilities.*

⁷ *Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action.*

Dessa forma, cada espaço mental pode ser entendido como um conjunto de entidades, relações e estruturas semânticas ativadas contextualmente, como o próprio autor afirma, funcionando como recortes parciais da realidade que interagem entre si de modo dinâmico. A construção do significado ocorre quando diferentes espaços são projetados e interligados, criando novas interpretações que não estariam acessíveis apenas pelos significados convencionais das palavras ou expressões utilizadas.

Por exemplo, ao ouvir a frase “Se Napoleão tivesse aviões, teria vencido Waterloo”, o ouvinte ativa, ao menos, três espaços mentais: (1) um espaço genérico de base, que representa o contexto histórico real da Batalha de Waterloo; (2) um espaço genérico hipotético, no qual Napoleão possui aviões; e (3) um espaço genérico de projeção, onde as implicações dessa mudança são avaliadas (ou seja, a possibilidade de vitória). Essa interação entre espaços permite que o enunciado seja compreendido não como um erro factual, mas como um exercício contrafactual de raciocínio.

No contexto dos memes “leia em inglês”, os espaços mentais são indeclináveis para o processamento humorístico. Quando um meme apresenta a frase “Grátis Você” ao lado de uma imagem de uma pessoa numa nevasca, com a legenda “leia em inglês”, o leitor ativa, no mínimo, dois espaços distintos: (1) um espaço de base, onde a expressão “Grátis Você” é compreendida literalmente dentro do português, como um sintagma nominal descritivo; e (2) um espaço alternativo, onde a leitura fonética aproxima a expressão de um equivalente sonoro em inglês (*Free You*). O humor emerge da sobreposição desses espaços e do reconhecimento do deslocamento de sentido resultante da integração conceptual, pois, com efeito, o leitor do meme entende, deste ponto em diante, que a pessoa retratada na imagem está “com frio”.

A ativação de espaços mentais também está interligada à noção de *frames* (Fillmore, 1976, 1982), pois a interpretação de um enunciado ou meme depende dos esquemas cognitivos preexistentes que os falantes trazem para o processo de compreensão (Rumelhart, 1975). No caso do exemplo mencionado, o *frame* de FRIO colide com o *frame* de GRATUIDADE, e a incongruência entre essas estruturas promovida pela tradução gera o efeito cômico.

Assim, os espaços mentais não apenas viabilizam a construção de significado em contextos linguísticos e discursivos, mas também possibilitam a criatividade interpretativa, especialmente em fenômenos humorísticos. A análise desses mecanismos cognitivos permite compreender como os falantes são capazes de reinterpretar elementos linguísticos e culturais de maneira flexível, gerando novas camadas de sentido por meio de processos de integração conceptual.

Segundo o autor, esses espaços mentais, e consequentemente a integração conceptual, estão ligados, também, como já mencionado, à noção de *frame*. Para Fauconnier e Turner (2002, p. 40, tradução nossa) “Espaços mentais estão conectados a conhecimentos esquemáticos de longo prazo chamados *frames*”⁸, elemento que trataremos a partir de agora.

⁸ *Mental spaces are connected to long-term schematic knowledge called frames.*

3. *Frames*

A semântica dos *frames*, originalmente proposta por Fillmore (1976, 1982), descreve estruturas cognitivas que organizam e delimitam a interpretação de enunciados a partir de conhecimentos prévios compartilhados pelos falantes. Um *frame* pode ser entendido como um conjunto de informações inter-relacionadas que permitem a ativação e a compreensão de conceitos em um determinado contexto discursivo. De acordo com o autor, o *frame* seria “[...] quaisquer sistemas de conceitos relacionados de tal forma que, para entendê-los, você tem que compreender toda a estrutura em que se encaixam”⁹. (Fillmore, 1982, p. 111, tradução nossa).

Esses esquemas estruturais funcionam como molduras interpretativas que guiam o processamento da linguagem, associando elementos lexicais a contextos semânticos mais amplos.

De acordo com Fillmore (1976), todo enunciado linguístico ativa um ou mais *frames*, pois as palavras não são processadas isoladamente, mas em relação a redes de conhecimento estruturadas pela mente do falante. Por exemplo, ao ouvir a palavra “restaurante” (clássico exemplo levantado por Fillmore), um indivíduo não apenas acessa seu significado lexical, mas também ativa um conjunto de expectativas associadas ao conceito, como a existência de um cardápio, garçons, mesas e um processo de pedido e pagamento. Assim, os *frames* possibilitam a recuperação de informações implícitas e são fundamentais para a interpretação de fenômenos linguísticos complexos.

Uma outra concepção de *frames* utilizada na análise deste artigo é a visão de Duque (2015, 2017) sobre o assunto. Sua noção vai em direção às pretensões de nosso estudo pois trabalha com uma perspectiva interacional, elemento caro à dinâmica dos memes do tipo “leia em inglês” devido à sua natureza dialógica humorística entre os interlocutores. O autor propõe uma ampliação epistemológica de Fillmore, que enfatiza sua relevância interacional para a análise discursiva e a compreensão dos processos de significação.

Frames são mecanismos cognitivos através dos quais organizamos pensamentos, ideias e visões de mundo. Novas informações só ganham sentido se forem integradas a *frames* construídos por meio da interação ou do discurso (Duque, 2015, p. 26)

Segundo Duque (2017), os *frames* não apenas estruturam a interpretação de textos verbais, mas também interagem com elementos visuais, audiovisuais e gestuais, tornando-se essenciais para a análise de discursos híbridos, como aqueles presentes em memes digitais. Para o autor, o *frame* possui uma dimensão interacional que auxilia na construção de sentido.

Diferentemente do *frame* linguístico, o *frame* interacional ocorre apenas a partir de interações sociais mediadas pela linguagem, ou seja, interações que evocam *frames* modelados com base na compreensão da situação comunicativa em si. O *frame* interacional diz respeito à forma como conceptualizamos o que acontece entre o falante e o ouvinte, ou entre o autor e o leitor, quando interagem comunicativamente uns com os outros. O *frame* interacional, desse modo, constitui a ferramenta de uso de *frames* linguísticos e expectativas levadas

⁹ [...] any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits.

pelos interlocutores para dar suporte à compreensão e produção do discurso oral e escrito, especialmente com relação aos exemplos de categorias textuais. (Duque, 2017, p. 37).

No caso dos memes do tipo “leia em inglês”, a ativação simultânea de *frames* distintos é um fator crucial para a produção do efeito humorístico, especialmente porque o gênero textual em questão exige um roteiro de interação mais ou menos invariante para a construção de sentido. O interlocutor do meme já espera um “*punchline*”¹⁰ humorístico quando se depara com a imagem descrevendo “leia em inglês”. Do mesmo modo, o indivíduo já conhece como deve interagir diante de um deles e como acha-los na *internet* ou numa rede social, normalmente numa página de humor e fazendo uma leitura mental enquanto usa seu celular ou seu computador. Quando um meme apresenta a frase “Meu Também Crescer Processar” ao lado da imagem do mapa do estado do Mato Grosso, dois *frames* são mobilizados: (1) um *frame* geopolítico, no qual “Mato Grosso” é identificado como o nome de um estado brasileiro; e (2) um *frame* descritivo, de tradução palavra por palavra, no qual a sequência lexical da tradução *My Too Grow Sue* (Mato Grosso, por proximidade fonética) forma sentido. O humor, e consequentemente o resultado da integração conceptual, surge do choque entre esses dois *frames*, reforçado pela sugestão fonética da leitura em inglês.

É na culminância desse intrincado processo que o arcabouço da integração conceptual aparenta adquirir concreção operativa e aplicabilidade tangível e é onde o final do processo apresenta o espaço-mescla (ou *blended space*), lugar de formação do conceito integrado e inventivo.

3.1. Integração Conceptual

A Teoria da Integração Conceptual, desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002), descreve um mecanismo cognitivo pelo qual elementos oriundos de diferentes espaços mentais são combinados para gerar novas estruturas de significado. Segundo os autores, tal teoria é, inclusive, parte central da gramática (Fauconnier; Turner, 1996). Esse processo, também denominado *blending*, não se resume a uma simples justaposição de conceitos, mas envolve a fusão seletiva de características específicas de múltiplos domínios conceptuais, resultando em uma interpretação emergente que não estava presente em nenhum dos espaços de origem isoladamente.

O modelo da integração conceptual é frequentemente representado por meio de redes de relações, compostas por pelo menos quatro espaços mentais: (1) dois espaços de entrada, que contêm as informações a serem combinadas; (2) um espaço genérico, onde elementos estruturais compartilhados pelos espaços de entrada são identificados; e (3) um espaço integrado, onde a fusão dos elementos selecionados ocorre, gerando um novo significado. Este é o modelo mínimo de integração conceptual, pois, na teoria, também é possível o que os autores chamam de *megablend*, ou redes com múltiplos espaços mentais que dão origens a outras integrações conceptuais. O grau de coerência e inovação do espaço-mescla depende das relações de mapeamento estabelecidas entre os espaços de entrada e dos mecanismos cognitivos subjacentes à projeção de estrutura entre eles.

¹⁰ Momento em que a piada faz sentido e o interlocutor cede ao elemento humorístico, ao riso.

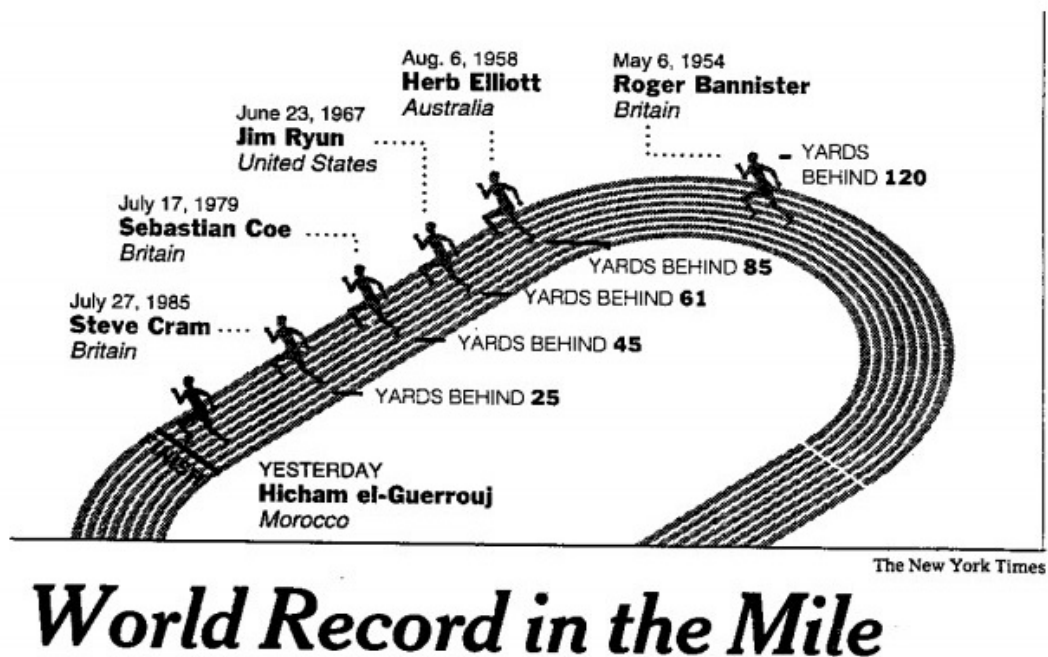
Quando a tradução brinca com a mente: integração conceptual e efeitos humorísticos dos memes "leia em inglês"

Para haver uma integração conceptual, são necessários mapeamento e processamento de informações análogas entre os espaços mentais que compõem essa junção. Segundo os autores, esse processamento dinâmico e inter-relação informacional é devido ao que eles chamam de “relações vitais”.

Relações vitais são o que vivemos, mas são muito menos estáticas e unitárias do que imaginamos. A integração conceptual está continuamente comprimindo e descompactando-as, desenvolvendo o significado emergente à medida que avança. (Fauconnier; Turner, 2002, p. 102, tradução nossa)¹¹.

O objetivo de uma integração conceptual vai além do mero justapor de palavras, *frames*, ideias ou espaços mentais e, no final do processo, “de alguma forma, temos que inventar um cenário que se baseia nos dois análogos, mas acaba por conter mais (Fauconnier; Turner, 2002. p.20, tradução nossa)¹². Ainda segundo os autores, o processo possibilita a condensação do que é difuso, a construção de um entendimento holístico, o fortalecimento das relações vitais por meio da ampliação das informações análogas, a integração de múltiplos elementos em uma única estrutura coesa e a organização dos fatos de modo a gerar sentido e formar uma narrativa (Fauconnier; Turner, 2002, p. 312). Um exemplo que os autores utilizam para ilustrar o funcionamento de uma integração conceptual é o “recorde mundial dentro da milha”. Nele, comprimem-se as informações de vários corredores (raias atléticas) numa integração conceptual processando suas informações relevantes e análogas ao caso.

Figura 1: O recorde mundial dentro da milha



Fonte: Adaptado (Fauconnier; Turner, 2003, p. 3).

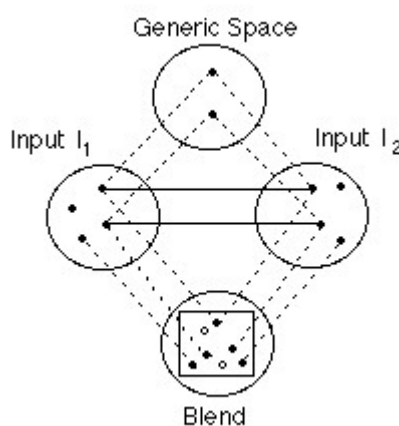
¹¹ *Vital Relations are what we live by, but they are much less static and unitary than we imagine. Conceptual integration is continually compressing and decompressing them, developing emergent meaning as it goes.*

¹² *Somehow, we have to invent a scenario that draws from the two analogues but ends up containing more.*

No exemplo, vários corredores de várias épocas diferentes competiriam supostamente numa pista de corrida onde teriam suas colocações baseadas no tempo que obtiveram em seus respectivos tempos de vida. Nesse sistema de integração conceptual as relações vitais foram comprimidas e processadas pelo *frame* CORRIDA. No final do processo, temos um ambiente conceptual estável que contém as informações de todos os espaços mentais evocados pelos *frames* mencionados, dando cabimento, então, à construção de sentido.

Como mencionado, um sistema de integração conceptual possui espaços mentais de entrada, um espaço genérico e um espaço-mescla onde a formação de sentido acontece. No meio do processo, informações (relações vitais) são processadas, comprimidas e descomprimidas, reavaliadas, mapeadas de forma recursiva e projetadas num espaço-mescla final conforme mostra a figura 2.

Figura 2: Grafo da integração conceptual



Fonte: Adaptado (Fauconnier; Turner, 2002, p. 46)

Os círculos representam os espaços mentais, enquanto as linhas sólidas indicam as relações de mapeamento de relações vitais entre esses espaços e suas correspondências. As linhas pontilhadas simbolizam as conexões entre os espaços genéricos, o espaço-mescla e os *inputs* (entradas) de informação. Os pontinhos representam fragmentos de informação dispersos que podem ser relevantes para o sistema ou não, a depender de cada situação, e o quadrado corresponde à estrutura emergente resultante da mescla (espaço-mescla ou *blend*).

Segundo Fauconnier e Turner (2002), a rede de integração conceptual pode ter o fundamento de composição de três frentes e sua tipologia pode ser de vista em quatro formas. Em relação à sua forma de compor o sistema, uma integração conceptual pode ser:

- a) Por composição: A integração conceptual estabelece apenas conexões possíveis ao combinar dois espaços mentais. Isoladamente, esses espaços não seriam capazes de formar tais relações, resultando na criação de novos elementos;
- b) Por complementaridade: No processo de integração conceptual, as características são desenvolvidas a partir de uma pequena parte do *frame* utilizado na operação;

Quando a tradução brinca com a mente: integração conceptual e efeitos humorísticos dos memes "leia em inglês"

- c) Por construção: A integração conceptual, no seu processo criativo, dá origem a elementos inéditos que não eram contemplados nos espaços mentais originais.

Em relação à sua tipologia, integrações conceptuais podem ser:

- a) Redes Simplex: rede onde elementos do *frame* projetam apenas valores de identidade;
- b) Redes Espelho: rede onde todos os *inputs* compartilham um único *frame* (é o caso do “recorde mundial na milha”, por exemplo);
- c) Redes Simples: rede onde os *inputs* têm *frames* diferentes e projetam um domínio semântico em outro (é o caso das metáforas conceptuais de Lakoff¹³, por exemplo);
- d) Redes Duplas: rede onde os *frames* têm *inputs* conflitantes e que não possuem correlação imediata com a mescla, de forma que, no espaço de formação de sentido, temos uma construção compondo, muitas vezes, entradas inventivas e não-previstas.

Não é intenção aqui fazer uma pormenorização das tipologias e detalhes previstos na teoria. Dessarte, iremos recortar a tipologia dos exemplos elencados e direcioná-los para o estudo em questão. Em relação ao uso dos memes do tipo “leia em inglês”, temos, com certo grau de invariância e estabilidade, que esse gênero textual é composto por redes de integração conceptual de forma bastante estabilizada. Seu processo de composição é por **construção** e sua tipologia é de **redes duplas**. Por construção porque o sistema demanda uma formação de sentido que não está disponível de forma óbvia no texto e do tipo redes duplas porque os *frames* entre a língua portuguesa e língua inglesa, especialmente durante a piada dos memes, não se correlacionam *a priori* e até podem soar antagônicas, como veremos na análise.

A integração conceptual, dessarte, é um processo central na construção do humor linguístico sugerido pela proposta desse tipo de meme, pois permite que estruturas de significado sejam ressignificadas por meio da sobreposição de *frames* semânticos distintos. No caso do *corpus* analisado, esse mecanismo não apenas evidencia a flexibilidade da cognição humana, mas também demonstra como a interação entre diferentes sistemas linguísticos e culturais pode gerar novos efeitos discursivos.

4. Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa (Casell; Gillian, 1994), fundamentada na análise interpretativa dos dados à luz da Teoria da Integração Conceptual de Fauconnier e Turner (2002). Utiliza o levantamento bibliográfico para o arrolamento de obras pertinentes à teoria de integração conceptual, espaços mentais e *frames*; e considera que o objetivo central do estudo é compreender os mecanismos cognitivos subjacentes à construção do humor nos memes do tipo “leia

¹³ Para maiores informações, cf “*metaphors we live by*” (Lakoff; Johnson, 1980)

em inglês”. Dessa forma, opta-se por uma metodologia que privilegia a observação dos fenômenos discursivos e a interpretação dos processos cognitivos envolvidos na formulação e recepção dessas construções humorísticas.

Para a sistematização dos dados e a identificação de padrões emergentes, este estudo adota como referencial metodológico a *Grounded Theory*¹⁴ (Glaser; Strauss, 2006), uma abordagem que busca construir conhecimento a partir da análise indutiva de dados empíricos. No contexto desta pesquisa, a *Grounded Theory* é utilizada para descrever e categorizar as estratégias linguísticas e cognitivas presentes nos memes analisados, permitindo a identificação de esquemas recorrentes na interação entre espaços mentais, *frames* e processos de integração conceptual.

O *corpus* da pesquisa consiste em um conjunto de memes coletados na plataforma de rede social *Instagram*, selecionados com base na recorrência e na representatividade do fenômeno “leia em inglês”. A análise será conduzida em etapas, iniciando-se com a codificação aberta dos dados, na qual serão identificados os principais elementos linguísticos e visuais que compõem os memes. Em seguida, proceder-se-á à codificação axial, buscando estabelecer relações entre os diferentes espaços mentais ativados e os *frames* mobilizados no processo interpretativo. Por fim, faremos a representação dos grafos da integração conceptual de acordo com o modelo proposto por Fauconnier e Turner (2002). A codificação seletiva, dessa forma, permitirá consolidar os achados que explicam os mecanismos subjacentes à construção do efeito humorístico nesses memes.

5. Análise

A análise a seguir consiste no exame dos memes do tipo “leia em inglês”, com foco na forma como a tradução fonética das expressões em português aciona diferentes espaços mentais e possibilita a emergência de novos sentidos por meio da integração conceptual conforme prevista por Fauconnier e Turner (2002). Considerando que esses memes operam na interseção entre linguagem e cognição, a investigação busca compreender os mecanismos subjacentes à construção do efeito humorístico, identificando os processos de integração que permitem a reinterpretação das expressões dentro de *frames* integrados com base em sua tradução.

Para isso, serão observadas as estruturas linguísticas e visuais dos memes, com ênfase na maneira como a sobreposição de espaços mentais distintos contribui para a construção do humor, indo além disso. A análise explorará a interação entre os domínios conceptuais ativados, a coerência emergente no espaço-mescla e os fatores que favorecem a ressignificação das expressões originais. Dessa forma, espera-se demonstrar que esses memes não apenas exemplificam fenômenos de polissemia e ambiguidade fonética, mas também refletem operações cognitivas complexas, nas quais a integração conceptual desempenha um papel central na mediação entre diferentes sistemas linguísticos e culturais.

¹⁴ Comumente traduzida como “teoria baseada em dados”, esse tipo de metodologia desenvolvida por Strauss e Glasser (2006) não parte de hipóteses, mas vai montando uma conclusão a partir dos dados e impressões do pesquisador, qualitativamente, que é o caso de nosso estudo.

Quando a tradução brinca com a mente: integração conceptual e efeitos humorísticos dos memes "leia em inglês"

A situação analítica número 1 é a da figura 3, "MINHA SOMBRA". Neste exemplo, o processo de formação de sentido segue uma linha direta: 1) seguir um comando a partir de uma sentença com força ilocucionária imperativa (o comando "leia em inglês"); 2) tradução palavra-por-palavra dos sintagmas em língua portuguesa e; 3) avaliação da imagética do meme. A formação de sentido, o efeito que culmina no *punchline* e no riso, é atingido pela integração de todos esses elementos no espaço-mescla.

Figura 3: "MINHA SOMBRA"



Fonte: instagram.com

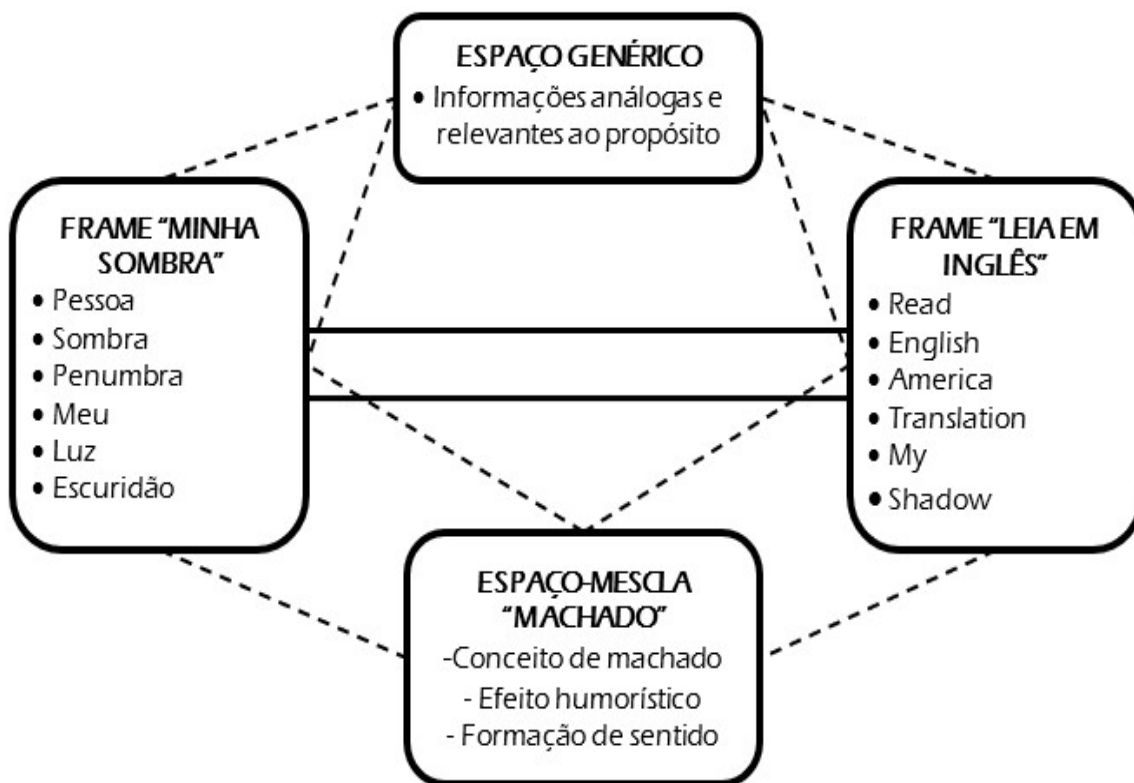
Em um espaço mental, temos o *frame* 1 MINHA SOMBRA, e no outro espaço mental temos o *frame* 2 LEIA EM INGLÊS. No primeiro espaço mental arrolam-se conceitos como pessoa, sombra, penumbra, luz, escuridão etc. No outro espaço mental, teríamos conceitos relacionados a palavras e quaisquer informações orientadoras concernentes ao *frame* interacional LEIA EM INGLÊS tais como *read, english, United States, american, language, translation, my, shadow, shade, mine, yours* etc.

No alto do processo de integração conceptual essas informações, ou relações vitais, entre os espaços mentais são processadas, mapeadas e avaliadas para o propósito em questão no espaço genérico criado com o único intuito de formar sentido. No fim do processo a informação passa a ser projetada no espaço-mescla dando fim à dinâmica da integração conceptual. É no espaço-mescla que a formação de sentido ocorre, dando vação ao efeito humorístico e onde a piada faz sentido. É onde *my shadow* se transforma em "machado".

Em síntese, a construção de sentido no meme "minha sombra" só se tornou viável por meio da integração conceptual advinda do processo de tradução mesclada entre o português e o inglês. Ao articular esses dois sistemas linguísticos distintos, o meme propiciou a emergência de um espaço-mescla onde elementos de ambos os idiomas se entrelaçam, resultando em uma criação semântica inédita e inovadora. Esse processo de mesclagem, inclusive semiótica, gerou uma significação que não poderia ser antecipada em nenhum dos espaços mentais preexistentes de cada língua envolvida. Portanto, o efeito humorístico e o *punchline* emergem da interação dessas estruturas discursivas, demonstrando como a tradução, enquanto mecanismo de transposição e adaptação, propicia uma reconfiguração

semântica que ultrapassa as fronteiras dos signos originais, gerando uma nova construção de sentido no espaço de interseção entre os dois idiomas.

Figura 4: Rede de Integração Conceptual “MY SHADOW”



Fonte: Elaboração do autor

O segundo exemplo de análise é o meme “ESCOLA SER FAZER SER FAZER” (figura 5). Em um espaço mental, temos o *frame* 1 SCOOBY-DOO, e no outro, o *frame* interacional 2 LEIA EM INGLÊS. No primeiro espaço mental, conceitos como personagem, cão, mistério, coragem, amigos, caçadores de fantasmas, animação, comédia e aventura são evocados. No segundo espaço mental, são ativados conceitos relacionados à língua inglesa e ao comando de tradução, como *read*, *english*, *United States*, *cartoon*, *translation*, *mystery*, *dog*, *Scooby* etc.

No transcurso da operação cognitiva, os dados essenciais e as conexões primordiais entre os distintos espaços mentais são sistematicamente manipulados, traçados e examinados com o propósito de edificar um espaço genérico concebido especificamente para possibilitar a formação da mescla inerente ao meme. Tal dinâmica culmina na constituição do espaço de mescla, âmbito no qual a integração conceptual se concretiza, engendrando uma nova configuração de sentido, cuja emergência é responsável por deflagrar o efeito cômico. É nesse espaço que a construção do sentido parece se dar, resultando na piada e no impacto cômico, permitindo que o conceito de “Scooby-Doo” se transfigure de forma inesperada, gerando o humor por meio dessa combinação semântica e cultural dos dois sistemas linguísticos.

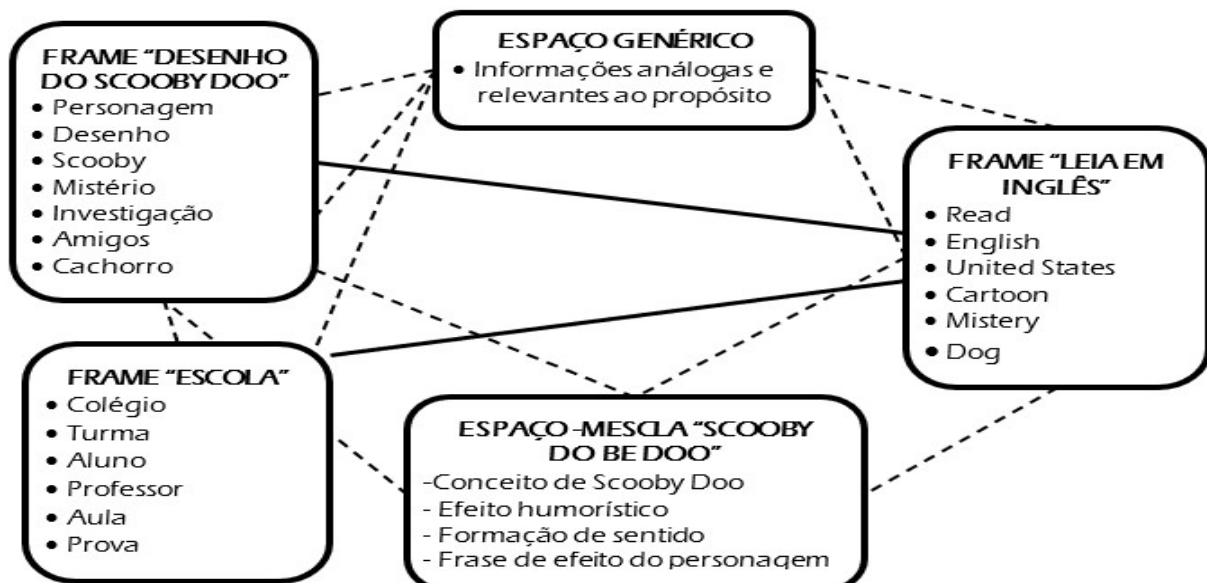
Figura 5: "Escola Ser Fazer Ser Fazer"



Fonte: instagram.com

Dessa forma, a emergência do efeito humorístico no meme analisado é resultado direto da integração conceptual promovida pelo mecanismo de tradução entre os sistemas linguísticos do inglês e do português como previamente mencionado. A construção do espaço-mescla não se limita a uma simples justaposição de elementos dos espaços mentais de entrada; pelo contrário, ela instaura uma nova estrutura cognitiva que não estava previamente delineada nos *frames* de origem. A articulação semântica entre os conceitos evocados (como o comando de leitura em inglês e o universo ficcional de *Scooby-Doo*) viabiliza um processo de compressão analógica, tal como previsto por Fauconnier e Turner, no qual as correspondências entre os *inputs* são amalgamadas para gerar um significado inovador. Esse fenômeno ilustra, com certa margem de precisão, o princípio segundo o qual a integração conceptual transcende a soma de suas partes constituintes, culminando na emergência de um constructo inédito, cuja inteligibilidade decorre da síntese heurística entre estruturas culturais e linguísticas heterogêneas.

Figura 6: Rede de Integração Conceptual "SCHOOL BE DO BE DO"



Fonte: Elaboração do autor

O terceiro e último exemplo de análise do *corpus* é o meme “COMO COMO” ilustrado pela figura 7. Sua investigação nos mostra como o efeito integrativo orienta a construção de sentido para o que é significativo no processo comunicativo. Do mesmo modo, evidencia que quando o sistema de integração conceptual não encontra subsídios suficientes para o entendimento mútuo, o sistema se adapta e se reconstrói. (Silva; Soares, 2022).

Figura 7: “Como Como”



Fonte: instagram.com

Ao montarmos o quadro esquemático da integração conceptual ocorrida nessa situação, chegamos ao seguinte quadro. De uma frente, temos um espaço mental com o *frame* interacional LEIA EM INGLÊS, com informações inerentes ao aspecto interacional da piada como *Read/Translate, English, United States, Dog, Bark, Eat*. Entretanto, do outro lado do sistema, temos dois espaços mentais em constante compressão e descompressão de relações vitais que são os espaços mentais dos *frames* CÃES e COMER. Tais *frames* são contrastantes e não convergem inicialmente no sistema de integração conceptual.

Quando o sistema recorre aos espaços mentais CÃES e COMER, o fluxo da mescla está à procura da construção de sentido. Primeiramente, ao recorrer ao *frame* CÃES, o interlocutor do meme aciona conceitos como Cachorro, Animal, Latir, Raça, Focinho, Coleira, Osso etc. Desse ponto, o sistema começa a crescer e agora recorre ao espaço mental do *frame* COMER, recrutando conceitos como Comida, Mastigar, Sabor, Refeição, Ração (de cães), Talher etc. Desse ponto, a junção inventiva promovida pelo sistema parece não emergir sentido pois, com efeito, esses três *frames* ainda não acionam o efeito humorístico previsto pelo *frame* interacional do meme do tipo “leia em inglês”. De fato, não faz sentido olhar para o meme e traduzir “Como Como” como “eat eat”. É nesse momento que ocorre a recorrência a outro espaço mental interacional de tradução, o espaço evocado *ad hoc* com o *frame* LINGUA INGLESA. É exatamente o que Coulson (2001) adverte sobre a mudança de perspectiva de formação de sentido ocorrida na mudança de *frame*:

Quando a tradução brinca com a mente: integração conceptual e efeitos humorísticos dos memes "leia em inglês"

A contribuição do significado de uma dada palavra depende do contexto em que ela aparece. Além disso, o significado do nível da mensagem é influenciado pelas palavras particulares que ocorrem na frase. A reanálise lexical pode desencadear uma reanálise pragmática que resulta em alteração substancial na representação do nível da mensagem. Da mesma forma, a escolha de um novo *frame* pode mudar a forma como interpretamos os significados de palavras encontradas anteriormente. (Coulson, 2001, p. 69, tradução nossa¹⁵).

Quando o sistema evoca o *frame* relativo ao léxico e ao vocabulário da língua inglesa para dar conta do que “*eat eat*” não foi capaz, o interlocutor do meme busca outros sintagmas que possam dar cabimento ao efeito humorístico do meme. Vemos então que “é evidente que quanto mais rico o contexto linguístico opera, menor sua perda informativa (Jakobson, 1959, p. 116, tradução nossa)¹⁶”. Alternativamente, a pessoa traduz agora “Como Como” com o pronome interrogativo *How*, na intenção do meme construir sentido. Finalmente, quando o interlocutor consegue traduzir “Como Como” em função de *How How*, ele aproxima essa expressão foneticamente ao latido dos cães. Então, recorrendo à imagem do cão latindo, finalmente o sistema de integração conceptual se estabiliza e ocorre a construção de sentido. Essa aparente digressão dada pela tradução é o que evidencia que construímos mais sentido diante da experiência do que de estruturas meramente gramaticais:

Em sua função cognitiva, a linguagem é minimamente dependente do padrão gramatical porque a definição de nossa experiência está em relação complementar às operações metalinguísticas — o nível cognitivo da linguagem não apenas admite, mas requer diretamente a interpretação recuada, ou seja, a tradução. (Jakobson, 1959, p. 116-117, tradução nossa)¹⁷.

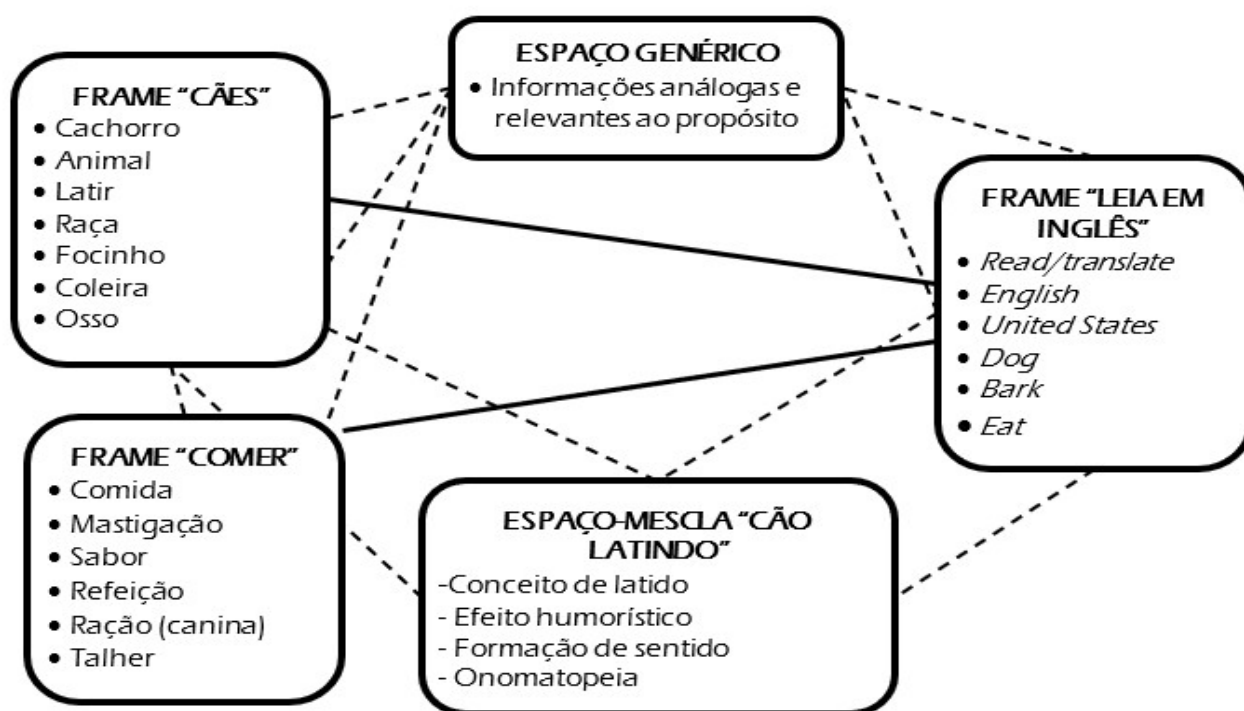
Tal situação acaba por evidenciar que o sistema de integração conceptual é dinâmico, adaptativo e se reconstrói numa fração de segundos para a obtenção de sentido. O sistema de integração conceptual é, por natureza, recursivo e se constrói dinamicamente até que haja entendimento entre os interlocutores. É importante frisar que o processo de integração conceptual, embora aparentemente programático, não é. Ele ocorre, como mencionado, numa instância mínima de tempo, fazendo compressões e descompressões de relações vitais e processando informações para a emergência do comportamento linguístico.

¹⁵ *The contribution of an appropriate word meaning depends upon the context in which it appears. Moreover, the message-level meaning is influenced by the particular words that occur in the sentence. Lexical reanalysis can trigger pragmatic reanalysis that results in substantial alteration to the message-level representation. Similarly, the choice of a new frame may change how we interpret the meanings of previously encountered words. (Coulson, 2001, p. 60).*

¹⁶ *evidently the richer the context of a message, the smaller the loss of information.*

¹⁷ *In its cognitive function, language is minimally dependent on the grammatical pattern because the definition of our experience stands in complementary relation to metalinguistic operations—the cognitive level of language not only admits but directly requires receding interpretation, i.e., translation.*

Figura 8: “HOW HOW”



Fonte: Elaboração do autor

Outras situações tais como as ilustradas na figura 9 também evidenciam o mesmo processo nos demais memes. O sistema funcionaria de forma semelhante às três situações analisadas neste estudo. *See You Man Too* integra “Ciumento”, *Maybe God* integra “Mei (ou meio) Bigode”, *She Cool Been Too* integra “Chico Bento” e *Free is Bee* integra “Frisbie”.

Figura 9: Outras situações



Fonte: instagram.com

Conclusões

Como o presente artigo propomos estudar os memes do tipo "leia em inglês" na tentativa de compreender epistemologicamente como construímos sentido através da piada que esse tipo de gênero textual de hipertexto propõe. Usamos, para isso, a teoria da Integração Conceptual (Fauconnier; Turner 2002) e conceitos operacionais relacionados como Espaços Mentais (Fauconnier, 1985) e as noções de *Frame* (Fillmore, 1976, 1982) e sua dimensão interacional (Duque, 2015, 2017).

Após apresentação das ferramentas analíticas e análise, verificou-se que o processo de tradução humorística nesses enunciados depende fundamentalmente da integração conceptual, a qual se manifesta na ativação e combinação de múltiplos espaços mentais. Quando o leitor se depara com um desses memes, sua interpretação é guiada até uma expectativa de riso, uma vez que o próprio formato e a recorrência desse tipo de construção no ambiente digital estabelecem um *frame* interacional específico: o de que se trata de uma piada específica, com contexto específico. Esse *frame* orienta o processamento cognitivo do leitor, direcionando-o a buscar uma relação humorística entre a pronúncia da expressão traduzida e a imagem associada, que o ajuda na formação de sentido.

O fenômeno humorístico, portanto, não se reduz a uma simples sobreposição fonética entre línguas distintas, mas emerge da integração conceptual entre os *frames* ativados, que se tocam recursivamente. A pronúncia da tradução, ao evocar sentidos oriundos de diferentes espaços mentais, permite que o leitor realize a integração conceptual de elementos semânticos que, em um contexto outro, não estariam diretamente relacionados. O *frame* interacional, por sua vez, funciona como o principal norteador desse processo, pois estabelece a expectativa de que a experiência interpretativa levará a um efeito humorístico. Dessa forma, a existência dos memes "leia em inglês" como um gênero digital de humor só é possível porque o mecanismo da integração conceptual possibilita a reconfiguração do significado e a ressignificação das expressões linguísticas dentro de novas molduras cognitivas.

Ao ativar e manipular múltiplos espaços mentais simultaneamente, os falantes demonstram uma capacidade sofisticada de explorar e reinterpretar as propriedades formais da comunicação para produzir efeitos humorísticos inovadores indo fundo no oceano do discurso, muito além da ponta do *iceberg* da linguagem visível.

Referências

ASMOLOVSKAYA, Yuliya. *Conceptual Blending in Jokes*. Germany: Grin Verlag, 2010.

CASELL, Catherine; GILLIAN, Symon. *Qualitative Methods in Organizational Research: A Practical Guide*. London: Sage, 1994.

COULSON, Seana. *Semantic Leaps: Frame-shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

- COULSON, Seana; OAKLEY, Todd. Blending and coded meaning: Literal and figurative meaning in cognitive semantics. *Journal of pragmatics*. Elsevier, v. 37, n. 10, pp. 1510-1536, 2005.
- DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. *Revista da ANPOLL*. Florianópolis, v. 1, n. 39, pp. 25-48, 2015.
- DUQUE, Paulo Henrique. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, pp. 21-45. 2017.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: MIT Press, 1985.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Blending As a Central Process of Grammar. In: *Conceptual Structure, Discourse, and Language* / Edited by Adele E. Goldberg, 1996.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Polysemy and Conceptual Blending. In: (May 15, 2003). *Polysemy: flexible patterns of meaning in mind and language*, Brigitte Nerlich, Vimala Herman, Zazie Todd, & David Clarke, eds., pp. 79-94, Berlin & New York, 2003.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics and the nature of language. In: HARNARD, Steven R.; STEKLIS, Horst D.; LANCASTER, Jane. (eds.) *Origins and evolution of language and speech*. New York: New York Academy of Sciences, 1976.
- FILLMORE, Charles Frame Semantics. In: *Linguistics in the morning calm: the linguistic society of korea* (Ed.). Seoul, Hanshin, 1982.
- FISHER, Kimberly. Locating Frames in the Discursive Universe. *Sociological Research Online*. [s.l.], v. 2, n. 3, pp. 1-24. 1997.
- GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter, 2006.
- GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row, 1974.
- JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: Brower R. (ed.), *On Translation* (pp. 232-239). Harvard University Press, 1959.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George. *Don't Think of an Elephant!: Know Your Values and Frame the Debate: the Essential Guide for Progressives*. White River Junction: Chelsea Green Pub. Co., 2004.
- MINSKY, Marvin. *A Framework for Representing Knowledge*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology A.I. Laboratory, 1974.
- MONTAGUE, Richard. English as a Formal Language. In: THOMASON, Richmond H. (ed.). *Formal Philosophy: Selected Papers of Richard Montague*. New Haven: Yale University Press, 1974. pp. 188-221.

Quando a tradução brinca com a mente: integração conceptual e efeitos humorísticos dos memes "leia em inglês"

MOSS, Helen; HAMPTON, James *Conceptual Representation: Language and Cognitive Processes*. Psychology Press, 2003.

OAKLEY, Todd. Mapping the museum space: Verbal and nonverbal semiosis in a public art museum. *Almen Semiotik*. Dinamarca, n. 16. pp. 80-129, 2002.

RUMELHART, David E. Notes on a Schema for Stories. In: *Representation and Understanding: Studies in Cognitive Science*. Eds by D. G. Bobrow e A. Collins. New York: Academic Press, 1975.

SILVA, Eduardo Alves da; SOARES, Braulio Batista. Integração conceptual como um sistema adaptativo complexo: uma dinâmica caótica e determinística. *ReVEL*, v. 20, n. 38, 2022. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/2144e62cc0e209c7953d7eb6630ea0a6.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SILVA, Leonardo Medeiros da. *Entre socialistas de iPhone e capitalistas sem capital: análise da construção de sentidos em memes baseada em frames*. 2020. 90 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SOARES, Elyssa; FERRARI, Lilian. Mesclagem conceptual em piadas curtas. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, pp. 147-160, jan.-jun., 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical Investigations*. Trans. G.E.M. Anscombe. Oxford: Blackwell, 1953.

A CONEXÃO ENTRE LINGUAGEM E COGNIÇÃO: A INTERAÇÃO DO SIGNIFICADO E DAS FUNÇÕES CATEGÓRICAS NA LINGÜÍSTICA COGNITIVA

*THE CONNECTION BETWEEN LANGUAGE AND COGNITION: THE INTERACTION OF MEANING AND
CATEGORICAL FUNCTIONS IN COGNITIVE LINGUISTICS*

Bruno Alexandre Scapolan¹

Letícia de Sousa Leite²

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo a Linguística Cognitiva (LC) e sua interação com outras capacidades cognitivas humanas. O objetivo central é entender como a língua, como parte integrante do sistema cognitivo humano, interage com outras capacidades cognitivas e como transferimos nossas sensações, imagens, pensamentos e desejos para formas linguísticas que permitem a expressão e a comunicação mútua. A metodologia empregada se baseia em uma revisão sistemática e rigorosa da literatura, com levantamento de fontes relevantes em plataformas acadêmicas. Os resultados apontam para a importância do significado na estrutura gramatical e na função categorial da linguagem, criticando a abordagem sintática dominante e explorando como a linguagem reflete e influencia o mundo conceitual humano. Além disso, o estudo investiga os princípios estruturais e funcionais da linguagem, estudando características estruturais da categorização da linguagem natural, como prototipicalidade e metáfora, e examinando os princípios funcionais de organização linguística, como iconicidade e naturalidade, além da interface conceitual entre sintaxe e semântica.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Significado. Funções categóricas.

ABSTRACT

This article focuses on Cognitive Linguistics (CL) and its interaction with other human cognitive capacities. The central objective is to understand how language, as an integral part of the human cognitive system, interacts with other cognitive abilities and how we transfer our sensations, images, thoughts, and desires into linguistic forms that enable expression and mutual communication. The methodology employed is based on a systematic and rigorous literature review, including a survey of relevant sources from academic platforms. The findings highlight the importance of meaning in the grammatical structure and the categorical function of language, criticizing the dominant syntactic approach and exploring how language reflects and influences the human conceptual world. Furthermore, the study investigates the structural and functional principles of language by analyzing structural features of natural language categorization, such as prototypicality and metaphor, and examining functional principles of linguistic organization, such as iconicity and naturalness, as well as the conceptual interface between syntax and semantics.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics. Meaning. Categorical functions.

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutorando em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU), scapolan@ufu.br, <https://orcid.org/0009-0001-9299-0077>.

² Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora em Estudos Linguísticos pelo (PPGEL/UFU), leticia.leite@ufu.br, <https://orcid.org/0000-0002-6335-0118>.

1. Introdução

A Linguística Cognitiva (LC) emergiu como um campo de estudo inovador e promissor, buscando compreender a linguagem humana como um fenômeno cognitivo interativo e integrado ao sistema cognitivo total (Langacker, 1987). Diferentemente da abordagem sintática dominante, liderada por Noam Chomsky (1986) e a Linguística Generativa (LG), a LC dá ênfase ao significado e às funções categóricas da linguagem, investigando como ela interage com outras capacidades cognitivas humanas (Taylor, 2003).

A pesquisa em LC surge para preencher uma lacuna existente na compreensão da linguagem, uma vez que a abordagem sintática negligenciava o papel do significado, da percepção e da experiência na estrutura gramatical e na função categorial da linguagem (Croft; Cruse, 2004). Nesse contexto, torna-se fundamental explorar como a linguagem reflete o mundo conceitual dos seres humanos e como ela é influenciada por e influi outras atividades cognitivas.

Assim se dá a proposta deste artigo com o objetivo central de entender como a língua, como parte integrante do sistema cognitivo humano, interage com outras capacidades cognitivas e como transferimos nossas sensações, imagens, pensamentos e desejos para formas linguísticas que permitem a expressão e a comunicação mútua. Para alcançar esse objetivo, buscou-se: 1) explorar a interação entre linguagem e cognição, investigando a maneira pela qual a língua se relaciona com outras capacidades cognitivas humanas, como percepção, construção de categorias, formação de conceitos, abstração, emoções e raciocínio; 2) dar ênfase ao significado, destacando a importância do mesmo na estrutura gramatical e na função categorial da linguagem, criticando a abordagem sintática dominante e explorando como a linguagem reflete e influencia o mundo conceitual humano; 3) investigar os princípios estruturais e funcionais da linguagem, estudando características estruturais da categorização da linguagem natural, como prototipicalidade e metáfora, e examinar os princípios funcionais de organização linguística, como iconicidade e naturalidade, além da interface conceitual entre sintaxe e semântica.

A metodologia empregada neste estudo baseia-se em uma revisão sistemática e rigorosa da literatura, com levantamento de fontes relevantes em plataformas como SciELO, Google Acadêmico e na biblioteca virtual da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Foram selecionadas fontes primárias e secundárias, incluindo artigos científicos, dissertações e teses que exploram os conceitos fundamentais da LC. As informações coletadas foram fichadas, categorizadas e submetidas a uma análise crítica para identificar os pontos essenciais relacionados ao tema.

Espera-se que este estudo contribua significativamente para o campo da LC, oferecendo uma compreensão mais holística da linguagem e elucidando como os processos cognitivos moldam a linguagem e, reciprocamente, como a linguagem influencia a cognição. Além disso, pretende-se complementar o aprofundamento teórico importante e proporcionar novas perspectivas sobre a interdependência entre linguagem e cognição, contribuindo para avanços futuros na pesquisa linguística e cognitiva.

2. Processo metodológico

O presente artigo foi elaborado seguindo um processo metodológico sistemático, baseado em estudos de autores no campo da pesquisa científica, como Sousa *et al.* (2021). Quanto ao quadro teórico-metodológico, o estudo é circunscrito na revisão bibliográfica da temática de estudo, quais sejam, os textos referentes à conexão entre linguagem e cognição: a interação do significado e das funções categóricas na Linguística Cognitiva. Dessa forma, para o referido estudo, os critérios de inclusão e temático da revisão consideraram o aporte teórico que trata sobre a questão discutida.

Em função dos aspectos mencionados, inicialmente, realizou-se um levantamento de fontes relevantes utilizando recursos confiáveis, tais como SciELO, Google Acadêmico e a biblioteca virtual da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Após a coleta, procedeu-se à seleção de fontes primárias e secundárias, priorizando artigos científicos, dissertações e teses que abordassem os conceitos fundamentais da LC de autores como: Amorini e Leroze (2012); Arduini e Fabbri (2008); Croft e Cruse (1993; 2004); Fauconnier (1985, 1997, 2007); Fillmore (1975, 1977, 1978, 1985); Givón (1984, 1989, 1995); Lakoff e Johnson (1980, 1998, 1999); Langacker (1987, 1988, 1990, 1999, 2008); Talmy (1983, 1988a, 1988b, 2000a, 2000b) entre outros.

As fontes selecionadas foram submetidas a um processo de fichamento, no qual as informações mais relevantes foram registradas e categorizadas de acordo com a proposta do artigo. Seguiu-se uma análise crítica das informações fichadas, visando identificar os pontos mais importantes e pertinentes ao tema da pesquisa. Esta etapa envolveu a comparação de diferentes perspectivas e a síntese dos conceitos mais relevantes, com base nas contribuições de autores como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier.

Após a análise das informações, procedeu-se à estruturação dos tópicos que compõem o artigo, organizando-os de maneira lógica e coerente. Cada tópico foi desenvolvido de forma detalhada, incorporando as informações mais relevantes e evidenciando a inter-relação entre os diferentes aspectos da abordagem cognitiva da linguagem. Na fase de redação, as informações analisadas e estruturadas foram integradas, escrevendo o artigo de forma clara e objetiva, seguindo as normas acadêmicas e garantindo a coesão e a coerência do texto. Foram citados os autores de acordo com as normas de referência bibliográfica.

Por fim, o artigo passou por um processo de revisão para corrigir eventuais erros e aprimorar a clareza e a fluidez do texto. A revisão final garantiu que o artigo estivesse completo, bem estruturado e em conformidade com os objetivos propostos. Este processo metodológico detalhado assegurou que o artigo fosse desenvolvido com rigor científico e que oferecesse uma contribuição para o campo da LC, proporcionando uma compreensão aprofundada sobre os princípios e fundamentos que caracterizam a abordagem cognitiva da linguagem.

3. Desenvolvimento

3.1. Linguagem como faculdade mental não autônoma

A Linguística Cognitiva (LC), conforme defendido por linguistas como Langacker (1999) e Lakoff e Johnson (1999), propõe que a linguagem não é uma faculdade mental autônoma, desconectada das demais habilidades cognitivas. Ao contrário das abordagens estruturalistas e gerativistas, que tratam a linguagem como um sistema isolado ou uma habilidade mental separada, a LC argumenta que a linguagem está profundamente interconectada com as outras capacidades cognitivas e com o funcionamento geral da mente humana. Essa perspectiva considera a mente como “*embodied*”, ou seja, enraizada no corpo e moldada pelas experiências corporais e pela interação com o ambiente.

A LC também rejeita a distinção entre conhecimento semântico e enciclopédico, sustentada pela linguística moderna, defendendo que a significação linguística está intrinsecamente ligada ao nosso conhecimento do mundo e às nossas experiências sensoriais e motoras. Além disso, a LC desafia a ideia de uma sintaxe formal e autônoma, propondo que os fenômenos linguísticos formais são permeados por fatores semânticos e funcionais. Essa visão integrada encontra ressonância em outras teorias linguísticas orientadas pragmaticamente, como a linguística funcional e tipológica desenvolvida por Givón (1979, 1984, 1989, 1995).

Portanto, a LC, representada por autores como Langacker, Lakoff, Johnson e Givón, nos convida a repensar a natureza da linguagem, questionando a ideia de que ela seria uma faculdade mental autônoma e independente. Essa abordagem enfatiza a interconexão entre linguagem, cognição e experiência corporal, enriquecendo nossa compreensão da linguagem e abrindo novas perspectivas para o estudo da mente humana em sua totalidade.

3.2. Signos, conceitos e categorias

A semiótica de Peirce e a linguística cognitiva oferecem uma compreensão abrangente de como a linguagem e a mente humana interagem para representar e organizar a realidade. De acordo com Peirce (1990), os signos podem ser classificados em ícones, índices e símbolos, cada um com uma relação específica com o objeto que representam. A linguagem utiliza todos esses tipos de signos, com os símbolos permitindo a comunicação de conceitos complexos e distantes no tempo e no espaço (Dirven; Verspoor, 1999).

As categorias conceituais, conjuntos de conceitos que organizam nossa percepção do mundo, são fundamentais para a compreensão da linguagem. Diferente da visão tradicional, Eleanor Rosch (1973a, 1973b, 1975, 1978) mostra que a mente humana organiza essas categorias de maneira prototípica, com alguns membros sendo mais representativos dentro de uma categoria. As categorias linguísticas refletem essas categorias conceituais e são moldadas pela nossa experiência e interação com o mundo (Gaeta; Luraghi, 2003).

Os signos na semiótica de Peirce (1990) e a conceitualização e categorização na linguística cognitiva demonstram que a linguagem e a mente humana interagem profundamente para representar

e organizar a realidade. Os signos não são elementos estáticos, mas estão enraizados nas nossas capacidades cognitivas e na forma como experienciamos e categorizamos o mundo ao nosso redor, ressaltando a flexibilidade e a subjetividade inerentes a esse processo.

3.3. Teoria dos espaços mentais

Desenvolvida por Fauconnier (1985, 1997), é uma abordagem que busca compreender a construção dinâmica de modelos cognitivos durante o discurso. Essa teoria propõe que criamos estruturas mentais temporárias, chamadas de espaços mentais, que nos auxiliam na compreensão e manipulação das informações. Esses espaços permitem que as pessoas criem representações mentais de diferentes aspectos de uma situação, possibilitando múltiplas linhas de raciocínio simultaneamente.

Para entender melhor os espaços mentais, é necessário conhecer o conceito de “*frame*”, introduzido por Fillmore (1975, 1977, 1978, 1985). Um frame é uma estrutura de conhecimento que relaciona elementos e entidades em torno de uma cena específica, refletindo diferentes perspectivas sobre uma situação. Além dos frames, a teoria dos espaços mentais incorpora conceitos de esquemas imagéticos e projeções metafóricas e metonímicas, conforme discutido por Lakoff (1987) e Johnson (1987).

Lakoff (1987) introduziu os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), que são conjuntos complexos de frames organizados por estruturas proposicionais, esquemas imagéticos e projeções metafóricas/metonímicas. Esses modelos idealizados representam simplificações da realidade, estruturadas conforme convenções culturais e experiências humanas. A teoria dos espaços mentais e dos MCIs destaca a natureza flexível e contextualmente dependente do significado linguístico (Ferrari, 2011).

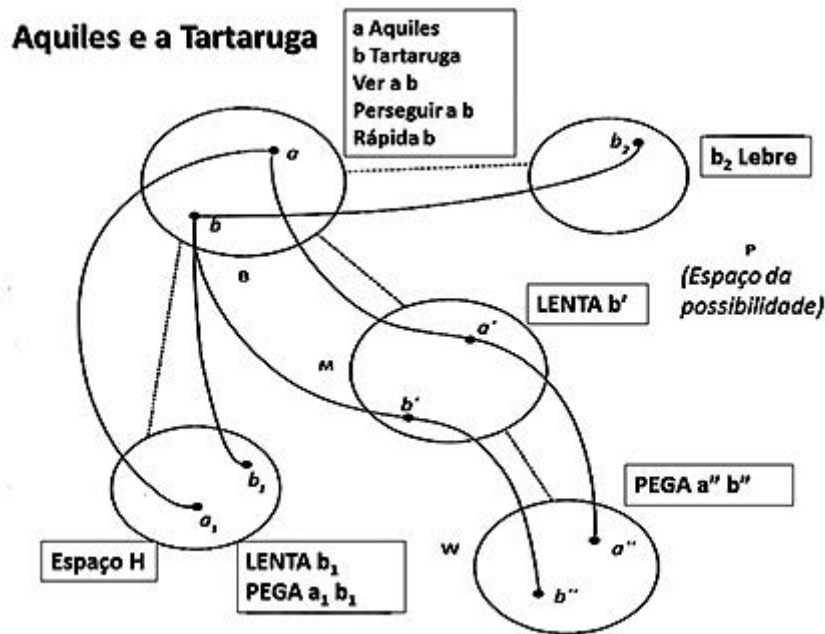
Fauconnier (1997) argumenta que os espaços mentais são interligados e dinamicamente atualizados durante a comunicação, permitindo que as pessoas naveguem por múltiplos contextos e inferências. Os espaços mentais também possuem uma dimensão social e cultural, explorada por linguistas antropólogos e sociolinguistas como Holland e Quinn (1987) e D’Andrade (1989). Esses estudiosos enfatizam os modelos culturais, moldados por práticas sociais e culturais compartilhadas, influenciando a forma como as pessoas constroem e interpretam seus modelos cognitivos.

Em sua obra posterior, Fauconnier (1997, p. 48) exemplifica a aplicação da teoria dos espaços mentais com narrativas complexas, como a perseguição de Aquiles à tartaruga: “Aquiles vê uma tartaruga. Ele a persegue. Ele acha que a tartaruga é lenta e que pode pegá-la. Mas ela é rápida. Se a tartaruga fosse lenta, Aquiles a pegaria. Talvez a tartaruga seja, na verdade, uma lebre. (Fauconnier 1997, p. 48, tradução nossa³).

Vejamos o quadro ilustrativo dessa exemplificação:

³ *Achilles sees a tortoise. He chases it. He thinks that the tortoise is slow and that he will catch it. But it is fast. If the tortoise had been slow, Achilles would have caught it. Maybe the tortoise is really a hare.*

Figura 1: Conceptualização de Aquiles e a Tartaruga



Fonte: Fauconnier (2007, p. 356).

Fonte: Fauconnier (2007, p. 356)

Na figura é possível perceber que diferentes espaços mentais são criados e atualizados com base nas suposições e possibilidades mencionadas no discurso: o espaço “H” foi criado hipoteticamente pelo fato de que a tartaruga era lenta e que Aquiles a alcançaria, enquanto o espaço da possibilidade “P” foi criado posteriormente, no qual Aquiles não consegue alcançar a tartaruga, que talvez seja uma lebre (possibilidade) por causa da sua velocidade. Além disso, a teoria deu origem ao conceito de “*blending*” ou “ *fusão*”, que é a combinação de dois espaços mentais resultando em um terceiro espaço mental, o “*blend*”, que é elaborado dinamicamente (Fauconnier, 1999). A Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier oferece uma visão dinâmica e interativa da formação e uso dos modelos cognitivos no discurso, integrando conceitos de frames, esquemas imagéticos e projeções metafóricas/metonímicas.

3.4. A importância das metáforas e metonímias na linguística cognitiva

A LC revolucionou o estudo das metáforas e metonímias, reconhecendo-as como elementos centrais na comunicação cotidiana e no pensamento humano. Ferrari (2011) destaca suas contribuições significativas para as Ciências Cognitivas, a Psicologia Cognitiva e a Antropologia.

As metáforas deixaram de ser vistas apenas como adornos retóricos, passando a ser entendidas como mecanismos fundamentais de estruturação do pensamento e da linguagem. Lakoff e Johnson (1980) afirmam que “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica” (1980, p. 3, tradução nossa⁴), permitindo compreender conceitos abstratos com base em experiências concretas. Por exemplo, sentimentos como afeto podem ser

⁴ *Our ordinary conceptual system, in terms of which we think and act, is basically metaphorical in nature.*

descritos por metáforas de temperatura (“pessoa fria”, “recebida calorosamente”) ou de proximidade (“me sinto próximo do meu irmão”, “jeito distante”). Discussões também podem ser percebidas como edificações (“seu argumento desmoronou”) ou jornadas (“aonde você quer chegar?”).

Uma metáfora recorrente é a associação do tempo ao espaço ou movimento, como perceber o tempo como um lugar para onde nos dirigimos ou algo que se move em direção a nós. Também é comum a metáfora “tempo é dinheiro”. Tais expressões ilustram como conceitos abstratos são compreendidos com base domínios concretos da experiência (Ferrari, 2011).

Lakoff (1993) descreve sistemas metafóricos complexos, como em “a vida é uma viagem”, em que várias metáforas se combinam: estados são locais, mudanças são movimentos etc. A personificação também é uma metáfora relevante, na qual se atribuem qualidades humanas a conceitos abstratos, como a morte sendo representada como condutor, ceifador ou destruidor.

A metonímia, por sua vez, é um processo cognitivo em que uma entidade é referida por meio de outra com a qual mantém relação de contiguidade. Croft (1993) diferencia metáfora e metonímia ao afirmar que a metáfora conecta domínios distintos, enquanto a metonímia atua dentro de um único domínio. Ambas frequentemente interagem, especialmente no campo das emoções, moldando de forma profunda e sistemática tanto a linguagem quanto a cognição.

3.5. Operações de construção na linguagem

São fundamentais para representar e descrever situações e referências, permitindo diferentes modos de expressão para uma mesma cena e enfatizando o tópico do discurso segundo determinado ponto de vista (Langacker, 1987, 1990, 1991; Talmy, 1983, 1988b). Essas operações ligam-se a processos cognitivos como perspectiva, seleção e atenção, facilitando variadas conceitualizações da experiência, de acordo com variáveis perceptivas e cognitivas (Arduini; Fabbri, 2008).

A gramática das construções tem ganhado destaque como uma abordagem que entende que forma e significado são inseparáveis. Uma construção é a junção indissociável de ambos, sendo polissêmica e passível de extensão (Croft; Cruse, 2010). Essas teorias, com base no uso real da linguagem, rejeitam a separação rígida entre competência linguística e outras capacidades cognitivas humanas (Langacker, 1987).

Há diversas propostas para agrupar essas operações, como as de Talmy (1988a, 1988b) e Langacker (1987), que incluem aspectos como atenção, seleção, perspectiva, dêixis. Contudo, segundo Arduini e Fabbri (2008), faltam elementos como a noção de frame e a teoria da metáfora de Lakoff e Johnson (1998). Assim, destacam-se a seguir as principais operações de construção do significado:

- a) Atenção: envolve aspectos como o foco, seleção, alcance da atenção, ajuste de escala e atenção dinâmica. O foco atencional permite selecionar uma cena de forma ampla ou detalhada. A atenção, como habilidade psicológica, pode ser explicada a partir da percepção visual (Amorini; Leroose, 2012):
 - Seleção: focar no que é relevante e ignorar o que não é, podendo envolver metáforas e metonímias.

- Alcance: refere-se à extensão da cena percebida.
 - Ajuste de escala: muda a granularidade da cena conforme a perspectiva.
 - Atenção dinâmica: a atenção pode se mover por uma cena estática ou dinâmica, recriando o modo como é conceitualizada.
- b) Julgamento/comparação: Segundo Kant (1952, p. 18 *apud* Croft; Cruse, 2010), trata-se da habilidade de relacionar o particular ao universal. Amorini e Leroose (2012) destacam:
- Abstração: generalizar elementos por esquematização e hierarquias taxonômicas.
 - Categorização: identificar experiências atuais com base em experiências anteriores.
 - Metáfora: estabelece correspondência entre um domínio fonte e um domínio alvo.
 - Alinhamento figura-fundo: conforme Talmy (1983, 2000a, 2000b), a linguagem constrói relações posicionando uma “figura” proeminente contra um “fundo” mais estável. Essa operação é essencial para expressar relações espaciais (Gaeta; Luraghi, 2003).
- c) Perspectiva: refere-se à maneira como se visualiza e interpreta uma cena. Croft e Cruse (2004) destacam sua importância para descrições espaciais. Langacker (1987 *apud* Croft; Cruse, 2010) aponta dois aspectos:
- Ângulo visual: descreve posições com base no ponto de vista do falante, como “na frente” ou “atrás”.
 - Orientação: remete à verticalidade padrão (acima/abaixo), associada à postura ereta humana. Construções que rompem com essa orientação são raras (Amorini; Leroose, 2012).
- d) Dêixis: palavras cujo significado depende do contexto. Envolve pronomes, advérbios e locuções espaço-temporais. Marmaridou (2000) propõe um modelo que unifica dêixis pessoal e social em uma categoria socio pessoal. Estudos como os de Rubba (1996) e Marmaridou (2000) avançam nesse campo, embora o processo de extensão de significados dêiticos ainda demande aprofundamento. A compreensão das dêixis é essencial para a análise da linguagem e da comunicação humana.

4. Análises e discussões

O estudo da interação entre linguagem e cognição oferece uma perspectiva aprofundada e multifacetada sobre a natureza da linguagem humana e suas conexões com outros processos cognitivos. A partir dos achados apresentados neste estudo, podemos analisar e discutir diversos aspectos relevantes para a compreensão dessa interação complexa:

- a. Integração entre Linguagem e Cognição: A linguagem não é uma faculdade mental autônoma, mas está intrinsecamente ligada a outras capacidades cognitivas, como a percepção, a memória e a atenção. Os autores discutidos neste estudo, como Langacker (1987, 1988, 1990, 1999, 2008); Lakoff e Johnson (1980, 1998, 1999) e Fauconnier (1985, 1997, 2007), todos concordam que a linguagem reflete e molda nossa experiência humana, sendo inseparável de nossos processos cognitivos.

A Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1997), por exemplo, mostra como a linguagem permite a construção de modelos cognitivos dinâmicos durante a comunicação, evidenciando como a linguagem não apenas descreve, mas também constrói realidades mentais compartilhadas. Essa perspectiva destaca a importância da linguagem na mediação de nossa interação com o mundo e com os outros, revelando como a linguagem é fundamental para a construção de significados compartilhados.

- b. **Papel das Metáforas e Metonímias:** Lakoff e Johnson (1980) argumentam que as metáforas não são meramente figuras retóricas, mas estruturas fundamentais que moldam nosso pensamento. Essas estruturas permitem que conceitos abstratos sejam compreendidos através de experiências concretas, como quando usamos linguagem espacial para descrever o tempo. Essa perspectiva destaca a importância das metáforas na construção de significados e na estruturação de nossa compreensão do mundo.

Da mesma forma, as metonímias operam dentro de um domínio único, associando entidades próximas por laços de contiguidade. Essa associação permite que uma entidade seja usada para se referir a outra, como no exemplo da “Casa Branca” para se referir ao governo dos EUA. Essas estruturas linguísticas revelam como a linguagem reflete nossa experiência humana e nossa maneira de categorizar e compreender a realidade ao nosso redor.

- c. **Operações de Construção na Linguagem:** Essas operações permitem que estruturas linguísticas sejam flexivelmente adaptadas para expressar diferentes pontos de vista e intenções comunicativas. Langacker (1987, 1990, 1991) e Talmy (1983, 1988a, 1988b), por exemplo, exploram como essas operações refletem processos cognitivos profundos, como a seleção de informações relevantes e a adaptação da linguagem ao contexto situacional.

Essa perspectiva destaca a natureza flexível da linguagem humana e sua capacidade de se adaptar às necessidades comunicativas de diferentes situações. A linguagem não é um sistema rígido e estático, mas um meio dinâmico de construir e negociar significados dentro de contextos sociais e culturais específicos.

- d. **Coerência entre os Autores:** Apesar das diferenças em suas abordagens e ênfases, há uma coerência entre os autores discutidos neste estudo. Todos eles compartilham a visão de que a linguagem é intrínseca à cognição e da experiência humana. Langacker (1987), por exemplo, argumenta que a semântica e a sintaxe são inseparáveis, mostrando como os padrões gramaticais refletem construções mentais mais amplas. Lakoff e Johnson (1980) enfatizam o papel das metáforas na estruturação do pensamento humano, demonstrando como conceitos abstratos são compreendidos através de analogias com experiências físicas. Fauconnier (1997) desenvolve a teoria dos espaços mentais para explicar como construímos modelos mentais dinâmicos durante a comunicação, integrando múltiplas perspectivas em um processo contínuo de *blendagem*⁵ cognitiva.

⁵ O termo *blendagem cognitiva* refere-se à Teoria da Integração Conceptual (Conceptual Blending Theory), desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002), que descreve o processo mental de combinação de elementos e estruturas de diferentes espaços mentais para gerar novos significados. A ideia foi antecedida pela Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1997), mas o conceito de *blending* foi sistematizado posteriormente (Fauconnier; Turner, 2002).

Esse estudo contribui para a compreensão da linguagem e da cognição ao integrar múltiplas perspectivas da Linguística Cognitiva. Ao destacar como a linguagem utiliza esquemas imagéticos, projeções metafóricas e metonímicas, e opera através de espaços mentais dinâmicos, ampliamos nossa compreensão de como construímos significados complexos através da linguagem. Essa compreensão ampliada não só enriquece teoricamente nosso entendimento da linguagem, mas também tem aplicações práticas em campos como a psicologia cognitiva e a comunicação intercultural.

Além disso, a análise das operações de construção na linguagem revela como escolhemos estruturar nossas expressões de acordo com nossos pontos de vista e intenções comunicativas. Isso não só ilumina a natureza flexível da linguagem humana, mas também sugere que a linguagem não é apenas um reflexo passivo da cognição, mas um meio ativo de construir e negociar significados dentro de contextos sociais e culturais específicos.

Portanto, os achados deste estudo reforçam a visão de que a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas uma janela para a mente humana, revelando como pensamos, percebemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor através de estruturas linguísticas que são ao mesmo tempo estruturais e funcionais. Essa abordagem integrada da Linguística Cognitiva continua a ser crucial para explorar os princípios subjacentes à linguagem humana e sua interação dinâmica com outras capacidades cognitivas.

5. Considerações finais

Este artigo investigou a profunda e dinâmica conexão entre linguagem e cognição, focando na construção e comunicação do significado e das funções categóricas dentro do paradigma da LC. Através da análise crítica das teorias de Langacker, Lakoff, Johnson, Peirce e Fauconnier, evidenciamos como a linguagem não é uma mera ferramenta de comunicação, mas um reflexo complexo da estrutura cognitiva humana.

A LC emergiu como um campo de estudo inovador, buscando compreender a linguagem humana como um fenômeno cognitivo interativo e integrado ao sistema cognitivo total. Diferentemente da abordagem sintática dominante, liderada por Noam Chomsky e a Linguística Generativa, a LC dá ênfase ao significado e às funções categóricas da linguagem. Este estudo se baseou em uma revisão sistemática da literatura, com levantamento de fontes relevantes em plataformas acadêmicas, para explorar como a linguagem reflete e influencia o mundo conceitual humano.

O problema central de pesquisa deste estudo foi entender como a língua, como parte integrante do sistema cognitivo humano, interage com outras capacidades cognitivas e como transferimos nossas sensações, imagens, pensamentos e desejos para formas linguísticas que permitem a expressão e a comunicação mútua.

Os achados deste estudo sublinham a natureza integrada da linguagem como parte do sistema cognitivo mais amplo. Ao explorarmos as metáforas e metonímias, observamos como conceitos abstratos são compreendidos e expressos através de analogias com experiências sensoriais e corporais

concretas. Além disso, a Teoria dos Espaços Mentais forneceu um modelo explicativo robusto para entender como construímos e manipulamos representações mentais durante o discurso.

Ao discutirmos as operações de construção na linguagem, como a seleção, a perspectiva, a dêixis e o julgamento/comparação, destacamos como esses processos não apenas moldam nossa percepção do mundo, mas também influenciam profundamente a estruturação da linguagem em níveis fonológico, morfológico e sintático. As descobertas deste estudo contribuem significativamente para o campo da Linguística Cognitiva ao enfatizar a inseparabilidade entre linguagem e cognição. Através da análise teórica, corroboramos a visão de que a linguagem não é uma faculdade mental autônoma, mas sim integrada às capacidades cognitivas mais amplas, refletindo e moldando nossas experiências e conhecimentos do mundo.

Este estudo oferece contribuições práticas para diversas áreas, incluindo a educação, a tradução e a psicolinguística. Na educação, a compreensão de como a linguagem é estruturada e utilizada pode informar métodos pedagógicos mais eficazes, especialmente no ensino de línguas e na alfabetização. Na tradução, a consciência das metáforas e metonímias culturais pode melhorar a precisão e a fidelidade das traduções, garantindo que os significados subjacentes sejam preservados. Na psicolinguística, os achados podem ser aplicados para entender melhor os processos de aquisição e processamento da linguagem, bem como as dificuldades linguísticas e cognitivas.

Além disso, este artigo abre caminho para novas investigações que continuarão a desvendar os intricados mecanismos da linguagem e da cognição. Futuros estudos podem explorar a aplicação prática das teorias da Linguística Cognitiva em contextos clínicos, educacionais e tecnológicos, reforçando a importância da LC como um campo de estudo interdisciplinar e essencial para a compreensão da mente humana.

Por fim, este artigo não apenas amplia nosso entendimento teórico sobre como a linguagem opera dentro do sistema cognitivo humano, mas também oferece implicações práticas que podem ser aplicadas em diversas áreas. A Linguística Cognitiva continua a ser um campo de estudo relevante para a compreensão da interação dinâmica entre linguagem e cognição, proporcionando uma visão holística e integrada da mente humana.

Referências

- AMORINI, Giuseppe; LEROSE, Luigi. *Studi linguistici in Lingua dei Segni Italiana (LIS): analisi fonologica e le funzioni deittiche ed avverbiali, e aspetti metaforici in parametri formazionali*. Klagenfurt: Alpen-Adria-Universität. (pp. 326-346) [2.3], 2012.
- ARDUINI, Stefano; FABBRI, Roberta. *Che cos'è la linguistica cognitiva*. 1. ed. Roma: Carocci, 2008.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. 1. ed. New York: Praeger, 1986.
- CROFT, William. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v. 4, n. 4, pp. 335-370, 1993.

- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Linguistica cognitiva*. Edizione italiana a cura di Silvia Luraghi. 1. ed. Roma: Carocci, 2010.
- D'ANDRADE, Roy. Cultural cognition. In: POSNER, Michael I. (org.). *Foundations of cognitive science*. 1. ed. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1989. pp. 795-830.
- DIRVEN, René; VERSPOOR, Marjolijn. *Introduzione alla linguistica: un approccio cognitivo*. Edizione italiana a cura di Gabriella Bersani Berselli, Marco Soffritti, Federico Zanettin. 1. ed. Bologna: CLuEB, 1999.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, Mass.; London: MIT Press/Bradford, 1985.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles. Methods and generalizations. In: JANSEN, Theo; REDEKER, Gisela (org.). *Cognitive linguistics: foundations, scope and methodology*. The Hague: Mouton De Gruyter, 1999. pp. 95-128. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110803464.95>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FAUCONNIER, Gilles. Mental spaces. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (org.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. pp. 351-376.
- FERRARI, Lílían. Introdução à linguística cognitiva. Disponível em: *Minha Biblioteca*, Editora Contexto, 2011.
- FILLMORE, Charles J. An alternative to checklist theories of meaning. In: *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1975, pp. 123-131.
- FILLMORE, Charles J. *Scenes-and-frames semantics*. In: ZAMPOLLI, Antonio (org.). *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: North Holland, 1977. pp. 55-81.
- FILLMORE, Charles J. On the organization of semantic information in the lexicon. In: CHICAGO LINGUISTIC SOCIETY, 14, 1978, Chicago. *Papers from the Parasession on the Lexicon*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1978. pp. 148-173.
- FILLMORE, Charles J. Frame and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, Bologna, v. 4, n. 2, pp. 217-240, 1985.
- GAETA, Livio; LURAGHI, Silvia. *Introduzione alla linguistica cognitiva*. Roma: Carocci, 2003.
- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- GIVÓN, Talmy. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. Hillsdale, N. J.: Erlbaum, 1989.

A conexão entre linguagem e cognição: a interação do significado e das funções categóricas na Linguística Cognitiva

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HOLLAND, Dorothy; QUINN, Naomi (org.). *Cultural Models*. In: *Language and Thought*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). *Metaphor and thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. pp. 202-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metafora e vita quotidiana*. 1998. Tradução de Patrizia Violi. Prefácio de Paolo Borzacchiello. Milano: ROI Edizioni, 2022.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. An overview of Cognitive Grammar. In: RUDZKA-OSTYN, Barbara (org.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. pp. 3-48.

LANGACKER, Ronald W. *Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 2: Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, Ronald W. *Grammar and conceptualization*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1999.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MARMARIDOU, Sophia S. A. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

ROSCH, Eleanor. Natural categories. *Cognitive Psychology*, New York, v. 4, pp. 328-350, 1973a.

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, Timothy E. (org.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973b. pp. 111-144.

ROSCH, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, Washington, v. 104, pp. 192-233, 1975.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara B. (org.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Erlbaum, 1978. pp. 27-48.

RUBBA, Joanne. Alternate grounds in the interpretation of deictic expressions. In: FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (org.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. pp. 227-261.

SOUSA, André Soares; OLIVEIRA, Sara Oliveira; ALVES, Luana Helena. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, pp. 64-83, 2021.

TALMY, Leonard. How language structures space. In: PICK Jr., Herbert L.; ACREDOLO, Linda P. (org.). *Spatial orientation: theory, research and application*. New York: Plenum Press, 1983. pp. 225-282.

TALMY, Leonard. The relation of grammar to cognition. In: RUDZKA-OSTYN, Barbara (org.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988a. pp. 165-205.

TALMY, Leonard. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, Hillsdale, v. 12, pp. 49-100, 1988b.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Vol. 1: Concept structuring systems. Cambridge (MA): MIT Press, 2000a.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Vol. 2: Typology and process in concept structuring. Cambridge (MA): MIT Press, 2000b.

TAYLOR, John. *Linguistic categorization*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2003.

EJEMPLOS DE MONTAJE CINEMATOGRAFICO EN LA LENGUA DE SEÑAS URUGUAYA

EXEMPLOS DE MONTAGEM CINEMATOGRAFICA NA LÍNGUA DE SINAIS URUGUAIA

EXAMPLES OF FILM EDITING IN URUGUAYAN SIGN LANGUAGE

Santiago Val ¹

RESUMEN

En el siguiente artículo se propone un análisis de una narración en lengua de señas uruguaya (LSU), tomando como base las *estructuras de gran iconicidad* propuestas por Cuxac (2000) y el *montaje cinematográfico*. La idea central es que las lenguas de señas explotan su modalidad visual para expresarse mediante estructuras icónicas que funcionan y se articulan entre sí de una forma que resulta más similar a un medio de expresión visual, como el cine, que a la sintaxis arbitraria que encontramos en las lenguas orales.

PALABRAS CLAVE: Lenguas de señas. Iconicidad. Lenguaje cinematográfico. Estructuras de gran iconicidad.

RESUMO

No seguinte artigo, propõe-se uma análise de uma narração em língua de sinais uruguaia (LSU), tomando como base as estruturas de grande iconicidade propostas por Cuxac (2000) e a montagem cinematográfica. A ideia central é que as línguas de sinais exploram sua modalidade visual para se expressar por meio de estruturas icônicas que funcionam e se articulam entre si de uma forma que resulta mais semelhante a um meio de expressão visual, como o cinema, do que à sintaxe arbitrária que encontramos nas línguas orais.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas de sinais. Iconicidade. Linguagem cinematográfica. Estruturas de grão iconicidade.

ABSTRACT

In the following article, an analysis of a narrative in Uruguayan sign language (LSU) is proposed, based on the highly iconic structures proposed by Cuxac (2000) and cinematic editing. The central idea is that sign languages exploit their visual modality to express themselves through iconic structures that function and articulate with each other in a way that is more similar to a visual medium of expression, such as cinema, than to the arbitrary syntax found in spoken languages.

KEYWORDS: Sign languages. Iconicity. Cinematic language. Highly iconic structures.

1. Arbitrariedad y doble articulación en el surgimiento de la lingüística de lenguas de señas

Siguiendo los lineamientos originalmente propuestos por Stokoe (1960), la lingüística de lenguas de señas surgió con una postura fuertemente condicionada por el objetivo de demostrar que estos sistemas de comunicación usados por las comunidades sordas eran lenguas en el sentido en el que estas eran concebidas por la lingüística de lenguas orales de mediados del siglo XX, primero en el

¹ Universidad de la República (Udelar), santiago.val@fhce.edu.uy, <https://orcid.org/0000-0003-2604-1452>.

marco del estructuralismo y luego, especialmente en las décadas de 1970 y 1980, por el generativismo basado en los primeros trabajos de Chomsky (1965).

Stokoe (1960), considerado como el trabajo fundacional de la disciplina, toma como base a Bloch y Trager (1942) y a Trager (1958), que, en línea con la tradición estructuralista estadounidense, definen la lengua como un “sistema de símbolos vocales arbitrarios mediante el cual un grupo social coopera” (1942, p. 5, traducción propia) que, a diferencia de otros sistemas, presenta estructuras que pueden subdividirse en “fonología-morfología-semiología” (Trager, 1958, p. 8).

En el momento en que fueron formuladas, se entendía que ambas definiciones excluían la lengua de señas estadounidense (ASL) y todas las demás lenguas de señas (tanto las usadas por las comunidades sordas como las usadas por algunas culturas oyentes), porque la tendencia predominante siempre había sido la de considerarlas como “naturales” (Tylor, 1870; Mallery, 1880), es decir, no arbitrarias.

El objetivo declarado de Stokoe (1960) es revertir esta tendencia y dar argumentos a favor de la consideración de la ASL como un sistema lingüístico, trayendo “...bajo la mirada de la lingüística una lengua virtualmente desconocida, la lengua de señas de los sordos americanos” (Stokoe, 1960, p. 7, traducción propia).

En los términos establecidos por la tradición teórica en la que se encontraba inmerso, esto significaba probar que las señas y las estructuras en las que se integraban eran arbitrarias (Stokoe, 1960, p. 13) y que podían verse como la combinación de elementos listables sin significado propio cuya función era permitir diferenciar una seña de otra, es decir, que tenían un nivel fonológico o “micro-lingüístico” (Stokoe, 1960, p. 7), de acuerdo con la terminología usada, por ejemplo, por Trager y Smith (1957, p. 52).

Contra lo que muchos autores sostienen (Liddell, 2003, entre otros), Stokoe (1960) no es el primero en proponer que los signos de una lengua de señas puedan verse como el resultado de la combinación de elementos discretos y listables, ya que esto había sido planteado previamente, con mayor o menor desarrollo, por autores como Bébien (1825), De Jorio (1832) o Mallery (1880), en el siglo XIX, y por algunos contemporáneos a él, como West (1960). Sí puede decirse, sin embargo, que es el primero en tomarlo como un elemento central a la hora de demostrar que la ASL es un sistema equivalente a las lenguas orales usadas por las sociedades oyentes.

En relación a la arbitrariedad, el planteo inicial de Stokoe (1960) de que las lenguas de señas constituyen sistemas arbitrarios en los que la iconicidad es un fenómeno marginal y destinado a desaparecer (con argumentos similares a los que plantea Saussure (1945) en relación a las onomatopeyas de las lenguas orales) se opone explícitamente a una tradición que de forma casi unánime las había considerado como sistemas no arbitrarios (llámense naturales o figurativos) que por esa razón eran más universales y naturales que la lenguas orales (L'épée, 1776; Dégerando, 1800; Bébien, 1825).

Especialmente desde comienzos del siglo XX, la arbitrariedad había sido establecida como una característica específica de las lenguas humanas, tanto por Saussure (1945), en Europa, como por

la tradición estadounidense, con Sapir (1921) y Bloomfield (1933), por lo que se presentaba como un obstáculo importante a sortear por parte de un autor que buscara incluir la ASL en esa misma clasificación.

El problema es que la ASL y las lenguas de señas en general presentan muchas señas léxicas que resultan similares a sus referentes y muchas estructuras cuya organización parecería basarse en mecanismos icónicos (que en términos peirceanos pueden considerarse como “diagramas” (Val, 2024)). Por esta razón, la arbitrariedad de las señas y de las estructuras sintácticas encontradas en la ASL y en otras lenguas de señas del mundo fueron el centro de muchas discusiones durante las décadas que siguieron a Stokoe (1960), en las que encontramos varios trabajos que, siguiendo a este autor, buscan argumentar a su favor (Frishberg, 1975; Klima; Bellugi, 1979; Supalla, 1982, 1986), en paralelo con otros que proponen que, a diferencia de lo que ocurre en las lenguas orales, las lenguas de señas integran muchos elementos icónicos que no pueden explicarse desde un modelo que toma como base la existencia de elementos discretos y arbitrarios que se integran en estructuras sintácticas también arbitrarias (Dematteo, 1976).

La idea de que las lenguas de señas pueden integrar signos arbitrarios y no arbitrarios (que pueden ser icónicos o indiciales) fue ganando terreno en las décadas siguientes, con varios trabajos que, desde distintas perspectivas, proponen que estos sistemas de comunicación combinan elementos de dos grandes grupos o modos: uno arbitrario, simbólico y discreto y otro no arbitrario, icónico (o indicial) y analógico (o gradiente) (Macken; Perry; Haas, 1995; Cuxac, 2000; Cogill-Koez, 2000; Liddell, 2003).

Al mismo tiempo, la lingüística de lenguas orales vio surgir varias propuestas que cuestionaban el rol central que se le había atribuido tradicionalmente a la arbitrariedad, mostrando ejemplos de signos y de estructuras que mostraban un comportamiento que podía considerarse icónico tanto desde las primeras propuestas del funcionalismo (Jakobson, 1977; Givón, 1985, 1991; Haiman, 1980, 1983) como desde la lingüística cognitiva (Lakoff; Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Langacker, 1987), y que a su vez tuvieron influencia en varios trabajos que le siguieron tratando específicamente sobre las lenguas de señas (Taub, 2001; Wilcox, 2004; Perniss, 2007; Emmorey, 2013).

Pese a no constituir más un tabú, como en los años 1970 y 1980, la iconicidad de las lenguas de señas, especialmente a nivel de sintaxis, sigue siendo un tema poco trabajado en los análisis lingüísticos de estas lenguas que usualmente no le reconocen un rol importante en la composición de las estructuras usadas por los hablantes. Los estudios de sintaxis, entendida como la combinación de varios signos entre sí para constituir unidades mayores, suelen seguir muy atados a la forma en la que esta se entiende en las lenguas orales, como la combinación de elementos discretos, clasificados en categorías sintácticas (sustantivo, verbo, adjetivo), que se articulan entre sí de acuerdo con determinadas reglas arbitrarias.

En este trabajo propongo mostrar cómo algunas estructuras de la lengua de señas uruguaya (LSU) divergen totalmente de esta concepción tradicional de sintaxis y que, por el contrario, resultan

más similares a la concatenación de imágenes usada en el lenguaje cinematográfico. Esto supone, por lo menos, tomar distancia de las definiciones tradicionales de lengua y de sintaxis en dos sentidos: en primer lugar, porque se trata de construcciones en las que es difícil delimitar elementos que puedan clasificarse como sustantivos, verbos, etc.; en segundo lugar, porque la yuxtaposición

2. Las estructuras de gran iconicidad

Cuxac (2000) considera la lengua de francesa (LSF) desde una perspectiva “semiogenética” (Cuxac, 2000, p. 22) que explica su composición y su funcionamiento sobre la base las circunstancias sociales e históricas en las que esta surgió. Sobre esta base, la LSF es el resultado de un “proceso de iconicización de la experiencia” puesto en marcha por niños y niñas sordos que, en su mayoría nacidos y criados en familias oyentes, se vieron obligados a crear espontáneamente formas de comunicación gestual con las que interactuar con los oyentes de sus entornos inmediatos, que necesariamente eran icónicas, porque debían ser comprendidas y aprendidas con la mayor facilidad posible. Con el surgimiento de las primeras escuelas de sordos en Francia a mediados del siglo XVIII, siguiendo el modelo de L'Épée (1776), estos niños y niñas sordos comenzaron a congregarse en espacios donde el uso de lengua de señas era alentado, lo que les permitió consolidar, homogeneizar y expandir estos sistemas gestuales, eventualmente constituyendo lenguas comunitarias (no ya domésticas) que serían la base de la LSF actual. De acuerdo con Cuxac (2000), este origen espontáneo e icónico de la LSF es la razón por la que esta y las demás lenguas de señas usadas por las comunidades sordas del mundo (que habrían surgido en circunstancias similares, al menos en Occidente) siguen hasta hoy siendo estructuralmente icónicas, lo que las diferencia de las lenguas orales usadas en general por las sociedades oyentes.

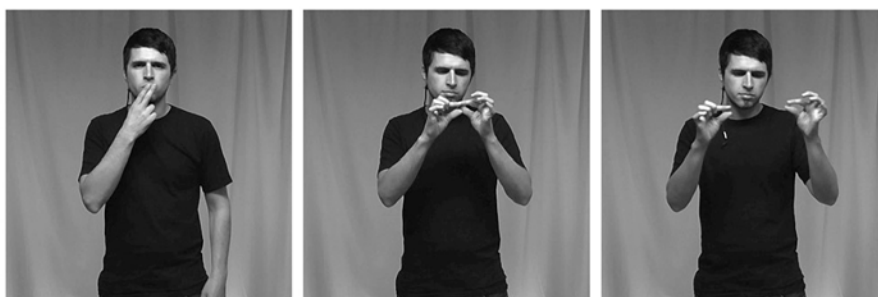
Aunque algunas señas y estructuras se vuelven arbitrarias, constituyendo lo que tradicionalmente ha sido estudiado por los autores alineados en la propuesta original stokoeana, otras continúan funcionando de acuerdo con criterios icónicos, integrando un modo figurativo con elementos y estructuras diferentes de aquellas encontradas en el modo arbitrario. Como se mencionó en el apartado anterior, la propuesta de que las lenguas de señas funcionan en base a dos modos (uno arbitrario y uno no arbitrario) no es exclusiva de Cuxac (2000), sino que es compartida por varios autores y autoras, pero a diferencia de las otras, la de este autor presenta la ventaja de ofrecer una tipología de las tres estructuras básicas, llamadas “estructuras de gran iconicidad” o “transferencias”, que formaría la base de este modo figurativo.

En la propuesta original (aunque luego fue ampliada, por ejemplo, por Sallandre (2003)), Cuxac (2000) propone tres transferencias básicas o “estructuras mínimas” cuya presencia en la LSU fue constatada en trabajos previos (Val, 2018, 2024). A continuación se presentan las estructuras que componen estas transferencias (de acuerdo a como las describe Cuxac (2000)) y ejemplos en LSU que verifican el uso de esas transferencias por parte de los señantes uruguayos:

– “transferencias de tamaño y/o de forma” (TTF): estructuras que permiten representar el tamaño y/o la forma de objetos, de lugares y de personas. De acuerdo con Cuxac (2000, p. 32), la estructura de estas transferencias consta de cuatro elementos básicos: a) una configuración manual de la mano (o de las manos) indicando una forma base; b) un movimiento y una orientación de la/s mano/s que representan el despliegue de esa forma en el espacio; c) el punto de partida del movimiento es, frecuentemente, un lugar del cuerpo del locutor o la otra mano secundaria; d) la mirada se fija sobre las manos y no sobre el interlocutor.

Un ejemplo de este tipo de transferencia en LSU, tomado de Val (2018, p. 145) es el que se muestra a continuación en la figura 1, en el que el señante usa una TTF para describir la forma de un cigarrillo (centro y derecha) luego de introducir la seña léxica para FUMAR (izquierda).

Figura 1: Señal léxica FUMAR (izq.) seguida de una transferencia de tamaño y/o de forma (centro y derecha) con la que se describe la forma de un cigarrillo.



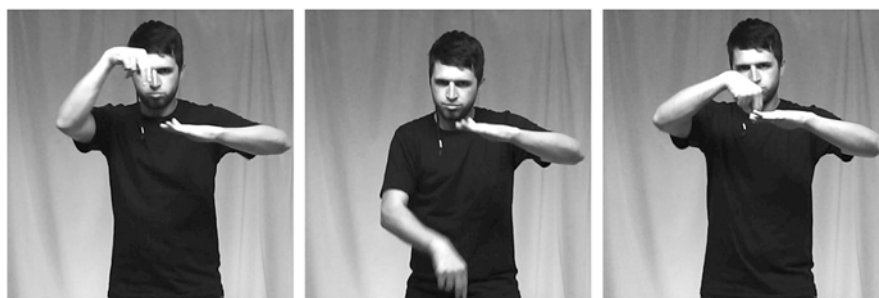
Fuente: Val (2018)

– “transferencias situacionales” (TS): estructuras que apuntan a reproducir icónicamente, en el espacio frente al señante, escenas que muestran el desplazamiento espacial de un actante, representado por la mano dominante, en relación a un locativo estable, que es representado por la mano dominada y que es estructuralmente obligatorio (Cuxac, 2000, p. 43)

De acuerdo con Cuxac (2000), en LSF, la mano dominante (la derecha, en caso de un señante diestro) adopta una configuración manual que representa icónicamente algunas características físicas del actante (quien ejecuta la acción principal); el ejemplo típico sería usar el índice o el pulgar extendidos hacia arriba para representar, por ejemplo, un ser humano (coincidiendo estructuralmente con lo que Supalla (1982) desde una perspectiva totalmente distinta, llama *clasificadores semánticos*). La mano dominada (la izquierda, en caso de un señante diestro), también adoptaría una configuración manual que represente icónicamente las características físicas de algún objeto, pero en este caso se trataría de un “locativo estable”, es decir, no alguien que ejecute una acción, sino un lugar fijo respecto del cuál la mano que representa al actante (la mano dominante) realiza un movimiento, que debe interpretarse como representando miméticamente el movimiento del actante de quien se está hablando. Al igual que ocurre con las TTF y con todas las estructuras de gran iconicidad, la mirada

debe fijarse sobre las manos y no, como ocurre en las señas léxicas, sobre el interlocutor. En LSU se ha registrado la ocurrencia de estas estructuras (Val, 2018, 2023), pero con la diferencia de que en algunos casos puede ocurrir que los/as señantes usen ambas manos como actantes, prescindiendo del locativo estable.

Figura 2: Transferencia situacional que representa a una persona hundiéndose bajo el agua y luego saliendo a flote. El señante es diestro, por lo que representa al actante (la persona que se hunde) con su mano derecha y el locativo estable (la superficie del agua) con su mano izquierda. El movimiento de la mano derecha debe interpretarse como representando icónicamente al de la persona de la que se habla (si la mano baja, la persona baja, si la mano sube, la persona sube, etc.).



Fuente: Val (2018)

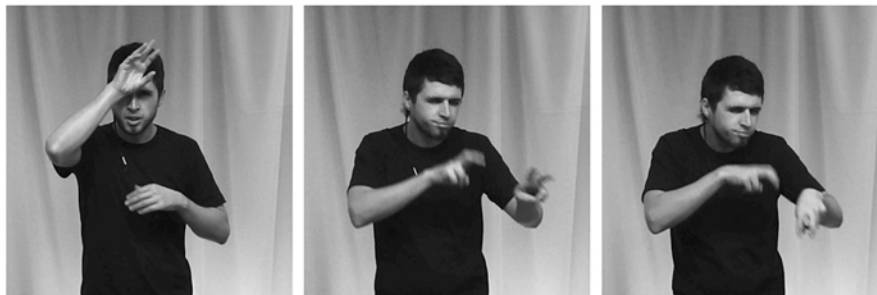
– “transferencias personales” (TP). En este tercer tipo de estructura de gran iconicidad, el narrador usa su cuerpo para representar las acciones realizadas por algún personaje, como si lo estuviera personificando. El narrador se confunde con el personaje y en general todos sus movimientos y todos sus miembros se reconocen como los del personaje; puede ocurrir, sin embargo, que en algunas situaciones algunas partes del cuerpo del locutor se usen para referir a partes del cuerpo distintas del personaje, como en casos en que se usen las manos y los brazos para mostrar las piernas (por ejemplo, si se representa un animal andando).

Como señala Cuxac (2000, p. 54-55), en estas transferencias el narrador despliega una serie de elementos (mirada, postura, rasgos faciales, movimientos) icónicos que brindan información necesaria para identificar al personaje y que también nos permiten reconocer (al variar) cuando la transferencia pasa de un personaje a otro.

Al igual que ocurre con las dos transferencias mencionadas más arriba, en la TP la mirada no puede nunca fijarse sobre el interlocutor, que de esta manera pasa a ser una especie de espectador de la acción representada. La mirada del personaje (del narrador) se fija principalmente sobre dos tipos de elementos: en la acción o el objeto que el personaje está ejecutando (que puede o no haber sido introducido, por ejemplo, por transferencia de tamaño y/o de forma), o en los demás actantes con los que el personaje representado interactúa. Cuando la mirada vuelve a dirigirse al interlocutor indica, junto a otros elementos, que la transferencia personal concluyó y que el narrador vuelve a ser él mismo.

La dirección de la mirada es un elemento central en las TP, porque, como el narrador solo puede representar a un actante a la vez, la única forma que tiene de ubicar a los demás personajes con los que este interactúa en el espacio circundante es controlando la dirección de la mirada, que debe ser orientada hacia la construcción de un espacio coherente. Por ejemplo, si hay dos personajes conversando y ambos son representados por transferencia personal, el narrador deberá cambiar la dirección de la mirada al representar a cada uno de ellos: si cuando representa al personaje A, mira a la derecha (ubicando al personaje B en ese lugar), entonces, cuando represente al personaje B deberá mirar a la izquierda (porque si el personaje B está a la derecha de A, entonces, cuando B mire a A deberá mirar a la izquierda). Este último punto será profundizado más adelante.

Figura 3: Utilización de una transferencia personal (TP) para representar a un minero. El señante introduce una seña léxica que significa MINA o MINERO (izquierda) y luego representa a una persona que, por contexto, se interpreta como excavando la piedra.



Fuente: Val (2018)

3. Historia y argumento en la narración cinematográfica

A continuación se tomarán como base los trabajos de Bordwell (1996), de Bordwell, Staiger y Thompson (1997) y de Bordwell y Thompson (1995) para presentar de forma esquemática los mecanismos mediante los cuales el lenguaje cinematográfico construye significado. Estos autores abordan a la narrativa fílmica desde una perspectiva “cognitivo-perceptual” (Bordwell, 1996, p. 49), que considera al espectador como involucrado activamente en la construcción de sentido. De acuerdo con esta propuesta, una película no es en sí misma una historia, sino un conjunto de elementos que el espectador toma como base para construir, mentalmente, el mundo en el que la historia transcurre, las acciones que en él se desarrollan y, finalmente, la historia. Por esta razón, los autores hablan de “método constructivista”:

El método constructivista considera al espectador constantemente activo, aplicando prototipos, (...) comprobando y revisando los procesos para dar sentido al material. Los principales puntos del proceso son la presentación de lagunas del argumento con respecto a la información de la historia (Bordwell, 1996, p. 100).

Este relacionamiento causal de los acontecimientos en la mente del espectador es lo que se llama “historia” (Bordwell, 1996, p. 49). El “argumento”, por su parte, es “la organización real y la representación de la historia en la película” (Bordwell, 1996, p. 50). Supongamos que en una película cualquiera hay dos planos: 1) un hombre se baja de un taxi en la puerta de un hotel, 2) el mismo hombre entra a una habitación. El argumento, en este caso, son los dos planos presentados, mientras que la historia sería la interpretación que el espectador construye a partir de ellos, cuando establece una continuidad espacio-temporal entre ambos planos: el hombre se baja de un taxi, entra al hotel y sube a la habitación. En ningún momento se mostró al hombre subiendo a la habitación y no se sabe si la habitación que aparece en el plano 2 está realmente en el hotel que se muestra en el plano 1, pero la actividad mental del espectador lo lleva a buscar cierta continuidad en el material presentado a partir de un esquema interpretativo, que en un inicio tiene apenas el valor de una hipótesis y luego es sujeto a verificación mientras la película avanza.

El objetivo de este argumento es dar elementos al espectador para que construya mentalmente la historia y para hacer esto incide sobre tres áreas específicas (Bordwell, 1996, p. 51): 1) “lógica narrativa”, que tiene que ver con la interpretación de un acontecimiento como la consecuencia de un acontecimiento previo; 2) “tiempo”, que tiene que ver con la organización cronológica de los distintos acontecimientos presentados en el argumento; y 3) “espacio”, que tiene que ver con la forma en la que el argumento permite que el espectador construya uno o varios espacios donde los acontecimientos tienen lugar. De acuerdo a este marco, el espectador participa activamente en todos los aspectos que tienen que ver con la interpretación del argumento, elaborando hipótesis que permitan entrelazar lógicamente los hechos presentados y construir relaciones espacio-temporales que los ordenen y los integren coherentemente.

Al ver una película, presenciamos un argumento, para cuya puesta en escena se disponen determinados elementos estilísticos (cinematográficos, en este caso), que en el caso específico del cine son el plano, el montaje y el sonido. Al hablar de un lenguaje cinematográfico, de reglas específicas que permitan construir narraciones en cine, estamos hablando de la manipulación de estos tres elementos para motivar en el espectador la construcción de una historia. Es decir: plano, montaje y sonido se disponen de manera de que nos permitan construir relaciones lógicas, espaciales y temporales entre los acontecimientos presentados en el argumento.

Descartado el sonido, por razones obvias, podemos decir que encontrar paralelismos entre una narración cinematográfica y una narración en LSU supone mostrar que en las narraciones en LSU existe una manipulación consciente de elementos asimilables al plano y al montaje, realizada con el objetivo de que el espectador sea capaz de construir, mentalmente, una historia que articule causalmente todos los acontecimientos narrados y que además los ubique en un espacio y un tiempo coherentes.

4. Definiciones de plano y de montaje

A continuación se presentan, de forma esquemática, algunas definiciones que resultarán útiles para organizar los análisis que seguirán.

4.1. Cuadro, plano y valor de plano

El “cuadro” se define como “márgenes de la imagen en pantalla que lo envuelven como el marco de una pintura” (Konigsberg, 2004, p. 148); es lo que delimitan los cuatro bordes de la pantalla y de su nombre se deriva el verbo “encuadrar”, que significa poner ciertos elementos dentro del cuadro.

Un “plano” es lo que se registra en una cámara desde que se presiona *rec* hasta que se presiona *stop*, siempre y cuando no se introduzcan interrupciones en la edición posterior. De acuerdo a Konigsberg (2004, p. 414), se trata de una “...acción continua en la pantalla que resulta de lo que parece ser el funcionamiento interrumpido de la cámara”.

Hay varios tipos de planos, en función del encuadre que se haga de los personajes o de los objetos que están frente a la cámara. Una clasificación muy extendida es la que toma en cuenta la distancia entre la cámara y los personajes u objetos encuadrados, que, entre otros, permite distinguir los siguientes valores de plano: plano general (los objetos se encuentran lejos de la cámara), plano medio (las personas se ven desde la cintura hacia arriba) y primer plano (vemos a las personas desde el pecho hacia arriba, como un busto, o solamente la cara). Habría que agregar, además, el plano detalle, que se utiliza para mostrar detalles de objetos o destacar algún elemento en particular.

Figura 4: Ejemplos de plano general (arriba), plano medio (centro) y plano detalle (abajo)



Fuente: Indiana Jones (1989)

4.2. Montaje

El montaje es la “coordinación de un plano con el siguiente” (Bordwell; Thompson, 1995, p. 247) y es fundamental para la construcción de espacio y tiempo en la historia, ya que permite relacionar dos planos cualesquiera. Como observan Bordwell y Thompson (1995, p. 257-258), el montaje permite, por ejemplo, comenzar por un plano general de un espacio y seguir con un plano detalle de algo particular, y que el espectador interprete que lo que ve en el detalle se encuentra en el lugar mostrado en el plano general, o construir un espacio global a partir de una serie de planos medios o primeros planos, si se encuentran organizados adecuadamente.

Existen varias formas distintas de coordinar un plano con otro, pero la más usada es aquella que favorece que el espectador construya continuidad espacial y temporal entre los planos que observa, que por esta razón se llama “montaje continuo” (Bordwell; Thompson, 1995, p. 261) y que se guía por el objetivo principal de “contar una historia de forma coherente y clara, ordenar la cadena de acciones de los personajes de una forma que no confundiera”. Esto se logra haciendo todo para que no se perciban los cortes (disimulando la manipulación) y se construya el espacio y el tiempo narrativos con la mayor facilidad posible. Es decir: si tenemos un plano donde vemos un hombre bajar de un taxi frente a un hotel y luego tenemos un plano donde un hombre entra a una habitación, podemos perfectamente haberlos filmado en lugares distintos y en momentos distintos (y de hecho, es lo que suele ocurrir), pero si queremos que el espectador entienda que esa habitación está dentro de ese hotel (continuidad espacial) y que el hombre entró a la habitación después de bajarse del taxi (continuidad temporal) debemos presentar los elementos de forma que eso sea posible. Esto implica tomar una serie de decisiones que tienen que ver con la filmación de los planos y que afectan a cuatro tipos de relaciones entre ellos (Bordwell; Thompson, 1995, p. 250): 1) relaciones gráficas (por ejemplo: que el hombre tenga la misma ropa en ambos planos, que no le haya crecido el cabello, que no haya grandes cambios de iluminación (no podría filmarse uno de día y otro de noche, por ejemplo), o que los mismos lugares se muestren desde la misma posición de cámara, para permitirnos reconocerlos, etc.), 2) relaciones rítmicas (sería raro que baje caminando tranquilamente del taxi y luego entre a la habitación corriendo, por ejemplo, o que un plano dure varios segundos y el otro apenas un instante; en general, si se busca dar continuidad se trata de que la duración y la velocidad de los movimientos y de los cortes sea similar entre un plano y otro) y, también, 3) relaciones espaciales y temporales, que involucra un elemento básico, que será desarrollado a continuación: la regla de los 180°.

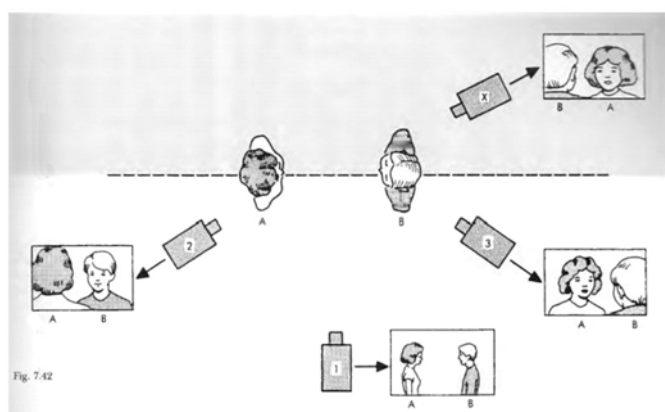
4.3. La regla de los 180°

El elemento probablemente más importante a la hora de garantizar continuidad al montaje de una película sea la “regla de los 180°” o también conocida como “regla del eje”:

Se supone que la acción de una escena —una persona caminando, dos personas conversando, un coche avanzando por una calle— tiene lugar a lo largo de una línea discernible y predecible. El eje de acción determina un semicírculo, o un área de 180°, donde se puede emplazar la cámara para presentar la acción. En consecuencia, el cineasta planeará, filmará y montará los planos de forma que respeten esta línea central. (Bordwell; Thompson, 1995, p. 262)

La idea es que la regla ayude al espectador a interpretar correctamente las relaciones espaciales entre los personajes, a partir de una correlación entre lo que se muestra en el plano general y los planos medios o primeros planos. Como se observa en la figura (Bordwell; Thompson, 1995, p. 263), si las posiciones de cámara se ubican siempre del mismo lado de la línea punteada, llamada eje (o sobre el mismo semicírculo), entonces las miradas de los personajes y su ubicación relativa en el encuadre siempre tendrán las mismas direcciones: si un personaje mira hacia la izquierda en el plano general, mirará también a la izquierda en el primer plano; si un personaje camina hacia la izquierda en el plano general, caminará también hacia la izquierda en el primer plano. Esto ayuda a que el espectador construya el espacio en el que los personajes se mueven como un todo coherente. Por el contrario, si la cámara salta el eje y se ubica del otro lado de la línea, el resultado es que una persona que mira hacia la derecha en el plano general se encuentra mirando hacia la izquierda en el primer plano, lo que resulta confuso para el espectador, porque dificulta la inferencia de las relaciones espaciales entre ellos.

Figura 5: Diagrama que muestra el concepto básico de la regla del eje



Fuente: Bordwell y Thompson (1995, p. 263)

Este recurso se usa mucho en lo que tiene que ver con la filmación de diálogos entre personas que se encuentran en el mismo lugar y se apoya en la capacidad de la mirada de construir espacio fuera de campo: cuando un personaje se encuentra en un primer plano mirando hacia la izquierda, asumimos que existe un espacio que en este momento no vemos, en el que lo mirado está presente; cuando vemos un primer plano de una persona mirando hacia la izquierda seguido de un primer plano de otra persona mirando hacia la derecha, asumimos que estas personas se están mirando mutuamente y que coexisten en el mismo espacio, aunque no las hayamos visto juntas en un plano general.

La regla de los 180° se aplica también a otro tipo de situaciones más allá de dos personajes que conversan. Sirve, por ejemplo, para los desplazamientos de personajes a lo largo de varios planos. En general, si un personaje se encuentra moviéndose en una dirección, en la historia, lo recomendable es que los planos la muestren avanzando siempre en la misma dirección en el plano (sea hacia la derecha o hacia la izquierda). Un cambio de dirección de un plano a otro (por ejemplo, en el primer

plano camina hacia la derecha y en el segundo a la izquierda) puede interpretarse como un cambio de dirección en el mundo narrado.

Figura 6: Tres planos distintos de una persecución: los personajes se mueven siempre de izquierda a derecha, siguiendo la regla del eje.



Fuente: Indiana Jones (1989)

5. Paralelismos entre las LS y el cine: antecedentes

Hasta donde tengo conocimiento, la idea de establecer un paralelismo entre las narraciones en lengua de señas y las narraciones cinematográficas fue introducida por primera vez en un artículo publicado por Stokoe en 1979 (citado por Sacks (1990, p. 90)):

En una lengua señada... la narrativa ya no es lineal y prosaica. En su lugar, la esencia de la lengua de señas es cortar desde una vista normal hacia un primer plano hacia un plano general hacia un primer plano de nuevo, y así, incluso agregando escenas de flashback y flashforward, exactamente como trabaja un montajista... No solo las señas se ordenan más como un film editado que como una narración escrita, sino que cada señante se ubica bastante como la cámara: el campo de visión y el ángulo de la mirada son dirigidos pero variables. No solo el señante que seña sino también el señante que mira están al tanto todo el tiempo de la orientación visual de aquello acerca de lo que se seña (traducción propia)

En el fragmento citado se llama la atención sobre lo que en realidad es el aspecto central de este artículo: que la estructura del discurso narrativo en lengua de señas se parece más a una sucesión

de imágenes concatenadas (i. e.: a una película) que a una serie de oraciones lineales como las que encontramos en las lenguas orales.

En relación a este fragmento, Bauman (2003) relativiza un poco el mérito de Stokoe (1979, citado por Sacks (1990, p. 90)) por haber concebido la comparación entre el nivel discursivo de las lenguas de señas y el cine, argumentando que, en realidad, esta idea pertenece a un actor sordo llamado Bernard Bragg. Bauman (2003) también llama la atención sobre la falta de desarrollo del tema durante los años siguientes, tanto por parte de Stokoe como por otros lingüistas y sugiere que esta ausencia puede deberse a que las últimas décadas estuvieron dominadas por la necesidad de “... demostrar que la ASL no es simplemente una colección de gestos icónicos, sino un sistema lingüístico capaz de expresar todo el contenido simbólico abstracto de las lenguas orales (traducción propia)”.

Al contrario de otros autores, Bauman (2003) decide poner en práctica a la idea y propone una descripción de textos poéticos proferidos en ASL a partir de la terminología utilizada en cine. Sobre esta base, establece un nivel léxico en el que la unidad de sentido es el plano, delimitado por un encuadre, cuyos límites son un poco más difusos que los del encuadre fílmico, porque están marcados por el cuerpo del señante y su entorno, pero que de todas formas son reconocibles. A su vez, los distintos planos involucrados en una narración serían articulados de acuerdo con una gramática fílmica propia, que estaría dada por el montaje.

En relación a los planos, el autor reconoce tres valores distintos: primer plano, plano medio y plano general; que toman como base elementos lingüísticos específicos: la expresión facial y los rasgos no manuales permitirían elaborar primeros planos, mientras que el uso de clasificadores permitiría representar objetos lejanos, para planos generales, o cercanos para planos detalle; el plano medio, por último, se compondría cada vez que el señante utilice su propio cuerpo para representar los movimientos de algún personaje animado (“transferencia personal”, en la terminología de Cuxac (2000)).

En los análisis de *corpus*, Bauman (2003) presenta ejemplos concretos de este tipo de construcción de planos. Sin embargo, no dice mucho sobre el montaje o sobre su posible rol en la estructuración de una gramática fílmica de la ASL, más allá de comentarios muy específicos y de difícil generalización, si bien reconoce su importancia y la necesidad de investigarlos.

Otro antecedente interesante en esta línea de abordaje, es el trabajo de Pimenta de Castro (2012) que, de manera similar a Bauman (2003), propone la existencia de elementos comunes entre la narrativa cinematográfica y la narración en lengua de señas.

También al igual que Bauman (2003), Pimenta de Castro (2012) utiliza la terminología cinematográfica para nombrar los elementos visuales encontrados en las lenguas de señas. Si bien es cierto que existe una similitud entre ambos autores, en los hechos Pimenta de Castro (2012) va mucho más lejos y llega a nombrar cinco valores de planos distintos (“grande general”, “general americano”, “próximo” y “close-up”), efectos de edición (“cámara rápida”, “cámara lenta”) movimientos de cámara (“paneo”, “tilt”, “zoom”) y tres tipos de edición distintos (“paralela”, “diálogo” y “cut”).

Pese a lo extenso de la terminología, Pimenta de Castro (2012) no propone explorar la forma en la que estos elementos se articulan para construir narraciones, como sí hace Bauman (2003) cuando llama a investigar el rol del montaje en la constitución de una gramática fílmica, por lo que el trabajo queda reducido, a grandes rasgos, a un inventario extenso de elementos visuales de la LIBRAS que podrían compararse a los encontrados en la narración cinematográfica, pero cuyo funcionamiento no termina de quedar claro.

Además, existen elementos en los que, a mi juicio, Pimenta de Castro (2012) sobreinterpreta el *corpus*, encontrando similitudes donde no parece haberlas. Considérese, por ejemplo, el fragmento en que el autor defiende la existencia de un *zoom-in* como movimiento de cámara presente en las narraciones en LIBRAS. El propio autor define a este concepto de la siguiente manera (Pimenta de Castro, 2012, p. 75):

Em linguagem cinematográfica, *zoom in* significa fazer aproximação da pessoa ou coisa tratada, a fim de salientar para o espectador o seu estado, as suas reações e seus sentimentos. Este efeito é obtido por meio de mecanismos automáticos contidos nas câmeras ou, também, por meio destas em movimento de aproximação da pessoa ou objeto filmado, ou ainda da aproximação destes em direção à câmera fixa.

El ejemplo que pone el autor para ilustrarlo es el de una narración en LIBRAS en la que un corredor, visto de frente, se aproxima a la cinta que marca la llegada y la rompe:

Figura 7: Fragmento de narración en LIBRAS donde un hombre atraviesa una cinta de meta



Fuente: Pimenta de Castro (2012, p. 75)

Supongamos que esto no es una narración en LIBRAS sino una película. Si, de hecho, vemos al corredor siempre del mismo tamaño y a la misma distancia respecto de la cámara, la verdad es que no existe *zoom in*. El único desplazamiento que existe es del corredor respecto de la cinta, pero no existe un movimiento relativo entre el corredor y la cámara. En realidad, para lograr el mismo efecto visual en una filmación real, lo que habría que hacer es mover la cámara hacia atrás a la misma velocidad a la que se desplaza el corredor, para garantizar que la distancia entre él y la cámara sea constante y así podamos verlo siempre del mismo tamaño y en el mismo valor de plano. Es decir: habría que evitar hacer un *zoom in*, porque, si se hiciera, la persona se vería cada vez más grande dentro del cuadro y dejaría de estar en plano medio.

Tanto Bauman (2003) como Pimenta de Castro (2012) toman como base la noción de clasificador (propuesta originalmente por Frishberg (1975) y Supalla (1982)) para explicar la iconicidad presente en las construcciones visuales de las lenguas de señas. No estoy al tanto de la publicación de propuestas similares tomando como base las estructuras de gran iconicidad propuestas por Cuxac (2000) más allá de alguna mención breve en Sallandre (2003, p. 277) y otra un poco más extensa de Cuxac (2000, p. 86), donde llega a proponer una clasificación de tipos de planos:

...donde aquello que se muestra, en el marco del tratamiento narrativo se parece bastante a la sucesión de planos característicos del tratamiento cinematográfico y donde las estructuras mínimas lingüísticas de la LSF tendrían por análogos: transferencias de forma = primeros planos con movimientos de cámara, transferencias situacionales = planos secuencias, transferencias personales (y cambios de rol) = planos americanos (y sucesión de planos sobre los diferentes actores) (traducción propia)

La mención de Cuxac (2000) resulta interesante como antecedente, pero no más que eso, dado que tampoco abarca lo relativo a ciertas reglas gramaticales o de montaje que determinen cómo esas imágenes pueden articularse para construir un discurso coherente o comprensible.

La cuestión a investigar, en el marco de este paradigma, es si además de existir estructuras de gran iconicidad que rigen la construcción de signos icónicos utilizados en las narraciones en lengua de señas, también existe algún tipo de organización a nivel superior, que rija a la concatenación de esos signos entre sí. En lo que tiene que ver con este texto en particular, se tratará de reconocer si existen formas de organización asimilables entre las narraciones cinematográficas y las narraciones en lengua de señas, que sean el resultado de la visualidad propia de ambos sistemas de comunicación.

6. Lenguaje cinematográfico en la LSU: transferencias como planos / sintaxis como montaje

Tomando a Val (2018) como antecedente, en adelante voy a proponer que las estructuras de gran iconicidad usadas por hablantes de LSU para sus narraciones pueden asimilarse a grandes rasgos a planos cinematográficos, de acuerdo con el siguiente criterio: las transferencias situacionales, que se caracterizan por representar a los personajes (los actantes) generalmente de cuerpo entero, desplazándose en el espacio ubicado frente al señante como si se tratara de un escenario, pueden funcionar de forma equivalente a los planos generales o planos enteros del cine; las transferencias personales, que los narradores usan para representar las acciones de los personajes en su propio cuerpo, pueden funcionar de forma equivalente a los primeros planos, planos enteros o planos americanos; por último, las transferencias de tamaño y/o de forma, que se usan para representar o describir objetos en el espacio situado frente al señante, pueden funcionar como los planos detalle.

Establecida esta analogía, pueden analizarse narraciones en LSU (o en cualquier otra lengua de señas) en base a los planos que las constituyen y cómo estos se concatenan entre sí de cara a la construcción de un relato que pueda ser comprendido correctamente por los espectadores. En base a

la teoría presentada más arriba, podemos decir que las transferencias (en tanto planos) constituyen el argumento con el cual los narradores nos dan elementos para que nosotros podamos organizar mentalmente una historia, conformada por personajes que realizan acciones en un espacio y en un tiempo coherentes. Al igual que ocurre con el lenguaje cinematográfico, quienes componen narraciones en LSU deben tener en cuenta cómo organizan estas transferencias (estos planos) de manera de que las pistas que dan a los espectadores sean las correctas, de cara a una comprensión correcta de la historia. Esto implica que la disposición espacial, por ejemplo, de los personajes en una transferencia situacional (plano general), debe corresponderse con la forma en la que se presentan sus cuerpos y en la que se dirigen sus miradas en las transferencias personales (planos enteros), igual que ocurre cuando en cine se disponen los personajes dentro de un cuadro teniendo en cuenta que esos planos luego serán montados entre sí y que deberán seguir la regla de los 180°.

7. Análisis de cuento breve en LSU

A continuación se presenta un análisis de un fragmento de un cuento breve en LSU donde la narradora utiliza transferencias que son encadenadas entre sí usando montaje cinematográfico. El cuento se llama “El diente de León” (Romero, 2024) y está publicado en *YouTube*. Puede consultarse en el siguiente link y QR.

Figura 8: Cuento “El diente de león” accesible en el link https://www.youtube.com/watch?v=_djBoEgXh_4



Fuente: Creación propia en base a un generador de QRs.

Por razones de espacio, no se analizará todo el cuento, sino los primeros 30 segundos donde se presenta a los personajes y se desarrollan las primeras acciones. En términos de estructura, los segundos que siguen (la duración total es 1 minuto y 27 segundos) reiteran los mismos mecanismos usados en los 30 segundos iniciales.

7.1. Historia

El cuento narra la historia de una semilla de diente de león que cae a la tierra y germina. Los primeros personajes introducidos por la narradora son dos plantas de diente de león ya crecidas. Segundos después, la semilla cae en la tierra, ante la mirada incrédula de las plantas. Más adelante, la semilla se hunde en la tierra, germina y se convierte en una planta más. Luego, dos pájaros se acercan para extraerle néctar, haciendo que su flor fecunde y produzca semillas. Al final, un ser humano llega, arranca la cabeza de la planta y la sopla, haciendo que las semillas se desparramen, volviendo a empezar el ciclo.

El fragmento que se analiza a continuación presenta la primera parte del relato: desde el comienzo hasta que la semilla germina y se convierte en una planta.

7.2. Metodología

El cuento fue descargado de *YouTube* y procesado en una computadora. La idea original era usar ELAN (2025) pero este software presenta problemas en la reproducción de video en sistemas *Linux*, por lo que se terminó utilizando *Kdenlive* (Mardelle; Pinon; Carion; Eugster, 2025) que es más estable y permite una reproducción más fluida y más cómoda del video.

La narradora estructura el relato íntegramente en base a transferencias, prescindiendo de señas léxicas, por lo que se asignaron tres pistas de video (una para cada tipo de transferencia) en las que las ocurrencias fueron marcadas con títulos específicos: TTF, TS y TP. En los casos en los que se registró la ocurrencia de dos transferencias combinadas (“transferencias dobles”, de acuerdo con Cuxac (2000, p. 63), se marcó la ocurrencia en las dos filas correspondientes a cada uno de los tipos. No se destinó una línea para anotar las señas léxicas (como sí podría haberse hecho en otros análisis, cf. Val (2023)) porque, como se mencionó, no hay ninguna ocurrencia en este cuento en particular.

Figura 9: detalle de la línea de tiempo dispuesta en Kdenlive para marcar las ocurrencias de transferencias en el cuento



Fuente: Original del autor

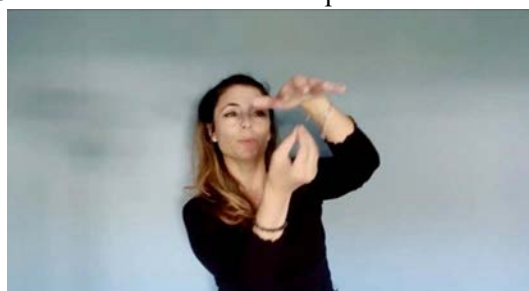
7.3. Análisis de las transferencias y de su montaje

El fragmento analizado se compone de quince transferencias, que pueden clasificarse dentro de los tres tipos básicos (“estructuras mínimas”) definidos por Cuxac (2000). En algunas partes (que serán señaladas), la narradora combina dos tipos (TP y TS), realizando transferencias dobles.

A continuación se muestran las transferencias usadas en esa primera parte, con sus descripciones correspondientes.

La primera transferencia (figura 10) es una TS que muestra una semilla de diente de león cayendo suavemente; la narradora usa ambas manos en configuraciones manuales que reproducen las características físicas del objeto representado (la semilla, en su mano derecha, las fibras que actúan como paracaídas, en su mano izquierda). Ambas manos se mueven juntas, oscilando de izquierda a derecha y descendiendo suavemente. Puede acotarse que la estructura no coincide exactamente con la descrita por Cuxac (2000) para la LSF, que consiste en escenificar un actante (realizado con la mano dominante) y un locativo estable (con la mano no dominante), sino que se muestra un actante complejo que involucra la participación de ambas manos. Como se señaló más arriba, estas diferencias entre las estructuras de la LSF y de la LSU ya fueron constatadas previamente (Val, 2018). De todas formas, se entiende que se trata de una TS, aunque no se ajuste estrictamente a la descripción que da Cuxac (2000), porque muestra el objeto en su totalidad y porque el elemento principal que se muestra es el desplazamiento de ese objeto.

Figura 10: transferencia situacional que muestra semilla cayendo



Fuente: Romero (2024)

Las siguientes transferencias son tres TTF que funcionan en grupo y que están orientadas a representar una planta de diente de león mediante la representación de tres partes constitutivas: el tallo, las hojas y la flor.

Figura 11: tres TTF que representan tres partes de una planta de diente de león: el tallo (izq.), las hojas (derecha) y la flor (abajo).

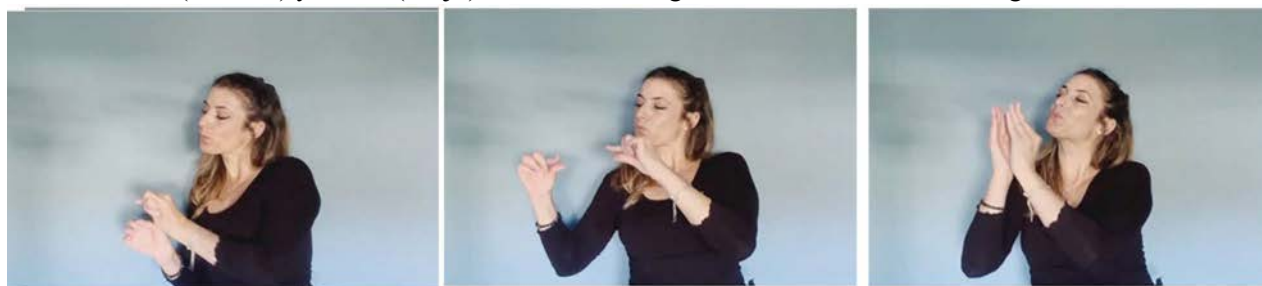


Fuente: Romero (2024)

La narradora ejecuta tres TTF articuladas entre sí, que trabajan en conjunto: la primera (arriba, izq.) describe el tallo, la segunda (arriba, der.) describe las hojas y la tercera (abajo) describe la parte superior con la flor. Las TTF se ubican a la derecha de cuadro, estableciendo el lugar donde va a estar esa planta, que más adelante será un personaje. Aunque excede la presente discusión, cabe mencionar también que estas tres TTF concuerdan entre sí constituyendo un diagrama peirceano. Una exposición más detallada sobre los diagramas y su funcionamiento en la LSU puede encontrarse en Val (2023, 2024).

De forma análoga a la construcción anterior, en las siguientes tres transferencias (figura 12), la narradora usa TTFs para situar la segunda planta de diente de león, esta vez a la izquierda del cuadro, representando el tallo, las hojas y la flor.

Figura 12: tres TTF que representan tres partes de una planta de diente de león: el tallo (izq.), las hojas (derecha) y la flor (abajo), de forma análoga a como se muestra en la figura 11.



Fuente: Romero (2024)

Una vez ubicadas las plantas a ambos lados del encuadre, la narradora vuelve a realizar una transferencia situacional (figura 13) en la que muestra la semilla cayendo, de forma análoga a como se mostró en la primera transferencia (figura 10).

Figura 13: transferencia situacional que muestra una semilla cayendo, análoga a la usada en la figura 10.



Fuente: Romero (2024)

Es importante señalar que las ubicaciones que la narradora elige para cada una de las transferencias no son triviales, sino que están orientadas a asignar las posiciones que los personajes tendrían durante el resto de la narración: la primera planta (figura 11), a la derecha; la segunda planta (figura 12), a la izquierda; y la semilla (figura 13), en el centro, quedando así entre las dos plantas.

Lo mismo ocurre con la siguiente transferencia (figura 14), cuando la narradora usa una TTF para ubicar el césped, en la parte baja del encuadre: con esta transferencia se terminan de establecer las ubicaciones relativas de los personajes: la semilla (ubicada arriba en la figura 13) cae sobre el césped (que está abajo). Una vez ubicado el césped, la narradora vuelve a representar la semilla (figura 15) con una TS, que en base a la nueva información se interpreta como cayendo sobre el césped representado en la figura 14.

Figura 14: TTF que representa el césped sobre el que caerá la semilla



Fuente: Romero (2024)

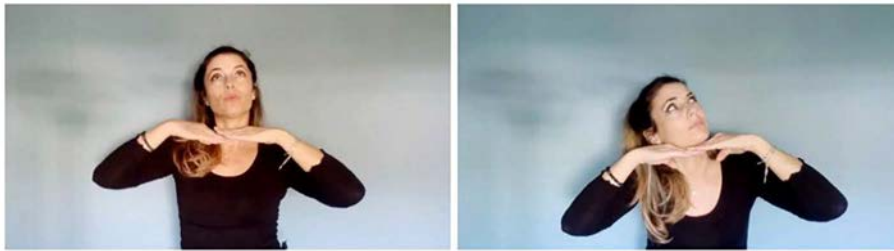
Figura 15: TS que representa a la semilla cayendo



Fuente: Romero (2024)

La siguiente transferencia (figura 16) es algo más compleja, ya que, por una parte, combina dos tipos de transferencias ejecutadas por distintas partes del cuerpo: por una parte, una transferencia personal, realizada por la cara y los hombros, en la que se representa a la semilla que cae; por otra, una transferencia situacional, realizada por las manos, en las que estas representan el suelo hacia el cual se dirige la semilla. Ambas transferencias se encuentran trabadas entre sí, de manera que la distancia entre las manos (el suelo) y la cara (la semilla) debe interpretarse como análoga a la distancia entre el suelo y la semilla en el cuento; es decir, el hecho de que la narradora vaya acercando lentamente las manos a la cara con un movimiento descendente se interpreta como que la semilla va acercándose lentamente hacia el suelo hasta alcanzar una posición de reposo (cuando la cara queda apoyada sobre las manos).

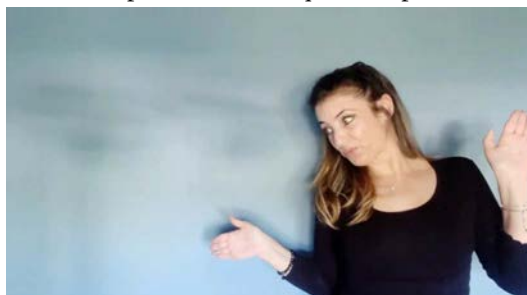
Figura 16: TP y TS que, juntas, representan a la semilla cayendo sobre el suelo



Fuente: Romero (2024)

Algunos elementos de la transferencia doble de la figura 16 están orientados a establecer una continuidad, mediante montaje cinematográfico, con las transferencias que le anteceden y que le suceden, contribuyendo a que el espectador construya un espacio coherente donde los distintos personajes interactúan. En relación a la transferencia situacional previa (figura 15) se establece una continuidad que tiene que ver con las relaciones rítmicas (Bordwell; Thompson, 1995, p. 250), que ya fueron explicadas más arriba: el movimiento de las manos que representan la semilla en la transferencia situacional de la figura 15 es igual (en trayectoria y en velocidad) al movimiento de la cabeza y de los hombros cuando representa a la misma semilla en la transferencia personal de la figura 16. Esto ayuda a que interpretemos ambas transferencias como referidas al mismo personaje (la semilla), porque hay continuidad en el movimiento entre una transferencia y la otra. En la parte final de la transferencia doble, en que la narradora mira hacia la derecha del cuadro (figura 16, derecha), la dirección de la mirada también está determinada teniendo en cuenta el montaje cinematográfico, pero no con la transferencia anterior, sino con la siguiente (figura 17), en la que la misma narradora representa una de las plantas que fueron introducidas al comienzo de la narración (figura 11).

Figura 17: transferencia personal en la que se representa una de las plantas



Fuente: Romero (2024)

Para realizar esta transferencia personal, la narradora se desplaza hacia la derecha del cuadro, coincidiendo con la ubicación en la que se habían situado las TTF con las que se describió a esa planta (figura 11), lo que permite asociar al personaje de la figura 17 con esa descripción. La dirección de la mirada, hacia la izquierda y abajo, lleva a vincular esta transferencia con el final de la TP de la figura 16, en la que la narradora representaba a la semilla que miraba a la derecha y arriba. Considerando en conjunto ambas transferencias, podemos decir que la narradora está aplicando la regla del eje al

determinar la dirección de la mirada de los personajes representados: la semilla (figura 16) mira hacia la derecha, mientras que la planta (figura 17) mira hacia la izquierda; por lo tanto, la semilla y la planta están mirándose.

Algo similar ocurre con la siguiente TP (figura 18) en la que la narradora, moviéndose hacia la izquierda del cuadro, representa a la otra planta, que también fue descrita en una de las TTF realizadas al comienzo de la narración (figura 12): la dirección de la mirada (hacia la derecha) es coherente con la forma en la que los personajes fueron ubicados usando varias herramientas distintas a lo largo de la narración, por lo que los espectadores inferimos que, al mirar hacia la derecha y hacia abajo, la planta está mirando a la semilla de la figura 16.

Figura 18: transferencia personal que representa a la otra planta



Fuente: Romero (2024)

La siguiente transferencia (figura 19) es la más compleja de toda la narración. Se trata de una transferencia doble análoga a la de la figura 16 (es decir, una TP que representa a la semilla, sumada a una TS que representa al suelo en relación a la semilla) pero que involucra movimientos más elaborados para narrar como la semilla se hunde en la tierra y germina para transformarse en una planta.

Figura 19: transferencia doble análoga a la de la figura 16 en la que la semilla germina y crece



Fuente: Romero (2024)

La narradora comienza mirando a derecha y a izquierda, que por regla del eje se interpreta como que está mirando a las plantas representadas previamente en la figura 17 y en la figura 18. Luego baja la cabeza hasta que esta queda debajo de las manos; como las manos, en este contexto, refieren al suelo, por coherencia con la figura 16 y con el pasto representado en la figura 14, este movimiento debe interpretarse como que la semilla (representada por la cabeza) se está hundiendo en la tierra (representada por las manos). En la parte final de la transferencia, la narradora cambia la configuración manual de su mano izquierda (su mano dominante, porque es zurda) de una forma plana a una forma alargada. A partir de este momento, la TS que integraba la transferencia doble (junto a la TP) cambia su referencia, porque las manos ya no representan el suelo, como ocurría al comienzo de esta transferencia y en la de la figura 16, sino que pasa a tener una estructura idéntica a la descrita por Cuxac (2000), con la mano dominante representando al actante principal (en este caso, la planta que crece) y la mano no dominante representando a un locativo estable respecto del cual ese actante se desplaza (en este caso, el suelo). La cara, por su parte, continúa ejecutando una TP (representando a la semilla) y realiza un movimiento ascendente sincronizando con el movimiento ascendente de la mano, enfatizando la asociación entre ambas transferencias.

Por último, la narradora realiza una TP en la que representa la planta ya crecida, como culminación de la situación descrita en la transferencia anterior (figura 19)

Figura 20: transferencia personal



Fuente: Romero (2024)

7.4. Conclusiones

La ubicación de las manos, del cuerpo y de la mirada de la narradora en las transferencias son fundamentales para que la narración sea interpretada correctamente, porque son la forma que tiene la narradora dar elementos (de construir un argumento) para que los espectadores organicen mentalmente el espacio donde se desarrolla la historia y donde se desenvuelven los personajes.

En esa línea, algo que suele ocurrir, no solo en las narraciones en LSU sino también en el cine, es que las primeras imágenes se destinen a situar a los personajes para darnos una idea de sus ubicaciones relativas. En LSU en particular, también se usan herramientas especializadas para la descripción de objetos (las TTF) para introducir las características físicas de los personajes, algo que es cine no es necesario porque alcanza con simplemente mostrar la imagen, pero que en LSU sí debe usarse para que sepamos qué tipos de objetos o de personajes están siendo representados.

La primera transferencia (figura 10) muestra algo cayendo en el centro del cuadro. Aunque todavía no sabemos qué tipo de objeto es ni dónde está cayendo, por la forma de las manos podemos inferir que se trata de algo pequeño o puntual (los dedos de la mano dominante están cerrados tocándose en las puntas), sostenido por algo amplio (los dedos de la mano no dominante están arriba, con la mano abierta) que funciona como paracaídas.

En los apartados siguientes (figuras 11 y 12), la narradora ubica dos plantas de dientes de león, representando mediante TTF tres partes constitutivas: el tallo, las hojas y la flor. En cada caso, las tres transferencias están realizadas como un “diagrama” (Val, 2023, 2024), de manera de que se interpreten como constitutivas de un mismo objeto. Cada conjunto de TTF (cada planta) es situado por la narradora a un lado distinto del cuadro, estableciendo la ubicación en la que esos personajes estarán durante el resto de la narración: semilla en el centro, y plantas a los lados.

Figura 21: extractos de tres transferencias realizadas en distintas partes de la narración donde se ubica a los personajes



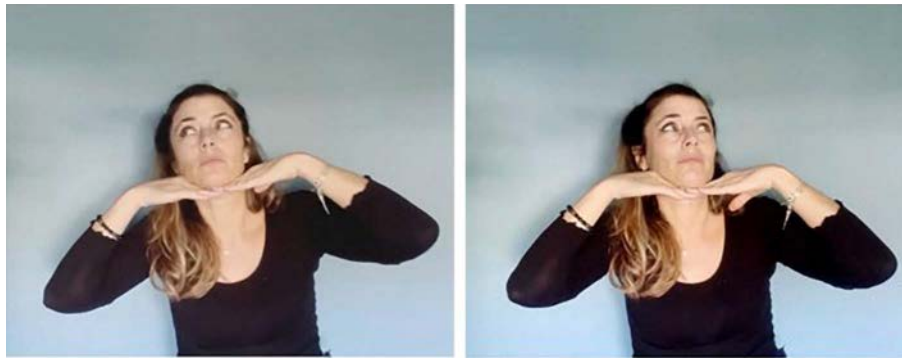
Fuente: Romero (2024)

Si se tratara de signos arbitrarios, la narradora podría hacerlos todos en el espacio señante ubicado directamente frente de ella, pero como está teniendo en cuenta las ubicaciones relativas de los objetos entre sí, la locación de cada seña se hace coincidir con la de los personajes, porque se trata de situar a los personajes en un espacio narrativo (diegético) que excede a cada personaje particular.

Algunos parámetros (especialmente las ubicaciones las direcciones de las miradas) de las transferencias personales con las que luego representa a los tres personajes respetan esta disposición espacial de acuerdo con la regla de los 180° usada en cine.

Figura 22: extractos de las transferencias presentadas previamente dando cuenta de cómo la dirección de las miradas utiliza la regla del eje para construir continuidad espacial





Fuente: Romero (2024)

El análisis presentado en las páginas precedentes muestra que las transferencias propuestas por Cuxac (2000) funcionan, en algunos contextos, de forma similar a planos cinematográficos, en el sentido de que están orientados más a presentar o a mostrar elementos o personajes que a expresar ideas codificadas de forma arbitraria. En consonancia con eso, estas transferencias pueden ser (y son) articuladas entre sí de acuerdo con reglas que son propias de un lenguaje visual (el lenguaje cinematográfico) y que difieren considerablemente de las reglas sintácticas que rigen la mayoría de las construcciones en lenguas orales y aquellas que usan señas léxicas en lenguas de señas.

Referencias

- BAUMAN, H. Dirksen. Redesigning literature: the cinematic poetics of American Sign Language. *Sign language studies*, v. 4, n. 1, pp. 34-47, 2003.
- BÉBIAN, Auguste. *Mimographie, ou essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langage des sourds-muets*. París: Louis Colas, 1825.
- BLOCH, Bernard; TRAGER, George. *Outline of linguistic analysis*. Baltimore: Linguistic Society of America, 1942.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Londres: George Allen & Unwin, 1933.
- BORDWELL, David. *La narración en el cine de ficción*. Barcelona: Paidós, 1996.
- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristen. *El arte cinematográfico*. Barcelona: Paidós, 1995.
- BORDWELL, David; STAIGER, Janet; THOMPSON, Kristin. *El cine clásico de Hollywood. Estilo cinematográfico y modo de producción hasta 1960*. Barcelona: Paidós, 1997.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1965.
- COGILL-KOEZ, Dorothea. A model of signed language 'classifier predicates' as templated visual representation. *Sign Language & Linguistics*, v. 3, n. 2, pp. 209-236, 2000.

- CUXAC, Christian. La langue des signes française. Les voies de l'iconicité. *Faits de langues. Revue de linguistique*, n. 15-16, 2000.
- DE JORIO, Andrea. *La mimica degli antichi investigata nel gestire napoletano*. Nápoles: Dalla stamperia e cartiera del fibreno, 1832.
- DÉGERANDO, Joseph-Marie. *Des signes et de l'art de penser considérés dans leurs rapports mutuels*. París: Goujon fils, 1800.
- DEMATTEO, Asa. Analogue Grammar in the American Sign Language. En: BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY. *Proceedings of the 2nd Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: University of California, 1976, pp. 149-157.
- ELAN (Version 7.0) [Computer software]. *Nijmegen*: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. 2025. Retrieved from <https://archive.mpi.nl/tla/elan>
- EMMOREY, Karen. *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Nueva Jersey: Lawrence Erlbaum, 2013.
- FRIEDMAN, Lynn (ed.). *On the Other Hand: New Perspectives on American Sign Language*. Nueva York: Academic Press, 1977, pp. 109-136.
- FRISHBERG, Nancy. Arbitrariness and iconicity: Historical Change in American Sign Language. *Language*, v. 51, n. 3 (set.), pp. 696-719, 1975.
- FUSELLIER-SOUZA, Ivani. *Sémiogenèse des langues des signes. Étude de langues des signes émergentes (LS ÉMG) pratiquée par des sourds brésiliens*. Tesis de doctorado - Docteur de l'Université Paris 8, Discipline: Sciences du langage, 2004.
- GIVÓN, Talmy. Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. En: HAIMAN, John (ed.). *Iconicity in syntax*. Ámsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, pp. 187-220, 1985.
- GIVÓN, Talmy. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. *Studies in Language*, v. 15, n. 1, pp. 85-114, 1991.
- HAIMAN, John. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. *Language*, v. 56, n. 3, pp. 515-540, 1980.
- HAIMAN, John. Iconic and economic motivation. *Language*, v. 59, n. 4, pp. 781-819, 1983.
- INDIANA JONES and the last crusade. Producción de Robert Watts. Estados Unidos: LUCASFILMS, 1989.
- JAKOBSON, Roman. A few remarks on Peirce. Pathfinder in the science of language. *MLN*, v. 92, n. 5, pp. 1026-1032, 1977.
- KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- KONIGSBERG, Ira. *Diccionario técnico Akal de cine*. Madrid: Ediciones Akal, 2004.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago/ Londres: The University of Chicago Press, 1987.

Ejemplos de montaje cinematográfico en la lengua de señas uruguaya

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago, 1980.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar. Volume I. Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

L'ÉPÉE, Michel de. *Institution des sourds-muets par la voie des signes méthodiques*. Ouvrage que contient le Projet d'une Langue Universelle, par l'entremise des Signes naturels assujettis à une Méthode. Paris: Nyon, 1776.

LIDDELL, Scott. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MACKEN, Elizabeth; PERRY, John; HAAS, Cathy. American Sign Language & Heterogeneous Communication Systems. *Sign language studies*, v. 89, winter, pp. 363-413, 1995.

MALLERY, Garrick. *Introduction to the study of sign language among the North American Indians*. Washington: Government Printing Office, 1880.

MARDELLE, Jean-Baptiste; PINON, Vincent; CARION, Nicolas; EUGSTER, Simon. Kdenlive. Versión 24.12.1. 29 ene. 2025. Disponible en <http://www.kdenlive.org>. Acceso en: 23 feb. 2025.

PERNISS, Pamela. *Space and iconicity in German Sign Language (DGS)*. Tesis de doctorado - Universidad Radboud de Nimega, 2007.

PIMENTA DE CASTRO, Nelson. *A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais*. Tesis de maestría - Mestre em Estudos da Tradução - Universidad Federal de Santa Catarina, 2012.

ROMERO, Carina. Cuento el diente de León Lengua de Señas Uruguay. Youtube, 22 nov. 2024. Disponible en: www.youtube.com/@carinaromerobacigalupo7237. Acceso en: 10 mar. 2025.

SACKS, Oliver. *Seeing voices. A journey into the world of the Deaf*. Nueva York: Harper Perennial, 1990.

SALLANDRE, Marie-Anne. *Les unités du discours en langue des signes française*. Tesis de doctorado - Docteur de l'Université Paris 8, Discipline: Sciences du langage, 2003.

SAPIR, Edward. *Language: An introduction to the study of speech*. Nueva York: Harcourt Brace, 1921.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística general*. Buenos Aires: Losada, 1945.

STOKOE, William. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf. *Studies in Linguistics Occasional Papers*, n. 8. Nueva York: Universidad de Buffalo, 1960.

SUPALLA, Ted Roland. *Structure and acquisition of verbs of motion and location y American Sign Language*. Tesis de doctorado - Doctor of Philosophy in Psychology - University of California, San Diego, 1982.

SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. En: CRAIG, Colette (ed.). *Noun classes and categorization* (Proceedings of a symposium on categorization and noun classification, Eugene, Oregon, October 1983). Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 1986, pp. 181-214.

TAUB, Sarah. *Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TRAGER, George. Paralanguage: a first approximation. *Studies in linguistics*, v. 13, n. 1-2, pp. 1-12, 1958.

TRAGER, George; SMITH, Henry Lee. *An outline of English structure*. Washington: American Council of Learned Societies, 1957.

TYLOR, Edward B. *Researches into the early history of mankind and the development of civilization*. Londres: John Murray, 1870.

VAL, Santiago. *Iconicidad y discurso*. Análisis de narraciones en lengua de señas uruguaya desde una perspectiva cinematográfica. Montevideo: Área de Estudios Sordos, 2018.

VAL, Santiago. *Símbolos, íconos e índices*. La lengua de señas uruguaya desde la semiótica de Peirce. Tesis de doctorado - Doctorado en Lingüística - Universidad de la República, 2023.

VAL, Santiago. El signo peirceno y su potencial para el análisis lingüístico de las lenguas señadas: los clasificadores y los diagramas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 32, n. 2, pp. 425-448, 2024.

WEST, La Mont. *The sign language, an analysis. Volume I*. Tesis de doctorado – Department of Anthropology – Indiana University, 1960.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, pp. 119-147, 2004.

A DIMENSÃO CULTURAL NA AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA: CONTRIBUIÇÕES DA SEMÂNTICA TRANSCULTURAL PARA O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

*THE CULTURAL DIMENSION IN SECOND LANGUAGE ACQUISITION: CONTRIBUTIONS OF TRANSCULTURAL
SEMANTICS TO FOREIGN LANGUAGE TEACHING*

Mariana Souza Santos¹

Wellington Mendes Junior²

RESUMO

O estudo dos aspectos semânticos das palavras evoluiu significativamente desde o século XIX, com interesse crescente em entender como os significados variam entre culturas. A semântica transcultural analisa essas variações e como elas influenciam a comunicação. No aprendizado de uma segunda língua (L2), a imersão cultural e a exposição ao contexto social da língua-alvo são variáveis cruciais no processo de aquisição de uma língua estrangeira. Teorias de aquisição de L2 destacam a importância do contexto cultural no processo de aquisição para a diminuição da distância social em relação à língua-alvo, distância essa que pode comprometer o processo de aprendizado. Este ensaio discute esses conceitos e propõe estratégias para melhorar a aprendizagem de uma dada L2, especialmente em ambientes artificiais como a sala de aula, enfatizando a necessidade de se incorporar aspectos culturais ao ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Cultura. Significado. Segunda língua.

ABSTRACT

The study of the semantic aspects of words has evolved significantly since the 19th century, with growing interest in understanding how meanings vary across cultures. Cross-cultural semantics analyzes these variations and their influence on communication. In second language learning, cultural immersion and exposure to the social context of the target language are crucial variables in the acquisition process. L2 acquisition theories highlight the importance of cultural context in reducing social distance from the target language, a factor that can hinder the learning process. This theoretical essay discusses these concepts and proposes strategies to enhance L2 learning, particularly in artificial environments such as classrooms, emphasizing the need to incorporate cultural aspects into teaching.

KEYWORDS: Teaching. Culture. Meaning. Second language.

1. Introdução

De acordo com Della Méa e Barin (2004), com o objetivo de explorar os aspectos semânticos das palavras, houve, na primeira metade do século XIX, um movimento em direção à constituição de uma ciência do significado. No entanto, à época, os estudos linguísticos estavam majoritariamente concentrados nas transformações fonéticas e gramaticais. As autoras destacam ainda que o interesse

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), marianasantos2021@ufu.br, <https://orcid.org/0000-0003-3615-4514>.

² Universidade Federal de Uberlândia (UFU), wellington.mendes@ufu.br, <https://orcid.org/0000-0002-1459-4183>.

pelo significado linguístico emergiu com maior força durante o Romantismo, impulsionado tanto pela polissemia das palavras quanto pelo fascínio exercido pelo vocabulário exótico e arcaico daquele período. Para Marques (1990), a semântica tem enfrentado sérias dificuldades como campo de investigação linguística. Dificuldades essas atribuídas, segundo a autora, à rápida e intensa evolução teórica da linguística nos últimos cinquenta anos.

O valor dos signos tem sido um tema central nos estudos linguísticos, abordado sob diferentes perspectivas teóricas, desde o estruturalismo inaugurado por Saussure até as abordagens funcionalistas desenvolvidas a partir da década de 1960. Tal fato fez com que a linguística não desse conta de lidar com a semântica com o mesmo rigor aplicado à morfologia, fonologia e sintaxe. É fato que a comunicação se dá por meio da palavra e de suas significações. Em *O signo*, Epstein (1987) afirma que não seria possível haver comunicação caso os signos linguísticos não existissem, uma vez que são os signos que veiculam significado. Em *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2021) apresenta o signo linguístico como uma moeda de duas faces interdependentes. A obra atribuída a Saussure apresenta a renomada dicotomia entre *significado* e *significante*, onde o primeiro se refere ao conceito ao passo que o segundo refere-se à imagem acústica. Desse modo, a combinação do significado com o significante forma o signo linguístico, que é caracterizado por Saussure como uma entidade psíquica. Ademais, o autor afirma ainda que ambos são indissociáveis, ou seja, não há conceito sem imagem acústica e também não há imagem acústica sem conceito uma vez que o valor atribuído ao signo resulta da interação mútua entre significado e significante. Partindo desse pressuposto é possível afirmar que o valor e a conceitualização linguística atribuídos aos signos serão construídos a partir do contexto no qual o usuário está inserido. Atribuir valor a um signo sem qualquer tipo de informação contextual pode acarretar sérios problemas de comunicação. Caso o façamos, como interpretaríamos a seguinte frase: “Aquele rapaz com quem eu discuti é uma cobra”. O significado da palavra cobra, na frase anterior, quando retirada do contexto, seria o mesmo? O valor atribuído ao termo cobra, inserido no contexto acima, nos remete a alguém que não se pode confiar, e não ao réptil em si. Como esse valor foi atribuído a essa palavra? A palavra “cobra” possui essa mesma conotação em outras línguas? A conceitualização linguística é universal ou relativa? Pensando em um cenário de aprendizagem de língua estrangeira, como aprendizes de segunda língua (doravante L2) atribuem valor aos signos que não estão presentes em sua comunidade linguística?

A Teoria dos Sistemas Dinâmicos e Complexos, aplicada a aquisição de L2 por Larsen-Freeman (1997), postula que o desenvolvimento linguístico é *bottom-up*, ou seja, parte da experiência concreta e interações externas para a construção interna do conhecimento linguístico. A partir dessa perspectiva, a aquisição de L2 ocorre por meio das interações do indivíduo com a sua comunidade de fala, ou seja, o desenvolvimento do conhecimento linguístico ocorre por meio da experiência do indivíduo com a língua-alvo. O sistema linguístico de um indivíduo é moldado pelo contexto social em que ele se encontra. O ambiente cultural e social do indivíduo possui papel decisivo na formação da estrutura do sistema (Jessner, 2008). Portanto, o aprendizado de uma língua estrangeira possui caráter individual,

pois perpassa o usuário e suas necessidades, mas é, ao mesmo, também social, pois é por meio das interações do indivíduo com o mundo que ele processa as conceitualizações linguísticas e os seus respectivos valores semânticos na sua comunidade de fala.

Consequentemente, este trabalho se caracteriza como um ensaio teórico cujo objetivo principal é refletir e discutir acerca do processo de aquisição de línguas estrangeiras por meio dos postulados da linguística cognitiva. A metodologia adotada baseia-se em uma análise qualitativa de textos teóricos relevantes à temática em questão. Este ensaio está dividido em três seções: na primeira, são apresentados o objeto de estudo e suas delimitações; na segunda, apresentamos conceitos da semântica transcultural pertinentes a temática; na terceira, refletimos sobre as contribuições da linguística cognitiva para os estudos sobre aquisição de língua estrangeira e, por fim, apresentamos a conclusão.

2. A semântica transcultural

A semântica é a ciência que estuda o significado das palavras e das construções, bem como a forma como elas se relacionam entre si. No entanto, há um ramo que lida com como esses significados podem variar ou permanecer inalterados entre as culturas: a semântica transcultural. De acordo com Underhill (2011), a semântica transcultural é um campo de estudo que analisa como significados são compartilhados, interpretados e construídos entre diferentes culturas. A semântica transcultural tem como objetivo principal analisar como palavras, frases e símbolos são interpretados e o que representam em diferentes contextos culturais. Esse fato é evidenciado pela própria estrutura e etimologia da palavra “transcultural”, composta pelo prefixo latino *trans-* (além de) e o radical ‘cultural’, indicando a ideia de atravessamento ou superação de fronteiras culturais. Portanto, o termo “transcultural” descreve algo que está além de uma única cultura, ou seja, abrange múltiplas culturas. Desse modo, a semântica transcultural investiga como os significados das palavras e símbolos variam ou permanecem consistentes entre diferentes grupos. A semântica transcultural examina essas diferenças e similaridades, ajudando a compreender como os processos de comunicação e interpretação ocorrem em um contexto global diversificado. Tomemos, como exemplo, o valor linguístico atribuído à palavra ‘família’ em três idiomas: inglês, português brasileiro e espanhol. Observe o quadro 1, abaixo.

Quadro 1: Definição da palavra “família”.

Idioma	Termo	Definição
Português	<i>Família</i>	Grupo de pessoas que partilha ou que já partilhou a mesma casa; normalmente estas pessoas possuem relações entre si de parentesco, de ancestralidade ou de afetividade.
Inglês	<i>Family</i>	A group of people who are related to each other, such as a mother, a father, and their children.
Espanhol	<i>Familia</i>	Grupo de personas vinculadas por relaciones de matrimonio, parentesco, convivencia o afinidad.

Fonte: Elaboração dos autores.

O quadro 1 ilustra que, embora sejam utilizados termos diferentes, o conceito de família nas três línguas descreve relações afetivas entre pessoas que compartilham algum tipo de vínculo, seja sanguíneo ou não. No entanto, seria possível afirmar que a palavra “família” possui a mesma conceitualização linguística nas três línguas?

Delbecque (2008) afirma que a conceitualização linguística (ou seja, o significado) pode variar em diferentes índices de uma cultura para outra. O significado é construído a partir de nós enquanto seres sociais inseridos em comunidades linguísticas distintas. Em *Padrões Sociolinguísticos*, Labov (1973) afirma, baseado em estudos empíricos, que a língua é sistemática e heterogênea. Como consequência, o contexto no qual o usuário está inserido impacta diretamente no valor que ele atribui aos signos linguísticos. Portanto, considerando que cada indivíduo possui suas particularidades em relação à língua, assim como as diversidades culturais no contexto social que cada um desses indivíduos está inserido, é impossível que se conceba a língua como uma entidade homogênea. Delbecque afirma ainda que essa variação de significado pode ser verificada em todos os níveis: no nível morfológico, lexical, fonológico e também no sintático. Um exemplo de como a conceitualização linguística pode variar entre culturas pode ser atestado na interpretação das cores. Na cultura ocidental, o branco, muitas vezes, é associado à pureza, inocência e paz. Vestidos de noivas são tradicionalmente brancos, simbolizando pureza e um novo começo. Também é comum usar a cor branca em ambientes como hospitais, onde a cor está associada à limpeza e esterilidade. Por outro lado, em algumas culturas orientais, como a da China e do Japão, a cor branca pode ser associada ao luto e à morte, ao invés de pureza. Durante funerais, nessas culturas, é comum que os parentes mais próximos se vistam de branco, enquanto na cultura ocidental o preto é a cor predominante para simbolizar o luto. Tal exemplo ilustra como o valor atribuído a uma mesma cor pode variar entre os usuários de diferentes culturas. Na semântica transcultural, estudar essas variações e entender como elas influenciam a interpretação e comunicação é essencial para uma compreensão mais profunda da diversidade cultural. Em vista disso, consideremos a seguinte reflexão: qual o papel desempenhado por essas diferentes conceitualizações linguísticas no processo de aprendizado de uma L2?

A fim de melhor compreender a variação de conceitos linguísticos presentes entre as línguas, Delbecque (2008) nos apresenta duas teorias que se opõem entre si: a teoria da relatividade linguística e a teoria do universalismo. A teoria da relatividade linguística postula que a relação que mantemos com o mundo é modulada pela língua e pela cultura. Portanto, as categorias conceituais da comunidade linguística são influenciadas pelo modo como vemos e pensamos. A teoria da relatividade pode ser ilustrada por meio de observações feitas por dois antropólogos russos (Shirokogoroff, 1935; Hollowell, 1940) acerca dos povos Sami. Os Sami são os habitantes originais da região norte dos países nórdicos que hoje se encontram espalhados em quatro países: Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia. Os pesquisadores atestaram que uma tribo localizada ao norte da Noruega possuía um vocabulário muito mais robusto, quando comparados a outras comunidades linguísticas, para descrever elementos que faziam parte do ambiente em que viviam. Os Sami possuíam diversos itens lexicais para as diferentes

espécies de renas, 20 palavras para os tipos de gelo, 11 para o tipo de frio e 41 para os tipos de neve. Essa mesma variedade lexical para descrever os mesmos elementos pode ser observada no Português Brasileiro? Distinções entre diferentes tipos de gelo, neve e rena podem parecer irrelevantes no contexto cultural brasileiro. No entanto, para os povos Sami, tais diferenciações são essenciais, pois fazem parte de uma visão de mundo moldada por sua interação com o ambiente. Como consequência, os povos Sami resistem em preservar sua língua, considerando outras, como o norueguês, incapazes de expressar com precisão aspectos fundamentais de seu modo de vida. Isso corrobora a ideia de Humboldt (2006b) de que cada língua carrega uma visão única de mundo. Enquanto a língua Sami torna inteligíveis distinções cruciais entre tipos de neve, gelo e renas, essas mesmas distinções nos parecem desnecessárias ou mesmo incompreensíveis em nosso contexto cultural. Whorf (1956), resume a premissa básica da teoria da relatividade linguística ao afirmar que nós fazemos parte de um contrato implícito e silencioso que obriga toda a comunidade linguística a aderir à organização e classificação de uma língua como ela é.

Por outro lado, a teoria do universalismo, que se opõe à teoria da relatividade, postula que o espírito humano é inato, e que o pensamento humano é fundamentalmente o mesmo, independentemente da sua língua e cultura. Se levada ao extremo, a teoria do universalismo assume que as categorias conceituais nas inúmeras línguas do mundo apresentariam categorias conceituais compartilhadas ou universais.

A fim de preconizar uma solução para o embate entre as duas teorias, que Delbecque (2008) descreve como irreconciliáveis, a autora afirma que é necessária uma via intermediária. A maior parte das categorias conceituais parece, de fato, estar inscrita em uma dada língua e cultura, como postula a teoria da relatividade linguística. No entanto, há um pequeno número de categorias conceituais que são encontradas em todas as línguas e em todas as culturas, como postula a teoria do universalismo. A esse pequeno número de conceitos que podem ser encontrados em todas as línguas do mundo, dá-se o nome de “primitivos semânticos”. Um primitivo semântico possui significado evidente e claro. Não há como descrever um primitivo semântico por meio de conceitos mais simples do que os que eles já possuem. Atualmente, admite-se a existência de 60 primitivos semânticos, dentre os quais encontram-se entidades, determinantes, conceitos espaciais e outros. A literatura descreve os primitivos semânticos como átomos devido a sua capacidade de construir centenas de milhares de outros sentidos complexos. No entanto, a maior parte das conceitualizações linguísticas parece estar, de fato, intrinsecamente relacionada ao contexto no qual o usuário de determinada língua está inserido. Tal fato pode ser associado ao quão complexa e problemática pode ser a aquisição de uma língua estrangeira. Isso porque aprender uma determinada palavra na língua-alvo também significa aprender o valor atribuído a ela naquela comunidade linguística. De acordo com Locke (1690), há em todas as línguas do mundo, um número de palavras sem equivalência direta em outras línguas. Ainda segundo o autor, isso se deve ao costumes e formas específicas de viver do povo falante daquela língua. Essas palavras culturalmente específicas possuem significados mais complexos que refletem experiências históricas e culturais da comunidade linguística.

Desse modo, a partir dos postulados aqui apresentados, alguns questionamentos se mostram pertinentes. Levando em consideração a importância do aspecto social na aquisição de uma língua, como aprendizes brasileiros de L2, especialmente inglês e espanhol, que estão incorporados no currículo escolar, processam o aspecto cultural da língua-alvo em sua interlíngua? Como as conceitualizações linguísticas da língua-alvo são adquiridas uma vez que esses aprendizes não estão fisicamente inseridos na comunidade linguística? Por fim, como os professores de língua estrangeira podem contribuir para a imersão cultural desses aprendizes para que o processo de aquisição seja facilitado? A seção a seguir apresenta como a linguística cognitiva pode contribuir para o aperfeiçoamento dos modelos de aquisição de segunda língua.

3. Contribuições da Linguística Cognitiva para a aquisição de segunda língua

O estudo sistemático da aquisição de L2 ganhou força a partir da segunda metade do século XX (Gass, 1988). Nas últimas décadas, muitas pessoas têm buscado aprender uma segunda língua, seja como um passatempo ou como um meio de obter melhores oportunidades no âmbito profissional e também educacional. Portanto, há, na contemporaneidade, a necessidade de se saber mais a respeito de como ocorre a aquisição de uma segunda língua. Para Ellis (1997), o termo aquisição de L2 se refere ao modo como as pessoas aprendem uma língua que não seja sua língua materna, seja tal aprendizado dentro ou fora de uma sala de aula. Ainda segundo o autor, o termo também deve ser utilizado para se referir ao aprendizado de uma terceira ou quarta língua, por exemplo. A partir dos postulados presentes na obra de Ellis (1997), a aquisição de segunda língua é definida como o estudo do processo de aprendizado de uma língua que seja subsequente à língua materna. Autores como Ellis (1997) e Gass (1988) usam de maneira intercambiável os termos aquisição e aprendizagem de L2 para se referirem a esse processo. Por outro lado, Krashen (1981) faz distinção entre os termos. Segundo o autor, a aquisição é o resultado de um processo inconsciente, similar àquele que crianças passam ao adquirir a língua materna. A aquisição de uma L2 dentro de seus pressupostos requer, portanto, interação significativa do aprendiz com a língua-alvo. Por outro lado, Krashen afirma que o termo aprendizado se refere ao produto da instrução formal, resultante de um processo consciente onde o aprendiz é exposto a estruturas da língua como, por exemplo, regras gramaticais.

Dentro dessa distinção proposta por Krashen, o estudo de uma língua estrangeira em sala de aula se refere ao aprendizado de uma L2, ao passo que a exposição e interação constante do aprendiz com a língua-alvo em um ambiente natural, que segundo o autor ocorre de maneira inconsciente, se refere à aquisição de uma L2. Considerando que a maioria dos brasileiros que aprendem uma segunda língua o faz em ambientes artificiais, e que grande parte das inscrições linguísticas está intrinsecamente vinculada ao contexto sociocultural em que a língua é usada, surge um questionamento relevante: como os aprendizes brasileiros conseguem adquirir a língua-alvo de forma eficaz mesmo sem estarem inseridos em um ambiente natural?

As teorias sobre aquisição de segunda língua sempre reconheceram a importância dos fatores sociais no desenvolvimento da interlíngua do aprendiz. Ao descrever a aquisição da língua materna, Vygotsky (*apud* Min, 2006) afirma que as habilidades linguísticas se desenvolvem por meio de interações significativas do usuário com os membros de sua comunidade. O mesmo parece valer para a aquisição de L2. Um modelo que sempre se mostrou relevante em estudos de aquisição de segunda língua foi a teoria da aculturação proposta por Schumann (1986). Tal modelo é construído por meio da metáfora da distância social. De acordo com essa teoria, vários fatores psicológicos e sociais determinam até que ponto os aprendizes são capazes de se adaptar à cultura de uma língua e, como consequência, adquiri-la. Ellis (1997) afirma que um grande problema no desenvolvimento da interlíngua do aprendiz é a distância social. Essa distância se refere ao quão imerso na cultura da língua-alvo o aprendiz está. A distância entre o aprendiz e o contexto cultural da língua-alvo faz com que o indivíduo esteja exposto a baixos índices de *input* e, consequentemente, não seja um membro daquela comunidade linguística. Portanto, o ideal é que a distância social entre os aprendizes e a língua-alvo seja a menor possível. Um dos grandes desafios no ensino de línguas estrangeiras é fazer com que isso aconteça uma vez que esses aprendizes não estão inseridos em um ambiente natural de uso da língua, o que dificulta o processo de aquisição do valor semântico das estruturas linguísticas dentro da comunidade de fala onde elas são utilizadas.

Teorias de aquisição de segunda língua têm-se debruçado em entender o papel do *input* e do contexto social no desenvolvimento da interlíngua dos aprendizes. Dentre elas, destacam-se dois modelos: o nativista e o funcionalista. O modelo funcionalista, que concebemos como o mais pertinente, assume que o aprendizado de uma língua, seja a língua materna ou uma língua estrangeira, está relacionado com as conexões que os alunos estabelecem entre forma e significado. Nessa abordagem funcionalista, defendida por autores como Ellis (2007), o *input* tem papel fundamental na aquisição pois é a partir da exposição do aprendiz à língua-alvo, e consequentemente, a todas as informações de cunho social que ela carrega, que as generalizações são feitas e que a língua é adquirida. Essas generalizações dizem respeito à associação entre formas linguísticas específicas e seus significados em contextos determinados. Considerando a importância da imersão cultural no processo de aquisição de uma segunda língua (especialmente quando há poucos ou nenhum ponto de contato cultural entre as comunidades linguísticas da língua materna e da língua-alvo), e reconhecendo que a língua molda a forma como interagimos com o mundo, torna-se necessário refletir sobre um desafio central: como aprendizes inseridos em ambientes artificiais de aprendizagem conseguem atribuir valor linguístico a signos desvinculados de sua própria comunidade de fala?

Em *Metáforas da Vida Cotidiana* (Lakoff; Johnson, 1980), os autores discutem a relação intrínseca entre metáfora e cultura, destacando como os significados atribuídos às metáforas refletem e, ao mesmo tempo, moldam aspectos centrais da experiência cultural. Consequentemente, os valores linguísticos das metáforas não podem ser considerados independentes, pois a estrutura metafórica da maioria dos conceitos fundamentais de uma cultura é coerente com os valores culturais, ou seja, as

metáforas refletem as crenças e pressuposto de uma cultura. Há algumas implicações ao relacionarmos o conceito de metáfora e coerência cultural com o processo de aquisição de língua estrangeira. Isso se deve ao fato de que, dada a relação de dependência entre o valor das metáforas e a cultura, o aprendiz de uma nova língua precisa, em certa medida, reorganizar sua visão de mundo caso não compartilhe as mesmas crenças culturais. A simples aquisição de vocabulário, sem a devida contextualização, pode resultar em dificuldades na produção e compreensão da língua-alvo.

Ao discutir as características de um sistema cognitivo-cultural, Talmy (1995) introduz a noção de um *período crítico*, também denominado *período sensível*, no processo de aquisição cultural. Esse conceito refere-se a uma janela temporal específica, geralmente na infância, durante a qual os indivíduos internalizam profundamente os padrões culturais de seu grupo de origem. Segundo o autor, uma vez encerrado esse período, a exposição a uma segunda cultura tende a resultar em dificuldades na assimilação de novos esquemas culturais, mesmo quando há imersão prolongada. Ainda de acordo com o autor, uma solução para esse problema seria um maior índice de exposição aos fenômenos culturais em questão. Ademais, a fim de que esses novos padrões culturais estejam disponíveis, o autor sugere que devem ser oferecidas a esses indivíduos oportunidades de prática para que esses padrões sejam, de fato, adquiridos. Portanto, a aquisição de um novo padrão cultural deve permitir que o indivíduo reconheça seu uso por outros indivíduos e que ele mesmo esteja apto a responder de forma coerente.

No que diz respeito a aquisição de L2, essa solução também se mostra pertinente, visto que, muitas vezes, apesar de expostos à língua, os aprendizes apresentam dificuldades em utilizá-la. Propomos que a aquisição dos aspectos semânticos, fonológicos e dos demais componentes linguísticos tende a ser mais precisa quando vinculada a práticas sociais de uso da língua. Ademais, além de fazê-lo, é crucial que oportunidades de práticas sejam oferecidas a esses aprendizes a fim de que eles possam reconhecer o uso dessas estruturas e que eles possam responder a esse uso de modo adequado. Portanto, para que esse aprendiz seja capaz de compreender e produzir a língua-alvo de modo eficaz, é necessário que ele seja, mesmo em um ambiente artificial como a sala de aula, exposto a *input* de quantidade e qualidade adequados que permitam que, além de serem expostos à língua em si, eles também sejam expostos a todas as outras características que estão intrinsecamente relacionadas a ela, como por exemplo, o aspecto cultural que contribui diretamente para a atribuição de significado aos signos linguísticos, especialmente no que diz respeito às expressões idiomáticas que geralmente não condizem com suas traduções literais.

No âmbito da tradução literal, estratégia muito utilizada por aprendizes de L2, principalmente aqueles que se encontram em fase inicial de aquisição, Rojo (2015), ao abordar a metáfora nos estudos da tradução, afirma que o processo tradutório é uma tarefa desafiadora. Isso se deve ao fato da autora considerar a tradução uma atividade complexa, e não um simples processo linguístico. Ainda segundo a autora, a linguística cognitiva tem contribuído significativamente para a análise da linguagem metafórica no processo de tradução. Lakoff e Johnson (1980) corroboram essa premissa

ao demonstrarem que a linguagem metafórica é utilizada para definir as crenças de uma determinada cultura a respeito de um tópico como economia, política e outros. A oposição entre a tradução literal e a tradução metafórica apresenta implicações claras para a aquisição de língua estrangeira. Isso ocorre porque a tentativa de conceitualizar novos itens na língua-alvo pode gerar dificuldades no processo de tradução. Desse modo, haverá mais problemas entre línguas que se distanciam do que entre línguas que se assemelham, tanto em termos linguísticos como em termos culturais. Portanto, ao relacionarmos tais premissas com o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras é possível afirmar que o professor possui um papel fundamental na sala de aula, isso porque, nesse caso, a função do professor pode, em certa medida, ser comparada à do tradutor, dado que ambos mediam significados culturais e linguísticos. Tanto o professor quanto o tradutor, ao lidarem com uma língua estrangeira, devem escolher métodos e procedimentos que sejam adequados à tarefa a ser executada. Ao fazerem tal escolha, esses profissionais oferecem aos aprendizes o contexto sócio-cultural da língua, permitindo que os alunos e leitores estejam aptos a identificar se os valores linguísticos e culturais de uma estrutura na sua língua materna podem ou não ser compartilhados com a língua-alvo. Ademais, esse tipo de intervenção contribui para o aumento das conceitualizações da língua-alvo fazendo com que o aprendiz amplie sua consciência intercultural e aperfeiçoe suas habilidades cognitivas.

Conclusão

Uma vez que aprendizes de uma dada L2 não estão, na maioria dos casos, expostos à língua 24 horas por dia, como estariam se estivessem aprendendo a língua em um ambiente natural, a quantidade de *input* à qual esse aprendiz tem acesso pode variar em qualidade, quantidade e também na modalidade. Crianças, por exemplo, durante a fase de aquisição de sua L1 são expostas a altos índices de *input* auditivo desde o nascimento. Tal fato permite que essas crianças percebam e em determinado momento, e com prática suficiente, produzam a língua. Por outro lado, o *input* ao qual aprendizes de L2 têm acesso é de certa forma empobrecido tanto em termos de qualidade quanto de quantidade (Moyer, 2009). Em um ambiente artificial de aprendizagem, como o da sala de aula, os aprendizes estão expostos à língua em apenas determinados momentos, seja porque apenas o professor é a fonte de *input* ou também devido ao pouco tempo de aula que esses aprendizes possuem semanalmente. Ao serem expostos a baixos índices de *input*, esses aprendizes também estão sendo expostos a uma pouca quantidade de informações extralinguísticas, o que aumenta a distância social entre o aprendiz e a língua-alvo dificultando, portanto, o processo de aquisição da L2. Como consequência, os conceitos universais, descritos como aqueles presentes em todas as línguas, não representam um problema para os aprendizes. Por outro lado, as conceitualizações linguísticas específicas de cada língua podem apresentar maior dificuldade de aquisição. Isso ocorre porque esses aprendizes, na maioria dos casos, se encontram em um ambiente artificial de aprendizagem, como a sala de aula. Dentro desse contexto, seria possível diminuir tais prejuízos ou até mesmo solucionar o problema? Um dos principais agentes no processo de aprendizagem de línguas é o professor. De fato, o professor possui

papel crucial, uma vez que além de representar uma figura que detém grande conhecimento e até mesmo o maior conhecimento da língua na sala de aula, o professor também é uma figura importante para a motivação extrínseca que deve ser dada ao aluno. Ademais, no que se refere à aquisição dos padrões culturais da L2, a distância social entre os aprendizes e a língua-alvo pode ser atenuada por meio de práticas pedagógicas adequadas. A atuação consciente do professor nesse sentido contribui para reduzir um dos principais obstáculos à aquisição de uma segunda língua: a distância cultural. No entanto, nos questionamos se é verdadeiramente possível, por meio de práticas pedagógicas, imergir um aprendiz de L2 em uma comunidade linguística da qual ele não faz parte.

É fato que uma maior imersão cultural proporciona uma exposição mais ampla a *input* de qualidade, contribuindo significativamente para a aquisição da língua-alvo. Em ambientes artificiais, como a sala de aula, espera-se que o professor ofereça aos aprendizes oportunidades de exposição à língua-alvo e, junto com ela, informações acerca do contexto de uso que reflete os padrões culturais e crenças dos falantes da comunidade de fala. A aliança entre a língua e cultura tem se mostrado uma estratégia adequada e pertinente ao ensino de línguas estrangeiras. Associar o conteúdo ensinado a um determinado contexto social fará com que os alunos assimilem os conceitos e entendam as conceitualizações linguísticas mais rapidamente, especialmente aquelas que não estão inscritas em sua língua materna. Estudos recentes mostram que o índice de proficiência é maior naqueles aprendizes que conseguiram reduzir a distância social entre eles e a língua e que se tornaram membros da comunidade linguística da língua-alvo mesmo que eles fisicamente não façam parte dela.

Portanto, é necessário que os aprendizes sejam expostos a maiores índices de *input* de qualidade para que, de fato, eles possam aperfeiçoar a aquisição da língua-alvo. No escopo metodológico, práticas pedagógicas como aulas expositivas na língua-alvo, carga horária ampliada, assim como o uso de recursos tecnológicos, podem ser facilitadores desse processo. Além disso, é importante ressaltar o papel do aprendiz no processo de aquisição da L2. O quão motivado está o aluno brasileiro de língua estrangeira? A motivação intrínseca possui papel muito importante nesse processo. Isso porque, muitas vezes, a carga horária das aulas de língua estrangeira é relativamente reduzida, considerando a complexidade envolvida na aquisição de um novo idioma. Desse modo, há a necessidade de que o indivíduo, por meio de suas próprias práticas diárias, se exponha a língua fora do ambiente escolar. Hoje em dia, devido ao rápido avanço tecnológico, tal exposição é, salvo exceções, fácil de ser incorporada na rotina. No entanto, é preciso salientar que essas premissas levam em consideração um ambiente escolar e também um aprendiz ideal. É necessário considerar as inúmeras variáveis envolvidas no ensino de língua estrangeira, como por exemplo, a falta de investimento e de oportunidades igualitárias.

A semântica transcultural postula que a cultura e a comunidade linguística do usuário de uma dada língua desempenham um papel crucial nas conceitualizações linguísticas e, conseqüentemente, na maneira como o indivíduo interage com o mundo. Desse modo, é extremamente importante que todas essas premissas sejam levadas em consideração no ensino de língua estrangeira, especialmente

no processo de aprendizagem dos indivíduos cujas culturas se diferenciam de modo acentuado, o que pode causar sérios problemas para o processo de aquisição da língua-alvo. Labov (1973) afirma que a língua é sistemática e heterogênea. Portanto, é preciso que as aulas de língua estrangeira passem a incorporar cada vez mais a noção de heterogeneidade no ensino para que esses aprendizes sejam expostos à língua-alvo como ela verdadeiramente é, o que contribuirá de modo significativo para a diminuição da distância social em relação à língua-alvo, fazendo com que o processo de aquisição ocorra de modo mais satisfatório.

Referências

- DELBECQUE, Nicole. *Linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. Disponível em: <https://biblioteca.up.edu.br/acervo/519506>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- DELLA MÉA, Célia Helena de Pelegrini; BARIN, Nilsa Teresinha Reichert. Tópicos em semântica e fonologia no ensino do português para estrangeiros. *Vidya*, v. 24, n. 42, pp. 117-124, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/409>. Acesso em: 25 ago. 2025.
- ELLIS, Rod. *Second language acquisition*. The United States: Oxford, v. 98, 1997.
- ELLIS, Rod. Educational settings and second language learning. *Asian EFL Journal*, v. 9, n. 4, p. 11-27, 2007.
- EPSTEIN, Isaac. *O signo*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- GASS, Susan M. Second language vocabulary acquisition. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 9, pp. 92-106, 1988.
- HOLLOWELL, Alexander B. *The Relations of the Individual to the Social Group in a Primitive Society*. Chicago: University of Chicago Press, 1940.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. Über die Natur der Sprache im allgemeinen. In: HEIDERMAN, Werner.; WEININGER, Markus Johannes (org.). *Humboldt: Linguagem, Literatura e Bildung*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006b. pp. 2-19.
- JESSNER, Ulrike. A DST model of multilingualism and the role of metalinguistic awareness. *The Modern Language Journal*, v. 92, n. 2, pp. 270-283, 2008.
- KARSHEN, Stephen David. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Oxford: Pergamon Press, 1981.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. University of Pennsylvania Press, 1973.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. University of Chicago Press, 1980.
- LARSEN-FREEMAN, Diane. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/18.2.141>. Acesso em: 11 fev. 2025.
- LOCKE, John. *An Essay Concerning Human Understanding*. 1690. Edição publicada por Pennsylvania State University, University Park, PA (s.d.).

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. J. Zahar, 1990.

MIN, Gui. Vygotsky's Sociocultural Theory and the Role of Input and Output in Second Language Acquisition. *CELEA Journal*, v. 29, n. 4, ago. 2006.

MOYER, Alene *et al.* Input as a critical means to an end: Quantity and quality of experience in L2 phonological attainment. *Input Matters in SLA*, v. 159, pp. 174, 2009.

ROJO, Ana. Translation meets cognitive science: The imprint of translation on cognitive processing. *Multilingua*, v. 34, n. 6, pp. 721-746, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

SCHUMANN, John H. Research on the acculturation model for second language acquisition. *Journal of Multilingual & Multicultural Development*, v. 7, n. 5, pp. 379-392, 1986.

SHIROKOGOROFF, Sergei. *Psychological Substrata of the Tungus Man*. New York: Harper & Brothers, 1935.

TALMY, Leonard. The cognitive culture system. *The Monist*, v. 78, n. 1, pp. 80-114, 1995.

UNDERHILL, James W. Humboldt's challenge to Cognitive Linguistics: A few brief reflections on the linguistic patterning of truth in Czech, French, English and German. *Etnolingwistyka. Problemy Języka i Kultury*, v. 23, n. 23, pp. 99-119, 2011.

WHORF, Benjamin Lee. *Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf* (Edited by John B. Carroll.), The Technology Press of Massachusetts Institute of Technology and John Wiley & Sons, Inc. New York London 1956.

ESTUDOS SOBRE A COGNIÇÃO E A TRADUÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS:

CRIAÇÃO SOCIAL E AMPLIAÇÃO TERMINOLÓGICA

STUDIES ON COGNITION AND SIGN LANGUAGE TRANSLATION:

SOCIAL CREATION AND TERMINOLOGICAL EXPANSION

Neiva de Aquino Albres¹

RESUMO

Com base nas traduções realizadas no âmbito do Núcleo Pesquisas em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais - InterTrads, constrói-se esta pesquisa. Fundamenta-se na linguística cognitiva e os estudos das línguas de sinais, principalmente da iconicidade, que constitui a essência de uma expressão visual. Com um estudo documental, apresentamos exemplos, retirados de *corpus* de vídeos de análise documental de traduções, de sinais-termos padronizados. Tal repertório está publicado no glossário de sinais-termos disponibilizado em canal do YouTube do referido Núcleo de Pesquisa. A partir disso, discute-se as possibilidades de empregar os princípios do mapeamento mental no discurso espontâneo na elaboração de sinais-termos conceituais em processos de tradução de português para a Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição. Linguagem. Estudos da Tradução. Língua de Sinais

ABSTRACT

This research is based on the translations carried out within the scope of the Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais – InterTrads, research center. It is based on cognitive linguistics and studies of sign languages, mainly on iconicity, which constitutes the essence of a visual expression. With a documentary study, we present examples, taken from our *corpus* of documentary analysis videos of translations, of standardized sign-terms. This repertoire is published in the glossary of sign-terms available on the research center's YouTube channel. In addition, we discuss, based on this, the possibilities of using the principles of mental mapping in spontaneous discourse in the elaboration of conceptual sign-terms in translation processes from Portuguese to Libras.

KEYWORDS: Cognition. Language. Translation studies. Sign Language.

1. Introdução

A Língua Brasileira de Sinais tem conquistado diferentes espaços sociais, começando pela educação, justiça, artes, entre outros; fruto das lutas das comunidades surdas. (Brasil, 2002, 2005, 2015, 2021). Na esfera acadêmica ganhos diferenciados aconteceram, desde a circulação da Libras no meio acadêmico, consequentemente promovendo o seu crescimento terminológico, pela garantia da educação bilíngue tendo a Libras como língua de instrução ou dos processos de educação inclusiva com a presença de tradutores e intérpretes de Libras e português, assim como a tradução dos materiais

¹ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução PGET/UFSC. Membro do Núcleo de Pesquisa InterTrads. neiva.albres@ufsc.br, <https://orcid.org/0000-0003-1567-297X>.

didáticos e instrucionais. (Albres, 2020; Witches, 2019; Albres; Jung, 2021). Vieira-Machado *et al.* (2022, p. 759) reafirmam que contemporaneamente as comunidades surdas são vistas pela diferença linguística, distanciando-se do modelo da deficiência.

Apesar de mais de vinte anos de luta para a construção de uma educação bilíngue para surdos, ainda há muito que se fazer, especialmente no campo terminológico. Para Souza, Souza e Lima, Padua (2014, p. 80), o “ônus da escassez do léxico recai sobre o estudante surdo tornando seu acesso e permanência nas esferas acadêmicas superiores extremamente dificultado”. O ensino-aprendizagem perpassa pelo uso da linguagem na educação, que precisa ter o signo para designar os conceitos acadêmicos (Albres *et al.*, 2022). Muitos dos processos de ampliação linguística perpassam por processos de tradução, ocorrendo a estabilização com conservação icônica, geralmente.

Apontamos como lacuna de pesquisa a falta de uma abordagem integrada entre os estudos da tradução, a linguística cognitiva e o desenvolvimento terminológico, que considere como os processos cognitivos influenciam a prática da tradução e o crescimento terminológico. Embora existam estudos que abordem aspectos isolados de cada área, ainda há uma necessidade de explorar como as teorias cognitivas podem contribuir com as estratégias de tradução e vice-versa, considerando os usos da Libras pelas comunidades surdas em âmbito acadêmico. Além disso, a aplicação de modelos cognitivos para entender a tomada de decisão do tradutor ou de educadores em contextos específicos é um campo que merece mais investigação. Essa intersecção pode enriquecer tanto a compreensão da tradução quanto o desenvolvimento de novas metodologias e práticas no campo.

Após esta breve contextualização (seção 1), indicaremos algumas correlações sobre os estudos da cognição, estudos linguísticos de línguas vocais e línguas de sinais, assim como estudos sobre tradução de Libras e português (seção 2). Apresentamos, em seguida, o percurso metodológico (seção 3), passando à descrição de termos em Libras produzidos a partir de grupo de estudos e em processos de tradução levantados do *corpus* do núcleo de pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais – InterTrads com interpretação e análise (seção 4). Finalizamos o artigo com nossas contribuições e indicação de pesquisas futuras.

2. A cognição e os estudos linguístico: algumas contribuições para os estudos das línguas de sinais

Os estudos sobre a cognição são incorporados por diferentes áreas do conhecimento, como a psicologia, educação, antropologia, linguística, entre outras. O interesse é sobre capacidades cognitivas, sobre a organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

A Linguística Cognitiva surgiu nos finais da década de 1970 incentivada pelo fenômeno da significação e pela investigação psicolinguística de Eleanor Rosch sobre o papel fundamental dos protótipos no processo de categorização da linguagem (Rosch, 1978). Os estudos sobre linguística e “representações do conhecimento” por meio da linguagem ganham força. Assim, a Linguística

Cognitiva se consolida em 1990 com a criação da “*International Cognitive Linguistics Association*”. Os principais autores são os norte-americanos George Lakoff (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1980; e Lakoff; Turner 1989), Ronald Langacker (1987, 1990), que tomam como fundamento a observação do uso linguístico.

Nesta posição “o pensamento é incorporado, ou seja, as estruturas usadas para montar nossos sistemas conceituais surgem da experiência corporal e fazem sentido em termos dela; além disso, o núcleo de nossos sistemas conceituais está diretamente fundamentado na percepção, no movimento corporal e na experiência de caráter físico e social”.² (Lakoff, 1987, xiv).

Tanto para a psicologia cognitiva (Rosch, 1978) quanto para a linguística cognitiva concebe-se que as categorias de nível básico são muitas vezes o ponto de partida para a classificação de objetos em estruturas factíveis de serem compreendidas em um nível mental mais abstrato, perspectiva segundo a qual a cognição (linguagem) é determinada pela nossa própria experiência corporal. Johnson (1987) usa a expressão “corpo na mente” para se referir sobre a experiência corporal-tátil-visual e sua importância para a conceituação individual e coletiva, considerando que a linguagem é social.

Nesta perspectiva, a linguagem deve ser explicada em relação aos aspectos semânticos e funcionais, alinhada à pragmática, por exemplo. Por fim, ela concebe que a nossa interação com o mundo é mediada por estruturas mentais. Alguns dos conceitos fundamentais e os principais domínios de investigação da Linguística Cognitiva são: categorização e protótipos, metáforas e metonímias conceptuais, esquemas imagéticos, modelos cognitivos e culturais e processos cognitivos da gramática. Para este artigo, vamos explorar o conceito de “esquemas imagéticos e suas transformações”.

Nesse sentido, grande parte do nosso conhecimento não é estático, mas fundamenta-se e é estruturado por padrões dinâmicos, não-proposicionais e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas — os chamados esquemas imagéticos (“*image schemas*”) (Johnson, 1987; Lakoff, 1987, 1990). Entre os esquemas imagéticos mais frequentes, linguisticamente realizados de muitas variadas maneiras, estão os seguintes: contentor (“container”) ou recipiente, origem-percurso e destino, percurso (ou caminho), elo (“*link*”), força, equilíbrio (ou balança), bloqueio, remoção, contraforça, compulsão, parte-todo, centro-periferia, em cima - em baixo, à frente - atrás, dentro-fora, perto-longe, contacto, ordem linear.

Estes esquemas imagéticos são construídos para a compreensão de vários domínios abstratos. As línguas de sinais têm uma propriedade poderosa para a construção lexical que consiste na iconicidade, ou seja, dos sinais tomarem como base para sua criação as características físicas do referente, parte ou todo o referente, ou mesmo a relação cultural que o homem tem com esse referente (Albres *et al.*, 2022, 2023). Klima e Bellugi (1979) desenvolveram as primeiras descrições sobre a propriedade das línguas de sinais. Comparando diferentes línguas de sinais, afirmam que todas elas fazem uso da iconicidade para a produção dos seus sinais. Afirmam existir um laço de universalidade na

² *Thought is embodied, that is, the structures used to put together our conceptual systems grow out of bodily experience and make sense in terms of it; moreover, the core of our conceptual systems is directly grounded in perception, body movement, and experience of a physical and social Character.* (Lakoff, 1987, xiv).

concretude da língua de sinais, embora os sinais para um mesmo referente em distintas línguas de sinais de diferentes países não sejam iguais. Veja o exemplo abaixo, para o sinal de /ÁRVORE/ em três línguas de sinais diferentes há uma motivação visual, mas os sinais não são os mesmos.

Figura 1: Sinal referente à /ÁRVORE/ em diferentes línguas de sinais

Língua Americana de Sinais/ Língua de sinais dinamarquesa/ Língua de sinais chinesa



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 21)

Vemos no exemplo acima que a Língua Americana de Sinais – ASL toma para si a representação da árvore como um todo, ou seja, sua base, tronco e copa. Por sua vez, a língua de sinais dinamarquesa também representa o tronco e copa, mas fazendo uso de outra produção articulatória. Já a língua de sinais chinesa toma como motivação para construir o sinal de árvore apenas parte do referente, ou seja, o seu tronco.

Figura 2: Sinal referente à /ÁRVORE/ em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS



Fonte: Capovilla; Raphael; Mauricio (2013)

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais assim como Língua Americana de Sinais, para o sinal que se refere à “arvore”, construiu um sinal icônico tendo como motivação o tronco, a copa e a base. Um conceito importante de ser introduzido é o de “arbitrariedade”. Apesar da possibilidade de alguns sinais terem motivação em características do que representam, os sinais não são os objetos que representam. Dessa forma, cada comunidade linguística pode, ao relacionar-se com esse referente,

escolher qualquer parte dele ou qualquer outro signo distante de qualquer associação/ relação com o referente.

Isso significa que a palavra ou o sinal de uma língua não se prende simplesmente pela sua representatividade, mas depende de uma produção social-coletiva para a construção dessa significação na língua, o que se tem denominado de “arbitrariedade”. “Toda arbitrariedade é convencional, pois quando um grupo seleciona um traço como característica do sinal, outro grupo pode selecionar outro traço para identificá-lo” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 32).

A iconicidade apresentada em Taub (2001), trabalhando em uma perspectiva cognitiva, explica que esse é um trabalho conceitual. A iconicidade é resultado de um esforço mental humano e depende das associações conceituais, mentais e culturais. Assim, “a linguagem está profundamente entrelaçada com nossas experiências do mundo: nossa interação social, nossas instituições culturais e até mesmo nossos pensamentos são frequentemente moldados e mediados pela linguagem” (Taub, 2001, p. 10).

Os estudos sobre a Língua brasileira de sinais têm avançado nestes mapeamentos sobre a criação dos sinais. Desde estudos sobre o discurso e a construção espacial de diferentes gêneros (Bernardino, 2020) até estudos com enfoque mais detalhados como o de classes de sinais, estudos sobre os verbos por Murta e Lourenço (2021) e termos técnicos (Albres *et al.*, 2022), por exemplo.

Bernardino (2020) analisou a ação-construída no discurso narrativo, em que se descreve as ações de personagens, percebemos nos dados estudados que a ação-construída se constrói de duas formas.

Na primeira construção, o surdo incorpora o personagem para exemplificar as coisas que gosta de fazer, personificando a si próprio em algumas situações específicas. Suas expressões faciais e corporais se modificam e o olhar é voltado para dentro do cenário (para o espaço mental da narrativa), deixando de interagir com o interlocutor (a câmera, que se encontra no espaço mental real). Em alguns momentos, o sinalizante chega a fechar os olhos, como se voltasse o olhar para si mesmo. Na segunda construção, o sinalizante incorpora um personagem para exemplificar coisas que não gosta de fazer, como ficar se arrumando, se maquiando. (Bernardino, 2020, p. 17-18)

A ação-construída corporificada evidencia esquemas imagéticos maiores, compondo toda uma narrativa, como indica Johnson (1987) o “corpo na mente”. Nunes (2019), ao estudar verbos em sete diferentes línguas de sinais, a partir de análise documental, compreende que os sinais em línguas de sinais apresentam relações icônicas motivadas por processos linguístico-cognitivos. Constatou que os sinais analisados estavam relacionados à corporificação e aos esquemas imagéticos.

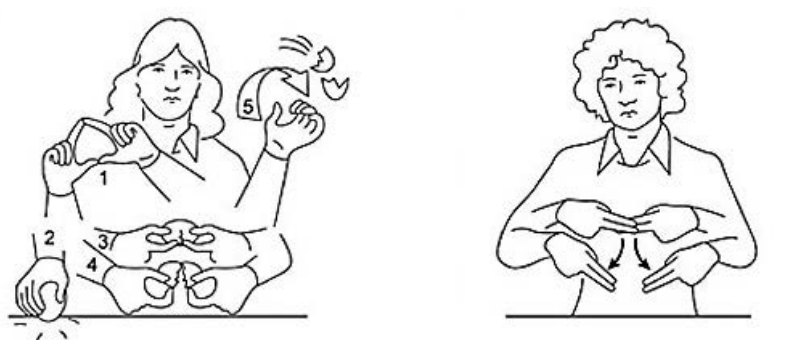
Em estudos sobre os verbos na Libras “é possível identificar mapeamentos icônicos independentes em cada “camada” de informação visual da estrutura interna dos verbos em Libras. Em específico, analisamos os verbos ancorados ao corpo e que possuem como localização a cabeça, o tronco ou o braço” (Murta; Lourenço, 2021, p. 28). Ainda indicam ser possível estabelecer o grau de iconicidade com base nos mapeamentos icônicos presentes em sua estrutura interna, propõem a construção de uma escala de iconicidade que leva em consideração a estrutura morfofonológica do item lexical.

Todos os estudos baseados na linguística cognitiva reafirmam o eixo central da “experiência corporal” na organização das línguas de sinais e modos de expressão nestas línguas. A possibilidade de o sinal da língua de sinais ter sido, em sua origem, motivado por alguma característica física ou relacional do objeto não significa que o sinal e o objeto que ele nomeia formam uma estrutura única.

Quando se considera a iconicidade dos sinais de uma língua de sinais, o grande paradoxo apontado na bibliografia [...] é o de que, embora cerca de 90% dos sinais não possam ter seu significado adivinhado, ainda assim, quando esse significado é revelado aos observadores, o mesmo sinal, que havia se revelado tão opaco e arbitrário a ponto de ser totalmente inadivinhável, passa a ser, então, considerado como bastante admissível. (Capovilla; Martins, 2020, p. 280).

Há uma gradação da iconicidade ou até mesmo sua ausência, em alguns casos. Klima e Bellugi (1979) revelam ainda a distinção entre pantomima e os sinais das línguas de modalidade gestual-visual. Definem que as pantomimas são significativamente mais longas e consideravelmente mais variáveis do que os sinais da ASL para a mesma palavra (referente). Na imagem seguinte apresentam a palavra OVO, sendo representada primeiramente por uma pantomima e em seguida pelo sinal padronizado da ASL. Contudo, alguma parte desta extensa pantomima foi “recortada” para inspirar a convenção do sinal, ou seja, a ação de quebrar o ovo.

Figura 3: Pantomina de ovo seguido do sinal convencionado para /OVO/ em ASL



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 17)

Além dos estudos linguísticos, houve também a virada cognitiva nos estudos da tradução, que representa uma mudança significativa na forma como os pesquisadores abordam o processo tradutório. Em vez de focar apenas nos produtos da tradução, como textos traduzidos finalizados, essa nova perspectiva se concentra no que acontece na mente do tradutor durante o ato de traduzir. Essa abordagem busca entender os processos mentais, as estratégias cognitivas e as decisões que os tradutores tomam ao lidar com diferentes idiomas e contextos.

Em resumo, a virada cognitiva nos estudos da tradução, impulsionada pela linguística cognitiva, oferece uma visão mais holística e dinâmica do tradutor como um agente ativo, capaz de navegar

por complexidades linguísticas e culturais, enriquecendo assim o campo da tradução com novas perspectivas e metodologias. O estudo da cognição do tradutor e de suas decisões passam a ser valorizadas no campo dos Estudos da tradução. Chesterman (2022) concorda que

A única forma de analisar a tradução de maneira adequada seria considerar o processo interno de tomada de decisões do/a tradutor/a – não de forma isolada, e sim combinado com outros modelos de análise. Em outras palavras, é preciso conhecer os motivos pelos quais o/a tradutor/a tomou determinadas decisões para que seja possível analisar devidamente os resultados de tais decisões. O ideal seria reconstruir o processo de tradução como um todo. (Chesterman, 2022, p. 194)

No método introspectivo, o pesquisador reflete seus próprios pensamentos para buscar pela correspondência da tradução relacionada ao texto de partida perguntando-se em que parte o pesquisador tem dificuldades e qual a melhor tradução para uma palavra ou frase de acordo com o contexto, por vezes, tendo que criar modos específicos de enunciar uma ideia.

Machado e Reis (2022), com o aporte da linguística cognitiva, refletem sobre a atividade semântica cognitiva do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS)

Diante de determinado léxico ou discurso, imediatamente a função cognitiva é ativada de modo a buscar elementos armazenados na memória, nas buscas confluentes e compatíveis das partes até o significado e, posteriormente, à construção do sentido. Nesse processo, emerge a categorização, que funciona como uma estrutura organizacional de sentidos em cada indivíduo que funciona para compreender o mundo e todo o seu sistema, sendo, antes de tudo, necessário categorizá-lo. A categorização linguística ocorre por protótipos relacionados às referências linguísticas e culturais, ou a representações, sejam elas abstratas ou materiais que cada ser humano possui (Machado; Reis, 2022, p. 25).

Em estudo sobre as experiências de tradutores atuando no contexto educacional e das estratégias linguísticas e cognitivas relatadas, indica-se que o tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa “TILSP precisa ser polivalente em suas escolhas interpretativas, e também, desenvolver habilidades no processo comunicativo para a tarefa da tradução e/ou interpretação, sendo ela adquirida de forma empírica” (Machado; Wanzeler; Pinheiro, 2021, p. 116). Estudos sobre a tradução comentada, a partir dos diários de tradução, podem fornecer uma análise dos mapeamentos realizados pelo tradutor (Albres, 2023). A experiência na cultura e língua de sinais promove um crescimento no repertório e conhecimento do funcionamento da língua de sinais, contribuindo para as soluções de problemas que podem surgir durante a interpretação simultânea.

3. Metodologia de pesquisa

A abordagem metodológica da pesquisa é de cunho documental e fundamenta-se em princípios da pesquisa qualitativa. Analisamos a elaboração/criação de sinais-termo para conceitos teóricos quando da presença de surdos pesquisadores que trabalham com uma teoria dos estudos da linguagem.

O *corpus* estudado foi produzido pelo Núcleo de pesquisa em “Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais – InterTrads”, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução - PGET, o que confere um caráter público e de investimento governamental para o fomento à pesquisa. Contextualizando, a materialização em sinal-termo provém de interações vividas em grupo de pesquisa para a definição dos termos incorporados no glossário e disponibilizados entre os anos de 2019 e 2025. As traduções publicadas no site são cobertas por seção de direitos de imagem dos tradutores. Nesse sentido, não requer a solicitação do consentimento livre informado.

Estalella e Ardèvol (2007) explicam que, para pesquisas com materiais provindos de espaços virtuais, faz-se importante a conferência de propriedades específicas (público ou privado) e canais do YouTube são considerados publicações de acesso aberto, mas conferem autoria.

Para atingir o objetivo da pesquisa, delineia-se como metodologia: i) levantamento dos sinais-termos registrados no glossário do Núcleo de pesquisa InterTrads ii) levantamento dos sinais-termos registrados nas traduções publicadas pelo Núcleo de pesquisa InterTrads, associado à experiência no grupo de pesquisa pela participação na construção das discussões sobre os conceitos bakhtinianos. Para este artigo, selecionamos o conceito teórico “cronotopo” para análise do mapeamento cognitivo.

4. Análise da tradução e composição do signo teórico-conceitual

A linguística cognitiva contribui para uma virada nos Estudos da Tradução, oferecendo ferramentas e conceitos que ajudam a explicar como os pesquisadores-tradutores processam informações, constroem significados e resolvem problemas (Machado, 2017). Por exemplo, a noção de esquemas mentais, metáforas e a forma como a linguagem é percebida e utilizada no cérebro são aspectos que enriquecem a compreensão do ato de traduzir. Além disso, a linguística cognitiva permite uma análise mais profunda das relações entre linguagem, pensamento e cultura, o que é essencial para entender as nuances da tradução.

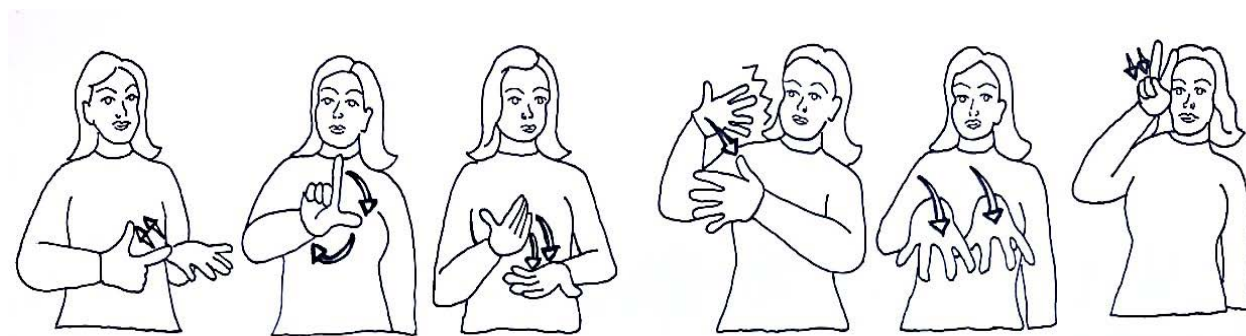
Conforme Bezerra (2015), experiente tradutor do russo para o português, para reconstruir um conceito em português que não tinha uma palavra correspondente, ele precisou trabalhar com as correlações cognitivas e culturais, explorando as possibilidades de produção em língua portuguesa e aproximando-se dos modos de usar a língua em português.

Em trabalho de tradução com equipe de estudiosos dos Estudos da linguagem em perspectiva dialógica, composta por surdos e ouvintes, mestres e doutores, pode-se discutir conceitualmente “cronotopo”, de forma bem sucinta apresentamos como a noção de tempo e espaço estudada em uma obra literária, o tempo e o espaço são inseparáveis (Amorim, 2010).

Como uma longa expressão de explicação do termo “cronotopo”, pode-se apresentar em Libras, conforme figura 4, que no livro de literatura se estuda como o tempo é percorrido pelos personagens, como os espaços da narrativa são construídos e as cenas descritas na história”, com a expressão “LIVRO LITERATURA ESTUDAR TEMPO-PASSAR ESPAÇOS/CENAS HISTÓRIA”.

Figura 4: Explicação para o conceito de “cronotopo” em Libras

(1) LIVRO (2) LITERATURA (3) ESTUDAR (4) TEMPO-PASSAR (5) ESPAÇOS/CENAS (6) HISTÓRIA



Fonte: Produzido pela autora.

De toda esta explicação, os usuários da língua em situação concreta de interação, convencionam como reduzir a expressão para se referir ao conceito de “cronotopo”. Passemos à análise da corporificação imagética e alguns elementos desta explicação. Em Libras, parte-se da explicação do “percurso vivido no desenrolar das cenas”, a melhor forma de explicar esse conceito seria pelos dedos oscilando, com a produção inicial do sinal no ombro, projetando-o para a frente do corpo, o que corresponde a um esquema imagético corporal “de trás para frente” como conceituamos a história (figura 4.4). Por sua vez, o livro impresso (literário) é corporificado com a palma da mão, pelo formato fino e retangular, a palma aberta e sua base voltada para cima representa a folha do papel (figura 4.1).

O espaço, no sentido das cenas e espaços históricos que são apresentados e retomados na história narrada é apresentado em Libras pelos espaços delimitados a frente do corpo do sinalizador, um do lado esquerdo, seguido no centro e o terceiro do lado direito (figura 4.5). Esta forma de expressão também é cultural, pois convencionamos que da esquerda para a direita temos uma linha história a frente do corpo do sinalizador.

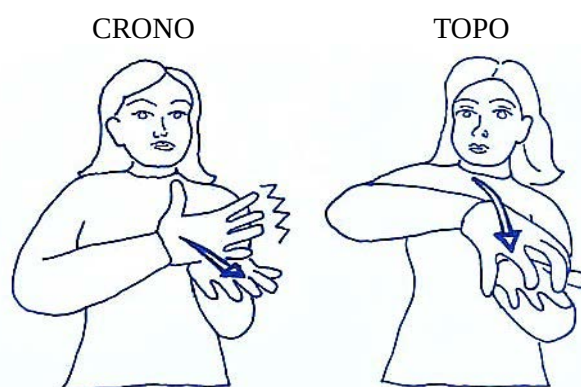
A partir da seleção dos elementos da explicação, como LIVRO, TEMPO e ESPAÇO o signo para “Cronotopo” é criado pelos pesquisadores-tradutores deste núcleo de pesquisa. Esse fenômeno linguístico-cognitivo passa por ajustes articulatórios conforme o uso nas interações dos seus membros. Assim, o sinal pode ir sofrendo pequenas alterações, geralmente, para a sua redução articulatória e simplificação, ou seja, para o conforto corporal quando de sua produção.

Figura 5: Explicação para o conceito de “cronotopo” em Libras

(1) LIVRO (2) LITERATURA (3) ESTUDAR (4) TEMPO-PASSAR (5) ESPAÇOS/CENAS (6) HISTÓRIA

**Fonte:** Produzido pela autora.

Constatamos que de toda uma explicação em Libras, alguns elementos da produção dos sinais são selecionados para a composição do novo signo que se refere ao termo teórico conceitual “cronotopo”. Como destacado em círculo vermelho, a base da mão do livro, o movimento do tempo e o espaço/cenas, compondo um único sinal (figura 6).

Figura 6: Sinal em Libras convencionado pelo grupo de pesquisa para o conceito “cronotopo”**Fonte:** Produzido pela autora

Dessa forma, independente da motivação para a produção articulatória do sinal, a relação articulatória e semântica não são uma unidade imediata para os falantes da língua de sinais, não diferenciada no discurso nem conscientizada. Muitos sinais icônicos perderam sua historicidade de motivação articulatória e, dependendo da idade e experiências de cada sujeito, esse significado pode vir a ser mutável, pode ter diferentes complexidades.

Moreira (2020, p. 16) afirma que a criação de sinais-termo é uma resposta à necessidade no meio acadêmico, e que “o processo deve ocorrer de forma cada vez mais desvinculada dos empréstimos linguísticos e utilizando os aspectos próprios de uma língua visual”.

Para fins de estudo acadêmico, e pela recente e crescente produção lexical em Libras, concebemos que preservar a história do sinal pode contribuir para a compreensão do sentido do

signo técnico, como também para a associação do signo com o termo em português “cronotopo”. Dito de outra forma, se o acadêmico surdo e ouvinte, conhecerem a motivação de toda a explicação em Libras para o conceito de “cronotopo” podem melhor incorporar este conceito e mais facilmente associar o sinal ao termo, contribuindo para a associação da produção articulatória com o referente para apreender o conceito. Para Emmorey *et al.* (2004) “configurações de mão que funcionam como morfemas e construções de classificador são predicados complexos que podem expressar algum ou todos os seguintes: movimento, posição, descritivo-estático, ou informação de manuseio” (Emmorey *et al.*, 2004, p. 12).

Além dos acadêmicos que precisam da linguagem para atingir níveis abstratos do conhecimento, os tradutores e intérpretes que atuam em ambiente acadêmico ou na esfera de conferência que trabalham com eventos tradutórios ou interpretativas que abordam as temáticas de especialidade, como por exemplo, o signo “cronotopo” na literatura e filosófica da linguagem, podem recorrer a esse mapeamento corpóreo imagético para apropriação da terminologia especializada.

A construção da língua recorrendo a estes aspectos visuais e imagéticos é de natureza cognitiva, os sinais são construídos socialmente por usuários desta língua. Considera-se ainda que uma construção imagética pode se deslocar do seu objeto motivacional de origem mais concreto e ascender a outra significação, sendo uma abstração pertinente à língua e aos sujeitos que a compartilham.

Concordando com nossas interpretações, Wilcox (2000) com base na linguística cognitiva desenvolveu um mapeamento das metáforas em ASL, dando continuidade às pesquisas Wilcox (2004), analisando o discurso em ASL e constataram que alguns verbos podem representar outros significados, nada ou pouco convencionais. As motivações, associações e correlações são mapeadas pelos interlocutores e podem com o tempo se consolidarem na língua.

Sobre a contribuição deste estudo, podemos indicar que ao entender os processos cognitivos envolvidos na compreensão e produção da linguagem, os tradutores podem desenvolver estratégias de tradução mais conscientes e eficazes, otimizando a tomada de decisões e a resolução de problemas. A Linguística Cognitiva encoraja uma visão da tradução como um processo criativo de reconceptualização e reestruturação do significado em outra língua, em vez de uma simples decodificação e recodificação. Isso capacita os tradutores a encontrarem soluções inovadoras para desafios de tradução.

Considerações finais

Com a apresentação de pressupostos da Linguística Cognitiva aplicados em línguas de sinais e alguns estudos da Libras por meio da descrição das estratégias cognitivas que constituem a produção de sinais, indicamos um caminho interessante para o conhecimento sobre a construção de esquema imagético para a criação de termos especializados, contextualizado com o movimento de crescimento linguístico da Libras.

Como indicado nesta pesquisa, a Linguística Cognitiva oferece diversas contribuições para a descrição das línguas de sinais e línguas vocais-auditivas, assim como para o ensino de tradutores,

enriquecendo a sua compreensão do processo tradutório e aprimorando as habilidades destes profissionais.

A Linguística Cognitiva enfatiza que o significado não reside apenas no signo linguístico, mas na forma como conceptualizamos o mundo e organizamos o nosso conhecimento em estruturas cognitivas como esquemas, frames e modelos mentais. Ao compreender como essas estruturas influenciam a produção e interpretação da linguagem, os tradutores podem ir além da equivalência superficial e captar as nuances conceptuais do texto/discurso a ser traduzido.

Ao reconhecer, descrever e analisar a conceptualização do signo “cronotopo” nesta pesquisa, construímos uma reflexão que contribui para a formação dos tradutores ao promover a consciência e maior sensibilidade para as diferenças culturais na expressão linguística, evitando transferências inadequadas e garantindo a adequação cultural da tradução.

Agradecimentos

Agradecemos aos membros do Núcleo Pesquisas em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais – InterTradS, em especial aos membros surdos Elaine Aparecida de Oliveira da Silva e Carlos Leonel Terrazas pela contribuição na discussão e ampliação da Libras para se referir aos conceitos da perspectiva dialógica.

Referências

ALBRES, Neiva Aquino. Políticas públicas de acesso à arte e cultura em Libras: políticas linguísticas e políticas de tradução. *Travessias Interativas*, [S. l.], v. 10, n. 22, pp. 366-385, 2020. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v10i22>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/15344>. Acesso em: 21 maio 2024.

ALBRES, Neiva Aquino; JUNG, Ana Paula Jung. Surdos e a educação bilíngue em tempos de pandemia: o enunciado de professores em análise. *Fórum linguístico*. v. 18 n. 4. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e81034> Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.../forum/article/view/81034>. Acesso em: 23 mar. 2024.

ALBRES, N. A.; SILVA, E. A. da; SANTIAGO, V. A. A.; TERRAZAS, C. M. L. A Tradução De Termos Técnico-Científicos Do Campo Dos Estudos Da Tradução Para A Libras Em Processo De Ensino-Aprendizagem. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], v. 12, n. 32, pp. 104-126, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47456/pl.v12i31.39041>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/39041>. Acesso em: 21 maio 2024.

ALBRES, N. A.; SILVA, E. A. da; SANTIAGO, V. A. A.; TERRAZAS, C. M. L.; SANTIAGO, V. A. A. Traduzir criando: construir sentidos elaborando sinais-termos. *Tradterm*, São Paulo, Brasil, v. 45, pp. 288-310, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v45p288-310>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/213363>. Acesso em: 21 maio 2024.

ALBRES, N. A. Traduzindo “As Meninas” de Cecília Meireles para Libras: uma tradução comentada. *Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural*, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 13, n. 1, pp. 97-118, 2023. DOI: <https://doi.org/10.30620/pdi.v13n1.p97>. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/.../article/view/v13n1p97/v13n1p97>. Acesso em: 19 mar. 2024.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

BERNARDINO, E. L. A. *et al.* A ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva. *Signótica*, v. 32, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/Sig.v32.62990>. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/49245?mode=full>

BEZERRA, P. Prefácio. In: *Teoria do romance I. A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRASIL. *Lei N° 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 12 mar. 2023.

BRASIL. *Decreto N° 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 12 mar. 2023.

BRASIL. *Lei n° 13.146, de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. *Lei N.º 14.191, de 3 de agosto de 2021*. Altera a Lei N.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, 2021.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Novo Deit Libras*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

CAPOVILLA, F. C.; MARTINS, Antonielle Cantarelli. Resolvendo o paradoxo da iconicidade: o caso dos sinais de Libras. *Revista de psicopedagogia*, São Paulo, v. 37, n. 114, pp. 269-285, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862020000300002&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 11 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20200023>

CHESTERMAN, A. *Memes da tradução: o disseminar de ideias na teoria da tradução*. Salvador, EDUFBA, 2022.

EMMOREY, K. *et al.* *Motor-iconicity of sign language does not alter the neural systems underlying tool and action naming*. California: Brain and Language n. 89, 2004. Disponível em: <http://emmoreylab.sdsu.edu/pdf-brain/selected/pdf3.pdf>. Acesso em: 12 maio 2001.

ESTALELLA, A.; ARDEVOL, E. Field Ethics: Towards Situated Ethics for Ethnographic Research on the Internet. *Forum Qualitative Sozial forschung / Forum: Qualitative Social Research*, [S.l.], v. 8, n. 3, sep. 2007. DOI: <https://doi.org/10.17169/fqs-8.3.277>. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/277>. Acesso em: 2 jul. 2020.

JOHNSON, M. *The Body on the Mind*. The Bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago, The Univrsity of Chicago Press, 1987.

- KLIMA, E.; U. BELLUGI. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press. 1979.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and Dangerous Things*. What Categories Reveal about the Mind, Chicago. The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemas?. *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, pp. 39-74. 1990.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*, Chicago, The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*, Chicago, The University of Chicago Press, 1989.
- LANGACKER, R. W. Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I, *Theoretical Prerequisites*, Stanford, California, Stanford University Press. 1987.
- LANGACKER, R. W. Concept, Image, and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar, «*Cognitive Linguistics Research*, 1», Berlin - New York, Mouton de Gruyter. Foundations of Cognitive Grammar, Vol. II, Descriptive Application, Stanford, California, Stanford University Press. 1990.
- MACHADO, I. T. N. A tradução através do olhar da Linguística Cognitiva. *IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica*, [S. l.], v. 3, n. 10, pp. 117-133, 2017. Disponível em: <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/ifsophia/article/view/532>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- MACHADO, F. M. Á.; WANZELER, Leandro Alves; PINHEIRO, Rutileia Gusmão. Os desafios linguístico-cognitivos na tarefa da interpretação vocalizada da Libras para língua portuguesa no contexto educacional. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 15, n. 30, pp. 99-119, 2021.
- MACHADO, F. M. Á.; REIS, Elizabeth M. dos. Modelos Cognitivos Idealizados: uma Reflexão Sobre A Atividade Semântica Cognitiva No Contexto Jurídico. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], v. 12, n. 32, pp. 12-31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47456/pl.v12i31.39741>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/39741>. Acesso em: 13 abr. 2025.
- MOREIRA, F. S. R. O uso de sinais-termo como ferramenta conceitual na descrição das estruturas sintáticas para o ensino de bilinguismo para surdos. *The Specialist*, v. 41, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/42512>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- MURTA, M.A.; LOURENÇO, G. Mapeamentos icônicos na estrutura interna dos verbos na Língua Brasileira de Sinais. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 4, p. e450, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id450>. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/450>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- NUNES, V. F. Contribuições da Linguística Cognitiva para o estudo de línguas de sinais. *Signo*, v. 44, n. 81, pp. 77-86, 3 set. 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/13717>.
- QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed. 2004. VIOTTI, E; MCCLEARY, L. M. Conceptual integration and narrative voices in brazilian sign language. In: *Congresso Internacional de Aspectos Teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais*. Florianópolis: Lagoa Ed., 2006.

Estudos sobre a cognição e a tradução de Línguas de Sinais: criação social e ampliação terminológica

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E; LLOYD, B. (ed.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale: Erlbaum, 1978. pp 27-48.

SOUZA, C. L. ; LIMA, V. L. S. E. ; PÁDUA, F. L. C. Abordagem Interdisciplinar para a Criação e Preservação de Novos Sinais para Dicionários Terminológicos em Libras. *Acta Semiótica et Linguística*, v. 19, pp. 76-90, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/23434>. Acesso em: 23 mar. 2024.

TAUB, S. F. Language from the Body: iconicity and metaphor. In: *American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.

VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; RODRIGUES, J. R.; CARVALHO, D. J. Reflexões sobre educação de surdos em nossa contemporaneidade: a Libras como língua da escola. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 24, n. 4, pp. 742-760, out., 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v24i4.8669320>. Acesso em: 07 jan. 2025.

WILCOX, P. P. *Metaphor in American Sign Language*. Program at the University of New Mexico: Albuquerque, NM, 2000.

WILCOX, S. *Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages*. Germany: Walter de Gruyter, 2004.

WILCOX, P. P. A cognitive Key: Metonymic and metaphorical mappings in ASL. *Cognitive Linguistics*, 2004. Disponível em: http://www.unm.edu/~pwilcox/PWilcox_Key.pdf. Acesso em: 05 maio 2010.

WITCHES, P. H. Tradução e interpretação de língua de sinais como política linguística para surdos. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 21, pp. 133-144, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23742>. Acesso em: 12 mar. 2023.

ENTRE METÁFORAS E MEMES: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE SOBRE OCORRÊNCIA DE METÁFORAS SITUADAS EM MEMES POLÍTICOS

*BETWEEN METAPHORS AND MEMES: AN ANALYSIS EXERCISE ON THE OCCURRENCE
OF METAPHORS SITUATED IN POLITICAL MEMES*

Marcos Helam Alves da Silva¹

Márcia Ananda Soares Siqueira de Sousa²

RESUMO

Este trabalho busca estudar, em memes políticos, as metáforas como estratégia de persuasão e legitimação de posicionamentos no cenário da política brasileira, a partir de uma perspectiva sociocognitiva e discursiva. De modo a atingir nosso objetivo principal, realizamos uma breve discussão teórica, fundamentado em autores como Marcuschi (2000 [1975]), Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Lakoff (2016), Kövecses (2020), Vereza (2010, 2012, 2013), Vereza e Cavalcanti (2022), Vereza e Duque (2023), entre outros. Do ponto de vista metodológico, adotamos uma análise qualitativa, com a interpretação dos dados e sistematização das análises. Com isso, buscamos, num *corpus* composto de três memes políticos, verificar a ocorrência de metáforas sistemáticas em sua constituição. Os resultados apontaram para a ocorrência de várias metáforas criativas, com doses significativas de humor e repletas de aspectos argumentativos e persuasivos, importantes, para compreender esse campo tão significativo como a política.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Política. Memes.

ABSTRACT

This work seeks to study, in political memes, metaphors as a strategy of persuasion and legitimization of positions in the Brazilian political scenario, from a sociocognitive and discursive perspective. In order to achieve our main objective, we carried out a brief theoretical discussion, based on authors such as Marcuschi (2000 [1975]), Lakoff and Johnson (2002 [1980]), Lakoff (2016) Kövecses (2020), Vereza (2010, 2012, 2013), Vereza and Cavalcanti (2022), Vereza and Duque (2023), among others. From a methodological point of view, we adopted a qualitative analysis, with the interpretation of the data and systematization of the analyses. With this, we seek to verify the occurrence of systematic metaphors in their constitution in a *corpus* composed of three political memes. The results indicated the occurrence of several creative metaphors, with significant doses of humor and full of argumentative and persuasive aspects, important for understanding this field as significant as politics.

KEYWORDS: Metaphor. Politics. Memes.

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Professor Assistente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). marcoshelam@pcs.uespi.br, <https://orcid.org/0009-0005-1742-0188>.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de pós-doutorado Júnior do CNPq Universidade Federal do Piauí (UFPI). marcianandaa@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2618-3792>.

1. Introdução

Nas últimas décadas, as mudanças nos modos de produção e circulação de discursos, especialmente impulsionadas pelo ambiente digital, uso de redes sociais (por meio da qual gêneros, como os memes, se materializam) têm alterado significativamente as formas de interação política e os mecanismos de persuasão utilizados pelos atores públicos. No contexto das redes sociais, a viralização de conteúdos se estabelece como uma característica marcante da comunicação contemporânea, favorecendo a rápida disseminação de mensagens que muitas vezes recorrem a metáforas para a validação de seus propósitos. Essas metáforas destacam-se como um elemento central na construção de sentidos e na organização de visões de mundo, contribuindo, assim, para a construção da linguagem persuasiva de lideranças políticas, como veremos nas análises empreendidas neste estudo.

Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo analisar, em memes de natureza política, o papel das metáforas como estratégia de persuasão e legitimação de posicionamentos no cenário da política brasileira, a partir de uma perspectiva sociocognitiva e discursiva. Dessa maneira, fundamentado em autores como Marcuschi (2000 [1975]), Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Kövecses (2020), Vereza (2012, 2013), Morato e Freitas (2017) o estudo busca compreender como a metáfora opera na construção de sentidos, na legitimação de posicionamentos ideológicos e na constituição de visões de mundo nos espaços de circulação digital.

O *corpus* deste trabalho é constituído por três memes de natureza política diversos e de momentos, também, diversos (dois do contexto das Eleições presidenciais de 2022 e um tematizando um fato político do governo Lula de 2024), nos quais verificamos ocorrências de metáforas em sua constituição. Ademais, do ponto de vista metodológico, adotamos uma análise qualitativa, com a interpretação dos dados e sistematização das análises.

Para efetivação dos nossos propósitos, dividimos este artigo em três seções, cujo conteúdo abrange desde os fundamentos teóricos das metáforas ao seu funcionamento persuasivo, ideológico e humorístico nos memes. No primeiro momento, apresentamos e discutimos as várias configurações das metáforas, valendo-se, para tanto, de autores como Marcuschi (2000 [1975]), Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Kövecses (2020), Morato e Freitas (2017), Vereza (2012), dentre outros. Em seguida, discutimos, respaldados em Carvalho (2012), Charteris-Black (2011), Soares da Silva (2015), a estreita relação entre o uso de metáforas e os mecanismos de construção e validação de visões políticas. Em um terceiro momento, analisamos os memes que compõem o *corpus* deste estudo e discutimos como a descrição e interpretação das metáforas colaboram para a compreensão de processos persuasivos, argumentativos e humorísticos nesses textos.

Por último, tecemos as considerações (quase) finais que dizem respeito à proposta do artigo.

2. A metáfora: entre a tradição e as perspectivas contemporâneas

“Será possível acrescentar algo de interesse à quase ininterrupta investigação da metáfora desde que Aristóteles a definiu em sua Poética?” (Marcuschi, 2000 [1975], p. 72). Essa indagação instigante

e provocante está presente num texto clássico escrito por Marcuschi nos já longínquos anos 1970³ do século passado e se propunha a discutir um tema que acompanha a tradição filosófica e linguística da Antiguidade Clássica até os nossos dias.

O grande Marcuschi, dada sua enorme expertise já pré-anunciava, em importantes aspectos, algumas das ideias presentes em *Metaphors we live by*, publicado no início da década seguinte (2002 [1980]) por dois dissidentes de gerativismo chomskyano, o linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson. Muito embora, em seu texto, se discutam em diversos pontos os postulados da Teoria da Metáfora Conceptual — ou, nas palavras de Morato e Freitas (2017), uma perspectiva sociocognitiva e interacional da metaforicidade —, a preocupação de Marcuschi, como ele mesmo faz questão de enfatizar, está voltada para considerar aqueles que foram “olimpicamente ignorados pelos novos ‘desbravadores’” (Marcuschi, 2000 [1975], p. 72), dentro de um dos temas mais revisitados de nossa tradição: o da metáfora.

Uma das teses principais presentes na reflexão marchusciana sobre a metáfora reside na assertiva de que a metáfora está além de um mero instrumento de comparação de uma coisa com outras. Nas palavras do autor, “[...] a metáfora não é fruto da comparação, e sim, no máximo, base para uma comparação **a posteriori**. A ordem psicológica tem aqui prioridade sobre a ordem lógica. É a metáfora que funda a comparação e não o contrário” [itálico e negrito do autor] (Marcuschi, 2000 [1975], p. 77).

A posição de Marcuschi aqui exposta representa um pensamento aprofundado sobre a metáfora, sendo que, numa ordem hierárquica, a prioridade no processo de compreensão da realidade é a metáfora, a qual é a base para que outros processos, como a comparação, ocorram. Isso, na perspectiva de Morato e Freitas (2017), já aponta que o autor reconhecia a onipresença da metáfora na cognição humana, tese que estará presente de forma mais detalhada nas ideias de Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

Ainda na esteira de Marcuschi (2000 [1975]), ao responder a questão posta por ele mesmo em seu ensaio, é “perfeitamente plausível retomar a problemática, se não para trazer novidades, pelo menos para renovar o debate com colocações pouco exploradas” (p. 72-73). A resposta de Marcuschi à questão inicial, ainda hoje, se mantém atual e profícua, sendo que, embora retomado inúmeras vezes, o tema da metáfora vai se (re)atualizando a cada dia de modo a nos mostrar como as relações entre linguagem, cognição e mundo são essenciais para a própria compreensão da natureza humana.

³ O texto a que nos referimos é o ensaio “A propósito da Metáfora”, escrito por Marcuschi no ano de 1975, refeito anos mais tarde em 1978 e publicado originalmente na revista Pórtico em 1984, Revista do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi novamente publicado em 2000, na Revista de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), versão que estamos trabalhando e fazendo referência aqui neste estudo. Além da presença nesses periódicos, o ensaio se faz presente nos livros Reflexões Linguísticas: reflexões semânticas e discursivas, organizados em 2007 pela Editora Lucerna, com um conjunto de ensaios do próprio Marcuschi, e, posteriormente, fez parte do livro A propósito da Metáfora, organizado por Aldo de Lima, em 2014 e publicado pela Editora da UFPE.

Nessa perspectiva, conforme Vereza (2012), o que hoje compreendemos por metáfora é fruto de um conjunto sistemático de redefinições, que culminaram em sua transição de figura de linguagem retórica para um fenômeno importante para a compreensão da cognição humana e das nossas atividades discursivas. Em suas palavras,

A metáfora que hoje se encontra sob os holofotes intelectuais, na verdade, não é a mesma que habitava as listas classificatórias dos tropos da retórica restrita. A sua ascensão foi impulsionada por reconceituações e redefinições que, na maioria das vezes, implicava sua promoção ou valorização, como fenômeno de natureza não só linguística, mas também cognitiva e, mais recentemente, discursiva (Vereza, 2012, p. 47).

Uma das redefinições mais significativas e responsável por um novo status epistemológico com uma virada paradigmática (cf. Zanotto *et al.*, 2002) nos estudos da metáfora é a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC), prototípica das reflexões de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a partir do qual uma plethora de novos estudos se firmou.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]⁴) demarcaram com a TMC uma nova forma de compreender o fenômeno metafórico, com a assertiva fundamental de que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado. Tal compreensão serve de lastro para o entendimento de que a metáfora é integrante da nossa vida cotidiana e não apenas uma figura de linguagem, um desvio ou um elemento retórico da feitura poética. Afirmam os autores que,

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 45-46).

Dessa maneira, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) apontam para o caráter essencialmente cognitivo da metaforicidade. Com isso, ao compreender que a nossa linguagem cotidiana é perpassada por metáforas, compreendemos também a mente e como se dá o processamento da linguagem da própria compreensão humana (Costa Lima, 2003). As metáforas são, pois, um meio extremamente significativo para a estruturação, reestruturação e até criação da realidade (Kövecses, 2020).

Fincadas na base experientialista da cognição humana, os autores postulam que representamos inúmeros conceitos utilizando metáforas, de forma automática e inconsciente, de modo que nem nos damos conta disso e, com isso, pensamos que podemos viver sem usar expressões metafóricas para externar o que sentimos.

⁴ Em 2002, um grupo coordenado pela Profa. Mara Zanotto (PUC/SP) traduziu a obra para o português.

Além do mais, as conceptualizações metafóricas emergem da interação do homem com o meio numa relação alicerçada na tríade mente-corpo-mundo. Assim, a metáfora linguística só se torna possível por estar infiltrada no sistema conceitual e ser gerada com base nas experiências corpóreas em íntima relação com o ambiente físico e cultural, sintonizada com a compreensão e o entendimento do próprio agir e pensar do homem (Costa Lima, 2003).

A base da teoria proposta pelos autores está na assertiva de que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 5). Dessa maneira, a metáfora consiste num mapeamento sistemático entre dois domínios conceituais: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O primeiro (mais físico) é a fonte das inferências, o segundo (mais abstrato) é onde as inferências se aplicam. Sobre isso, Kövecses (2020) aponta que tal compreensão assinala a metáfora conceptual na perspectiva de um produto e de um processo, “o processo cognitivo de entender um domínio é o aspecto do processo da metáfora, enquanto o padrão conceptual é o aspecto do produto”⁵ (Kövecses, 2020, p. 1).

De acordo com Vereza (2012), a partir de Lakoff e Johnson, a metáfora configura-se como uma figura de pensamento e não apenas uma questão de linguagem, trata-se de uma forma de pensar ou conceptualizar uma coisa em termos de outra. Desse modo, ao se deslocar a metáfora de uma figura de linguagem para uma figura de pensamento, temos “um processo pelo qual experiências são elaboradas cognitivamente, a partir de outras já existentes, no nível conceptual” (Vereza, 2012, p. 52).

É inegável o impacto da obra de Lakoff e Johnson nos estudos da metáfora, através dos quais importantes deslocamentos foram realizados, além da sistematicidade de uma teoria que elevou a metáfora a um lugar de destaque na compreensão da conceptualização humana e na compreensão de sua própria natureza. Obviamente, como é peculiar a toda obra pioneira, esta não é isenta de críticas. Uma das principais críticas repousa na exemplificação disponível na obra, já que muitos dos exemplos dados pelos autores não são oriundos de uma pesquisa que levantasse um *corpora* autêntico, mas foram ali elencados a partir da própria intuição dos autores (cf. Vereza, 2012). Tal situação é bastante diferente nas pesquisas sobre metáfora na atualidade em que os dados são retirados de situações de uso.

Além disso, conforme Kövecses (2020), o trabalho pioneiro motivou um significativo número de trabalhos na área, os quais não apenas reproduziram a TMC de Lakoff e Johnson, mas também acrescentaram e modificaram a teoria. Em suas palavras, “é óbvio que o que conhecemos hoje como TMC não é equivalente à teoria da metáfora proposta por *Metaphors We Live By*. Muitos dos críticos da TMC assumem, incorretamente, que a TMC é igual a *Metaphors We Live By*”⁶ (Kövecses, 2020, p. 1). Uma série de estudos foram desenvolvidos em diversas orientações teóricas-metodológicas (cf. Morato; Freitas, 2017):

⁵ Tradução para: The cognitive process of understanding a domain is the process aspect of metaphor, while the resulting conceptual pattern is the product aspect.

⁶ Tradução para: (...) it is obvious that what we know as CMT today is not equivalent to the theory of metaphor proposed in *Metaphors We Live By*. Many of the critics of CMT assume, incorrectly, that CMT equals *Metaphors We Live By*.

- a) cognitivismo mais clássico: Lakoff; Johnson, 1980; Lakoff, 1987; e, Lakoff; Turner, 1989.
- b) abordagens de cunho experiencialista: Grady, 1997; Lakoff; Johnson, 1999.
- c) perspectivas ancoradas em fatores socioculturais, pragmáticos e multimodais: Steen, 2011; Kövecses, 2005; Semino, 2008; Gibbs, 2011, Cameron, 2007; Charteris-Black, 2004; Vereza, 2010, 2013; Cameron; Deignan, 2006; Forceville, 2006, 2010,⁷ e, acrescentaríamos ainda nesta última perspectiva os trabalhos de: Pelosi; Feltes; Cameron, 2013; Cavalcanti; Vereza, 2014, 2020; Sperandio, 2014⁸.

Como dissemos anteriormente, as críticas ao caráter intuitivo das metáforas de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) foram significativas. Nesse contexto, segundo Vereza (2010), os trabalhos surgidos, especialmente, nos anos 90⁹ foram motivados a partir dessas “brechas” da TMC original. Com isso, várias pesquisas (como as listadas em c) surgiram com o propósito de apresentar análises de metáforas oriundas de situações de uso e não apenas da intuição do pesquisador. Assim, as análises passaram a recobrir um universo significativo de “gêneros textuais, em corpora gerais ou específicos e, a partir desses dados, identificar as metáforas conceptuais subjacentes (como, por exemplo, em Kövecses, 2002)” (Vereza, 2010, p. 207).

Ainda conforme a autora, em estudo de 2013, uma série de pesquisas realizadas, especialmente, por Cameron¹⁰ e associados passaram a compreender a metáfora, a partir de uma dimensão discursiva, em que se propõem duas unidades de análise: (1), o metaforema, definido como “metáfora nova, emergente, local, vinculada a um sistema complexo, candidata a convencionalização” e, (2), a metáfora sistemática, compreendida como “metáfora cognitiva subjacente ao discurso, situada, ao contrário da metáfora conceptual, em textos específicos, e evidenciada por marcas linguísticas metafóricas, ou veículos, presentes nesses textos” (Vereza, 2013, p. 5).

Além dos estudos de Cameron e associados acerca da metáfora em uso, Vereza (2013) lança mão de sua proposta, que se coloca ao lado da metáfora sistemática: a metáfora situada e o nicho metafórico (cf. Vereza, 2010; 2013, além de Vereza e Cavalcanti, 2022; Vereza e Duque, 2023). Na proposta desenvolvida pela autora, a ideia de nicho metafórico dá condições para a compreensão da “metaforicidade textual [...], a partir dos desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais ou episódicas” (Vereza, 2013, p. 5). A autora chama esse tipo de metáfora de metáfora situada, que é por ela caracterizada como

⁷ Essa sistematização foi realizada por Morato e Freitas, 2017. Uma sistematização semelhante a essa pode ser encontrada no trabalho de Vereza e Cavalcanti, 2022.

⁸ Os trabalhos por nós listados, na complementação da sistematização de Morato e Freitas (2017), situam-se nas perspectivas da metáfora sistemática, metáfora situada e da metáfora multimodal. Todos os estudos focados no que as autoras chamam de perspectivas ancoradas em fatores socioculturais, pragmáticos e multimodais.

⁹ Vereza (2010) cita como exemplos desses trabalhos, até aquele momento, as reflexões de Deignan, 2005; Cameron, 1999 e Vereza, 2008.

¹⁰ Dentre os trabalhos citados por Vereza (2013), estão Cameron (2008); Cameron e Deignan (2006), Cameron e Maslen (2010), Cameron *et al.* (2009), além de Semino (2008).

uma metáfora que, apesar de estruturar cognitivamente textos específicos, não precisa ser explicitada linguisticamente. No entanto, ao contrário da metáfora sistemática, ela conduz, cognitiva e discursivamente, todo um desdobramento ou mapeamento textual, *online*, episódico, construindo um determinado objeto de discurso (Mondada e Dubois, 2003), ou um ponto de vista, de uma maneira deliberada. Ou seja, a metáfora situada não é apenas discursiva por estar presente, mesmo que somente no nível cognitivo, na linguagem em uso; ela, de fato, encontra-se claramente na interface entre cognição e pragmática, ajudando-nos a compreender, sob um dado ângulo, a complexidade desse entrelace (Vereza, 2013, p. 6).

As metáforas situadas são, assim, deliberadas, contextualizadas e condutoras de um ponto de vista (Vereza; Duque, 2023). Com base nelas, cremos possuir teoricamente um fundamento para as análises que empreendemos adiante. Antes de apresentá-las, vamos, porém, refletir um pouco sobre a metáfora na política, visto que nosso *corpus*, os memes de natureza política, derivam desse campo.

2.1. A metáfora na política: as relações entre persuasão, argumentação e cognição

Carvalho (2012) aponta que muito da agenda política, nacional e internacional, está marcado por discursos que são recheados de metáforas, seja de forma explícita ou implícita. Essa posição foi muito bem explicitada também nos estudos de Charteris-Black (2011).

Para o autor, a linguagem configura-se como o elemento garantidor da legitimidade das lideranças. É através da linguagem que todo e qualquer tipo de sistema político se mantém, desde os autocráticos aos democráticos. Segundo Charteris-Black (2011, p. 2-3), a escolha da linguagem, além do uso de metáforas, contribui para o sucesso de vários líderes políticos do mundo ocidental do século XX. Em suas palavras,

Compreender a natureza sistemática das escolhas metafóricas é, portanto, necessário, se quisermos compreender como sistemas de crenças inteiros são concebidos e comunicados. Isso ocorre porque a metáfora é uma característica estilística da linguagem persuasiva da liderança política¹¹ (Charteris-Black, 2011, p. 3).

Cremos que o uso deliberado de metáforas no discurso político, além de propiciar uma rede argumentativa e persuasiva, também possibilita uma maior intimidade entre a figura política e seus eleitores, criando situações de uma proximidade discursiva nas quais o eleitor passa a se perceber como figura importante daquele jogo enunciativo.

Vejamos, a título de exemplificação, o discurso do presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), realizado no dia 03 de abril de 2025, durante o evento “*O Brasil dando a volta por cima*”. Observemos os trechos¹² abaixo:

¹¹ Tradução nossa para: Understanding the systematic nature of metaphor choices is therefore necessary if we are to understand how entire belief systems are conceived and communicated. This is because metaphor is a stylistic characteristic of the persuasive language of political leadership.

¹² O discurso na íntegra pode ser conferido no link: <https://11nk.dev/IIpLg>.

Texto 1:

Minhas amigas e meus amigos. Ao longo deste evento, apresentamos um breve balanço daquilo que fomos capazes de realizar em apenas dois anos. A começar pela reconstrução de um país deixado em ruínas pelo governo anterior. O Brasil é um país que volta a sonhar e ter esperança. Um Brasil que dá a volta por cima e deixa de ser o eterno país do futuro, para construir hoje o seu futuro.

No trecho acima, constam algumas metáforas bastante interessantes, a primeira delas é PAÍS É EDIFÍCIO, deixado despedaçado, em ruínas pelo governo anterior e que, portanto, merece atenção, cuidado e reconstrução. Há um viés argumentativo muito forte no uso dessa metáfora, no sentido de mostrar que o governo atual é aquele que cuida e que suas ações são as responsáveis pela reconstrução do país. A partir dessa metáfora, podemos derivar duas outras aí presentes: NAÇÃO É FAMÍLIA e PRESIDENTE É PAI AMOROSO, aquele que cuida e dá as condições necessárias para que sua família se desenvolva e tenha condições necessárias de sobrevivência e vidas dignas. Na sequência, através do processo de personificação, temos a ocorrência da metáfora PAÍS É UMA PESSOA, que ao ser cuidada volta a sonhar, ter esperanças e dar a volta por cima. Num outro trecho do mesmo discurso:

Texto 2:

O Brasil era uma casa em ruínas. Uma terra arrasada. Em apenas dois anos de muito trabalho, nós arrumamos a casa. Refizemos os alicerces, erguemos de novo as paredes. Aramos a terra, semeamos, regamos com carinho e estamos colhendo os resultados. O Brasil está de novo entre as dez maiores economias do mundo.

Como estratégia argumentativa, temos novamente a reiteração da metáfora PAÍS É EDIFÍCIO EM RUÍNAS, cujas ações do governo atual foram responsáveis pela sua reestruturação. Outra metáfora presente logo no início do trecho em destaque é POLÍTICA É DESTRUIÇÃO. Nesse caso, as ações do governo anterior foram responsáveis pela destruição do país, de sua organização e de sua soberania. ORGANIZAÇÃO É PLANTAÇÃO é outra metáfora presente no trecho, a qual permite a compreensão de que as ações governamentais realizadas de forma efetiva e organizadas vêm contribuindo para o seu desenvolvimento, cujos frutos já começam a ser colhidos com a volta do Brasil às dez maiores economias do mundo. As metáforas empregadas pelo Presidente Lula, além de possuírem uma carga argumentativa enorme, trabalham também com a emoção do interlocutor. Sobre isso, Charteris-Black (2011) aponta que

A metáfora é uma característica importante do discurso persuasivo porque faz a mediação entre esses meios conscientes e inconscientes de persuasão - entre cognição e emoção - para criar uma perspectiva moral sobre a vida (ou *ethos*). É, portanto, uma estratégia central de legitimação nos discursos políticos¹³ (Charteris-Black, 2011, p. 13).

¹³ Tradução para: Metaphor is an important characteristic of persuasive discourse because it mediates between these conscious and unconscious means of persuasion – between cognition and emotion – to create a moral perspective on life (or *ethos*). It is therefore a central strategy for legitimisation in political speeches.

A utilização dessas metáforas no discurso político, como as presentes no pronunciamento do Presidente Lula, cria uma rede de relações entre aquele que discursa e os que ouvem. Com elas, inferimos que o desejo daquele que fala é mostrar que as políticas adotadas pelo governo são efetivas e estão provendo grandes feitos para o país.

Na esteira dessa reflexão sobre a relação entre metáfora e política, gostaríamos também de ressaltar a contribuição de Soares da Silva (2015). Em sua perspectiva, a metáfora é um importante instrumento conceptual e discursivo utilizado na manipulação e persuasão, “não é só meio de conhecimento e compreensão do mundo como também estratégia de persuasão e manipulação emocional e ideológica” (Soares da Silva, 2015, p. 6).

Na perspectiva do autor, dois aspectos principais que fazem parte da natureza da metáfora colaboram com o seu apelo na política, são eles: (a), a sua natureza corpórea e inconsciente; e, (b), a sua natureza ideológica. Tais características, a seu ver, fazem com que a opinião pública nem perceba que está sendo manipulada. (Soares da Silva, 2015). Ou seja, o uso da metáfora como uma estratégia política é tão deliberado, que nem percebemos as teias das relações de sentido que ela é capaz de envolver.

No estudo em questão, Soares da Silva (2015) aponta que a metáfora não está presente apenas no discurso da imprensa portuguesa, mas, sobretudo, configura-se como uma poderosa estratégia da imprensa com vistas à defesa da política de austeridade e suas relações econômicas, políticas e sociais, ligadas a uma agenda ideológica, emocional e moral. Segundo o autor, “as expressões metafóricas encontradas no *corpus* instanciam metáforas baseadas na GRANDE CADEIA DO SER, metáforas de ESQUEMAS IMAGÉTICOS e metáforas baseadas na metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS/AÇÕES”. Além disso, as metáforas da austeridade estudadas pelo autor estabelecem-se a partir de domínios oriundos do comportamento humano como “responsabilidade/irresponsabilidade, disciplina, sacrifício, obesidade, crueldade, despotismo, honra, bom aluno, o orçamento e as dívidas familiares, esquemas imagéticos do CAMINHO e da FORÇA e determinados eventos ou ações como guerra, jogo, gestão da casa ou da empresa, terapia e missão (Soares da Silva, 2015, p. 33).

Os estudos aqui citados fazem parte de uma pequena mostra que se propõe a refletir sobre as relações entre metáfora e política. Não pretendemos, até pelos próprios objetivos do nosso estudo, fazer uma análise pormenorizada dessa relação. Através delas, porém, cremos que conseguimos mostrar de forma, ainda que breve, como a metáfora tem sido estratégia importante nos domínios da política.

Empreendemos, na sequência, um exercício analítico da presença da metáfora em memes políticos. Antes, vamos apresentar nossos passos metodológicos.

3. Aspectos teóricos e metodológicos

Neste trabalho, analisaremos três memes políticos oriundos de contextos temporais e temáticos distintos: dois relacionados às eleições presidenciais de 2022 e um que aborda um fato político mais

recente, vinculado ao governo Lula e publicado em 2024. Essa diversificação temática e temporal se dá em razão de nosso propósito, qual seja o de investigar como essas metáforas situadas se manifestam nesses memes e os sentidos que construímos a partir de suas interpretações.

Para tanto, adotamos uma abordagem metodológica composta por três etapas:

1. Pesquisa bibliográfica

Realizamos uma revisão acurada da teoria da metáfora, suas facetas e caminhos, com o propósito de compreender conceitos voltados à promoção de análises dos memes fundamentadas em bases sólidas e atualizadas.

2. Coleta e sistematização do *corpus*

Como já antecipamos, selecionamos para a constituição do *corpus* três memes políticos que apresentam diversidade temporal e temática: dois relativos às eleições presidenciais de 2022 e um sobre o atual governo Lula. A escolha visa ampliar o alcance da análise, permitindo, assim, observar como as metáforas situadas, em contextos discursivos e políticos diferentes, operam sentidos e legitimam posicionamentos ideológicos e visões de mundo nos espaços de circulação digital.

3. Análise qualitativa

Realizamos uma interpretação das metáforas presentes nos memes, considerando não apenas os elementos linguísticos dos textos, mas também os imagéticos e os contextos de produção. A abordagem qualitativa é justificada pela necessidade de compreensão da construção de sentidos do memes como gênero multimodal em suas múltiplas camadas, que estão para além da identificação de metáforas.

Com isso, buscamos (i) refletir e contribuir com as pesquisas sobre a metáfora, especialmente, em gêneros como o meme; (ii) compreender o uso de metáforas no campo da política; (iii) apontar para os efeitos de sentido humorísticos, argumentativos e persuasivos das metáforas presentes nos memes analisados.

No item abaixo, apresentamos as nossas análises.

4. A metáfora em memes políticos: um exercício de análise

Como temos discutido até agora, as metáforas têm sido uma ferramenta de grande valia no âmbito da política. Ela está nos pronunciamentos oficiais, nos discursos e nos mais variados instrumentos da retórica política. Além desses instrumentos “mais tradicionais”, a política vem se servindo também da evolução gerada pelas novas TICs, especialmente aquelas ligadas ao uso do computador e da internet, com o uso de redes sociais e dos gêneros de texto, que, a partir delas, se materializam.

Um desses gêneros é o meme. O meme é um gênero multimodal, no geral, mescla mais de uma semiose e quase sempre também, parte de uma relação intertextual¹⁴, com foco no humor. A

¹⁴ A intertextualidade é um conceito originário da crítica literária, criado pela crítica literária Júlia Kristeva, a partir do postulado bakhtiniano de dialogismo. Conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2012), a intertextualidade ocorre a partir da relação de um texto com outro texto. Em suas palavras, “[a intertextualidade] ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (...) dos interlocutores” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012, p. 17).

viralização, uma de suas marcas, além do grande apelo que tem gerado numa parcela significativa da população brasileira, não tem passado despercebida pelo campo da política, a partir do qual, os memes têm se tornado um recurso cada vez mais presente nas campanhas políticas a cada nova eleição.

Nesse contexto, o que nos chama a atenção são as diversas metáforas presentes nos memes, conforme demonstraremos no exercício de análise apresentado a seguir. Alguns estudos já vêm buscando demonstrar a presença da metáfora em memes, dentre eles, destacamos o estudo de Vereza (2013), anteriormente aqui citado, que destaca que há uma complexidade bastante significativa quando da análise de metáforas sistemáticas em memes, tendo em vista que, segundo a autora, muitos memes constroem metáforas “- ou a sua desconstrução ou paródia - para criar humor e desenvolver argumentos” (Vereza, 2013, p. 11). Além de possuírem características como: (a) deliberadas; (b) criativas; (c) episódicas; e, (d) *online*, fazendo com que essas metáforas sejam situadas (Vereza, 2013).

Para iniciar nosso empreendimento analítico, observemos o meme a seguir (figura 1):

Figura 1: Harry Freixo e Dumbledore x Voldenaro e Draco Malcastro



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgMyROxOewv/>, com acesso em: 29 maio 2025.

O meme, em análise, foi publicado inicialmente na página do *Instagram* do então Deputado Federal Marcelo Freixo e candidato a Governador do Estado do Rio de Janeiro pelo (PSB), nas eleições de 2022. O meme, com mais de 30 mil curtidas e vários compartilhamentos, foi veiculado também numa matéria do UOL¹⁵ com os memes que repercutiram sobre os candidatos à presidência, naquele momento, durante o pleito eleitoral de 2022.

¹⁵ A referida matéria pode ser encontrada no link: <https://11nk.dev/1QpMf>.

Além, evidentemente, de gerar humor, o meme serve-se de uma série de metáforas com um caráter também bastante argumentativo e persuasivo. Como é peculiar dos memes, temos aqui a presença de um fenômeno textual, a intertextualidade, que julgamos ser muito importante para a construção de sentidos do texto, bem como colabora, sobremaneira, para a construção das metáforas presentes no meme. A intertextualidade presente se dá, a partir, dos nomes como também das imagens destacadas.

A primeira delas é a metáfora *POLÍTICOS SÃO PERSONAGENS DA SAGA HARRY POTTER*. Aqui, temos que recuperar os filmes e os principais personagens da saga de filmes *Harry Potter* e que também são tematizados no meme, o próprio Harry Potter, protagonista de toda a trama, além do diretor da Escola de Magia e Bruxaria *Hogwarts*, onde Harry estuda e seu principal defensor e protetor. Esses personagens representam as forças do “bem” e lutam contra o mal. E, do outro lado temos Voldemort, o lorde das trevas e Draco Malfoy, este também estudante da escola de *Hogwarts* e que mantém uma relação conflituosa com Harry, que representa as forças do “mal”. A partir dessa breve contextualização, temos as seguintes metáforas: *Lula é Dumbledore*, *Marcelo Freixo é Harry Potter*, *Bolsonaro é Voldemort* e *Cláudio Castro é Draco Malfoy*.

Acompanhando essa divisão entre bruxos do bem e bruxos do mal e relacionando esse fato com a política, infere-se, a partir do meme, que existem políticos bons e políticos maus. Nesse caso, podemos sistematizar as metáforas *Políticos de Esquerda são Luz* e *Políticos de Direita são Escuridão*.

O segundo meme (figura 2), ao qual nos deteremos, não tem um apelo humorístico da mesma forma que o primeiro meme, entretanto, é rico em estratégias argumentativas e persuasivas. Vejamos:

Figura 2: O Pai tá on!



Fonte: Disponível em: <https://11nq.com/xraVr>, com acesso em 25 maio 2025.

O meme acima (figura 2) encontra-se disponível numa reportagem do site *Escola Educação* e o seu propósito é mostrar quais foram os memes mais buscados do ano de 2022. Dentre os vários listados, temos os memes do Lula e este, segundo o site, foi um dos mais buscados. No caso, a expressão “o pai tá on” faz o meme estabelecer uma relação intertextual com inúmeros outros textos das mais diversas situações. O meme tem, portanto, a característica de (re)utilizar imagens e expressões de forma reiterada em variados contextos.

A viralização da expressão é atribuída ao jogador *Neymar* quando comemorou a classificação do *Paris Saint-Germain Football Club*, clube francês pertencente à primeira divisão de futebol da França, para participar dos jogos semifinais do *Champions League*, que por sua vez, trata-se de uma competição anual de futebol realizada por vários clubes de futebol franceses desde o ano de 1955. A partir disso, a expressão caiu no gosto popular e passou a ser usada, tanto no contexto das redes sociais, na internet, como também na comunicação oral entre as pessoas; passou a ser utilizada em contextos informais, profissionais e como flerte. Em sentido amplo, a expressão significa que a pessoa está disponível, pronta para tudo.

O meme em questão serve-se da metáfora conceptual PRESIDENTE É PAI para a criação da metáfora situada *Presidente é pai descolado*. A metáfora conceptual PRESIDENTE É PAI foi amplamente estudada por Lakoff (2016 [2002]) e está associada à metáfora conceptual NAÇÃO É FAMÍLIA. Na perspectiva do autor, existem dois modelos de família presentes no pensamento conservador/liberal, apoiados, por sua vez, nos modelos de pai severo e pai cuidadoso. Obviamente, a metáfora conceptual em questão aponta para o modelo tradicional e conservador de família, a família nuclear, composta por pai, mãe e filhos. Além dessa visão não contemplar os vários modelos de composição familiar existentes na sociedade, ela ainda aponta para uma visão de que cada um tem uma função muito bem estabelecida, sendo que ao pai cabe o cuidado, o sustento e as condições de subsistência.

No caso, a metáfora sistemática *Presidente é pai descolado* distancia-se um pouco dessa vertente moral e desse modelo conservador de família e pai. Embora o pai ainda seja aquele que cuida, protege e garante as condições básicas da família, ele é amigo, legal, moderno, com um estilo e personalidade própria. cremos que o uso dessa metáfora não foi aleatório, pois, além de possivelmente tentar atingir uma população mais jovem que usa e compreende os sentidos da expressão, há uma tentativa de se afastar do modelo conservador e militar defendido pelo seu principal oponente nas eleições de 2022.

O próximo meme (figura 3), temos a metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS, convocada para a criação das metáforas situadas: *Geraldo Alckmin é o papa-légua* e *Ações do governo são uma corrida*.

Figura 3: Pé na tábua



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6Gi2CNOu4I/>, com acesso em: 25 maio 2025.

O meme acima está disponível no perfil oficial do Instagram do Vice-presidente da República e também, Ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços do Brasil, desde o ano de 2023. O meme postado em abril de 2024, estabelece uma intertextualidade com o desenho animado *Papa-léguas*, uma série de desenho americana e, também, faz referência a uma reunião em que o Presidente Lula cobrou mais celebridades nas ações de seus ministros.

A cobrança repercutiu na mídia, que ficou alvoroçada com a cobrança pública do presidente a sua equipe. No entanto, foi tomada de humor pelo vice-presidente e ministro, Geraldo Alckmin com o meme em questão. Dele, como dissemos, temos duas metáforas situadas: *Geraldo Alckmin é o papa-léguas* e *Ações do governo são uma corrida*. Do domínio-fonte papa-léguas projeta-se a ideia de velocidade, sorte e agilidade, sobre o domínio-alvo Geraldo Alckmin. O humor é recuperado a partir das várias inferências realizadas, sobretudo, as intertextualidades presentes e os mapeamentos realizados de um domínio para o outro.

Feitos nossos exercícios de análise, passamos, agora, às considerações (quase) finais.

5. Considerações (quase) finais

Retomando a questão proposta por Marcuschi: “Será possível acrescentar algo de interesse à quase ininterrupta investigação da metáfora desde que Aristóteles a definiu em sua Poética?” (Marcuschi, 2000 [1975], p. 72). Concordamos, integralmente, com ele ao dizer que sim. Da tradição aristotélica até agora, temos significativos nuances e diversos aspectos que foram e serão ainda refletidos no âmbito da metáfora.

A TMC prototípica dos estudos de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) deu importante contribuição no sentido de colocar a metáfora dentro de uma metateoria e de uma área de pesquisa como é o caso da Linguística Cognitiva. Além disso, a teoria não parou, segue pujante e desenvolvendo caminhos dos mais diversos para dar conta dos mais variados aspectos da metáfora, como aqui elencamos. cremos que, para os propósitos deste estudo, a proposta de Vereza (2010, 2013 e seus associados), da metáfora sistemática serviu como um norte teórico importante para compreender as nuances da presença da metáfora em memes políticos que possuem uma complexidade por conta de sua configuração multimodal.

Além de recorrer a fenômenos do campo textual, como a intertextualidade. Temos ciência de que não aprofundamos aqui essa relação intertextualidade e metáfora, mas reconhecer, ainda que de forma superficial, as relações de sentido que esses dois fenômenos, um do campo do texto e o outro do campo da cognição, têm na construção de sentidos de um gênero como o meme já é um passo importante.

Ademais, mostramos, ainda, o uso recorrente de metáforas políticas num gênero que não é de uso convencional desse campo, mas, que vem pleito após pleito, ganhando mais espaço e trazendo a ocorrência de metáforas criativas, regadas de humor e repletas de aspectos argumentativos e persuasivos, importantes, para compreender esse campo tão significativo como a política.

Referências

- CARVALHO, Sérgio. Palavras em guerra: as metáforas nos discursos de G.W. Bush e seus colaboradores sobre o 11 de setembro. In: VEREZA, Solange (org.). *Sob a ótica da Metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Politicians and rhetoric: the persuasive power of metaphor*. Londres: Palgrave Macmillan, 2011.
- COSTA LIMA, Paula Lenz. Metáforas e linguagem. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes Feltes. *Produção de Sentido: relações transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul, EDUCS, 2003.
- KOCH, Ingedore; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- KÖVECSES, Zoltan. *Extended conceptual metaphor theory*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2020.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Educ., 2002 [1980].
- LAKOFF, George. *Política moral: cómo piensan progresistas y conservadores*. Madrid: Capitán Swing, 2016.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. A propósito da metáfora. *Revista de estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, pp. 71-89, 2000 [1975].
- MORATO, Edwiges Maria; FREITAS, Nathália Luiz de. “A propósito da metáfora” (1975), de Luiz Antônio Marcuschi: apontamentos para uma perspectiva sociocognitiva e interacional da metaforicidade. *Revista Investigações - Linguística*, v. 30 n. 2, pp. 130-152, 2017.
- PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes; CAMERON, Lynne. A influência da mídia no discurso sobre violência urbana em Fortaleza-Ceará-Brasil. *Revista Signo*, v. 38, pp. 38-53, 2013.
- SOARES DA SILVA, Augusto. Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa. *Revista Investigações - Linguística*, Recife, v. 28 n. 2, 2015.
- SPERANDIO, Natália Elvira. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentidos de charges animadas*. 2014. 155 f. (Tese de Doutorado) – Faculdade de Letras – FALE, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2014.
- VEREZA, Solange. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 41, pp. 199-212, 2010.
- VEREZA, Solange. Trajetórias da Metáfora: retórica, pensamento e discurso. In: VEREZA, Solange (org.). *Sob a ótica da Metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.
- VEREZA, Solange. Metáfora é que nem... Cognição e discurso na metáfora situada. *Revista Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, pp. 2-21, jul./dez. 2013.

Entre metáforas e memes: um exercício de análise sobre ocorrência de metáforas situadas em memes políticos

VEREZA, Solange; CAVALCANTI, Fernanda. Percorrendo as trilhas da metáfora: teorias, abordagens e métodos. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa; SANCHEZ-MENDES, Luciana (org.). Teoria e Análise Linguística. Niterói: EDUFF, 2022.

VEREZA, Solange; DUQUE, Paulo Henrique. Metodologias no estudo da metáfora: uma abordagem cognitivo-discursiva. In: VELOZO, Naira de Almeida, BERNARDO, Sandra; NUNES, Valéria Fernandes (org.). *Linguagem, cognição e sociedade: interlocuções em Linguística Cognitiva*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

ZANOTTO, Mara Sophia *et al.* Apresentação à Edição Brasileira. In: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ., 2002.

**PROPÓSITOS RETÓRICOS DA METÁFORA DA DOENÇA:
ESTUDO SOBRE TÍTULOS NOTICIOSOS DA POLÍTICA PORTUGUESA**

RETHORICAL GOALS OF THE ILLNESS METAPHOR: PORTUGUESE POLITICAL NEWS HEADLINES

Sara Topete de Oliveira Pita¹

RESUMO

A presença da metáfora no discurso político, assim como em outras atividades, tornou-se tão frequente, que, muitas vezes, já não é percebida como tal. Muito além do seu efeito estético, a metáfora constitui uma ferramenta ao serviço de propósitos comunicativos, devido à sua capacidade de criar novas realidades. Neste trabalho, pretende-se estudar o uso da metáfora conceptual da doença no âmbito político português e os seus propósitos retóricos. Nesse sentido, desenvolveu-se um estudo exploratório que adota uma metodologia *top-down*, ou seja, que parte da metáfora conceptual da doença para os veículos (por exemplo, “cancro” ou “diagnóstico”) que concretizam a construção de diferentes metáforas linguísticas. A adoção desta metodologia resultou, até à data, num *corpus* composto por mais de 50 notícias sobre a política portuguesa, fornecendo uma base para uma análise mais aprofundada do enquadramento metafórico na comunicação política. Os dados apontam para a prevalência de veículos como “contaminado(s)”, “doente”, “diagnóstico” ou “sintoma” para a construção argumentativa da crítica ao adversário. Porém, existem também alguns casos em que a metáfora serve para credibilizar ou legitimar o enunciador, construindo uma imagem de herói ou salvador (cf. “médico”).

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora conceptual. Metáfora linguística. Discurso político. Propósitos retóricos.

ABSTRACT

The use of metaphor in political discourse and other communicative contexts has become so pervasive that it often goes unnoticed. Beyond its aesthetic function, metaphor serves as a powerful rhetorical tool, shaping perceptions and constructing new realities. This study examines the conceptual metaphor of illness in Portuguese political discourse, analyzing its rhetorical functions and implications. Employing a top-down methodological approach, the research begins with the conceptual metaphor of illness and identifies key metaphorical vehicles (e.g., “cancer” or “diagnosis”) that give rise to various linguistic expressions. The ongoing study has thus far compiled a *corpus* of 50 news articles on Portuguese politics, providing a foundation for further analysis of metaphorical framing in political communication. The data shows the prevalence of vehicles such as “contaminado”, “doente”, “diagnóstico” or “sintoma” for the argumentative construction of criticism. However, there are also some cases in which the metaphor serves to give credibility or legitimacy to the speaker, creating an image of a hero or savior (cf. “médico”).

KEYWORDS: Conceptual metaphor. Linguistic metaphor. Political discourse. Rhetorical functions.

1. Introdução

A metáfora, como Lakoff e Johnson defenderam no seu trabalho *Metaphors we live by* (1980), está presente nas mais variadas atividades profissionais e sociais. O seu uso transcende a intenção

¹ CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra (UC), Portugal - CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal, sara.pita@uc.pt, <https://orcid.org/0000-0001-8429-4189>.

estética, constituindo-se como um processo mental de raciocínio. Assim, a metáfora não é um artifício, mas sim uma ferramenta em serviço de um propósito comunicativo.

Metaphors may create realities for us, especially social realities. A metaphor may thus be a guide for future action. Such actions will, of course, fit the metaphor. This will, in turn, reinforce the power of the metaphor to make experience coherent. In this sense metaphors can be self-fulfilling prophecies.² (Lakoff; Johnson, 1980, p. 156)

As metáforas podem, como afirmam os autores, criar realidades e legitimar ações futuras, pelo simples facto de criarem uma cena que induz a uma determinada avaliação (Musolff, 2004). Tendo em conta este potencial das metáforas, compreende-se por que razão o discurso político recorre, não raras vezes, a elas para atingir o seu propósito comunicativo maior: convencer e persuadir o eleitorado.

O uso de metáforas em discursos políticos tem sido sobejamente explorado em diversos trabalhos internacionais (Lakoff, 2003; Musolff, 2004; Semino, 2008) e nacionais (Teixeira, 2021; Pita, 2023). Contudo, considera-se que a relação entre metáfora conceptual e argumentação ainda carece de aprofundamento, o que motivou o presente estudo.

A argumentação é uma atividade que perpassa todas as esferas da vida humana, uma vez que a ação de apresentar teses e argumentos, defendê-los ou refutá-los é uma constante (Toulmin; Riek; Janik, 1984). Nos campos político e jurídico, o debate entre os dois intervenientes (proponente e defensor) é mais evidente aos olhos do cidadão-comum, mas isso não menoriza a sua importância ou presença noutras áreas. Na política, a diatribe entre os adversários atinge, por vezes, os limites da conflitualidade e do decoro, com a apresentação de argumentos que visam denegrir ou diminuir o outro. A título de exemplo, recupera-se uma intervenção de uma deputada portuguesa, que partindo das expressões metafóricas “transformar o nosso primeiro-ministro num porco” e “conduziram a todos a uma pocilga”³, acusa o partido da oposição de má conduta. Como se pode observar, o uso da metáfora serve o propósito comunicativo de atacar o adversário e de diminuir a sua credibilidade junto do eleitorado, através da aplicação do esquema argumentativo *ad consequentiam* (Walton; Macagno, 2016):

² Tradução: “As metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. Uma metáfora pode ser um guia para ações futuras. Essas ações serão, evidentemente, adequadas à metáfora. Este facto, por sua vez, reforça o poder da metáfora para tornar a experiência coerente. Neste sentido, as metáforas podem ser profecias autorrealizáveis.” (Lakoff & Johnson, 1980, p.156)

³ Excerto ampliado da intervenção: “Mas este parlamento, senhoras e senhores deputados, nos últimos dias foi muito mais longe: não tentaram apenas transformar o nosso primeiro-ministro num porco, como nos conduziram a todos a uma pocilga, através de um populismo vazio que a todos condena porque nenhum inventa ou resolve”. https://www.jn.pt/3164633746/psd-acusa-oposicao-de-transformar-pais-numa-pocilga-ps-critica-aguiar-branco/?utm_source=jn.pt&utm_medium=recomendadas&utm_campaign=rec_edit_externo_marcas

Quadro 1: Esquema argumentativo *ad consequentiam*

Esquema argumentativo	Aplicação do esquema
Se P, então Q vai acontecer.	Se o Partido Socialista conduziu, agora, o país a uma pocilga, então isso vai acontecer mais vezes.
Q é indesejável.	Conduzir o país a uma pocilga é indesejável.
Então, P é falso.	Então, o Partido Socialista é desadequado.

Fonte: Elaboração da autora

Partindo desta premissa, no presente artigo pretende-se explorar de que forma a metáfora está ao serviço da argumentação no campo político, particularmente como forma de atacar, diminuir ou culpabilizar o oponente.

À medida que a desconfiança nos partidos políticos aumenta e que a perceção da corrupção se instala, os cidadãos tendem a avaliar a política de forma negativa. Em 2024, Portugal desceu nove posições no *ranking* global do Índice de Perceção da Corrupção⁴, uma vez que os portugueses consideram que existe abuso de cargos públicos para benefício pessoal. Estes dados dão origem à conceção da política como algo poluído, infetado ou doente, e esse foi o ponto de partida para a definição da metáfora conceptual da POLÍTICA É DOENÇA como método de identificação de expressões linguísticas em textos jornalísticos portugueses.

2. Metáfora conceptual

A teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson apresenta a metáfora como um processo mental, essencial para a linguagem e para a vida em sociedade. A compreensão das metáforas decorre da experiência humana, sendo, portanto, um processo de representação de um domínio em termos de outro (Lakoff, 2003, p. 4). Mussolff (2004) defende que esta transposição entre domínio só é possível se existir uma coerência mínima que assegura a sua compreensão e isso, naturalmente, está assente no conhecimento cultural dos falantes.

Por exemplo, a metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM associa o sentimento a uma viagem, projetando as características do domínio-origem (viagem) no domínio-alvo (amor) (Gentner; Bowdle, 2008).

Como refere Kövecses (2002), aos domínios que integram a metáfora é-lhes atribuído um nome especial: domínio-origem (“source domain”, SD) e domínio-alvo (“target domain”, TG).

The two domains that participate in conceptual metaphor have special names. The conceptual domain from which we draw metaphorical expressions to understand another conceptual domain is called source domain, while the conceptual domain that is understood this way is the target domain. Thus, life, arguments, love, theory, ideas, social organizations, and others are target domains, while journeys, war, buildings, food, plants, and others are source domains. The target domain is the domain that we try to understand through the use of the source domain. (Kövecses, 2002, p. 4).

⁴ <https://transparencia.pt/indice-de-percecao-da-corrupcao-2024/>

A aproximação entre os domínios resulta do conhecimento partilhado do mundo e funciona apenas unidireccionalmente, ou seja, o mapeamento é assimétrico, uma vez que não permite reversibilidade entre domínios (SD → TG, mas não TG → SD), como postulam Croft e Cruse (2004, p. 196).

Para Silva (2006, p. 126), a metáfora é uma “projeção de um domínio conceptual noutra distinto na base de um conjunto sistemático de correspondências por similaridade conceptual”; já para Sardinha (2008, p. 172), é “(entendida) como uma representação cognitiva e como uma expressão linguística. É cognitiva porque envolve a internalização de conceitos do mundo que nos cerca, geralmente implícitos na nossa cultura”. Tomando como referência esta última definição, faremos a distinção, neste artigo, entre metáfora conceptual e metáfora linguística (forma de realização linguística), integrando nesta os veículos que permitem a sua emergência.

Na interação quotidiana, e muito devido à proliferação da metáfora na sociedade (Lakoff; Johnson, 1980), o seu emprego pode ocorrer de forma deliberada ou inconsciente, uma vez que está completamente convencionada (Croft; Cruse, 2004); em ambos os casos, há um convite a reconstruir o mapeamento, o que depende, naturalmente, da competência interpretativa de cada indivíduo (Steen, 2011). Algumas metáforas, pela sua recursividade, já atingiram um certo grau de cristalização ou de convenção (Kövecses, 2002; Dunn, 2010) que facilita a sua interpretação e o seu reconhecimento enquanto tal. Falamos, por exemplo, do caso da metáfora linguística “não quero gastar mais tempo nesta tarefa” que concretiza a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO; o veículo “gastar”, convencionalmente, estabelece a relação entre os dois domínios. Como referem Gentner e Bowdle (2001), algumas metáforas vão integrando o acervo mental e textual dos indivíduos, o que permite a sua rápida leitura. A esta capacidade de um falante compreender o significado das metáforas chama-se competência metafórica (Batóreo, 2018).

3. Metodologia

A metáfora tornou-se tão comum no nosso quotidiano que muitas expressões, não raras vezes, já não são vistas como metafóricas. Nesse grupo de expressões incluem-se algumas associadas à doença, como “a corrupção é um cancro em Portugal” ou “Montenegro faz o diagnóstico à saúde”. Não obstante a sua frequência, importa refletir sobre o objetivo argumentativo que subjaz ao uso da metáfora da doença. Onde:

- O uso das metáforas serve para criticar ou acusar o adversário, assumindo uma atitude delatora?
- Ou o seu uso serve para gerar empatia, assumindo uma atitude de credibilização ou de vitimização?
- Que diferenças se observam no uso de metáforas entre elementos em posições executivas e na oposição?

Para responder a estas perguntas, iniciou-se um estudo exploratório que segue uma metodologia *top-down*, ou seja, partindo da metáfora conceptual POLÍTICA É DOENÇA para encontrar as

metáforas linguísticas presentes em títulos de notícias relacionadas com a atividade social política, no contexto português, nos últimos 5 anos. Importa referir que, devido ao facto de se tratar de uma primeira exploração, se optou por escolher como género textual a notícia, por razões de facilidade de acesso. No entanto, objetiva-se, no futuro, analisar intervenções políticas na Assembleia da República de Portugal para identificar o uso de metáforas linguísticas similares.

O procedimento adotado para julgar os elementos constitutivos do nosso *corpus* foi o reconhecimento de metáforas a partir de veículos (Steen *et al.*, 2010). Assim, foram definidos, *a priori*, os veículos listados na tabela 1.

Tabela 1: Veículos usados nas metáforas linguísticas

Veículos	
1.	diagnóstico(s), diagnose
1.	doença(s), doente(s)
3.	prescrever, prescrição(ões)
4.	médico/a(s), medicamento(s), medicação(ões)
5.	remédio(s)
6.	contaminar, contaminação(ões), contaminado/a(s)
7.	infetar, infeção(ões), infetado/a(s)
8.	cura
9.	reanimar, reanimação(ões), reanimado/a(s)
10.	morrer, morte, morto/a(s)
11.	sintoma(s)
12.	dor(es) de cabeça
13.	fazer mal/bem à saúde
14.	amputar, amputação(ões), amputado/a(s)
15.	prevenir, prevenção
16.	placebo
17.	injeção

Fonte: Elaboração da autora

Definiram-se, para além dos veículos, os seguintes critérios de análise:

- Tipo de documento: notícia
- Atividade social: política
- Idioma principal: português
- Região da pesquisa: Portugal
- Contexto: português

Para garantir o cumprimento destes critérios, procedeu-se à leitura integral da notícia para identificação do tema e dos envolvidos. O *corpus* é composto, à data, por 50 notícias, de diferentes meios noticiosos (Expresso, Jornal de Negócios, Correio da Manhã, Público, entre outros). A

diversidade de meios noticiosos é um fator positivo, uma vez que restringe a existência de algum tipo de privilégio no tratamento dos envolvidos ou de algum viés ideológico.

Os títulos noticiosos foram devidamente catalogados, com atribuição de código numérico e com identificação da data, do distribuidor e do link de acesso.

Depois de recolhidos os dados e identificadas as metáforas linguísticas, procedeu-se à análise qualitativa e consequente reflexão.

4. Metáforas e propósitos retóricos

A política, em Portugal, parece atravessar uma crise de valores, com vários casos de abusos de poder a serem denunciados pelos meios de comunicação social. Sendo o espaço público um local de legitimação, de confrontação e de persuasão, muitos políticos o utilizam para partilhar as suas ideologias e posições, mas também para diminuir as dos adversários. E em momentos de desconfiança e descrença nas instituições políticas, como atualmente se vive, os ataques aos oponentes são mais recorrentes, embora muitas vezes sejam encapotados. Neste âmbito, entram ao serviço as metáforas como forma de acusar o outro ou de construir uma imagem positiva de si.

Os casos que se apresentam nesta secção pretendem ilustrar estes dois objetivos retóricos. De ressaltar que se optou pela apresentação de títulos mais recentes, para que o leitor mais facilmente compreenda a situação que deu origem ao uso.

Dos 17 veículos listados na secção anterior, não se conseguiu identificar qualquer exemplar de “placebo” ou “prevenção/prevenir”. Ademais, verificou-se que alguns veículos são mais frequentes, nomeadamente “doença”, “diagnóstico”, “sintoma” e “contaminado”.

Tabela 2: Frequência no *corpus*

Veículos	Frequência
diagnóstico(s), diagnose	8
doença(s), doente(s)	10
prescrever, prescrição(ões)	1
médico/a(s), medicamento(s), medicação(ões)	3
remédio(s)	4
contaminar, contaminação(ões), contaminado/a(s)	9
infetar, infeção(ões), infetado/a(s)	1
cura	3
reanimar, reanimação(ões), reanimado/a(s)	1
morrer, morte, morto/a(s)	4
sintoma(s)	6
dor(es) de cabeça	3
fazer mal/bem à saúde	1
amputar, amputação(ões), amputado/a(s)	1
prevenir, prevenção	0
placebo	0
injeção	1

Fonte: Elaboração da autora

O facto de alguns dos termos listados serem mais frequentes do que outros está, naturalmente, associado à utilização quotidiana que gerou uma perda do seu valor metafórico. De acordo com Müller (2008), Dunn (2010) e Steen (2004, 2011), a possibilidade de uma metáfora ser entendida como tal é denominada de metaforicidade e pode ser medida pelos seguintes critérios: a) quanto maior for o esforço exigido ao ouvinte para estabelecer a relação entre os dois domínios, maior o seu grau de metaforicidade; b) quanto maior a frequência de uma expressão metafórica, menor o seu grau de metaforicidade. Assim, pode-se concluir que a frequência de uso e a proximidade entre domínios (que implicam menor esforço no processamento mental) são contrários à figuratividade. Fazendo um exercício semelhante ao de Dunn (2010), o grau de metaforicidade de (a) é maior do que de (b), dado que vários elementos reenviam para o domínio médico.

- (a) Santa Casa: ministra do Trabalho considera que provedora Ana Jorge “encontrou um cancro financeiro e tratou-o com Paracetamol” <https://expresso.pt/politica/2024-05-16-santa-casa-ministra-do-trabalho-considera-que-provedora-ana-jorge-encontrou-um-cancro-financeiro-e-tratou-o-com-paracetamol-7bf9e58c>.
- (b) Santa Casa: ministra do Trabalho considera que provedora Ana Jorge encontrou um problema financeiro de grandes dimensões e tomou medidas insuficientes (título sem aplicação de metáforas).

Sendo o *corpus* composto por títulos noticiosos, observou-se que muitos deles apresentam uma maior densidade metafórica, possivelmente para efeitos persuasivos, e inclusivamente uma combinação de várias figuras retóricas, nomeadamente com a hipérbole e com outras metáforas. Por exemplo, em (c), existe um cruzamento entre a metáfora da doença e a da árvore, para aludir à existência de políticos cujos valores e posicionamentos são contrários aos de Portugal; a sua interpretação implica um maior processamento, pelo que tem um elevado grau de metaforicidade.

- (c) “Cortar ramos mortos que atingem a árvore toda”. Marcelo diz que “não podemos desistir de criar mais riqueza” <https://rr.pt/noticia/politica/2023/06/10/cortar-ramos-mortos-que-atingem-a-arvore-toda-marcelo-diz-que-nao-podemos-desistir-de-criar-mais-riqueza/334807/>.

Uma vez mencionada a frequência dos veículos, avança-se para a apresentação de alguns excertos do *corpus*. O primeiro refere-se a uma intervenção de Rui Rocha (RR), representante do partido político Iniciativa Liberal, a propósito da preparação das eleições presidenciais agendadas para 2026.

- (1) “Nós queremos trazer novidade. Queremos trazer pessoas com visão política, que tenha experiência política, mas que tenham essa frescura e que não estejam **contaminados**”, sublinha Rui Rocha. <https://expresso.pt/politica/eleicoes/presidenciais/2025-01-16-video-rui-rocha-garante-que-candidato-da-il-as-presidenciais-esta-preparado-para-o-desafio-91b81b16>.

Neste trecho, há uma oposição entre “frescura”, aqui entendida no sentido de vigor político, e “contaminados”, que só é entendida pela leitura da informação precedente e de um conhecimento extralinguístico. Repare-se que Rui Rocha apresenta, através da oração adversativa, a ideia de que pessoas com “experiência política” podem estar “contaminadas”, ou seja, podem ter sido corrompidas pelo sistema. O leitor pode inferir que a contaminação foi provocada pelo “vírus da corrupção”, o que aliás se alinha com as notícias que circulavam na data em que RR fez este comentário. Ao defender em praça pública esta posição, RR mostra-se consciente da existência da corrupção e contrário à sua instalação no partido que lidera. Em termos argumentativos, o seu objetivo é fazer uma crítica a alguns políticos, reconhecer um problema e, simultaneamente, elevar-se moralmente. Por meio desta metáfora, constrói para si uma imagem de político reto e honesto, potencialmente conquistando votos aos eleitores que descreem da classe política.

O mesmo veículo surge num título do jornal Expresso (2), aludindo ao possível impacto dos escândalos de corrupção na Madeira e do Chumbo do Orçamento na região dos Açores proposto pelo PSD/CDS/PPM na percepção dos eleitores sobre Montenegro.

- (2) Montenegro “**contaminado**” por Açores e Madeira <https://expresso.pt/politica/2024-02-01-Montenegro-contaminado-por-Acores-e-Madeira-a2e57ae1>.

Na altura da publicação desta notícia, Luís Montenegro apresentava-se como candidato a Primeiro-Ministro nas eleições que decorreriam daí a uns meses. Porém, os recentes casos de corrupção abalavam a confiança dos portugueses nos políticos, em particular nos do PSD, partido que Montenegro lidera, e, por extensão, no próprio. A partir da metáfora da doença, particularmente a etapa da infeção/contaminação, pretendia-se indicar que as atitudes de uns podiam repercutir-se em outros e que o resultado podia ser negativo. Porém, entende-se que o título, se lido em exclusivo, pode ser visto como a afirmação de que Montenegro, por osmose, também é corrupto. A partir daqui os eleitores podem fazer a seguinte dedução (que decorre da construção de um argumento *ad consequentiam*): se os governos da Madeira e dos Açores não servem para governar, Montenegro também não. Ora este facto pode ter tido impacto na forma como os cidadãos avaliaram este político, uma vez que a metáfora serviu como mecanismo de acusação.

Retomando as Legislativas de 2026, partilha-se um outro título, no qual se entrelaçam duas metáforas: a da doença, através de “ser remédio”, e a da viagem marítima, através dos termos “enjoa” e “almirante”.

- (3) Passos Coelho. Indisposto a ser remédio para quem enjoa se o almirante for para Belém <https://www.dn.pt/passos-coelho-indisposto-a-ser-remedio-para-quem-enjoa-se-o-almirante-for-para-belem>.

No título, a eleição do Almirante Gouveia e Meio para Presidente da República (PR) – o nome “Belém” é uma metonímia que associa local, residência oficial do PR, a uma função – é projetada

como uma viagem marítima (o facto de o Almirante pertencer à Marinha justifica este uso), que pode provocar indisposição e enjoos a algumas pessoas. Estes dois sintomas justificariam o recurso a um “remédio” para os aplacar, o qual é aqui representado por Pedro Passos Coelho (PPC). Uma nota para o termo “indisposto” usado não apenas para fazer referência a um mal-estar, mas no sentido de não disponível.

Numa altura em que se debatia um possível regresso à política de PPC, antigo Primeiro-Ministro de Portugal e membro do Partido Social-Democrata, especificamente com a apresentação de uma candidatura à Presidência da República, o jornal Diário de Notícias decidiu usar estas metáforas para declarar a indisponibilidade do político e, simultaneamente, para mostrar o desagrado de alguns cidadãos em relação a uma eventual vitória do Almirante Gouveia e Melo. Este título tem o potencial de criar duas imagens distintas de PPC: por um lado, de um homem que rejeita um combate político; por outro, de um homem que rejeita ressurgir nestas condições. Nesse sentido, o título tem também intencionalidades argumentativas.

As duas pessoas referidas no excerto (3), Gouveia e Melo e Passos Coelhos, são protocandidatos à Presidência da República, mas Luís Marques Mendes, referido no título seguinte, é um candidato oficial.

- (4) Lema tríptico, elogios aos seus e avisos ao almirante. Mendes **médico experiente** para um país **doente**. <https://observador.pt/2025/02/02/lema-triptico-elogios-aos-seus-e-avisos-ao-almirante-mendes-medico-experiente-para-um-pais-doente-iniciou-campanha-em-horario-nobre/>.

Em (4), Marques Mendes é apresentado como um “médico experiente” que vem ajudar Portugal a ultrapassar uma “doença”. A metáfora ajuda a criar a imagem de um herói que vai resgatar da obscuridade (financeira e ética) o país. A descrição que o próprio faz da situação nacional e internacional e a partilha da sua experiência política, durante a apresentação da sua candidatura, fazem emergir a imagem de um herói, por oposição a outros candidatos que não são tão capazes quanto ele, como aliás o próprio faz questão de indicar. Assim, a metáfora é usada para enaltecimento, para se posicionar enquanto um político ético e impulsionador de Portugal.

Para além das eleições Presidenciais, Portugal teve eleições legislativas em maio de 2025, na sequência da dissolução do governo após chumbo de uma moção de confiança. Perante este facto, os partidos políticos começaram a preparar as suas campanhas. Durante uma convenção da Aliança Democrática (AD), que junta o PSD (Partido Social-Democrata) e o CDS (Partido Popular), um dos seus mais conhecidos militantes deste partido, Paulo Portas, recorre à seguinte metáfora:

- (5) Convenção da AD. Portas **prescreve “cura de oposição para o PS”** https://www.rtp.pt/noticias/politica/convencao-da-ad-portas-prescreve-cura-de-oposicao-para-o-ps_n1544885

Paulo Portas constrói, para si mesmo, a imagem de um médico (uma vez que apenas este tem autoridade para “prescrever”), sugerindo que o Partido Socialista (PS) está doente e que precisa de iniciar um processo terapêutico. Por meio desta metáfora linguística, Paulo Portas confere autoridade à sua intervenção e à crítica que ela sustenta. Assim, a metáfora adquire uma nova função retórica, a de credibilizar e legitimar o papel de alguém.

Também em (5), a metáfora, combinada com a hipérbole (termo “falhanço”), surge como acusação e atribuição de responsabilidades da abstenção em eleições europeias, um fenómeno ainda com grandes implicações em Portugal. A abstenção é apontada como o prenúncio de uma doença, neste caso, a crise dos valores democráticos.

- (6) Abstenção é “**sintoma** do falhanço das nossas elites políticas”, diz Rui Tavares <https://rr.pt/noticia/europeias-2019/2019/05/16/abstencao-e-sintoma-do-falhanco-das-nossas-elites-politicas-diz-rui-tavares/151536/>.

Rui Tavares, líder do partido Livre, considera que as elites, ao qual o enunciador insinua não pertencer, não têm sido capazes de cativar o eleitorado e, conseqüentemente, de reverter a situação vividas nas últimas eleições europeias. Posto isto, em termos argumentativos, a intervenção do político constitui uma crítica aberta a um grupo de políticos.

Ainda no âmbito da sintomatologia, é possível encontrar a metáfora linguística “dor de cabeça” para indicar um problema, normalmente, de pequena gravidade.

- (7) Desenganam-se, porém, os que pensam que o Chega é apenas uma **dor de cabeça** para a AD. <https://cnnportugal.iol.pt/decisao-24/chega/mafalda-anjos-andre-ventura-o-principe-das-trevas/20240311/65ef2789d34e8d13c9b8b652>.

Todavia, neste excerto, não há a comum desvalorização do sintoma; pelo contrário, há um esforço para mostrar a dimensão de um problema, como prova o uso de “desenganam-se” e “apenas”. Assim, esta metáfora tem como objetivo retórico principal alertar os cidadãos para a gravidade da ascensão da extrema-direita, dizendo-lhes claramente para não subestimarem a importância do Chega e o impacto de partidos radicais nos países. Em certa medida, a metáfora serve também para criticar o partido e, por inerência, a extrema-direita.

Avança-se agora para a apresentação de um veículo que se refere a um tipo de doença, “cancro”, identificado em diversos títulos. Ao usar este termo, há uma transferência da gravidade e da morbilidade da doença para o domínio-alvo (política). Vejam-se dois exemplos:

- (8) Santa Casa: ministra do Trabalho considera que provedora Ana Jorge “**encontrou um cancro financeiro e tratou-o com Paracetamol**” <https://expresso.pt/politica/2024-05-16-santa-casa-ministra-do-trabalho-considera-que-provedora-ana-jorge-encontrou-um-cancro-financeiro-e-tratou-o-com-paracetamol-7bf9e58c>.

- (9) “A corrupção é um **cancro** em Portugal” e o **quadro** “**está a degradar-se**”, diz Paulo Morais <https://expresso.pt/politica/2023-11-14-A-corrupcao-e-um-cancro-em-Portugal-e-o-quadro-esta-a-degradar-se-diz-Paulo-Morais-783651d4>

No exemplo (8), a metáfora linguística serve para criticar, veementemente, a ação da provedora, uma vez que aponta para o tratamento desadequado. Repare-se na referência ao Paracetamol, medicamento habitualmente recomendado para o tratamento de casos leves de doença, e aqui aparentemente escolhido para reverter ou aplacar uma doença severa. O paradoxo entre a doença e o tratamento tem como propósito argumentativo acentuar a má conduta da provedora; portanto, a metáfora serve de ferramenta delatária.

No exemplo (9), a utilização da metáfora aponta, não só, para a instalação da corrupção em diferentes quadrantes, mas também para a gravidade da situação. Paulo Morais, presidente da Associação Frente Cívica, um grupo apolítico que defende causas públicas, aproxima a corrupção a um “cancro” (doença potencialmente fatal e com capacidade para se expandir para outros órgãos). Tal significa que a corrupção é vista como um fenómeno nocivo, que pode ter ramificações e que é difícil cercear. Além disso, o título faz uso do termo médico “o quadro”, que designa o conjunto de sintomas e sinais que caracterizam uma dada doença ou um estado clínico, para fazer referência à situação em Portugal. Se esta se “está a degradar”, significa que a corrupção tem vários focos (graves) de incidência e que uma resolução positiva parece ser pouco viável. Paulo Morais critica assim a classe política, particularmente a sua ética (o próprio menciona uma série de casos corrupção, tráfico de influências, peculato e prevaricação), mas também as medidas tomadas pelos governantes que não têm um impacto real na resolução do problema.

Depois da referência ao tipo de doença prossegue-se para a apresentação de veículos relacionados com o tratamento. O título seguinte usa a expressão “tomar a medicação” para criticar os apoiantes do PS, insinuando que sofrem de uma doença.

- (10) Ventura: “Quem ainda estiver a pensar votar no PS tem de tomar a **medicação**”. <https://www.dn.pt/politica/ventura-quem-ainda-estiver-a-pensar-votar-no-ps-tem-de-tomar-a-medicacao>

O ataque que André Ventura, líder do Chega, desfere aos cidadãos é feroz e ofensivo, uma vez que aponta para a existência de uma doença mental que condiciona o raciocínio (esta projeção implica conhecimento extralinguístico e cultural). A metáfora serve, então, um propósito retórico de crítica, mas também exerce pressão sobre os eleitores, sobretudo os menos convictos da sua decisão, que se podem sentir intimidados por este ataque.

Além dos veículos referidos até ao momento, há também outros que denotam consequências das doenças. O excerto (11) usa o termo “amputado” para fazer referência à eliminação de um capítulo de um relatório.

- (11) BE pressiona primeiro-ministro a dar explicações sobre “capítulo amputado” do RASI. <https://www.publico.pt/2025/04/03/politica/noticia/be-pressiona-primeiro-ministro-dar-explicacoes-capitulo-amputado-rasi-2128416>.

Em primeiro lugar, uma breve contextualização da notícia. Após a divulgação do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI), foi detetada a exclusão do capítulo que falava sobre organizações extremistas e que constava da versão provisória, o que levantou uma série de suspeitas nos partidos da oposição. Perante este acontecimento, a líder do Bloco de Esquerda, Mariana Mortágua, decidiu pedir explicações ao Primeiro-Ministro, Luís Montenegro, uma vez que, na altura, se discutia sobre a segurança nacional e a criminalidade em Portugal.

Considerando este cenário, o termo “amputado”, que remete para uma excisão forçada, controlada, operada de forma criteriosa, foi selecionado intencionalmente para, por um lado, reforçar que se tratou de uma ação deliberada levada a cabo pelo governo, e, por outro, deixar implícita a existência de uma tentativa de logro ou de ocultação de factos. Desta forma, a metáfora visa a delação.

Também servindo um propósito de denúncia e de crítica, temos o excerto (12), no qual se aponta o dedo ao Presidente da República, mas também ao governo. A crítica é dirigida por Pedro Nuno Santos (PNS), líder do Partido Socialista, e adversário direto do governo, à interpretação dos governantes acima mencionados sobre o aumento dos migrantes em Portugal.

- (12) PNS diz que Marcelo “partilha do mesmo diagnóstico errado” do Governo sobre migrações <https://www.dn.pt/politica/pns-diz-que-marcelo-partilha-do-mesmo-diagnostico-errado-do-governo-sobre-migracoes>.

Nesta crítica, a qualificação do “diagnóstico” como “errado” serve para contestar a credibilidade e a competência das duas entidades (“os médicos”). Tal caracterização faz emergir um argumento *ad consequentiam* (se fazem diagnósticos errados, são incompetentes; ser incompetente é indesejável; então, eles não servem para liderar o país), o qual que visa o enaltecimento de PNS, criando a imagem de um político competente (que faz “diagnósticos certos”).

Já no exemplo (13), a expressão “doença fatal” tem como propósito caracterizar a extrema-direita. Apesar do uso do modalizador “pode”, o facto é que Santos Silva, o anterior Presidente da Assembleia da República, usa a metáfora não só como veículo de acusação, destacando o potencial pernicioso da extrema-direita, mas também como um alerta aos cidadãos, implicando a necessidade de uma tomada de ação. De facto, num cenário de “doença fatal” a procura da cura é um passo fundamental, logo pode-se deduzir que Santos Silva alerta para a necessidade de combater ou tratar a extrema-direita.

- (13) Santos Silva alerta que extrema-direita “é uma **doença** que pode ser fatal para a democracia” <https://observador.pt/2023/01/23/santos-silva-alerta-que-extrema-direita-e-uma-doenca-que-pode-ser-fatal-para-a-democracia/>.

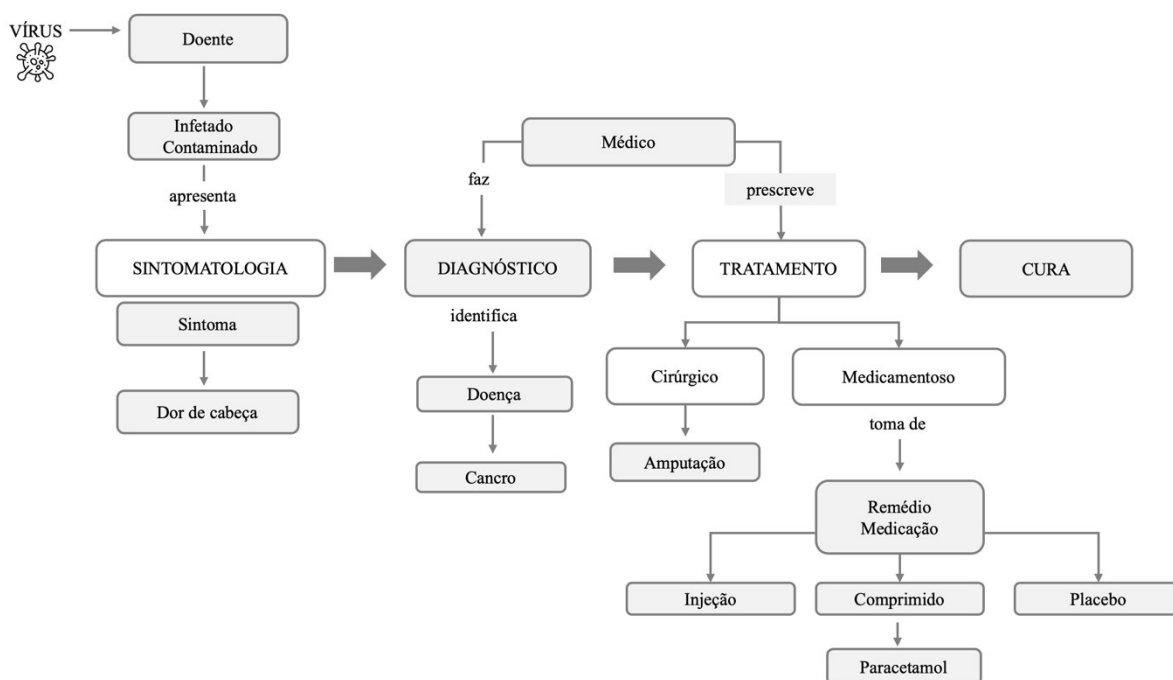
Os exemplos selecionados para a discussão mostram que as metáforas servem objetivos argumentativos, habitualmente relacionados com a crítica ou a delação. Em alguns casos, mais raros, também são utilizados para a construção de uma imagem positiva do enunciador. A menor frequência destes casos pode explicar-se por uma tradição política de ataque ao adversário, que marca profundamente a política portuguesa.

5. Reflexões finais

A metáfora que associa a política a doenças é algo a que os políticos recorrem com frequência, como fica patente neste estudo. Normalmente, a sua utilização é absolutamente intencional, visando, sobretudo, a construção de um ataque ao adversário político. Os exemplos demonstram que as atitudes ou as escolhas dos adversários são associadas a sintomas ou a tipologias de doenças. Porém, existem também casos de metáforas que objetivam enaltecer um político, recuperando o papel de médico, cujo valor em termos sociais é elevado.

O estudo demonstra que as expressões linguísticas que materializam a metáfora da doença correspondem a diferentes estádios (foco de doença, sintomatologia, diagnóstico e tratamento) e a diferentes intervenientes (paciente e médico). O esquema 1 procura ilustrar a distribuição dos veículos (assinalados a cinza) pelas diversas fases.

Esquema 1: Mapa conceptual da metáfora da doença



Fonte: Elaboração da autora

Ao analisar as diversas ocorrências verifica-se que o propósito retórico pode divergir do que é, normalmente, associado aos veículos; recupere-se, por exemplo, “doente”, que não serve para

vitimização, mas sim para acusação, uma vez que alude à corrupção, à incúria, à pobreza (exemplos: “sociedade doente”, “regime doente”, “país doente”). Em sentido inverso, a palavra “médico” serve para credibilizar o enunciador, construindo uma imagem de herói (“Mendes médico experiente”), ou para legitimar as afirmações, servindo-se da confiança do cidadão nas entidades médicas (“Portas prescreve cura de oposição”). O termo “remédio”, cujo valor metafórico se foi dissipando, contribui para dar crédito a quem apresenta as ditas soluções, uma vez que se transfere a crença do médico prescritor do tratamento para o político (“Remédios contra o avanço da extrema-direita na Europa.”). Porém, há também casos em que a metáfora tem poder para destruir a imagem do político, pelo seu teor agressivo e ofensivo (“Ventura: “Quem ainda estiver a pensar votar no PS tem de tomar a medicação””).

Posto isto, é lícito afirmar que as metáforas têm um fim retórico, nomeadamente a construção de críticas. O seu sucesso está sempre dependente da capacidade de o leitor/ouvinte as processar/interpretar completamente; contudo, numa sociedade em que a frequência de expressões metafóricas é elevada, o grau de metaforicidade vai sendo menor e a transparência vai aumentando.

Mas se é verdade que a sociedade parece mais capacitada para decodificar metáforas, também é verdade que está cada vez mais multilingue, o que faz levantar a questão da tradutibilidade das metáforas. Nestes casos, considera-se que o objetivo retórico pode ser comprometido se a metáfora for usada com um público que não domina a língua. De facto, algumas podem perder-se aquando da tradução, não obstante a transversalidade de muitas, não só devido às especificidades próprias de cada língua, mas também do contexto cultural. Para ilustrar, retomamos um dos exemplares do *corpus*, no qual se perderia o jogo de palavras criado entre dois termos (“indisposto” e “indisponível”), com a tradução para inglês:

Passos Coelho. Indisposto a ser remédio para quem enjoa se o almirante for para Belém [*Passos Coelho. Unwilling to be a remedy for those who get seasick if the Admiral goes to Belém*].

Estas questões devem, então, ser acauteladas, sobretudo por parte dos meios de comunicação e dos políticos, de forma a garantir que não ocorre um desvirtuamento da informação e do objetivo comunicativo.

Referências

BATÓREO, Hanna. Aquisição/ aprendizagem da competência metafórica no contexto do Português Língua Não Materna: importância da reestruturação conceptual na expressão de emoções e valores. In: BARROSO, Henrique (ed.). *O Português na Casa do Mundo, Hoje*. Braga: Humus, Babelium Centro de Línguas/ Universidade do Minho, 2018, pp. 53-79.

CROFT, William; CRUSE, Alan D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DUNN, Jonhathan. Gradient semantic intuitions of metaphoric expressions. *Metaphor and Symbol*, Philadelphia, v. 26, n. 1, pp. 53-67, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/10926488.2011.535416>.

GENTNER, Dedre; BOWDLE, Brian. Convention, form, and figurative language processing. *Metaphor and Symbol*, Philadelphia, vol. 16, n. 3-4, pp. 223- 247, 2001. DOI: https://doi.org/10.1207/S15327868MS1603&4_6.

Propósitos retóricos da metáfora da doença: estudo sobre títulos noticiosos da política portuguesa

GENTNER, Dedre; BOWDLE, Brian. Metaphor as structure-mapping. In: GIBBS JR., R. W. (ed.), *The Cambridge handbook of metaphor and thought*, 2008, pp. 109-128. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511816802.008>

GENTNER, Dedre; BOWDLE, Brian; WOLFF, Phillip; BORONAT, Consuelo. Metaphor is like analogy. In: GENTNER, D., HOLYOAK, K. J.; KOKINOV, B. N. (eds.). *The analogical mind: Perspectives from cognitive science*. Cambridge: MIT Press, 2001, pp. 199-253. Disponível em: <https://groups.psych.northwestern.edu/gentner/papers/GentnerA2K01.pdf> Acesso em: 02 mar. 2024.

KÖVECSSES, Zoltan. *Metaphor: a Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, George. *Metaphor and War, Again*. Berkeley: UC Berkeley, 2003. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/32b962zb>.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MÜLLER, Cornelia. *Metaphors dead and alive, sleeping and awaking: a dynamic view*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

MUSOLFF, Andreas. *Metaphor and Political Discourse*. Analogical Reasoning in Debates about Europe. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.

PITA, Sara. Metáfora e metonímia na Revolução de Abril: um estudo com discursos políticos. *POLISSEMA – Revista de Letras do ISCAP, Porto*, v. 1, n. 23, pp. 91-114, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34630/polissemav1i23.5324>.

SARDINHA, Tony. Metáforas de teleconferências de negócios. *Caderno Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 50, n. 2, p. 171-188, 2008. Acesso em: 02 mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v50i2.8637229>.

SEMINO, Elena. *Metaphor in Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SILVA, Augusto Soares da. *O Mundo dos Sentidos em Português*. Polissemia, Semântica e Cognição. Coimbra: Almedina, 2006.

STEEN, Gerard. Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition? *Journal of Pragmatics*, Netherlands, v. 36, n. 7, pp. 1295-1313, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2003.10.014>.

STEEN, Gerard. The Contemporary Theory of Metaphor: Now New and Improved. *Review of Cognitive Linguistics*, Netherlands, 9, 43, 26-64, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1075/rcl.9.1.03ste>.

STEEN, Gerard; DORST, Lettie; HERRMANN, Berenike; KAAL, Anna; KRENNMAYR, Tina; PASMA, Trijntje. *A Method for Linguistic Metaphor Identification: from MIP to MIPVU*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

TEIXEIRA, José. Metáforas da vida Co(t)vidiana. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 69, pp. 21-51, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i69.44287>. Acesso em: 02 mar. 2024.

TOULMIN, Stephen; RIEKE, Richard; JANIK, Allan. *An Introduction to Reasoning*. New York: Macmillan Publishing Company, 1984.

WALTON, Douglas; MACAGNO, Fabrizio. A Classification System for Argumentation Schemes. *Argument and Computation*, United Kingdom, pp. 1-27, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/19462166.2015.1123772>. Acesso em: 02 mar. 2024.

VERSOS QUE HUMANIZAM: POESIA, COGNIÇÃO E HUMANIZAÇÃO EM SALA DE AULA

VERSES THAT HUMANIZE: POETRY, COGNITION AND HUMANIZATION IN THE CLASSROOM

Leonardo Jovelino Almeida de Lima¹

Tânia Mara Gastão Saliés²

RESUMO

Este trabalho descreve e reflete sobre os processos cognitivos subjacentes ao exercício de práticas humanizadoras na produção escrita de poesias por alunos do 8º ano de uma escola particular do Rio de Janeiro. De natureza qualitativa e viés interpretativista, a análise se fundamenta no conceito de humanização de Candido (2011), assim como nas teorias da Linguística Cognitiva, especialmente na Semântica dos *frames* (Fillmore, 1977, 2006), nas Metáforas e Metonímias Conceptuais (Lakoff; Johnson, 1980, 2002), e na Integração Conceptual (Fauconnier; Turner, 2002). De um total de 57 poemas gerados pelos alunos, dois foram selecionados para exemplificar tais processos, especialmente devido à sua relação com temas que continuamente povoam nosso cotidiano: falhas na educação e *bullying* na escola. No primeiro caso, a indignação da autora com o sistema educacional é motivada pela relação vital de CAUSA E EFEITO, pois se o sistema educacional é falho (CAUSA), como viver e progredir? A indignação (EFEITO) emerge na mescla, por meio da relação vital de PROPRIEDADE, característica do eu lírico com o qual a autora se identifica. Ao mesmo tempo, os espaços mentais ativados pelo poema e processados na rede de integração conceptual refletem o caráter humanizador atribuído à prática literária. A análise demonstra o potencial da poesia no desenvolvimento da capacidade expressiva, reflexiva e crítica, processos cognitivos superiores. Teoriza-se, portanto, que quanto mais humanizar-se a sala de aula por meio da produção de poesias, maiores serão os propiciamentos no processo de aprendizagem. Ou seja, tanto a poesia quanto a Linguística Cognitiva têm um papel a cumprir no ensino-aprendizagem de línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Humanização. Cognição. Ensino-aprendizagem de línguas. Sala de aula.

ABSTRACT

This paper describes and reflects on the underlying cognitive processes that may signal the exercise of humanizing practices in the written production of poetry, by 8th-grade students enrolled at a private school in Rio de Janeiro. Qualitative in nature and with an interpretative bias, the analysis is based on Candido's concept of humanization (2011), as well as on theories of Cognitive Linguistics, especially Frame Semantics (Fillmore, 1977, 2006), Conceptual Metaphors and Metonymies (Lakoff; Johnson, 1980, 2002), and Conceptual Integration (Fauconnier; Turner, 2002). Out of a total of 57 poems generated by the students, two were selected to exemplify such processes, especially due to their relationship with themes that continually populate our daily lives: failures in education and bullying at school. For example, in the first case, the author's indignation with the educational system is motivated by the vital relationship of CAUSE-EFFECT, because if the educational system is flawed (CAUSE), how can we live and progress? The indignation (EFFECT) emerges by blending, through the vital relationship of PROPERTY, a characteristic of the lyrical self with which the author identifies herself. At the

¹ Doutorando em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLILP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). leolimamat@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-9299-3182>.

² PhD em Linguística. Professora titular de Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLILP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tanciasalies@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-7564-7912>.

same time, the mental spaces activated by the poem and processed in the conceptual integration network reflect the humanizing character attributed to literary practice in the classroom. It is therefore theorized that the more teachers humanize the classroom through the production of poetry, the greater the motivation in the learning process. In other words, both poetry and Cognitive Linguistics have a role to play in the language classroom.

KEYWORDS: Poetry. Humanization. Cognition. Language teaching. Classroom.

1. Alvorecer das reflexões

Quando falamos em poesia, adentramos a seara da expressividade humana. Usamos a produção poética literária para nos expressar, em versos ou em prosa, por meio de sentimentos e emoções e, conseqüentemente, manifestar nossa condição de seres humanos. Esse fato é reflexo do caráter humanizador que pode ser atribuído à literatura e que, na visão de Candido (2011), tende a humanizar aqueles que dela se banham, seja no papel de produtores ou leitores. Em linhas objetivas, a humanização se refere ao:

[p]rocesso que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (Candido, 2011, p. 182)

As palavras de Candido nos atravessam ao explicitar que o contato com a literatura, em suas diversas manifestações, insere-nos no exercício de aspectos fundamentalmente humanos. São manifestações, segundo o autor, que direcionam a nossa atenção não somente para a nossa própria vida, mas também, para a de nossos pares, ou seja, para a socialização, para questões culturais e sociais, para os problemas da vida e dos seres humanos. Em outras palavras, a literatura, ao oferecer processos humanizadores, nutre-se, portanto, de uma forte função social.

Todavia, há questionamentos sobre o papel que o texto literário pode exercer em ambientes educacionais, sobretudo, no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Considerando ser o objetivo deste trabalho descrever e refletir criticamente sobre os processos cognitivos subjacentes ao exercício de práticas humanizadoras na sala de aula, tomamos o gênero poesia como o foco da prática pedagógica. Afinal, na qualidade de professores, notamos que muitas práticas pedagógicas usam a poesia visando pontos gramaticais e estruturais da língua, seja ela materna ou adicional, ou do próprio poema. Por outro lado, muitas vezes, as poesias são evitadas por falta de conhecimento e preparação do próprio professor, o que pode resultar na visão e crença de que esse gênero textual é difícil e inviável de ser lido, interpretado (Pilati, 2017) e até mesmo produzido. Muitos alunos inclusive o julgam chato e inapropriado.

Em contrapartida, neste trabalho, argumentamos pelo leque de possibilidades humanizadoras que o texto poético pode oferecer para o professor e, principalmente, para o aluno, na condição de ator socialmente engajado. Tais possibilidades vão além da própria aprendizagem da língua e desaguam no desenvolvimento pessoal dos participantes, em um contexto de mundo que é diversificado, plural e altamente coletivo. Ou seja, a literatura, especialmente a poesia, apresenta características facilitadoras

do desenvolvimento humano-social, pois vai ao encontro da construção de conhecimento e de valores necessários à socialização, preparando os alunos para a vida.

Dessarte, reconhecemos a necessidade de refletirmos sobre como a literatura pode ser trabalhada em sala de aula de forma a adequadamente estimular os processos humanizadores e, com isso, a formação cidadã dos alunos. Por meio do presente trabalho, ilustramos nosso argumento a partir de uma experiência de produção de poesia ocorrida durante as aulas de Produção Textual, com o 8º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola particular do município do Rio de Janeiro. Para tal, analisamos dois dos poemas produzidos pelos alunos (n=57) qualitativamente, visando descrever e refletir sobre os processos cognitivos subjacentes que podem sinalizar o exercício de aspectos humanizadores na sala de aula.

Pretendemos, portanto, mostrar que o trabalho com a poesia pode fornecer diferentes formas de tratar problemáticas/questões pessoais e sociais que, direta ou indiretamente, encontram-se ligadas a distintos conhecimentos que, em nossa visão, são indispensáveis à sociedade atual. Ao fazê-lo, inicialmente, apresentamos as teorias da Linguística Cognitiva (LC) que nos auxiliaram a visualizar os processos sociocognitivos ativados na produção e leitura de poesias criadas pelos alunos-participantes, assim como a identificar os referidos aspectos humanizadores durante o processo de produção e na leitura do produto, o poema. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos, especificamente, as atividades desenvolvidas em sala de aula, que resultaram na produção dos referidos poemas e, posteriormente, os procedimentos de análise. Por fim, discutimos os achados, tendo por base as teorias da Semântica dos *frames* (Fillmore, 1977, 2006), das Metáforas e Metonímias Conceptuais (Lakoff; Johnson, 1980, 2002) e da Integração Conceptual (Fauconnier; Turner, 2002).

2. Esboços basilares da cognição

Dentre os vários processos sociocognitivos que podem sinalizar aspectos humanizadores nos poemas gerados, interessam-nos particularmente a categorização por *frames*, metáforas, metonímias e integração conceptual ou mesclagem. Todos comungam a ideia de que conhecimento, pensamento e linguagem são sinônimos e de que a cognição é fundamentalmente experiencial, fundada em vivências corporificadas. Todos espelham a capacidade imaginativa do homem (Turner, 2002) e afastam a ideia de que haja limites claros e rígidos entre categorias. A conceptualização sempre dependerá do contexto de uso e variará de contexto a contexto e conforme a perspectivação conceptual ou *construal* (Silva; Batoréo, 2010).

No caso dos *frames*, inúmeros são os entendimentos do conceito. No entanto, como propõe Duque (2015, p. 30), “independentemente dessa variedade, os frames são pensados como *Gestalts* cujas partes, ou papéis, estabelecem relações entre si”. Tendo se originado em Fillmore (1975, 1977) como alternativa à insuficiência do significado, a teoria dos *frames* enfatiza o papel do contexto na significação. A base da argumentação do autor partiu da conceptualização de *bachelor* {HOMEM &

MADURO & NÃO CASADO}. Fillmore (1975) traz à baila o Papa, que, mesmo sendo um homem jovem e não casado, não é comumente referido como *bachelor* (solteiro) em nossa sociedade. Como dar conta desse fenômeno da significação? O autor propõe, então, que o *frame*, enquanto processo sociocognitivo, pode dar conta da questão, pois todo significado é relativo a cenas (Fillmore, 1977) e encontra-se imbricado em modelos culturais. No caso da categoria solteiro, tanto uma definição de casamento quanto um modelo cultural de sacerdócio católico são necessários. Tal modelo cultural indica que o Papa não é um solteiro típico, pois ao ser ordenado sacerdote encontra-se impedido de ter relacionamentos sexuais. O conhecimento de mundo, a experiência, dá pistas para o processo de significação ao estruturar a cena comunicativa e suas partes. Não há como compreendermos as partes se não ativarmos o todo, o *frame*. Podemos, portanto, definir *frames* como expectativas de conhecimento sobre o mundo, que podem ser fortalecidas, enfraquecidas ou transformadas a partir da nossa percepção, e que ficam armazenadas na memória de longo prazo, disponíveis para ativação, sempre que houver pistas no discurso. Tal concepção deriva-se da perspectiva de que a linguagem, como um Sistema de Comunicação, reflete o mundo tal qual construído por nós, nas interações de todas as naturezas.

Nesse sentido, a teoria dos *frames* coaduna-se com a teoria dos protótipos (Rosch, 1978; Lakoff, 1987), pois é a partir do modelo cultural de casamento ocidental heterossexual (há papéis = o noivo e a noiva; há ações = juntarem-se em matrimônio e comungarem da mesma casa e do leito nupcial; há elementos envolvidos = o cartório, o contrato, a sociedade, a cerimônia etc.), e do modelo cultural de sacerdócio católico (há papéis = o sacerdote, o Papa, a igreja católica; há elementos = os dogmas da igreja católica, inclusive o celibato sacerdotal; há ações = o sacerdote casa-se com a igreja e seus dogmas para dedicar-se exclusivamente a promover o Reino de Deus), que damos conta da significação de ‘o Papa é solteiro’. Isso se dá de tal forma que na categoria solteiro, Papa emerge como um membro periférico ou não típico. Nas palavras de Fillmore (1987, p. 31, tradução nossa), “ninguém consegue realmente compreender o significado das palavras em um domínio cognitivo se não houver compreensão das instituições sociais ou estruturas de experiências que tais palavras pressupõem”³.

Croft e Cruse (2004) não apenas corroboram Fillmore, como também propõem que a significação só pode ser interpretada se forem levados em conta a intenção dos participantes discursivos, bem como das instituições sociais, culturais e comportamentais nas quais a ação, o estado ou a coisa estão situados. Por exemplo, o conceito de casamento monogâmico só faz sentido se interpretado em um *frame* de relacionamento amoroso em que o indivíduo só pode ter um parceiro (sexual ou romântico). Tal entendimento emerge de normas culturais, religiosas e legais que regem os casamentos em muitos países do ocidente. No Sudão, ao contrário, múltiplos relacionamentos são culturalmente e legalmente estimulados, como atos em prol do desenvolvimento do país. Ao analisar o *corpus* desta

³ Tradução nossa do original: “Nobody can really understand the meanings of the words in that domain who does not understand the social institutions or the structures of experience which they presuppose”. (Fillmore, 1987, p. 31)

pesquisa, identificaremos os aspectos humanizadores no processo de produção de poemas concretos pelos alunos, primeiramente, pelos *frames* ativados, pois neles encontram-se articuladas as estruturas de experiência que motivam os alunos participantes em sua produção.

Outra teoria que vem ao encontro de tal propósito é a Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980). Lakoff e Johnson propuseram serem a metáfora e a metonímia processos sociocognitivos fincados na experiência corporificada e no cotidiano da vida e não apenas figuras de linguagem. Na concepção dos autores, a metáfora envolve dois domínios experienciais de tal modo que a significação do domínio FONTE se encontra em um ou mais elementos do domínio ALVO. Por exemplo, a metáfora RELACIONAMENTO AMOROSO É INVESTIMENTO, constitui-se de um domínio-fonte mais concreto — INVESTIMENTO — cujos elementos (investidor, capital aplicado, risco, rendimentos etc.) projetam-se sobre o domínio-alvo mais abstrato — RELACIONAMENTO AMOROSO — estabelecendo relações de analogia com elementos desse domínio (homem/mulher, homem/homem, mulher/mulher, romance, emoções, diferenças de idade, compromisso, amor, interesses, retorno, expectativas etc.). Ambos os domínios são construídos socioculturalmente, de tal modo que os investidores são as pessoas envolvidas no relacionamento, o capital aplicado é a emoção, o amor é o tempo despendido na relação, o risco é o compromisso ou, na falta dele, os interesses envolvidos etc. Tal metáfora pode ser comumente encontrada em enunciados como:

Na ponte estreita que separa a razão da emoção, **indivíduos buscam investir no amor e nos mercados com segurança** [...]. Ao investirmos em um relacionamento amoroso, esperamos obter lucro? Seríamos tão mercenários assim? **Todo relacionamento amoroso é um investimento. Um investimento afetivo, libidinoso, de energia e de tempo.** Por mais incondicional que seja o amor, criamos algum **grau de expectativa**. (Tolotti, 2009 *on-line* na InfoMoney, grifo nosso⁴)

Portanto, INVESTIMENTO é um predicativo que nos permite raciocinar sobre o domínio-alvo, RELACIONAMENTO AMOROSO, a partir da experiência corpórea e emocional acerca do domínio-fonte. Buscamos no *corpus* identificar metáforas que venham ao encontro do propósito humanizador subliminar às atividades pedagógicas propostas.

Já no processo metonímico, esse mapeamento ocorre em um único domínio, no qual FONTE e ALVO, duas entidades distintas, são colocadas em relação de contiguidade (Lakoff; Johnson, 1980; Croft, 1993; Panther; Radden, 1999). Assim o sendo, o uso de uma metonímia perfila características do domínio ALVO que são mais salientes à percepção, seja pela forma ou pela função, nas vivências cotidianas, enquanto fator de perspectivação do sujeito em relação às cenas. Por exemplo, pode-se destacar o POSSUIDOR PELO POSSUÍDO (vou ao **cabeleireiro** toda semana); o CONTROLADOR PELO CONTROLADO (EUA bombardeiam o Iêmen e matam civis); a PARTE PELO TODO (O **Palácio Guanabara** emitiu nota oficial sobre o tiroteio na Maré); o EFEITO PELA CAUSA (**Suei** muito para subir na vida); a PROPRIEDADE PELO INDIVÍDUO (Vou dormir na minha **avó**), dependendo da motivação pragmática.

⁴ <https://www.infomoney.com.br/mercados/colunista-infomoney-investimento-financeiro-ou-amoroso/>

Mesmo sendo entidades distintas (salão e cabeleireiro; exército e o país EUA; o Palácio Guanabara, local físico do governo do Estado do Rio de Janeiro e o governo propriamente dito; a casa que é propriedade da avó e a pessoa da avó), FONTE e ALVO unem-se em um único domínio cognitivo no processo de significação. Essa união ativa inferências pragmáticas, pois são as motivações pragmáticas presentes no processo metonímico que levam os indivíduos a compreenderem que não se dorme **na** avó, mas sim na casa que pertence à avó. Nas palavras de Lakoff (1987, p. 292, tradução nossa): “a significação emerge da experiência de agir como um ser de um certo tipo em um ambiente de um certo tipo”.⁵

Porém, muitas vezes o sentido sinalizado pelas metáforas e metonímias não se encontra nos domínios em questão. Trata-se de um sentido novo, inédito. Logo, como dar conta desse fenômeno? Fauconnier e Turner (2002) propõem haver um processo de compressão das relações estabelecidas entre entidades ativadas no discurso, que podem ser de vários tipos, inclusive metafóricas e metonímicas. Fundam, com isso, a Teoria da Integração Conceptual (TIC). Tal modelo permite a análise de relações que emergem no discurso (inclusive contextuais) e têm por base estruturas cognitivas mais efêmeras e menos estáveis que os domínios cognitivos, pois agem no âmbito da memória de trabalho — os espaços mentais (Fauconnier, 1997). À luz desse modelo, metáforas emergem de múltiplas projeções e não de uma única projeção unidirecional entre dois domínios (estruturas cognitivas mais estáveis).

Na rede de Integração Conceptual, há no mínimo quatro espaços mentais: um genérico, mais esquemático, que conjuga informações comuns a todos os outros espaços; dois espaços de entrada (*input 1* e *input 2*), que mantêm relações vitais entre si; e um espaço mescla, onde as relações vitais⁶ são comprimidas por projeção parcial de elementos dos espaços de entrada, representando o sentido emergente.

Cada espaço mental é estruturado por um ou mais *frames* que motivam o acionamento de funções, papéis e ações específicos e impulsionam o processamento das informações em escala humana na mescla, por meio de um *insight global* ou percepção do todo, já que ele é muito maior que a soma das partes que o compõem. Todos os espaços mentais na rede de integração se retroalimentam e se interligam por meio de relações vitais.

Para se compreender o novo sentido, é necessário descomprimir as partes e todas as relações entre elas. Ou seja, não se pode predizer a significação com base nas pistas que a evocam, e sim com base nos *frames*, nos contextos em que as cenas ocorrem e na integração conceptual.

Por meio do arcabouço teórico acima delineado, procedemos a análise dos poemas que constituem o *corpus*, visando levantar processos sociocognitivos que possam atestar o viés humanizador que a produção de poemas concretos trouxe para a prática pedagógica de ensino de línguas, ora em tela.

⁵ Tradução nossa do original: “Meaningfulness derives from the experience of functioning as a being of a certain sort in an environment of a certain sort” (Lakoff, 1987, p. 292).

⁶ Mecanismos que ligam partes a contrapartes, como por exemplo relações de ANALOGIA, CAUSA E EFEITO, PAPEL-VALOR, TEMPO, ESPAÇO, DESANALOGIA e IDENTIDADE dentro de um mesmo espaço mental ou entre eles.

3. Alicerces da poesia e dos procedimentos metodológicos

Os poemas analisados no presente trabalho foram produzidos durante a realização de um projeto pedagógico anual, intitulado “Café Literário”, atrelado às disciplinas de Redação e Língua Portuguesa, em uma escola particular localizada no município do Rio de Janeiro. O intuito do projeto repousa na promoção do contato literário, em suas diferentes vertentes, de tal modo que o aluno possa, além de conhecer a vida e as obras de diferentes escritores, também trabalhar com a leitura, a interpretação e a produção de peças literárias.

No ano de 2023, o referido projeto ocorreu no segundo semestre com as turmas do 6º ao 9º do Ensino Fundamental II. Especificamente, as turmas do 8º ano, tanto do turno da manhã quanto da tarde, encarregaram-se de trabalhar com o gênero textual poesia. Assim, o “Café Literário” para esse segmento percorreu as seguintes etapas ao longo de 6 aulas:

- *Etapla 1:* Os alunos foram apresentados aos objetivos do projeto literário. Na sequência, foram introduzidos ao gênero poesia, assim como à sua estrutura e aos seus objetivos comunicativos. Essa etapa foi criada visando propiciar respostas a perguntas como: o que é poesia? Para que serve a poesia? Quais temáticas são tratadas na poesia? Entre outras.
- *Etapla 2:* A segunda aula contou com atividades de leitura e interpretação de diferentes textos poéticos de escritores como, Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina, Maya Angelou, Vinicius de Moraes e Edgar Allan Poe. Após cada leitura, discutia-se sobre as principais temáticas dos poemas, sobre aspectos estruturais e o que cada escritor parece intencionar por meio de sua obra.
- *Etapla 3:* Na terceira aula, os alunos começaram a produzir seus primeiros poemas. O professor entregou uma folha de papel para cada aluno e os orientou a se expressarem por meio de um poema. Eles poderiam escrever sobre qualquer temática assim como se inspirar nos autores e nas obras lidas e interpretadas na aula anterior. Ao final da atividade, as primeiras produções foram recolhidas pelo professor.
- *Etapla 4:* A quarta aula se voltou para a conclusão, revisão (caso necessária), edição e melhoramento das primeiras produções. Inicialmente, os poemas foram distribuídos aleatoriamente aos alunos, de forma que cada um ficasse com um poema diferente do seu. Dessa forma, eles foram orientados a ler, revisar (caso considerassem necessário), ou propor melhorias, fazendo anotações no próprio papel onde a produção se encontrava. Na sequência, os poemas foram entregues aos seus respectivos autores para que pudessem finalizá-los, levando em conta, também, as sugestões que foram dadas na análise realizada pelo colega. Ao final, as produções foram recolhidas pelo professor.
- *Etapla 5:* Na quinta aula, com a ajuda do professor, os poemas foram digitados, utilizando-se um *notebook* pessoal, visando compor a antologia final do projeto, com todos os poemas produzidos pelos alunos. Ao total, 30 poemas compuseram a antologia do 8º da manhã e 27 consubstanciaram a antologia do 8º da tarde. Cabe apontar que a formatação das antologias (capa, contracapa e fonte) ocorreu conforme decisão dos próprios alunos, e o resultado, podemos observar na figura 1.

Figura 1: Capas e contracapas das antologias produzidas



Fonte: Arquivo pessoal do professor⁷ (2023)

- *Etapa 6:* Na última aula, ocorreu a apresentação dos poemas, na qual, os alunos participaram de um sarau poético no Espaço Criativo da escola. No sarau, os alunos leram suas produções para todos da turma e, depois, discutiram as possíveis interpretações, além de exporem opiniões e perspectivas próprias sobre as intenções comunicativas do aluno-autor. Poderiam também fazer perguntas, caso houvesse necessidade. Além do mais, as antologias foram impressas e ficaram à disposição dos alunos.

Os poemas elaborados versam sobre diferentes temáticas, tais como amor, natureza, solidão, dúvidas, tempo, *bullying*, inspiração, modernidade, amadurecimento, guerra, saudade, mulher, educação, passado, beleza, mudanças, globalização, entre outras. Tais temáticas refletem o posicionamento pessoal e, em alguns casos, crítico de alunos adolescentes sobre questões emocionais, socioculturais, históricas e políticas vivenciadas no cotidiano, dotando-os, portanto, de voz — característica da própria prática humanizadora. Dentre esses poemas, dois foram selecionados como foco analítico do presente artigo. A escolha foi motivada pela percepção: a) das fortes temáticas representadas simbolicamente nas poesias; b) da maior proximidade das alunas-autoras com o eu lírico — em ambas as produções, identifica-se o eu lírico como sendo as próprias adolescentes; e c) de serem os dois poemas exemplares mais centrais do *frame* HUMANIZAÇÃO.

Analisou-se, qualitativa e interpretativamente os poemas selecionados, com a intenção de codificar palavras ou expressões que servissem de gatilhos acionadores de processos cognitivos, especificamente, de *frames* (cf. Fillmore, 1977, 2006), e de metáforas e metonímias conceptuais (cf. Lakoff; Johnson, 1980, 2002), baseando-se no nosso conhecimento prévio e na nossa intuição de pesquisadores (cf. Sardinha, 2007). Ademais, dado o objetivo de melhor abranger o foco expressivo das alunas-autoras, recorreremos também à análise dos sentidos inéditos que emergiram das poesias, via ativação e conexão de espaços mentais acionados pelos *frames*. Por conta disso, aprofundamos a análise nos amparando na Teoria da Integração Conceptual (cf. Fauconnier; Turner, 2002).

⁷ O professor da turma é também pesquisador e um dos autores do presente artigo.

A compreensão dos *frames* ativados na leitura e interpretação dos poemas permitiu-nos responder às seguintes perguntas de pesquisa: Quais elementos e processos sociocognitivos presentes nos poemas materializam a ação humanizadora preconizada por Candido (2011)? Quais elementos constroem o *frame* HUMANIZAÇÃO enquanto fenômeno sociocognitivo? Conjecturamos que os *frames* e os espaços mentais que sustentam os processos humanizadores se dão na estruturação do próprio *frame* HUMANIZAÇÃO, que pode ser construído, enquanto categoria sociocognitiva, com base na definição proposta por Antonio Candido (2011), conforme descrevemos e explanamos no item subsequente.

4. Versos que humanizam

A compreensão dos processos humanizadores nas produções poéticas analisadas parte, inicialmente, da necessidade de entendermos como o *frame* HUMANIZAÇÃO pode ser estruturado, ou seja, quais elementos constroem esse conhecimento enquanto fenômeno sociocognitivo. Essa etapa constitui a primeira parte da análise. Em seguida, encaminha-se para a análise das poesias produzidas, a saber, “A falha na educação” e “*Bullying* nas escolas”, criadas por duas alunas adolescentes da referida escola, seguindo-se os pressupostos da LC.

4.1. Composição do *frame* HUMANIZAÇÃO

Em seu ensaio intitulado “O direito à literatura”, presente no livro *Vários escritos*, Antonio Candido (2011) nos fornece uma base relevante para compreendermos o conceito de humanização em seu sentido mais amplo, levando em conta as características essenciais que nos definem e que se desdobram na garantia de nossa própria humanidade (conforme podemos ler nas primeiras considerações deste trabalho). Afinal, a humanização resulta do ato de humanizar, isso é, de tornar-se humano. Assim, ao entrarmos em contato com a literatura em suas diversas manifestações, confrontamo-nos com essas características fundamentais, reafirmando, portanto, nossa condição de seres humanos.

Ademais, ao discutir o caráter humanizador da literatura, Candido (2011) aponta as diferentes formas que configuram o conceito e que, consequentemente, contribuem para a construção do *frame* HUMANIZAÇÃO em nossa cognição. De modo geral, ao nos basearmos na definição proposta por Candido para o processo de humanização, podemos compreender como diferentes ações estruturam e desencadeiam a ativação desse *frame* em nossa memória, conforme ilustrado na figura 2.

Figura 2: Estruturação do *frame* HUMANIZAÇÃO



Fonte: Adaptado de Candido (2011)

A figura 2 ilustra como a humanização está ligada ao exercício de ações que legitimam o nosso papel de seres humanos. Do mesmo modo, ilustra como o *frame* HUMANIZAÇÃO estrutura-se com base nessas diferentes ações. Isso significa que não podemos compreender a humanização como conceito isolado, mas sim, como um construto dependente de diferentes elementos (outros conceitos), que podem estar interligados e contribuir para a estruturação dessa categoria. O exercício de qualquer um desses elementos pode, consequentemente, engatilhar o *frame* HUMANIZAÇÃO. Assim, ao refletirmos sobre as questões da vida ou desenvolvermos senso estético diante da arte ou da poesia, por exemplo, agimos em prol da HUMANIZAÇÃO e passamos a compreender que ela está sendo por nós exercida, uma vez que, REFLEXÃO, SENSO DE BELEZA e CONTATO PROFUNDO COM OS PROBLEMAS DA VIDA são elementos que estruturam esse conhecimento (figura 2). Como tal, acionam o *frame* HUMANIZAÇÃO.

4.2. “Falha da educação”

O primeiro poema analisado sustenta-se por uma veemente crítica à educação em nosso país. Já no próprio título, identificamos o posicionamento forte de uma adolescente que, frente ao atual contexto educacional, se expressa por meio da metáfora conceptual EDUCAÇÃO É SISTEMA (na qual o domínio-fonte é o SISTEMA, acionado via metonímia PARTE PELO TODO, e o domínio-alvo é a EDUCAÇÃO). E, como todo sistema (TODO) pode apresentar falhas operacionais (PARTE), a educação, por não estar funcionando como esperado pela autora, passa a ser um sistema defeituoso. Nessa metáfora, já conseguimos antever o caminho expressivo que será seguido pela aluna no decorrer de seus versos:

Poema 1: Falha na educação**A falha na educação**Por 

Do que adianta todo esse sistema
Se ele não me ensina o que preciso?

Do que adianta fazer Enem
Se eu não sou ninguém?

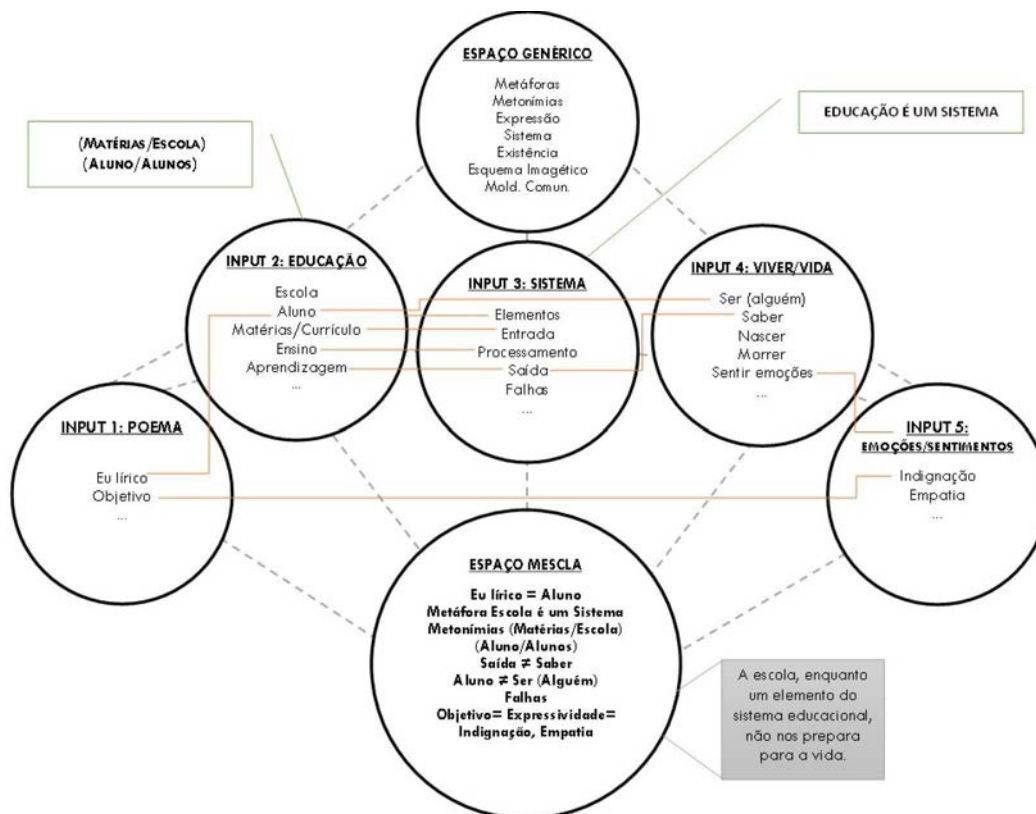
Do que adianta, mais de dez matérias, aprendermos,
Se na vida quase não usamos a maioria das coisas que, de fato, sabemos?

Fonte: Produção da aluna (2023)

A referida metáfora conceptual ativada na leitura do título do poema é amparada pelos versos produzidos pela aluna, os quais apontam para o propósito comunicativo. Estruturalmente, o poema é formado por três estrofes, com dois versos (dístico) em cada uma. Além disso, não se pode deixar de apontar que cada uma das estrofes se manifesta por meio de uma interrogação, fazendo com que, enquanto leitores, possamos também refletir sobre e questionar a realidade em questão. Isso significa que, ao expressar suas inquietações por meio de perguntas, a aluna constrói certa proximidade com os leitores, convidando-os a fazer parte de suas reflexões críticas.

Na leitura do poema, podemos ainda identificar palavras ou expressões que sinalizam as temáticas principais, considerando o propósito comunicativo segundo a nossa perspetivação. Guiando-nos pelo título, “A falha na educação”, e percorrendo as estrofes dísticas, apreendemos, com mais detalhes, o sentimento de indignação atrelado à forte crítica ao contexto educacional vivenciado por essa aluna de uma escola particular do Rio de Janeiro, que é reflexo de todo um sistema enraizado no Brasil. Tal sistema influencia significativamente, não somente a vida dela, como a de muitos outros adolescentes que buscam a educação como caminho de crescimento e sucesso na vida. Em outras linhas, os versos trazem palavras como “Do que adianta”, “Sistema”, “Ensina o que preciso”, “Sou ninguém”, “Aprendermos”, “Na vida quase não usamos [...]” etc., que apontam para aqueles conhecimentos, ou *frames*, que nós, na condição de leitores e convidados, podemos ativar para compreendermos as possíveis intenções da aluna-autora e a enxergarmos como alguém que tem voz, por meio do poema. Isso implica que, para coconstruirmos sentido, precisamos considerar todos esses conhecimentos, ou *frames*, (e entender como eles podem se relacionar), movidos pelo objetivo do gênero poesia. Uma representação dos possíveis conhecimentos acionados na leitura do poema pode ser visualizada por meio de uma Rede de Integração Conceptual, conforme ilustrada na figura 3.

Figura 3: Rede de Integração Conceitual para interpretação do poema 1



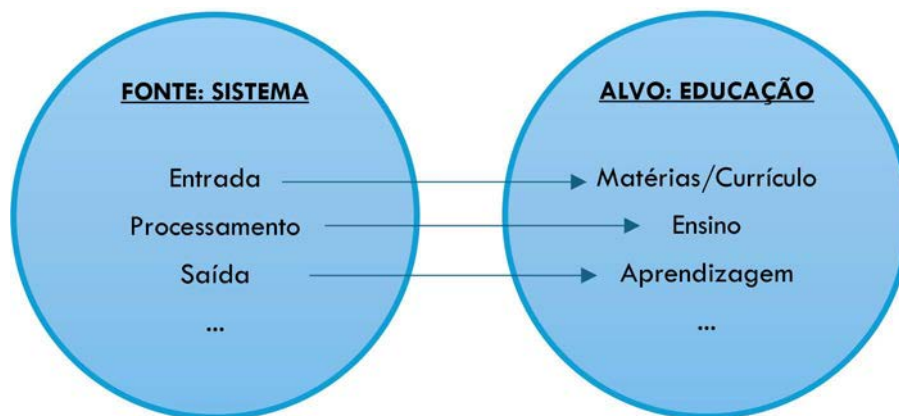
Fonte: Elaboração dos autores (2025)

O *input* 1, estruturado pelo *frame* POEMA, é ativado levando em conta o gênero textual. Ao nos depararmos com o referido gênero, trazemos em mente características que o configuram, tais como, OBJETIVO COMUNICATIVO e EU LÍRICO. O *input* 2 é estruturado pelo *frame* EDUCAÇÃO e é engatilhado pela temática principal do poema, especialmente, pelo uso da mencionada entrada lexical no título. Quando pensamos em educação, tendemos a associá-la a elementos como ESCOLA, ALUNO, MATÉRIAS/CURRÍCULO, ENSINO, APRENDIZAGEM etc. (elementos esses que também podem ser acionados na leitura do poema). O *input* 3 é estruturado pelo *frame* SISTEMA, ativado pela própria palavra introduzida no poema, assim como pela metonímia conceptual PARTE PELO TODO, por meio da palavra “falha”, disposta no título dado pela aluna. O *frame* VIDA estrutura o *input* 4 e é engatilhado por palavras como “vida” e “não sou”, demonstrando a necessidade de a aluna aprender conhecimentos essenciais para adequadamente viver. Nesse mesmo *frame*, as pistas contextuais presentes na moldura comunicativa “poema” acionam elementos como “sentir emoções”, “expressar emoções”. Por fim, o *input* 5 é estruturado pelo *frame* EMOÇÕES/SENTIMENTOS, formado pelo sentimento de indignação dessa aluna diante da realidade educacional do nosso país. Esse último *frame* pode ser engatilhado pelas próprias perguntas que formam o poema, especialmente, pelo uso repetido de “Do que adianta...?” no início das estrofes.

A aceitação da aluna na condição de escritora do poema, ao mesmo tempo em que se preocupa em criticar a realidade do seu contexto educacional, é motivada por duas relações vitais de espaço externo na rede de integração conceptual da figura 3: ANALOGIA e IDENTIDADE. Isso significa que os *inputs* 1 e 2 estabelecem conexões fundamentais para demonstrar que a ALUNA, que está presente no *input* 2, ao se voltar para a sua realidade e se expressar por meio do POEMA, *input* 1, reafirma-se na condição de EU LÍRICO, ou seja, de pessoa que detém a voz principal desse poema, construindo-se, portanto, como alguém que, ao ser estudante, utiliza-se desse meio expressivo para externalizar uma inquietação. Em linhas gerais, a aluna passa a ser análoga ao eu lírico do texto, constituindo, dessa forma, sua identidade.

No caso da metáfora EDUCAÇÃO É SISTEMA, anteriormente mencionada, essa metáfora pode ser mais bem visualizada pela relação vital de REPRESENTAÇÃO entre os *inputs* 2 e 3, EDUCAÇÃO e SISTEMA, respectivamente. Conforme já apontado, somente pelo título, conseguimos engatilhar os dois domínios cognitivos que mapeiam a metáfora, afinal, ao utilizar as palavras “Falha na educação”, nossa interpretação nos leva a ativar o domínio EDUCAÇÃO, pelo uso da própria entrada lexical, assim como da palavra FALHA que, via metonímia conceptual PARTE PELO TODO, direciona-nos ao conceito de SISTEMA, uma vez que, sistemas são formados por elementos (partes) como ENTRADA, PROCESSAMENTO, SAÍDA e FALHAS. A metáfora mencionada é mais bem compreendida por meio de seu mapeamento seletivo, que ocorre entre os elementos advindos do domínio mais concreto, ou seja, o SISTEMA (figura 4):

Figura 4: Mapeamento da metáfora EDUCAÇÃO É SISTEMA



Fonte: Elaboração dos autores (2025)

O sistema, por ser um conceito mais concreto, é compreendido como o domínio-fonte; enquanto a educação, por ser o conceito mais abstrato e o foco conceptual da aluna, passa a funcionar como o domínio-alvo. Assim, elementos do domínio-fonte como ENTRADA, PROCESSAMENTO e SAÍDA, são mapeados com elementos do domínio-alvo, tais como MATÉRIAS, ENSINO e APRENDIZAGEM, de forma a compreender um conceito com base nos elementos do outro. Em outras palavras, na nossa

perspectivação, para compreendermos os versos da aluna, precisamos entender que sua intenção comunicativa repousa em criticar a conceptualização de educação como um sistema, no qual, a entrada representa as matérias que ela aprende na escola (o currículo), o processamento representa o ensino propiciado e a saída representa a aprendizagem.

A crítica proposta pela aluna começa a se anunciar por meio da relação de DESANALOGIA entre os *inputs* 3 e 4, assim como, entre os *inputs* 2 e 4. Se, dentro do sistema que é a educação, a saída é representada por aquilo que a aluna aprende, podemos aceitar que os versos expressos no poema (“Se ele não me ensina o que preciso?” e “Se na vida não usamos...”), evidenciam, na nossa perspectivação, que a aprendizagem por ela vivenciada, enquanto o elemento de saída do sistema (*input* 3), não é análoga ao conhecimento que ela precisa ter (*input* 4) para poder ter sucesso na vida. Do mesmo modo, significa dizer que o currículo, tal qual elaborado, não propicia o que ela precisa saber. Consequentemente, a aluna, elemento presente no *input* 2, passa a não se identificar como alguém (*input* 4) preparada para enfrentar o mundo. De fato, essas duas relações de DESANALOGIA explicam significativamente o porquê de o SISTEMA, que é a EDUCAÇÃO, ser falho.

O sentimento de indignação, em nossa interpretação, é acionado pelo *input* 5, motivado, especialmente, pela relação vital de CAUSA E EFEITO. Já que a educação é construída como um sistema falho que não ensina o que parece necessário para se viver e progredir (CAUSA), surge a indignação, de modo veemente e atrelada aos versos do poema (EFEITO). Essa relação de CAUSA E EFEITO se comprime no espaço-mescla na relação de PROPRIEDADE, uma vez que, a indignação emerge como uma característica marcante desse eu lírico que está insatisfeito com o contexto educacional do nosso país.

Outro ponto merecedor de destaque são as expressões “aprendermos”, “usamos” e “sabemos”, na última estrofe. O uso da primeira pessoa do plural nos versos é um convite à ativação de metonímias conceptuais que nos dizem que a voz da aluna não é somente dela, mas sim, de muitos alunos que, também inquietos com o contexto educacional brasileiro, questionam a aprendizagem propiciada (ou não) por meio do sistema. Dessa forma, esse poema, especialmente por meio do *input* 2, aciona metonímias de PARTE PELO TODO, especificamente, de ALUNO PELOS ALUNOS e MATÉRIA PELA ESCOLA OU MATÉRIA PELO CURRÍCULO, tendo em vista que, ao questionar as matérias oferecidas, a aluna nos parece estar de fato questionando aquelas que a escola/o currículo oferece.

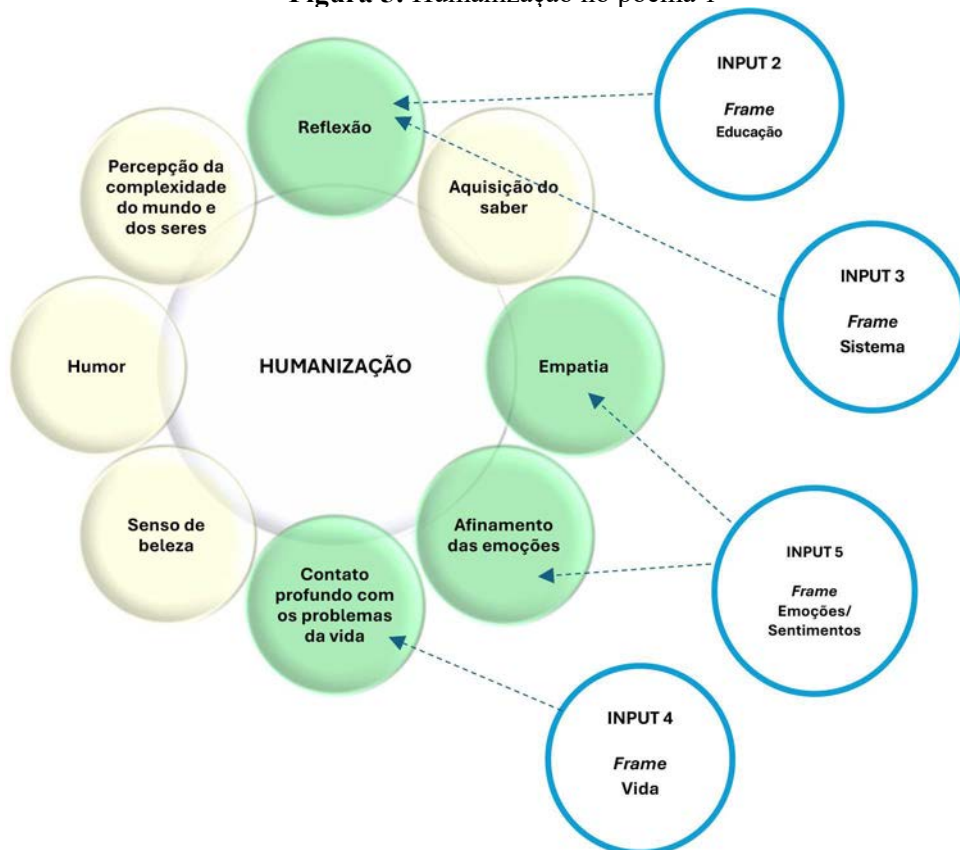
Dessarte, cabe apontar que o uso da metonímia conceptual ALUNO PELOS ALUNOS ecoa em um segundo sentimento que surge nas entrelinhas dos versos: a empatia. Isso significa que, a partir do momento que a aluna procura não somente colocar sua voz no poema, mas representar as vozes daqueles que compartilham a mesma situação dentro do sistema educacional, ela se coloca no lugar do outro, se preocupando também com a vida dos seus pares. Portanto, o sentimento de EMPATIA, ativado pelo *input* 5, também é comprimido na relação vital de PROPRIEDADE no espaço-mescla, ao se manifestar como uma característica do eu lírico.

No espaço-mescla, diferentes elementos advindos dos *inputs* são projetados, assim como a metáfora conceptual estrutural ESCOLA É UM SISTEMA e as metonímias previamente citadas de ALUNO

PELOS ALUNOS e MATÉRIA PELA ESCOLA. Projetado do *input* 5, os sentimentos de INDIGNAÇÃO e EMPATIA comprimem a relação de PROPRIEDADE com elementos do EU LÍRICO, projetado do *input* 1, uma vez que o poema passa a refletir esses sentimentos diante da preocupante realidade exposta pela aluna e a de muitos outros em nosso país. A educação racionalizada como um sistema, que não apresenta uma saída adequada — ou seja, uma aprendizagem voltada para as necessidades da vida —, tem falhas, acarretando a sua não aceitação pelo eu lírico, na condição de alguém que vive e sente neste mundo. Por fim, o elemento OBJETIVO, advindo do *input* 1, também é projetado para o espaço-mescla, confirmando o alcance dos propósitos comunicativos do gênero textual em questão pelo eu lírico, ou seja, a expressividade (reflexo também da relação vital de INTENCIONALIDADE). À luz do exposto, nossa interpretação do poema repousa na compreensão de que, para a aluna, a escola, enquanto parte do sistema educacional, não nos prepara para a vida, conforme sinaliza a estrutura emergente na figura 3.

A ativação dos referidos *inputs* reflete o caráter humanizador atribuído à prática literária, conforme as proposições de Candido (2011). A crítica estabelecida por meio dos versos analisados direciona-nos a diferentes ações que permitem o acionamento do *frame* HUMANIZAÇÃO, de acordo com a estruturação apresentada na figura 2. Para melhor explorarmos essa relação, tomemos como base a figura 5.

Figura 5: Humanização no poema 1



Fonte: Elaboração dos autores (2025)

A ativação dos *inputs* 2 e 3, da Rede de Integração Conceptual demonstrada na figura 3, cuja conexão resulta na metáfora conceptual estrutural EDUCAÇÃO é SISTEMA, assim como em relações metonímicas PARTE PELO TODO, aponta para importantes **reflexões** que a aluna, o eu lírico do poema, faz enquanto uma adolescente que almeja ser alguém no mundo. Essas reflexões são direcionadas ao seu papel enquanto estudante, assim como à sua condição de peça fundamental de um sistema maior, que precisa contar com o funcionamento de todos os seus elementos; caso contrário, sua identidade acabará sendo questionada.

Ademais, a ativação do *frame* 5 já reflete o exercício das **emoções** proporcionadas pela produção do poema. A grande crítica expressa no decorrer dos versos evidencia um forte sentimento de indignação perante um contexto vivenciado por muitos adolescentes em processo de construção identitária. Ao expressar essa indignação, bem como ao falar por muitos dos estudantes (via relação metonímica), a aluna, ao longo dos versos, atinge-nos com o próprio sentimento de empatia. Afinal, ela se coloca no lugar dos demais pares e questiona as falhas do sistema que é também, por eles, experimentado.

Ao problematizar a educação, a aluna convida-nos a adentrar nos **problemas** reais do cotidiano, permitindo-nos questionar junto com ela. Qual seria o impacto na sociedade se todos passassem a pensar como ela ou se todos passassem a ver nossa educação como um sistema falho, que, como tal, precisa de reparos? O poema incentiva-nos a levantar questionamentos que, em nossa visão, são necessários. Dessa forma, a ativação do *input* 4 também demonstra um forte interesse de reflexão sobre questões da vida e seus problemas, que, em conjunto com os demais *inputs* previamente apontados, acionam o *frame* HUMANIZAÇÃO.

4.2. “Bullying nas escolas”

O segundo poema analisado, desde o título, nos conduz a uma temática de igual relevância nos tempos atuais: a prática do *bullying*. Ao empregar a palavra “*bullying*” em conjunto com “escolas”, a autora destaca a seriedade do tema, evidenciando que se trata de um problema que transcende seu próprio contexto escolar. De fato, o *bullying* é uma realidade em inúmeras escolas, não apenas em nosso país, mas em diversas partes do mundo.

Poema 2: *Bullying* nas escolas

Bullying nas escolas



Eles riem de mim
Fazem piadas de mim
Falam que isso é normal
Apenas uma brincadeira
Mas no fundo
Realmente machuca

Fonte: Produção da aluna (2023)

Estruturalmente, o poema é composto por uma única estrofe de seis versos, caracterizando-se como uma sextilha. Além disso, assim como na análise do primeiro poema, a aluna assume a posição de eu lírico, expressando sentimentos de tristeza e impotência diante das intensas situações por ela vivenciadas. Ao coconstruirmos sentido na leitura do poema, vários *frames* (estruturadores de espaços mentais, ou *inputs*) são acionados por gatilhos linguístico-discursivos (figura 6).

Figura 6: Rede de Integração Conceptual para interpretação do poema 2



Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Conforme podemos observar na figura 6, o *input 1* é estruturado pelo *frame* POEMA e composto por elementos como EU LÍRICO e OBJETIVO COMUNICATIVO, uma vez que se trata do gênero textual escolhido para a manifestação da expressividade. Já no título, engatilha-se o *frame* BULLYING, que estrutura o *input 2* e, por ser considerado um tipo de violência, é composto por elementos como AGRESSOR, VÍTIMA e VIOLÊNCIA VERBAL. O elemento VIOLÊNCIA VERBAL desse *input* é também acionado pelas palavras “piadas” e “brincadeira”, apresentadas no segundo e no quarto versos, respectivamente. O *input 3* é estruturado pelo *frame* ESCOLA, que igualmente pode ser ativado pelo título e que representa o *bullying* como um problema corrente no contexto escolar. Por fim, não podemos desconsiderar o *input 4*, estruturado pelo *frame* EMOÇÕES/SENTIMENTOS. Afinal, os versos da aluna sinalizam muito mais do que aquilo que está explicitamente engatilhado por pistas linguístico-discursivas; sinalizam

sentimentos de TRISTEZA, DOR e IMPOTÊNCIA experimentados por um eu lírico que se coloca como vítima desse tipo de violência nas escolas.

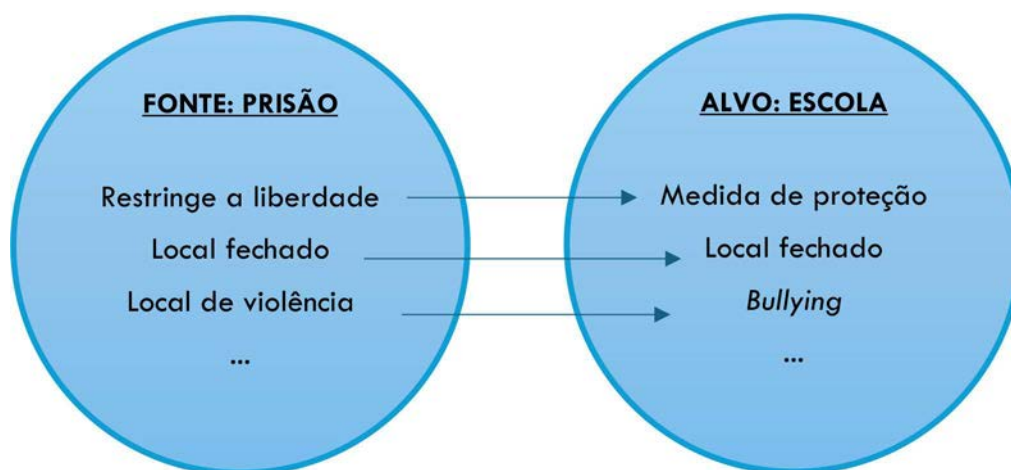
Ao apontar para as diferentes formas de *bullying* praticadas por “eles”, ou seja, os demais alunos da escola, a produtora do poema se posiciona como o eu lírico, tornando-se a voz que se expressa nos versos. Esse posicionamento evidencia a compressão de duas relações vitais de espaço externo, ocorridas entre os *inputs* 1 e 2, bem como entre os *inputs* 1 e 3. Tais relações se dão da seguinte forma: o elemento EU LÍRICO, ativado pelo *input* 1, passa a ser análogo ao elemento ALUNO, do *input* 3, por meio da relação vital de ANALOGIA. Da mesma forma, a aluna passa a representar o elemento VÍTIMA, ativado pelo *input* 2, dentro do cenário de agressão causado pela prática do *bullying*, por meio de uma relação vital de REPRESENTAÇÃO.

As relações de ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO nos levam a formar uma visão dessa aluna que, diante de um problema preocupante, mesmo se colocando como vítima, encontra no poema um espaço para expressar o seu posicionamento. Esse fato também nos remete à compressão da relação vital de IDENTIDADE, pois constrói uma ideia concreta de quem é essa aluna e de seus posicionamentos perante um problema social.

Além disso, a conexão entre os *inputs* 2 e 3 nos convida a refletir sobre a representação do agressor dentro do contexto do *bullying* escolar. Quando a aluna menciona palavras como “Eles”, “Fazem” e “Falam” em seu poema, há uma referência direta aos seus pares, ou seja, aos colegas que compartilham o mesmo espaço escolar e que praticam essa violência. Dessa forma, o elemento AGRESSOR, acionado pelo *input* 2, passa a manter uma relação direta com o elemento ALUNO, advindo do *input* 3, por meio de uma relação vital de REPRESENTAÇÃO.

Diante das características do contexto escolar e influenciado pelo último verso do poema, o *input* 4 desperta sentimentos de TRISTEZA, DOR e IMPOTÊNCIA. Em outras palavras, o *bullying* causa sofrimento, seja físico ou emocional, àqueles que o vivenciam. Além disso, considerando que a escola é um ambiente fechado, com muitas crianças e adolescentes, os versos da aluna sinalizam não apenas a dor de ser vítima desse tipo de violência (pois “realmente machuca”), mas também a sensação de impotência diante da dificuldade de resolver o problema, especialmente em um espaço onde a convivência é inevitável. Afinal, para os agressores, ou seja, os outros alunos, essa prática muitas vezes é vista como algo “normal/Apenas uma brincadeira”. Dessa forma, o *input* 4 mantém relação vital de CAUSA E EFEITO com o *input* 2, uma vez que, ser vítima de VIOLÊNCIA VERBAL (BRINCADEIRAS/PIADAS), ativado pelo *frame* BULLYING, é a causa dos sentimentos de TRISTEZA, DOR e IMPOTÊNCIA experimentados pela aluna, propriedades do *frame* EMOÇÕES/SENTIMENTOS.

A percepção da escola enquanto um espaço fechado, conforme previamente apontado, nos leva a refletir sobre a ativação da metáfora conceptual ESCOLA É PRISÃO. De fato, o *bullying* é um tipo de violência que ocorre principalmente nas escolas e, para a vítima, que se sente triste e impotente, a obrigatoriedade de permanecer nesse espaço pode gerar a sensação de aprisionamento, sem alternativas de escape ou solução. Essa metáfora se sustenta por meio de um mapeamento conceptual entre o domínio-fonte, PRISÃO, e o domínio-alvo, ESCOLA, conforme ilustrado na figura 7.

Figura 7: Mapeamento da metáfora ESCOLA É PRISÃO

Fonte: Elaboração dos autores (2025)

O espaço-mescla, da rede de integração conceptual na figura 6, é ativado pela projeção de elementos advindos dos *inputs* 1, 2, 3 e 4, no qual, o EU LÍRICO passa a ser visto como o ALUNO e a VÍTIMA, o AGRESSOR é outro ALUNO do mesmo ambiente escolar, causando, portanto, sentimentos de TRISTEZA, DOR e IMPOTÊNCIA. Sentimentos esses que são reforçados pela metáfora conceptual ESCOLA É PRISÃO, que também é projetada para a mescla. Além disso, o *input* 1 projeta o elemento OBJETIVO, uma vez que a aluna, por meio do poema, nos parece cumprir a intenção comunicativa de denunciar, através dos versos, um problema vivenciado por ela e que pode ser encontrado em várias escolas, não somente na dela. Em linhas mais específicas, conforme expresso na estrutura emergente na mescla, a aluna nos impacta ao assertivamente afirmar que o *bullying* não é brincadeira; pelo contrário, trata-se de uma prática que, de fato, machuca (causa dor física e emocional). A perspectivação coconstruída na leitura do poema só é possível porque, no espaço-mescla, comprime-se também a relação vital de espaço interno de INTENCIONALIDADE.

De igual modo ao primeiro poema analisado, esse segundo nos direciona ao exercício do caráter humanizador da literatura ao possibilitar que a aluna — voz que se expressa no poema — aborde questões fundamentais para a sua condição de ser humano. Para compreender melhor esse exercício, é essencial observar as relações estabelecidas entre os *inputs* acionados pelas pistas linguístico-discursivas do poema 2 e os elementos constituintes do *frame* HUMANIZAÇÃO, como ilustrado na figura 8:

Figura 8: Humanização no poema 2



Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Os *inputs* 2 e 3, ativados na rede de integração conceitual (figura 6), direcionam nossa análise para a prática da **reflexão** motivada por uma aluna adolescente. Enquanto alguém que tem voz, ela utiliza o poema para abordar um dos maiores problemas do ambiente escolar na atualidade: o *bullying*. De forma objetiva, a aluna declara sua experiência como vítima dessa violência, convidando-nos a refletir sobre a necessidade de um olhar mais atento para a questão e sobre o nosso papel na busca por soluções. Afinal, somos professores, pais, cidadãos e, acima de tudo, seres humanos.

Além disso, conforme expresso pela própria aluna, o *bullying* não é uma simples brincadeira – ele realmente machuca. Essa mensagem nos leva não apenas a compreender a gravidade do problema, mas também a refletir sobre outras questões **fundamentais da vida**, como o papel da escola, da educação, da aprendizagem, da empatia, da violência e das relações interpessoais. Trata-se de um convite a uma reflexão mais ampla sobre nossa condição de cidadãos e seres humanos.

A ativação do *input* 4 reflete os sentimentos percebidos pela interpretação dos versos. Ao dar voz a sua experiência com o *bullying*, a aluna nos parece sinalizar de modo intenso os sentimentos de tristeza, dor e impotência. O impacto dessas emoções, aliado ao intuito comunicativo do gênero poema, alcança o leitor e incita o exercício da empatia – somos chamados a olhar para a vivência da aluna e a sentir junto com ela. Afinal, “o modo como o poeta diz – e o que diz – ou comunica sua experiência permite um encontro íntimo entre o leitor-obra que aguçará suas emoções e sua sensibilidade” (Pinheiro, 2018, p. 17). Em outros termos, é papel primordial da poesia nos tornar mais próximos de nossos pares (Todorov, 2009).

Dessarte, em nossa visão, a manifestação da aluna por meio do poema deságua em acender, (re)conhecer e, talvez, aguçar emoções e sentimentos, assim como, em buscar uma aproximação conosco, na condição de leitores e, sobretudo, seres humanos. Por consequência, acreditamos que, assim como o *input* 4, os *inputs* 2 e 3 também contribuem para o acionamento do *frame* HUMANIZAÇÃO, conforme as concepções de Candido (2011). O acionamento desses *inputs* e das relações entre e dentro deles projetadas na mescla corrobora a conjectura anteriormente proposta acerca do uso da poesia como fonte de humanização na sala de aula de línguas.

5. Versos que permanecem

A produção de versos pelos 57 alunos envolvidos no projeto, a exemplo dos dois poemas aqui analisados, ecoa como denúncias que ficam, atos de resistência, ao mesmo tempo em que demonstram o desenvolvimento da capacidade emocional, expressiva, reflexiva e crítica dos alunos participantes. Como processos cognitivos superiores, tais capacidades requerem esforço quando comparadas aos processos básicos, que se desenvolvem naturalmente (Vygotsky, 1987). Por serem complexas, emergem na interação social e no uso de artefatos culturais, como a linguagem. Ao mesmo tempo, são processos que abrem as portas para a compreensão de problemas humano-sociais e o posicionamento crítico frente a diversas situações de vida (vide o caso de ambas as alunas, uma expressando indignação com as falhas da educação e a outra denunciando a dor consequente do *bullying*).

Da mesma forma, os versos aqui reproduzidos potencialmente eternizam-se ao mediar a aprendizagem no uso da linguagem e de práticas humanizadoras que investem o aluno no papel de ator socialmente engajado, preparando-o para a vida. As muitas oportunidades de aprendizagem propiciadas na produção de poesias ao longo das etapas e atividades pedagógicas delineadas no componente metodológico deste artigo, incluem, acima de tudo, o desenvolvimento humano-pessoal, para além da aprendizagem de línguas.

No âmbito teórico-analítico, cumpre-nos ressaltar a qualidade dos modelos teóricos para o atingimento de nosso propósito: ilustrar aspectos cognitivos subjacentes ao uso da poesia em sala de aula e demonstrar como eles vão ao encontro de práticas humanizadoras. Nos dois exemplos aqui apresentados (poemas 1 e 2), as ações constituintes do *frame* HUMANIZAÇÃO encontram-se representadas nos espaços de *input* das redes de integração conceptual de cada um dos poemas (figuras 3 e 6) e na forma de uma mescla, um *insight global*: “a escola, como um elemento do sistema educacional, não nos prepara para a vida” e “bullying não é brincadeira; machuca”, respectivamente. As duas mesclas remetem-nos à função humano-social da poesia, tal qual discutida por Candido (2011). Igualmente, levam-nos a teorizar que quanto mais humanizada a sala de aula, maiores serão os propiciamentos no processo de aprendizagem e a percepção de que a escola prepara para a vida. Nossa análise por meio dos modelos teóricos da Linguística Cognitiva demonstrou que tanto a poesia quanto a LC têm um papel a cumprir no ensino-aprendizagem de línguas.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. pp. 171-193.

CROFT, William. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*, v. 4, n. 4, pp. 335-370, 1993.

CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. *Revista Da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 39, pp. 25-48. 2015. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/902>. Acesso em: 1 abr. 2025.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think*. New Yorker: Basic Books, 2002.

FILLMORE, Charles J. An alternative to checklist of meaning. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 1. Berkeley. *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975. pp. 123-131.

FILLMORE, Charles J. Scenes-and-frames semantics, linguistic structures processing. In: ZAMPOLLI, Antonio (org.). *Fundamental studies in computer science*. Amsterdam: North Holland Publishing, 1977. pp. 55-88.

FILLMORE, Charles J. A private history of the concept 'frame.' In: DIRVEN, René; RADDEN, Günter (ed.). *Concepts of Case*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1987. pp. 28-36.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk (org.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. pp. 373-400.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, G Günter. *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

PILATI, Alexandre. *Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino*. São Paulo: Pontes Editores, 2017.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara. (ed.). *Cognition and categorization*. Hillsday: Erlbaum Ass, 1978. pp. 27-48.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, Augusto Soares da; BATORÉO, Hanna Jakubowicz. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: BRITO, Ana Maria (org.). *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. pp. 229-251.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TOLOTTI, Márcia. *Colunista InfoMoney*: investimento financeiro ou amoroso? Infomoney 25, 16 dezembro 2009. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/colunista-infomoney-investimento-financeiro-ou-amoroso/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

TURNER, Mark. *Cognitive Dimensions of Social Science*. New York: Oxford University Press. 2002.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

**DISCURSOS DE INTÉRPRETES DE LIBRAS NÃO HETERONORMATIVOS:
UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB A PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

*DISCOURSES OF NON-HETERONORMATIVE LIBRAS INTERPRETERS:
A CRITICAL ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS*

Saionara Figueiredo Santos¹

RESUMO

Este artigo investiga os discursos de intérpretes de Libras que não se identificam com padrões heteronormativos, a partir da perspectiva teórico-analítica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Por meio da análise de trechos de entrevistas (Santos, 2019), foram identificados processos linguísticos relacionados às metafunções ideacional e interpessoal, especialmente no que tange à transitividade e ao sistema de avaliatividade. Os resultados apontam para a existência de tensionamentos discursivos marcados por julgamentos, afetos e tentativas de delimitação identitária por parte de membros da própria comunidade surda. A análise revelou como esses intérpretes constroem estratégias discursivas para afirmar sua identidade profissional, resistir a estigmas e estabelecer limites nas relações interpessoais. Conclui-se que a linguagem, nesse contexto, funciona como espaço de negociação de sentidos e de resistência a normas hegemônicas de gênero e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistêmico-Funcional. Análise crítica do discurso. Intérpretes de Libras. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT

This article investigates the discourses of Brazilian Sign Language (Libras) interpreters who do not conform to heteronormative standards, using the theoretical-analytical framework of Systemic Functional Linguistics (SFL). Through the analysis of interview excerpts (Santos, 2019), linguistic processes related to the ideational and interpersonal metafunctions were identified, especially regarding transitivity and the appraisal system. The results indicate the presence of discursive tensions marked by judgments, affect, and attempts at identity delimitation by members of the Deaf community itself. The analysis revealed how these interpreters construct discursive strategies to affirm their professional identity, resist stigmas, and establish boundaries in interpersonal relationships. It is concluded that language, in this context, functions as a space for negotiating meaning and resisting hegemonic norms of gender and sexuality.

KEYWORDS: Systemic Functional Linguistics. Critical Discourse Analysis. Libras interpreters. Gender. Sexuality.

1. Apontamentos introdutórios sobre a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por M.A.K. Halliday, constitui uma abordagem teórica que compreende a linguagem como um sistema sócio-semiótico, voltado não apenas à estrutura da língua, mas às funções que ela desempenha nas interações humanas. Essa perspectiva

¹ Professora e Investigadora do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Câmpus Palhoça Bilíngue. Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tradutora e Intérprete de Libras, saionara.figueiredo@ifsc.edu.br, <https://orcid.org/0000-0003-4522-5476>.

destaca a linguagem como uma prática social, moldada por contextos culturais e situacionais, o que a torna especialmente relevante para a análise de discursos de identidades subalternizadas, como é o caso de intérpretes de Libras não heteronormativos.

Halliday & Hasan (1989) explicam que a linguagem possibilita a experiência de mundo e a interação social, sendo, portanto, uma ferramenta essencial para compreender como os sujeitos se posicionam discursivamente em diferentes esferas da vida social. A partir dessa concepção, a LSF permite observar como as escolhas lexicais e gramaticais não são aleatórias, mas sim reflexo de posicionamentos, relações de poder e ideologias que atravessam os textos – sejam eles escritos, orais ou visuais.

A análise linguística, nesse modelo, considera que o texto é a materialização da linguagem em uso, e que sua construção se dá em múltiplos níveis: semânticos, léxico gramaticais e fonológicos. Cada estrato opera de forma interdependente e está inserido em contextos específicos – o da situação e o da cultura –, os quais influenciam diretamente as escolhas linguísticas realizadas (Santos, 2019). Como afirma Gouveia (2009), é no discurso que o sujeito manifesta sua identidade, suas intenções e, muitas vezes, suas estratégias de resistência frente às normas sociais vigentes.

Nesse sentido, a LSF ofereceu para minha tese de doutorado, em 2019, um instrumental poderoso para investigar como intérpretes de Libras não heteronormativos performam suas identidades de gênero em meio a práticas linguísticas marcadas por normatividades e tensões (Santos, 2019). O campo, as relações e o modo – categorias funcionais propostas por Halliday – tornam-se caminhos analíticos para interpretar o que está sendo feito no discurso (campo), quem são os participantes e como se relacionam (relações) e por meio de que canais a linguagem é realizada (modo), incluindo aqui o espaço da Libras enquanto modalidade visual-gestual.

Com o avanço das tecnologias, os estudos linguísticos passaram a contar com ferramentas mais precisas para coleta e análise de dados. O uso de *corpus*, sejam escritos ou orais, possibilita observar o uso autêntico da linguagem em contextos espontâneos. Halliday e Matthiessen (2014) destacam que os *corpus* atuais, ao preservarem aspectos como ritmo, entonação e naturalidade da fala, revelam camadas significativas de sentido que antes eram subestimadas. Isso é particularmente relevante quando se consideram línguas visuais como a Libras, cujos elementos expressivos não se reduzem à forma gramatical tradicional.

Assim, este artigo propõe refletir sobre os discursos de tradutores e intérpretes de Libras que se identificam fora da heteronormatividade, a partir das ferramentas teóricas e analíticas da Linguística Sistêmico-Funcional, a partir dos dados coletados em 2019 (Santos, 2019). Ao observar as formas pelas quais esses sujeitos constroem sentidos e performam identidades por meio da linguagem, buscamos compreender as práticas discursivas como espaços de (re)existência, enfrentamento e ressignificação de normas. Como destaca Meurer (2007), analisar textos sob o viés funcional significa compreender as relações entre linguagem, poder e identidade em suas múltiplas camadas e contextos.

2. Contribuições da LSF para a Análise Crítica do Discurso

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), conforme desenvolvida por Halliday e colaboradores, permite compreender a linguagem não apenas como um conjunto de regras gramaticais, mas como um sistema semiótico que opera em contextos sociais dinâmicos. Nesse modelo, o texto é entendido como a materialização da linguagem em uso, sendo construído simultaneamente em vários níveis – fonológico, léxico-gramatical e semântico –, todos articulados ao contexto imediato (situação) e mais amplo (cultura).

Cada escolha feita pelo falante ou produtor textual está ancorada em uma rede de significações, e a análise funcional busca justamente entender como esses elementos produzem sentidos. A partir das metáforas sistêmicas de Halliday e Matthiessen (2004), pode-se afirmar que toda oração realiza simultaneamente três metafunções: a textual (como a informação é organizada), a interpessoal (como se estabelecem relações sociais e posicionamentos) e a ideacional (como se representa a experiência). Este último aspecto é central para esta pesquisa, pois trata da forma como os intérpretes constroem e experienciam suas identidades discursivas (Santos, 2019).

Para aprofundar essa compreensão, é necessário considerar as variáveis fundamentais do contexto de situação propostas por Hasan (1989): o campo (o que está acontecendo), as relações (quem participa e quais papéis desempenham) e o modo (como a linguagem é transmitida e organizada simbolicamente). Essas variáveis influenciam diretamente as escolhas linguísticas e os registros utilizados, sendo especialmente relevantes para analisar discursos de intérpretes de Libras não heteronormativos, cujo posicionamento pode se dar por meio de marcas léxico-gramaticais sutis, mas politicamente significativas.

Meurer (2007) destaca que qualquer texto pode ser analisado com base nessas três dimensões contextuais, o que permite observar não apenas a superfície linguística, mas as ideologias que a sustentam. Por exemplo, o campo determina o conteúdo temático, enquanto as relações estabelecem as hierarquias e o grau de formalidade ou intimidade entre os participantes. O modo, por sua vez, diz respeito ao canal comunicativo (oral, escrito, visual-gestual, como é o caso da Libras) e à função retórica do texto, influenciando sua estrutura composicional (Santos, 2019).

Halliday e Matthiessen (2014) destacam a importância da espontaneidade discursiva capturada nos *corpus* orais, ainda que apresentem desafios na transcrição de entonações e ritmos. O *corpus*, seja oral ou escrito, deve ser representativo do uso genuíno da linguagem, pois é no uso cotidiano que os sujeitos expandem suas possibilidades de significação – inclusive aquelas relacionadas às suas identidades.

A autenticidade dos dados é, portanto, um elemento-chave na análise linguística de discursos. A fala espontânea e monitorada oferece pistas ricas sobre as escolhas linguísticas feitas em tempo real, refletindo o engajamento do sujeito com o mundo e com o outro. É nesse ponto que a LSF encontra forte intersecção com a Análise Crítica do Discurso: ao focar nas práticas sociais por meio da linguagem, permite-se analisar como as normas são reforçadas ou subvertidas.

Nesta pesquisa, a atenção está voltada para dois sistemas específicos da LSF: o da transitividade, que expressa as experiências do mundo por meio de processos, participantes e circunstâncias (metafunção ideacional), e o de engajamento, associado à metafunção interpessoal, que permite observar o posicionamento dos sujeitos em relação ao conteúdo e aos interlocutores. Essa escolha se justifica pelo objetivo de compreender como tradutores e intérpretes de Libras não heteronormativos performam suas identidades discursivas por meio da linguagem e como seus discursos se posicionam frente às normatividades de gênero dominantes (Santos, 2019).

Neste sistema, as funções experienciais são significadas por meio de seis processos, que serão utilizados neste artigo:

Quadro 1: Processos que significam as funções experienciais.

TIPOS DE ORAÇÕES	SIGNIFICADO
MATERIAL	FAZER, ACONTECER E CRIAR
RELACIONAIS	ATRIBUIR CARACTERÍSTICA E IDENTIFICAR
MENTAIS	PERCEBER, PENSAR, SENTIR, DESEJAR
VERBAIS	DIZER
COMPORTAMENTAIS	COMPORTAR-SE
EXISTENCIAIS	EXISTIR

Fonte: Santos (2019), a partir de Lima, Fuzer e Faccin (2012).

As estruturas léxico-gramaticais que compõem o sistema de transitividade englobam, entre outros aspectos, o uso das circunstâncias, que auxiliam na representação detalhada dos participantes, ações e contextos nos quais ocorrem os processos linguísticos. Essas circunstâncias contribuem para expressar elementos como espaço, causa, modo, finalidade e resultado, revelando não apenas quem realiza determinada ação, mas também quem ou o quê está envolvido nos processos. A seguir, são apresentadas as principais categorias que compõem essa classificação.

Quadro 2: Categorias de classificação de orações na Transitividade.

Tipos de Orações	Tipos de Participantes
MATERIAIS	ATOR, META, ESCOPO, BENEFICIÁRIO, ATRIBUTO
RELACIONAIS	PORTADOR E ATRIBUTO, IDENTIFICADO E IDENTIFICADOR, POSSUIDOR E POSSE
MENTAIS	EXPERIENCIADOR E FENÔMENO
VERBAIS	DIZENTES, VERBIAGEM, ALVO E RECEPTOR
COMPORTAMENTAIS	COMPORTANTE E COMPORTAMENTO
EXISTENCIAIS	EXISTENTE

Fonte: Santos (2019), a partir de Lima, Fuzer e Faccin (2012).

Além disso, essas estruturas também estão diretamente envolvidas na representação de experiências discursivas. Por meio de categorias como processos, participantes e circunstâncias, é possível descrever, analisar e compreender as escolhas linguísticas que os sujeitos fazem ao se posicionar socialmente. Essas escolhas incluem informações sobre tempo, lugar, causa, finalidade, modo e relações sociais, permitindo identificar quem realiza a ação, quem participa dela e em que condições ela ocorre.

A partir dessa base teórica, torna-se viável investigar como diferentes aspectos são mobilizados nas práticas discursivas. Como enfatizam Halliday e Hasan (1989), o discurso é sempre fruto de negociações entre elementos sociais e linguísticos, e as relações interpessoais são estabelecidas, mantidas ou contestadas por meio da linguagem. Assim, através das escolhas lexicais e sintáticas, é possível inferir sentimentos, posicionamentos e valores, o que reforça a pertinência da LSF como metodologia analítica.

Diversos autores (Halliday, 1978; Hasan, 1996; Martin, 1984; Eggins, 1994; Heberle, 2017) reforçam que a análise textual só é plena quando atenta ao contexto da situação e da cultura. A linguagem se manifesta como uma prática social (Webster, 2009), sendo simultaneamente um meio de representação simbólica e um instrumento de organização social. Heberle (2017) destaca que a LSF permite descrever padrões linguísticos de maneira detalhada e sistemática, sendo especialmente eficaz na análise de gêneros e práticas discursivas diversas.

Nesse contexto, Fairclough (1989, 1992, 2001) propõe uma articulação entre a LSF e a Análise Crítica do Discurso (ACD), apontando que os discursos são ao mesmo tempo textos, práticas discursivas e práticas sociais. A dimensão textual diz respeito à estrutura linguística; a prática discursiva envolve os processos de produção e interpretação; e a prática social considera os aspectos institucionais e ideológicos subjacentes.

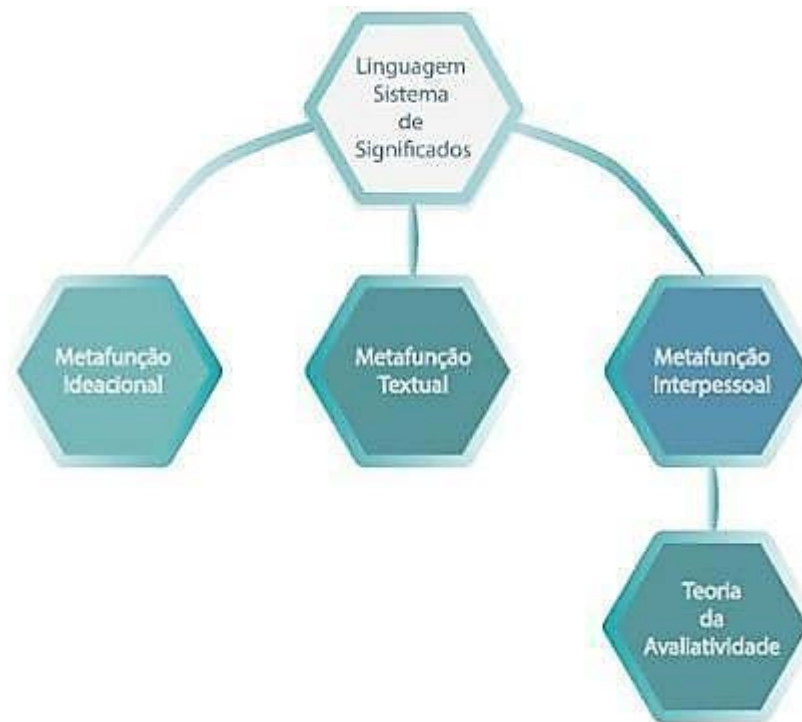
Essa visão dialética do discurso permite reconhecer a interação entre os contextos e os sujeitos. Como argumenta Bakhtin (1992), os gêneros do discurso são moldados por esferas sociais específicas e refletem relações culturais e ideológicas. Fairclough (2003) amplia essa compreensão ao discutir a existência de cadeias de gênero, nas quais diferentes gêneros se interconectam e sofrem transformações, resultando em hibridismos discursivos.

A gramática, nesse sentido, é compreendida como elemento central na construção de significados ideacionais e interpessoais. Conforme Halliday & Matthiessen (2004), a metafunção ideacional está relacionada à representação da experiência, enquanto a metafunção interpessoal trata da negociação de relações e atitudes. Ambas são organizadas e contextualizadas pela metafunção textual, que determina como a mensagem é apresentada.

Fuzer e Cabral (2012) reforçam que cada metafunção se realiza por sistemas léxico-gramaticais específicos: a ideacional (experencial) pelo sistema de transitividade e a interpessoal pelo sistema de modo. A seleção de palavras, portanto, carrega um aspecto valorativo, como observa Bakhtin (2004), que ressalta o papel do acento apreciativo presente em todo enunciado.

Abaixo, trago uma figura que demonstra os tipos de significados, focando no Interpessoal, no qual está incluído a teoria da Avaliatividade:

Figura 1: Tipos de significado, focando na Teoria da Avaliatividade.



Fonte: Santos, 2019.

A partir dessa articulação teórica, é possível investigar como discursos produzem, reforçam ou contestam identidades sociais. A linguagem se torna, portanto, um espaço de disputa simbólica, onde a performatividade discursiva de identidades de gênero não heteronormativas pode ser compreendida como estratégia de resistência, afirmação e reconfiguração de sentidos.

3. O Sistema de Avaliatividade

O sistema de Avaliatividade, no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional, permite compreender como as atitudes, sentimentos e valores são expressos linguisticamente. De acordo com Vian Jr. (2012), essa abordagem analítica deve considerar dois eixos fundamentais: sua evolução histórica dentro da LSF e sua articulação com outros sistemas discursivos. Trata-se, portanto, de um modelo interpretativo que, para ser plenamente compreendido, exige a análise contextualizada da linguagem e de suas relações com a cultura e com os demais textos.

Segundo Martin e White (2005), o sistema de Avaliatividade compreende três grandes categorias: atitude, gradação e engajamento. A categoria “atitude” engloba as avaliações de natureza emocional, ética e estética, expressas pelos enunciadores. A “gradação” refere-se à intensidade com que essas

avaliações são realizadas, podendo ser atenuadas ou enfatizadas. Por fim, o “engajamento” analisa o posicionamento do falante frente às ideias apresentadas, indicando se há abertura para outras vozes ou uma contração do espaço dialógico.

Ao tratar da atitude, é fundamental destacar o subsistema do Afeto, que se refere à expressão de emoções, sejam elas positivas ou negativas. White (2004) esclarece que o Afeto envolve manifestações das emoções de quem fala ou de terceiros referenciados no texto. Esse aspecto do discurso manifesta-se por meio de diferentes recursos léxico-gramaticais, como verbos (amar, odiar, irritar), adjetivos (triste, satisfeito), advérbios (infelizmente, alegremente), substantivos (raiva, alegria) e nominalizações (inquietação, felicidade). Martin e White (2005) agrupam essas emoções em três domínios principais: felicidade/infelicidade, segurança/insegurança e satisfação/insatisfação.

O Afeto também pode ser classificado em autoral e não autoral, conforme o grau de envolvimento subjetivo do falante. No primeiro caso, o enunciador revela claramente sua posição emocional, buscando estabelecer uma conexão interpessoal com o interlocutor. Como explica Cabral (2014, *apud* White, 2001), essa estratégia visa gerar empatia e legitimar a validade da emoção expressa. Já no caso do Afeto não autoral, a avaliação emocional é atribuída a terceiros, transferindo ao leitor a decisão de concordar ou não com esse sentimento.

Nessa perspectiva, a análise do Afeto no discurso dos tradutores e intérpretes de Libras não heteronormativos pode revelar nuances importantes sobre como esses sujeitos se posicionam, constroem relações e estabelecem identidades, por meio de escolhas linguísticas carregadas de valor e emoção.

Quadro 3: Opções de verbos, advérbios, adjetivos e nominalizações.

VERBOS DE EMOÇÃO	Processos Mentais - ‘gostar’, ‘odiar’, ‘desanimar’
ADVÉRBIOS	Principalmente os de modo - ‘infelizmente’, ‘amavelmente’
ADJETIVOS	‘aborrecido’, ‘alegre’, ‘satisfeito’
NOMINALIZAÇÕES	‘satisfação’, ‘tristeza’, ‘serenidade’

Fonte: Santos (2019), a partir de Cabral (2007).

O sistema de Avaliatividade, no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional, permite compreender como as atitudes, sentimentos e valores são expressos linguisticamente. De acordo com Vian Jr. (2012), essa abordagem analítica deve considerar dois eixos fundamentais: sua evolução histórica dentro da LSF e sua articulação com outros sistemas discursivos. Trata-se, portanto, de um modelo interpretativo que, para ser plenamente compreendido, exige a análise contextualizada da linguagem e de suas relações com a cultura e com os demais textos.

Segundo Martin e White (2005), o sistema de Avaliatividade compreende três grandes categorias: atitude, gradação e engajamento. A categoria “atitude” engloba as avaliações de natureza emocional, ética e estética, expressas pelos enunciadores. A “gradação” refere-se à intensidade com que essas

avaliações são realizadas, podendo ser atenuadas ou enfatizadas. Por fim, o “engajamento” analisa o posicionamento do falante frente às ideias apresentadas, indicando se há abertura para outras vozes ou uma contração do espaço dialógico.

Outra dimensão fundamental da atitude na Avaliatividade é o Julgamento, que diz respeito à avaliação de comportamentos humanos com base em normas sociais e culturais. Essa categoria analisa como o caráter e as ações dos indivíduos são percebidos e julgados, seja por aprovação ou reprovação. Martin & White (2005) e White (2004) apontam que o Julgamento pode se referir a indivíduos ou grupos, e é estruturado por dois grandes domínios: estima social e aprovação social.

A estima social inclui três subcategorias: normalidade (o quanto alguém é comum ou incomum), capacidade (o quanto alguém é competente ou inábil) e tenacidade (o quanto alguém é determinado ou indeciso). Já a aprovação social se relaciona com questões morais e éticas, envolvendo julgamentos sobre sinceridade (honestidade) e propriedade (conduta adequada).

Quadro 4: Julgamentos.

Estima Social	Positiva (admiração)	Negativa (crítica)
NORMALIDADE (costume) ‘O COMPORTAMENTO DO INDIVÍDUO É UM POUCO USUAL, ESPECIAL, COMUM?’	PADRÃO, CORRIQUEIRO, MÉDIO...; SORTUDO, FELIZARDO...; ELEGANTE, AVANT GARDE.	EXCÊNTRICO, ESTRANHO, DISSIDENTE...; AZARADO, INFELIZ...; CAFONA, FORA DE MODA...;
CAPACIDADE (o indivíduo é capaz, competente?)	HABILIDOSO, INTELIGENTE, ENGENHOSO...; ATLÉTICO, FORTE, PODEROSO...; LÚCIDO, CENTRADO...;	BURRO, LENTO, SIMPLÓRIO...; DESAJEITADO, FRACO, SEM COORDENAÇÃO...; INSANO, NEURÓTICO...;
TENACIDADE (resolução) O INDIVÍDUO É CONFIÁVEL, BEM DISPOSTO?	CORAJOSO, VALENTE, HEROICO...; CONFIÁVEL, RESPONSÁVEL...; INCANSÁVEL, DECIDIDO, PERSEVERANTE...;	COVARDE, IMPETUOSO, CABISBAIXO...; POUCO CONFIÁVEL, IRRESPONSÁVEL...; DISTRÁIDO, PREGUIÇOSO, DISPERSIVO...;
Sansão Social	Positiva (elogio)	Negativa (condenação)
VERACIDADE (verdade) ‘O INDIVÍDUO É ÉTICO, ACIMA DA CRÍTICA?’	HONESTO, SINCERO, VERDADEIRO, AUTÊNTICO, GENUÍNO...; FRANCO, DIRETO...;	IMPOSTOR, FALSO...; ENGANADOR, ENROLADOR...;
PROPRIEDADE (ética) ‘O INDIVÍDUO É ACIMA DA MÉDIA’	BOM, VIRTUOSO, RESPEITADOR DAS LEIS, JUSTO, CARINHOSO, SENSÍVEL, RESPEITOSO	MAU, IMORAL, LASCIVO, CORRUPTO, INJUSTO, CRUEL MESQUINHO, BRUTO, OPRESSOR.

Fonte: Santos, 2019, a partir de White, 2004.

Assim como no Afeto, o Julgamento pode ser explícito ou implícito. White (2004) explica que, quando explícito, ele se manifesta por meio de itens lexicais marcadamente valorativos. Já quando implícito, o Julgamento é sugerido sutilmente, sendo ativado pelas interpretações do leitor, que preenche as lacunas discursivas com base em normas e convenções culturais.

Cabral (2014) observa que os julgamentos implícitos têm grande força retórica, pois mobilizam repertórios sociais compartilhados sem que o autor precise assumir diretamente o posicionamento. Esse tipo de avaliação, muitas vezes disfarçada de neutralidade, carrega consigo ideologias e valores que são naturalizados no discurso. Portanto, a análise do Julgamento revela não apenas o conteúdo valorativo dos textos, mas os mecanismos de poder, autoridade e legitimidade presentes nas práticas discursivas.

O terceiro subsistema da atitude é a Apreciação, que se refere à avaliação de fenômenos, situações e objetos com base em critérios estéticos ou de valor social. Diferente do Julgamento, que se dirige ao comportamento humano, a Apreciação recai sobre qualidades percebidas em ações, coisas ou processos. Cabral (2007) explica que a Apreciação pode expressar avaliações positivas ou negativas sem que envolvam um juízo moral sobre o sujeito. Assim, pessoas também podem ser apreciadas, mas apenas quando se discutem aspectos estéticos e não suas condutas (White, 2004).

A Apreciação é frequentemente utilizada quando o enunciador descreve a beleza, a complexidade ou a importância de algo, estabelecendo vínculos afetivos ou valorativos com o que é dito. Martin e White (2005) classificam esse subsistema em três categorias principais: reação, relacionada ao impacto que algo causa emocionalmente (por exemplo, algo tocante ou irritante); composição, que avalia a organização, equilíbrio ou complexidade de algo; e valor, que analisa a importância ou utilidade percebida de um objeto ou fenômeno.

Quadro 5: Apreciação.

	POSITIVO	NEGATIVO
REAÇÃO Impacto 'Isso mexeu comigo?'	CHAMATIVO, CATIVANTE, ATRATIVO...; FASCINANTE, EXCITANTE, COMOVENTE...; ANIMADO, DRAMÁTICO, INTENSO... NOTÁVEL, SURPREENDENTE, SENSACIONAL...	SEM GRAÇA, TEDIOSO, CANSATIVO...; SECO, ASCÉTICO, POUCO ATRAENTE...; UNIDIMENSIONAL, PREVISÍVEL, MONÓTONO...; BANAL, COMUM...
REAÇÃO Qualidade 'Eu gostei disso?'	ADORÁVEL, LINDO, ESPLÊNDIDO...; ATRAENTE, ENCANTADOR, BEM-VINDO...	COMUM, FEIO, GROTESCO...; REPULSIVO, REVOLTANTE, REPELENTE...
COMPOSIÇÃO Equilíbrio 'Isso me parece bem elaborado?'	EQUILIBRADO, HARMONIOSO, UNIFICADO, SIMÉTRICO, BEM PROPORCIONADO...; CONSISTENTE, BEM ELABORADO, LÓGICO...; BEM FORMADO, CURVILÍNEO, LONGILÍNEO...;	SEM EQUILÍBRIO, DISCORDANTE, IRREGULAR, TORTO, IMPERFEITO...; CONTRADITÓRIO, DESORGANIZADO...; MAL FORMADO, AMORFO, RETORCIDO...;

COMPLEXIDADE 'Isso foi difícil de entender?'	SIMPLES, PURO, ELEGANTE...; LÚCIDO, CLARO, PRECISO...; INTRINCADO, RICO, DETALHADO, PRECISO...;	COMPLICADO, EXTRAVAGANTE, BIZANTINO...; MISTERIOSO, OBSCURO, VAGO...; SIMPLES, MONOLÍTICO, SIMPLISTA...;
VALORIZAÇÕES 'Isso valeu a pena?'	PENETRANTE, PROFUNDO...; INOVADOR, ORIGINAL, CRIATIVO...; NO TEMPO CERTO, HÁ MUITO ESPERADO, DIVISOR DE ÁGUAS...; INIMITÁVEL, EXCEPCIONAL, ÚNICO...; AUTÊNTICO, REAL, GENUÍNO...; VALIOSO, DE VALOR INCALCULÁVEL, MERITÓRIO...;	SUPERFICIAL, REDUCIONISTA, INSIGNIFICANTE...; DERIVATIVO, CONVENCIONAL, PROSAICO...; ULTRAPASSADO, FORA DE ÉPOCA, DATADO...; FEITO EM SÉRIE, ORDINÁRIO, COMUM, FALSO ESPALHAFATOSO...; SEM VALOR, DE MÁ QUALIDADE, CARO DEMAIS...;

Fonte: Santos, 2019, a partir de Martin e White (2005).

Essas avaliações ajudam a construir sentidos sobre o mundo, organizando discursivamente percepções culturais sobre o que é considerado belo, relevante, adequado ou digno de reconhecimento. A Apreciação, portanto, se mostra uma ferramenta discursiva potente para a análise de como identidades e valores sociais são comunicados e naturalizados nos discursos.

Quadro 6: Resumo dos subsistemas da Atitude.

AFETO	
Felicidade, Segurança, Satisfação	Infelicidade, Insegurança e Insatisfação
JULGAMENTO	
Estima Social (pessoal e psicológica) Normalidade (a pessoa é especial?) Capacidade (a pessoa é capaz?) Tenacidade (a pessoa é determinada?)	Aprovação Social (moral e legal) Veracidade (a pessoa é honesta?) Propriedade (a pessoa tem um comportamento irreprovável)
APRECIAÇÃO	
Reação Composição Avaliação	Eu gostei? Capturou minha atenção? O texto é coeso? Foi difícil de acompanhar? Valeu a pena?

Fonte: Santos, 2019, adaptado de Droga e Humphrey, 2002.

4. Exemplos de discursos de TILS não heteronormativos, à luz da Avaliatividade

Ao analisarmos discursos de intérpretes de Libras não heteronormativos sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), torna-se evidente como as relações sociais, ideológicas e afetivas se manifestam nos usos da linguagem, particularmente nas experiências vividas em contextos profissionais e identitários marcados por múltiplas opressões. Nesta seção, apresento trechos de

entrevistas com intérpretes (Chamamos de Kim e Marley nesse artigo) que relatam situações de julgamento, estigmatização e exclusão dentro da própria comunidade surda – espaço que, embora também marcado pela luta por reconhecimento enquanto minoria linguística e cultural, revela-se, em certos casos, permeado por discursos normativos e excludentes (Santos, 2019).

A seguir, destacamos a fala de Kim, uma intérprete que compartilha sua vivência enquanto lésbica e participante ativa de movimentos sociais ligados à causa LGBTQIA+. Seu relato evidencia a complexidade das interações entre minorias dentro da própria comunidade surda:

“A gente espera que, como a comunidade surda é uma minoria também, que eles entendessem melhor a causa (...) o tratamento dado por alguns surdos antes de me assumir lésbica e depois (...) foi completamente diferente”.

A partir dessa narrativa, observamos a presença de processos mentais (esperar, entender) e materiais (participava, fazendo, começaram), que revelam julgamentos de estima social negativa e um incômodo explícito com o preconceito vivenciado. Quando Kim relata as reações de surdos evangélicos e a associação entre sua atuação como intérprete e sua identidade sexual – **“tu é intérprete dos ‘viados’”** – nota-se o processo relacional sendo utilizado para delimitar pertencimentos e reforçar estigmas. Em sua resposta – **“sou intérprete de Libras, para qualquer necessidade”** – há a reafirmação de sua função profissional frente à tentativa de rotulagem. A análise dessas escolhas linguísticas permite compreender como os discursos se organizam para resistir, negociar ou mesmo internalizar relações de poder, tornando visíveis os atravessamentos identitários no exercício da interpretação em Libras (Santos, 2019).

No discurso de Kim, é de se observar que os segmentos oracionais denotam a presença de Julgamento de estima social negativa. Percebi também a presença de processos do tipo mental (espera, entendessem) e do tipo material (participava, fazendo, começaram). Ao tratar da comunidade surda, Kim nos diz: **“a gente espera que eles entendessem melhor a causa”**, por exemplo. Esta frase evidencia o tom retórico de Kim, ao dizer que, como os surdos também são minoria, ela acha negativa a falta de suporte de alguns surdos para com intérpretes gays e lésbicas.

Outro ponto relevante é que o ator envolvido nas orações está relacionado à experiência da narradora, afinal Kim conta sua história. Os verbos do processo material narram a experiência de Kim de conhecer a comunidade não heteronormativa e suas lutas dentro de uma ONG. Ela disserta como desejaria que a comunidade surda, como também são uma minoria **“entendessem melhor a causa”**, mostrando que acredita que esta seria uma atitude natural de uma minoria para com outra. Dessa forma, se percebe a concepção que, após Kim ter contato com a comunidade LGBT, ela foi estereotipada como a **“intérprete dos gays/lésbicas”**.

Segundo Nunan (2003), é importante reconhecer que a carga histórica negativa associada à homossexualidade ainda atua como um obstáculo significativo para que muitas pessoas se sintam seguras em **“assumir”** sua identidade ou em reconhecer publicamente vínculos afetivos e sociais

com pessoas LGBTQIA+. Para outros, esse histórico desfavorável contribui para a manutenção de estigmas de desonra e vergonha, que acabam por recair também sobre aqueles que convivem com essa minoria. Destaquei também, os processos do tipo relacional, que retratam a reação dela às colocações dos surdos no contexto não heteronormativo, caracterizada pelo processo relacional, verbalizado pelas falas de outros surdos com os processos verbais **“dizer”** e **“falar”** (Santos, 2019).

Percebi o processo relacional de resposta de Kim, ao dizer:

“(…) não, eu sou intérprete de Libras. Não sou intérprete de nenhum grupo. Sou intérprete de Língua de Sinais, para qualquer necessidade”. “Aí ele ficou fazendo piadinha e tal (...)”

Fica evidente seu incômodo com as ‘acusações’ feitas pelo surdo em questão. A fala dos surdos, tal como relatada por Kim, evidencia que ainda persiste um certo estranhamento por parte de membros da comunidade surda ao classificá-la como **“intérprete dos viados”**, por atuar junto ao público LGBTQIA+. A associação entre interpretar para pessoas não heteronormativas e uma suposta preferência pessoal — comparável a **“gostar mais de geografia do que de biologia”** —, expressa por meio do processo relacional **“ser”**, revela uma compreensão distorcida da função do intérprete. Tal visão reduz a prática profissional a uma escolha subjetiva, quando, na verdade, interpretar deve ser um exercício ético e técnico voltado a qualquer público, independentemente de identidade de gênero ou orientação sexual (Santos, 2019). Abaixo, alguns trechos analisados:

(1) (...)“tu é intérprete de biologia, gosta mais da geografia... tu é intérprete dos ‘viados’” (Kim)

(...) tu	É	intérprete de biologia, gosta mais da geografia...	Tu	É	Intérprete dos ‘viados’
Portador	Processo relacional	Atribuir características (atributo)	Portador	Processo relacional categórico	Categoria de público atendida por Kim – atributo

Ainda assim, ao responder enfatizando ser **“intérprete de Libras”**, Kim revela uma necessidade clara de afirmar sua identidade profissional. Essa auto afirmação se torna especialmente evidente no uso do advérbio de negação **“não”**, por meio do qual ela rejeita a ideia de atuar exclusivamente com qualquer grupo específico, reforçando que sua função é atender a todas as demandas comunicativas, sem restrições identitárias (Santos, 2019).

(2) Sou intérprete de Língua de Sinais, para qualquer necessidade”. (Kim)

Sou	Intérprete	de Língua de Sinais	Para	Qualquer	Necessidade
Processo relacional	Identificação atributiva	Especificação atributiva	Preposição	Pronome indicativo de neutralidade	Neutralidade de serviços

Outro aspecto relevante observado na fala de Kim é o uso do termo **“nenhum”** ao afirmar que não é intérprete de **“nenhum grupo específico”**. Essa escolha lexical reforça sua tentativa de romper com a associação entre sua identidade sexual e a ideia de pertencimento exclusivo a um grupo, buscando reafirmar sua neutralidade como profissional da interpretação. A estrutura oracional que emprega o processo relacional **“sou”** carrega um caráter atributivo, no qual Kim busca se posicionar de forma neutra e acessível a qualquer público surdo, independentemente de marcadores identitários. Sua fala revela, portanto, não apenas uma defesa de sua prática profissional universalista, mas também um desconforto frente à categorização que tenta limitar sua atuação a públicos específicos com base em sua orientação sexual (Santos, 2019).

Esse movimento de busca por reconhecimento plural se repete na fala de Marley, outro participante da pesquisa, cuja reflexão se destaca pela complexidade de seu posicionamento frente aos discursos de parte da comunidade surda. Em seu depoimento, Marley articula diferentes tipos de processos linguísticos – mentais, materiais e relacionais – que revelam não apenas uma leitura crítica do contexto, mas também emoções e julgamentos relacionados ao comportamento de alguns surdos.

Ao declarar: **“eles estavam cegos realmente em relação ao fato que eles não estavam sozinhos nessa caminhada”**, Marley sugere que há uma limitação perceptiva por parte de certos sujeitos surdos no reconhecimento de outras lutas minoritárias, como a LGBTQIA+ e a negra. Utilizando verbos como **“pensar”**, **“traçar”** e **“ver”**, ele ativa processos mentais que evidenciam a reflexão sobre o isolamento das lutas surdas. A presença de julgamentos de sanção social é notável, principalmente quando Marley afirma que **“eles não conseguem ver a importância de traçar esses paralelos”**, sugerindo que essa falta de conexão entre movimentos representa uma falha na construção de solidariedades. A escolha dos adjetivos **“confusos”** e **“cegos”**, ainda que metafóricos, reforça a avaliação negativa sobre esse tipo de postura, marcada pela ausência de interseccionalidade. Ao final, Marley propõe que reconhecer a coexistência e o entrelaçamento das lutas sociais pode ser não apenas estratégico, mas também enriquecedor para a própria comunidade surda (Santos, 2019).

(3) (...) Eu nunca consigo pensar assim, situações de preconceito isoladamente. (Marley)

(...) Eu	Nunca	consigo pensar assim	situações de preconceito	isoladamente
Experenciador	Circunstância de extensão	Processo mental – uso do assim depois do verbo – denota incerteza	Fenômeno	Circunstância de modo

(4) Só que eu fico confuso, (...) (Marley)

Só que	eu	fico	confuso
Circunstância de contingência	Experenciador	Processo Relacional	Atributo

(5) (...) eles estavam traçando todo esse caminho de luta (Marley)

Sou	Intérprete	de Língua de Sinais	Para	Qualquer	Necessidade
Processo relacional	Identificação atributiva	Especificação atributiva	Preposição	Pronome indicativo de neutralidade	Neutralidade de serviços

Os desafios enfrentados por intérpretes de Libras que fogem às normas heteronormativas tornam-se evidentes não apenas na resistência de alguns membros da comunidade surda em aceitá-los, mas também nas diferentes formas de preconceito e questionamento que enfrentam em sua prática profissional. Artl (2015), ao investigar intérpretes de Língua de Sinais Americana, identificou que intérpretes cujas características de gênero não se encaixam nas expectativas sociais frequentemente não são percebidos pelos clientes surdos como detentores de qualidades desejáveis, como compaixão, simpatia, autoconfiança e liderança. Essa realidade ressoa nos relatos de Marley, que descreve situações em que homens surdos heterossexuais rejeitavam a interpretação de homens gays ou mulheres na transposição da Libras para o Português oral.

Marley traz um exemplo claro desse preconceito ao relatar a exigência de um surdo por um intérprete homem, heterossexual e que tivesse uma voz que **“combinasse”** com a sua. Ele expõe essa situação de maneira crítica e irônica:

“Não, não, mulher também não, gay também não, quero um homem, hétero, com a minha voz, para combinar. Ah, para combinar, então não tem, só tem a gente, e agora? Não quer voz? Que aí você avisa lá que você não quer. Aí ele teve que escolher. Mas, assim, tu ouvir um negócio desse... aí tu fala que não é machista, não, não é machismo. (...)” (Marley)

A análise linguística do discurso de Marley revela a presença de julgamento de sanção social, especialmente no que se refere à ética, ao criticar a postura do surdo que recusava intérpretes mulheres ou gays. O processo mental **“querer”** surge repetidamente, enfatizando a demanda do surdo por um intérprete que atendesse a uma expectativa masculina e heterossexualizada. Além disso, o processo verbal **“falar”** aparece quando Marley ironiza a tentativa de negar que essa atitude seja machista: **“aí tu fala que não é machismo”**, frase que se repete, reforçando sua indignação com a situação.

Esse tipo de comportamento se alinha à definição de machismo proposta por Drumont (1980), que o descreve como um sistema de representações simbólicas que mistifica relações de dominação e sujeição entre homens e mulheres. O caso narrado por Marley ilustra como essa lógica também se aplica ao contexto da interpretação, onde o intérprete heterossexual masculino é visto como mais adequado ou legítimo. Além disso, a estrutura patriarcal da sociedade perpetua a visão de que o homem deve ocupar posições de liderança e autoridade, conceito reforçado no ambiente de trabalho, como sinalizado por Marley.

A resistência de Marley a essa imposição fica evidente quando ele desafia a exigência do surdo, perguntando: **“não tem, só tem a gente, e agora?”**. Esse questionamento, formulado de maneira retórica, sinaliza sua oposição à naturalização da necessidade de um intérprete que corresponda a um ideal masculino-heterossexual. Ao utilizar a expressão **“não quer voz?”**, Marley emprega ironia para expor a incoerência do pedido, visto que o papel do intérprete é essencial na comunicação, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Além disso, o uso repetido do pronome **“você”** na frase **“que aí você avisa lá que você não quer”** transfere ao surdo a responsabilidade de justificar sua decisão, reforçando a crítica à discriminação implícita na escolha.

Enquanto Marley não menciona mudanças no tratamento após esse episódio, Kim viveu uma experiência diferente. Em seu relato, fica claro que, após assumir publicamente sua identidade lésbica, sua dinâmica de interação com a comunidade surda mudou significativamente. Ela explica:

“Mas não teve uma rejeição assim – ‘não quero ela como intérprete’ – mas quando eu assumi ser lésbica, mais ou menos no primeiro ano foi um bafafá né? (...)” “(...) Na rua que essa guria (a namorada na época) morava um surdo gay, que eu trabalhava como intérprete para ele, quando ele me viu com ela, ele pirou, reação super positiva, bem tranquilo. Ele foi contando pros outros surdos e eu não tinha porque ter vergonha daquilo, então eu confirmava que sim, que ‘tava’ namorando, em nenhum momento eu pensei em esconder.”

Kim também relata:

“Teve várias reações né, uma guria queria investigar minha vida, saber como era transar com mulher, sei lá, vai no Google, vê uns filmes, isso é bem particular. – Não, eu quero saber como tu faz – daí eu falava – não, isso é muito íntimo, não quero falar contigo sobre isso. Porque eu sou tua intérprete, não quero falar sobre isso. A guria começou a me encher o saco (...) por exemplo, passava uma mulher e ela olhava e eu ficava na minha, porque eu não fico olhando pra toda mulher que fica passando e aí ela me cutucava e dizia – tu viu? – e eu dizia – o que? – e ela dizia – aquela mulher, tinha a bunda bem bonita - e eu – não notei (...) Então ela achava que eu era tarada, sei lá... tive de dar uns cortes nela, porque ela queria saber das minhas intimidades. Eu dizia: desculpa, eu sou tua intérprete, eu não sou tua amiga. Depois disso, nunca mais fui escalada como intérprete para ela, acho que ela reclamou.” (Kim)

No relato de Kim, identificam-se traços de Afeto, evidenciados por expressões como **“ele pirou”**, **“não tinha porque ter vergonha daquilo”** e **“a guria começou a me encher o saco”**. Esses elementos revelam como ela se sentia diante das situações que vivenciava. Além disso, o julgamento de propriedade aparece quando menciona que não houve uma rejeição explícita, mas que sua revelação gerou um **“bafafá”**, sugerindo um impacto social significativo.

A análise também revela processos mentais e materiais, como **“uma guria queria investigar minha vida”** e **“queria saber como era transar com mulher”**, demonstrando a invasão de sua privacidade e a curiosidade inadequada de algumas pessoas. O uso do processo mental **“saber”** e do processo relacional **“era”** na frase **“saber como era transar com mulher”** reforça o desconforto de

Kim com a fetichização de sua orientação sexual, algo que se torna ainda mais explícito na tentativa da surda de forçá-la a participar de conversas invasivas sobre sua intimidade.

A recepção diferenciada da identidade de Kim dentro da comunidade surda reflete a complexidade das relações sociais nesse espaço. Como apontam Daniel e Baudry (1977), há três posturas possíveis da sociedade em relação à homossexualidade: aprovação e valorização, indiferença ou neutralidade, e reprovação e condenação. A experiência de Kim ilustra essas três dimensões, variando desde a aceitação entusiástica do surdo gay até o desconforto e a rejeição implícita de outros membros da comunidade.

A comunidade surda, como parte da sociedade mais ampla, reproduz as mesmas contradições e preconceitos que permeiam os espaços ouvintes. Como destacam Abreu, Silva e Zuchiwschi (2015), os surdos frequentemente enfrentam estigmas interseccionais, nos quais fatores como gênero, orientação sexual, raça e classe social se sobrepõem à questão da deficiência. No caso de Kim, essa interseccionalidade ficou evidente na forma como sua identidade não heteronormativa influenciou sua aceitação e o tratamento que recebeu dentro do espaço profissional.

Dessa forma, tanto Marley quanto Kim trazem relatos que evidenciam como a identidade de gênero e a sexualidade dos intérpretes de Libras ainda são elementos que influenciam sua atuação e reconhecimento profissional, revelando as tensões e desafios vividos por aqueles que rompem com as normas heteronormativas nesse campo.

(6) (...)“uma guria queria investigar minha vida,(...)”. (Kim)

(...) uma guria	Queria	Investigar	Minha vida	Saber	como
Ator	Processo mental	Processo material	Meta	Processo mental	Categoria de público atendida pelo experienciadora

(7) (...) “saber como era transar com mulher.” (Kim)

(...) saber	Como	Era	Transar	Com	Mulher.
Processo mental	Advérbio de modo	Processo relacional	Processo material	Preposição – relacionado a	Atributo – alvo da curiosidade

A fala desta surda revela o processo relacional “**saber**”, evidenciando sua curiosidade em compreender o processo material “**transar com mulher**”, destacando que o interesse era direcionado especificamente à própria Kim: “**não, mas eu quero saber de você**”.

O incômodo de Kim diante dessa situação gera uma resposta direta e imperativa, demonstrando limites com a utilização do processo material “**vai no google**” e do processo comportamental “**vê uns filmes...**”. A curiosidade da surda sobre a identidade lésbica de Kim não se restringiu a esse momento: segundo Kim, diversas perguntas e atitudes indiscretas foram direcionadas a ela, refletindo reações à sua “**nova realidade**”.

Sobre essa questão, embora políticas públicas e internacionais avancem na promoção da acessibilidade e da qualidade de vida em saúde e educação para pessoas surdas, ainda é perceptível a

escassez de ações e publicações que “incentivem a inserção afetiva e sexual destas pessoas” (Maia; Ribeiro, 2010, p. 160). Isso evidencia tanto o desconhecimento dentro da própria comunidade surda quanto da sociedade em geral sobre temas ligados à sexualidade dessa população.

No caso de Kim, percebe-se uma curiosidade insistente por parte da surda que interpretava. As perguntas, embora invasivas, não podem ser automaticamente classificadas apenas como indiscrição. Conforme discutido anteriormente, a forma como muitos surdos compreendem suas próprias identidades sexuais — e as dos outros — pode ser limitada, permeada por julgamentos prévios. Como observa Glat (2004, p. 6):

“Em outras palavras, no caso de jovens com deficiências, aos preconceitos quanto à sua sexualidade e às dificuldades de difusão de informações e orientações sobre sexo por parte dos adultos significativos, agregam-se a processos excludentes e estigmatizantes, que dificultam ainda mais sua inclusão social, e os tornam mais sujeitos a problemas nessa área (Glat, 2004, p.6).”

Nesse sentido, o excerto de Kim corrobora com o relato de Marley, especialmente quanto aos limites que impõe diante da insistência. Em sua narrativa, Kim utiliza diversas formas negativas: **“não, isso é muito íntimo...”**, **“não fico olhando...”**, **“não notei”**, e **“não sou tua amiga”**. De acordo com Fairclough (2001), a negação é frequentemente empregada com finalidades polêmicas. Assim, os enunciados de Kim não apenas descrevem, mas também confrontam e delimitam — no plano discursivo — o conteúdo das perguntas (**“tu viu?”** / **“o quê?”**) e as insinuações feitas por sua interlocutora no contexto profissional. Semanticamente, Kim impôs limites claros à surda ao afirmar que **“não era sua amiga”**, sinalizando que os detalhes desejados não seriam compartilhados naquele ambiente.

Conclusão

A análise dos discursos de intérpretes de Libras não heteronormativos, à luz da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), evidencia como a linguagem se constitui como espaço de resistência, disputa e (re)construção de identidades em contextos marcados por normatividades de gênero. Os relatos de Kim e Marley, apresentados neste estudo, revelam experiências atravessadas por preconceitos que se manifestam tanto nas interações com a comunidade surda quanto nas dinâmicas institucionais. As análises realizadas permitiram identificar processos mentais, materiais e relacionais carregados de avaliações afetivas, julgamentos éticos e apreciações valorativas, que apontam para as tensões vividas por esses profissionais ao performarem suas identidades e atuarem em espaços que ainda os categorizam de maneira restritiva.

Nesse sentido, a LSF, articulada à Análise Crítica do Discurso, mostrou-se um instrumental potente para desvendar os sentidos implícitos nas escolhas linguísticas desses intérpretes e compreender como as ideologias de gênero e sexualidade operam no cotidiano da prática tradutória. Ao lançar luz sobre as experiências de TILS que não se enquadram nos moldes heteronormativos,

este estudo contribui para ampliar os debates sobre acessibilidade, inclusão e reconhecimento das múltiplas identidades que compõem o campo da interpretação em Libras, apontando a necessidade de políticas públicas e formações profissionais que considerem a diversidade como parte indissociável da competência ética e técnica.

Referências

- ABREU, M.; SILVA, A. A. C. da; ZUCHIWSCHI, B. M. Sexualidade e deficiência: representações e preconceitos no discurso educacional. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 21, n. 4, pp. 605-620, 2015.
- ARTL, S. S. *Multiple identities in interpreter education: the role of the language of wider communication*. 2015. Tese (Doutorado) – Gallaudet University, 2015.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- CABRAL, S. S. *A mídia e o presidente: um julgamento com base na teoria da valoração*. 2007. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, 2007.
- CABRAL, T. R. Avaliatividade: análise de textos da mídia. In: FUZER, C.; CABRAL, T. (org.). *Avaliação em discurso: teoria e análise*. Santa Maria: EdUFSM, 2014. pp. 105-138.
- COSTA, R. M. de S. *A educação de surdos sob o olhar das mulheres surdas*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- DANIEL, L.; BAUDRY, H. *Homossexualidade: da rejeição à libertação*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- DROGA, L.; HUMPHREY, S. *Getting started with functional Grammar*. Sydney: Target Texts, 2002.
- DRUMONT, M. *Machismo: um conceito político*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter, 1994.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. 2. ed. London: Longman, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FUZER, C.; CABRAL, T. R. *Avaliação em discurso: teoria e análise*. Santa Maria: EdUFSM, 2012.
- GLAT, R. A educação inclusiva e os desafios da formação docente. *Revista Educação Temática Digital*, Campinas, v. 6, n. esp., pp. 1-14, 2004.
- GOUVEIA, C. A. M. *Discurso e identidade de gênero na mídia*. São Carlos: Pedro & João, 2009.

- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.
- HASAN, R.. Linguistics, *Language and Verbal Art*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HASAN, R. *Ways of saying, ways of meaning: selected papers of Ruqaiya Hasan*. Organized by Carmel Cloran, David Butt & Geoff Williams. London: Cassell, 1996.
- HEBERLE, V. M. Análise crítica da avaliação em gêneros do discurso da mídia impressa. In: FUZER, C.; CABRAL, T. (org.). *Avaliação em discurso: teoria e análise*. Santa Maria: EdUFSM, 2017. pp. 25-55.
- LIMA, L. O.; FACCIN, A.; FUZER, C. Notícias esportivas declarativas e atributivas: uma análise sob a perspectiva da linguística sistêmico-funcional. *Cadernos do IL*, v. 44, p. 203-224, 2012.
- MAIA, A. C. P.; RIBEIRO, M. A. Sexualidade de jovens surdos e cegos. In: AMARAL, M. I.; SILVA, J. G. C. da (org.). *A questão da sexualidade na educação de pessoas com deficiência*. Brasília: MEC, 2010. pp. 153-162.
- MARTIN, J. R. Language, register and genre. In: FASOLD, R.; CONNOR-LINTON, J. (ed.). *An introduction to language and linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MEURER, J. L. *Linguística sistêmico-funcional e análise crítica do discurso*. Calidoscópio, Porto Alegre, v. 5, n. 1, pp. 12-28, 2007.
- MOREIRA, A. C. S. *A mulher surda e o seu corpo: uma história silenciada*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- NUNAN, D. *Practical English language teaching*. New York: McGraw-Hill, 2003.
- SANTOS, Saionara Figueiredo. *Identidade, resistência e discurso: uma análise sistêmico-funcional de TILS não heteronormativos*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- VIAN JR., J. A. Avaliatividade e discurso: reflexões introdutórias. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 54, n. 2, pp. 233-250, 2012.
- WEBSTER, J. *Language and meaning: studies in semiotics*. London: Continuum, 2009.
- WHITE, P. R. R. *Telling media tales: the news story as rhetoric*. Sydney: University of Sydney, 2004.

**O USO DE SINAIS COMPOSTOS POR ESTUDANTES SURDOS DO CURSO DE LETRAS LIBRAS DA UFPI:
UM ESTUDO PELO VIÉS SOCIOLINGÜÍSTICO E ABORDAGEM COGNITIVA**

*THE USE OF COMPOUND SIGNS BY DEAF STUDENTS OF THE LIBRAS LANGUAGE AND LITERATURE PROGRAM AT UFPI:
A STUDY FROM A SOCIOLINGUISTIC PERSPECTIVE AND COGNITIVE APPROACH*

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa¹

Geisymeire Pereira do Nascimento²

Heron Ferreira da Silva³

RESUMO

Esta pesquisa, como foco na formação de sinais compostos em Libras, teve início a partir de observações feitas durante as aulas de Libras II, componente curricular do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Nosso objetivo principal foi responder à seguinte questão: Quais fatores sociolinguísticos e cognitivos explicam as variações observadas na produção e uso de sinais compostos em Libras pelos estudantes surdos do curso de Letras Libras da UFPI, em contraste com as formas descritas na literatura acadêmica? Buscamos analisar, sob a perspectiva da Sociolinguística e da Linguística Cognitiva, os fenômenos que podem influenciar a formação, significação, uso e compreensão de sinais compostos em Libras por alunos surdos do 2º período do curso Letras Libras da UFPI. Realizamos uma pesquisa de campo qualitativa, com abordagem analítica descritiva, tendo como informantes três discentes surdos. Utilizamos 21 imagens não verbais projetadas representando sinais compostos advindas de trabalhos acadêmicos, como: Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Takahira (2012), Minussi e Takahira (2013), Figueiredo Silva e Sell (2009), e o dicionário Novo Deit-Libras de Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), Langacker (1987, 2011), Goldberg (1995). Após a coleta dos dados, procedemos ao mapeamento dos sinais produzidos pelos participantes, subdividindo-os em duas categorias principais: animais e pessoas. Durante a análise, identificamos diversas regularidades linguísticas cognitivas e sociais subjacentes à percepção dos 3 estudantes surdos do curso de Letras Libras em Teresina-PI, sobre a formação, convenção e uso de sinais compostos.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia da Libras. Sociolinguística. Linguística Cognitiva. Sinais compostos. Estudantes surdos.

ABSTRACT

This research, focusing on the formation of compound signs in Libras, began from observations made during Libras II classes, a curricular component of the Libras Language course at Federal University of Piauí (UFPI). Our main objective was to answer the following question: What sociolinguistic and cognitive factors explain the variations observed in the production and use of compound signs in Libras by deaf students in the Libras Language course at UFPI, in contrast to the forms described in the academic literature? We sought to analyze,

¹ Universidade Federal do Piauí (UFPI), costacatarina@uol.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-8707-4832>.

² Universidade Federal do Piauí (UFPI), geisymeire@ufpi.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-6763-4890>.

³ Universidade Federal do Piauí (UFPI), flheron@ufpi.edu.br, <https://orcid.org/0000-0003-4651-5467>.

from the perspective of Sociolinguistics and Cognitive Linguistics, the phenomena that may influence the formation, meaning, use and understanding of compound signs in Libras by deaf students in the 2nd period of the Libras Language course at UFPI. We conducted a qualitative field study with a descriptive analytical approach, using three deaf students as informants. We used 21 projected nonverbal images representing compound signs from academic works, such as: Quadros and Karnopp (2004), Felipe (2006), Takahira (2012), Minussi and Takahira (2013), Figueiredo Silva and Sell (2009), and the Novo Deit-Libras dictionary by Capovilla, Raphael and Mauricio (2009), Langacker (1987, 2011), Goldberg (1995). After collecting the data, we mapped the signs produced by the participants, subdividing them into two main categories: animals and people. During the analysis, we identified several cognitive and social linguistic regularities underlying the perception of the three deaf students of the Letras Libras Course in Teresina-PI, regarding the formation, convention and use of compound signs.

KEYWORDS: Morphology of Libras. Sociolinguistics. Linguistic Cognitive. Composite signals. Deaf students.

1. Introdução

Esta pesquisa se originou a partir de observações realizadas durante as aulas de formação de sinais compostos ministradas na disciplina de Libras II, em 2018, parte integrante do currículo da Graduação em Licenciatura em Letras Libras⁴ na Universidade Federal do Piauí - UFPI. Durante o curso, os professores que ministram disciplinas na área da Linguística da Libras, frequentemente utilizam artigos científicos como material didático de apoio. Os alunos, por sua vez, observaram que alguns sinais compostos⁵ utilizados pela comunidade local de Teresina, no Piauí, diferiam dos sinais descritos nos artigos estudados no curso, o que evidencia variações linguísticas entre diferentes locais. Nessa perspectiva, podemos inicialmente pensar na seguinte questão: Quais fatores sociolinguísticos e cognitivos explicam as variações observadas na produção e uso de sinais compostos em Libras pelos estudantes surdos do curso de Letras Libras da UFPI, em contraste com as formas descritas na literatura acadêmica?

A partir desse questionamento de pesquisa, e, para nos ajudar a compreender essa questão, estabelecemos como objetivo geral, analisar sob a perspectiva da Sociolinguística e da Linguística Cognitiva, os fenômenos que podem influenciar a formação, significação, uso e compreensão de sinais compostos em Libras por alunos surdos do 2º período do curso Letras Libras da UFPI. Nos objetivos específicos, delineamos as seguintes metas: Catalogar os sinais compostos utilizados por estudantes surdos do 2º período do curso de Letras Libras da UFPI, identificando suas formas, contextos de uso e variações em relação aos sinais descritos na literatura acadêmica; Analisar, sob a perspectiva da Sociolinguística, as variações observadas nos sinais compostos utilizados pelos estudantes, considerando fatores como identidade surda, redes sociais, escolarização, contexto regional e contato com diferentes variedades de Libras; Investigar, à luz da Linguística Cognitiva, os

⁴ O Letras Libras da UFPI oferta anualmente 30 vagas para discentes desde o ano de 2014, e recentemente neste ano de 2025 o curso foi avaliado como nota 05 pelo Ministério da Educação - MEC como curso de qualidade e excelência.

⁵ Os sinais compostos em Libras referem-se à combinação de dois ou mais sinais simples para formar um novo sinal com significado específico. Essa combinação permite uma expressão mais precisa e detalhada, ampliando as possibilidades de comunicação na língua de sinais. (Quadros; Karnopp, 2004).

processos cognitivos de formação, significação e compreensão dos sinais compostos em Libras, com foco em mecanismos como categorização, metáfora conceitual e esquemas imagéticos; Discutir as (inter)relações entre os fatores sociolinguísticos e cognitivos que influenciam as escolhas linguísticas dos estudantes surdos, destacando como esses fatores contribuem para a manutenção, inovação ou variação nos sinais compostos em Libras.

Julgamos necessário para a comunidade acadêmica local, discutir as regularidades linguísticas e contextuais, que possivelmente levam os estudantes surdos a preferirem determinados sinais compostos em detrimento de outros. Dessa maneira, envolve compreender como processos cognitivos e sociais moldam a estrutura e o uso da Libras. Esta pesquisa, parte de uma abordagem teórica interdisciplinar, fundamentada na Linguística Cognitiva e na Sociolinguística, para analisar o fenômeno da variação no uso de sinais compostos entre estudantes surdos do curso Letras Libras da UFPI.

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, a linguagem é vista como uma extensão da cognição humana, onde o significado é construído com base na experiência corporal, cultural e social. Autores como Lakoff e Johnson (2002) argumentam que a linguagem reflete metáforas conceituais que organizam nosso pensamento e percepção do mundo. Assim, os sinais compostos em Libras podem ser interpretados como construções simbólicas (Goldberg, 1995), enraizadas em esquemas imagéticos (Langacker, 1987) e processos cognitivos de analogia e categorização (Croft, 2001).

Ao mesmo tempo, a Sociolinguística oferece ferramentas analíticas fundamentais para compreender como as formas linguísticas variam de acordo com fatores sociais, regionais e culturais. Inspirando-nos em estudos clássicos de Labov (2008), reconhecemos que a variação linguística é também estruturada socialmente, refletindo padrões sistemáticos relacionados a diferentes contextos e grupos sociais. Na Libras, como em qualquer outra língua natural, essas variações expressam identidade, pertencimento e contexto social. Como destaca Bortoni-Ricardo (2011), o uso da língua está inserido em redes sociais e práticas comunicativas específicas, algo particularmente evidente na comunidade surda, cuja comunicação visual-espacial se constrói em estreita conexão com experiências compartilhadas na língua de sinais.

Portanto, esta investigação concentra-se nos aspectos cognitivos e socioculturais que influenciam a adoção de determinados sinais compostos por estudantes surdos. Consideramos que fatores como a aquisição da língua, a formação escolar em Libras, o contato com diferentes variedades da língua de sinais, bem como aspectos cognitivos como, metáforas conceituais, economia linguística, esquemas de imagens, iconicidade dentre outros, podem contribuir significativamente para o surgimento de variações linguísticas, e, para a consolidação de escolhas preferenciais orientadas por processos cognitivos.

Deste modo, lançamos a hipótese de que a variação linguística observada entre os alunos do 2º período do curso Letras Libras da UFPI é influenciada por múltiplos fatores que afetam a formação, significação, uso e compreensão dos sinais compostos, pois, a partir dos pressupostos da Linguística Cognitiva, compreendemos a linguagem como um sistema dinâmico e experiencial. Já sob o olhar da

Sociolinguística, consideramos que as escolhas linguísticas são socialmente marcadas, relacionadas à fatores como identidade surda, região, escolarização e acesso à língua. E, as duas correntes linguísticas nos ajudaram a compreender alguns fenômenos linguísticos aqui apresentados e discutidos.

A análise dos sinais compostos utilizados por estudantes surdos em Teresina-PI, contribui, assim, para o avanço dos estudos linguísticos da Libras, especialmente nas dimensões sociolinguística e cognitiva. Essa abordagem, revela como os sinais não apenas representam objetos ou ações, mas também refletem modos de pensar e agir situados culturalmente. Ao explorar as compreensões contextuais e os fatores sociais associados ao uso de sinais, conseguimos entender como ocorre a criação, disseminação e aceitação de novas variantes. Desse modo, essa pesquisa sob essas duas abordagens teóricas, é essencial para a valorização da língua e da cultura surda regional, pois busca reconhecer a diversidade de formas de expressão dentro da comunidade. Buscando contribuir, para o aprimoramento da formação acadêmica em Letras Libras e para o desenvolvimento de políticas linguísticas inclusivas e sensíveis à variação linguística.

2. A teoria variacionista, o léxico e o processo de formação de palavras, sob o prisma dos estudos linguísticos da Libras *versus* Língua portuguesa.

Quando estudamos uma língua em uma comunidade linguística específica, é comum encontrarmos variações em seu funcionamento. Desse modo, a variação linguística tem sido tradicionalmente abordada sob a ótica da Sociolinguística, que a interpreta como um fenômeno decorrente de fatores sociais, regionais e situacionais. Conforme mencionado por Silva (2017), aspectos como gênero, idade, status socioeconômico, atividades desenvolvidas e influências externas contribuem significativamente para tais variações. Essas diferenças afetam a formulação, o uso e o significado do léxico de uma língua. Sob outra perspectiva, que também considera o papel dos processos cognitivos do sujeito na variação linguística, encontra-se a Linguística Cognitiva. Para essa abordagem, a variação pode ser concebida como um processo profundamente enraizado na cognição humana, na experiência corporal e na estrutura conceitual que guia o uso da linguagem. A linguagem, nesse contexto, é entendida como um sistema autônomo, integrante do conjunto geral das habilidades cognitivas humanas (Langacker, 1987). Nesse campo teórico, a estrutura gramatical reflete processos mentais, experiências e interações com o mundo.

Como qualquer outra língua natural-verbal e visual humana, a Libras também passa pelo processo de variação linguística entre diferentes regiões do Brasil. Bagno (2007) discute que as variações linguísticas dentro de uma mesma língua, são influenciadas por elementos sociais (região, *status* socioeconômico do falante, nível de escolaridade e até mesmo seu gênero). Além desses fatores, é necessário entender, que a linguagem é composta de construções simbólicas que emergem do uso, podendo produzir variações linguísticas distintas. Assim, o falante ao interagir com o meio e com os pares linguístico-culturais, desenvolve esquemas imagéticos, representações cognitivas baseadas em percepção, movimento e orientação espacial (Langacker, 1987). Isso significa que variações

estruturais, refletem modos distintos de categorizar experiências, resultando em diferentes formas de expressar a mesma ideia. Observamos esse fenômeno com regularidade na Libras, a exemplo podemos citar o sinal de ESCOLA, que em Libras é constituído do sinal composto CASA + ESTUDAR = CASA^ESTUDAR.

No sinal de CASA, observamos que o formato visual executado com as duas mãos abertas em configuração de mão “B” ou “5”, tocando as pontas dos dedos entre si para formar um triângulo ou telhado imaginário de uma casa, que é um esquema visual amplamente reconhecido no espaço cultural urbano. Assim, nos é possível inferir que essa imagem está armazenada cognitivamente no repertório visual dos falantes surdos, no qual acessam essa memória perceptiva ao realizar o sinal. Neste exemplo, podemos também observar que o falante surdo, ao realizar esse sinal, ativa não apenas um conceito lexical, mas um modelo mental espacial que é compartilhado culturalmente. Esse tipo de motivação imagética e também sócio-cultural, explica como o sinal composto, CASA^ESTUDAR para ESCOLA, emergem naturalmente do uso e da associação conceitual entre os domínios: o local físico (CASA) e a atividade/ação (ESTUDAR), gerando a metáfora conceitual implícita “a escola é uma casa onde se estuda”, o que reafirma o papel da metáfora e da categorização cognitiva na estruturação da Libras.

No contexto da Linguística da Libras, a formação das palavras ocorre de maneira análoga às línguas orais. Inicialmente, as palavras tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais surgem da combinação de unidades mínimas (parâmetros para a Libras ou fonemas para línguas orais) que formam os morfemas, que são as menores unidades formais dotadas de significado. Segundo Basílio (2014), a morfologia é definida como a parte da gramática que analisa a forma das palavras, enquanto para Quadros e Karnopp (2004), é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, incluindo as regras que determinam sua formação. Dessa forma, na Linguística da Libras, a análise morfológica é essencial para compreender como os sinais compostos são formados e flexionados, contribuindo para uma compreensão mais profunda da estrutura da língua de sinais.

Podemos afirmar que dentro de uma língua, o conjunto de palavras forma o léxico, disponível para os falantes usarem conforme suas necessidades linguísticas, pois ele “traduz a experiência cultural acumulada por uma sociedade através do tempo; patrimônio vocabular de uma comunidade linguística através de sua história”. Basílio (2014, p. 9) diz que “o léxico categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados”. Quadros e Karnopp (2004) relatam que a estrutura lexical da Libras é complexa, apresentando algumas propriedades presentes nas línguas de sinais, que não são encontradas nas línguas orais, a exemplo dessas propriedades distintas as autoras relatam que:

Um aspecto específico da modalidade do léxico da língua de sinais é o sistema separado de construções com classificadores que participam densamente na formação de novas palavras. Embora o termo classificador seja usado, estas construções diferem das línguas orais, e aspectos de sua construção são extremamente influenciados pela modalidade visual-espacial (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93).

No entanto, mesmo nesse processo contendo essas diferenciações, o léxico tanto para as línguas orais e línguas de sinais, jamais será apenas um concatenamento de termos/palavras, que servem para decorarmos e colocarmos em prática. O léxico é sobretudo, um sistema “vivo”, e que não vem dado, completo e homogêneo. O sistema lexical de uma língua, é sempre muito heterogêneo, dinâmico, que varia ao longo do tempo e espaço em que a língua vai sendo inserida, vivenciada.

Tanto na modalidade visual-gestual quanto na oral-auditiva, as línguas apresentam uma variedade de expressões e percepções, cada uma com seu sistema lexical próprio, adaptado às necessidades linguísticas do grupo que a utiliza. Assim, os estudos lexicológicos demonstram que uma mesma língua pode conter múltiplos termos, sem que nenhum deles seja considerado certo ou errado. Nessa perspectiva, para dinamizar o léxico, as línguas humanas utilizam-se de processos de formação de palavras que permitem o surgimento de novas palavras dentro da estrutura lexical, aproveitando estruturas pré-existentes. E, esses processos de formação de palavras, são importantes para tornar o léxico eficaz, pois, caso contrário, com expansão lexical sem controle, seria improvável memorizarmos uma infinidade de novos termos. Sem esses mecanismos de formação de palavras, seria difícil acompanhar o surgimento de novos conceitos e termos, e a memorização de uma quantidade excessiva de palavras seria impraticável. Em consequência, isso tornaria a língua num sistema de comunicação ineficiente, já que sobrecarregaria nossa memória impedindo-nos de desenvolver uma comunicação automática, natural e fluída. A sobrecarga na memória pode tornar a língua um sistema de comunicação ineficiente, sendo respaldada pela teoria cognitiva da carga cognitiva.

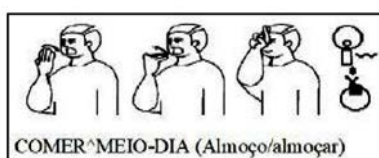
Segundo essa teoria, proposta por Sweller (1988), a carga cognitiva se refere à quantidade de informação que a mente pode processar de uma só vez. Quando essa carga é excedida, ocorre uma sobrecarga cognitiva, prejudicando a capacidade de processamento e compreensão da informação. Esse conceito é aplicável não apenas à linguagem oral, mas também à linguagem visual, como é o caso da Libras, que demanda processamento visual e espacial. Assim, mecanismos cognitivos permitem que o falante generalize padrões e relacione novas palavras com experiências anteriores, reduzindo a sobrecarga na memória de longo prazo e facilitando o acesso lexical. A formação de palavras, nesse sentido, não ocorre de forma aleatória, mas segue esquemas mentais que possibilitam a criação de termos compreensíveis, mesmo que recém-introduzidos na língua. Por exemplo, quando um sinal composto na Libras é formado por dois sinais já conhecidos, o cérebro do usuário pode processá-lo de forma rápida e eficiente por meio de mecanismos como a composição, a metáfora e a metonímia, amplamente discutidos na literatura da Linguística Cognitiva.

Por isso que esse processo tem uma função muito importante em nossa comunicação diária, em todas as formas de materialização da linguagem, sejam em som, ou sinais visuais. Na próxima seção, iremos trazer, de modo sucinto, como acontece em alguns casos a formação de sinais compostos em Libras. Assim, compreender como ocorre esses fenômenos, é de grande importância, além de identificarmos os tipos de variações presentes nos exemplos selecionados e perceber sua relação com o processo cognitivo corporal simbólico desses sujeitos.

2.1. Formação de sinais compostos na Libras

A composição na Libras, ocorre quando a palavra/sinal é formada pela união de dois ou mais radicais (morfemas livres ou presos⁶), podendo ocorrer por justaposição ou por aglutinação. Felipe (2006, p. 207) ressalta que no processo de composição de sinais, a Libras “utiliza-se de itens lexicais que são morfemas livres que se justapõem ou se aglutinam para formar um novo item lexical”, ou seja, um sinal composto. Na justaposição, dois ou mais sinais que formam o composto são realizados em sua totalidade, ou seja, sinais que compõem a palavra composta são completamente sinalizados sem nenhuma alteração nos parâmetros. Podemos observar este fato no composto COMER^MEIO-DIA⁷ (Almoço), no qual não há nenhuma alteração nos parâmetros na realização do composto.

Figura 1: Sinal composto de Almoçar/Almoço



Fonte: (Capovilla; Raphael; Maurício, 2009, p. 2015).

No processo de aglutinação, algum ou alguns dos parâmetros de um, dois ou mais sinais utilizados na composição sofre alguma modificação ou não é realizado. A exemplo desse processo temos o sinal CASA^ESTUDAR^PARTICULAR (Escola privada), no qual o sinal de estudar e de particular sofrem alteração no parâmetro movimento, havendo uma supressão no movimento de ESTUDAR e PARTICULAR.

Figura 2: Sinal de Escola Privada



Fonte: (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2009).

⁶ Os morfemas presos não podem, sozinhos, constituir uma palavra. Eles precisam sempre se juntar a outros morfemas para formar uma palavra. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/scos/cap11969/1.html#:~:text=Os%20primeiros%2C%20como%20parede%2C%20mesa,outros%2C%20s%C3%A3o%20chamados%20morfemas%20presos>, Acesso em: 07 ago. 2024.

⁷ Escrevemos os sinais em Libras em caixa alta, para representar um sinal em Libras. Esta forma de representação chama-se sistema de transcrição Libras-Português. De acordo com Quadros, Karnopp (2004) o sistema de transcrição é uma ferramenta utilizada para representar graficamente a língua de sinais brasileira (Libras) por meio da escrita em língua portuguesa. Ao transcrever sinais em Libras para o sistema Libras-Português, são consideradas as características gramaticais e estruturais da língua de sinais, bem como as variações regionais e contextuais.

Quadros e Karnopp (2004, p. 103-105) descrevem três fenômenos linguísticos que promovem a formação de sinais compostos na Libras, que são:

- 1) Regra do contato: Frequentemente um sinal inclui algum tipo, seja no corpo, seja na mão passiva. Em compostos, o primeiro, o segundo, ou o único contato é mantido. Isto significa que se dois sinais ocorrem juntos para formar um composto e o primeiro sinal apresentar contato este contato tende a permanecer. Se o primeiro sinal não apresenta contato, mas o segundo sim este contato permanece na composição. [...]. Como exemplo aplicados a essa regra têm-se: ESCOLA (casa + estudar).
- 2) Regra da sequência única: Quando compostos são formados na língua de sinais brasileira, o movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada. Os sinais PAI e MÃE (isoladamente) apresentam movimento repetido. No entanto, se os sinais PAI+MÃE ocorrem juntos formando um sinal composto, denotando PAIS, a repetição ou o movimento interno do dedo é eliminado.
- 3) Regra da antecipação da mão não-dominante: Quando dois sinais são combinados para formar um composto, frequentemente acontece que a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição. Por exemplo no sinal BOA + NOITE, observa-se que a mão não-dominante aparece no espaço neutro em frente ao sinalizador com uma configuração de mão que envolve o sinal composto.

(Quadros; Karnopp, 2004, p. 104-105)

O que devemos observar na composição dos sinais, é que o significado do sinal composto é sempre distinto dos significados dos sinais que lhes deram origem, não sendo possível prever o significado do sinal composto pelos significados dos sinais que o formou. Figueiredo Silva e Sell (2009), traz uma classificação dos compostos na Libras dividindo-os em: compostos aparentes, verdadeiros e frasais. Segundo as autoras, os compostos aparentes são aqueles que aparentemente classifica-se como compostos mas, que ao analisá-los percebe-se que podem não ser, necessitando de estudos mais criteriosos para defini-los como compostos ou não. Assim, as autoras citam alguns dos exemplos que apresentamos no quadro abaixo.

Quadro 1: Lista de possíveis sinais compostos

a. BEBÊ^HOMEM / BEBÊ^MULHER [bebê - menino ou menina]	a. HOMEM^BEBÊ / MULHER^BEBÊ [bebê - menino ou menina]
b. JOVEM^HOMEM / JOVEM^MULHER [rapaz/moça]	b. HOMEM^JOVEM / MULHER^JOVEM [rapaz/moça]
c. TI@^HOMEM / TI@^MULHER [tio/tia]	c. HOMEM^TI@ / MULHER^TI@ [tio/tia]
d. FILH@^HOMEM / FILH@^MULHER [filho/filha]	d. HOMEM^FILH@ / MULHER^FILH@ [filho/filha]
e. VIUVEZ^HOMEM / VIUVEZ^MULHER [viúvo/viúva]	e. HOMEM^VIUVEZ / MULHER^VIUVEZ [viúvo/viúva]
f. PRIM@^HOMEM / PRIM@^MULHER [primo/prima]	f. HOMEM^PRIM@ / MULHER^PRIM@ [primo/prima]
g. IRM@^HOMEM / IRM@^MULHER [irmão/irmã]	g. HOMEM^IRM@ / MULHER^IRM@ [irmão/irmã]
h. AMANTE^HOMEM / AMANTE^MULHER [o amante / a amante]	h. HOMEM^AMANTE / MULHER^AMANTE [o amante / a amante]

Fonte: (Figueiredo Silva; Sell, 2009, p.17 e 18).

Observa-se que os sinais **HOMEM** e **MULHER**, utilizados para compor outros sinais, são tidos como compostos aparentes, ou seja, não são compostos verdadeiros, visto que podem ser sinalizados antes ou depois do sinal (nome) que se queira marcar o gênero, como nos sinais **MULHER^FILH@** (filha) ou **FILH@^MULHER** (filha), por exemplo. Por esse motivo, como cita Figueiredo Silva e Sell (2009), **HOMEM** e **MULHER** são caracterizados como compostos aparentes, tendo em vista que na formação de composições verdadeiras a ordem dos morfemas constituintes são invariáveis. Do mesmo modo em que, não convém chamar o processo de “flexão de gênero”, pois não se observa a obrigatoriedade, a regularidade e o desencadeamento de concordância, discutidas por Câmara Jr. (1970) como regras de um processo flexional.

Outro caso de compostos aparentes, denominado por Figueiredo Silva e Sell (2009) de quantificação genérica, são as composições formadas a partir de um sinal protótipo, geralmente **NOME + VÁRI@S**, como em **LEÃO^VÁRI@S** (animais) e **MAÇÃ^VÁRI@S** (frutas), por exemplo. Escolhe-se nesse tipo de composição, um elemento protótipo que queira classificar (frutas, vestuário, ferramentas, alimentos e etc.) e acrescenta-se o sinal de **VÁRI@S**, que isoladamente é realizado com as duas mãos, mas que no produto da composição é feito com uma ou duas mãos, como mostramos a seguir.

Figura 3: composto aparente em Libras



Fonte: (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2009).

Compostos Verdadeiros para Figueiredo Silva e Sell (2009), podem surgir da composição (**HOMEM + Nome/Verbo**) e (**MULHER + Nome/Verbo**), (**SER HUMANO**classificador + Nome/verbo) ou (**PESSOA + Nome/verbo**) designando compostos que representam profissionais, como em **HOMEM^VIGIAR** (Vigia), **HOMEM^CONSTRUÇÃO** (pedreiro), **HOMEM^FEIRA** (feirante), **PESSOA^VENDER** (vendedor).

Figura 4: Compostos Verdadeiros



Fonte: (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2009).

Segundo Figueiredo Silva e Sell (2009), o que diferencia esses compostos que designam profissões dos compostos aparentes é que nestes os termos que originam o composto possuem ordem fixa (invariável), ou seja, a ordem CONSTRUÇÃO^HOMEM é agramatical para esse tipo de formação. E, os compostos frasais são formados por três ou mais sinais, como exemplo as autoras citam:

a. CASA^VENDA^PAPEL [papeleria]	d. CASA^GRUPO^PRESO [presídio]
b. CASA^VENDA^CARNE [açougue]	e. CASA^DORME^PRESO [orfanato]
c. CASA^GRUPO^VELHO [asilo]	f. CASA^CRIANÇA^ADOTA [orfanato]

Fonte: Figueiredo Silva e Sell (2009)

Pode-se observar, que os compostos que representam lugares/locais possuem o sinal CASA como uma ordem fixa e obrigatória na junção dos sinais originários.

3. Percorso metodológico

Realizamos uma pesquisa de campo de natureza qualitativa com abordagem analítica descritiva. Como participantes do estudo, contamos com a colaboração de três estudantes surdos do 2º período do curso de Letras Libras da UFPI, ano de 2018. Esses participantes estavam no início do curso e nesse período ainda não tiveram contato com os conceitos e referências sobre a Linguística da Libras.

Devido ao número limitado de alunos surdos matriculados no segundo período, contamos com apenas três informantes para este estudo. Utilizamos como instrumentos de coleta, análise e comparação de dados um conjunto de 21 imagens não verbais projetadas, organizadas aleatoriamente em slides. De forma que, os alunos não fizessem associação às categorias, as quais representavam sinais compostos encontrados em obras de autores como Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Takahira (2012), Minussi e Takahira (2013), Figueiredo Silva e Sell (2009), além do dicionário Novo Deit-Libras de Capovilla; Raphael; Mauricio (2009). Também incluímos imagens adicionais, que tivessem relação com o cotidiano dos 3 participantes, como objetos, animais, pessoas, profissionais e locais, com base em nossa experiência prévia com a Libras e a comunidade surda local, a fim de identificar sinais compostos potenciais. Os equipamentos utilizados durante a pesquisa incluíram, uma câmera filmadora, um celular, um projetor de slides e um notebook.

Realizamos a coleta de dados em uma sala de aula conhecida pelos três alunos, com o objetivo de proporcionar um ambiente confortável e encorajador para que se sentissem à vontade durante a comunicação em Libras. Apresentamos um conjunto de 21 imagens e solicitamos aos alunos que realizassem os sinais correspondentes a cada uma delas. Conforme os estudantes sinalizavam, fizemos perguntas adicionais sempre que surgiam demandas decorrentes das respostas e comentários feitos por eles durante a coleta de dados. Após a coleta inicial, procedemos ao mapeamento dos sinais produzidos pelos três surdos, subdividindo as imagens e seus sinais correspondentes em duas

categorias principais: animais e pessoas. Optamos por essa categorização por entendermos que ela poderia influenciar nas regularidades e variações linguísticas observadas.

Durante o mapeamento, distinguimos entre sinais simples e compostos, investigando por que determinadas imagens, que originaram sinais simples, não resultaram em sinais compostos. Em seguida, identificamos os sinais realizados pelos surdos que coincidiam com os sinais de referência encontrados na literatura selecionada. Realizamos uma análise comparativa desses sinais em relação aos de referência, seguida por uma catalogação e análise dos sinais variantes produzidos pelos alunos surdos. Na análise dos sinais compostos, que representam variações em relação aos sinais de referência, procuramos identificar as semelhanças e diferenças entre os compostos variantes e os de referência, além de verificar quais variações linguísticas sociológicas e cognitivas predominavam na constituição e uso desses sinais.

4. Resultados e discussões

Para iniciarmos a coleta, utilizamos uma câmera filmadora voltada para os pesquisadores e as imagens projetadas, e uma câmera de celular posicionada discretamente para os 3 alunos surdos. Assim, as imagens não verbais eram projetadas e, na medida que os alunos as visualizavam, realizavam os sinais. Quando necessário, fazíamos perguntas para obtermos informações outras, como por exemplo, uso de sinais sinalizados em contextos sociais. Os estudantes surdos, participantes da pesquisa, sinalizaram situações cotidianas em que os sinais apresentados por eles eram utilizados.

4.1. Perfil dos alunos surdos participantes

Participaram desta pesquisa 3 alunos surdos matriculados no 2º período do curso Letras Libras da UFPI no ano 2018. Para mantermos a identidade dos participantes em sigilo, os denominamos: 1º Aluno (A1), 2º Aluno (A2) e 3º Aluno (A3). Ver quadro 2 perfil dos participantes:

Quadro 2: Perfil dos 3 alunos surdos participantes da pesquisa

Participantes	Sexo	Idade	Nasceu surdo	Nasceu ouvinte	Idade que adquiriu a surdez	Idade que aprendeu Libras	Onde/como aprendeu Libras
A1	M	20	Sim	-	-	08	No CAS ⁸ (Tendo aulas de Libras e contato com surdos fluentes que frequentavam essa instituição)
A2	F	25	Não	Sim	03 (causa: Meningite)	18	Numa escola de Piracuruca/PI, chamada Anísio.
A3	F	33	Não	Sim	04 (trauma provocado por um acidente)	24	Aprendeu tendo contato com 03 surdos fluentes no primeiro emprego.

Fonte: Elaboração dos autores

⁸ Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez - CAS.

No quadro 2, observamos diferenças significativas no perfil linguístico dos participantes da pesquisa. O participante A1 é surdo de nascença e teve contato com a Libras desde a infância, enquanto os participantes A2 e A3 nasceram ouvintes mas, perderam a audição ainda na infância, antes da aquisição da linguagem oral, vindo a aprender Libras apenas na vida adulta. Esse dado é fundamental tanto para a Sociolinguística, quanto para a Linguística Cognitiva, pois evidencia o impacto das condições de aquisição da língua na formação linguística e cognitiva do sujeito surdo falante de Libras.

Segundo Quadros e Cruz (2011), a aquisição precoce da língua de sinais é crucial para o desenvolvimento linguístico e cognitivo de crianças surdas, sobretudo na fase sensível da linguagem, que ocorre até os quatro anos de idade. A ausência de *inputs* linguísticos nesse período compromete não apenas o domínio da língua, mas também o desenvolvimento de competências cognitivas associadas, como a categorização, a memória de trabalho e a organização do pensamento. Sob a ótica da Linguística Cognitiva, autores como Langacker (1987) e Lakoff e Johnson (2002) argumentam que a linguagem está profundamente enraizada na experiência corporal e na interação com o mundo. Ou seja, a aquisição da linguagem é um processo que depende do uso repetido e significativo da língua em contextos reais. Para esses autores, os conceitos linguísticos são construções simbólicas baseadas em esquemas imagéticos, metáforas e modelos mentais que são formados desde os primeiros anos de vida.

Dessa forma, a aquisição tardia da Libras por A2 e A3 não afeta apenas a fluência linguística, mas também limita a construção de esquemas cognitivos fundamentais para o desenvolvimento do sujeito falante. Como explica Goldberg (1995), as construções linguísticas não apenas veiculam significado, mas são significadas; ou seja, elas moldam a forma como os sujeitos percebem e interagem com o mundo. Quando essas construções são adquiridas tardiamente, uma parte importante da cognição linguística pode ficar comprometida. Além disso, conforme aponta Croft (2001), a variação linguística observada entre falantes/sinalizantes reflete não apenas fatores sociais, mas também diferentes trajetórias cognitivas de aquisição da linguagem. Isso nos leva a considerar que as escolhas linguísticas feitas pelos participantes, como o uso ou não de sinais compostos convencionais ou variantes, estão relacionadas à forma como suas experiências sensorio-motoras e sociais moldaram suas representações mentais da língua.

4.2. Observações analíticas catalogadas durante a coleta de dados

A coleta de dados foi realizada inicialmente de forma individual, com a apresentação sequencial de imagens a cada participante surdo. Nesse momento, observamos que o participante A1, exposto à Libras desde a infância, demonstrou fluidez, espontaneidade e segurança na produção dos sinais. Essa proficiência, pode ser compreendida como resultado da consolidação precoce de esquemas imagéticos, que são estruturas cognitivas básicas baseadas em experiências corporificadas, como percepção visual, orientação espacial e padrões de movimento (Langacker, 1987). A internalização desses esquemas desde os primeiros anos de vida, permite que o sinal seja ativado automaticamente, sem esforço consciente.

Por outro lado, o participante A2, que teve contato com a Libras apenas aos 18 anos, demonstrou conhecimento dos sinais apresentados, mas sua produção era hesitante e reflexiva. Em alguns momentos, observou-se um pequeno intervalo entre a visualização da imagem e a execução do sinal, indicando um maior esforço cognitivo para acessar ou recuperar construções linguísticas, que de acordo com Goldberg (1995), são associações recorrentes entre forma e significado que se sedimentam com o uso. Quando esse uso é tardio, ou pouco frequente, as conexões cognitivas entre os elementos linguísticos e seus significados ainda estão em formação, exigindo maior esforço para serem ativadas.

Já o participante A3, que começou a aprender Libras aos 24 anos, relatou insegurança e dificuldade para se lembrar dos sinais durante a coleta individual. Sua ansiedade pode estar relacionada ao processo ainda incipiente de formação de modelos mentais linguísticos que, segundo Lakoff e Johnson (2002), são constituídos a partir da experiência concreta e da interação social. Como a aquisição tardia da língua limita a frequência e a variedade dessas experiências linguísticas, o acesso às construções torna-se mais frágil e instável, resultando em lapsos que podem gerar a insegurança observada no participante.

No segundo momento da coleta, quando as imagens foram apresentadas simultaneamente aos três participantes, verificou-se uma mudança significativa no comportamento linguístico de A2 e A3. Ambos demonstraram maior confiança e fluidez na produção dos sinais. O participante A3, inclusive, foi capaz de se lembrar de sinais que havia esquecido na etapa anterior. Essa melhora pode ser explicada por um princípio fundamental da Linguística Cognitiva, segundo o qual a linguagem é essencialmente situada e interacional. Ou seja, o uso da língua em contextos comunicativos reais e coletivos favorece a emergência e o reforço de construções linguísticas, permitindo que o conhecimento linguístico se atualize e se expanda. Além disso, o ambiente colaborativo e o apoio dos pares, especialmente do participante A1, funcionaram como facilitadores para o acesso às construções linguísticas e para a (re)construção de representações cognitivas associadas aos sinais. Ao concordarem com os exemplos dados por A1 e até mesmo ampliarem esses exemplos com base em suas próprias experiências, A2 e A3 demonstraram que a linguagem não se limita ao domínio individual, mas é construída socialmente, em práticas interativas concretas.

4.3. Análise dos sinais coletados

Mapeamos os sinais gerados a partir de 21 imagens não verbais divididas em 2 categorias (animais e pessoas), que foram organizadas aleatoriamente em slides, de forma que os alunos não fizessem associação às categorias. Dos sinais mapeados, identificamos 11 compostos que se diferenciam dos sinais referentes contidos nas pesquisas e literatura acadêmica utilizadas para comparação e análise, assim, identificamos na sinalização dos alunos participantes 12 sinais simples e classificadores. Desses 12 sinais simples, prevíamos o surgimento somente de 4, exatamente aos que se referiam aos signos de: professor, rato, criança e médico, inserimos as imagens referentes a esses signos, pois,

O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva

nas referências, os signos linguísticos para *rato* e *criança* surgem em algumas referências como compostos e o signo *professor* e *médico* sempre aparecem como simples, mas os colocamos por fazermos uma comparação com categoria profissionais, na qual observa-se o surgimento de sinais compostos que, no caso desses termos, os mesmos se comportam como exceções.

Em nossas pesquisas sobre variações linguísticas, identificamos que os dados analisados se enquadram nas variações de natureza sociológica e cognitiva. Essas variações referem-se a sinais ou palavras que, embora sejam realizados ou escritos de formas diferentes aos da literatura de referência, compartilham o mesmo sentido. O quadro 3 apresenta a correspondência em Língua Portuguesa (LP) das imagens analisadas, bem como os sinais simples e classificadores produzidos pelos alunos, registrados por meio da escrita de sinais (SignWriting). Além disso, foi inserido um código QR que direciona para um vídeo no YouTube, no qual um dos autores do artigo realiza a sinalização em Libras.

Quadro 3: Signos linguísticos que não geraram sinais compostos na sinalização dos participantes.

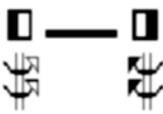
Imagem utilizada	Signo linguístico em Língua LP	Signo linguístico produzido pelos alunos surdos em Escrita de Sinais.
 https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/postos-de-saude-terao-funcionamento-diferenciado-durante-o-feriado	Hospital / Posto de saúde	 
 https://www.otvfoco.com.br/adeus-biscoito-foi-arrancado-dos-mercados-apos-anos-e-fez-os-clientes-implorarem-pelo-seu-retorno/	Supermercado	 
 http://www.ma.gov.br/novo-presidio-de-pinheiro-esta-95-concluido-e-tera-306-novas-vagas/	Cadeia/ presídio	 
 https://artvendas2019.wixsite.com/website	Academia	 

Imagem utilizada	Signo linguístico em Língua LP	Signo linguístico produzido pelos alunos surdos em Escrita de Sinais.
 https://www.istockphoto.com/br/foto/grupo-de-envolver-as-crian%C3%A7as-gm175440993-20475581	Crianças/criança	
 https://redenoticias.com/boa-esperanca-abre-inscricao-para-contratacao-de-medico/	Médico	
 https://sincoverg.org.br/qual-e-o-salario-de-um-motorista-de-onibus-saiba-mais-sobre-a-remuneracao-da-categoria/	Motorista	
 https://www.nzherald.co.nz/nz/poll-backs-plan-for-better-teachers/4E5Z26WR35JFRGK24MYKGXHK3U/	Professor	
 https://opetroleo.com.br/empresa-de-alimentacao-offshore-contrata-padeiro/	Padeiro	

Fonte: Elaboração dos autores

No quadro 3, foram apresentadas imagens que representavam locais/espços e profissões/profissionais, cujas representações visuais poderiam, por inferência às regras composicionais da Libras, motivar a produção de sinais compostos. Observamos que, em muitos casos, os sinais produzidos pelos participantes eram sinais simples, apesar da expectativa composicional sugerida pelas imagens. Essa constatação nos leva a refletir sobre o papel da economia linguística e da iconicidade cognitiva, tanto do ponto de vista sociolinguístico quanto cognitivo, na variação e uso da Libras em contextos naturais de uso.

É recorrente, na formação de compostos que representam espaços/lugares, o uso do sinal de CASA+ [o sinal ou classificador que representa esse espaço/lugar]. Isso ocorre, por exemplo, para o sinal de ESCOLA (CASA^ESTUDAR⁹) e IGREJA (CASA^CRUZ¹⁰). Da mesma forma, para significar profissões/profissionais, é comum surgirem compostos com a seguinte construção: sinal de PROFISSÃO/PROFISSIONAL + [o sinal ou classificador que representa a atividade/curso/profissão]. Um exemplo é a variação para pedreiro, que pode ser PROFISSÃO^CONSTRUIR¹¹, e outro é a representação de Babá, que em Libras pode ser o sinal composto de PROFISSÃO^CUIDADAR^BEBÊ(cl¹²).

Para representar criança(s) em Libras, existem duas variações comuns: o sinal simples, conforme consta no quadro 3, e o sinal composto BABAR^BAIXO¹³. Deste modo, ao explorarmos imagens de locais/espacos e profissões/profissionais, notamos a produção de alguns sinais simples. Realizamos uma pesquisa na internet, especificamente no site do YouTube, e observamos que esses mesmos signos linguísticos também são representados como sinais simples. Isso sugere que tanto na comunidade surda local quanto em outras regiões, as imagens apresentadas no quadro 3 geraram sinais simples, indicando que não há uma regra rígida para a formação de compostos em Libras.

Ainda referente às observações que realizamos no quadro 3, notamos a presença da iconicidade, neste caso usamos o entendimento de iconicidade pela perspectiva da Linguística Cognitiva. Para a Linguística Cognitiva, iconicidade é compreendida como uma relação motivada entre a forma linguística e seu significado, Wilcox (2004, p. 122) diz que a

iconicidade cognitiva é definida não como uma relação entre a forma de um sinal e o que ele se refere no mundo real, mas como uma relação entre dois espaços conceituais. Iconicidade cognitiva é uma relação de distância entre os polos fonológicos e semânticos de estruturas simbólicas¹⁴.

Nesse sentido, os sinais analisados revelam motivações tanto visuais quanto semânticas que refletem experiências corporificadas e socialmente compartilhadas no mundo real. No sinal HOSPITAL/POSTO DE SAÚDE, a motivação icônica remete ao antigo uniforme de enfermeiros, que incluía um gorro com a cruz vermelha. Este símbolo é internacionalmente reconhecido como representação de assistência e proteção médica (CICV, 2007), e ativa, no espaço conceptual, a associação visual com cuidado e neutralidade. No sinal SUPERMERCADO, o motivador visual na

⁹ Ver sinal em: https://www.youtube.com/watch?v=iA_E605MVmM

¹⁰ Ver sinal em: <https://www.youtube.com/watch?v=nc-2EudPkYc>

¹¹ Ver sinal em: https://www.youtube.com/watch?v=J6_qIW5Fn8I

¹² Ver sinal em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pu6y02VmyY4>

¹³ Ver sinal em: <https://www.youtube.com/watch?v=sjhM6XacFU0>

¹⁴ Citação na língua original: Cognitive iconicity is defined not as a relation between the form of a sign and what it refers to in the real world, but as a relation between two conceptual spaces. Cognitive iconicity is a distance relation between the phonological and semantic poles of symbolic structures.

ação verbal de empurrar o carrinho de supermercado, assim, iconicidade reside na ação de empurrar o carrinho, gesto amplamente reconhecido e mapeado corporalmente, representando visualmente o ato de fazer compras. Observamos no sinal de PRESÍDIO, realizado com as duas mãos em “V” cruzadas à frente do corpo, remetendo às grades de uma cela. Aqui, a experiência visual do encarceramento é projetada cognitivamente no sinal, permitindo sua interpretação rápida e motivada.

No sinal de MÉDICO/MEDICINA, observa-se uma referência à ação médica de testar o reflexo patelar, com configuração de mãos imitando o gesto de bater o martelo no joelho. A iconicidade aqui envolve um evento corporal e funcional, projetado como representação da prática médica. No sinal de MOTORISTA, as mãos configuradas em “5” ou “V” sobre os ombros fazem referência direta às epaulettes, faixas com botão presentes no uniforme de motoristas de ônibus. Esse elemento visual do fardamento é abstraído e utilizado como recurso icônico no sinal, refletindo conhecimento enciclopédico e socialmente distribuído. No sinal de PROFESSOR, sinalizado com a mão em “P” realizando movimento semicircular sugere o deslocamento do professor em sala de aula, simbolizando a dinâmica da interação pedagógica. A imagem mental evocada é a do docente circulando entre os alunos, reforçando o papel interativo e comunicativo da profissão. E, no sinal de PADEIRO, identificamos que a ação de sovar a massa está diretamente representada no gesto, refletindo uma experiência manual e sensorial comum associada ao ofício de panificação. No entanto, no quadro 4, observamos que parte dos sinais simples discutidos no quadro 3 aparecem na literatura utilizada como referência para esta pesquisa, como sinais compostos. Vejamos esses sinais no quadro 4.

Quadro 4: Sinais compostos contidos na Literatura selecionada como referência versus sinais simples realizados pelos participantes.

Item	Literatura Utilizada	Compostos contido na Literatura	Sinais simples produzidos pelos alunos.	Representação do sinal em LP.
01	FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. <i>Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS.</i> (2009).			Cadeia/ Presídio
02	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. <i>Novo Deit-Libras,</i> (2009).			Hospital/Posto de saúde
03	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. <i>Novo Deit-Libras,</i> (2009).			Supermercado

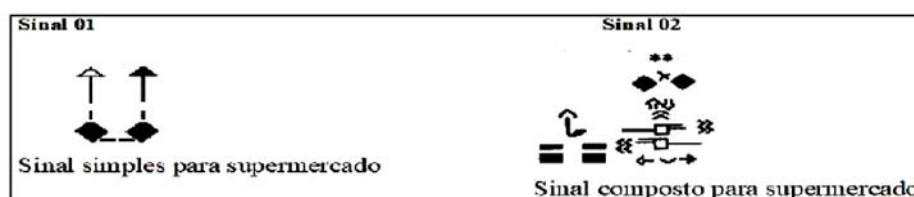
04	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. Novo Deit-Libras, (2009).			Academia
05	CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. Novo Deit-Libras, (2009).			Criança

Fonte: Elaboração dos autores.

Ao observar o quadro 4, percebemos que, dos nove sinais simples produzidos pelos alunos (ver quadro 3), cinco deles (ver quadro 4) são descritos como sinais compostos na literatura de referência. Notamos que, entre esses cinco sinais, quatro — CADEIA/PRESÍDIO, HOSPITAL/POSTO DE SAÚDE, ACADEMIA e CRIANÇA — apresentam variações resultantes do fenômeno da economia linguística. Nessas variações, os alunos mantêm, em suas produções, o último sinal do composto descrito na literatura, o que nos permite inferir que esse sinal simples condensa ou carrega o significado principal do signo linguístico correspondente (ver itens 01, 02, 04 e 05 no quadro 4). Essa condensação de sentidos nos leva a refletir sobre a teoria da economia linguística discutida por Lyons (1995) e Martinet (1991), segundo a qual os falantes de uma língua tendem, naturalmente, a realizar modificações fonológicas e morfológicas, tornando a comunicação mais prática e eficiente.

Ainda sobre a questão da economia linguística, a Linguística Cognitiva fornece fundamentos importantes para compreender a motivação dessa condensação de sentido, ou seja, a tendência das línguas a condensar significado em formas cada vez mais eficientes, sem perda de inteligibilidade e sentidos. Como já destacado por Langacker (1987), a linguagem é composta por construções simbólicas cognitivamente motivadas, que emergem da interação entre experiência corporal, percepção, categorização e uso frequente. Nesse quadro teórico, a forma linguística não é arbitrária, mas motivada por esquemas imagéticos e estruturas conceituais moldadas pela experiência. Em outras palavras, sinais simples que representam conceitos complexos, como “supermercado”, podem ser interpretados como esquemas imagéticos condensados, em que a configuração manual e o movimento codificam, de forma altamente simbólica, toda a cena prototípica associada ao conceito. Neste sentido é mais econômico sinalizar “supermercado” de acordo com o sinal 01, do que com o sinal 02 na imagem seguinte:

Figura 5: Sinal de supermercado na região de pesquisa



Fonte: Elaboração dos autores (retirado do dicionário Capovilla, 2009).

Um exemplo claro desse fenômeno é observado no sinal SUPERMERCADO destacado pelo sinal 01 e 02 na imagem acima. No Dicionário Deit Libras (2009), o sinal composto aparece como OBJETO^VÁRI@^EMPURRAR-CARRINHO(CI), sinal 02. Observamos que no sinal 02, o classificador EMPURRAR-CARRINHO é realizado com a Configuração de Mãos (CM) em “S”, representando o gesto icônico de empurrar um carrinho de compras. Já na sinalização espontânea dos alunos surdos, imagem do sinal 01, observamos uma forma mais econômica, onde o sinal aparece simplificado e com variação na CM para “Y”. Nesse caso, há uma condensação semântica, em que o movimento e a configuração manual evocam, de forma resumida, a cena prototípica associada ao ato de comprar em um supermercado. Essa condensação é uma forma de economia linguística cognitivamente motivada, que, segundo Lakoff e Johnson (2002) e Croft (2001), reflete operações mentais de generalização, categorização e esquematização. A complexidade do sentido não se perde, mas é comprimida em um gesto significativo e funcional, favorecendo tanto a economia articulatória quanto a eficiência cognitiva na codificação da experiência no real.

Outro aspecto linguístico interessante que encontramos no quadro 4, foi em relação ao sinal composto ACADEMIA, item 04, que na literatura, sua construção ocorre pela combinação do sinal de SALA/QUADRADO + Sinal de EDUCAÇÃO FÍSICA = SALA^EDUCAÇÃO FÍSICA¹⁵. Curiosamente, essa estrutura foge ao padrão mais comum em Libras, no qual espaços físicos são representados pelo composto CASA + [função ou atividade]. A escolha por “SALA” em vez de “CASA” sugere uma reorganização dos esquemas conceituais associados à ideia de “instituição” ou “ambiente de prática orientada”, priorizando o aspecto funcional do espaço em vez da sua estrutura física ou doméstica. Trata-se, aqui, de um caso de abstração funcional motivada por metonímia conceitual, na qual o elemento mais relevante para o falante é mantido, enquanto os redundantes são suprimidos, um mecanismo típico da economia linguística.

Assim, em ambos os casos, a economia linguística em Libras não deve ser entendida como simplificação arbitrária, mas como uma otimização motivada por processos cognitivos. Como destacam Cunha e Martins (2012), a construção de significados ocorre a partir de esquemas mentais compartilhados, organizados com base na experiência sensorio-motora, nas práticas culturais e no uso reiterado, isso nos mostra que a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um reflexo da forma como percebemos, organizamos e interagimos cognitivamente, corporalmente e socialmente com o mundo.

4.4. Análise dos sinais compostos realizados pelos alunos surdos

Neste subtópico, abordaremos as análises e comparações entre os sinais rejeitados (compostos presentes na literatura de referência) e os sinais substitutos (compostos utilizados pelos alunos participantes), identificando suas semelhanças e diferenças. Os sinais foram categorizados em duas classes: animais (quadro 5) e pessoas (quadro 6). A fim de tornar a leitura e compreensão dos dados

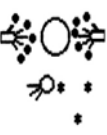
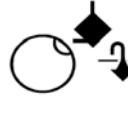
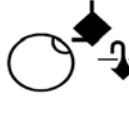
¹⁵ Ver sinal em: <https://www.youtube.com/watch?v=tjoeNv9zTeo>

O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva

mais acessíveis, atribuímos as seguintes denominações às referências: Dicionário Novo deit-Libras de Capovilla; Raphael; Mauricio (2009) de R1; Takahira (2012) de R2; Minussi e Takahira (2013) de R3; Figueiredo Silva e Sell (2009) de R4; Felipe (2006) de R5 e Quadros e Karnopp (2004) de R6.

a) Análise dos Sinais rejeitados e substitutos quanto à categoria animais

Quadro 5: Identificação e análise dos compostos analisados pelos participantes e os contidos nas referências quanto à categoria animais.

Itens	Imagem	Signo linguístico em Português	Sinais realizados pelos alunos	Sinais encontrados nas referências	Referência
01	 https://www.todamateria.com.br/animais-em-extincao/	Onça	Sinal 01  Sinal 02 	Sinal 01  Sinal 02 	R1
02	 http://www.jornalciencia.com/11-grandes-curiosidades-que-voce-nao-sabia-sobre-as-zebras/	Zebra		CAVALO + LISTRA-PELO-CORPO 	R5 R1
03	 https://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/pecuaria/mais-cara-que-uma-ferrari-conheca-a-vaca-de-r-2-milhoes-6ay7q3pz9dm0jj626p8qu56pg	Vaca			R1

Fonte: Elaboração dos autores

Ao analisarmos o quadro 5, observamos a ocorrência de três sinais compostos pertencentes à categoria animais. A comparação entre os sinais produzidos pelos alunos e aqueles registrados em fontes de referência revela uma convergência significativa, tanto nos aspectos fonético-morfológicos quanto semânticos. Essa correspondência sugere não apenas um alinhamento linguístico com os padrões estabelecidos, mas também indica que os alunos surdos reconhecem e aceitam essas construções como convencionais em Libras.

Essa regularidade pode ser compreendida como resultado da interação entre esquemas imagéticos compartilhados e processos de categorização conceitual. Segundo Langacker (2011), a linguagem é utilizada a partir da ativação de estruturas mentais que organizam o conhecimento com base nas experiências sensoriais e socioculturais do sujeito falante. No caso dos sinais analisados, mesmo sem contato visual direto com certos animais, como a zebra, por exemplo, os alunos são capazes de produzir corretamente o sinal correspondente. Isso evidencia a presença de esquemas mentais estruturados a partir de metáforas visuais e descrições aprendidas socialmente. Deste modo, a iconicidade atua como mecanismo de motivação linguística, pois os sinais tendem a representar traços físicos marcantes dos animais (como listras, orelhas, ou forma do corpo), ativando imagens mentais que tornam o sinal mais icônico e acessível cognitivamente. Tal fenômeno se relaciona ao princípio da motivação, fundamental na Linguística Cognitiva, em que os signos linguísticos não são arbitrários, mas estão ligados de maneira simbólica e cognitivamente plausível aos seus significados (Lakoff; Johnson, 2002).

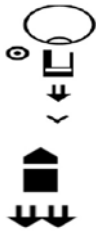
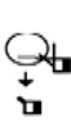
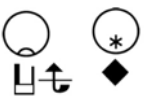
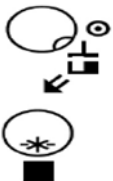
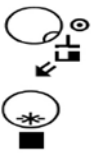
Salientamos também que, o ensino da língua exerce um papel essencial na consolidação dessas formas, pois permite a transmissão de padrões convencionais e ativa os esquemas cognitivos relevantes para a produção e compreensão dos sinais. Como afirmam Cunha e Martins (2012), a compreensão da linguagem ocorre não por meio de signos isolados, mas através de esquemas mentais que integram e relacionam conceitos de maneira interativa e flexível. Nesse sentido, o ensino da Libras para os surdos possibilita que mesmo experiências não vivenciadas diretamente, como ver uma zebra, possam ser representadas linguisticamente por meio da ativação de esquemas compartilhados em sala de aula. Dessa forma, concluímos que a construção e a compreensão dos sinais compostos na categoria de animais são fortemente influenciadas pela iconicidade cognitiva, pelos esquemas cognitivos culturais e perceptivos, e pelo ensino linguístico.

b) Análise dos sinais rejeitados e substitutos quanto à categoria pessoas

Quadro 6: Identificação e análise dos compostos sinalizados pelos participantes e os contidos nas referências quanto à categoria pessoas.

Item	Imagem	Signo linguístico em Português	Sinais realizados pelos alunos	Sinais encontrados nas referências	Referências
01	 https://ru.pinterest.com/pin/374924737712307688/	Idoso/velho		Não contém nas referências	—

O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva

02	 https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/saiba-como-fazer-rg-cp-e-passaporte-das-criancas/	Menino		HOMEM^CRIANÇA 	R2, R3, R4 R1
03	 http://www.michaeloliveira.com.br/vale-a-pena-criar-um-canal-para-criancas/	Menina		MULHER^CRIANÇA 	R2, R3, R4 R1
04	 https://uababy.wordpress.com/category/cuidados-com-o-bebe/	Pais		MÃE^PAI  Quadros e Karnopp (2004, p. 104)	R6
05	 https://cidadeverde.com/noticias/198768/dia-dos-pais-devera-injetar-r-38-bilhoes-no-comercio-diz-pesquisa	Pai	Sinal 01  Sinal 02 	HOMEM^BÊNÇÃO 	R4 R1
06	 https://epaybrasil.com.br/blog/6-dicas-para-aumentar-as-vendas-no-dia-das-maes/	Mãe		MULHER^BÊNÇÃO 	R4 R1

Fonte: Elaboração dos autores

Nesta categoria, observamos que dos 6 sinais compostos produzidos pelos alunos, 4 deles (itens 02, 03, 05, 06) são idênticos aos encontrados nas referências. Apenas um, o item 01, não está presente nas referências, enquanto o item 04 (que representa o signo linguístico “pais”) foi executado de forma diferente, configurando-se como uma variante. Nos sinais que simbolizam mãe e pai, os compostos produzidos foram “MULHER^BÊNÇÃO” e “HOMEM^BÊNÇÃO”. Neste caso, a singularidade linguística observada é de natureza cultural, pois é costume na região nordeste pedir a bênção aos pais.

velhos, especialmente aos pais, que abençoam seus filhos, netos, sobrinhos e afilhados com um beijo na mão.

Também observamos, no quadro 6, que, diante da imagem que representa o signo “idoso” ou “velho” — sinal este presente nas referências —, os alunos o construíram utilizando os sinais de “HOMEM” e “VELH@” (HOMEM^VELH@). Perguntamos, então, como seria o sinal para uma pessoa do sexo feminino, ao que eles responderam sinalizando “MULHER^VELH@”. Essa escolha lexical evidencia a produtividade linguística guiada por estruturas simbólicas coerentes com a experiência e a percepção dos falantes. A opção por essa composição revela não apenas uma sensibilidade visual e semântica na construção do sinal, mas também o princípio da analogia, outro mecanismo cognitivo que regula a organização da linguagem, conforme apontado por Croft (2001).

O signo linguístico para “pais” presente nas referências foi rejeitado pelos alunos, que sinalizaram “P-Y^MULHER^BÊNÇÃO” para representar o termo “pais”, conforme o item 04. Ao questioná-los se haveria outro sinal para “pais”, eles responderam negativamente. Durante a coleta, observamos que ao contextualizar “mãe” e “pai” separadamente, eles sinalizam “MULHER^BÊNÇÃO” e “HOMEM^BÊNÇÃO”, respectivamente. No entanto, ao utilizar o termo “pais” para se referir aos dois juntos, eles sinalizam “P- Y^MULHER^BÊNÇÃO”, demonstrando uma economia linguística nesse sinal, visto que é mais eficiente e prático sinalizar “P-Y^MULHER^BÊNÇÃO” do que “HOMEM^BÊNÇÃO^MULHER^BÊNÇÃO” ou “HOMEM^MULHER^BÊNÇÃO”.

5. Considerações finais

Esta pesquisa buscou compreender por meio da sociolinguística e da linguística cognitiva a variação linguística presente na formulação e no uso de sinais compostos em Libras por alunos surdos do 2º período do curso de Letras Libras da UFPI. Ao longo da investigação, foram catalogados 20 sinais no total, dos quais 9 foram identificados como sinais simples e 11 como sinais compostos. Estes últimos foram organizados em duas categorias principais: animais e pessoas.

Durante a análise, identificamos diversas regularidades linguístico-cognitivas e sociais subjacentes à percepção dos 3 estudantes surdos do Curso Letras Libras de Teresina-PI, sobre a formação, convenção e uso de sinais compostos. Essas regularidades incluem variação fonético-morfológica, economia linguística, iconicidade cognitiva, influências culturais, aprendizado da língua, especialmente considerando que esses alunos aprenderam Libras em um estágio tardio de aquisição. Um exemplo claro dessas regularidades pode ser observado nos sinais simples produzidos pelos alunos, nos quais identificamos variações como economia linguística e iconicidade cognitiva, evidente no sinal correspondente ao signo linguístico de “SUPERMERCADO”.

Na análise do perfil dos participantes, foi possível observar como as trajetórias individuais de aquisição da Libras impactam diretamente o desempenho linguístico e cognitivo dos alunos surdos do curso de Letras Libras da UFPI. O participante A1, que teve contato com a língua de sinais desde a infância, apresentou maior fluidez, segurança e espontaneidade na produção dos sinais, o que revela

a consolidação precoce de esquemas imagéticos e construções linguísticas fundamentais, conforme sustentam Quadros e Cruz (2011) e Langacker (1987). Já os participantes A2 e A3, que aprenderam Libras apenas na vida adulta, demonstraram maior esforço cognitivo, hesitação e insegurança, especialmente em situações individuais, indicando um processo de aquisição ainda em construção e a presença de representações linguísticas menos estáveis. No entanto, durante a coleta em grupo, ambos apresentaram melhora significativa na exposição linguística, evidenciando que a linguagem, além de cognitiva, é essencialmente interacional e social. A interação com o colega mais proficiente (A1) e o apoio mútuo favoreceram o acesso às construções linguísticas e a (re)ativação de representações cognitivas, reforçando a tese da Linguística Cognitiva de que o uso da língua em contextos reais e colaborativos potencializa a aprendizagem e o desenvolvimento linguístico, especialmente em falantes tardios.

Nas análises dos quadros 3, 4, 5 e 6, constatamos que a produção de sinais compostos em Libras pode ser influenciada por fatores como metáforas conceituais, economia linguística, iconicidade cognitiva e esquemas culturais compartilhados. Embora as imagens apresentadas sugerissem a produção de sinais compostos, os participantes frequentemente optaram por formas simples, evidenciando uma tendência natural à condensação semântica. Essa tendência, conforme discutem Lyons (1995), Martinet (1991) e Langacker (1987), reflete a busca por formas linguísticas mais eficientes, cognitivamente motivadas. Os sinais analisados revelam motivações visuais e funcionais que não apenas refletem experiências corporificadas, mas também ativam associações conceituais compartilhadas, como é o caso do sinal de “SUPERMERCADO”, onde a ação de empurrar o carrinho é abstraída em um gesto icônico à essa ação.

Além disso, observamos que os sinais compostos da categoria “animais” e de outros referentes culturais, como “PAIS” e “IDOSO”, demonstram não apenas conformidade com formas canônicas da Libras, mas também revelam variações locais motivadas por fatores socioculturais. A produção de sinais como “MULHER^BÊNÇÃO” para “mãe” e “P- Y^MULHER^BÊNÇÃO” para “PAIS” evidencia uma forte influência da cultura nordestina na construção linguística, reforçando a ideia de que a Libras é sensível à experiência coletiva e às práticas culturais regionais. Dessa forma, as análises indicam que a variação linguística em Libras não compromete sua estrutura ou inteligibilidade, mas, ao contrário, reforça sua vitalidade como língua viva, moldada pelas práticas sociais e cognitivas de seus usuários. Isso reafirma a importância de reconhecer a diversidade linguística e cultural dentro da comunidade surda e de valorizar os processos cognitivos que fundamentam a construção e a variação dos sinais em Libras.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 3. ed., 2ª reimpressão. 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, A. C. L. *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) baseado em Linguística e Neurociências cognitivas*.-vol. 1 e 2 São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2009.
- CICV – COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. *O emblema da Cruz Vermelha*. Genebra: CICV, 2007. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/nossos-emblemas>. Acesso em: 10 maio 2025.
- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, Evanildo; MARTINS, J. R. *Gramática da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavras na LIBRAS. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, pp. 200-217, jun. 2006.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. *Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS*. PPT apresentado na USP e artigo disponibilizado por e-mail, 2009.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford, California: Stanford University Press, v. 1, 1987.
- LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2011.
- LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averbug, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Padrão, 1995.
- MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. 8. ed. Tradução de Jorge Morais-Barbosa. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- MINUSSI, Rafael Dias; TAKAHIRA, Aline Garcia Roderio. Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 9, n. 1, junho de 2013.

O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice M.; CRUZ, Carina Rabello. *Língua de sinais - instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 159.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. In. MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-222-7. p. 200, 2017.

SINAIS DIÁRIOS DE LIBRAS. *Sinal de ESCOLA em Libras*. YouTube, 07 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iA_E605MVmM. Acesso em: 25 fev. 2024.

SWELLER, John. *Carga cognitiva durante a resolução de problemas: efeitos na aprendizagem*. Ciência Cognitiva, 1988. DOI: https://doi.org/10.1207/s15516709cog1202_4. Acesso em: 20 fev. 2024.

TAKAHIRA, Aline Garcia Roderio. Questões sobre compostos e morfologia da Libras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 1, n. 41, pp. 262-276, jan.-abr., 2012.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. In: *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, pp. 119-147, 2004.

GEOSOCIOLINGÜÍSTICA COGNITIVA: VARIAÇÃO SOCIOCULTURAL E ESPACIAL NA COGNIÇÃO E NO USO DA LINGUAGEM

COGNITIVE GEOSOCIOLINGUISTICS: SOCIOCULTURAL AND SPATIAL VARIATION IN COGNITION AND LANGUAGE USE

Elias de Souza Santos¹

RESUMO

A emergência de uma Geossociolinguística Cognitiva, um paradigma interdisciplinar que integra os princípios da Sociolinguística, da Geolinguística e da Linguística Cognitiva, desenvolvido na tese de doutorado de Santos (2021), representa um dos modelos mais recentes da Linguística Cognitiva. Seu objetivo é explorar as dimensões geosociocognitivas da variação e da mudança linguística, utilizando métodos empíricos quantitativos e robustos. Neste estudo, portanto, apresentam-se as razões da necessidade da emergente área, ainda que sinopticamente, mostrando sua inevitabilidade dentro do escopo da Linguística Cognitiva, os modos e os métodos de conciliar os aspectos “cognitivos”, “socioculturais” e “geoespaciais”. Como aplicação ao português apresenta-se um panorama de uma pesquisa sobre a variação onomasiológica conceptual dentro do domínio da sexualidade, mais especificamente dos órgãos genitais-sexuais feminino e masculino, fazendo usufruto de uma amostra sociodialetoológica representativa de 72 colaboradores inquiridos e residentes da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil, desde uma perspectiva do modelo de descrição linguística em tema.

PALAVRAS-CHAVE: Variação onomasiológica. Conceptualização. Categorização. Prototipicidade. Geossociolinguística Cognitiva.

ABSTRACT

The emergence of Cognitive Geosociolinguistics, an interdisciplinary paradigm that integrates the principles of Sociolinguistics, Geolinguistics and Cognitive Linguistics, developed in Santos' doctoral thesis (2021), represents one of the most recent models of Cognitive Linguistics. Its objective is to explore the geosociocognitive dimensions of linguistic variation and change, using quantitative and robust empirical methods. This study, therefore, presents the reasons for the need for this emerging area, albeit synoptically, showing its inevitability within the scope of Cognitive Linguistics, the ways and methods of reconciling the “cognitive”, “sociocultural” and “geospatial” aspects. As an application to Portuguese, an overview of a research on conceptual onomasiological variation within the domain of sexuality is presented, more specifically of the female and male genital-sexual organs, making use of a representative sociodialectological sample of 72 employees surveyed and residents of Chapada Diamantina, Bahia, Brazil, from the perspective of the linguistic description model in theme.

KEYWORDS: Onomasiological variation. Conceptualization. Categorization. Prototypicality. Cognitive Geosociolinguistics.

1. Anunciando algumas nótuas

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), percussores dos fundamentos empíricos para uma teoria da variação e mudança linguísticas em Sociolinguística, assumem que a variabilidade da

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT-XXIII), helyasouza@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1809-8312>.

linguagem reflete a estrutura social. Tal axioma foi admitido em obras seminais como as de Labov (1963) acerca da variação dos ditongos /aw/ e /ay/ na Ilha de Martha's Vineyard, localizada na costa nordeste da América do Norte e ainda no trabalho de Labov (1966) no tocante à estratificação social do inglês na cidade de New York, de Labov (2008 [1972]) quanto a uma introdução sistemática à Sociolinguística e da obra de Trudgill (1974) a respeito da diferenciação social do inglês em Norwich. Desde então, no contexto da fonologia e da morfossintaxe, passou-se a examinar, de maneira regular, as variedades linguísticas, caracterizadas como estruturadas e correspondentes a sistemas e subsistemas apropriados às necessidades de seus utentes (Chambers *et al.*, 2002).

Para além dos contextos fonológicos e morfossintáticos, segundo Robinson (2010), aspectos onomasiológicos e semasiológicos da estrutura linguística pouco têm se constituído tema central da pesquisa sociolinguística. Conquanto, vale anotar que outras áreas do conhecimento humano vieram explorando estes aspectos, ainda que não tenham se voltado para as questões da variação e mudança em uma abordagem variacionista, a exemplo dos estudos léxicos na esfera da Geografia de palavras e dos empréstimos linguísticos apontados no parágrafo que se segue.

Embora no âmbito da Geografia das palavras, tendo em vista os trabalhos de Orton *et al.* (1962), Upton e Widdowson (1999), e dos empréstimos, com os trabalhos de Poplack *et al.* (1988), estudos léxicos tenham sido realizados, a variação e a mudança onomasiológica, no sentido “laboviano”, só posteriormente passou a ser explorada em investigações como a de Boberg (2004). Outras tentativas obtiveram êxito ao investigarem a variação do significado; podem ser citadas em outros campos do conhecimento sobre a linguagem aquelas relacionadas aos paradigmas funcionais com os estudos de Hasan (1989, 1992, 2009) e aquelas relacionadas às estruturas de análise do discurso com os estudos de Cheshire (2007), Macaulay (2005, 2006), Stenström (2000), Tagliamonte e D’Arcy (2004) e Wong (2002, 2008).

Os resultados dessas investigações, anotadas no parágrafo precedente, segundo Robinson (2010), sugerem que a construção de significado se relaciona com aspectos sociodemográficos e que a mudança semântica pode ser motivada pelo desejo dos falantes, como objetivo de indexarem diferentes posições de sua identidade. Esses estudos recomendam que uma maior exploração da variação semântica pode apresentar boas consequências para a compreensão da variação linguística, visto que ela não é gratuita, mas regularmente estruturada em termos de fatores como a idade, sexo/gênero, escolaridade, localidade e classe social dos falantes, por exemplo. Esse achado é, para Robinson (2010), uma contribuição para as observações de outros pesquisadores que demonstraram que o entrincheiramento de categoriais conceptuais pode ser explicado em relação a fatores, a exemplo dos citados neste parágrafo.

Já a Linguística Cognitiva, por sua parte, como anotam Geeraerts e Cuyckens (2007), sempre concebeu o significado como o elemento mais importante da estrutura linguística. Ela considera que a estrutura semântica espelha de maneira flexível as percepções dos falantes, adaptando-se à interação deles com uma realidade física e cultural. Nessa conjuntura, era de se esperar que a variação

do significado estivesse regularmente na agenda de estudos da Linguística Cognitiva. Por certo, no domínio desta estrutura, de modo especial, no âmbito da Linguística de *Corpus*, a variação do significado léxico foi investigada por Gries (2006), Divjak (2006), Gries e Divjack (2009) e Beeching (2005), assim como no âmbito da pesquisa sociocognitivista, que buscava compreender a estrutura da variação léxica relacionada a fatores extralinguísticos, a exemplo do estudo de Geeraerts, Grondelaers e Bakema (1994) a respeito da variação onomasiológica no contexto de desenvolvimento dialetal.

Ambas disciplinas – a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva – desde um viés teórico, concordam com a premissa de que o significado possui uma natureza variável, ainda que, na prática, os aspectos semânticos tenham sido explorados em extensões distintas em uma e outra vertente. Por um lado, na Sociolinguística, existem poucos métodos estabelecidos para poder tratar, de maneira específica, da socio-semântica. Por outro lado, na Semântica Cognitiva, afirmações são frequentemente feitas desde um viés qualitativo e introspectivo, ainda que “[...] só mais recentemente tem se voltado para a abordagem quantitativa de dados linguísticos reais” (Ferrari, 2016, p. 137). Do mesmo modo, “[...] abordagens sociolinguísticas baseadas no uso que considerem as diferenças individuais de fala ainda são relativamente infrequentes”². (Robinson, 2010, p. 87, tradução nossa).

A Sociolinguística e a Linguística Cognitiva pouco têm se beneficiado dos legados uma da outra. Assim, partindo do intercruzamento teórico-metodológico entre ambas áreas, este texto aborda a variação léxica de contextos em situações reais de uso, especificamente, a quantidade de variação que um conceito pode apresentar em articulação com fatores sociais, culturais e cognitivos. Esse tipo de variação é, para Geeraerts, Grondelaers e Bakema (1994), Geeraerts (2018), entre outros, concebida como o número de palavras ou expressões distintas que existem para se referir a um conceito particular. É importante anotar que a quantidade de variação léxica pode diferir, de maneira notável, entre os distintos conceitos. Para mais, investigaram-se os fatores que explicam tais diferenças entre conceitos.

Por outra parte, os estudos geolinguísticos têm mostrado a variação no âmbito do léxico. Estritamente, a variação léxica pode ser interpretada em termos de aspectos lectais³, como a localização territorial do falante. A título de exemplo, para alguns conceitos, outras variantes podem estar disponíveis dependendo da formação dos usuários da língua; falantes da região norte do Brasil, citando caso parecido, preferem o item léxico *peteca*, no tempo em que o item léxico *bola de gude/bolinha de gude* é mais constantemente usado por falantes da região sul do país para se referirem às pequenas esferas de vidro com que os meninos gostam de brincar (Cardoso *et al.*, 2015). Ainda assim, estudos pilotos, como os de Geeraerts e Speelman (2010), Speelman e Geeraerts (2007, 2008), têm demonstrado que as características semânticas (a saber, características que dizem respeito à organização prototípica do léxico), concernentes ao significado do conceito para o qual as variantes são

² Do original: “[...] usage-based sociolinguistic approaches that consider individual speech differences are still relatively infrequent”.

³ O termo *lectais* é compreendido neste estudo como sendo o conjunto de “dialetos, variedades nacionais, socioletos, registros, estilos, idioletos” (Silva, 2012, p. 16).

utilizadas, influenciam o número de itens disponíveis, isto é, afetam significativamente a diversidade léxica. Como o escopo deste estudo tem limites definidos, não se pode sistematizar os resultados de outros aspectos da relação entre diversidade léxica e sentido, em sua forma mais ampla.

A face do exposto, Santos (2021) propôs a emergência de uma Geossociolinguística Cognitiva como uma proposta interdisciplinar que integra os princípios da Sociolinguística, da Geolinguística e da Linguística Cognitiva, visando a uma compreensão mais abrangente da variação e mudança linguísticas. A Sociolinguística, conforme os estudos pioneiros de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), demonstra que a variação linguística é sistemática e reflete a estrutura social, sendo influenciada, exemplificadamente, por fatores como classe, gênero e localidade. Já a Geolinguística, com trabalhos como os de Orton *et al.* (1962) e Cardoso *et al.* (2015), evidencia como a distribuição espacial das variantes lexicais e fonéticas está ligada a identidades regionais e dinâmicas culturais. Ao incorporar a Linguística Cognitiva, que concebe o significado como flexível e enraizado em experiências culturais e corporificadas (Geeraerts; Cuyckens, 2007), essa abordagem amplia a análise para incluir não apenas como as variantes se distribuem social e geograficamente, mas também por que certos conceitos apresentam maior diversidade lexical, considerando fatores cognitivos como prototipicidade e saliência conceitual.

Essa perspectiva integradora permite explorar a variação onomasiológica – a escolha de diferentes itens léxicos para um mesmo conceito – como um fenômeno multideterminado, influenciado por fatores sociais (como estratificação e identidade), geográficos (como contato dialetal e fronteiras regionais) e cognitivos (como categorização e entrincheiramento semântico). Estudos como os de Geeraerts, Grondelaers e Bakema (1994) e Robinson (2010) mostram que a diversidade lexical não é aleatória, mas correlaciona-se com a interação entre percepções culturais, necessidades comunicativas e restrições cognitivas. Por exemplo, a preferência regional por *peteca* *versus* *bola de gude* no Brasil (Cardoso *et al.*, 2015), anteriormente assinalada, pode ser explicada não apenas por trajetórias históricas de contato linguístico (Geolinguística), mas também por processos de indexação identitária (Sociolinguística) e por graus de convencionalização cognitiva (Linguística Cognitiva). Assim, a Geossociolinguística Cognitiva propõe um modelo teórico-metodológico unificado, capaz de articular a variação linguística em suas dimensões espaciais, sociais e mentais, superando as lacunas deixadas por abordagens isoladas.

Na prática, com este estudo, examinou-se o efeito de determinados aspectos lexicais em uma variedade dialetológica do português falado no Território de Identidade denominado Chapada Diamantina, localizado entre a porção centro sul e centro oeste do interior da Bahia, Brasil, que serviram como ponto de partida, por serem lectos caracterizados por uma vasta quantidade de variantes léxicas estratificadas geograficamente.

Em outras palavras, tomou-se como objeto observacional de investigação conceitos léxicos pertencentes ao domínio da sexualidade, notadamente, conceitos que se referem aos órgãos genitais-sexuais feminino e masculino, a exemplo de *pênis* e *vagina*, com o intuito de compreender

como os falantes conceptualizam determinados conceitos com diferentes graus de prototipicidade, bem como as estratégias semânticas que elegem para tais conceitos, dado que as preferências que eles fazem no discurso não são aleatórias, mas que revelam padrões de usos conexos com aspectos nem sempre linguísticos, mas também contextuais, geossociais e culturais (Geeraerts; Grondelaers; Bakema, 1994). Isso significa dizer que a análise buscou determinar o poder indexal da variação semântica na expressão de itens léxicos através da interpretação de resultados alcançados a partir de uma abordagem quantitativa do *corpus*, como se verá, a seguir.

2. Aspectos teóricos, metodológicos e análise geossociolinguística-cognitiva dos resultados

Quando se pretende realizar análises estatísticas de dados, notadamente, multivariadas, de regressão logística, idealmente, elas devem ser precedidas de gráficos e análises exploratórias, a exemplo de testes de qui-quadrado, como assevera Oushiro (2017). O teste de qui-quadrado serve para aferir, de maneira quantitativa, o resultado de um experimento e a distribuição esperada para o fenômeno em estudo. À face disso, foram depreendidas da amostra de análise 480 ocorrências, 264 itens léxicos caracterizados por uma menor saliência, sendo entendidos, neste estudo, como ‘menos prototípicos’, o que resulta em 55% de seus usos, frente a 216 de itens léxicos tipificados como ‘mais prototípicos’, dado a uma maior saliência, o que equivale a um percentual de 45% de seus usos, como se observa na tabela 1, em seguida.

Tabela 1: Frequências das ocorrências de itens léxicos ‘menos prototípicos’ e itens léxicos ‘mais prototípicos’

Variantes	Itens léxicos menos prototípicos	Itens léxicos mais prototípicos	Total
N	264	216	480
%	55	45	100

Fonte: Elaboração do autor

Além da produção de gráficos, para cada uma das variáveis preditoras (independentes), aqui não exportados, submeteram-se os dados a testes de qui-quadrado, a fim de avaliar os resultados e a distribuição do fenômeno em investigação, como anteriormente assinalado. Destarte, os resultados obtidos, por meio dos valores-p, para cada preditor, com os testes aplicados, podem ser visualizados na tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Resultado dos testes de qui-quadrado para as variáveis sociais e conceptual

Variáveis		Mais prototípico		Menos prototípico		Valor-p
		N	%	N	%	
Sexo	Homem	133	28	110	23	0.978
	Mulher	131	27	106	22	
Faixa etária	Um	101	21	108	23	0.02991
	Dois	89	19	63	13	
	Três	74	15	45	09	
Localidade	Central	96	20	93	19	0.02653
	Norte	87	18	80	17	
	Sul	81	17	43	09	
Sexo a que se refere o conceito	Feminino	96	20	134	28	3.596e-08
	Masculino	168	35	82	17	

Fonte: Elaboração do autor

Os resultados da tabela 2 indicam que não há correlação entre a variável resposta e a variável preditora sexo, pois o Valor-p, neste caso, é maior que 0.05, o que significa que não houve nenhuma diferença significativa, dado que a probabilidade de se obter um valor da estatística de teste como o observado é muito improvável. Conquanto, as variáveis faixa etária, localidade e sexo a que se refere o conceito apresentaram correlações com a variável resposta, exibindo valores-p significativos, anotados em negrito.

Além dos testes de qui-quadrado, foram também realizados testes de regressão logística. Estes testes são feitos quando se tem uma variável resposta (ou dependente) nominal binária e variáveis preditoras (ou independentes), podendo incluir mais de uma variável preditora no modelo, diferente dos testes de qui-quadrado que só permitem a inclusão de apenas uma por vez. Com efeito, o interesse nas análises de regressão logística estar em “[...] verificar o efeito simultâneo de múltiplas variáveis previsoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prevê o comportamento da variável resposta” (Oushiro, 2017, p. 182).

Dito de outro modo, a análise de regressão logística é o procedimento adequado para atender os requisitos postos. Ela é uma abordagem de modelagem matemática que pode ser usada para testar hipóteses sobre a relação de várias variáveis preditoras sobre variáveis respostas binárias (cf. Hosmer; Lemeshow, 1989; Kleinbaum, 1994; Tabachnick; Fidell, 2001; Baayen, 2008; Gries, 2013; Levshina, 2015; Oushiro, 2017; entre outros). Para mais, fornece informações sobre a variação – percentuais para os quais uma variável é explicada pelas variáveis resposta –, sendo também usada para determinar a importância de variáveis preditoras. Neste estudo, a regressão logística foi empregada para avaliar o efeito de fatores sociodemográficos e conceptuais sobre o uso de itens léxicos, cujos usos os caracterizam como ‘mais prototípicos’ ou ‘menos prototípicos’.

O trabalho com regressão logística compreende o *design* de uma infinidade de modelos distintos para comparar seu poder preditivo e a quantidade de variação que podem explicar. Esse exercício envolve revisão na codificação, por exemplo, recodificando variáveis, a fim de adicionar ou remover níveis, diferentes variáveis e interações, até que se chegue a um modelo satisfatório, conforme uma série de parâmetros de diagnóstico. Para as funções de regressão logística com efeitos fixos, como *glm* e *rlm* no R, há um número considerável de métodos automáticos que auxiliam na seleção do modelo mais explicativo; diferente da função de efeitos aleatórios *glmer*.

Salienta-se que a seleção de um modelo de efeitos mistos adequado para os dados estudados requer do desenho prévio de um dos modelos de efeitos fixos (principais e com interações). Inicialmente, é necessário verificar se as variáveis não incorrem em multicolinearidade, isto é, quando as variáveis preditoras do modelo estão relacionadas a um mesmo efeito. Uma vez comprovado o pressuposto da não multicolinearidade, em um modelo inicial, introduzem-se todas as variáveis principais e todas suas possíveis interações, submetendo-o a uma seleção automática, baseada no critério de *Akaike* (AIC). Esse procedimento é bastante útil quando se quer eliminar variáveis menos explicativas, gradualmente, até chegar a um modelo parcimonioso e que apresente o menor valor AIC.

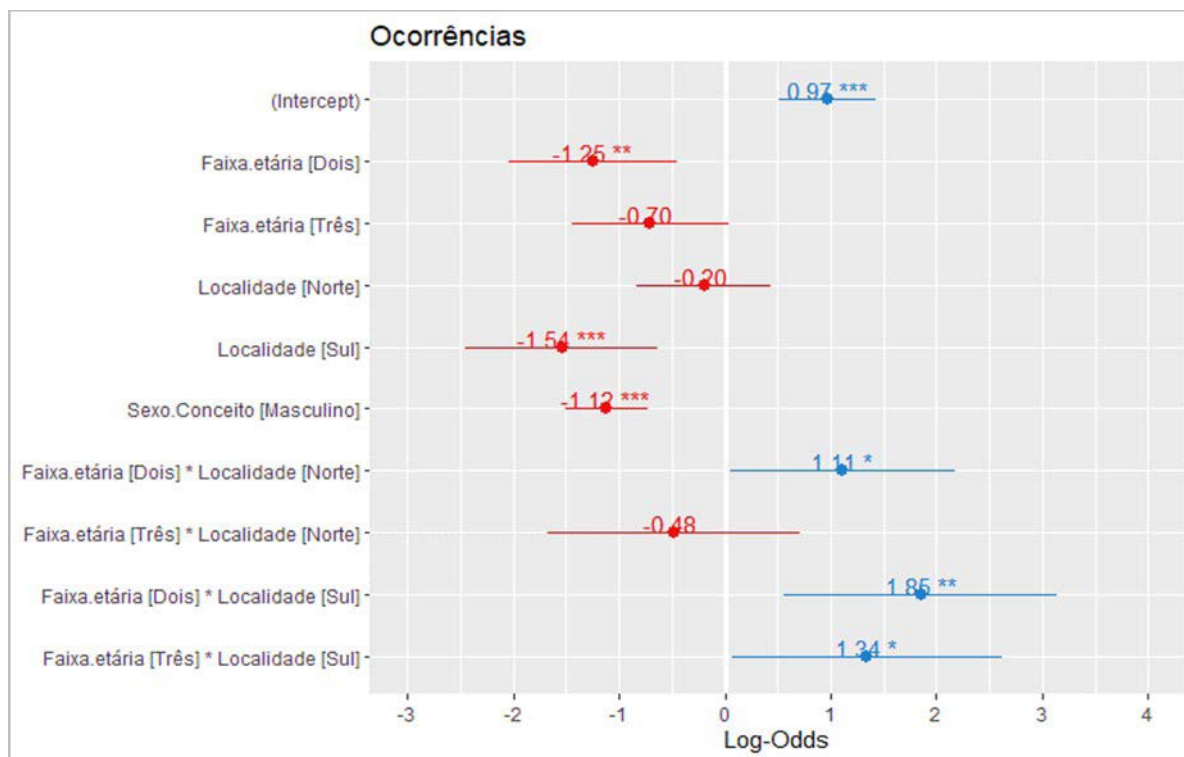
Uma vez aplicadas estas etapas à amostra de análise, neste estudo, incorporaram-se os efeitos aleatórios, observando que o modelo com esses efeitos não convergiu, não sendo, portanto, aqui exportado, selecionando o modelo com interações como sendo o mais explicativo. Na tabela 3, pode-se visualizar o aprimoramento do modelo, desde sua forma básica, com as variáveis preditoras e sem interações, até o modelo mais explicativo da variação onomasiológica conceptual de itens léxicos referentes aos órgãos genitais-sexuais feminino e masculino.

Tabela 3: Comparação entre modelos de regressão logística com efeitos principais, com interações e com efeitos mistos (conforme AIC, C, Dxy e R²)

Modelo	AIC	C	Dxy	R ²
Efeitos principais	629.03	0.679	0.358	0.121
Efeitos principais mais interações	620.93	0.700	0.400	0.156
Efeitos mistos	--	--	--	Não convergiu

Fonte: Elaboração do autor

O modelo final inclui todas as variáveis preditoras, exceto ‘Sexo.Gênero’ que não apresentou significância estatística. Isso indica que não há diferenças entre homens e mulheres quanto aos usos variáveis do fenômeno em foco. Ademais, as outras variáveis preservadas no modelo demonstraram significâncias como efeitos principais e em interações. As importâncias relativas das ditas variáveis, incluindo as interações, podem ser vistas na figura 1, em seguida.

Figura 1: Importância dos preditores fixos inclusos no modelo final

Fonte: Elaboração do autor

Como pode ser visto, a figura 1 apresenta todos os efeitos com o intervalo de confiança, com os asteriscos representando o grau de significância estatística de cada efeito (efeito negativo em vermelho e efeito positivo em azul). Logo, o uso de itens léxicos ‘menos prototípicos’ (variante observada) foi favorecido pela interação entre faixa etária e localidade e desfavorecido pela localidade, faixa etária e sexo a que se refere o conceito. O modelo não encontrou um efeito para o sexo do falante, como dito anteriormente. Na figura, o Intercepto (Intercept) representa a Faixa.etária[Um], a Localidade[Central], o Sexo.Conceito[Feminino], a Faixa.etária[Um]*Localidade[Norte] e a Faixa.etária[Um]*Localidade[Sul]. Uma vez sumarizado os detalhes para seleção do modelo, explicam-se, na sequência, os resultados da regressão logística.

A aplicação das funções *glm* e *lrm* no R (R Core Team, 2020) proporcionou a tabela 4 de resultados, logo mais apresentada, cujos valores em *Log-Odds* foram exibidos na figura 1. Os valores proporcionados pela regressão ilustram quais preditores influenciam significativamente sobre a variável resposta: itens léxicos mais prototípicos e itens léxicos menos prototípicos. Concretamente, tomou-se o primeiro nível como base (mais prototípico), a fim de calcular o efeito dos níveis (ou mesmo regressores) de cada preditor sobre o resultado ‘menos prototípico’.

Tabela 4: Resultado da análise de regressão logística com interações

	Estimativa	Erro Padrão	Valor Z	Significância (p)
(Intercepto)	0.9708	0.2365	4.104	4.06e-05 ***
Faixa.etáriaDois	-1.2464	0.4033	-3.090	0.00200 **
Faixa.etáriaTrês	-0.7043	0.3811	-1.848	0.06461 .
LocalidadeNorte	-0.1980	0.3210	-0.617	0.53728
LocalidadeSul	-1.5441	0.4672	-3.305	0.00095 ***
Sexo.Refere.ConceitoMasculino	-1.1194	0.1976	-5.666	1.46e-08 ***
Faixa.etáriaDois:LocalidadeNorte	1.1144	0.5399	2.064	0.03903 *
Faixa.etáriaTrês:LocalidadeNorte	-0.4803	0.6075	-0.791	0.42921
Faixa.etáriaDois:LocalidadeSul	1.8526	0.6588	2.812	0.00492 **
Faixa.etáriaTrês:LocalidadeSul	1.3383	0.6504	2.057	0.03964 *
Signif. codes: 0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1				

Fonte: Elaboração do autor

Ainda que a figura 1 espelhe parte dos resultados da tabela 4, fez-se o exercício de descrevê-la, com o objetivo de compartilhar maneiras de como exportar os resultados de uma regressão logística. Na coluna Estimativa é exibido o logaritmo da probabilidade de que uma ocorrência seja ‘menos prototípica’ quando os valores listados na coluna da esquerda são dados frente aos que estão omitidos (que são a base do Intercepto), ao mesmo tempo em que se controla as demais variáveis. Nesta análise, os valores positivos, na coluna Estimativa, sinalizam que o preditor favorece o uso da variante ‘menos prototípica’, o que significa que os resultados do modelo são lidos em termos do que aumenta ou diminui a probabilidade de ocorrência dessa variante.

Vale lembrar que o modelo se configura como uma equação do 1º grau, cuja notação matemática é $y = a + bx$, em que o Intercepto está relacionado com o coeficiente linear do modelo, ou seja, ao valor de y no momento em que x é igual a zero. A segunda coluna referente ao Erro Padrão apresenta “[...] a medida da precisão das previsões: quanto menor esse valor, maior é o grau de precisão do modelo” (Oushiro, 2017, p. 135). O Valor-Z representa o resultado da razão entre a estimativa e o erro padrão e a Significância ou Valor-p é a probabilidade de ter observado um assentado resultado se, porventura, a hipótese nula for verdadeira, ou seja, se não houver diferenças significativas entre as variantes que compõem cada uma das variáveis preditoras do modelo, em caso contrário, ter-se-ia uma hipótese alternativa, resultado da negação da hipótese nula.

Voltando aos resultados do modelo apresentado na tabela 4, nota-se que a variante ‘menos prototípica’ correlaciona-se com a faixa etária, a localidade e o sexo a que se refere o conceito. A primeira linha da tabela, para o regressor ‘Faixa.etáriaDois’, indica um efeito significativo. O modelo prevê que o logit seja -1.2464 maior para a ‘Faixa.etáriaDois’ do que para a ‘Faixa.etáriaUm’ e ‘Faixa.etáriaTrês’. Esse resultado, no que lhe toca, não confirma a hipótese inicial, a de que a faixa etária mais jovem apresentaria uma maior proporção de uso de itens léxicos ‘menos prototípicos’ do que os falantes da faixa etária intermediária e da faixa etária mais velha, demonstrando uma mudança em progresso.

A segunda variável atingiu significância estatística para a ‘LocalidadeSul’. Os residentes da localidade sul e norte, ainda que este segundo regressor não tenha atestado significância, preferem fazer uso de itens léxicos ‘mais prototípicos’ do que aqueles falantes habitantes da localidade central. Para este preditor a hipótese de que os falantes tanto da Chapada Norte quanto da Chapada Sul tenderiam a utilizar itens léxicos mais prototípicos, dado as suas conjunturas históricas e sociais de formação, é confirmada.

O preditor ‘SexoRefereConceito’ também atestou significância estatística. Frente ao sexo a que se refere o conceito, o masculino, nos usos pelos falantes, é mais proeminente em estruturas ‘mais prototípicas’ do que para o conceito referente ao sexo feminino para estas mesmas estruturas. A hipótese aqui também se confirma, visto que se esperava haver uma tendência para uma menor prototipicidade na expressão de itens léxicos referentes ao órgão genital-sexual feminino e, por outro lado, a inversão deste padrão para a expressão de itens léxicos referentes ao órgão genital-sexual masculino.

Finalmente, a faixa etária em interação com a localidade inverte a tendência desses últimos fatores. Ao todo, os itens léxicos referentes aos órgãos genitais-sexuais feminino e masculino são frequentemente usados como estruturas léxicas ‘menos prototípicas’ por falantes da faixa etária dois, residentes das localidades norte e sul e falantes da faixa etária três da localidade sul.

Em síntese, o modelo de regressão logística confirmou algumas hipóteses iniciais sobre quais fatores favoreciam o uso de itens léxicos ‘menos prototípicos’ e ‘mais prototípicos’ na conceptualização de órgãos genitais-sexuais feminino e masculino, a saber: a de que falantes das localidades norte e sul tenderiam a usar itens léxicos mais prototípicos e a de que haveria uma tendência para uma menor prototipicidade na expressão de itens léxicos referentes ao órgão genital-sexual feminino em oposição ao órgão genital-sexual masculino. Ademais, não foi possível observar tendências pessoais para cada falante, visto que o modelo com variáveis aleatórias, a exemplo do informante, não convergiu, no entanto, foi possível verificar a emergência de tendências de variação social que sobreatuam pela variação individual, a exemplo da faixa etária e da localidade em interação, as quais favorecem os usos de estruturas ‘menos prototípicas’.

3. Algumas nótulas finais e uma para além delas

Ao longo das seções precedentes, buscou-se contribuir com os estudos da variação semântica de itens léxicos que denominam partes do corpo humano associadas ao sexo, mais especificamente, da variação onomasiológica conceptual de expressões referentes aos órgãos genitais-sexuais feminino e masculino, cujos usos apresentam graus de saliência “mais prototípicos” ou “menos prototípicos”, concebendo uma perspectiva sociolinguístico-cognitiva. A fim de verificar se fatores sociais e conceptuais condicionavam a variação dos ditos itens léxicos, levantou-se alguns objetivos para a proposta de investigação, cujos direcionamentos tendiam para uma melhor compreensão da variação interna da linguagem na comunidade de fala analisada neste estudo.

Levou-se a cabo uma análise para investigar o significado potencial de conceitos relacionados aos órgãos genitais-sexuais, o qual permite estudar a natureza experiencial do significado em sua

esfera corporal, mas também social, visto que a experiência do corpo é culturalmente construída. Esse exame se dedicou a apreender as preferências dos falantes por estruturas “mais prototípicas” e “menos prototípicas” em relação com fatores sociais, como o sexo e a faixa etária, espacial, como a localidade e conceptual, como o sexo a que se refere o conceito. Mediante modelo de regressão logística, os resultados da análise permitiram responder algumas das questões levantadas para o estudo. De início, observou-se que, para além da variação individual, existem padrões sociais que condicionam a expressão de itens léxicos “mais prototípicos” e “menos prototípicos, a exemplo da faixa etária, da localidade e do sexo a que se refere o conceito.

Em síntese, por meio do estudo empreendido, pôde-se chegar a uma conclusão importante: no que diz respeito à variação dos itens léxicos analisados, pôde-se afirmar que nem todos os fatores sociais e conceptuais são igualmente produtivos desde um ponto de vista sociolinguístico, visto que foi possível constatar tal assertiva mediante análise estatística das ocorrências, conquanto, não se pode duvidar de que a variação semântica é flexível em termos de informações sociais e conceptuais. Ademais, notou-se que as escolhas entre estruturas “mais prototípicas” e “menos prototípicas”, feitas pelos falantes, refletem escolhas discursivas distintas, nos seus atos de fala, que estão relacionadas com suas ideologias e identidades, nos processos de interação, na comunidade linguística a que pertencem.

A relevância deste estudo, centrado no nível onomasiológico conceptual, pode ser estendida, a princípio, a qualquer fenômeno de variação semântica. Trata-se de uma proposta original, estabelecida no seio da Geossociolinguística Cognitiva, cujos aportes estão sendo constituídos. É um modelo bastante lógico, para seu estágio inicial, que, porventura, ainda permitirá inúmeros avanços, dado a sua predisposição para a interdisciplinaridade. Vale reiterar que não é uma proposta radicalmente nova, pois já existem algumas abordagens que convergem para o seu desenvolvimento, no entanto, o que distingue este trabalho de tantos outros é a reflexão que se fez de como o estudo da variação semântica pode contribuir para a apreensão do significado da variação e a variação do significado, pois o modelo em foco, não essencialista e interdisciplinar, combinado a um desenho metodológico quantitativo, consegue abordar com sucesso fenômenos de significado que não se identificam bem com estruturas menos flexíveis.

Algumas são as possibilidades que se colocam para estudos futuros, que se veja:

- 1) Contrastar os resultados deste estudo, por exemplo, com outros já realizados em *corpus* e corpora não elicitados (material escrito), a fim de observar as convergências e divergências entre eles;
- 2) Verificar a criatividade linguística na linguagem cotidiana em sua comparação com a criatividade em textos literários, em particular sobre a temática da sexualidade;
- 3) Observar se existe correspondência entre os usos léxicos e estratégias no nível semântico, em distintas comunidades linguísticas, em relação com fatores sociais, conceptuais e contextuais;
- 4) Ampliar o estudo a outros níveis que não apenas o conceptual, tais como o semasiológico e onomasiológico formal, com o propósito de se obter uma perspectiva global sobre os fatores que condicionam a seleção onomasiológica;

- 5) Examinar conceitos que estejam relacionados com a esfera da sexualidade, a exemplo da homossexualidade, da prostituição, das práticas sexuais, do erotismo, da pornografia, do desejo etc.;
- 6) Constituir bancos de dados elicitados sobre sexualidade, inexistentes e complexos para sua composição, dada a interdição que recai sobre essa temática; e
- 7) Tratar de outros fenômenos, em vários níveis da língua, usando os fundamentos teóricos e metodológicos da Geossociolinguística Cognitiva.

Postos os resultados obtidos ao longo deste texto seria até paradoxal falar de considerações finais neste momento, pois, considera-se, este, um trabalho em curso que deixa como nota, antes de seu ponto final, que a variação semântica é um espaço que goza de privilégio por permitir que se possa examinar o significado social de inúmeras conceptualizações do ambiente que circunda os sujeitos humanos, especialmente, no âmbito da sexualidade, atividade humana que está vinculada às emoções, às frustrações, os desejos, ao prazer próprio e do outro, ao gozo e às ideologias, desenvolvendo facetas que estão ligadas profundamente à história pessoal de cada indivíduo e de seu povo.

Referências

- BAAYEN, H. *Analysing Linguistic Data: A Practical Introduction to Statistics Using R*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BEECHING, K. Politeness-induced semantic change: the case of *quand même*. *Language Variation and Change*, v. 17, pp. 155-180, 2005.
- BOBERG, C. Ethnic patterns in the phonetics of Montreal English. *Journal of Sociolinguistics*, v. 8, n. 4, pp. 538-568, 2004.
- CARDOSO, S. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*, v. I e II. Londrina: EDUEL, 2015.
- CHAMBERS, J. K. et al. (ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Handbooks in Linguistics. Malden, Mass.; Oxford: Blackwell Publishers, 2002.
- CHESHIRE, J. Discourse variation, grammaticalisation and stuff like that. *Journal of Sociolinguistics*, v. 11, n. 2, pp. 155-193, 2007.
- DIVJAK, D. *Ways of intending*: delineating and structuring near synonyms. *Corpora in Cognitive Linguistics: Corpus-Based Approaches to Syntax and Lexis*. S. T. Gries and A. Stefanowitsch. Berlin, Mouton de Gruyter, 2006.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GEERAERTS, D.; GRONDELAERS, S.; BAKEMA, P. *The Structure of Lexical Variation: Meaning, and Context*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1994.
- GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: University Press, 2007.

GEERAERTS, D.; SPEELMAN, D. Heterodox concept features and onomasiological heterogeneity in dialects. In: GEERAERTS, D.; KRISTIANSEN, G.; PEIRSMAN, Y. (ed.), *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010, pp. 23-39.

GEERAERTS, D. *Ten Lectures on Cognitive Sociolinguistics*. Leiden: Brill, 2018.

GRIES, S. T. *Corpus-based methods and cognitive semantics: The many senses of run*. Corpora in Cognitive Linguistics: Corpus-Based Approaches to Syntax and Lexis. S. T. Gries and A. Stefanowitsch. Berlin, Mouton de Gruyter, 2006.

GRIES, S. T.; DIVJAK, D. *Behavioural profiles: A corpus-based approach to cognitive semantic analysis* New Directions in Cognitive Linguistics. V. Evans and S. S. Pourcel. Amsterdam: Benjamins, 2009, pp. 57-75.

GRIES, S. T. *Statistics for Linguistics with R: A Practical Introduction*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2013.

HASAN, R. Semantic variation and sociolinguistics. *Australian Journal of Linguistics* v. 9, pp. 221-275, 1989.

HASAN, R. *Meaning in sociolinguistic theory Sociolinguistics Today: International Perspectives* K. Bolton and H. Kwok. London: Routledge, 1992.

HASAN, R. *Semantic Variation: Meaning in Society and in Sociolinguistics*. The Collected Works of Ruqaiya Hasan. Collected Works of Ruqaiya Hasan. London, Equinox, 2009.

HOSMER, D. W.; LEMESHOW, S. *Applied Logistic Regression*. New York: John Wiley and Sons, 1989.

KLEINBAUM, D. *Logistic Regression: A Self-Learning Text*. New York: Springer, 1994.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. *Word*, v. 19, pp. 273-309, 1963.

LABOV, W. The linguistic variable as a structural unit. *Washington Linguistics Review*, v. 3, pp. 4-22, 1966.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEVSHINA, N. *How to do linguistics with R: data exploration and statistical analysis*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

MACAULAY, R. K. S. *Talk that counts: age, gender, and social class differences in discourse*. New York; Oxford: Oxford University Press, 2005.

MACAULAY, R. K. S. Pure grammaticalization: The development of a teenage intensifier. *Language Variation and Change*, v. 18, n. 3, pp. 267-283, 2006.

ORTON, H. et al. (ed.). *Survey of English Dialects*. Leeds: Arnold, 1962.

OUSHIRO, L. *Introdução à Estatística para Linguistas*. (1.0.0) Zenodo, 2017. DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.822070>.

POPLACK, S. et al. The social correlates and linguistic processes of lexical borrowing and assimilation. *Linguistics*, v. 26, pp. 47-104, 1988.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2020. URL: <http://www.R-project.org/>.

ROBINSON, J. A. Awesome insights into semantic variation. In: GEERAERTS, G.; KRISTIANSEN, G.; PIERSMAN, Y. (ed.). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010, pp. 85-109.

SANTOS, E. de S. *Recortes do português diamantino: um estudo sobre a variação léxica da categoria órgãos genitais-sexuais à luz da Geossociolinguística Cognitiva*. 2021. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, 2021.

SPEELMAN, D.; GEERAERTS, D. De structuur van lexicale onzekerheid. *Taal en Tongval*, Theme number 20, pp. 47-61, 2007.

SPEELMAN, D.; GEERAERTS, D. The role of concept characteristics in lexical dialectometry. *International Journal of Humanities and Arts Computing*, v. 2, n. 1-2, pp. 221- 242, 2008.

STENSTRÖM, A. B. *It's enough funny, man*: Intensifiers in teenage talk. *Corpora Galore: Analyses and Techniques in Describing English*. J. M. Kirk. Amsterdam: Rodopi, 2000, pp. 177-190.

TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S. *Using Multivariate Statistics*. Boston: Allyn and Bacon, 2001.

TAGLIAMONTE, S. A.; D'ARCY, A. He's like, she's like: The quotative system in Canadian youth. *Journal of Sociolinguistics*, v. 8, n. 4, pp. 493-514, 2004.

TRUDGILL, P. J. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

UPTON, C.; WIDDOWSON, J. D. A. *Lexical Erosion in English Regional Dialects*. Sheffield: The University of Sheffield, 1999.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia L. Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WONG, A. *The Semantic Derogation of Tongzhi: A Synchronic Perspective*. *Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice*. K. Campbell-Kibler, R. Podesva, S. J. Roberts and A. Wong. Stanford, California: CSLI, 2002, pp. 161-174.

WONG, A. On the actuation of semantic change: The case of tongzhi. *Language Sciences*, v. 30, n. 4, pp. 423-449, 2008.

GENDER AND NOMINAL CLASSIFIERS: CONGRUENCES AND CONTRASTS BETWEEN BRAZILIAN PORTUGUESE AND YORUBA

*GÊNERO E CLASSIFICADORES NOMINAIS: CONGRUÊNCIAS E CONTRASTES ENTRE
O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O IORUBÁ*

Rodolfo Borer Parpinelli¹

ABSTRACT

This study investigates the mechanisms of gender marking and nominal classification in Brazilian Portuguese and Yoruba in Brazil. The main objectives of this study are to compare the morphosyntactic structures of both languages and to understand the sociocultural influences that emerge from the interrelation of both languages, especially in Afro-Brazilian religious contexts. The research inquiries center on the functioning of gender traits and nominal classifiers in each language, the similarities and differences between the systems, and the impact of language contact on these processes. The findings reveal significant disparities in gender marking, inflection, plural formation, and resemblances in morphosyntactic structure. Furthermore, the analyses emphasize the significance of semantic context in the Yoruba classification system and the rigidity of gender marking in BP. This interdisciplinary approach contributes to broader discussions on language use, contact, variation, change, nominal classification, linguistic structure, and typology by unraveling the intricate details of gender characteristics in lexical items of African origin introduced and adapted into the Brazilian vernacular.

KEYWORDS: Brazilian Portuguese. Yoruba. Comparative analysis. Gender features. Nominal classifiers.

RESUMO

Este estudo investiga os mecanismos de marcação de gênero e classificação nominal no português brasileiro (PB) e no iorubá. Os principais objetivos desse estudo são comparar as estruturas morfossintáticas dessas línguas e entender as influências socioculturais que emergem da inter-relação de ambas as línguas, especialmente em contextos religiosos afro-brasileiros. As questões da pesquisa se concentram no funcionamento dos traços de gênero e dos classificadores nominais em cada idioma, nas semelhanças e divergências entre os sistemas e no impacto do contato linguístico nesses processos. Os resultados revelam diferenças significativas na marca de gênero, na inflexão e formação de plural, bem como semelhanças na estrutura morfossintática e na integração linguística. Ademais, as análises enfatizam a importância do contexto semântico no sistema de classificação iorubá e a natureza rígida da marcação de gênero do PB. Esta abordagem interdisciplinar contribui para discussões mais amplas sobre o uso da linguagem, contato, variação, mudança, classificação nominal, estrutura e tipologia linguística ao desvendar as complexidades das características de gênero em itens lexicais de origem africana incorporadas e adaptadas ao vernáculo brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Português brasileiro. Iorubá. Análise comparativa. Traços de gênero. Classificadores nominais.

1. Introduction

The aim of this paper is to discuss how gender features are placed in noun phrases in Brazilian Portuguese in contrast to Yoruba and how some lexical entries incorporated into the Brazilian

¹ Universidade de São Paulo (USP), rodolfo.parpinelli@usp.br, <https://orcid.org/0009-0003-2963-8366>.

vernacular, derived from the merging of both languages, apply such patterns to better understand gender marking behaviors cross-linguistically by means of comparative analysis. This proposal seeks to work in an interdisciplinary fashion by integrating empirical-methodological foundations from various linguistic frameworks to better interpret the behavior of certain linguistic phenomena such as gender features as a nominal category or classifier. In order to comprehend these linguistic mechanisms, it is essential to adopt a holistic theoretical-methodological perspective that integrates Distributed Morphology framework (Halle and Marantz, 1993), henceforth DM, focusing on the interaction between morphology and syntax, providing tools to analyze the structure of words and their components in intersection with language contact and change taken under the variationist sociolinguistics theory (Labov, 1973), investigating how languages influence each other through contact and vary leading to changes in their structure and usage, and how these elements evolve over time and across different linguistic environments; and lastly with typology linguistics on classification systems (Grinevald, 2000, 2004, 2015), offering a comprehensive framework for categorizing and comparing these systems across languages.

In this respect, it seeks a basis for hypothesizing whether gender marking is a formal, semantic, or arbitrary phenomenon, as well as an idiosyncratic feature of natural languages in their use, contact, variation, and change throughout the history and evolution of languages and societies. The empirical/analytical problem addressed in this study revolves around understanding and contrasting gender-marking behaviors in noun phrases, henceforth *nPs*, originating in the parlance of ethnic social groups, especially in the state of Bahia, in northeastern Brazil, as the epicenter of slavery in the Americas, as well as a multidimensional cultural product born of the African diaspora². With the entry of Africans into Brazil during the colonial period, a confluence of languages began in these lands, due to the linguistic differences between African ethnic groups, the Portuguese colonizers, and the multiple indigenous languages that already existed here. The presence of African languages and cultures in the process of building Brazilian society since the colonial period has had a definitive impact on the Portuguese language. Among the countless African linguistic groups that arrived here, the Yoruba were the ones that most influenced the language of the Portuguese colonizers from a terminological point of view (Rocha, 2011). Thus, this paper seeks to discern how these patterns manifest and evolve within the Brazilian vernacular lexicon, shedding light on the syntactic construction and semantic features of the syncretism of Afro-Brazilian religions interacting in both languages - Portuguese and Yoruba - linguistically at all levels.

Specifically, it aims to investigate how gender features surface in *nPs* in Brazilian Portuguese, henceforth BP, and Yoruba, considering the consequences of the meeting of typologically distinct languages, and to analyze how these patterns have been/are integrated and adapted socio-historically, thus shaping the contemporary vernacular BP language. Furthermore, it aims to understand the

² DI-AS-PO-RA / n. a dispersion of a people, language, or culture that was formerly concentrated in one place, to scatter, to displace, to live in separated communities. The African Diaspora is the voluntary and involuntary movement of Africans and their descendants to various parts of the world during the modern and pre-modern periods.

complex relationship between language and the denotation of gender in morphosyntactic structures through a cross-linguistic analysis of two typologically different languages in contact, integrating a sociolinguistic and anthropological approach to the DM framework.

2. Comparative analysis: investigating nominal classifiers and gender marking

Yoruba is a West African language belonging to the Benue-Congo branch of the Niger-Congo language family. It is classified within the Defoid group and is predominantly spoken in Nigeria, with significant communities in neighboring countries and the diaspora. Yoruba features a rich system of noun classes, tonal distinctions, and agglutinative morphology, making it typologically distinct from many Indo-European languages. Portuguese, on the other hand, is a Western Romance language within the Indo-European language family. Typologically, it belongs to the group of Romance languages, it evolved from Latin and is primarily spoken in Portugal, Brazil, Angola, and several other countries across different continents. Portuguese has a relatively simple vowel system, complex verb conjugations, and a notable use of inflection, particularly in verb and noun morphology.

As a result, the study is significant and intriguing for several reasons. Research has shown that Yoruba far surpassed any other African language in the last two centuries of slavery in Bahia, Brazil (Santos, 2011). Firstly, this proposal defends that language is a heterogeneous system and variation is inherent to language, occurring at the phonetic, phonological, morphological, syntactic, semantic, and lexical levels in their interfaces (Câmara Jr., 1992). Therefore, Brazilian Portuguese - at all levels - as an Amefrican1F³ cultural product (Gonzalez, 1988b), merits a more holistic investigation. Although gender is marked in many languages, some do not classify nouns or pronouns in terms of gender. Yoruba is considered an example of such a language; it classifies pronouns in terms of person and number (Bamgbose, 1966; Awobuluyi, 1978), but not based on gender. Furthermore, there are no affixes that contrast nouns in terms of gender. Secondly, it delves into the intricate relationship between language structure and the placement of gender features within morphosyntactic structures. By conducting a cross-linguistic analysis of BP and Yoruba, two languages with distinct typological characteristics, this analysis aims to shed light on how gender features' behaviors vary and adapt across different linguistic frameworks, as well as how loanwords interference between these languages introduce semantic shifts and morphological adaptations when placing different linguistic features (Ajayi, 2003). Moreover, the investigation of *nPs* derived from the convergence of Portuguese and Yoruba presents a unique opportunity to explore how phrases that are apparently BP lexicon, end up being semantically loanwords from Yoruba. In other words, the linguistic constituents of the *nP* in its superficial interface are Portuguese, but they translate a Yoruba concept.

³ Amefricanidade: the term coined by Lélia Gonzalez indicates the construction of an ethnic identity with the incorporation of cultural dynamics, especially those that go against the system of domination called racism, which Gonzalez proposed as a key with which to think the specificity of the experience of Africans and African descendants as it was historically constituted in American soil. Beyond its purely geographic character, [Amefricanidade] designates a historical process of intense cultural dynamics (resistance, accommodation, reinterpretation, creation of new forms) referenced in African models but referring to the construction of a whole ethnic identity (Lélia Gonzalez, 'Categoria político-cultural da amefricanidade', *Primavera Para as Rosas Negras*).

Considering an interdisciplinary approach, which intersects sociolinguistic perspectives with the theoretical framework of DM, not only enriches our understanding of language structure and variation but also offers valuable insights into the cultural and historical dynamics that shape language evolution. By unraveling the complexities of gender features in lexical entries of African origin introduced into the Brazilian vernacular, this study contributes to broader discussions surrounding language use, contact, variation, change, sociolinguistics, nominal classification, language structure and linguistic typology.

Because Yoruba is an agglutinative and tonal language while Portuguese is inflectional, therefore, the Yoruba language is not inflected to make gender agreements or plural formations, while Portuguese is. Empirical linguistic phenomena such as the absence of grammatical gender marking in Yoruba presents a stark contrast to languages like Portuguese, where gender plays a significant role in noun phrases. In Yoruba, nouns do not inherently carry gender distinctions as they do in languages with grammatical gender systems. Instead, gender distinctions are conveyed through contextual cues and specific lexical items (Ajayi, 2003). In addition, following the DM model concerning the morphosyntactic typology of classifiers, the proposal intends to shed light on how the interpretability of gender features and gender marking operates within the morphosyntactic structure (Armelin, 2015). Considering that the nominal classification system in Yoruba is not equivalent to that in Portuguese, it would be interesting to establish reliable and replicable criteria to determine whether we are really dealing with gender as a category or with a system of nominal classifiers.

Furthermore, it is considered relevant to raise hypotheses about how gender assignment occurs in some lexical blendings between these languages and how they are used in contemporary speech in the situated use of the languages in contact. Detailed descriptions of how morphosyntactic features in both languages, including affixation, borrowing, calquing, compounding, and reduplication should be provided on further research to better understand how both languages intersect and impact themselves, as well as to broaden empirical knowledge about how gender features are embedded in morphosyntactic structure. Considering the semantic-pragmatic aspect of language, special attention should be given to gender-neutral nouns and special cases where gender assignment is context-dependent or fluid. In general terms, borrowing is the introduction of vocabularies, phrases or syntactic construction from a foreign idiom into a given language. Borrowing can be defined as a language change mechanism in which the reproduction of a model, for example syntax, is incorporated into the borrowing language through the influence of a basic model found in the language in contact (Ajayi, 2002).

The ways in which one vocabulary can interfere with another are various. Given two languages, A and B, morphemes may be transferred from A into B, or B morphemes may be used in new designative functions on the model of A. Thus, consider Yoruba (Language A) and Brazilian Portuguese (Language B), where the transfer of morphemes and functional adaptation can be observed due to historical and cultural contact, particularly through the Afro-Brazilian communities. For instance, the Yoruba noun “*oba*” refers to a king or traditional ruler and it is directly borrowed into BP as “*oba*”, particularly

in Afro-Brazilian religious contexts (e.g., Candomblé⁴), “*oba*” is used to refer to leaders or priests within the religious hierarchy. Given that the stresses of these two languages differ, a phonological adaptation occurs, the tonal aspect of Yoruba is not transferred but the phonetic form is retained. Furthermore, there is a semantic consistency since the meaning remains largely consistent, reflecting a high-status individual.

Drawing on the DM framework, words and *nPs* are formed through the same syntactic mechanisms ruled by Generative grammar. It posits that morphological structures are generated through the interaction of different modules of grammar, including syntax, morphology, phonology, semantics, and psycholinguistics. Thus, this paper explores how gender marking emerges from these intricate linguistic processes. This alternative analytical approach to lexicon allows for a fine-grained investigation of how gender features distribution are encoded, assigned, and realized across different linguistic contexts. By considering factors such as language contact, cultural assimilation, and power dynamics, the analysis seeks to uncover the underlying socio-historical forces that have shaped the development and evolution of gender behaviors in *nPs* originating from the Brazilian social ethnic group put on focus in this proposal. Language borrowing is a common and usual sociolinguistic phenomenon. It results from situations of language contact. During this contact, there is usually a bilateral exchange between speakers who use different languages. In addition to providing a descriptive account of gender assignment phenomena, this comparative analysis also aims to raise hypotheses and investigate the mechanisms that drive these linguistic patterns in different languages, exploring whether gender features project their own phrase “*GenP*” or manifest themselves through nominal classifiers (Kramer, 2016).

Given Yoruba’s lack of a mandatory nominal class system, the hypothesis is that Yoruba’s nominals classification would not equate to the gender system in BP. Instead, it would be more flexible and context dependent. In BP, gender features are rigidly assigned and realized post-syntactically, whereas in Yoruba, the classification is more fluid. The inherent grammatical gender system in BP requires explicit marking and agreement across *nPs*, while Yoruba’s system allows for more fluid and situationally determined classifications. Overall, this comparison endeavor aspires to offer a nuanced and multifaceted exploration of gender features in blended lexical entries, bridging the gap between theoretical linguistics, sociolinguistics, and linguistic typology. Analysis of the morphophonological dimension in BP and its properties in terms of gender and class might show the arbitrariness of gender marking in most (but not all) Portuguese nouns, and the difference in interpretation of semantic gender and grammatical gender alongside the similarity in the way these two types of gender are expressed morphophonologically through both languages. Therefore, it’s worth investigating gender as a nominalizing feature, as well as an extralinguistic phenomenon. Considering the influence of Yoruba on Brazilian Portuguese, especially within the context of Afro-Brazilian religions such as Candomblé, it is possible to observe how Yoruba nominal structures have merged with Portuguese

⁴ Candomblé (meaning “dance in honor of the gods”) is a religion that combines elements from African cultures including the Yoruba, Bantu, and Fon, as well as some elements of Catholicism and indigenous South American beliefs.

gender marking systems. This fusion has led to the incorporation of Yoruba terms into BP, often adapting to the grammatical rules of the latter while retaining aspects of their original classification.

Notable contributions to the examination of linguistics of classifiers have been done by Colette Grinevald (2000, 2004, 2015). Her research includes in-depth analyses of the morphosyntactic structures of lesser-studied languages, and often intersects with anthropology and ethnolinguistics, providing a holistic understanding of classifiers. She has contributed to understanding how these languages organize and express grammatical relationships. Grinevald's work often involves comparative studies across languages to identify typological patterns and understand the range of linguistic diversity. Therefore, applying Grinevald's framework to understand the dynamic functioning of nominal classifiers is relevant for further linguistics research. According to Grinevald (2004), particularly in Niger-Congo languages such as Yoruba, it is challenging to separate noun affixes encoding number from those expressing gender-like distinctions. Semantically, the most obvious function of noun class markers (but not the only one) is to encode number (singular vs. plural). An important feature of Niger-Congo classification systems is the impossibility of dissociating noun affixes encoding number from noun affixes expressing gender-like distinctions (Grinevald, 2004). Additionally, the author points out that many descriptions of these systems do not focus on dividing noun lexemes into genders but rather classify noun forms based on their behavior in agreement mechanisms. Thus, gender may be defined as a pair of classes that correspond with each other in the expression of number. However, due to variations and idiosyncrasies in singular-plural correspondences, it can be difficult to establish the exact number of genders in these languages.

In most Niger-Congo languages, class is not always explicitly indicated in the noun morphology. This situation occurs in two cases: cases of zero-class markers and cases of non-obligatory use of the marker. In some languages of this family, noun classes are only marked with overt affixes under certain conditions. Furthermore, the presence of class markers in specific contexts may be subject to discourse conditions. There exist languages in which agreement is mandatory, even when the class to which the noun belongs is not explicitly indicated on the noun itself. There are also languages in which some modifiers do not agree with the noun they modify, while others do (Grinevald, 2004). Therefore, we are dealing more with a system of nominal classifiers rather than gender as a category. Specifically in Yoruba, classifiers are a subtype of nominal classification systems, distinct from noun classes and gender systems, which are characterized by agreement systems. Classifiers in Yoruba and similar languages are identified based on their loci, such as genitive classifiers in possessive constructions and numeral classifiers in numeral phrases. In Yoruba, the system of nominal classification is not equivalent to the gender system seen in languages like Brazilian Portuguese or the noun class systems in languages like Swahili. For instance, in Swahili, nouns are obligatorily assigned to a noun class, which is evident in agreement patterns across adjectives, verbs, and other parts of speech. This system is integral to the grammar of the language.

Similarly, in Brazilian Portuguese, every noun is obligatorily assigned a gender (masculine or feminine), and this information influences agreement patterns with adjectives, articles, and pronouns. In contrast, Yoruba does not have an obligatory system of assigning nouns to classes in a way that influences agreement across the sentence. Instead, Yoruba employs nominal classifiers in specific contexts (e.g., possessive constructions, numeral phrases), but these are not as pervasive or obligatory as gender or noun classes in Swahili and Brazilian Portuguese. This means that the nominal classification system in Yoruba functions differently from the gender system in Brazilian Portuguese. In Yoruba, classifiers are used contextually and are not a mandatory feature of every noun. Thus, while Yoruba has a system of nominal classification, it does not parallel the obligatory nature of gender in Brazilian Portuguese or noun classes in Swahili.

Ruth Kramer (2016) argues that gender features can project their own phrase (*GenP*) and that this projection is essential for understanding how gender agreement operates within different languages. Kramer also acknowledges the variation in how different languages handle gender features. Some languages may project *GenP*, while others may utilize alternative mechanisms for gender classification and agreement. Following Armelin's proposal, gender features can be either interpretable or uninterpretable in different syntactic environments. Interpretable features contribute to the semantic meaning, while uninterpretable features do not affect meaning directly but are crucial for syntactic agreement and grammatical coherence. In BP, the syntactic derivation of *nPs* involves strict gender agreement rules, reflecting uninterpretable gender features on modifiers that must agree with the interpretable gender feature on the noun. For Yoruba, the lack of a fixed gender marking system suggests that gender features, if present, are more contextually interpreted. This indicates that gender features might be more situationally interpretable rather than syntactically fixed, contrasting with BP's rigid structure.

Based on the hypothesis that Yoruba employs nominal classifiers instead of gender categories, the following questions arise: (i) how do Yoruba nominal classifiers function in noun phrases, and what role do they play in indicating specificity, animacy, and other semantic features?; (ii) what evidence exists to show the flexibility and optionality of nominal classifiers in Yoruba as opposed to obligatory gender marking in languages like Portuguese?; (iii) how do borrowed Yoruba nouns integrate into Brazilian Portuguese, and what morphological adaptations occur regarding gender and classifiers? Moreover, assuming that gender in Yoruba is contextually determined and not morphologically marked, it is worth questioning: (iv) how do Yoruba classifiers categorize nouns, and what semantic properties do they encode?; (v) how do Yoruba nominal classifiers compare to Portuguese gender markers in terms of syntactic position, agreement, distribution, and morphological marking?; and (vi) in what ways does the contextual determination of gender in Yoruba influence the borrowing and adaptation of Yoruba nouns in Brazilian Portuguese?

In most noun class languages of the Niger-Congo family, the only semantic distinction which is obviously reflected in noun classes is [$\pm$ human] with a relatively high number of genders towards two gender systems transparently based on the [$\pm$ human] or [$\pm$ animate] distinctions. It is challenging to

determine the roles that classifiers play in grammar. According to Grinevald (2000), classifiers are an integral part of the morphosyntactic structure of languages, they are not just peripheral grammatical features but central to understanding how languages categorize and structure information. Classifier systems vary widely across languages, making it difficult to create a universal typology. Differences in how languages utilize classifiers for nouns, verbs, and numerals add to the complexity. Moreover, classifiers can carry multiple meanings and functions, leading to ambiguities in their classification, and they often overlap in function with other grammatical elements, such as determiners and quantifiers. For instance, East Asian languages like Chinese and Japanese use numeral classifiers extensively to categorize nouns but do not inherently mark gender within the noun itself. Gender distinctions are made contextually or through additional descriptive words. Mainly, they employ classifiers in combination with numerals to specify noun categories based on shape, size, or other inherent properties.

As previously discussed, the features of the Yoruba language in Brazil will be most clearly seen in the language used in the religious universe of the terreiros. The names of the deities have remained in the spelling of the African language to this very day, although in certain circumstances some names have been Portugueseized. From the point of view of morphology and syntax, in Yoruba language, the plural of nouns is formed by the inflection of the articles that precede them. While in Portuguese the plural is constructed by inflecting the nouns, in the structure of the Yoruba language this is done only with the articles. For instance, in Portuguese, the plural construction of: “*a casa*” (the house) becomes “*as casas*” (the houses). In the Yoruba language, this construction only occurs by inflecting the article: “*a*”, resulting in “*as casa*”. Interestingly, non-standard agreement, both nominal and verbal, has historically been absorbed into the colloquial speech of most Brazilians, and has even been stigmatized as an unprestigious variation used mainly by the poorest, least educated, marginalized and suburban population, whose ancestry is predominantly Afro-Brazilian.

The work of Harris (1999), dedicated to the morphophonological derivation of Spanish non-verbal classes, admits that both class features and gender features are inherent to roots. However, many works since Ritter (1993), which are dedicated to explaining syntactic and semantic aspects of gender, admit that gender features are carried by functional heads that are above the root. Portuguese nouns have inherent gender features, often reflected in their morphological form. Gender is an intrinsic property of the noun root, and this intrinsic gender is evident in the agreement with articles, adjectives, and pronouns. Gender features are carried by functional heads, such as articles and adjectives, which must agree with the gender of the noun. E.g.

- (1) Portuguese
 - a. ***O livro***
‘the book’
 - b. ***A casa***
‘the house’

As shown in (1), the articles “o” and “a” precedes the noun and show gender agreement with “livro” (masculine) and “casa” (feminine), respectively.

- (2) Portuguese
 - a. **O livro velho**
‘the old book’
 - b. **A casa velha**
‘the old house’

In addition to the articles, the adjectives “velho” (2a) and “velha” (2b) are also inflected in order to agree with the gender of the nouns. In summary, a comparative analysis shows that in Portuguese, gender is an intrinsic property of the noun root. Functional elements like articles and adjectives must agree with the noun’s gender, making gender agreement widespread and systematic throughout the sentence structure. These functional elements reflect and enforce the noun’s inherent gender, they can be seen as abstract morphemes that are realized after syntactic operations. The gender assignment in BP nouns and *nPs* is derived syntactically, where the structure of words, including gender agreement, follows specific syntactic rules. For instance, the requirement for gender agreement across (nouns, adjectives, articles, and pronouns) reflects a hierarchical syntactic structure where gender features are assigned and checked.

Conversely, in Yoruba, gender is not an inherent feature of the noun root. There is no morphological agreement with functional elements because gender is not marked. Instead, gender distinctions are made through context or additional descriptive words. Therefore, gender specification in Yoruba is context-dependent, relying on additional lexical items rather than inherent root features or functional projections. Contextual usage and lexical specificity are essential for conveying gender information. Yoruba nouns do not have inherent gender features; gender distinctions are not morphologically marked. For instance, “omo” (child) can refer to a child of any gender without changing form. The absence of gender inflection means that Yoruba relies on context or additional lexical items to specify gender if necessary. Gender or specific characteristics are often conveyed through context or additional words. E.g.

- (3) Yoruba
 - a. **Omokùnrin**
‘boy’
 - b. **Omobìnrin**
‘girl’

As shown in (3a) “omokùnrin” refers to a male child, i.e., (boy) and in (3b) “omobìnrin” refers to a female child, i.e., (girl). It explicitly specifies gender by adding “kùnrin” (male) and “bìnrin” (female) to the neutral root “omo” (child). Note that no articles are needed to indicate gender. In

Yoruba language there is no use of the article, therefore words are not changed to give gender and number. If necessary, in line with Portuguese, which use the article, the demonstratives “*ǹnkan kan*, *èyí*, or *ìyẹn*” - “*esse, isso*” respectively (this, that); and the numerals “*kan*” - “*um, uma*” (a, an) - can be used. Yoruba does not use articles in the same way as Portuguese since words do not inflect to indicate gender or number, thus demonstratives and numerals are used for specificity and quantity. In these cases, they are placed after the noun. These distinctions highlight the variability in how languages encode and express gender, with Portuguese aligning more with Harris (1999) and Ritter (1993)’s theories, while Yoruba demonstrates an alternative approach relying on contextual specification rather than inherent or functional gender features. E.g.

- (4) Yoruba
- a. ***Olùkọ́ kan***
‘A teacher’
 - b. ***Olùkọ́ yìí***
‘This teacher’
 - c. ***Àwọn olùkọ́ kan***
‘Some teachers’
 - d. ***Àwọn olùkọ́ yìí***
‘These teachers’

As shown in (4), specificity and quantity are indicated using numerals like “*kan*” (one) and demonstratives like “*yìí*” (this) and “*yẹn*” (that), which are placed after the noun. The word “*àwọn*” is used to indicate the plural form of nouns without inflectional changes. On the other hand, Portuguese uses definite and indefinite articles that agree in gender and number with the noun. They inflect to indicate gender and number, and adjectives and articles must agree with these features. E.g.

- (5) Portuguese
- a. ***Um professor***
‘A teacher’ (masculine, singular)
 - b. ***Uma professora***
‘A teacher’ (feminine, singular)
 - c. ***Esse professor***
‘This teacher’ (masculine, singular)
 - d. ***Essa professora***
‘This teacher’ (feminine, singular)
 - e. ***Esses professores***
‘These teachers’ (masculine, plural)
 - f. ***Essas professoras***
‘These teachers’ (feminine, plural)

As shown in (5), nouns inflect for gender and number, and articles “*um/uma, o/a*” and demonstratives “*esse/essa*” must agree in gender and number with the noun. From this perspective, we can relate that BP projects a distinct GenP within its morphosyntactic structure. This projection ensures that gender features are syntactically derived and influence agreement across various elements within the *nPs* such as nouns, adjectives, articles, and pronouns.

In most noun class languages of the Niger-Congo family, the only semantic distinction which is obviously reflected in noun classes is $[\pm\text{human}]$ with a relatively high number of genders towards two gender systems transparently based on the $[\pm\text{human}]$ or $[\pm\text{animate}]$ distinctions. Grinevald’s criteria provide a comprehensive approach for analyzing classifiers, which can be applied here to better understand the interplay between Brazilian Portuguese (BP) and Yoruba, particularly in the context of gender marking in noun phrases borrowed from the latter. Classifiers are not just grammatical markers but are embedded in cultural and cognitive frameworks, an aspect Grinevald’s interdisciplinary approach could illuminate.

The first criterion to be considered is ***Classificatory function***. Yoruba nouns borrowed into Brazilian Portuguese often carry significant cultural and religious meanings. These nouns, while retaining their Yoruba roots, meanings and semantic features are incorporated into BP with potentially new grammatical and classificatory functions. For instance, Yoruba nouns like “*orixá*⁵” (Orisha) refers to a deity or spirit with no grammatical gender marking, and maintain their inherent classification based on religious or cultural significance. In BP, “*orixá*” is borrowed with its original meaning intact, primarily used in Afro-Brazilian religious practices like Candomblé and Umbanda. The term retains its spiritual and cultural significance but now operates within the BP’s gendered and numbered system. For example: “*o orixá*” (the Orisha - masculine) vs. “*A orixá*” (the Orisha - feminine). E.g.

- (6) Portuguese
 - a. ***O poderoso orixá***
‘The powerful Orisha’ (masculine and singular)
 - b. ***Os poderosos orixás***
‘The powerful Orishas’ (masculine and plural)
 - c. ***A orixá poderosa***
‘The powerful Orisha’ (feminine and singular)
 - d. ***As orixás poderosas***
‘The powerful Orishas’ (feminine and plural)

Despite the noun being inherently gender-neutral in Yoruba, BP imposes gender through its article system. It also reveals syntactic adaptation since “*Orixá*” *requires* agreement with articles, adjectives, and other modifiers. A second criterion is ***Agreement***. Yoruba uses classifiers more flexibly without obligatory gender marking, whereas BP requires gender agreement across noun

⁵ any of the minor gods or spirits of traditional Yoruba religion and its South American and Caribbean offshoots such as Santeria and Candomblé.

phrases. As shown in (6), Portuguese nouns and adjectives are inflected to indicate gender (masculine or feminine) and number (singular or plural). In Yoruba, the phrase “the powerful Orisha” does not change based on gender or number. Instead, Yoruba uses the plural marker “*àwọn*” for plurality and descriptive words for emphasis or clarification. E.g.

- (7) Yoruba
- a. ***Orisha alágbára***
‘the powerful Orisha’ (singular)
 - b. ***Àwọn Orisha alágbára***
‘the powerful Orishas’ (plural)

The third criterion focuses on the ***syntactic position*** of classifiers and how they interact with the rest of the noun phrase. In BP, the syntactic position of gender markers is fixed, while Yoruba classifiers can vary in position. Clearly, such a difference impacts how borrowed Yoruba nouns are integrated into BP. Thus, a flexibility in the classifier position occurs in the Yoruba language. Interestingly, a detail regarding the syntactic position of the linguistic elements is that the plural marker “*àwọn*” is placed before the noun to indicate plurality. Adjectives in Yoruba generally come after the noun they describe. Here’s how it contrasts with Portuguese, where adjectives can be placed either before or after the noun as shown in (6a-d). Such examples demonstrate how borrowed nouns from Yoruba language integrate into BP’s grammatical structure, requiring modifications to adhere to gender and number agreement rules, and highlights the contrast between Yoruba’s flexible classification system and BP’s rigid agreement requirements.

A fourth criterion proposed by Grinevald focuses on the ***distribution*** of classifiers and how their use is either obligatory or optional within the language. Yoruba classifiers can be either obligatory or optional depending on the context whilst Brazilian Portuguese has obligatory gender marking in *nPs*. E.g.

- (8) Yoruba
- Ìwé kan***
‘One book’ (literally “book one”)

In (8), the classifier “*kan*” (one) is optional since the sentence is still grammatically correct and complete without it. It can be used to specify “one” book, but its absence does not grammatically affect the sentence. However, it may be imperative to employ the classifier for reasons of specificity and plurality.

- (9) Yoruba
- a. ***Iwé nla***
‘the big book’ (literally “book big”, singular)
 - b. ***Àwọn iwé nla***
‘the big books’ (plural)

In this case, the classifier “*nla*” (big) is obligatory and must precede the noun “*iwé*” (book) to indicate “big book.” The plural marker “*àwon*” is obligatory to indicate that “*iwé*” is plural. In comparison, once again, both languages show their contrasts when placing classifiers. In the Yoruba language, their use is flexible and context-dependent, allowing for optional use in some cases and obligatory use in others whilst BP agreements are strictly obligatory, with no flexibility in their distribution.

The fifth criterion focuses on the requirement that classifiers must be *semantically compatible* with the nouns they classify. This criterion is also crucial in BP’s gender system. Semantic features such as animacy, cultural significance, and inherent properties of nouns in Yoruba influence how they align with BP’s gender categories. As discussed, in Yoruba, “*òrìsà*” is a deity or spirit, carrying significant cultural and religious connotations. There is no inherent gender, and classifiers are used based on context. Nominal classification can therefore take the following forms.

(10) Yoruba

a. ***Omólú náyà je oba òrìsà***

‘Omólú is the king of Orishas’ (example without classifier)

b. ***Omólú je òrìsà kan***

‘Omólú is a (one) Orisha’

In (10b), the classifier “*kan*” is used for specifying one entity. Semantic compatibility with animacy may occur. In Portuguese, as in many gendered languages, nouns like “*orixá*” (Orisha) are assigned a gender (masculine or feminine), which may not directly correlate with animacy but reflects cultural and historical contexts.

(11) Portuguese

Oxalá é um orixá poderoso

‘Oxalá is a powerful Orisha’

In (11), “*Orixá*” is assigned a masculine gender in BP, reflecting the grammatical gender and the dominance of masculinity in the culture of many colonized countries, rather than animacy directly. This assignment aligns with cultural and socio-historical contexts where “*orixá*” is perceived through a masculine lens. In conclusion, classifiers must be semantically compatible with the nouns they classify and both languages ensure that classifiers or gender markers are semantically compatible with the nouns they modify. Although they differ because Yoruba allows flexible use of classifiers based on semantic properties such as animacy and cultural significance whilst BP only allows rigid and obligatory marking systems requiring semantic compatibility with gender categories. When Yoruba nouns are borrowed into BP, they need to adapt to the obligatory gender marking system of the latter, resulting in interlingual adaptations that reflect the semantic properties of both languages.

Grinevald's sixth criterion addresses the **morphological marking** of classifiers. It allows us to compare the flexibility in Yoruba with the rigid inflectional system in BP. Classifiers are morphologically marked but exhibit flexibility and context-dependence in Yoruba while it is rigidly morphologically marked and obligatory in BP, affecting all associated words. E.g.

(12) Yoruba

- a. **Òun ra èso kan**
'she bought a/one fruit'
- b. **Òun ra àwon èso kan**
'she bought some fruits'

In (12a), the classifier "*kan*" (one) is used for specificity. It is morphologically marked but optional depending on context. In (12b), the plural marker "*àwon*" is morphologically marked and necessary for indicating plurality.

(13) Portuguese

- a. **Ela comprou uma fruta**
'she bought a fruit'
- b. **Ela comprou algumas frutas**
'she bought some fruits'

The article "*uma*" (feminine) and noun "*fruta*" (feminine) are morphologically marked for gender, and agreement is obligatory. "*Algumas*" is used with plural feminine nouns, such as "*frutas*" (fruits), to indicate "some" in the context of quantity or indefinite amount. It agrees with the noun "*frutas*" in both gender (feminine) and number (plural), following the grammatical rule of agreement in Portuguese. Additionally, inflectional endings are mandatory in this language. E.g.

(14) Portuguese

- Ela comprou uma fruta deliciosa**
'She bought a delicious fruit'

The adjective "*deliciosa*" agrees in gender and number with "*fruta*" (feminine singular), showing rigid morphological marking.

(15) Yoruba

- Óun ra èso kan tó dún**
'She bought a delicious fruit'

The word "*èso*" (fruit) is singular. The word "*kan*" (one) specifies that it is a single fruit. If the sentence were referring to multiple fruits, a different structure or plural marker would be used, such as

“àwon èso” (fruits). “T’ó dìn” (that is delicious/that is sweet) is a relative clause describing the noun with no gender or plurality marking. In conclusion, Yoruba does not project a distinct *GenP* in the same way as BP since gender distinctions and classifications in Yoruba are influenced by situational and pragmatic factors rather than rigid syntactic projections.

Productivity highlights the ability of a language’s system (classifiers in Yoruba, gender in Brazilian Portuguese) to adapt and expand to accommodate new words and expressions. This criterion allows us to explore how BP incorporates Yoruba-derived nouns and whether this leads to increased productivity in BP’s gender marking system. Because Yoruba classifiers are flexible and context-dependent, they can be easily adapted to accommodate new nouns, whether borrowed or newly created, without strict morphological constraints.

(16) Yoruba

- a. **Òrìsà Oxalá alágbára**
‘the powerful Orisha Oxalá’
- b. **Iemanjá je òrìsà alágbára**
‘Iemanjá is a powerful Orisha’

As shown in (16a), “Òrìsà” remains gender-neutral, and “alágbára” (powerful) adds descriptive context. Again, in (16b), “òrìsà” does not change form, and “alágbára” is used to describe Iemanjá. As previously discussed, the noun “òrìsà” is inherently gender-neutral, and the same form is used regardless of the gender of the deity. Thus, the context is provided by other words in the sentence. Yoruba uses descriptive words to provide additional context. These words can indicate characteristics such as power, beauty, etc., but do not change based on gender.

(17) Portuguese

- a. **O poderoso orixá Oxalá**
‘The powerful Orisha Oxalá’ (typically male)
- b. **Iemanjá é uma orixá poderosa**
‘Iemanjá is a powerful Orisha’ (typically female)

On the other hand, in BP, the noun “orixá” is assigned a gender (masculine or feminine) based on the specific deity, and all related words must agree on gender. This creates two distinct forms for male and female deities. The system requires fixed agreement in gender for nouns and related words. This means that any borrowed noun from Yoruba must fit into the existing binary gender system of BP, leading to potentially new gendered forms.

The last criterion analyzes how borrowed terms can become integrated and fixed within the receiving language’s lexicon over time. **Lexicalization** can lead to the development of new forms and meanings, including gendered forms in languages with grammatical gender systems. Yoruba nouns borrowed into BP often retain their original semantic properties but adapt to BP’s grammatical

structures, including its gender system. As Yoruba nouns become lexicalized in BP, they are typically assigned a gender (masculine or feminine) based on BP's grammatical rules. This assignment might not align with the original Yoruba semantics but rather with BP's gender norms. Over time, these borrowed nouns can develop more specific gendered meanings in BP. For instance, a noun that originally had no inherent gender in Yoruba might become distinctly masculine or feminine in BP. For instance, "*orixá*" might take on more gender-specific roles, such as "*o orixá Oxalá*" (the Orisha Oxalá, with Oxalá being typically viewed as male) or "*a orixá Iemanjá*" (the Orisha Iemanjá, often seen as female), reflecting both traditional Yoruba attributes and BP's gender norms.

3. Conclusions and further directions

The initial hypothesis assumed that Yoruba's nominal classification would not equate to the gender system in BP. Instead, it would be more flexible and context dependent. It was hypothesized that the Yoruba language, which lacks a mandatory nominal class system, would show differences in the way gender distinctions are conveyed compared to BP. Another hypothesis suggested that gender assignment in lexical blendings between Yoruba and BP would be context-dependent or fluid, raising the question of whether the observed classifications are truly gender categories or nominal classifiers.

In conclusion, Brazilian Portuguese and Yoruba exhibit distinct mechanisms for marking and expressing gender. Portuguese reveals gender as an inherent feature of the noun root, demanding agreement with functional elements like articles and adjectives throughout the sentence structure. This gender agreement is pervasive and systematic. In contrast, Yoruba does not mark gender morphologically on nouns, relying instead on contextual cues and additional descriptive words to convey gender distinctions. This system functions more as a context-dependent specification, utilizing additional lexical items rather than inherent root features or functional projections. The study confirms that Yoruba's nominal classification system is indeed more flexible and context-dependent compared to the rigid gender system in BP. This supports the hypothesis and aligns with the theoretical positions that emphasize the syntactic rigidity of BP and the contextual flexibility of Yoruba.

The study found that while BP requires explicit marking and agreement across *nPs*, Yoruba allows for more fluid and situationally determined classifications. The analysis revealed that Yoruba nominal structures have merged with Portuguese gender marking systems, particularly in Afro-Brazilian religious contexts. This fusion has led to the incorporation of Yoruba items into BP, adapting to its grammatical rules while retaining original classification aspects. The analysis showed the arbitrariness of gender marking in many Portuguese nouns and highlighted differences in the interpretation of semantic gender and grammatical gender. It also noted the similarity in how these two types of gender are expressed morphophonologically in both languages.

As to CONGRUENCES, the Portuguese systems and the Yoruba systems share a morphosyntactic structure to organize their *nPs*. This structure, although implemented differently, provides a basis for comparison in how gender and classification are managed in each language. The languages exhibit similarities in how Yoruba lexical items are integrated into Brazilian

Portuguese. Such an integration often retains the semantic properties of the original Yoruba terms while adapting to Portuguese grammatical rules, particularly in religious contexts where Yoruba has had a significant influence.

As to CONTRASTS, a clear one is that Portuguese obligatorily assigns gender (masculine or feminine) to every noun, influencing agreement patterns with adjectives, articles, and pronouns. In contrast, Yoruba does not have a mandatory system of assigning nouns to gender categories. Instead, Yoruba employs nominal classifiers contextually and does not enforce gender agreement across sentences. Another divergence is seen in how plurals are formed. Portuguese inflects nouns to indicate plurality, whereas Yoruba forms plurals by embedding a classifier which works as a specifier that precedes the nouns, not by inflecting the nouns themselves. Lastly, while Portuguese nouns inherently carry gender distinctions that affect their morphosyntactic behavior, Yoruba relies on contextual cues and specific lexical items to convey gender distinctions. This makes the Yoruba system more flexible and less rigid compared to the grammatical gender system of Portuguese.

Gender assignment in lexical blendings between Yoruba and BP is context-dependent or fluid, indicating that the observed classifications are not strictly gender categories but can function as nominal classifiers. This comparative analysis is not intended to limit the findings on the subject and is just a gateway to comparative studies between typologically different languages in contact. Future research is welcome and should provide a more detailed description of morphosyntactic features in both languages, including affixation, borrowing, calquing, compounding, and reduplication.

References

- AJAYI, Tayo Julius. *Empréstimo e variação interlinguística: o Iorubá em contato com o português no Brasil*. 2002. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- AJAYI, Tayo Julius. Decalque as a Linguistic Integration Strategy of Yoruba Loan Words in Brazilian Portuguese. *Portuguese Studies*, v. 19, pp. 51-63, 2003.
- AWOBULUYI, Oladele. *Essentials of Yoruba Grammar*. Ibadan: Oxford University Press, 1978.
- ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. *A relação entre gênero e morfologia avaliativa nos nominais do português brasileiro: uma abordagem sintática da formação de palavras*. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2015.
- BAMGBOSE, Ayo. *A Grammar of Yoruba*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática* – referente à Língua Portuguesa. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, pp. 69-82, (jan./jun.), 1988b.
- GONZALEZ, Lélia. 'Categoria político-cultural da amefricanidade', *Primavera Para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em Primeira Pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018, pp. 321-322.

- GRINEVALD, Colette. *A morphosyntactic typology of classifiers*. Systems of Nominal Classification, 2000.
- GRINEVALD, Colette; SEIFART, Frank. Noun classes in African and Amazonian languages: Towards a comparison. *Linguistic Typology*, v. 8, n. 2, 2004.
- GRINEVALD, Colette. *Classifiers, linguistics of*. International encyclopedia of the social & behavioral sciences, 2015, p. 811-818.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (ed.), *The view from building 20*. The MIT Press, 1993, pp. 111-176.
- HARRIS, James Wesley. *Nasal depalatalization no, morphological wellformedness sí*: The structure of Spanish word classes. MITWPL 33: Papers on Syntax and Morphology: 1999, pp. 47-82.
- KRAMER, Ruth. The location of gender features in the syntax. *Language and linguistics Compass*, v. 10, n. 11, pp. 661-677, 2016.
- Labov, William. *Sociolinguistic patterns*. No. 4. University of Pennsylvania press, 1973.
- RITTER, Elizabeth. Where's Gender?. *Linguistic Inquiry*, v. 24, n. 4, pp. 795-803, 1993.
- ROCHA, José Geraldo da. Influencia terminológica da cultura yoruba na língua portuguesa. *Almanaque CIFEFIL*, v. IV, pp. 627-732, 2011.
- SANTOS, Raimundo Enedino. Um panorama do Yorubá em seu ambiente e alguns traços congruentes com o Português. *PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, v. 21, n. 1, pp. 137-157, 2011.

A LÍNGUA DE SINAIS E A PRESENÇA DO DISCURSO OROFACIAL DURANTE A SINALIZAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA SEMÂNTICA COGNITIVA

SIGN LANGUAGE AND THE PRESENCE OF OROFACIAL DISCOURSE DURING SIGNING:

A CONTRIBUTION FROM COGNITIVE SEMANTICS

Flávia Medeiros Álvaro Machado¹

Priscila Delfina de Souza Ribeiro²

RESUMO

Esta pesquisa tem como intuito refletir sobre a importância dos componentes fonomorfológicos gramaticais da língua de sinais em relação à compreensão das sentenças produzidas em língua de sinais, ocorre em dois fenômenos, as escolhas tradutórias e interpretativas da língua de partida para a língua de chegada, observando os aspectos gramaticais quando sinalizados. A pesquisa visa verificar e analisar as operações linguísticas de compreensão do surdo, durante uma interpretação simultânea, em relação às atribuições sintagmáticas, quando o mesmo tem o seu campo de visão reduzido, ou seja, sofre perdas de elementos linguísticos dos aspectos fonomorfológicos (expressões faciais), devido o uso da máscara contra o vírus do COVID-19. A pesquisa tem como metodologia uma pesquisa qualitativa, seguido de procedimentos como: recolhimento de dados recolhidos de surdos e tradutores-intérpretes; categorizar o uso das escolhas interpretativas durante a sinalização, “com” e “sem” a utilização das máscaras de proteção contra o coronavírus. O intuito da pesquisa é constatar que a impossibilidade na visualização de elementos linguísticos interferem na compreensão dos usuários quando interpretado língua de sinais/ Libras. Os resultados esperados visam comprovar a grande importância desses elementos linguísticos da língua de sinais na compreensão dos enunciados e sentenças ditas em Língua Portuguesa, assim como também evidenciar as dificuldades enfrentadas pela comunidade surda durante o período pandêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Parâmetros linguísticos. Marcadores Não-Manuais. Processos cognitivos. *Mouthings*. COVID-19.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the importance of the grammatical phonomorphological components of sign language in relation to the comprehension of sentences produced in sign language, occurs in two phenomena, the translation and interpretative choices from the source language to the target language, observing the grammatical aspects when signed. The research aims to verify and analyze the linguistic operations of understanding the deaf, during simultaneous interpretation, in relation to syntagmatic attributions, when they have their field of vision reduced, that is, they suffer losses of linguistic elements of phonomorphological aspects (facial expressions), due to the use of the mask against the COVID-19 virus. The research methodology

¹ Doutora em Letras (UCS), docente do do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil e líder do Grupo de Pesquisa Língua(gem) & Cognição - LingCognit, flavia.m.machado@ufes.br, <https://orcid.org/0000-0001-7838-1227>.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGEL da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil. e membra do grupo de pesquisa Língua(gem) & Cognição - LingCognit, prisciladelfinadesouzaribeiro@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0005-5564-5046>.

is a qualitative research, followed by procedures such as: collection of data collected from deaf people and translators-interpreters; categorize the use of interpretive choices during signage, “with” and “without” the use of protective masks against the coronavirus. The purpose of the research is to verify that the impossibility of visualizing linguistic elements interferes with users’ comprehension when interpreting sign language/ Libras. The expected results aim to prove the great importance of these linguistic elements of sign language in understanding the enunciations and sentences spoken in Portuguese, as well as highlighting the difficulties faced by the deaf community during the pandemic period.

KEYWORDS: Linguistic parameters. Non-manual markers. Cognitive processes. Mouthings. COVID-19.

1. Introdução

A proposta desta pesquisa surgiu durante o período pandêmico da COVID-19 que foi vivenciado nos últimos anos, visto que neste período surgiram novas normas e leis com o intuito de diminuir o contágio da COVID-19. Dentre estas leis, encontramos a Lei de nº 14.019/2020 que requisiava a utilização de máscaras de proteção facial em todos os ambientes públicos, com esta obrigatoriedade foi possível perceber o grau de dificuldade e os problemas comunicativos, enfrentados pela comunidade surda no Brasil, por conta das interferências comunicativas que eram causadas pela máscara de proteção facial. Dessa forma, os membros da comunidade surda tiveram uma série de dificuldades na comunicação e na compreensão da sinalização realizada durante uma tarefa de interpretação simultânea. Haja visto que este item de proteção (máscara) inibe a compreensão de conceitos, significados e sentenças completas, fazendo assim, com que os membros da comunidade surda tivessem uma barreira linguística na comunicação durante o período pandêmico.

A língua de sinais é uma língua gesto-visual, sendo captada através da visualização da língua de sinais e de seus elementos gramaticais, principalmente os parâmetros secundários - as expressões faciais. Porém, durante o período pandêmico e com a obrigatoriedade de uso de máscaras de proteção facial contra a COVID-19, foi possível notar que elementos linguísticos expressos pela face do sinalizante eram inibidos, visto que o item de proteção cobre partes como Boca, queixo, bochecha, queixo e nariz, ocasionando na impossibilidade de visualização de elementos linguísticos dos parâmetros linguísticos dos aspectos fonomorfológicos gramaticais da língua de sinais como Expressões Faciais (ExF), Marcadores Não-Manuais (MNM) e articulação labial *mouthings*, elementos estes que são expressos por meio destas partes da face. A partir desta questão vivenciada no período pandêmico, nos interessamos em produzir a presente pesquisa, com o intuito de observar e analisar a importância das expressões faciais, dos marcadores não-manuais, bem como o uso da articulação labial *mouthings* durante a sinalização. No esforço de compreender a importância destes elementos na comunicação dos usuários da língua de sinais e na busca de evidência sobre a importância dessas propriedades linguísticas para o êxito da compreensão da sinalização, notamos que houve perdas cognitivas que eram ocasionadas na falta destes elementos.

Nessa perspectiva, esta pesquisa trará uma abordagem teórica sobre as línguas de sinais/ Libras em relação aos parâmetros linguísticos, dos aspectos fonomorfológicos da gramática das línguas gestuais. Com esse olhar voltado para a importância do uso das expressões faciais, os marcadores

não-manuais³ e a utilização da articulação *mouthing* durante a sinalização em língua de sinais, essa pesquisa buscará dados científicos que evidenciem a importância desses elementos gramaticais para a compreensão da língua de sinais e tentará destacar as interferências linguísticas sofridas pelos usuários de língua de sinais durante o período pandêmico da COVID-19.

2. Língua de sinais e Libras

Os Estudos Linguísticos e os Estudos da Tradução vêm ao longo dos anos analisando elementos descritos das línguas interpretantes. Através dos estudos e pesquisas realizadas ao longo dos anos, conseguimos ter inúmeras descobertas relacionadas à língua de sinais.

Dessa forma, por meio desses estudos foi possível descobrir e demarcar que a língua de sinais é uma língua natural que possui todos os componentes que a caracterizam como uma língua de uso natural das comunidades surdas. Através dela é possível expressar qualquer tipo de sentença, ideia ou sentimentos abstratos conforme estabelece a estrutura gramatical no aspecto sintático, semântico-pragmáticos, sendo esta formada pelos parâmetros linguísticos da língua de sinais, que são definidos pelos parâmetros primários e secundários, como: Configuração de Mão (CM), Movimento (M), Ponto de Articulação (PA), Orientação de Mão (OR) e as Expressões Faciais e Corporais (EFC). Santos (2020) explica que

[...] Em línguas de sinais, as unidades lexicais são formadas a partir de parâmetros (STOKOE,1960), a saber: Configuração de Mão (CM), Localização (L), sendo esses as primeiras unidades formacionais observadas nessa modalidade. Análises posteriores apontaram outros dois parâmetros de formação fônica em línguas sinalizadas: Orientação e Mão (OR) e os aspectos ou Expressões Não Manuais (ENMs). (Santos, 2020, p. 497).

Em relação às Expressões Faciais e Corporais (EFC) estão inseridos também os Marcadores Não-Manuais (MNM) que transmitem as marcas e expressões realizadas por meio da face do sinalizador da língua de sinais (olhos, boca, queixo, bochecha e testa) e também realizadas através da movimentação corpo (inclinação e posições de tronco realizadas durante a sinalização). Todos esses elementos linguísticos fazem parte da estrutura gramatical da língua de sinais e expressam gestualmente todos os sentidos e funções pretendidos dentro das sentenças produzidas na língua de sinais. Sendo assim, compreendemos que a língua de sinais é uma língua gesto-visual realizada através da sinalização em que é conduzida através do corpo do sinalizante, sendo percebida por meio da visão do receptor. Com isso, “uma língua de modalidade visuo-espacial ou visuo-gestual é acessada pelos olhos e produzida pelas mãos e pelo corpo, utiliza-se de inclinações corporais, direcionamento do olhar e expressões não-manuais dotadas de valor gramatical”. (Santos, 2020. p. 490).

³ Marcadores não-manuais: Na literatura é possível encontrar a expressão “não manuais” sem a utilização de hífen e “não-manuais” com a utilização de hífen (-). Nesta pesquisa, será registrado com hífen, segundo as normas gramaticais. (Nota da autora 2024).

3. Aspectos fonomorfológicos: Expressões Faciais e Corporais e os Marcadores Não-Manuais na língua de sinais

Na língua de sinais os sentidos, as funções linguísticas, a entonação, entoação e prosódias regida nas orações e sentenças são expressas por todos os parâmetros linguísticos, que são os componentes estruturais da gramática da língua de sinais. Dentre estes não se pode esquecer das expressões faciais e dos marcadores não-manuais, pois estes fazem parte dos aspectos fonomorfológicos da gramática dessa língua gestualizada, pois eles expressam sentidos e significados, com valores semânticos durante a sinalização do usuário de língua de sinais, pois se compreende que “[a] modalidade visual-espacial permite que articuladores não manuais (Expressões Não-Manuais-ENM), incorporem informações linguístico-gramaticais [...]”. (Bett; Liddell, 1978; Sutton-Spencer; Woll, 1999; *apud* Santos, 2021, p. 135).

Hoje as pesquisas existentes sobre as línguas de sinais nos trazem a afirmação e confirmação da grande importância da presença das expressões faciais e corporais e dos marcadores não-manuais na língua de sinais/Libras, pois estes são de extrema importância para a compreensão e para a transmissão de sentenças completas, pensamentos e significados na língua de sinais. Elementos gramaticais que possibilitam a transmissão de sentidos de forma clara, pois por meio destes elementos é transmitido inúmeras enunciações e caracteres linguísticos essenciais para a compreensão da sinalização feita em língua de sinais. Por se tratarem de elementos gramaticais, as EFC e os MNM possuem em seu interior inúmeras especificidades gramaticais que colaboram para a compreensão dos significados e sentidos e auxiliam na distinção das categorias gramaticais. Pegô (2013) destaca que:

[...] além dos sinais manuais, fazem parte da língua de sinais as marcas não-manuais, que são expressões faciais e corporais utilizadas durante a sinalização. Estas marcas não-manuais são consideradas gramaticais, pois acrescentam significado aos sinais produzidos tanto ao nível morfológico quanto no nível sintático. (Pizzio, 2011; *apud* Pegô, 2013, p.20).

Dentro destes elementos linguísticos não-manuais se tem outro elemento importantíssimo para a compreensão e especificação de significados que são os *mouthings*, onde estes são articulações labiais realizadas com a sinalização e estes possuem uma infinidade de características que colaboram com a compreensão dos significados e desambiguação dos conceitos, os *mouthings* tornam os sentidos e significados pretendidos mais específicos durante as enunciações.

De acordo com Rodrigues e Medeiro (2016), os *mouthings* ampliam as informações disponíveis complementando a significação do sinal, dando aos surdos uma melhor compreensão do que está sendo dito e fazendo com que tenham menos esforço cognitivo.

4. Mouthings e seus atributos linguísticos

Nesta perspectiva estudamos a através de inúmeros artigos, textos e dissertações os *mouthings* e suas especificidades, é possível destacar que existem diferentes tipos e categorias de *mouthings* dentro da língua de sinais. Sendo assim, o primeiro tipo é nomeado apenas como *mouthings* que são as

articulações orais das palavras durante a sinalização e este serve como desambiguador e categorizador gramatical de inúmeros aspectos que auxiliam em uma melhor compreensão nas línguas de sinais.

Segundo Leonel (2019, p. 24) toda a “[...] articulação labial em Libras pode ser usada como uma forma de diferenciar o uso de determinadas construções e assim guiar o modo como o sinalizante quer que elas sejam entendidas por seu interlocutor”. O outro tipo encontrado nas pesquisas são os *mouth Gestures* onde estes podem ser classificados como movimentos que são próprios ou naturais da boca e podem ser chamados de gestos de boca ou de morfema boca, pois estas articulações são pertencentes dos sinais, pois eles “são um tipo de gesto idiomático inerente às línguas de sinais” (Sutton-Spence; Boyes Braem, 2001; Schermer, 2001; Sutton-Spence; Day, 2001; Vogt-Svendsen, 2001; Sutton-Spence, 2007 *apud* Rodrigues; Medeiros, 2016, p. 7).

Os *mouth Gestures* fazem parte das características gramaticais dos sinais e seus significados, pois ao serem realizadas juntamente a sinalização, fazendo com que seja expresso o real sentido das enunciações sinalizadas, vemos então, a grande importância deste na língua de sinais por ser um dos aspectos linguísticos que transmite as características semânticas existentes no sinal e as funções enfáticas pretendidas, pois através destes é expresso os elementos gramaticais icônicos que fazem parte da significação dos sinais.

Por meio destes dados é possível se perceber a grandiosidade e a importância dos *mouth gestures* que são articulados na boca do sinalizante, visto que “[...] a boca é utilizada como parte inerente de sinais manuais específicos ou ela é utilizada como um morfema independente passível de combinações com sinais manuais” (Bickford; Fraychineaud, 2008 *apud* Leonel, 2019, p. 25). E estes são “[...] Utilizados na comunidade surda como partes intrínsecas a um determinado sinal, os quais não podem ser eliminados sem afetar foneticamente o sinal.” (Boyes Braem; Sutton-Spence, 2001 *apud* Leonel, 2019, p. 25). Após este esclarecimento sobre os tipos de *mouthings* e os diferenciar entre *mouthings* e *mouth gestures*, na sequência descreveremos as características e especificações do uso e a demarcação dos efeitos linguísticos e as mudanças que se há quando este elemento gramatical está presente na sinalização.

Os *mouthings* são realizados através da articulação labial durante a sinalização, fazendo com que haja uma fusão de elementos linguísticos durante a sinalização. A articulação labial *mouthing* são realizadas simultaneamente com a sinalização, a articulação labial das palavras pode ser realizada de forma parcial ou por meio da articulação total das palavras juntamente aos sinais manuais. A articulação labial *mouthing* é realizada pelo sinalizante por meio de *code-blending*⁴ durante a sinalização manual, com o objetivo de oferecer a maximização de informações linguísticas, para que o receptor tenha uma melhor compreensão dos significados sinalizados, visto que com o uso da articulação labial *mouthings* há a especificação, desambiguação de sentidos e significados.

⁴ *code-blending* “[...] é a sobreposição de línguas de distintas modalidades” (Rodrigues 2013, 2018 *apud* Leonel, 2019, p. 28).

Segundo Leonel (2019, p. 26) as articulações labiais *mouthings* são elementos essenciais na modalidade gesto-visual para distinguir as palavras, expressões e termos, contribuindo com o sentido. No entanto, sem essa articulação as palavras podem se tornar homófonas. De acordo com Leonel (2019) e Rodrigues e Medeiros (2016) os *mouthings* possuem categorias que permitem com que haja uma melhor compreensão dos significados enunciados, categorias estas que foram organizadas e apresentadas no quadro (1) abaixo:

Quadro 1: Categorias de *Mouthings* na língua de sinais.

Categorias de <i>Mouthings</i> na língua de sinais		
<i>Mouthings</i> de Desambiguação	<i>Mouthings</i> de Ampliação de informação	<i>Mouthings</i> sem Motivos
* Desambiguação de sinais. * Restrição de polissemia. * Especificação de dêiticos. * Diferenciação de sinais semelhantes ou pares mínimos. * Diferenciação de conceitos.	* Complemento de significado * Demarcação do real conceito empregado. * Ênfase e enriquecimento do sinal. * Marca itens Morfológicos.	* Acontecem sem razão e evidência a competência bilíngue do Intérprete e a sua competência interpretativa em realizar o <i>Code-blend</i> e administrar a necessidade de uso dos <i>mouthings</i> na sinalização.

Fonte: Elaboração das autoras.

O quadro 1 é uma síntese das categorias de *mouthings* apresentadas por Leonel (2019) e Rodrigues e Medeiros (2016), assim descreve-se que a articulação labial *mouthings* são divididas em três categorias: *Mouthings* de Desambiguação, *Mouthings* de Ampliação de informação e *Mouthings* Sem Motivo. Por meio do quadro (1) é possível visualizar as funções de cada uma das categorias e compreender que os *mouthings* auxiliam em uma melhor compreensão do conteúdo em que foi sinalizado, fazendo com que os receptores tenham o máximo de elementos e informações para entender de forma clara, e conseguir cognitivamente, assimilar o real conceito e função sintática pretendido pelo enunciador durante a sinalização. Além dos *mouthings* as expressões faciais e os marcadores não-manuais também trazem inúmeras informações importantíssimas para a compreensão dos enunciados, informações essas transmitidas através dos componentes faciais como: Boca, Queixo, Bochecha, Olhos, Testa e Sobrancelha. Pêgo (2013, p. 20) destaca que “a maioria das informações/marcações linguísticas concentra-se na face do sinalizante” (Bahan, 1996, p. 48).

As expressões e articulações realizadas através destes elementos expressivos não-manuais marcam elementos gramaticais e morfológicos como morfemas adjetivos de qualidade, morfemas dêiticos, morfemas adverbiais, por meio da intensificação dos sinais e também marcam os morfemas de grau adjetivo e superlativo que são expressos através da bochecha e da boca. De acordo com Felipe (2013) toda “uma MNM pode ser um morfema complexo, realizado por meio de articuladores, para a marca adjetiva, adverbial, pronominal, interjeição, marca de aspecto e tempo verbal e grau em adjetivos” (Felipe, 2013, p. 79).

Assim, como também, através dos marcadores não-manuais é possível expressar marcas sintáticas como negação, concordância, tempo e aspecto. Segundo Felipe (2013) “uma MNM pode ser um morfema complexo, realizado através de articuladores, para marcar um determinado tipo de frase, a topicalização, o foco, a concordância nominal e verbal, enunciado com orações condicional e relativa ou com conectores interfrásticos” (Felipe, 2013, p. 81).

Além disso, as expressões faciais e os marcadores não-manuais, principalmente a boca e a bochecha, transmitem aspectos fonomorfológicos icônicos, pertencentes aos sinais e trazem consigo elementos gramaticais, que são necessários para a compreensão, e que sem eles, os sinais não possuem sentido ou significação. Dessa maneira, desses dois marcadores não-manuais é possível realizar os sinais não-manuais em que são expressos apenas através da face, sem nenhuma sinalização manual, pois “[a]s MNMs podem ser um componente fonológico de um sinal ou representar o próprio sinal não manual” (Felipe, 2013, p.77).

Nesta linha de raciocínio, é possível ver e destacar a importância da presença e visualização das expressões faciais e dos marcadores não-manuais para o receptor ter uma plena compreensão das sentenças em que são enunciadas em língua de sinais. Tendo isso em vista, essa pesquisa pretende evidenciar que a compreensão e o entendimento da língua de sinais, só é possível se todos os parâmetros linguísticos estiverem presentes de forma clara, durante a sinalização e que os empecilhos nessa visualização podem prejudicar a compreensão dos receptores, assim como afirma Felipe (2013)

Nas línguas de sinais, as expressões visuais gramático-discursivas são expressas através de MNMs que, realizadas concomitantemente com o sinal ou frase, integram-se ao plano fonológico, morfossintático e semântico-discursivo delas. Por isso, caso elas não sejam expressas, o sinal ou enunciado pode se tornar agramatical ou pode não ser decodificável, causando ambiguidade. (Felipe, 2013, p. 77).

Está pesquisa recolherá os dados para a comprovação das hipóteses afirmadas acima por uma experiência com uma situação controlada, que será realizada com um olhar contextualizado nas experiências do período pandêmico da COVID-19 vivido nos últimos dois anos, onde que para a diminuição do contágio foi requisitado por lei a obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção em todos os ambientes públicos através da Lei de nº 14.019/2020.

Durante esse período, em toda situação de comunicação entre surdos e ouvintes, foi possível notar a imensa dificuldade vivida pelas pessoas surdas, pois a utilização deste acessório durante a sinalização, acaba inibindo a visualização e percepção dos marcadores não-manuais, como as expressões faciais, a visualização dos *mouthings*, pois este item de proteção cobre parte da face do sinalizante, cobrindo elementos fonoarticulatórios, tais como: boca, queixo e a bochecha que são elementos gramaticais e essenciais para a transmissão das informações e compreensão dos enunciados realizados em língua de sinais.

Segundo Santos (2021), toda “[...] a marcação do aspecto em Libras é realizado por atividades manuais e não manuais, especialmente na interação entre o movimento manual e as ações da boca,

através de um compartilhamento de traços fonológicos.”(Santos, 2021, p. 145). Então através da contextualização do período pandêmico e das dificuldades linguísticas e comunicativas enfrentadas pela comunidade surda por conta das interferências linguísticas, esta pesquisa teve em vista mostrar através desta contextualização a comprovação das hipóteses mediante uma experiência em que nos possibilitará mostrar que a compreensão e o entendimento da língua de sinais, só é possível se todos os parâmetros linguísticos estejam presentes de forma clara durante a sinalização e que empecilhos nesta visualização podem prejudicar a compreensão do surdo.

Os procedimentos metodológicos, serão apresentados a seguir, relatando sobre a experiência realizada com os participantes, bem como a proposta metodológica utilizada para buscarmos os resultados pretendidos. Com isso, ressalta-se que esta pesquisa visa analisar as perdas gramaticais sofridas pelos receptores da língua de sinais, durante a compreensão das sentenças, quando se há o impedimento na visualização de um dos parâmetros linguísticos, fonomorfológicos e gramaticais da língua de sinais, como os marcadores não-manuais, expressões faciais e a visualização das articulações labiais *mouthings* no momento da sinalização, além disso, esta pesquisa também tem o intuito de comprovar a importância dos elementos linguísticos citados acima para a compreensão dos enunciados realizados em língua de sinais.

5. Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa utilizou-se de métodos de natureza quali(quantitativos) para obter dados concisos sobre a temática apresentada. Assim, destaca-se que esta pesquisa é de design experimental, tendo como característica o levantamento de dados por meio de uma experiência controlada em modalidade online, por meio de questionário virtual.

Destaca-se que, em busca de comprovar as hipóteses levantadas nesta pesquisa e recolher os dados necessários, para garantir as análises descritivas do uso da língua de sinais. A princípio tínhamos como metodologia uma pesquisa qualitativa com experiências e recolhimentos de dados produzidos em modalidade presencial, e esta seria realizada com a participação de dois grupos: (A-) grupo de surdos, (B-) grupo de TILPS⁵(ouvintes), mas infelizmente não foi possível realizar o recolhimento de dados por meio de experiência controlada em modalidade presencial, pois os recursos tecno-operacionais (vídeos, luz e câmeras) não estavam disponíveis para realizar uma coleta de dados de forma suficiente e eficiente para a pesquisa e para garantir os procedimentos metodológicos, deste modo, buscou-se a utilização de recursos gratuitos que todos os participantes tivessem acesso remotamente, para assim ser possível a realização desta pesquisa. Para conseguir comprovar as informações pretendidas e recolher os dados foi feita uma pesquisa qualitativa, por meio de uma experiência realizada na plataforma do *google* formulários, através de um questionário virtual.

É importante evidenciar que a pesquisa teve como público alvo usuários de Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo esta destinada a pessoas com distintos níveis de escolaridade: Ensino

⁵ TILSP: Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa (Nota das autoras 2024).

fundamental, ensino médio, universitários (graduação ou pós-graduação), tendo como critério de participação de pesquisa ser usuário da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e como critério de exclusão o indivíduo não ser usuário da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Como apresentado anteriormente o levantamento de dados desta pesquisa foi realizado por meio de uma experiência controlada em modalidade online, através de questionário virtual com o uso da plataforma *Google* formulários. Destaca-se que a escolha pelo uso desta plataforma para o recolhimento de dados se deu, pelo fato de que esta plataforma é online e possibilitar o fácil compartilhamento e acesso ao material como questionários, assim como, pelo fato da plataforma *google* formulários possuir uma ferramenta automática em que reúne as respostas obtidas no questionário e expõe essas respostas em forma de gráficos, possibilitando uma melhor análise dos números obtidos e das respostas de cada participante. Deste modo, por meio da plataforma do *Google* formulários obtivemos um panorama das respostas dos participantes ao visualizarem as perguntas do questionário, proporcionando um levantamento de dados mais conciso.

Deste modo, o questionário de pesquisa foi enviado e compartilhado via whatsapp aos membros da comunidade surda da cidade de Vitória no estado do Espírito Santo, com o objetivo de recolher dados que confirmem as hipóteses e possibilite a análise dos níveis de compreensão da leitura orofacial dos usuários de Língua Brasileira de Sinais (surdos e ouvintes) em relação a cada sentença sinalizada, visualizando as diferenças na compreensão das sentenças quando se tinha interferências comunicativas ocasionadas pela máscara de proteção facial contra a COVID-19, ocasionando na impossibilidade de visualização e de leitura de leitura orofacial de elementos linguísticos da Libras como: Expressões faciais, Marcadores Não-manuais e articulação labial *mouthing*.

Para a produção e realização desta pesquisa foram realizados uma sequência de procedimentos metodológicos, com o intuito de adquirir dados e informações que confirmassem as hipóteses de pesquisa. Assim, primeiramente foi realizada a busca de referenciais teóricos, por meio de consultas em textos da área dos Estudos Linguísticos e das áreas dos Estudos da Tradução e da Interpretação. No segundo momento, foi realizada a elaboração das perguntas a serem aplicadas durante o experimento da pesquisa. No terceiro momento foi criado um questionário na plataforma do *Google* Formulários, com 17 perguntas objetivas, divididas da seguinte forma: (1) Grupo característico dos participantes: surdos ou ouvintes; (2) Grau de formação e escolaridade; (3) Idade que aprendeu a língua de sinais; (4) Importância das Expressões Faciais durante a sinalização; (5) Houve alguma dificuldade na compreensão dos significados, conceitos ou sentenças durante o período pandêmico com o uso de máscaras pelos TILSP; (6) Realização de sentenças utilizando máscara de proteção durante a sinalização e (7) Realização de sentenças sinalizadas SEM a utilização de máscara de proteção e com expressões faciais, marcadores não-manuais, e as articulações labiais *mouthings* presentes e visíveis durante toda a sinalização TILSP.

Ao finalizar de responder o questionário, organizamos os dados para serem analisados conforme a intenção dessa iniciação de pesquisa científica. O quadro 1 exemplifica a organização que a pesquisadora elaborou no *Google* formulários. Observe:

Figura 1: Sentenças elaboradas COM e SEM máscaras no questionário.

1	2
Assista ao vídeo e marque a opção correta.	Assista ao vídeo e marque a opção correta.
	
Marque sua Resposta nas opções abaixo: *	Marque sua Resposta nas opções abaixo: *
☐ Cuidado!! olha. ☐ Cuidado com o ladrão. ☐ Cuidado presta atenção.	☐ Cuidado! olha. ☐ Cuidado com o ladrão. ☐ Cuidado presta atenção.

Fonte: Elaboração das autoras.

A figura 1 tem o objetivo de exemplificar como foram elaboradas as perguntas aplicadas no questionário em que foi enviado aos participantes dessa pesquisa. Na figura 1, há duas imagens que ilustram os exemplos da TILSP fazendo a interpretação COM e SEM o uso de máscara. No exemplo (1) a TILSP COM máscara realizou a sentença em Libras <CUIDADO LADRÃO> e o participante tinha 3 alternativas para escolher, como: “Cuidado!! Olha.”; “Cuidado com o ladrão.” e “Cuidado, presta atenção.” Na imagem (1) é possível ver que a sinalização foi realizada pela TILSP COM o uso de máscaras, protegendo a face, ocultando assim, o uso de expressões faciais e marcadores não-manuais. Na imagem (2) é possível identificar as mesmas opções para o participante marcar a sentença escolhida da tradução. O que muda da imagem (1) para imagem (2) é que a TILSP encontra-se SEM a máscara de proteção contra o COVID-19, podendo assim, a TILSP interpretar as suas escolhas com uso de expressões faciais e de marcadores não-manuais e o participante surdo, escolher uma das opções abaixo.

A figura 1 apresenta um recorte de como as sentenças foram interpretadas pela TILSP, e disponibilizadas no questionário virtual realizado na plataforma *Google* formulários. É importante destacar que o questionário possuía em seu conteúdo as perguntas escritas em Língua Portuguesa e vídeos com a sinalização em Língua Brasileira de Sinais, com o intuito de que os participantes pudessem ter acesso linguístico nas duas línguas.

A partir dos dados coletados por meio desta experiência controlada, foi possível identificar que as hipóteses estavam certas, e que a maioria dos participantes tiveram grandes dificuldades de

compreender a sinalização COM o uso de máscaras durante a interpretação da TILSP. Contudo, é possível comparar os resultados e identificar as perdas cognitivas que impactam diretamente aos usuários da língua de sinais, quando estes elementos gramaticais não estão presentes ou são invisibilizados durante a sinalização.

6. Análises e resultados

Após a elaboração desse questionário ele foi encaminhado a alguns membros da comunidade surda, deixando livre para quem quisesse participar da pesquisa, com a finalidade de obter respostas, e posteriormente, realizar as análises dos dados coletados, para descrever os resultados encontrados para essa proposta de pesquisa.

O questionário foi encaminhado para surdos (usuários de Libras) e ouvintes (membros da comunidade surda), com o propósito de identificar o nível de compreensão da leitura orofacial dos surdos e ouvintes em relação a cada sentença sinalizada.

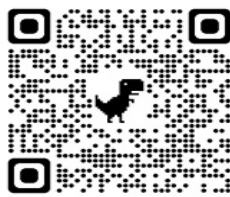
Pelo curto período da aplicação da pesquisa (60 dias) tivemos 8 participantes entre surdos e ouvintes. Dentre eles, responderam, 5 participantes surdos e 3 participantes ouvintes. Totalizando 75% dos participantes são graduados, sendo que 25% dos participantes possuem mestrado, o que revela que mostrando assim que todos os participantes dessa pesquisa possuem um nível superior acadêmico. Dessa forma, foi possível observar que dos 8 participantes que responderam à pesquisa, 5 aprenderam a língua de sinais durante a infância e na adolescência, 3 dos participantes aprenderam a língua já na fase adulta. Nota-se que é possível identificar ver que todos os participantes, além de ter um grau de instrução superior, também tem conhecimento e compreensão linguística da língua de sinais.

No questionário os participantes foram indagados sobre a importância das expressões faciais e marcadores não-manuais na sinalização em língua de sinais, e também se acreditavam que estes elementos linguísticos são importantes para a compreensão e leitura durante uma sinalização em língua de sinais. Verificou-se nas respostas que 100% dos participantes afirmaram que os marcadores não-manuais e as expressões faciais, são importantíssimos para a compreensão, leitura e entendimento das sentenças realizadas durante a sinalização em língua de sinais, de maneira idêntica, os participantes foram questionados se tiveram dificuldades na compreensão dos significados e sentidos quando eram expressos durante uma comunicação no período pandêmico por conta das interferências linguísticas causadas pelo uso das máscaras de proteção e a não visualização dos parâmetros secundários dos elementos gramaticais da língua de sinais, todos os participantes, ou seja, 100% dos participantes afirmaram que tiveram grandes dificuldades para compreender e assimilar os conceitos e significados que eram expressos em língua de sinais pelo TILSP, justamente, por conta da não conseguirem identificar durante a visualização dos elementos linguísticos, que eram ocultados pelo uso da máscara de proteção contra o COVID-19.

As respostas do questionário confirmam as nossas hipóteses, e com elas conseguimos, por meio de uma experiência coletiva, que o mesmo questionário realizado para ouvintes usuários de Libras, alguns são TILSP, registraram as mesmas dificuldades encontradas pelos surdos. Todavia, mesmo todo esforço dispensado pelos usuários de Libras (surdos e ouvintes), é possível observar que todas as sentenças elaboradas para o questionário, COM e SEM máscaras de proteção durante a sinalização, causam impactos positivos e negativos durante a comunicação em língua de sinais. Com isso, quando o TILSP estivesse realizando a sinalização (COM) uma máscara, certamente, durante a comunicação a visualização dos componentes gramaticais seria impossibilitada, em um segundo momento foi feita outra experiência com a mesma TILSP realizando sentenças sem este item de proteção com o intuito de mostrar a compreensão dos enunciados sinalizados quando se tem presente ou é possível visualizar as expressões faciais, os marcadores não-manuais e a utilização da articulação *mouthings* durante a sinalização, com o intuito de analisar as respostas e perceber as perdas sofridas pelos receptores, quando não há estes elementos durante a sinalização e também visando destacar a importância da utilização destes na sinalização dos enunciados em língua de sinais. A seguir apresentaremos um recorte das análises realizadas para essa pesquisa, isto é; exemplos de sentenças em que foram elaboradas pela pesquisadora e encaminhadas via questionário virtual aos participantes surdos e ouvintes usuários de língua de sinais.

Os procedimentos realizados para aplicar o questionário aos participantes desta pesquisa, foram organizados da seguinte maneira: todas as sentenças foram elaboradas pela pesquisadora e a mesma realizou a sinalização cada uma das sentenças COM e SEM o uso de máscaras de proteção facial, todas as sentenças sinalizadas foram gravadas em Libras e adicionadas ao questionário disponível gratuitamente no *google* formulário. Logo após as inserções dos vídeos gravados com as sentenças, a pesquisadora atribuiu ao questionário do formulário *google*, opções de sentenças traduzidas em português. Ressalta-se que em cada uma das sentenças sinalizadas, tinham alternativas com sentenças que possuíam ambiguidade e/ou polissemia dos sentidos e significados, para que então os participantes assistissem ao vídeo e optasse por uma das alternativas que havia compreendido durante a sinalização. Observamos o Quadro 3 que apresenta a interpretação da sentença “O intérprete já leu e estudou o julgamento”, que fora sinalizada COM máscara e sem o uso das EFC, MNM e *mouthings*.

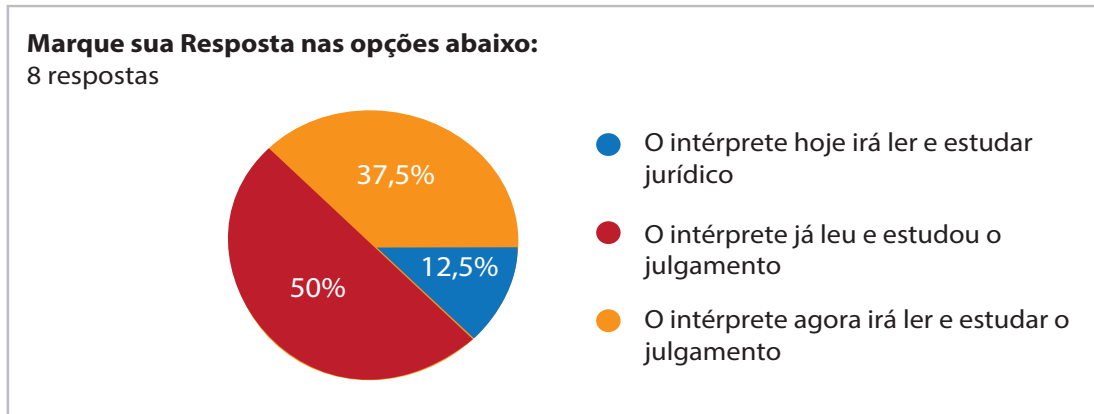
Quadro 2: Sentença 1a: “O intérprete já leu e estudou o julgamento” - COM uso de máscara

Sentença 1a - SEM a presença das EFC, MNM e mouthings	
Sentença controlada: O intérprete já leu e estudou o Julgamento.	 Link: https://youtu.be/UzS3lMWdBnM

Fonte: Elaboração das autoras.

Após os participantes surdos e ouvintes visualizarem o vídeo, selecionaram então uma das três (3) alternativas de acordo com sua compreensão do que foi sinalizado no vídeo. O gráfico 1 apresenta as alternativas que os surdos e ouvintes responderam no questionário.

Gráfico 1: Dados das alternativas selecionadas pelos participantes da sentença 1a: “O intérprete já leu e estudou o julgamento” - (COM uso de máscara) e SEM o uso das EFC, MNM e *mouthings*.



Fonte: Elaboração das autoras

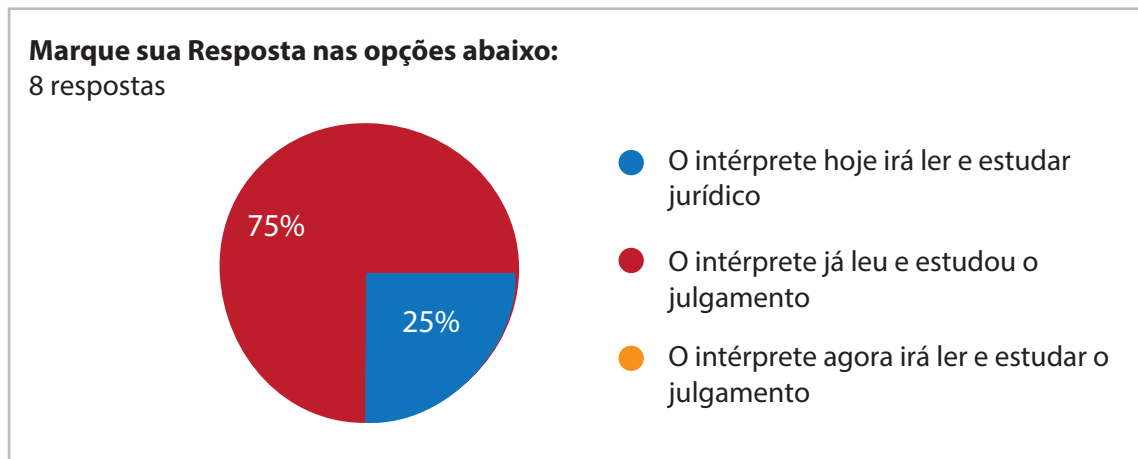
No gráfico 1 (sentença 1a), é possível ver que ao visualizar a sinalização da sentença com a utilização de máscara e com a inibição da visualização dos elementos gramaticais: expressões faciais, dos marcadores não-manuais e da articulação labial *mouthing* 12,5% dos participantes selecionaram a alternativa correspondente a tradução “o intérprete hoje irá ler e estudar jurídico”, um índice maior, as alternativas foram 37,5% dos participantes que responderam à alternativa entendendo a sinalização da sentença como “o intérprete agora irá ler e estudar o julgamento” e num total de 50% dos participantes conseguiram compreender corretamente a sinalização que era pretendida durante a sinalização “o intérprete já leu e estudou o julgamento”. Verifica-se que COM o uso da máscara os outros 50% tiveram dificuldades de identificar na tradução para o português a sentença que se aproximasse dos elementos básicos da gramática em língua de sinais, como os parâmetros secundários, os quais são as expressões faciais, os marcadores não-manuais e a articulação labial - *mouthing*.

Quadro 3: Sentença 1b: “O intérprete já leu e estudou o julgamento” (SEM máscara).

Sentença 1b - COM das EFC, MNM e mouthings	
Sentença controlada: O intérprete já leu e estudou o Julgamento.	 link: https://youtu.be/Xo0IIhNkmIw

Fonte: Elaboração das autoras.

Gráfico 2: Sentença 1b: “O intérprete já leu e estudou o julgamento”,
(SEM máscara) e COM o uso das EFC, MNM e *mouthings*.



Fonte: Elaboração das autoras

Por meio do exemplo apresentado no gráfico 2 (sentença 1b) é possível ver a diferença na compreensão da sentença quando se tem presente as expressões faciais, os marcadores não-manuais e a realização da articulação *mouthings* durante a sinalização. Nesta sentença se possui sinais polissêmicos com sinais que podem ter diferentes significados e sentidos como foi demarcado: O intérprete **já** leu e estudou o **Julgamento**. É possível ver neste exemplo que o uso das expressões faciais e o uso da articulação labial *mouthings* fez com que houvesse uma desambiguação e especificação do significado da sentença sinalizada com a desambiguação dos termos **já** e **Julgamento**, pois ambos possuem sinais ambíguos e polissêmicos que possuem diversos significados na língua de sinais e a articulação labial destes fizeram com que 75% dos participantes compreendessem de forma clara o real sentido que era pretendido na sentença e marcarem então a opção correta da sentença sinalizada.

Quadro 4: Sentença 2a: “Cuidado com o ladrão”- (COM máscara)

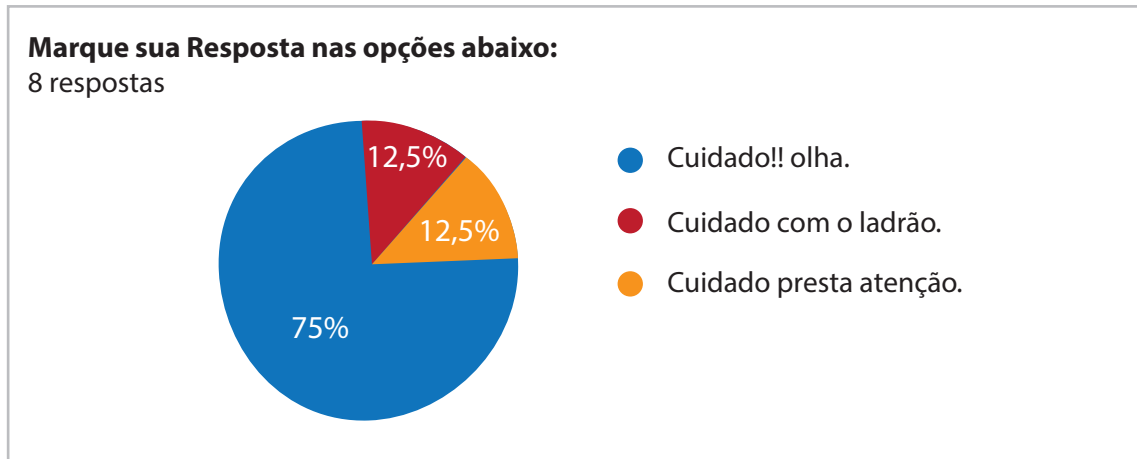
Sentença 2a - SEM a presença das EFC, MNM e <i>mouthings</i>	
Sentença controlada: Cuidado com o ladrão.	 Link: https://youtu.be/0viM0b4Dozs

Fonte: Elaboração das autoras

A língua de sinais e a presença do discurso orofacial durante a sinalização: uma contribuição da semântica cognitiva

Após os participantes Surdos e ouvintes visualizarem o vídeo e compreenderem o que foi sinalizado, os participantes marcaram uma alternativa de acordo com sua compreensão:

Gráfico 3: Sentença 2a: “Cuidado com o ladrão”- (COM máscara) e SEM o uso das EFC, MNM e *mouthings*.



Fonte: Elaboração das autoras.

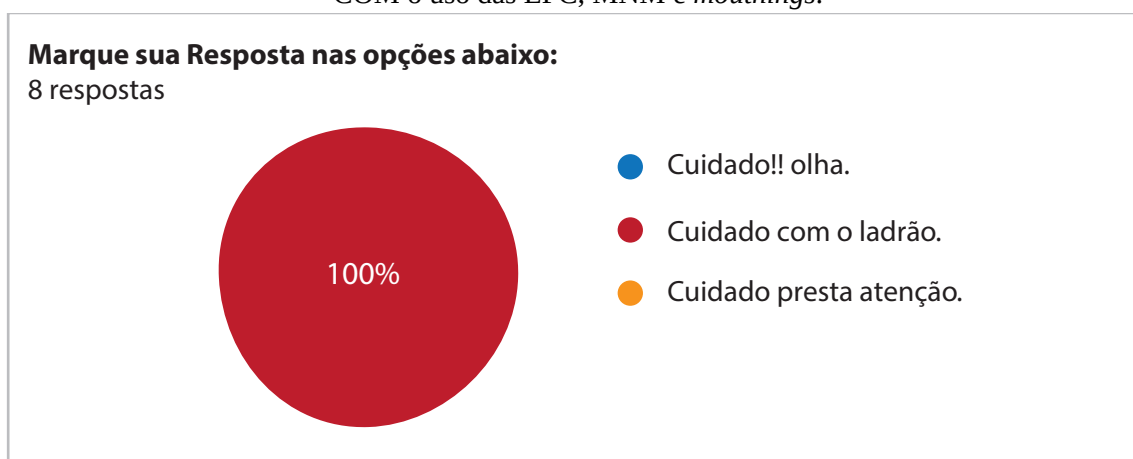
Neste gráfico 3 (sentença 2a) é possível ver que 75% dos participantes entenderam a sinalização da sentença como “cuidado!! olha.” 12,5% dos participantes entenderam “cuidado presta atenção.” e 12,5% dos participantes entenderam “cuidado com o ladrão.” sentença essa que realmente era pretendida durante a sinalização.

Quadro 5: Sentença 2b: “Cuidado com o ladrão” (SEM máscara)

Sentença 2b - COM a presença das EFC, MNM e mouthings	
Sentença controlada: Cuidado com o ladrão.	 Link: https://youtu.be/0cBUC9zi3-I

Fonte: Elaboração das autoras.

Gráfico 4: Sentença 2b: “Cuidado com o ladrão” - (SEM máscara) e COM o uso das EFC, MNM e *mouthings*.



Fonte: Elaboração das autoras.

Neste segundo exemplo visto nos gráficos 3 (sentença 2a) e 4 (sentença 2b) é notório a diferença da compreensão dos sentidos que foram alcançados cognitivamente pelos participantes do questionário ao visualizarem as sinalizações da sentença: Cuidado com o **ladrão**. Visto que o termo **Ladrão** sinalizado na sentença é realizado apenas através de sinais não-manuais e de marcadores não-manuais, tendo então, sua configuração sónica expressa apenas através da face utilizando as articulações da boca, bochecha e língua, através deste aspecto linguístico presente neste sinal é possível ver que na primeira sinalização os participantes não conseguiram compreender o significado e conceito pretendido na enunciação, prejuízos estes que foram ocasionados pela falta e não visualização das expressões faciais e marcadores não-manuais durante a sinalização, reafirmando a importância destes elementos linguísticos e fonológicos para a compreensão da sinalização, afirmação essa que é explicitamente visível na segunda sinalização da mesma sentença, mas possuindo todos os componentes linguísticos presentes e visíveis durante a sinalização, o que possibilitou com que todos os participantes compreendessem a sentença pretendida com sua real função, sentido e significado, pois 100% dos participantes marcaram a opção correta após visualizar a sinalização SEM o uso de máscara de proteção facial e com a presença dos marcadores não-manuais e das expressões faciais.

Após a análise destes dados coletados foi possível perceber as dificuldades vivenciadas pelos usuários de língua de sinais/Libras durante o período pandêmico da COVID-19 e evidentemente perceber as interferências comunicativas que são acarretadas durante o uso de máscaras de proteção facial tendo em consideração que esta inibe a visualização de parâmetros linguísticos dos aspectos fonomorfológicos gramaticais da língua de sinais como Expressões Faciais (ExF), Marcadores Não-Manuais (MNM) e o uso da articulação labial *mouthings* fazendo com que os usuários sofram perdas na compreensão do significado das sentenças e enunciados sinalizados em língua de sinais, tendo em vista que estes elementos linguísticos são inibidos durante o uso do item de proteção facial. Além disso, foi possível ver a diferença na compreensão dos participantes quando eles tinham presentes e visíveis todos os elementos gramaticais como expressões faciais, marcadores não-manuais e as articulações labiais *mouthings* durante a sinalização, fazendo com que eles compreendessem o

real sentido que era pretendido durante a sinalização das sentenças levando-os a marcar as sentenças que eram pretendidas durante a sinalização.

Considerações finais

Por fim, os dados coletados e as análises realizadas nesta pesquisa, evidenciaram as interferências comunicativas enfrentadas pelos usuários de língua de sinais/ Libras durante a pandemia vivenciada nos últimos anos mostrando que 100% dos participantes destacaram as suas dificuldades comunicativas enfrentadas neste período, assim como também através da experiência realizada é notório se perceber as interferências e seus impactos, da mesma forma os dados desta pesquisa trazem um destaque para o uso dos elementos gramaticais da língua de sinais: Expressões Faciais (ExF), Marcadores Não-Manuais (MNM) e o uso da articulação labial *mouthings* e o auxílio destes elementos para a compreensão e processamento cognitivo dos enunciados do português interpretados para língua de sinais.

Desta forma esta pesquisa científica traz contribuições importantíssimas para a área dos estudos acerca das línguas de sinais, colaborando no aumento de produções científicas nas áreas de tradução e interpretação de língua de sinais e auxiliando na formação de TILSP, ressalta-se aqui que é necessário que se tenha novas pesquisas sobre esta temática para ser possível se ter mais dados científicos sobre o uso destes elementos linguísticos na língua de sinais, então a autora destaca aqui o desejo de produzir outras pesquisas com aprofundamento desta temática com o intuito de contribuir com a área dos estudos linguísticos e colaborar com os avanços comunicativos da comunidade surda, assim como auxiliar na formação de profissionais da área e suas estratégias de atuação junto à comunidade surda.

Referências

BAHAN, B. *Non-manual realization of agreement in American Sign Language*. 1996. Tese de doutorado (Filosofia), Boston University, 1996.

BRASIL. *Lei nº 14.019*, de 2 de julho de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14019.htm. Acesso em: 25 ago. 2025.

COTOVICZ, M.; STEIECHEN, E. M.; ANTOSZCZYSZEN, S. Libras: algumas reflexões sobre a sintaxe. *Revista Odisseia*, v. 3, n. 1, pp. 16-35, Natal, RN, jan./jun. 18 dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2018v3n1ID12613>.

FELIPE, T. A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais-Libras. In: *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso, v. 8, n. 2, pp. 67-89, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/14141>. Acesso em: 25 ago. 2025.

LEONEL, D. C. *A articulação labial (mouthings) como estratégia de diferenciação de sinais e construção de significados*. 2019. 63 F. TCC (Graduação Letras-Libras bacharelado) Centro de Comunicação e Expressão (CCE/UFSC). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/227444>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PÊGO, C. F. *Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca*. 2013. 88 f., Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13303>. Acesso em: 25 ago. 2025.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea entre línguas e modalidades. In: Impactos da Modalidade na Interpretação e Tradução para Libras: Estudo da Interpretação | Notas de aula Tradução | Docsity. *Veredas atemática*, v. 17, n. 2, pp. 266-286. Juiz de Fora. 2013. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/docs/a-interpretacao-simultanea-entre-linguas-e-modalidades/9175587/>. Acesso em: 25 de Ago. de 2025.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. *Revista Da Anpoll*, v.1, n. 44, pp. 111-129, Florianópolis, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1146/940>. Acesso em: 25 ago. 2025.

RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V. O uso de *mouthings* na interpretação simultânea para a língua brasileira de sinais. In: V CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS BRASILEIRA. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016. pp. 1-15. Disponível em: <https://www.congressotils.com.br/anais/2016/3604.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SANTOS, H. R. Traços categorizadores na derivação de pares de nomes verbos em Libras. In: *Scripta*, v. 24, n. 51, pp. 488-513, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/23125>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SANTOS, H. R. Traços não manuais de eventualidades em Libras. In: *Estudos Linguísticos e Literários*. n. 72, pp. 126-148. Salvador, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/46602>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SILVA, L. D.; DIAS, L. G.; MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. O processamento Cognitivo do Surdo. In: FERNANDES, L. A.; MARQUES-SANTOS, L. E. (org.). *Cenários atuais dos estudos linguísticos da Libras*. 1. ed. Tutóia/MA: Diálogos, 2021. v. 1. pp. 141-165. Disponível em: https://www.academia.edu/72362154/Cen%C3%A1rios_atuais_dos_estudos_lingu%C3%ADsticos_da_Libras. Acesso em: 25 ago. 2025.

LINGÜÍSTICA COGNITIVA E ESTUDOS GRAMATICAIS DA LIBRAS:

SINAIS TÉCNICOS EM SAÚDE E BIOSSEGURANÇA

COGNITIVE LINGUISTICS AND GRAMMATICAL STUDIES OF LIBRAS:

TECHNICAL SIGNS IN HEALTH AND BIOSAFETY

Gildete da S. Amorim Mendes Francisco¹

Saulo Cabral Bourguignon²

Gláucio de Castro Júnior³

RESUMO

A intensificação das políticas públicas voltadas ao reconhecimento da Libras como língua oficial impulsionou o desenvolvimento de materiais bilíngues e a produção de glossários especializados. Este artigo tem como objetivo analisar os mecanismos linguísticos, gramaticais e cognitivos envolvidos na criação de sinais-termo em Libras, com foco em áreas técnicas como a Biossegurança e a Saúde. Fundamentado na linguística cognitiva, o estudo destaca a corporeidade como princípio estruturante da língua de sinais, associando a iconicidade à experiência sensório-motora e aos contextos socioculturais da comunidade surda. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, descritivo-analítica, articulando conceitos de lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia. A multimodalidade é apresentada como estratégia metodológica essencial para o registro e a validação de sinais, valorizando recursos visuais e sinalizados na construção de glossários acessíveis. A análise de fichas terminológicas revela a relevância da terminografia bilíngue como ferramenta de ensino e promoção da acessibilidade linguística em contextos de saúde. Por fim, observa-se que o modelo proposto por Francisco (2022) contribui para esta pesquisa ao propor uma estrutura de registro lexical que articula práticas de educação lexicográfica com os fundamentos da linguística cognitiva, reafirmando que a definição de um sinal-termo ultrapassa a descrição formal e deve refletir os processos cognitivos e socioculturais que o constituem. Enquanto língua visual-espacial, a Libras revela como os significados emergem da interação do corpo com o mundo físico e social.

PALAVRAS-CHAVE: Multimodalidade. Construção lexical. Corporeidade na Libras.

ABSTRACT

The intensification of public policies aimed at recognizing Libras as an official language has driven the development of bilingual materials and the production of specialized glossaries. This article aims to analyze the linguistic, grammatical, and cognitive mechanisms involved in the creation of technical signs in Libras, focusing on technical fields such as Biosafety and Health. Grounded in Cognitive Linguistics, the study highlights embodiment as a structuring principle of sign language, linking iconicity to sensorimotor experience and to the sociocultural contexts of the Deaf community. The research adopts a qualitative, descriptive-analytical approach, articulating concepts from lexicology, lexicography, terminology, and terminography.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), gildeteamorim@id.uff.br, <https://orcid.org/0000-0001-5185-2092>.

² Universidade Federal Fluminense (UFF), saulocb@id.uff.br, <https://orcid.org/0000-0003-2098-8880>.

³ Universidade de Brasília (UnB), librasunb@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3002-5308>.

Multimodality is presented as an essential methodological strategy for the documentation and validation of signs, valuing visual and signed resources in the construction of accessible glossaries. The analysis of terminological entries reveals the relevance of bilingual terminography as a tool for teaching and promoting linguistic accessibility in health-related contexts. Finally, it is observed that the model proposed by Francisco (2022) contributes to this research by offering a lexical registration structure that integrates lexicographic education practices with the foundations of Cognitive Linguistics, reaffirming that the definition of a technical sign goes beyond formal description and must reflect the cognitive and sociocultural processes that constitute it. As a visual-spatial language, Libras reveals how meanings emerge from the interaction between the body and the physical and social world.

KEYWORDS: Multimodality. Lexical construction. Embodiment in Libras.

Introdução

A partir da Lei 10.436/2002 e sua regulamentação pelo Decreto 5.626/2005, observa-se uma intensificação das pesquisas linguísticas voltadas à tradução, à produção de materiais e ao fortalecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esse crescimento tem impulsionado a elaboração de glossários e dicionários nas mais diversas áreas do conhecimento, promovendo práticas de acessibilidade linguística e cultural que asseguram a integração de pessoas Surdas.

Esse movimento, além de ampliar o repertório lexical da Libras, também provoca reflexões mais profundas sobre os mecanismos que sustentam sua organização interna e os processos que orientam sua construção de sentido. Os aspectos formais da Libras e os fundamentos cognitivos permeiam sua estruturação e uso, assim como a interface entre linguagem, cognição e experiência é especialmente relevante na construção de materiais bilíngues, pois os sinais são representações significativas de contextos socioculturais e perceptivos compartilhados.

A construção de sinais-termo em Libras emerge de processos cognitivos corporificados (Lakoff; Johnson, [1980] 2002; Johnson, 2007), nos quais o sujeito surdo ativa experiências sensório-motoras, organiza informações no espaço e mobiliza imagens mentais (Langacker, 2008; Silva; Silva; Melo, 2015). Por sua vez, a iconicidade, fortemente presente nas línguas de sinais (Wilcox, 2004; Brito, 2010), está aliada à vivência cultural e linguística dos usuários da Libras (Skliar, 1998; Strobel, 2008) e configura um cenário no qual a terminografia bilíngue requer abordagens que articulem cognição, corporeidade e contexto sociocultural.

De acordo com Santos (2011, p. 17): “processos mentais não são autônomos, mas dependentes de experiências, que se formam por meio de negociações semânticas de nosso contato com o mundo, sem dissociações com nossa percepção sensitiva”. No contexto da produção terminográfica, destacam-se os desafios específicos da elaboração de materiais bilíngues envolvendo a Libras, sobretudo quanto à representação semântico-conceitual de termos técnicos na área da saúde.

Com base no exposto, o principal objetivo desta pesquisa foi identificar, no processo de elaboração e organização de sinais-termo da obra de Francisco (2022), construções linguísticas que evidenciam a corporeidade como princípio estruturante da Libras. Além disso, buscou-se explorar teorias linguísticas vinculadas aos estudos cognitivos corporificados que contribuam para descrever

e explicar os mecanismos cognitivos e gramaticais envolvidos na criação de sinais técnicos nas áreas de Biossegurança e Saúde.

A estrutura da apresentação deste estudo é pautada no seguinte encadeamento de ideias: inicia-se com uma fundamentação teórica que constrói as bases conceituais necessárias para a análise da relação entre a linguística cognitiva e o léxico organizado. Primeiramente, são explorados os estudos gramaticais na Libras, com ênfase nos elementos que sustentam a formação dos sinais. São apresentados conceitos de gramaticalidade, iconicidade e cognição, interagindo com a temática da saúde.

A abordagem gramatical se articula com os pressupostos da linguística cognitiva, que amplia a compreensão do funcionamento da Libras e enfatiza a relação entre forma e significado a partir de conceitos como metáforas cognitivas e esquemas imagéticos. Essa conexão no contexto visual-gestual da Libras ganha força no campo da Saúde, onde a experiência corporal se mostra essencial para a criação de sinais compreensíveis.

Na sequência, o texto avança para uma discussão sobre lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia, delineando suas especificidades e mostrando como se complementam na proposta de criação e registro de sinais especializados. A multimodalidade – vídeos, imagens, descrições escritas e sinalizadas – surge como estratégia nesse processo e subsidia a construção metodológica do estudo, que adota uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-analítico.

Por fim, a análise das fichas terminológicas em Biossegurança e Saúde acompanham a explicitação dos critérios linguísticos, gramaticais e cognitivos utilizados na criação dos sinais-termo, destacando a contribuição da terminografia multimodal como ferramenta que potencializa o ensino, a interpretação e a acessibilidade em contextos de saúde.

1. Fundamentação teórica

A compreensão dos estudos gramaticais formais ajuda a entender a estrutura física dos sinais, enquanto a linguística cognitiva oferece uma lente para compreender como o significado é construído com base em experiências e na cognição humana. Nesse escopo, a forma do sinal (estrutura) está conectada ao significado (cognição) – e essa articulação é fundamental para compreender como a Libras funciona como uma língua natural e complexa.

1.1. Critérios de seleção e métodos de análise

As discussões contemplam produções científicas articuladas entre a gramática das línguas de sinais e a linguística cognitiva, com ênfase nas especificidades da Libras enquanto língua natural, visual-espacial e multimodal. Optou-se por não delimitar um período específico para o levantamento bibliográfico. Em vez disso, foram selecionados autores representativos em cada eixo temático, com ênfase nos teóricos da linguística cognitiva aplicados à Libras. As buscas foram realizadas em bases de dados amplamente reconhecidas, como o Google Acadêmico e a SciELO, priorizando a combinação

entre estudos já consolidados e produções recentes, de modo a contemplar diferentes perspectivas sobre as temáticas investigadas.

A escolha das categorias descritivas – como gramaticalidade, iconicidade e cognição – foi guiada pela necessidade de compreender a construção do significado na Libras a partir de suas estruturas formais, mas também de seus fundamentos cognitivos e semióticos. A partir dessas três categorias, destacam-se exemplos e descrições que abordam desde a estrutura articulatória dos sinais até os processos metafóricos e metonímicos que participam da organização conceitual na língua, escolhidos por representarem fenômenos linguísticos relevantes para uma análise em contextos específicos, como o da saúde, onde a clareza referencial e a iconicidade dos sinais são essenciais para a comunicação.

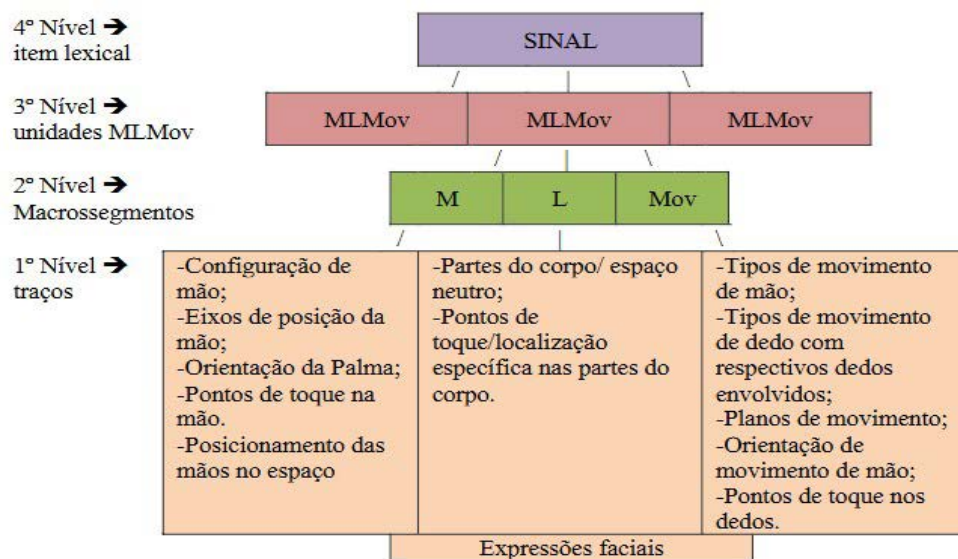
As ocorrências que ilustram o uso de localizadores, a duplicação pronominal e a construção espacial dos referentes foram incluídas por revelarem a complexidade sintática e discursiva da Libras, com base em autores como Quadros e Karnopp (2004). No campo da terminologia técnica, essa abordagem descritiva demonstra como o espaço sinalizado é funcionalmente explorado para marcar participantes, ações e relações semânticas. Em se tratando de metáforas conceituais e esquemas imagéticos, foram integrados estudos que exemplificam o papel da cognição na organização do léxico e na criação de sinais.

Por fim, estudos referentes às abordagens lexicológicas, terminográficas e multimodais foram incluídos por fornecerem o suporte teórico e metodológico necessário à criação e ao registro de sinais especializados. Ancorada em pesquisas como Barbosa (1990), essa etapa possibilitou aprofundar a compreensão sobre os aspectos que envolvem a seleção e a descrição do léxico técnico de forma sistematizada, sensível à variação linguística e atenta às demandas comunicativas da Libras em contextos de especialidade.

A base empírica nos estudos revisados é composta por diferentes abordagens metodológicas, incluindo dados qualitativos e quantitativos, contribuindo para a construção de um aporte teórico abrangente e diversificado. Na etapa de análise das fichas terminológicas, vale destacar que os materiais são provenientes de dados primários desenvolvidos pela autora e não estão contemplados nem integram a fundamentação teórica, mas compõem uma análise técnica da corporeidade, que constitui o foco central desta pesquisa.

2. Da forma ao significado: gramaticalidade, iconicidade e cognição na Libras

A gramaticalidade refere-se à conformidade das expressões linguísticas às regras estruturais da língua, envolvendo parâmetros como configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial (Quadros; Karnopp, 2004). Na figura 1, pode-se observar a estrutura articulatória do sinal em Libras.

Figura 1: Estrutura articulatória do sinal em Libras

Fonte: Lessa-de-Oliveira, Matos e Sampaio (2021, p. 235).

De acordo com Prado e Oliveira (2013, p. 3286), o processo de referenciação dos localizadores na Libras pode ocorrer de duas formas: “acompanhando outros sinais dentro de um sintagma; ou isolados, servindo-os como argumentos de verbos”. Em outras palavras, as autoras explicam como a língua marca os referentes (pessoas, objetos ou entidades de que se fala) no espaço discursivo.

Trazendo para o contexto da saúde, pode-se exemplificar o primeiro caso descrito (localizador dentro de um sintagma): sinais como “dor”, “exame”, “medicamento”, “ferida” podem ser combinados com localizadores para precisar o local anatômico ou a ação em um ponto do corpo ou espaço. Por exemplo, se o paciente sinaliza DOR e em seguida, aponta para o estômago, esse apontamento funciona como localizador dentro do sintagma – indicando onde está a dor: **SINAL: DOR + [apontar região abdominal] → “dor no estômago”**.

Por outro lado, os localizadores como argumentos de verbos (referenciação das pessoas) assumem que o espaço à frente do corpo do sinalizador é usado para representar os participantes da interação ou da narrativa, e no contexto da saúde podem ocorrer por meio de orientações/instruções médicas.

Na primeira pessoa, o sinalizador aponta para si, e como exemplo pode-se observar: **“EU PRECISAR VACINA”**, em que o localizador é o próprio corpo: o “eu” paciente que precisa da vacina. Na segunda pessoa, o interlocutor pode ser o paciente ou o profissional da saúde, e em um exemplo de atendimento, temos: **“VOCÊ PRECISAR EXAME SANGUE”**, sendo que o profissional usa o espaço para referenciar o paciente.

Na terceira pessoa, o sinalizador aponta para um ponto criando um referente espacial fixo. Vejamos um exemplo de orientação médica para uma mãe surda, em que o profissional associa o espaço à direita com a criança (3ª pessoa) e continua referenciando esse ponto ao longo do diálogo: **“SEU FILHO (aponta para o lado direito) VACINA HOJE, DEPOIS MÉDICO VER”**.

A gramaticalidade na Libras não se limita à estrutura isolada dos sinais, mas também se expressa na construção sintática, na ordem dos constituintes e nas marcas não manuais que codificam aspectos gramaticais como negação, perguntas ou topicalização. Segundo Da Silva (2021, p. 31): “a gramaticalidade é analisada pela alteração dos movimentos, ritmos ou da forma do percurso do sinal, principalmente na classe dos verbos de concordância, na marcação de número nos substantivos e em classificadores”.

Santos *et al.* (2013) citam o estudo de Sze e Lee (2010) e como as línguas de sinais podem apresentar padrões gramaticais raramente encontrados em línguas orais, como o uso duplicado de pronomes em uma mesma frase. Esse fenômeno ocorre, por exemplo, quando o sinalizador aponta inicialmente para um ponto no espaço que representa um referente – como uma pessoa mencionada – e, ao final da frase, repete esse apontamento. Essa repetição não é redundante, mas sim uma estratégia visual para manter a atenção do interlocutor e reforçar a clareza do discurso.

Trata-se de um recurso de indexação espacial, muito comum nas línguas de sinais, que permite ao falante organizar visualmente os participantes da interação e garantir que o tema principal permaneça proeminente ao longo da enunciação. Assim, enquanto nas línguas verbais os pronomes geralmente aparecem apenas uma vez, nas línguas de sinais a duplicação pode ser gramaticalmente funcional, marcando com mais precisão a referência dentro do espaço sinalizado (Santos *et al.*, 2013).

Por sua vez, a iconicidade é uma característica marcante que se manifesta quando a forma do sinal mantém uma semelhança perceptual com seu referente no mundo real, seja a partir da forma, do movimento ou da localização espacial. Diferente da arbitrariedade típica das línguas orais, a iconicidade em Libras contribui para a ancoragem cognitiva dos conceitos, favorecendo a aquisição linguística e o reconhecimento semântico (Salles, 2006).

Langacker (2008) aponta que a iconicidade pode ser observada na maneira como as pessoas organizam e sequenciam os eventos, tanto aqueles que realmente acontecem quanto os que são apenas imaginados ou conceitualizados, durante o processo de comunicação. Portanto, a forma como os eventos são dispostos e apresentados reflete uma correspondência entre a estrutura da comunicação e a sequência lógica dos acontecimentos ou ideias que estão sendo transmitidos.

A iconicidade, regulada pelas estruturas linguísticas da Libras, molda-se às convenções da comunidade surda usuária da língua. Conforme Brito, Souza e Abreu (2021, p. 8): “é um fenômeno presente em todas as línguas, sejam elas orais ou sinalizadas, permeando todos os seus níveis linguísticos”. Em sua pesquisa, os autores relatam variantes para o sinal do vírus SARS-CoV-2 – causador da COVID-19 –, também denominado coronavírus, e explicam a importância da iconicidade na constituição dos termos, especialmente em léxicos emergentes.

Sob a ótica da cognição, o processamento da Libras envolve uma complexa integração de múltiplos canais (manual, facial, corporal) associados tanto à linguagem quanto à percepção visuoespacial. A linguística cognitiva mostra que a forma dos sinais, ainda que icônica, é sistematicamente mapeada em redes semânticas abstratas e estruturada por esquemas imagéticos,

metáforas e metonímias. Assim, a cognição não apenas interpreta a forma, mas a organiza, dá coerência e articula significados em contextos diversos, inclusive na criação de neologismos e sinais-termo técnicos.

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 47-48), a “essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos da outra”. No caso das metonímias funcionais, temos como exemplo sinais que utilizam o espaço do tronco e da cabeça como “recipientes” de processos fisiológicos ou mentais. Por exemplo, sinais relacionados a “informação”, “conhecimento” e “memória” frequentemente sinalizam que “colocam” ou “retiram” algo da cabeça.

Quando dizem, por exemplo, “ele tem visão para os negócios”, significa alguém que tem a capacidade de ver além. Nessa frase, visão não está relacionada aos olhos físicos, mas se trata de uma metáfora que utiliza um sentido (visão) advinda de nossa experiência corporal, relacionando, então, com a capacidade que alguém tenha em observar detalhes e possibilidades referente à área de negócios empresariais. (Ferreira, 2014, p. 53).

No contexto da saúde, sinais para “normal”, “estável” ou “saudável” fazem uso de movimentos simétricos, estáticos, que indicam centralidade. Neste caso, observamos a metáfora conceitual “saúde é equilíbrio”, por exemplo. De modo similar, sinais para infecção ou contaminação costumam empregar movimentos que “entram” no corpo, sugerindo que algo externo o invadiu, sendo um reflexo da metáfora “doença é um invasor” presente também na linguagem oral.

Os espaços mentais representam as formas como armazenamos e organizamos o conhecimento, e esquemas imagéticos referem-se a representações visuais ou perceptivas que influenciam nossa compreensão. Esses conceitos fundamentam os processos de metáforas e metonímias e ajudam a dar significado e clareza à comunicação, tornando ideias complexas mais compreensíveis (Sessa; Bernardo, 2021).

3. Lexicologia, terminologia e multimodalidade: abordagens metodológicas para a criação e o registro de sinais especializados

A pesquisa de Barbosa (1990) propôs conceituar e distinguir os seguintes ramos da linguística: lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia. Com relação ao significado de lexicografia, a autora explica:

A palavra também é objeto de exame da *Lexicografia*, que a toma, no entanto, de outro ângulo, de vez que se define como uma tecnologia de tratamento daquela, de compilação, classificação, análise e processamento, de que resulta, por exemplo, a produção de dicionários, vocabulários técnico-científicos, vocabulários especializados e congêneres [...] tem, de fato, caráter metassemiótico multifacetado, na medida em que se articula a vários níveis de estruturação e análise linguística: o primeiro, o das línguas naturais, configuradas como um “discurso semiótico”, como *semiótica-objeto*; o segundo, o do “fazer lexicográfico” – *Lexicografia* como *ciência aplicada* e/ou *tecnologia* – que, por sua natureza, gera um discurso metassemiótico; o terceiro nível, o da ciência lexicográfica – *Lexicografia* enquanto *pesquisa*

fundamental –, que produz um discurso meta-metassemiótico; o quarto, correspondente ao da análise e descrição da ciência lexicográfica, objeto de estudo, nessa instância, da *metalexicografia*, que engendra, por sua vez, um discurso metameta-metassemiótico. (Barbosa, 1990, p. 4, grifos da autora).

Sobre o caráter multissignificativo da lexicografia, Barbosa (1990, p. 7) discorre a respeito das seguintes vertentes: pesquisa fundamental e ciência aplicada. Em sua pesquisa, a autora traz o conceito de vocábulo, entendido como unidade-padrão de um conjunto que resulta nas obras lexicográficas. Segundo afirma, uma obra lexicográfica “[...] recupera, compila, armazena as unidades lexicais, com vistas a resgatar os seus significados, explicando-os com uma metalinguagem definitiva”.

Barbosa (1990) se pauta na visão de Genouvrier e Peytard (1974), onde lexicografia é a técnica dos dicionários e lexicologia é caracterizada pelo estudo científico do léxico. De modo similar, Navarro (2010) descreve as particularidades destes ramos da linguística. Para a autora, lexicografia é descrita como uma atividade que resulta em dicionários, podendo ser também a disciplina que estuda esse trabalho. Já a lexicologia trata do repertório geral de palavras nas mais variadas interpretações – significados, classes gramaticais, composição das palavras, entre outras.

De acordo com Rey-Debove e Morais ([1984] 2001, p. 46), existem duas formas de aprender uma língua: aprendizagem natural (aperfeiçoada pelo uso da gramática e do dicionário) e a aprendizagem artificial (sustentada por verificações de experiências na comunicação). Para os autores, léxico é entendido como:

[...] o conjunto das unidades submetidas às regras da gramática dessa língua, sendo a conjunção da gramática e do léxico necessária e suficiente à produção (codificação) ou à compreensão (descodificação) das frases duma língua.

O léxico é composto de variação e variantes que ocorrem ao longo dos anos em uma determinada cultura. A esse respeito, é importante considerar a perspectiva apresentada por Biderman (2001, p. 179), que diz: “as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer”.

Com relação à escolha de um léxico para elaboração de uma obra bilíngue, como exemplo os dicionários, Rey-Debove e Morais ([1984] 2001) afirmam que é preciso considerar o conjunto de palavras compreendidas entre o léxico total – língua rica que funciona mal no conjunto da sociedade, mas que exprime muito – e o léxico comum – língua pobre que funciona bem no conjunto da sociedade, mas que exprime pouco. Tais conjuntos de palavras apresentam limites teóricos que, segundo os autores, explicam as variações existentes nos dicionários.

Além disso, o uso de recursos como vídeos, imagens e descrições sinalizadas surge como estratégia no processo de elaboração de obras bilíngues. Nesse escopo, Arruda (2009) apresenta uma proposta de glossário semibilíngue com foco no registro de orientações da Teoria da Multimodalidade. Tuxi (2018, p. 172), explica a importância da estrutura desses materiais.

Nos estudos de glossários bilíngues, ou seja, em que o verbete seja grafado em língua de sinais, acreditamos que o verbete deve conter estruturas que possibilitem ao consulente a compreensão conceitual e estrutural do sinal-termo, ou seja, algumas das estruturas acima não devem ser utilizadas.

A construção do significado na comunicação humana vai além da linguagem verbal, envolvendo diferentes modos de expressão que interagem entre si de forma social e culturalmente situadas. Nesse sentido, Kress (2011, p. 54) explica que os modos semióticos “são recursos socialmente e culturalmente construídos para produzir significado. A imagem estática, a escrita, o *layout*, a música, os gestos, a fala, as imagens em movimento e as trilhas sonoras são exemplos de modos”. Sua teoria se baseia na perspectiva que a linguagem escrita não é a única forma válida de comunicação – isso é uma ideia tradicional, ligada à escola e à impressão.

O tema também é bastante discutido no artigo intitulado “A multimodalidade em dicionários de Libras: reflexões teóricas e aplicadas” (Cinti; Rodrigues-Pereira, 2022), em que os autores analisam como as informações que compõem os verbetes dos dicionários em Libras-Português são complementadas por elementos multimodais. Na referida pesquisa, foram avaliados o *Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira baseado em linguística e neurociências cognitivas* (Capovilla; Raphael; Maurício, 2009) e o *Dicionário da língua de sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (Capovilla et al., 2019), que conduziram os autores a selecionar os verbetes com impressões multimodais de destaque.

4. Corpo e linguagem: perspectivas baseadas em obras bilíngues em saúde

A relação entre corpo e linguagem tem sido amplamente discutida à luz das teorias da cognição corporificada, que compreendem o pensamento como indissociável das experiências sensorio-motoras que vivenciamos no mundo. Segundo Lakoff e Johnson ([1980] 2002, p. 28), a mente humana não pode ser entendida como uma entidade puramente abstrata e dissociada do corpo:

A mente seria “corporificada”, isto é, estruturada através de nossas experiências corporais, e não uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo. Da mesma forma, a razão não seria algo que pudesse transcender o nosso corpo: ela é também “corporificada”, pois origina-se tanto da natureza de nosso cérebro, como das peculiaridades de nossos corpos e de suas experiências no mundo em que vivemos. Com isso, desconstrói-se o dualismo cartesiano entre corpo e mente.

Quadros, Pizzio e Rezende (2009) esclarecem sobre o movimento nas línguas de sinais, enfatizando como ele é percebido e processado, com foco na diferença entre os canais sensoriais auditivo (línguas orais) e visual-espacial (línguas sinalizadas). Na pesquisa experimental relatada pelas autoras, chegou-se ao entendimento de que a exposição a uma língua visual-espacial modifica a percepção de elementos linguísticos, assim como ocorre com línguas orais, provando que o sistema linguístico molda a percepção, independentemente do canal sensorial usado.

As principais dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos não estão ligadas à organização mental ou problemas comunicativos e cognitivos, mas está relacionada à ausência de interações com o meio social; de maneira que esse meio não se encontra preparado o suficiente para compartilhar com esse indivíduo as experiências linguísticas essenciais para que essa aquisição aconteça de maneira espontânea. (Silva; Silva; Melo, 2015, p. 102-103).

Sobre as expressões faciais, Quadros, Pizzio e Rezende (2009) apresentam estudos que comprovam a complexidade neurológica das línguas de sinais: o mesmo sistema muscular (a face) é usado para duas funções distintas, controladas por áreas diferentes do cérebro, dependendo de sua função comunicativa. Em se tratando das emoções por expressão facial, Knapp e Hall (1999, p. 263-264) afirmam que este parâmetro comunica reações cognitivas e interpretativas.

Quando você fica de queixo caído e mantém a boca aberta, sem exibir outros traços de expressão de surpresa, pode estar dizendo que o comentário de outra pessoa é surpreendente ou que você está aturdido com o que foi dito. Algumas vezes as sobrancelhas irão comunicar “estou confuso” ou “duvido”.

Em outras palavras, entende-se que o rosto comunica mais do que emoções – ele transmite interpretações, julgamentos e impactos do que está sendo dito ou vivido na interação. Além disso, interagem com elementos gramaticais obrigatórios para indicar, por exemplo: tipos de frase, que podem ser afirmativas, interrogativas ou condicionais; para dar ênfase na comunicação; em funções sintáticas, como em orações subordinadas, relativas etc. (Quadros; Pizzio; Rezende, 2009).

Santos *et al.* (2013) tratam da importância de reconhecer e respeitar a estrutura visual-espacial da Libras ao se traduzir e interpretar para pessoas surdas. O destaque dado pelas autoras, reforça que intérpretes se tornem mais sensíveis à lógica visual da Libras e ao modo de pensar das pessoas surdas, oferecendo traduções que realmente façam sentido dentro da sua estrutura cognitiva.

Antunes (2012, p. 28) aborda a relação da cognição com o léxico, afirmando que:

[...] a linguagem intermedeia nossa relação com o mundo [...] Essa relação se dá entre as categorias cognitivas que construímos das coisas ao longo de nossa experiência e as palavras de que a língua vai dispondo para expressar tais categorias. Quer dizer, as palavras são “a representação linguística” dessas categorias cognitivas que construímos e armazenamos [...] O léxico corresponde, assim, ao inventário dos itens linguísticos com que expressamos essas categorias e subcategorias cognitivas.

As Fichas Terminológicas ilustradas nas figuras 2 e 3 estão voltadas para o campo da Saúde e Biossegurança, e são parte de um dos produtos da tese de doutoramento de Francisco (2022). Na pesquisa, essas fichas compõem o Glossário Multilíngue Ilustrado com características multimodais, além de ilustrações, parâmetros de configuração de mãos, localização, escrita de sinais, imagem em realidade aumentada, sinal em Libras e sinais em línguas estrangeiras.

Destaca-se que as fichas selecionadas possuem elementos multimodais (imagem, glossário bilíngue e contextualização em Libras) e foram construídas de forma colaborativa com a comunidade

surda e profissionais da saúde. Além disso, representam cada um dos campos analisados: Saúde e Biossegurança. Quanto aos termos – *imunidade* (Saúde) e *barreira de contenção* (Biossegurança) –, foram escolhidos por serem representativos em suas respectivas áreas, principalmente pela relevância conceitual e frequência de uso que possuem em contextos técnicos e práticos. Em outras palavras, os termos refletem conceitos-chave dentro de suas áreas, comumente utilizados em materiais informativos, protocolos e orientações voltados à prevenção e cuidado.

Figura 2: Ficha do termo “barreira de contenção”

21	FICHA TERMINOLÓGICA		
Termo: Barreira de Contenção; <i>Contention Barrier</i> ; <i>Barrera de Contención</i>			
SW 		Realidade Aumentada 	
Configuração de Mãos 		Localização 	
			
			
			
			
Categoria	Biossegurança, Química	Classe Gramatical	Substantivo
Definição em português		Conjunto de equipamentos e instalações padronizados para conter organismos ou microrganismos patogênicos e proteger a saúde humana, animal e ambiental.	
Link QR: Conceito		QR: Exemplo	
			

Fonte: Francisco (2022).

A análise do termo “barreira de contenção” sinalizado em Libras (figura 2), que representa os conceitos de impedimento físico, bloqueio ou isolamento, demonstra que sua realização parte de uma construção ancorada na experiência do corpo, ou seja, na maneira como os indivíduos compreendem conceitos abstratos a partir de suas vivências físicas e espaciais no mundo.

Articulado com as mãos posicionadas diante do corpo, como se simulassem o fechamento de um portão ou a interposição de uma grade, o sinal projeta uma metáfora visual concreta: a de uma barreira protetora. Essa configuração evoca a imagem de elementos físicos que impedem a passagem – como cercas ou muros – e traduz funcionalmente a ação de conter ou interromper o fluxo entre dois espaços distintos. A movimentação das mãos reforça essa interpretação, sugerindo a instauração de um limite tangível, quase palpável, que divide o espaço em dois domínios: o protegido e o ameaçador.

O espaço de realização do sinal, situado no plano neutro à frente do tórax, adquire função simbólica ao operar como um referencial topológico. O corpo do sinalizante passa a representar o “interior” a ser resguardado, enquanto o espaço externo, que se projeta à frente das mãos, assume a conotação do “fora”, entendido como uma possível ameaça. Essa organização espacial reforça a metáfora da barreira como uma zona de contenção que atua para preservar a integridade de um determinado território simbólico – neste caso, o próprio corpo.

Do ponto de vista da iconicidade, o sinal é altamente motivado. Sua forma e movimento reproduzem visualmente a função daquilo que representa, promovendo uma correspondência direta entre a estrutura do gesto e o conceito de contenção. Essa relação entre forma e significado não é arbitrária, mas baseada em experiências perceptivo-motoras partilhadas, nas quais os indivíduos reconhecem a função de um obstáculo a partir da maneira como este se manifesta no espaço.

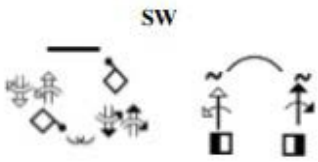
Assim, o corpo participa da construção do significado, além de ser um meio expressivo da experiência metafórica, conforme propõe a linguística cognitiva. Nesse contexto, a corporeidade opera como fundamento da representação simbólica: o corpo do sinalizante deixa de ser apenas suporte para se converter em um componente ativo da construção do sentido, encarnando e projetando, por meio do gesto, uma compreensão espacializada e funcional dos conceitos de bloqueio, contenção e isolamento.

Se a aplicação do sinal “barreira de contenção” estiver contextualizada no discurso ou comunicação, destaca-se a perspectiva de Bernardino *et al.* (2020), ao afirmarem que “uma ação construída, diferentemente de gestos espontâneos, segue uma série de regras que delimitam a sua elaboração”. Sinais criados em áreas técnicas ou científicas não emergem de maneira aleatória ou meramente intuitiva, pelo contrário, são fruto de um processo linguístico sistematizado.

Para as autoras, o “espaço que fundamentaria o discurso no momento de sua ocorrência seria a BASE, e a partir dela outros espaços mentais seriam criados para falar de outras informações que extrapolem o contexto imediato” (Bernardino *et al.*, 2020, p. 3). Essa noção de *base* como ponto de ancoragem discursiva é fundamental para compreender como os sinais em Libras são organizados no espaço. No caso de termos técnicos, como “barreira de contenção”, essa base atua como ponto de partida para a introdução de conceitos correlatos, facilitando a organização espacial e temporal das informações e permitindo uma comunicação mais precisa e eficiente no contexto bilíngue.

A seguir, na figura 3, o termo “imunidade” sinalizado em Libras, que também foi analisado sob a ótica da linguística cognitiva.

Figura 3: Ficha do termo “imunidade”

60	FICHA TERMINOLÓGICA		
Termo: Imunidade; Immunity; Inmunidad			
		Realidade Aumentada 	
Configuração de Mãos 		Localização 	
 Libras			
 ASL			
 LSch			
 LSA			
Categoria	Biologia, Saúde	Classe Gramatical	Substantivo
Definição em português		Resistência usualmente associada à presença de anticorpos que têm o efeito de inibir microorganismos específicos ou suas toxinas responsáveis por doenças infecciosas particulares.	
Link QR: Conceito 		QR: Exemplo 	

Fonte: Francisco (2022).

O sinal “imunidade” representa um mecanismo de defesa interna, a sinalização parte de um ponto central do tórax, simbolizando o “interior do corpo”, e se projeta para fora, sugerindo uma ação de proteção. Essa construção gestual evoca a ideia de imunidade como uma resposta ativa do corpo frente a ameaças externas, reforçando a concepção do corpo como domínio de segurança, conceito central na linguística cognitiva.

A organização dos sinais nas línguas de sinais se mistura com a organização dos gestos, pois se apresentam na mesma modalidade, diferentemente das línguas faladas. Nessas línguas, quando analisamos um sinal, observamos as formas com que se apresentam as mãos e os movimentos associados a elas [...] podemos apontar o uso da referência explícita através da apontação por meio do dedo indicador. (Quadros; Pizzio; Rezende, 2009, p. 15).

O corpo é utilizado como referência espacial e simbólica: o centro do tórax indica o local interno de origem da proteção, enquanto os punhos fechados à frente do peito demonstram a força e o bloqueio contra possíveis invasores. Há um claro esquema imagético fonte-caminho-meta: o movimento parte do centro do corpo (fonte), percorre um trajeto de organização (caminho) e culmina na formação de uma barreira protetora (meta).

Por sua vez, entende-se que o espaço diante do tórax é explorado como campo de ação simbólico do sistema imunológico, colocando o corpo como cenário e agente do significado, assim como o uso dos punhos fechados ativa a metáfora de resistência e combate, na qual o corpo não apenas expressa, mas também corporifica o conceito de defesa.

No que se refere à iconicidade, ela se apresenta de forma mais abstrata, mas ainda assim fortemente motivada. O sinal mostra uma ação interna de defesa, sem representar diretamente células ou vírus, mantendo-se ancorado na experiência sensório-motora. Trata-se de uma metáfora visual do invisível: um fenômeno microscópico é traduzido em uma sinalização acessível à percepção visual, mobilizando elementos cognitivos como projeção, força e controle interno. Embora o sinal seja relativamente abstrato, é fortemente motivado pela experiência intuitiva do funcionamento do sistema imunológico.

Por fim, podemos visualizar que as fichas terminológicas elaboradas por Francisco (2022) seguem um tipo de organização para o registro do sinal-termo, pois representam informações que seguem as condições paramétricas e aspectos lexicográficos para o registro do léxico das línguas de sinais e, por isso, a definição do termo vai além dos elementos de constituição dos verbetes.

5. Interface com os Estudos da Tradução e da Interpretação

A construção de glossários bilíngues (Libras-Português) se insere diretamente no campo tradutológico, dado que envolve a transposição de conceitos e termos de uma língua para outra, respeitando suas particularidades culturais, contextuais e linguísticas. Ribeiro (2021, p. 193) menciona “processos cognitivos complexos no exercício da tradução e interpretação entre Língua Portuguesa e línguas de sinais, que podem ser identificados e explicados pelos modelos cognitivos de uma língua

visuo-corpórea-espacial”. Portanto, entende-se que a construção de sentido se dá pelo uso do corpo (especialmente mãos, rosto e espaço ao redor do corpo), da visão e da organização espacial para representar ideias, relações e conceitos.

Ribeiro (2021) afirma que, à medida que os processos cognitivos amadurecem, o profissional tradutor-intérprete desenvolve uma habilidade fundamental para aprimorar sua performance tradutória: a simulação mental. Essa habilidade refere-se à capacidade de antecipar mentalmente, por meio de imagens, aquilo que será dito ou sinalizado durante o processo de tradução. Em suma, trata-se de uma ferramenta que contribui para a produção comunicativa, pois permite que o intérprete se prepare com antecedência para lidar com os desafios da interpretação simultânea.

Nesse sentido, a construção de glossários bilíngues precisa e contextualizada de sinais-termo possibilita maior precisão e clareza na comunicação entre diferentes linguagens e, conseqüentemente, nas práticas tradutórias e interpretativas, que frequentemente demandam a tradução de informações técnicas e de difícil acesso. Ademais, é importante destacar que os intérpretes de Libras, ao se depararem com termos específicos no contexto da saúde, por exemplo, necessitam de um repertório consistente e atualizado de sinais que correspondam adequadamente ao vocabulário técnico, garantindo a efetividade da interpretação.

Por sua vez, Machado, Wanzeler e Pinheiro (2021, p. 116) evidenciam em seus resultados que “no decorrer da prática da interpretação simultânea vocalizada acaba colecionando por meio de experiências as estratégias linguísticas e cognitivas de como atuar no contexto educacional a partir das falas-sinalizadas dos alunos surdos”, ou seja, quando o intérprete traduz em tempo real – da Libras para o português oral – favorece o acúmulo de experiências que vão além da simples técnica de tradução.

A prática da interpretação se transforma em um processo onde o intérprete desenvolve habilidades de mediação linguística e cultural a partir das demandas reais da comunicação. Esse argumento é reforçado por Bernardino *et al.* (2020, p. 23), que definem a ação construída como uma estratégia linguística cultural em que “é possível conduzir o interlocutor para os diferentes espaços mentais criados e deixar as referências mais evidentes no discurso”.

Portanto, verifica-se que a análise da corporeidade presente na construção dos sinais nas fichas terminológicas de Saúde e Biossegurança está diretamente alinhada às contribuições da linguística cognitiva nos estudos tradutórios e interpretativos entre a Língua Portuguesa e a Libras. A construção de sentido se conecta ao uso do corpo como ferramenta expressiva e cognitiva e, assim, ao construir glossários bilíngues, a atenção à corporeidade dos sinais – expressa por movimentos, configurações de mão, expressões faciais, entre outros parâmetros – revela-se essencial para garantir que os sinais-termo reflitam com precisão os conceitos técnicos a que se referem.

Considerações finais

Nesta pesquisa, foram trazidos conceitos e definições importantes que esclarecem a respeito da Libras e sua linguística de um modo geral. As representações multimodais de dicionários e materiais didáticos permitiram observar que estes interagem com as demandas da língua, especialmente pelo aspecto visual e as ilustrações dos termos em Libras. Espera-se que sejam elaborados cada vez mais materiais (bilíngues/trilíngues/multilíngues) que façam uso dos recursos visuais – como as ilustrações dos sinais – e que também atendam às estruturas (micro e macro) que são necessárias em sua composição.

Diante das análises apresentadas, é possível afirmar que este estudo alcançou seu objetivo, ao identificar, no processo de elaboração e organização de sinais-termo, construções linguísticas que evidenciam a corporeidade como um princípio estruturante da Libras. Verificou-se que o corpo, mais do que um suporte físico, atua como elemento ativo na produção de sentido, contribuindo para a construção semântica dos sinais. Ademais, a articulação com teorias linguísticas vinculadas aos estudos cognitivos corporificados permitiu descrever e compreender, com maior precisão, os mecanismos cognitivos e gramaticais envolvidos na criação de sinais técnicos voltados às áreas da Biossegurança e da Saúde.

Quanto à corporeidade, observa-se que o corpo atua como parte integrante do signo: em ambos os sinais analisados no material de Francisco (2022), atuam como componentes ativos da construção semântica, delimitando espaços, estabelecendo direções e reforçando os significados expressos. A forma desses sinais é diretamente influenciada pelas experiências que temos com o nosso próprio corpo e sentidos, ou seja, eles se baseiam em vivências físicas reais. Assim, a relação entre o sinal e o significado é natural e compreensível, porque parte de sensações e movimentos que todos conhecemos.

Além disso, o espaço de sinalização é empregado como um verdadeiro domínio semântico: ao utilizar a região à frente do corpo como campo de atuação simbólica, o sinal torna visível a localização de conceitos que, de outra forma, seriam abstratos. Essa construção revela que o pensamento em Libras não é apenas sequencial ou gramatical, mas profundamente visual, espacial e sensorial – uma linguagem ancorada na experiência corpórea e perceptiva humana.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ARRUDA, Francisco Edmar Cialdine. *Elementos microestruturais para um vocabulário didático dos termos das ciências biológicas para alunos surdos do ensino fundamental*. 2009. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 1990. *Anais [...]* Brasília: CNPq/Ibict, 1990.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida *et al.* A ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva. *Signótica*, v. 32, e62990, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/Sig.v32.62990>

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. *Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2002.

BRASIL. *Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Diário Oficial da União, 2005.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

BRITO, Higor Pereira de; SOUZA, Renne Imar de Melo; ABREU, Walber Gonçalves de. Análise de iconicidade das variantes do termo coronavírus em língua brasileira de sinais – Libras. *Revista do GELNE*, Natal, v. 23, n. 2, pp. 5-16, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2021v23n2ID23978>

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina L. *Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira baseado em linguística e neurociências cognitivas*. São Paulo: Inep/CNPq/Edusp, 2009.

CAPOVILLA, Fernando César *et al.* *Dicionário da língua de sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* – 3 volumes. São Paulo: Edusp, 2019.

CINTI, Cíntia Débora de Moraes; RODRIGUES-PEREIRA, Renato. A multimodalidade em dicionários de Libras: reflexões teóricas e aplicadas. *Revista GTLex*, Uberlândia, v. 7, p. e0704, 2022. DOI: <https://doi.org/10.14393/Lex-v7a2021/22-4>

DA SILVA, Rúbia Carla. *A gramaticalidade da Libras em contextos informais*. Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/handle/123456789/1881> Acesso em: 28 abr. 2025.

FERREIRA, Flancieni Aline Rocha. A corporificação presente nos sinais da Libras: uma abordagem da linguística cognitiva. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, n. 58, Supl., p. 51-60, jan.-abr. 2014.

FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes. *Glossário multilíngue de sinais-termo: materiais e recursos na área de biossegurança*. 2022. 329 f. Tese (Doutorado em Ciências e Biotecnologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. [Tradução de Rodolfo Ilari]. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

JOHNSON, Mark. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago-IL: University of Chicago Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226026992.001.0001>.

KNAPP, Mark L.; HALL, Judith A. *Comunicação não verbal na interação humana*. São Paulo: JSN, 1999.

KRESS, Gunther. 'Partnerships in research': multimodality and ethnography. *Qualitative Research*, v. 11, n. 3, pp. 239-260, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/1468794111399836>

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. [Tradução de Ivone Castilho Benedetti]. São Paulo: Educ, [1980] 2002.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive grammar – a basic introduction*. Oxford-UK: Oxford University Press, 2008.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso; MATOS, Carine Gurunga de; SAMPAIO, Thamires Oliveira de Souza. Sinal, classificador e ação construída em Libras: um estudo sobre consciência linguística. *Id on Line Revista de Psicologia*, v. 15, n. 54, pp. 233-249, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14295/online.v15i54.2937>.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro; WANZELER, Leandro Alves; PINHEIRO, Rutileia Gusmão. Os desafios linguístico-cognitivos na tarefa da interpretação vocalizada da Libras para língua portuguesa no contexto educacional. *(Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 15, n. 30, pp. 99-119, 2021. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/os-desafios-linguistico-cognitivos-na-tarefa-da-115tk9k8hk.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2025.

NAVARRO, Sandra. Lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia – entenda a diferença! *Tradlitteris*, 19 fev. 2010. Disponível em: <https://navarrosandra.wordpress.com/2010/02/19/lexicologia-lexicografia-terminologia-e-terminografia-entenda-a-diferenca>. Acesso em: 28 abr. 2025.

PRADO, Lizandra Caires do; OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso Lessa de. Aspectos gramaticais dos elementos localizadores em Libras. In: X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 2013, Vitória da Conquista. *Anais [...]*, 28-30 ago. 2013, pp. 3285-3291. Disponível em: <https://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3272/2974>. Acesso em: 28 abr. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Artmed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. *Língua brasileira de sinais I*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificca/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

REY-DEBOVE, Josette; MORAIS, Clóvis Barleta de. Léxico e dicionário. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2001 [Suplemento (1984)].

RIBEIRO, Veridiane Pinto. Linguística cognitiva e línguas de sinais: por uma tradução visuo-corpórea-espacial. *Espaço*, Rio de Janeiro, n. 55, pp. 191-210, jan.-jun. 2021.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. esp., pp. 203-220. jul.-dez. 2006.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza *et al.* Emoções na comunicação com surdos. *Espaço*, Rio de Janeiro, n. 40, pp. 16-27, jul.-dez. 2013.

SANTOS, Ricardo Yamashita. Estudos da linguagem e mente corporificada: uma nova proposta gramatical. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, pp. 11-25, 2011.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Sinais adjetivos da Libras em uma abordagem cognitiva. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 15, n. 32, pp. 180-200, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v15i32.35890>.

SILVA, Lislayane Oliveira; SILVA, Willian Costa da; MELO, Lillian Gonçalves de. Desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo no processo de aquisição da língua de sinais – Libras. *Humanidades*, v. 4, n. 1, pp. 91-104, 2015.

SKLIAR, Carlos. Bilinguismo e biculturalismo – uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 8, pp. 44-57, 1998.

STROBEL, Karin Lilian. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SZE, Felix; LEE, Jafi. *Comparing basic constituent orders of Hong Kong Sign Language and Sri Lanka Sign Language*. Paper presented at the 13th China International Conference on Contemporary Linguistics, East China Normal University, Shanghai, 22-24, October 2010.

TUXI, Patricia. Terminografia nas línguas de sinais: uma proposta de organização e registro de glossários bilíngues. *Fórum*, Rio de Janeiro, n. 37, jan.-jun. 2018.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, pp. 119-147, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.2004.005>.

**A SEMÂNTICA DE *FRAMES* APLICADA À LEXICOGRAFIA ELETRÔNICA:
REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE UM DICIONÁRIO BILÍNGUE**

FRAME SEMANTICS APPLIED TO ELECTRONIC LEXICOGRAPHY:

REFLECTIONS ON THE DEVELOPING OF A BILINGUAL DICTIONARY

*Diego Spader de Souza*¹

*Aline Nardes dos Santos*²

*Ana Luiza Treichel Vianna*³

*Rove Luiza de Oliveira Chishman*⁴

RESUMO

No contexto de desenvolvimento do *Dicionário Paralímpico*, este artigo tem por objetivo refletir acerca do potencial da Semântica de *Frames* frente a questões lexicográficas e tradutórias. Para isso, o artigo retoma as bases teórico-epistemológicas que situam a teoria fillmoriana no campo da Linguística Cognitiva, enfatizando também o foco desse aporte na descrição lexical e lexicográfica, em âmbitos mais gerais ou mais especializados. Nessa frente, destaca-se o pioneirismo da plataforma FrameNet como ferramenta lexicográfico-computacional que organiza o léxico em *frames*, com base em *corpora*. O texto traz, ainda, um panorama quanto aos recursos lexicográficos baseados em *frames* produzidos pelo Grupo SemanTec, organizando o léxico dos domínios futebolístico, olímpico e paralímpico. A partir do trabalho com o *Dicionário Paralímpico*, atualmente em andamento, o artigo ilustra a pertinência do *frame* semântico como organizador do léxico da natação paralímpica. Desse modo, argumenta-se que o *frame* pode atuar como desambiguador em casos nos quais uma mesma palavra evoca diferentes estruturas conceptuais, bem como abranger, no processo tradutório, aspectos socioculturais atinentes à busca e organização de unidades lexicais equivalentes.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Semântica de *Frames*. Lexicografia Eletrônica. Tradução. *Dicionário Paralímpico*.

ABSTRACT

In the context of developing the *Paralympic Dictionary*, this article aims to reflect on the potential of Frame Semantics in addressing lexicographic and translation-related issues. To this end, it revisits the theoretical and epistemological foundations that situate Fillmore's theory within the field of Cognitive Linguistics, while also highlighting its focus on lexical and lexicographic description, both in general and specialized domains. In this regard, the FrameNet platform is underscored as a pioneering lexicographic-computational tool that organizes the lexicon into frames, based on *corpus* data. The article further presents an overview of frame-based lexicographic resources produced by the SemanTec Group, which organize the lexicon of the football,

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), diegospader@unisc.br, <https://orcid.org/0000-0001-8989-4669>.

² Universidade Federal do Rio Grande (FURG), alinenardes@furg.br, <https://orcid.org/0000-0002-9302-484X>.

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), analuiatzvianna@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-7315-7928>.

⁴ Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc/CNPq), rove.chishman@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2287-5548>.

Olympic, and Paralympic domains. Drawing on the ongoing work with the *Paralympic Dictionary*, the article illustrates the relevance of semantic frames as structuring devices for the lexicon of Paralympic swimming. It is argued that frames function as disambiguating tools in cases where a single word evokes multiple conceptual structures, and that they also provide a means of incorporating sociocultural aspects into the translation process, particularly in the identification and organization of equivalent lexical units.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics. Frame Semantics. Electronic Lexicography. Translation. *Paralympic Dictionary*.

1. Introdução

Desde os idos da década de 1980, com a publicação do artigo seminal *Frame Semantics* em 1982, o modelo teórico proposto por Charles J. Fillmore como resposta às limitações das chamadas “semânticas da verdade” tem demonstrado grande potencial dentro e fora daquilo que se pode considerar, *stricto sensu*, teoria e análise linguística. Com o avanço das tecnologias computacionais a partir da década de 1990, que impactaram significativamente os campos dos estudos lexicais – especialmente por conta da emergência da Linguística de *Corpus* –, a Semântica de *Frames* tem servido de base para a construção de recursos léxico-computacionais, um movimento iniciado pela inauguração da plataforma FrameNet de Berkeley (a qual retomamos com mais detalhamento na seção 3.1). Além disso, a teoria tem inspirado novas abordagens em áreas já consolidadas, como a Terminologia Baseada em *Frames* (Faber; Márquez Linares; Vega Expósito, 2005), bem como fomentado discussões sobre aplicações da Semântica de *Frames* como meio de enriquecer a prática tradutória (Boas, 2013).

Desde 2014, com o lançamento do *Field – Dicionário de Expressões do Futebol* (Chishman, 2014), o Grupo de Pesquisa SemanTec tem se dedicado ao desenvolvimento de recursos lexicográficos – trilingües ou bilíngües – online baseados em *frames*. O processo que se iniciou com o lançamento do primeiro dicionário deu origem, dois anos mais tarde, ao nascimento de um segundo recurso lexicográfico, o *Dicionário Olímpico* (Chishman, 2016). Atualmente, ainda em desenvolvimento, o grupo dedica seus esforços à compilação de um terceiro portal lexicográfico, o *Dicionário Paralímpico*, cujo objetivo é descrever, orientado pelos princípios da Semântica de *Frames*, o léxico constitutivo dos esportes paralímpicos⁵.

Diante das significativas contribuições do referido modelo teórico às áreas de Lexicografia, Terminologia e Tradução, bem como dos avanços em pesquisa trilhados pelo grupo, o objetivo deste artigo é refletir acerca do potencial da Semântica de *Frames* frente a questões tradutórias dentro do contexto de desenvolvimento do *Dicionário Paralímpico*, partindo de alguns exemplos que demonstram como os *frames* podem contribuir com a prática do tradutor.

⁵ Opta-se, neste trabalho, pelo uso do termo Lexicografia e não Terminologia para se referir aos dicionários esportivos em razão da natureza dinâmica e fluida dos léxicos por eles retratados. Diferentemente de domínios lexicais com maior estabilidade e normatividade, os domínios esportivos frequentemente mobilizam vocabulários mais permeáveis a variações discursivas, culturais e contextuais. Além disso, este trabalho, ao se alinhar à perspectiva teórico-metodológica da Semântica de *Frames*, parte do conceito de unidades lexicais, não de termos. A escolha por uma abordagem lexicográfica é, portanto, tanto metodológica quanto teórica, uma vez que dialoga mais diretamente com os princípios da Semântica de *Frames*.

A fim de atingir esse objetivo, este artigo está organizado da seguinte forma: após este texto introdutório, passamos à próxima seção, na qual abordamos os principais postulados da Semântica de *Frames*. Na seção 3, tratamos de sua relevância como aporte teórico-metodológico em contextos de Lexicografia e de Tradução. Em seguida, na seção 4, apresentamos os dicionários já desenvolvidos pelo grupo de pesquisa. Na seção 5, por sua vez, são trazidos alguns exemplos de desafios tradutórios no contexto do *Dicionário Paralímpico*, pontuando o papel da teoria fillmoriana em tais âmbitos. Por fim, realizamos as considerações finais e destacamos os desdobramentos que têm se refletido nas atuais etapas do projeto.

2. Semântica de *Frames*: uma breve contextualização

“[...] Fillmore não queria se tornar um linguista cognitivo de jeito nenhum. Ele era contra isso”⁶, disse George Lakoff (2016, p. 14, tradução nossa), em entrevista concedida a Helen de Andrade Abreu, sobre a participação do estudioso no estabelecimento da Linguística Cognitiva nos anos 1980. Lakoff volta no tempo e relembra o posicionamento de Fillmore quanto à relação entre linguagem e pensamento no desenvolvimento da Gramática de Construções:

[...] estávamos trabalhando numa proposta de notação para a Gramática de Construções no meu quintal um dia e tivemos um desacordo a esse respeito. Eu disse: “Essa notação deveria refletir como as pessoas pensam, deveria refletir a cognição”, e ele respondeu: “Não, não deveria”. Perguntei por quê, e ele disse: “A Gramática de Construções trata de lexicografia. O que se deve fazer é produzir descrições linguísticas que possam ser incluídas em dicionários e em gramáticas escritas, para que as pessoas possam compreendê-las facilmente e utilizá-las no ensino”. E então eu disse: “Espere um minuto, a linguagem diz respeito à cognição, à forma como pensamos”, e ele respondeu: “Não, não diz. Trata-se de palavras e de como combiná-las”. (Lakoff; Abreu, 2016, p. 15, tradução nossa)⁷

O excerto acima lança luz sobre a postura reservada de Fillmore diante da consolidação da Linguística Cognitiva como movimento dos estudos linguísticos. Embora Fillmore tenha, sem dúvida, contribuído – como fica evidente em Lakoff e Abreu, 2016 –, com o estabelecimento da Linguística Cognitiva a partir da sua Semântica de *Frames*, ele se mostrava reticente quanto à ideia de vincular sua proposta a uma teoria mais ampla sobre cognição. O trecho reflete um momento de divergência entre Fillmore e Lakoff: enquanto este enfatizava a necessidade de que a notação refletisse os processos cognitivos envolvidos no uso da linguagem, aquele defendia um enfoque mais aplicado, voltado à

⁶ No original: “Fillmore did not want to become a Cognitive Linguist at all. He was against it”.

⁷ No original: “We were trying to get to work together on Construction Grammar, because we had the idea that meaning came in there, I had accepted his Frame Semantics, and he didn’t accept the metaphor stuff at all. But we accepted Frame Semantics in Construction Grammar. And we were working on a notation for Construction Grammar in my backyard one day, and we had a disagreement about the notation. So, I said, ‘This notation should reflect how people think, it should reflect cognition’, and he said, ‘No, it shouldn’t’. And I said, ‘Why?’, and he said, ‘Construction Grammar is about lexicography. What you want to do is make linguistic descriptions that can be put in dictionaries and in written grammar, so that people can understand it easily and can be taught’. And I said, ‘Wait a minute, language is about cognition, about the way you think’, and he said, ‘No, it isn’t. It’s about words and how you put them together’”.

descrição linguística com fins lexicográficos, o que corrobora aquilo que o linguista já declarava em seus primeiros manuscritos sobre *frames*: seu maior interesse era na semântica lexical (Fillmore, 1982).

Por outro lado, em *Cognitive Linguistics*, publicado em 2004 por William Croft e D. Alan Cruse, a teoria de Fillmore aparece logo após o texto introdutório, no capítulo *Frames, domains, spaces: the organization of conceptual structure*. Nesse sentido, por que a Semântica de *Frames* figura como um dos modelos teóricos abordados em praticamente todos – senão todos – os manuais de Linguística Cognitiva? A resposta é simples: a experiência.

Em 1985, com a publicação de *Frames and the semantics of understanding*, Fillmore traça um paralelo entre aquilo que ele chama de *T-semantics – semantics of truth*, ou semântica da verdade – e *U-semantics – semantics of understanding*, ou semântica da compreensão. Fazendo uso desses termos, o autor posiciona a Semântica de *Frames* como uma teoria que rejeita a hipótese de que palavras e outros itens lexicais já vêm imbuídos de conteúdo semântico *a priori*, o qual, no contexto de um modelo veritativo, se traduz num conjunto de condições dispostas de modo a julgar valores de verdade (Fillmore, 1985).

Na contramão desse postulado, a Semântica de *Frames* entende o significado linguístico como construído de forma dinâmica, a partir da relação entre o uso da linguagem feito pelos falantes e a ativação de estruturas de conhecimento, isto é, os *frames*. Dando como exemplo a aprendizagem de língua inglesa como segunda língua, Fillmore (1985) comenta que não faria sentido apresentar aos estudantes a palavra *terça-feira* durante a primeira aula, *domingo* durante a segunda, *sábado* durante a terceira etc.; assim como deixaria qualquer um confuso aprender verbos como *comprar*, *vender*, *gastar* e *pagar* separadamente, de forma aleatória. Isso porque tais itens fazem parte, respectivamente, de esquematizações coerentes de experiência, sendo geralmente adquiridas em conjunto, já que aparecem juntas com frequência (Fillmore, 1985). Tal aspecto nos leva à própria definição de *frame* de 1982: “Com o termo ‘*frame*’, tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram [...]” (Fillmore, [1982]2009, p. 25).

Assim, ainda que Fillmore não quisesse se vincular explicitamente ao campo então nascente da Linguística Cognitiva, a formulação teórica da Semântica de *Frames* revela, em sua própria essência, uma visão profundamente alinhada aos pressupostos cognitivistas. A ideia de que o significado linguístico não está dado de forma estática, mas é construído de maneira dinâmica a partir da ativação de estruturas de conhecimento compartilhado (os *frames*), corresponde diretamente à concepção experiencial e enciclopédica de sentido que caracteriza a Linguística Cognitiva.

Consequentemente, ainda que Fillmore não tenha intencionalmente se inserido no movimento, seu trabalho acabou não apenas sendo absorvido como parte desse campo, mas também se tornou uma de suas principais referências teóricas. Hoje, a Semântica de *Frames* é amplamente reconhecida como um dos pilares conceituais da Linguística Cognitiva, o que demonstra que, mesmo à revelia de seu criador, o modelo se integra organicamente à visão de linguagem como fenômeno ancorado na cognição, na experiência e no uso.

Por fim, não foi preciso que Fillmore dissesse explicitamente que a estrutura semântica e a estrutura conceptual são correspondentes (Croft; Cruse, 2004); ao vincular a construção do significado a processos dinâmicos relacionados à experiência dos falantes e à estruturação do conhecimento, sua proposta já refletia esse princípio fundamental da Linguística Cognitiva. Mais do que isso, a Semântica de *Frames* revela uma orientação epistêmica compatível com a do modelo cognitivista: no contexto da teoria, o sentido de uma palavra não é redutível a uma referência única ou a um conjunto de condições de verdade, mas depende de redes complexas de conhecimento compartilhado. Nesse sentido, o modelo rompe com a concepção referencialista tradicional e se alinha ao paradigma experiencialista defendido por Lakoff e Johnson (1999), segundo o qual o significado emerge da interação entre cognição, corpo e mundo.

O foco pragmático de Fillmore na descrição lexical, mencionado anteriormente a partir de Lakoff e Abreu (2016) e do próprio Fillmore (1982), evidencia uma preocupação fundamental da Semântica de *Frames* com o desenvolvimento de uma matriz conceitual para a análise dos significados das palavras e expressões das línguas. Assim, mesmo sem aderir plenamente ao paradigma cognitivista, Fillmore – e, a partir da década de 1990, colaboradores como a lexicógrafa Beryl T. Atkins (cf. Fillmore; Atkins, 1992) e os linguistas Collin F. Baker e John B. Lowe (cf. Baker; Fillmore; Lowe, 1998) – pavimentou o caminho para que a Semântica de *Frames* se tornasse uma ferramenta teórica robusta e fecunda no campo da Lexicografia. Boas (2013) enriquece o debate quanto às aplicações da Semântica de *Frames* ao campo dos estudos lexicais, aproximando a teoria da área da Tradução e defendendo que o conceito de *frame* semântico pode atuar como fator determinante na busca por melhores equivalentes tradutórios, bem como na compreensão de fatores socioculturais atrelados a casos difíceis em que não há equivalência, por exemplo. A seguir, abordamos tais questões com mais profundidade. Passemos, então, à próxima seção.

3. Da teoria à prática: a Semântica de *Frames* na Lexicografia e na Tradução

3.1. *Frames* e Lexicografia

A Semântica de *Frames*, como já foi estabelecido anteriormente, fundamenta-se na ideia de que o significado das palavras está intrinsecamente ligado a estruturas cognitivas chamadas *frames* – representações esquemáticas de situações prototípicas. Com base nessa dinâmica conceptual, Fillmore e Atkins (1992) esboçaram a ideia de um recurso lexical online baseado em *frames*, de forma a possibilitar diversos estudos a partir desse dicionário. Assim idealizavam o recurso:

[...] imaginamos, para algum futuro distante, um recurso online lexical, ao qual podemos nos referir como um dicionário “baseado em *frames*”, que será adequado aos nossos objetivos. Nesse dicionário [...], os sentidos das palavras, as relações entre os sentidos de palavras polissêmicas, e relações entre (os sentidos das) palavras semanticamente relacionadas estarão conectadas a estruturas cognitivas (ou “*frames*”), dos quais é pressuposto conhecimento para se entender os conceitos codificados pelas palavras. [...] serão disponibilizados meios de se dar ao usuário acesso a descrições dos frames conceptuais associados, permitindo que o

consulente que quiser ser lembrado das propriedades dos *frames* associados a determinada palavra possa abrir uma outra janela a conter essas informações [...]. (Fillmore; Atkins, 1992, p. 75, grifo nosso, tradução nossa)⁸

A plataforma da FrameNet (<https://framenet.icsi.berkeley.edu>), criada no *International Computer Science Institute*, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, entrou em operação em 1997, tendo como público-alvo professores, alunos e demais pesquisadores com diferentes propósitos ligados à Linguística Computacional. O projeto já dispõe de aproximadamente 1.000 *frames* semânticos e mais de 12.000 unidades lexicais. Baker, Fillmore e Lowe (1998, p. 88, tradução nossa) descrevem o trabalho desenvolvido pela FrameNet da seguinte forma: “O projeto FrameNet de Berkeley está produzindo descrições semânticas baseadas em *frames* de milhares de itens lexicais do inglês, apoiando essas descrições em ocorrências semanticamente anotadas provenientes de *corpora* do inglês contemporâneo”.

Sendo assim, a FrameNet se trata de uma base de dados lexical do inglês contemporâneo que organiza o léxico em unidades lexicais e *frames*. Cada *frame* descreve uma situação ou evento, como *Apply_heat*⁹ (“aplicar calor”, associado ao evento de cozinhar), e identifica os elementos participantes, denominados elementos de *frame*, como *container* (“recipiente”), *cook* (“cozinheiro”), *food* (“alimento”), *heating_instrument* (“fonte de calor”) e *temperature_setting* (“ajuste de temperatura”). As unidades lexicais são as palavras e expressões que evocam esses *frames*, como, por exemplo, os verbos *fry* (“fritar”), *bake* (“assar”) e *boil* (“fervor”) no caso do *frame Apply_heat*. A figura 1 ilustra a tela do *frame Apply_heat*.

⁸ No original: “[...] we imagine, for some distant future, an online lexical resource, which we can refer to as a “frame-based” dictionary, which will be adequate to our aims. In such a dictionary [...], individual word senses, relationships among the senses of polysemous words, and relationships between (senses of) semantically related words will be linked with the cognitive structures (or “frames”), knowledge of which is presupposed for the concepts encoded by the words. [...] will be provided the means for giving the user access to descriptions of the associated conceptual frames, allowing the user who wishes to be reminded of the properties of the frames associated with a given word to open an additional window that presents information about it [...].”

⁹ Seguindo as convenções da FrameNet, a apresentação dos nomes dos *frames* é feita com a fonte Courier New (cf. Boas; Dux, 2017).

Figura 1: Representação do *frame* *Apply_heat*

Apply_heat

Definition:

A **Cook** applies heat to **Food**, where the **Temperature_setting** of the heat and **Duration** of application may be specified. A **Heating_instrument**, generally indicated by a locative phrase, may also be expressed. Some cooking methods involve the use of a **Medium** (e.g. milk or water) by which heat is transferred to the **Food**. A less semantically prominent **Food** or **Cook** is marked **Co-participant**.

Sally **FRIED** **an egg** **in butter**.

Sally **FRIED** **an egg** **in a teflon pan**.

Ellen **FRIED** **the eggs** **with chopped tomatoes and garlic**.

This frame differs from *Cooking_creation* in focusing on the process of handling the ingredients, rather than the edible entity that results from the process.

FEs:

Core:

Container [Container]
Semantic Type: Container
The **Container** holds the **Food** to which heat is applied.
BOIL the potatoes **in a medium-sized pan**.
Things that apply the heat directly are Heating_instruments, e.g. crock pot, electric skillet.

Cook [Cook]
Semantic Type: Sentient
The **Cook** applies heat to the **Food**.
Steve **SAUTIERED** the garlic in butter.

Food [Food]
Food is the entity to which heat is applied by the **Cook**.
Suzy usually **STEAMS** the broccoli.
In instructional imperatives, this FE, which would be used for the (missing) object, is tagged CNT.
COOK on low heat for two hours **CNT**.

Heating_instrument [Heat_inst]
Semantic Type: Physical_entity
This FE identifies the entity that directly supplies heat to the **Food**.
Jim **BROWNED** the roast **in the oven**.
This FE will take precedence over **Container** when both are expressed in the same constituent. For example:
Kate **COOKED** the rice **in a rice-cooker**.

Temperature_setting [Temp]
Semantic Type: Temperature
This FE identifies the **Temperature_setting** of the **Heating_instrument** for the **Food**.
He **BAKED** the cookies **at 350 degrees** for 11 minutes.
She **MICROWAVED** the popcorn **on high**.
You can't **COOK** popcorn **on low heat**!

Fonte: FrameNet (2025).

A base de dados da FrameNet é dividida em duas partes (Fillmore; Johnson; Petruck, 2003, p. 240): base de dados lexical e base de dados de anotação. A base de dados lexical fornece informações relacionadas a unidades lexicais, *frames* e elementos de *frame*, relações entre *frames* – tudo o que é necessário para caracterizar as unidades lexicais. A base de dados de anotação contém as sentenças anotadas juntamente com os *subcorpora* dos quais foram extraídas. Para cada palavra evocadora, há camadas de anotação contendo os elementos de *frame*, classes gramaticais e funções gramaticais. Fillmore e Baker (2010) explicam que o método de pesquisa adotado pelo projeto:

[...] consiste em encontrar grupos de palavras cujas estruturas de frames podem ser conjuntamente descritas, devido ao fato de partilharem padrões e contextos esquemáticos comuns de expressões que podem se combinar com elas para formar frases ou sentenças maiores. Tipicamente, as palavras que partilham de um mesmo frame podem ser usadas como paráfrases umas das outras. As propostas gerais do projeto buscam oferecer descrições confiáveis de propriedades combinatórias sintáticas e semânticas de cada palavra do léxico e reunir informações sobre modos alternativos de se expressar conceitos dentro de um mesmo domínio conceptual. (Fillmore; Baker, 2010, p. 321, grifo nosso, tradução nossa).¹⁰

¹⁰ No original: “The method of inquiry is to find groups of words whose frame structures can be described together, by virtue of their sharing common schematic backgrounds and patterns of expressions that can combine with them to form larger phrases or sentences. In the typical case, words that share a frame can be used in paraphrases of each other. The general purposes of the project are both to provide reliable descriptions of the syntactic and semantic combinatorial properties of each word in the lexicon, and to assemble information about alternative ways of expressing concepts in the same conceptual domain.”

A relação entre a Semântica de *Frames* e a Lexicografia é central na FrameNet, pois a plataforma permite uma descrição mais rica e contextualizada do significado das palavras, de forma que ela pode ser utilizada por lexicógrafos na busca por meios de tornar o conteúdo dos dicionários mais próximo das experiências dos usuários. Além disso, ao invés de listar definições isoladas, a FrameNet fornece exemplos de uso real das palavras extraídos de *corpora*, anotando como os elementos de *frame* se realizam sintaticamente nas sentenças, o que contribui com informações quanto a valências verbais e combinações sintáticas, enriquecendo a compreensão dos lexicógrafos sobre o comportamento dos itens lexicais no uso.

A iniciativa da FrameNet inspirou projetos semelhantes em diversas línguas, como a FrameNet Brasil (Salomão, 2009; Gamonal; Torrent, 2015), que adapta os princípios da Semântica de *Frames* ao português brasileiro. Esses projetos internacionais demonstram a aplicabilidade da abordagem em contextos linguísticos variados, contribuindo para a construção de recursos lexicográficos mais ricos e conectados aos conhecimentos dos falantes.

A relação da Semântica de *Frames* com a Lexicografia Eletrônica já era vislumbrada por Fillmore no início da década de 2000, quando ocorreu a publicação do texto *Double-Decker Definitions: The Role of Frames in Meaning Explanations* (Fillmore, 2003). No manuscrito, Fillmore comenta que o potencial da teoria só poderia ser, de fato, explorado em um contexto lexicográfico livre das restrições e limitações impostas pelo mercado editorial aos dicionários impressos. Ostermann (2015) vê na Semântica de *Frames* uma forma de enriquecer a microestrutura dos verbetes desses dicionários a partir da seleção de exemplos mais bem contextualizados; Fillmore, contudo, em 2003, vai muito além, apontando para a necessidade de que as palavras sejam, realmente, *pontos de acesso*. O que se quer dizer com isso? Se, de acordo com a teoria, a palavra evoca o *frame*, então, em um dicionário baseado em *frames*, é necessário que a entrada lexical (ou verbete, ou lema) sirva de caminho para a estrutura de conhecimento que ela ativa. Ela tem de ser *clicável*. Esse tipo de recurso, com hiperlinks, também permitiria mapear as conexões entre unidades lexicais e *frames*, criando um dicionário que se assemelha muito mais a uma rede de conhecimento do que a uma lista estática de palavras.

Ao encontro disso, a pesquisa de Schryver (2003), ao fazer um levantamento bibliográfico para analisar as conquistas da Lexicografia com a chegada do hipertexto, salienta que os dicionários armazenados online “[...] são os únicos com potencial de ser usados por qualquer pessoa no mundo gratuitamente” (Schryver, 2003, p. 157). Consoante o autor, as vantagens desse novo modo de organização dicionarística implicam melhorias em várias dimensões, incluindo-se a possibilidade de se fornecerem pesquisas sugestivas que direcionem o consulente perante equívocos ortográficos; eliminação de restrições trazidas pelo texto linear, possibilitando que o usuário percorra mais eficazmente as entradas e suas inter-relações; além das referências cruzadas realizadas pelos hiperlinks, que podem fornecer mais facilmente notas gramaticais e outras informações. As facilidades de acesso a um recurso lexicográfico eletrônico também passam pela possibilidade de restrição da metalinguagem, evitando-se o excesso de abreviações e símbolos, já que essas categorizações podem ser escritas integralmente (Schryver, 2003, p. 183).

Dessa forma, a Semântica de *Frames* se revela não apenas como um modelo teórico pertinente à descrição do significado, mas também como uma base conceitual compatível com as possibilidades oferecidas pela Lexicografia Eletrônica. Ao propor que as palavras sejam tratadas como pontos de acesso a estruturas de conhecimento, Fillmore antecipa uma concepção de dicionário como rede navegável, dinâmica e interconectada.

3.2. *Frames* e Estudos da Tradução

A Semântica de *Frames* tem se mostrado uma ferramenta teórica promissora não só no contexto da Lexicografia, mas também na interface entre esta e o campo dos Estudos da Tradução, especialmente no âmbito dos dicionários bilíngues especializados. Ao compreender o significado como uma ativação de estruturas cognitivas enciclopédicas – os *frames* –, essa teoria oferece uma abordagem experiencial do léxico, centrada na relação entre linguagem e conhecimento de mundo (Petrucci, 2001). Tal concepção permite que os itens lexicais não sejam tratados como unidades isoladas, mas como elementos que evocam cenários interpretativos compartilhados, revelando a Semântica de *Frames* como um modelo teórico pertinente para contextos em que os significados das palavras estão ancorados em práticas culturais.

No campo da Tradução, os desafios decorrentes da busca por equivalências lexicais são amplamente reconhecidos. A dificuldade em encontrar termos que expressem não apenas a correspondência linguística, mas também alinhamento conceitual e funcional entre duas línguas, tem sido abordada por autores como Gouws (1996, 2002), Zgusta (1979) e Adamska-Sałaciak (2016). A Semântica de *Frames* contribui para enfrentar esses desafios ao oferecer um modelo que considera as estruturas conceituais por meio das quais os falantes organizam cognitivamente suas experiências. Dessa maneira, ao traduzir um termo, não se busca apenas uma correspondência formal, mas uma equivalência de cenário: a tradução ideal será aquela que evoca, na língua-alvo, um *frame* tão próximo quanto possível daquele evocado na língua de origem.

Conforme Adamska-Sałaciak (2016), os equivalentes podem ser classificados como cognitivos – os primeiros que vêm à mente e que funcionam em diversos contextos – ou translacionais – aqueles que se adequam apenas a contextos específicos. A teoria de Fillmore contribui diretamente para a escolha entre esses tipos, ao permitir uma análise semântica situada, baseada no cenário conceitual que dá sentido ao termo.

Além disso, a noção de equivalência prototípica, proposta por Neubert (1990) nos termos de Lakoff (1982), se articula de maneira natural à Semântica de *Frames*, na medida em que a ativação de *frames* permite ao tradutor acessar representações mentais prototípicas que orientam o julgamento tradutório. Em casos de lacunas lexicais ou referenciais, situações em que não há termo estabelecido na língua-alvo, a estruturação por *frames* fornece um caminho metodológico para interpretar a cena conceitual e selecionar estratégias de tradução adequadas, seja por meio de paráfrases explicativas, seja por equivalentes culturais próximos.

A Semântica de *Frames* contribui para desambiguar significados, contextualizar termos e preservar, na tradução, os valores culturais e cognitivos associados ao léxico de partida. Ao alinhar estrutura lexical, experiência e cognição, a teoria se consolida como um modelo eficaz para lidar com os desafios contemporâneos da tradução especializada.

A partir dessa concepção de significado ancorado em estruturas cognitivas experienciadas culturalmente, a Semântica de *Frames* ultrapassa a correspondência literal entre palavras. Como destaca Boas (2013), a utilização de *frames* permite não apenas a identificação de unidades lexicais em diferentes línguas que evocam estruturas semelhantes, mas também o mapeamento das combinações sintáticas e semânticas específicas dessas unidades, possibilitando a construção de descrições lexicais comparáveis entre línguas. A proposta de criação de dicionários bilíngues baseados nessa teoria, por exemplo, parte da premissa de que os significados das palavras podem ser organizados por meio de *frames* compartilhados ou contrastivos entre os idiomas de partida e de chegada.

No âmbito dessa proposta, os *frames* funcionam como dispositivos estruturantes para entradas lexicais paralelas. A partir do mapeamento das unidades lexicais que evocam um *frame* específico (como *argue*, no inglês, ou *streiten*, no alemão, dentro do *frame* *Communication_Conversation*), é possível estabelecer vínculos sistemáticos entre as propriedades sintáticas e semânticas de cada uma dessas formas nas respectivas línguas. Essa metodologia, conforme mostra Boas (2013), permite a construção de fragmentos lexicais paralelos que documentam as valências sintáticas dos verbos nas duas línguas, bem como associam essas valências a elementos de *frame* específicos, oferecendo ao tradutor um instrumento analítico mais refinado do que os encontrados em dicionários tradicionais.

A aplicabilidade da teoria para os Estudos da Tradução se torna ainda mais evidente quando se considera que a equivalência entre itens lexicais muitas vezes não se dá em nível direto, mas sim por meio de configurações sintáticas e semânticas que refletem diferentes perfis perspectivais de um mesmo cenário. Por exemplo, o verbo *announce*, em inglês, pode evocar o *frame* *Communication_Statement* sob diferentes perspectivas, enfatizando ora o locutor, ora o meio, ora a mensagem. Já em alemão, diferentes formas verbais são selecionadas de acordo com essas nuances, como *bekanntgeben*, *ankündigen* ou *durchsagen*, cada uma evocando facetas específicas do mesmo *frame* — ou mesmo de *frames* distintos, conforme o caso (Boas, 2013).

Esse tipo de análise revela a importância de se considerar, na tradução, o conteúdo proposicional de uma sentença, além do modo como esse conteúdo é apresentado, ou seja, sua função e forma. Conforme argumenta Czulo (2017), o processo tradutório envolve o entrelaçamento entre forma, função e semântica, e os *frames* oferecem uma maneira eficaz de descrever tais relações. Em sua proposta de um modelo que centraliza o conceito da teoria fillmoriana, o autor sustenta que os aspectos semânticos, representados pelos *frames*, devem ocupar posição central nas decisões tradutórias, ainda que, em determinados contextos, fatores formais ou funcionais possam se sobrepor à semântica.

Outro ponto relevante é a possibilidade de representar e explicar mudanças de perspectiva entre línguas a partir da estrutura hierárquica dos *frames*. Fillmore, Johnson e Petruck (2003) apontam

que os *frames* mantêm entre si relações como herança, causação e precedência. Assim, quando uma sentença de origem e sua tradução evocam *frames* diferentes, mas semanticamente relacionados (como *Existence* e *Event*), é possível ainda sustentar uma equivalência conceitual, embora parcial, entre os enunciados. Isso abre espaço para pensar a equivalência tradutória não mais como uma identidade formal, mas como uma semelhança de estrutura experiencial.

As implicações dessa abordagem são especialmente importantes em situações de lacunas lexicais – casos em que não existe, na língua-alvo, um item que evoque exatamente o mesmo *frame* que o termo original. Nessas situações, o tradutor pode recorrer ao uso de paráfrases, perífrases ou reformulações conceituais baseadas na estrutura do *frame* original, com o objetivo de preservar a estrutura cognitiva que sustenta o significado. Isso é particularmente útil na tradução de termos técnicos ou culturais, que muitas vezes exigem um alto grau de adaptação contextual e cognitiva.

Além disso, a proposta de dicionários multilíngues baseados em *frames*, como a própria FrameNet e seus desdobramentos em outros idiomas, se mostra uma aplicação direta da teoria para os Estudos da Tradução. Esses recursos permitem o mapeamento cruzado de *frames* e unidades lexicais em diferentes línguas, oferecendo uma base comum para análise contrastiva e tradutória. A reutilização de *frames* entre línguas, conforme defende Boas (2013), viabiliza a construção de dicionários paralelos mais coerentes, fomentando uma abordagem mais sistemática e fundamentada da equivalência lexical e estrutural.

4. Recursos lexicográficos do Grupo SemanTec: o *Field* (2014) e o *Dicionário Olímpico* (2016)

O *Field*, lançado, em sua primeira edição, em 2014, com vistas a coincidir com a Copa do Mundo a ser realizada no Brasil à época, pode ser definido como um recurso lexicográfico online trilingue, que descreve informação lexical do domínio do futebol com base em *frames* semânticos em português, inglês e espanhol. O *Field* surge, primeiramente, como um desdobramento de um projeto de pesquisa anterior, cujo objetivo se resumia à anotação de *corpus* monolíngue (em português brasileiro) com base nos *frames* semânticos do projeto *Kicktionary* (Schmidt, 2009).

Partindo desse processo de anotação semântica e da apropriação da interface entre a Semântica de *Frames* e o campo da Lexicografia, o grupo de pesquisa se interessou pela possibilidade de dar seguimento à pesquisa com o domínio do futebol a partir da estruturação de um recurso dicionarístico voltado a um modelo de usuário não especializado. Isso quer dizer que, diferentemente de portais como a FrameNet, que apresentam informação voltada a enriquecer as práticas de profissionais de campos da Linguística e da Computação, a ideia de dicionário baseado em *frames* que se tinha em mente era de um recurso acessível a qualquer pessoa interessada em entender a dinâmica do domínio futebolístico. Atkins e Rundell (2008) destacam a importância de se delinear um perfil de usuário para o dicionário, uma vez que esse é um dos elementos fundamentais que orientam as decisões quanto à construção do recurso em seus níveis micro, médio e macroestruturais.

Isso não significa, contudo, que houve uma ruptura significativa em relação àquilo que se pode esperar de um recurso baseado na Semântica de *Frames*. Ao adentrar a plataforma, o usuário, após fazer a escolha pelo idioma (português brasileiro, inglês ou espanhol), tem a opção de navegar pelas quase 700 unidades lexicais (chamadas de “palavras”) ou os 38 *frames* (chamados de “cenários”). Esse tipo de adaptação terminológica teve o objetivo de tornar a lógica do dicionário mais acessível ao usuário não linguista. A figura 2 mostra a tela inicial do *Field*.

Figura 2: Tela inicial do *Field*

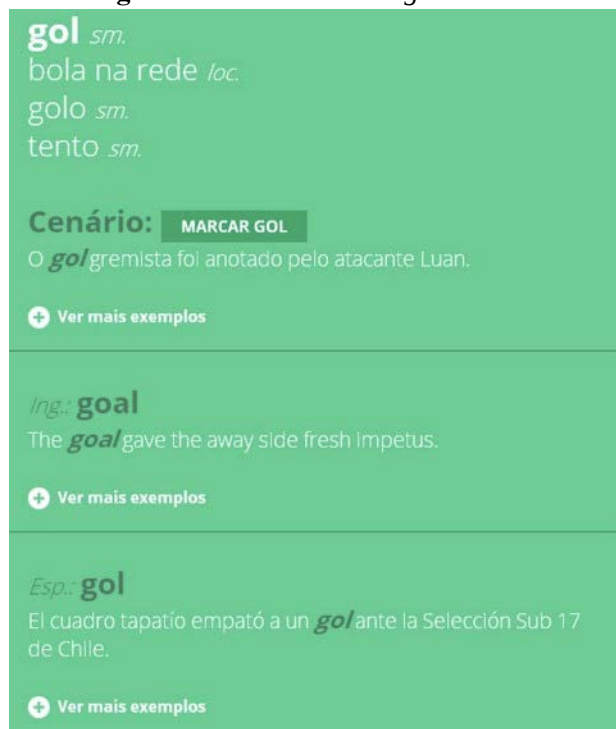


Fonte: Chishman (2014).

Cabe salientar, como evidenciado pela figura 2, que a escolha inicial pelo português, inglês ou espanhol estabelece o idioma da interface que o usuário acessa; independentemente dessa escolha, ele sempre poderá consultar os dados em qualquer uma das três línguas, reforçando que se trata, de fato, de um dicionário trilingue.

A navegação pelas unidades lexicais, à primeira vista, assemelha-se à de um dicionário tradicional; o usuário, partindo da seleção de um lema, pertencente a uma lista de lemas organizados alfabeticamente, acessa uma microestrutura que estrutura um conjunto de informações semânticas. Aqui, a opção pela Semântica de *Frames* como princípio organizador do dicionário se manifesta a partir da ausência de uma definição tradicional; o que se tem no lugar é um hiperlink para o *frame* correspondente. Além disso, a microestrutura da unidade lexical também é composta por: (i) variantes da lexia lematizada, (ii) informações gramaticais, (iii) equivalentes tradutórios para os outros dois idiomas e (iv) exemplos de uso. Com exceção de (ii), todos os outros itens foram identificados, analisados e compilados a partir do estudo de *corpora* comparáveis do domínio do futebol, os quais foram compilados manualmente e cujos dados foram tratados e processados a partir do uso de ferramentas do *software* Sketch Engine (Chishman *et al.*, 2015). A figura 3 ilustra a microestrutura da entrada lexical *gol*.

Figura 3: Unidade lexical *gol* no *Field*



Fonte: Chishman (2014).

Um aspecto a ser destacado sobre a seleção dos equivalentes tradutórios para as unidades lexicais do *Field* é que a robustez dos *corpora* compilados desempenharam um papel crucial. O futebol é um esporte que goza de grande popularidade a nível global, sendo praticado de forma profissional ou não em diversos países do mundo – especialmente no Brasil, com um papel fundamental na construção da identidade cultural brasileira (Matuda; Tagnin, 2014). Trata-se, portanto, de uma modalidade esportiva culturalmente enraizada, presente no dia a dia das pessoas. A alta disponibilidade de textos do gênero *match reports* (notícias que descrevem os eventos de uma partida) nas três línguas de compilação dos *corpora* nos permitiu acesso a um conjunto sólido de dados que impactou positivamente todas as fases do projeto, incluindo a disponibilidade de informações para a prática tradutória. Veremos, ainda nesta mesma seção, que o mesmo não ocorreu durante o processo de compilação do *Dicionário Olímpico*.

Passemos brevemente, agora, à microestrutura da navegação por cenários. O *frame*, no contexto do *Field*, por razões óbvias e já contextualizadas, se apresenta de forma muito mais simplificada do que na FrameNet, por exemplo. O usuário, ao acessar um *frame*, tem acesso a uma definição (que funciona mais como uma descrição da cena representada do que como uma definição, em termos mais lexicográficos), às unidades lexicais evocadas e aos *frames* relacionados – essas relações foram mapeadas principalmente a partir do cruzamento de unidades lexicais no processo de evocação dos *frames*. Há, também, uma ilustração, cujo objetivo é ajudar o usuário a visualizar a cena retratada. A figura 4 ilustra o *frame* *Marcação*.

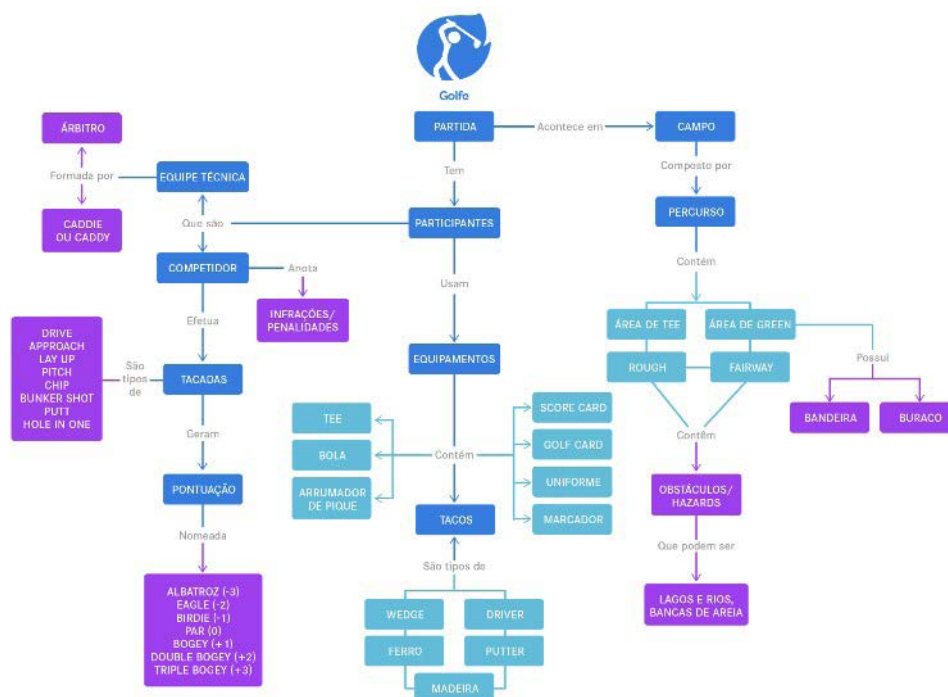
Figura 4: Tela do *frame* Marcação

Fonte: Chishman (2014).

Partindo da experiência de compilação do *Field*, o grupo passou a se dedicar ao desenvolvimento de um segundo recurso lexicográfico online baseado em *frames*, o *Dicionário Olímpico*, lançado em 2016, concomitantemente aos Jogos Olímpicos de Verão, realizados no Rio de Janeiro. A expertise adquirida ao longo do processo de elaboração do *Field*, ainda que nos tenha fornecido ferramentas para dar continuidade ao trabalho, não foi suficiente para que novos desafios não tivessem de ser enfrentados.

O *Dicionário Olímpico*, diferentemente do recurso anterior, é composto pelo léxico não de um esporte, mas de todas as 40 modalidades olímpicas que compuseram os Jogos de 2016. De certa forma, é como se tivéssemos 40 dicionários dentro de um. Isso, por si só, representa um desafio por conta da quantidade de trabalho que demanda; porém, para além desse aspecto, o *Dicionário Olímpico* teve também de lidar com a linguagem de esportes muito menos populares e difundidos do que o futebol, o que gerou diversos desafios para a compilação de *corpora*, os quais foram superados a partir de adaptações – e concessões – metodológicas (cf. Chishman *et al.*, 2018). A busca por equivalentes tradutórios foi diretamente impactada por esses obstáculos, o que levou o grupo a recorrer a materiais como manuais e guias esportivos (Chishman *et al.*, 2019). O *Dicionário Olímpico* também apresentou alguns diferenciais em relação ao *Field*, como, por exemplo, a inclusão de um mapa conceitual de cada domínio esportivo abrangido pelo recurso, como podemos ver na figura 5.

Figura 5: Mapa conceitual da modalidade esportiva do Golfe



Fonte: Chishman (2016).

Outras mudanças que valem menção, na comparação entre o *Field* e o *Dicionário Olímpico*, incluem a inserção, na página inicial de cada esporte, uma descrição da modalidade, algo que, no caso do *Field*, só aparecia como definição para os *frames*, bem como a inclusão de fotografias tanto para o domínio esportivo geral quanto para os *frames* individualmente.

Passamos, agora, à próxima seção, em que delineamos algumas reflexões sobre os processos tradutórios no contexto do terceiro projeto lexicográfico do Grupo SemanTec, ainda em desenvolvimento.

5. Desafios para a prática tradutória: reflexões no contexto da natação paralímpica

Conforme abordamos anteriormente, a natureza do *frame* semântico convida a uma perspectiva de tradução mais aberta ao processo de evocação de conhecimento enciclopédico subjacente às unidades lexicais a serem traduzidas. Nesse sentido, López (2002, p. 348) afirma que a teoria fillmoriana pode auxiliar tradutores a “diferenciar o texto e as expressões linguísticas dos conceitos, cenas ou imagens que surgem na mente do leitor ou do tradutor”¹¹. Tal perspectiva, assim, situa a tradução como processo que demanda considerar o contexto situacional e cultural de certos usos linguísticos (Hu, 2010). Desse modo, assim como a noção de *frame* pressupõe uma estrutura conceptual que é a *ponta do iceberg* na construção do significado (Fauconnier, 1997), o tradutor necessita levar em conta seus conhecimentos acerca do âmbito em que a tradução ocorre.

¹¹ No original: “to distinguish between the text and the linguistic expressions and the concepts, scenes or images that appear in the reader’s or translator’s mind”.

Nesta seção, trazemos alguns exemplos de desafios enfrentados no processo de construção do *Dicionário Paralímpico*, recurso bilíngue (português/inglês) ainda em fase de elaboração, tendo sido finalizada apenas a modalidade da natação paralímpica. Salientamos que não realizaremos propriamente análises tradutórias, algumas das quais foram sistematizadas por Vianna, Martins e Chishman (2024a, 2024b). O percurso reflexivo que traçamos aqui, o qual não havia sido feito até então, busca dar conta de um olhar mais amplo acerca do alcance do *frame* semântico no âmbito dos desafios lexicográficos enfrentados, em especial quanto à busca de equivalentes e ao potencial dessa estrutura conceptual como organizadora dessas descrições em âmbito especializado.

O *Dicionário Paralímpico* encontra-se em versão *beta*, apenas com a natação paralímpica descrita em sua totalidade. Tal como nos recursos anteriores, os usuários têm acesso tanto ao elenco de *frames* (figura 6) quanto às unidades lexicais por eles evocadas. No que tange à tradução, o recurso apresenta equivalentes e exemplos em língua inglesa, seguindo uma abordagem metodológica baseada na Linguística de *Corpus* (Berber Sardinha, 2000; McEnery; Hardie, 2012) para seleção e organização dessas unidades. Ao acessar o *frame* descrito, o consultante encontra a sua definição; um mapa conceitual, que busca dar conta da rede de *frames* relacionados; e a lista de palavras evocadoras, seguindo a estrutura que já era encontrada no *Dicionário Olímpico*.

Figura 6: Interface do *Dicionário Paralímpico*

The screenshot displays the 'Dicionário Paralímpico' interface. At the top, there's a navigation bar with 'Home', 'Natação', and 'Atletas'. Below this, a large image shows a swimmer in action. The main content area is titled 'Atletas' and contains text about athletes' physical, visual, and intellectual impairments. It also mentions that swimmers compete individually or by team, with categories for men and women. A smaller image shows two swimmers in a pool. The sidebar on the right lists 'PALAVRAS RELACIONADAS' (related words) and 'CENÁRIOS RELACIONADOS' (related scenarios). The main entry for 'nadador' is shown below the images, including its description, scenario, variant, examples, and English translation.

nadador - swimmer

DESCRIÇÃO:
Os nadadores paralímpicos competem nas provas de nado livre, costas, peito, borboleta, medley e revezamentos e se dividem em classes com base no tipo de limitação ou grau de deficiência.

CENÁRIO: Atletas

VARIANTE: competidor, atleta

EXEMPLOS:
Quatro nadadores atingem marcas para Tóquio em seletivas paralímpicas.
O nadador Andre Brasil cai na piscina do Tollcross Park, em Glasgow, na Escócia, a partir de segunda (13/07) para lutar pelo tetracampeonato mundial nas provas dos 50m e 100m livre e 100m borboleta.
Os competidores começaram a se alinhar para esperar o sinal de partida.
O competidor em questão foi desclassificado, pois não nadou o percurso completo.

INGLÊS: swimmer

EXEMPLOS EM INGLÊS:
Only once in 11 Paralympic finals did she finish out of the medals — a super swimmer across disparate events.
Brazil's Daniel Dias is the most awarded Para swimmer among active athletes.
With just 200 days to go until the start of the Paralympic Games, Dai Tokairin — Para swimmer and world record holder — speaks on his preparations for his Paralympic debut at home.
Silver medalist Cristopher Tronco of Mexico, also an SM2 swimmer, set an Americas record of 3:48.03, and bronze went to Israel's SM4 competitor Ami Omer Dadaon in 2:33.63.

PALAVRAS RELACIONADAS:
nadador

Fonte: Chishman (2021).

Um primeiro grande desafio tradutório no contexto de um dicionário das modalidades paralímpicas concerne à compreensão da dinâmica desses esportes, a qual pode ser entendida em termos de *frames* específicos que devem ser mapeados para que se identifiquem adequadamente os equivalentes de seus respectivos evocadores. Na natação paralímpica, esse é o caso, por exemplo, do termo *tapper*, que, incorporado como estrangeirismo à língua portuguesa, pode se referir a: (i) um bastão com uma espuma na extremidade, que um técnico usa para avisar o nadador cego quando este está se aproximando da borda da piscina; (ii) o próprio técnico que segura esse bastão. Já no inglês, *tapper* é utilizado para se referir somente ao técnico; e *tapper device*, para o bastão.

Desse modo, o conhecimento acerca desse domínio específico dos esportes paralímpicos se torna primordial para que se sistematizem essas distinções entre línguas. Nas palavras de Vianna (2024, p. 298),

[...] a Semântica de *Frames* contribui para os estudos tradutórios ao apresentar as influências sociais, históricas e contextuais relacionadas ao conhecimento prévio do tradutor e aos processos cognitivos. Nesse sentido, durante o processo tradutório, o conhecimento enciclopédico auxilia o tradutor nas tomadas de decisão e nas escolhas dos equivalentes na língua de chegada.

Tal dinâmica também contribui para que conceptualizemos adequadamente a tradução para muito além de um processo de mera transferência linguística entre idiomas (Rojo; Ibarretxe-Antuñano, 2013), ignorando os processos sociocognitivos que subjazem a essa complexa atividade.

A figura 7 exibe as descrições do termo *tapper* no *Dicionário Paralímpico*, conforme o processo de evocação de *frames*. Na primeira delas, *tapper*, em língua portuguesa, evoca o *frame* Equipamentos, concernindo ao referido bastão e tendo como variante a unidade “bastão de *tapper*”. Por sua vez, na tela seguinte, *tapper* é evocador do *frame* Equipe_Técnica, ou seja, refere-se ao técnico responsável por manusear o bastão. O processo tradutório nos permitiu constatar, assim, que a polissemia presente na língua portuguesa não corresponde aos usos em língua inglesa. Tais aspectos reforçam, portanto, que “[...] os *frames* contribuem diretamente para a desambiguação da terminologia e para o processo de tradução” (Vianna; Martins; Chishman, 2024b, p. 16).

Figura 7: *Tapper* como evocador dos *frames* Equipamentos e Equipe_Técnica

tapper - *sm.*

DESCRIÇÃO(S):

Tapper é um bastão com ponta de espuma que serve para bater levemente sobre as costas dos nadadores para avisá-los da proximidade da borda.

CENÁRIO: Equipamentos

VARIANTE: bastão de tapper

EXEMPLO(S):

Wendell Belarmino e o técnico da natação paralímpica, Marcão, usando o tapper para avisar o atleta da sua chegada.

INGLÊS: tapping device

EXEMPLO(S) EM INGLÊS:

These athletes are required to have an assistant called a 'tapper' who uses a tapping device to let them know they are approaching a turn or the end of the race.

A new Swedish program aims to replace the Tapping device starting this year, aiming to create more independence and lowering costs for para-athletes.

tapper - *sm.*

DESCRIÇÃO(S):

Tappers são técnicos ou voluntários que, por meio de um bastão com ponta de espuma, ajudam a indicar ao nadador com deficiência visual a proximidade da borda da piscina.

CENÁRIO: Equipe técnica

EXEMPLO(S):

Contou com a ajuda de Marcus Espírito Santo, o "tapper", responsável por orientar a nadadora perto da chegada.

INGLÊS: tapper

EXEMPLO(S) EM INGLÊS:

Jones, who competed at the 2016 Paralympic Games, uses a tapper during competition so that she can have a more accurate flip turn.

I need to trust that my tapper will be there and will tap me correctly.

At swim meets she also uses the tapper to notify her where the wall is.

Fonte: Chishman (2021).

Nesse sentido, termos mais culturalmente marcados são ainda mais desafiadores no processo tradutório. É o caso, por exemplo, da unidade lexical *filipina*, que se refere, em português brasileiro, a um conjunto de movimentos realizados especificamente para impulsionar o nado peito. Por outro lado, em inglês, usa-se *long pull*, um termo mais genérico, que concerne a movimentos impulsionadores para além do nado peito. Dessa forma, é a localização de *long pull* como equivalente de *filipina*, situado no respectivo *frame* e com exemplos que o ilustram, que permite ao consultante compreender a ativação de uma situação específica, restrita a apenas uma modalidade de nado paralímpico. A figura 8 permite a visualização dessa descrição no *Dicionário Paralímpico*:

Figura 8: *Filipina* e *long pull* como equivalentes na evocação do *frame* Nado_Peito

filipina - *sf.*

DESCRIÇÃO(S):

Filipina é a denominação local que damos aqui no Brasil para um conjunto de movimentos submersos que complementam e otimizam a eficácia das saídas e viradas do nado peito.

CENÁRIO: Nado peito

EXEMPLO(S):

Durante o nado peito, o nadador mergulhou mais fundo para efetuar o movimento da filipina.

INGLÊS: long pull

EXEMPLO(S) EM INGLÊS:

During the breaststroke, the swimmer dived deeper to do the long pull.

Fonte: Chishman (2021).

Um segundo desafio a ser abordado diz respeito aos chamados equivalentes translacionais (Adamska-Sałaciak, 2016), que, conforme referido na seção 3.2, são aqueles que concernem a contextos específicos, podendo tornar o trabalho de tradução mais complexo em relação à identificação de equivalentes cognitivos, como “atleta” → *athlete* e “nado medley” → *medley swimming*. Assim, embora “distância” remeta primeiramente ao equivalente *distance*, na natação, o equivalente será *course*; da mesma forma, tanto o termo “filipina”, abordado anteriormente, quanto “puxada” (*catch*) pertencem a essa categoria, listada a seguir. Não obstante a categoria dos equivalentes cognitivos tenha sido predominante na natação paralímpica, os equivalentes translacionais encontrados reforçam que o conhecimento especializado dessa modalidade esportiva é crucial para que se encontrem os equivalentes culturais mais próximos, na falta de equivalências mais prototípicas, que implicam levar em conta aspectos conceptuais (Neubert, 1990).

Quadro 1: Lista de equivalentes translacionais da natação paralímpica

baliza (<i>mark</i>)	macaquinho (<i>kneeskin</i>)	queimar largada (<i>jump the gun</i>)
bastão (<i>tapping device</i>)	modalidade (<i>style</i>)	resultado final (<i>official result</i>)
distância (<i>course</i>)	partida (<i>start</i>)	saída (<i>start</i>)
eliminatória (<i>heat</i>)	prova (<i>event</i>)	tempo parcial (<i>time</i>)
filipina (<i>long pull</i>)	prova de revezamento (<i>relay event</i>)	tiro de largada (<i>starting signal</i>)
golfinhada (<i>dolphin kick</i>)	prova individual (<i>individual event</i>)	touca (<i>swimming cap/cap</i>)
juiz de partida (<i>starter</i>)	puxada (<i>catch</i>)	trajes de banho (<i>swimsuit</i>)

Fonte: Elaboração dos autores.

Interessante pontuar, ainda, que não foram encontradas lacunas lexicais no processo de tradução, aspecto que possivelmente esteja relacionado à institucionalização do domínio esportivo descrito, concernente a uma competição internacional organizada por entidades de diferentes países. Tal aspecto, no entanto, não amenizou os desafios na busca de equivalentes no contexto da modalidade da natação paralímpica, dado que, em comparação à modalidade olímpica, há veiculação menor de materiais oficiais que registrem e consolidem os termos da área e suas respectivas traduções. Com isso, faz-se ainda mais relevante o papel do *frame* semântico como organizador sociocognitivo do léxico paralímpico.

Considerações finais

No âmbito do desenvolvimento de um dicionário bilíngue das modalidades paralímpicas, este artigo objetivou refletir acerca do potencial da Semântica de *Frames* para lidar com desafios tradutórios. Para isso, ao delinearmos as bases teórico-epistemológicas que situam a teoria fillmoriana no campo da Linguística Cognitiva, enfatizamos também o foco desse aporte na descrição lexical, prestando-se a complexas análises para fins dicionarísticos a partir do trabalho de Fillmore em parceria com pesquisadores lexicógrafos. Essa frente resultou em conhecidos trabalhos

que enfatizaram a pertinência do *frame* semântico na construção de recursos lexicais – em especial, na modalidade online.

Em específico, situamos também a FrameNet como ferramenta lexicográfico-computacional que organiza o léxico em *frames*, com base em *corpora*. Posteriormente, retomamos a interface já consolidada entre Semântica de *Frames* e Tradução, enfocando a construção de recursos lexicográficos em âmbito especializado. Conforme buscamos então discutir, levar em conta o *frame* semântico em contexto tradutório implica ampliar o processo de busca de equivalentes para além dos itens lexicais, verificando como a (não) correspondência entre termos concerne à evocação, ou não, de estruturas conceituais também equivalentes ou que, em alguma medida, se aproximem não obstante particularidades socioculturais.

Realizamos, ainda, um panorama quanto aos recursos lexicográficos produzidos pelo Grupo SemanTec, abordando algumas diferenças significativas entre o contexto de trabalho com a linguagem do futebol, altamente popular e proeminente no Brasil, em relação à descrição dos domínios olímpico e paralímpico – este último com disponibilidade ainda menor de *corpora*. Isso se reflete nos desafios enfrentados nesse domínio, alguns dos quais foram ilustrados por meio de exemplos que reforçam a pertinência do *frame* semântico para o campo da tradução paralímpica, em especial, quanto a três pontos:

- i. a noção de *frame* como desambiguadora em casos nos quais uma mesma palavra evoca estruturas conceituais diferentes, de modo que um dicionário que inclua essas estruturas possa organizar, de forma pertinente, os contextos de uso de certa unidade, ora para indicar que a mesma forma linguística evoca *frames* diferentes (caso de *tapper* em português), ora para apontar que, em certos contextos, uma palavra mais genérica evoca um *frame* mais específico quando funciona como equivalente (caso da unidade *long pull* como evocadora do *frame* Nado_Peito);
- ii. a conceptualização do próprio processo tradutório, diante dessas dinâmicas, como a busca de correspondências não apenas entre unidades lexicais, mas entre *frames*;
- iii. por conseguinte, a valorização dos aspectos socioculturais atinentes à busca de unidades lexicais correspondentes, atribuindo ao tradutor um importante papel de estudioso do domínio no qual a tradução ocorre, visando à tomada de decisão quanto aos equivalentes.

Dito de outro modo, o trabalho do tradutor não pode ser visto como tarefa meramente técnica, mas como trabalho linguístico, cultural, sociocognitivo. Em tempos de desprofissionalização fomentada pelo uso cada vez mais intenso de inteligência artificial e modelos de linguagem na tradução automática, tal aspecto aponta para a valorização do percurso tradutório como trabalho que, não obstante possa se valer de diferentes recursos tecnológicos, demanda formação humana, cultural e linguística.

Por fim, salientamos que os desafios sobre os quais refletimos neste artigo apontam para a pertinência do *frame* semântico na descrição de contextos pouco midiáticos, como é o caso dos esportes paralímpicos, resultando em *corpora* linguísticos menos robustos. Assim como ocorre na modalidade da natação, que abordamos aqui, esse aspecto também está sendo enfrentado no processo de descrição dos demais esportes paralímpicos. Tal fator corrobora ainda mais a pertinência da noção de *frame* como ferramenta teórico-metodológica que parte da – mas não se limita à – materialidade lexical de cada domínio especializado a ser traduzido.

Agradecimentos

Esta pesquisa conta com o apoio do CNPq, por meio do Edital Pesquisador Produtividade, Chamada 09/2022 – PQ, processo 305393/2022-7, e da FAPERGS, por meio do Edital Pesquisador Gaúcho – 07/2021, termo de outorga 21/551-0002211-6.

Referências

- ADAMSKA-SALACIAK, A. Explaining Meaning in Bilingual Dictionaries. In: DURKIN, Philip. (ed.) *The Oxford Handbook of Lexicography*. Oxford University Press, 2016. pp. 144-160.
- ATKINS, B. T. S.; RUNDELL, M. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. New York: Oxford University Press, 2008.
- BAKER, C. F.; FILLMORE, C. J.; LOWE, J. B. The Berkeley FrameNet project. In: CONFERENCE COLING-ACL, 1998, Montreal. *Proceedings [...]*. Montreal: University of Montreal, 1998. pp. 86-90.
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de *Corpus*: Histórico e Problemática. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, pp. 323-367, 2000.
- BOAS, H. C. Frame Semantics and Translation. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (ed.). *Cognitive Linguistics and Translation: Advances in Some Theoretical Models and Applications*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013. pp. 125-158.
- BOAS, H. C.; DUX, R. From the past into the present: From case frames to semantic frames. *Linguistics Vanguard*, v. 3, n. 1, 2017.
- CHISHMAN, R. L. O. *Field – Dicionário de Expressões do Futebol*. São Leopoldo: Unisinos, 2014.
- CHISHMAN, R. L. O. *Dicionário Olímpico*. São Leopoldo: Unisinos, 2016.
- CHISHMAN, R. L. O. *Dicionário Paralímpico* (beta). São Leopoldo: Unisinos, 2021.
- CHISHMAN, R. L. O.; SANTOS, A. N.; SOUZA, D. S.; PADILHA, J. G. M. The relevance of the Sketch Engine software to build Field –Football Expressions Dictionary. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 3, pp. 769-796, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28439>. Acesso em: 26 abr. 2025.

CHISHMAN, R. L. O.; BRANGEL, L. M.; SOUZA, D. S.; SANTOS, A. N.; SILVA, B.; OLIVEIRA, S. Dicionário Olímpico: a semântica de *frames* encontra a lexicografia eletrônica. In: FINATTO, M. J. B.; REBECHI, R. R.; SARMENTO, S.; BOCORNY, A. E. P. *Linguística de Corpus: perspectivas*. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2018.

CHISHMAN, R. L. O.; SANTOS, A. N.; SILVA, B.; BRANGEL, L. M. Challenges and Difficulties in the Development of *Dicionário Olímpico* (2016). In: *eLex – Electronic Lexicography in the 21st Century: Smart Lexicography*, 2019, Sintra. Proceedings of the eLex 2019 Conference. Brno: Lexical Computing CZ, 2019. pp. 622-641. Disponível em: https://elex.link/elex2019/wp-content/uploads/2019/09/eLex_2019_36.pdf. Acesso em: 19 abr. 2025.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CZULO, O. Aspects of a primacy of frame model of translation. In: HANSEN-SCHIRRA, S.; CZULO, O.; HOFMANN, S. (ed.). *Empirical modelling of translation and interpreting*. Berlin: Language Science Press, 2017. pp. 465-490.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. pp. 111-137.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, [s.l.], v. 6, n. 2, pp. 222-254, 1985.

FILLMORE, C. J. Double-decker definitions: the role of frames in meaning explanations. *Sign Language Studies*, [s.l.], v. 3, pp. 263-295, 2003.

FILLMORE, C. J. Semântica de *Frames*. *Cadernos de Tradução*, n. 25, jul./dez. 2009.

FILLMORE, C. J., ATKINS, B. T. S. Toward a Frame-based Lexicon: The Semantics of RISK and its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, E. (ed.). *Frames, Fields and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization*. Hillsdale: Erlbaum, 1992. pp. 75-102.

FILLMORE, C. J.; JOHNSON, M.; PETRUCK, M. Background to FrameNet. *International Journal of Lexicography*, [s.l.], v. 16, n. 3, pp. 235-250, 2003.

FILLMORE, C. J.; BAKER, C. A frames approach to semantic analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010. pp. 313-339.

FABER, P.; MÁRQUEZ LINARES, C.; VEGA EXPÓSITO, M. Framing terminology: a process-oriented approach. *Meta*, v. 50, n. 4, pp. 545-562, 2005.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GAMONAL, M.; TORRENT, T. T. Diretrizes para a criação de um recurso lexical multilíngue a partir da semântica de frames: a experiência turística em foco. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 9, pp. 56-75, 2015.

GOUWS, R. Bilingual Dictionaries and Communicative Equivalence for a Multilingual Society. *Lexikos*, Stellenbosch, v. 6, pp. 14-31, 1996.

A semântica de *frames* aplicada à lexicografia eletrônica: reflexões sobre o desenvolvimento de um dicionário bilíngue

- GOUWS, R. Equivalent relations, context and cotext in bilingual dictionaries. *Hermes*, [s.l.], n. 28, pp. 195-209, 2002.
- HU, S. Context of situation in translation. *Journal of Language Teaching and Research*, [s.l.], v. 1, n. 3, pp. 324-326, 2010.
- LAKOFF, G. Experiential factors in linguistics. In: SIMON, T.; SCHOLLES, R. (ed.). *Language, mind, and brain*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1982. pp. 142-157.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*: The embodied mind and its challenge to western thought. Nova York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G.; ABREU, H. A. Entrevista - George P. Lakoff. *Revista Linguística*, v. 12, n. 1, pp. 9-16, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4515/3286>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- LÓPEZ, A. M. R. Applying Frame Semantics to Translation: A Practical Example. *Meta*, [s.l.], v. 47, n. 3, pp. 312-350, 2002.
- MATUDA, S.; TAGNIN, S. E. O. A terminologia do futebol: um estudo direcionado pelo *corpus*. *Letras & Letras*, v. 30, n. 2, pp. 214-243, 2014.
- MCENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: Method, Theory and Practice* Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- NEUBERT, A. Fact and fiction of the bilingual dictionary. In: *EuraLEX '90s Proceedings*. Barcelona: Bibilograf, 1992. pp. 29-42.
- OSTERMANN, C. *Cognitive Lexicography: A New Approach to Lexicography Making Use of Cognitive Semantics*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2015.
- PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: ÖSTMAN, J-O; VERSCHUEREN, J.; BLOMMAERT, J. (ed.). *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Cognitive Linguistics and Translation Studies: Past, present and future. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (ed.). *Cognitive Linguistics and Translation: Advances in Some Theoretical Models and Applications*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013. pp. 3-29.
- SALOMÃO, M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 7, n. 3, pp. 171-182, 2009.
- SCHMIDT, T. The Kicktionary – A multilingual lexical resource of football language. In: BOAS, H. C. (ed.) *Multilingual FrameNets in computational lexicography: Methods and applications*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009,
- SCHRYVER, G-M. Lexicographers' dreams in the electronic age. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 2, pp. 143-199, 2003.

VIANNA, A. L. T. *Semântica de Frames, harmonização terminológica e computação: o uso de frames semânticos como princípio organizador para a harmonização de termos e conceitos e a representação do conhecimento em Large Language Models*. 2024. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2024.

VIANNA, A. L. T.; MARTINS, M. L.; CHISHMAN, R. L. O. Challenging aspects related to the translation and exemplification of lexical units in the Paralympic Dictionary. In: INTERNATIONAL CONFERENCE LEXICOGRAPHY IN THE XXI CENTURY, 2024, Tbilisi. Proceedings of the International Conference Lexicography in the XXI Century. Tbilisi: [s.n.], 2024a. Disponível em: https://lexicography21.iliauni.edu.ge/wp-content/uploads/2024/07/18_Ana-Luiza-Treichel-Vianna-Mikaela-Luzia-Martins-Rove-Luiza-de-Oliveira-Chishman.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.

VIANNA, A. L. T.; MARTINS, M. L.; CHISHMAN, R. L. O. A Semântica de *Frames* como um fator desambiguador da terminologia bilíngue de dicionários especializados. In: *Perspectivas Contemporâneas em Lexicografia II: AmericaLex-S Congresso Inaugural*. Anais..., São Paulo: USP, 2024b. Disponível em: <https://www.even3.com.br/ebook/americalexinauguralconferencevolume02/1089053-A-SEMANTICA-DE-FRAMES-COMO-UM-FATOR-DESAMBIGUADOR-DA-TERMINOLOGIA-BILINGUE-DE-DICIONARIOS-ESPECIALIZADOS>. Acesso em: 12 mar. 2025.

ZGUSTA, L. Equivalents and Explanations in Bilingual Dictionaries. In: JAZAYERY, M. A., POLOME, E.; WINTER, W. (ed.). *Studies in Honor of Archibald A. Hill*. Mouton: The Hague, 1979. pp. 385-392. v. 4.

RESENHA DE *PREFIXAÇÃO NA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA*, DE GRAÇA RIO-TORTO
REVIEW OF PREFIXATION IN CONTEMPORARY PORTUGUESE LANGUAGE, BY GRAÇA RIO-TORTO

Mailson dos Santos Lopes¹

RESUMO

Neste texto, resenha-se o livro intitulado *Prefixação na língua portuguesa contemporânea*, de autoria da linguista portuguesa Graça Rio-Torto (2019), expoente dos estudos de morfologia lexical no âmbito lusófono. Após quatro décadas de incursões investigativas dedicadas à lexicogênese vernacular, focando, sobretudo, a sufixação e as verbalizações de ordem morfológica, a autora volta-se, na mencionada obra, à formação de palavras via prefixação, coligindo, aperfeiçoando e sistematizando as achegas já despontadas em publicações anteriores de sua autoria (1993, 2014a, 2014b, 2016). O fato de a afixação prefixal ter sido sempre menos estudada e sistematizada que a afixação sufixal (Montero Curiel, 1999; Basilio, 2009), pese a sua indiscutível importância na constituição e renovação do léxico, reforça a importância da publicação para os estudos morfológicos e lexicais do português. A recensão consiste em uma apresentação panorâmica da obra enfocada, que figura, indubitavelmente, como um estudo preponderante sobre a prefixação, procedimento morfolexical de patente importância aos processos de constituição e renovação do repertório vocabular românico.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa. Formação de palavras. Prefixação.

ABSTRACT

This text reviews the book entitled *Prefixação na língua portuguesa contemporânea* [Prefixation in contemporary Portuguese], written by Portuguese linguist Graça Rio-Torto (2019), a leading figure in lexical morphology studies in her country. After four decades of research dedicated to vernacular lexicogenesis, focusing mainly on suffixation and verbalizations of a morphological nature, the author turns, in the aforementioned work, to word formation via prefixation, collecting, improving and systematizing the contributions already presented in previous publications of her authorship (1993, 2014a, 2014b, 2016). The fact that prefixal affixation has always been less studied and systematized than suffixal affixation (Montero Curiel, 1999; Basilio, 2009), despite its undeniable importance in the constitution and renewal of the lexicon, reinforces the importance of the publication for morphological and lexical studies of Portuguese. The review consists of an overview of the work in question, which undoubtedly appears as a preponderant study on prefixation, a morpholexical procedure of clear importance to the processes of constitution and renewal of the Romance vocabulary repertoire.

KEYWORDS: Portuguese Language. Word formation. Prefixation.

1. Introdução

Na *Apresentação* de seu livro *Prefixação na língua portuguesa contemporânea*, Graça Rio-Torto (2019, p. 21) qualifica a prefixação como um processo morfolexical de grande complexidade, configurando-se em um *continuum* cujas fronteiras são de difícil delimitação. Se não a zona mais espinhosa dentro do espectro da formação de palavras (Moura Neves, 2019), é, sem dúvida, uma das

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA)/CNPq (Processo 201233/2024-0), mailson.lopes@ufba.br, <https://orcid.org/0000-0003-3926-0494>.

mais implexas, de modo que, entre os morfólogos, o entendimento sobre o fenômeno é heterogêneo, raramente encontrando consensos. E é por esse campo labiríntico que Rio-Torto (2019) se envereda na obra ora resenhada.

O empreendimento a que se lançou a autora, no auge de sua maturidade científico-acadêmica, foi desafiador, pois não enfocou um ou vários prefixos em particular, senão o funcionamento léxico-semântico de toda a constelação prefixal do português contemporâneo, sempre com base em farto material empírico atestatório. O resultado obtido nessa aventura não poderia ser mais exitoso: um livro robusto, de escrita fluida e cuidada, que se debruça com um olhar científico experimentado sobre a prefixação, operação morfolexical importantíssima, porém, menos estudada e sistematizada do que a sufixação (Montero Curiel, 1999; Basilio, 2009).

Como grande linguista e morfóloga que é, Rio-Torto entabula o seu estudo com uma reflexão primorosa sobre a própria prefixação, as suas propriedades e a complexidade que acompanha a tarefa de abordar devidamente esse âmbito morfológico. Posto o estado da questão, com balizas bem estabelecidas, segue a morfóloga a sua incursão sobre cada uma das macroclasses semânticas da derivação prefixal, oferecendo ao consulente uma descrição pormenorizada da rede de prefixos em uso no português atual.

Nesta resenha, oferece-se um comentário geral à obra, ao que se seguem notas sobre cada um dos seus capítulos. Encerram o texto a seção de Considerações finais e a que arrola as referências explicitamente citadas nestas laudas.

2. Visão geral sobre a obra

O livro *Prefixação na língua portuguesa contemporânea* foi publicado em 2019, exclusivamente em formato físico, pela editora Cortez. Graça Rio-Torto, nessa obra, desenvolve a sua exposição sobre o fenômeno prefixal em 247 páginas, distribuídas em 16 capítulos, precedidos de um prefácio e de uma apresentação. O primeiro capítulo é introdutório e o último capítulo reúne várias propostas de exercícios, acompanhados de sua resolução. Encerra a obra uma seção na qual são listadas as referências e fontes citadas.

Prefacia o livro, com glosas magistrais, Maria Helena de Moura Neves, que resenhara, em 2017, a *opus magnus* de Rio-Torto, a *Gramática derivacional do português* (2016), escrita em coautoria com Alexandra Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira e Sílvia Ribeiro.

Uma visão panorâmica sobre o livro permite identificar uma tríade de aspectos essenciais que o caracterizam. O **primeiro aspecto** é estrutural. A obra se desenvolve em três grandes partes: a **primeira**, que se concentra no capítulo 1 (páginas 25 a 93), traz uma explanação geral da prefixação, de suas propriedades e de suas relações; a **segunda parte**, que recobre a maior parte da obra – os capítulos 2 a 14 (páginas 95 a 200) –, incide sobre os diversos elementos prefixais, considerados a partir de uma classificação semântica, desde a negação até a limiaridade e proximidade ontológicas; a **terceira e última parte**, por sua vez, engloba, no capítulo 16 da obra (páginas 207 a 236), os exercícios sobre tópicos abordados no livro, acompanhados de propostas de resolução.

O **segundo aspecto** caracterizador da obra é a sua acentuada tônica descritiva², associada à apresentação de um rico exemplário, com dados reais da língua portuguesa, extraídos de *corpora* contemporâneos, dicionários e estudos sobre a prefixação. Como afirma Moura Neves (2019, p. 20), no seu prefácio ao livro, destaca-se o procedimento exemplar de pesquisa de Rio-Torto em sempre abonar as considerações descritivas que tece apoiando-se em uma profusão de dados empíricos. Embora a autora do livro aponte, na *Apresentação* (p. 24), que o marco teórico adotado é o léxico-semântico³, afirma também que o enquadramento teórico que subjaz à obra é marcadamente polidimensional (p. 23). Em outras palavras: Rio-Torto (2019) não assume compromissos *a priori* com determinada corrente teórica, de modo que desenvolve a sua análise sem amarras dessa natureza⁴, percorrendo sobre o comportamento da prefixação e de suas unidades, desde um ponto de vista semântico-morfológico-lexical.

Por fim, como **terceiro aspecto** caracterizante do livro, deve-se sublinhar a conjunção entre o sofisticado conhecimento linguístico da autora – uma das maiores morfólogas do Ocidente – e o recurso a uma vasta bibliografia, abarcando, por assim dizer, todo o estado da questão e logrando ir além, trazendo novos contributos à apreciação do fenômeno prefixal.

Enquanto nesta seção da resenha buscou-se apresentar alguns apontamentos ao livro como um todo, a seção seguinte reunirá escólios sobre cada um de seus capítulos, com vistas a uma apreciação do cerne da obra e de algumas de suas principais asserções e achegas.

² Manifestada nos parágrafos dos capítulos e nos 57 quadros que condensam grande parte do conteúdo da obra.

³ Conquanto empregue vez ou outra em suas análises alguns conceitos caros à perspectiva gerativista (o de *gramaticalidade/agramaticalidade* e o de *bloqueio*, por exemplo), fica patente no texto certa predileção de Rio-Torto por um prisma semanticista-cognitivista para o exame das formações e padrões prefixais inventariados, o que se comprova, por exemplo, ao lançar mão recorrentemente de explicações que ressaltam o papel das conceptualizações, da metáfora e da metonímia na configuração da malha polissêmica ou da mudança semântica concernentes a alguns elementos prefixais e seus derivados.

⁴ Entre as escolhas epistemológico-metodológicas de Rio-Torto nesta sua obra, uma das que mais se destaca é essa decisão de não buscar se alinhar peremptoriamente a um determinado marco teórico. Como frisado em uma entrevista concedida pouco tempo atrás (Lopes, 2023), essa morfóloga declara ser intrinsecamente avessa a constrições teóricas, o que lhe permite manter uma autonomia conceptual, incorporando aos seus estudos o que considera relevante em cada constructo teórico. Daí afirmar Rio-Torto que o enquadramento teórico no qual se desenvolve a obra é polidimensional, sem deixar de salientar, contudo, que se apoia em uma leitura mais lexicalista que sintaticista para a descrição do mecanismo afixal que busca examinar em seu livro. Pesa a favor desse posicionamento epistemológico assumido pela autora o fato de dito enquadramento polidimensional haver sido amplamente testado com resultados exitosos em outras iniciativas investigativas de sua autoria e de outros pesquisadores do prestigioso *Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Coimbra* (CELGA-ILTEC). Além disso, entrevê-se nessa postura epistemológica aquela concepção sólida e frutífera, abraçada por diversos linguistas de escol – como Mattos e Silva (2010 [1989]), Andrade (2003), Martin (2003), Perini (2006), Charaudeau (2011), dentre outros – de que é positivo reivindicar para os estudos linguísticos, como princípio basilar, uma primazia dos dados, devido a seu valor eminentemente heurístico, de modo que não se condicione aprioristicamente a descrição dos dados a uma dada teoria, senão que se busque aproveitar as contribuições de propostas teóricas para uma melhor compreensão dos fenômenos linguísticos já devidamente descritos. Esse posicionamento é, sem dúvida, acertado, pois implica em um compromisso inquebrantável com o potencial probatório que os fatos de língua aportam, em detrimento de compromissos dogmáticos com princípios e postulados de determinada teoria. Frise-se, contudo, que o enfoque descritivo presente nesta e em outras obras de Rio-Torto não se confunde com uma mera apresentação de dados, visto que se identifica com o que Mattos e Silva (1998) define como um *descriptivismo interpretativo*, o que exige não apenas a exposição de aspectos característicos do objeto descrito, mas, igualmente, a identificação de sua constituição, funcionamento e das relações que estabelece (Borba, 1991).

3. Dissecando os capítulos

O **capítulo 1** (p. 25 a 93), de longe o mais extenso e complexo da obra, centra-se na exposição das propriedades dos prefixos e dos desafios teóricos que o seu estudo implica. Dentre as inúmeras propriedades prefixais, são consideradas com maior atenção as de natureza semântica, funcional e combinatório-categoriais. No decorrer de 69 páginas, Rio-Torto descortina tais propriedades: (i) não subespecificação categorial; (ii) combinatória mono ou policategorial; (iii) capacidade ou não de recategorização do produto lexical; (iv) estatuto prosódico (palavras fonológicas independentes *versus* sílabas átonas adjuntas; domínio acentual *versus* não domínio acentual); (v) origem preposicional, adverbial ou propriamente prefixal; (vi) função preposicional ou adverbial; (vii) escopo (interno ou externo à projeção verbal; prefixos internos ou funcionais *versus* prefixos externos ou lexicais); (viii) possibilidade ou não de recursividade e superposição; (ix) intervenção na estrutura argumental, temática e aspectual da base⁵; (x) compatibilidades com bases adjetivais; (xi) restrições aspectuais. Além disso, a autora também comenta introdutoriamente as diversas classes semânticas atinentes à prefixação e aborda com maior detalhamento a heterossemia e a escala de especialização semântica prefixais, o semanticismo matricial, composicional ou lexicalizado e idiossincrático dos produtos, bem como as relações entre prefixos e preposições, as propriedades em comum ou em contraste entre prefixos e constituintes de compostos morfológicos e, por fim, a escalaridade prefixal (prefixos mais prototípicos *versus* prefixos mais marginais) e a opacidade semântico-morfológica de alguns prefixos.

O **capítulo 2** do livro (p. 95 a 113) aborda a expressão prefixal de negação, que compreende os prefixos denotadores de contrariedade, reversão, extração⁶, privação/ausência, negação, oposição (espacial e eventiva) e contradição. É interessante a distinção que a autora recupera entre as relações de contradição e contrariedade, a primeira manifestada pelo formativo *não*, enquanto a última expressada pelos formativos *a(n)-*, *des-* e *in-*. Rio-Torto (2019) considera esses três últimos elementos como os dotados de maior prefixalidade em português, dada a sua combinatória policategorial e seu estatuto prosódico. Entre todos os prefixos negativos, conclui-se, na obra, que os mais produtivos contemporaneamente são *des-* e *in-*. O capítulo traz uma exposição minudenciosa sobre o semanticismo, o funcionamento e a combinatória de cada um dos prefixos negativos em uso no português atual (*anti-*, *contra-*, *não-* e os já mencionados), com a devida menção a derivados que admitem mais de uma interpretação quanto ao valor que expressam (negação/reversão, extração/reversão etc.).

No **capítulo 3** da obra (p. 115-121), a autora comenta os prefixos com valor atitudinal ('oposição a' e 'a favor de'): *contra-*, *anti-* e *pró-*, que gozam de grande difusão no português contemporâneo. Apresenta, também, os casos dotados de semanticidade idiossincrásica e os casos de coordenação sintática de derivados com *pró-*, de um lado, e *anti-/contra-*, do outro.

⁵ A ilação que a autora traz na seção 1.7 do livro (p. 38), de que o sujeito do verbo prefixado com *co-* tenha de apresentar necessariamente dois actantes explícitos, sob o risco de agramaticalidade, não parece ser absoluta, ao menos para o português brasileiro contemporâneo, para o qual frases como *Sofia coadministra a empresa*, *Pedro coordena a escola* ou *Rita interage sabiamente* seriam plenamente possíveis e, de modo algum, agramaticais.

⁶ É pertinente a observação de Rio-Torto (p. 101) de que em alguns verbos constituídos pelo prefixo *des-* é difícil precisar se o valor veiculado pelo formativo é o de reversão, negação ou extração.

No **capítulo 4** do livro (p. 123-127), explana-se sobre a prefixação de cariz semântico iterativo, que se materializa em derivados com o formativo *re-*. Trata-se de um prefixo de combinatória policategorial, com pujante atuação na geração de verbos e cujo semanticismo se espalha por subcategorias, já que se registram os valores reiterativo e intensivo, ainda que com menor frequência que o simplesmente iterativo. É interessante a ilação de Rio-Torto de que o sentido intensificador decorre do sentido matricial de iteração. Casos de preferência e interdição de acoplamento do elemento prefixal também são descritos.

O **capítulo 5** da obra (p. 129-131) incide sobre a prefixação de valor conjuntivo, que emerge da adjunção do formativo *co-*, cuja variante *com-* não se encontra mais disponível para a geração lexical. O prefixo *co-* é policategorial, não implica em modificações de natureza argumental ou eventiva e veicula um sentido de comitatividade, de conjunção.

O **capítulo 6** da obra (p. 133-139) aplica-se à expressão prefixal de movimento, que mobiliza uma série de formativos (*a-*, *de-*, *en-*, *es-*, *ex-*, *retro-*, *trans-*, *cata-*, *dia-*, *per-*, *intro-*, *endo-*) e um conjunto de matizes semânticos, a exemplo de ‘em direção a’, ‘para dentro’, ‘para fora’, ‘para trás’, ‘para diante’, ‘através de’, ‘de cima para baixo’, ‘de baixo para cima’, ‘através de’, ‘em torno de/à volta de’, ‘por dentro de’ etc. É muito pertinente a observação da autora a respeito da dificuldade de se deslindar, em vários desses prefixos, um sentido de movimento de um sentido de localização espacial. Igualmente relevante é a nota quanto à existência de alguns prefixos dessa teia semântica que não mais estão disponíveis contemporaneamente para a geração lexical, como *ab-*, *ana-*, *apo-*, *cata-*, *dia-*, *per-* e *ob-*.

O **capítulo 7** da obra (p. 141-156) volta-se aos prefixos que servem à expressão de localização espacial, temporal ou espaço-temporal, abarcando os sentidos de ‘acima de’, ‘abaixo de’, ‘além de’, ‘aquém de’, ‘fora de’, ‘dentro de’, ‘face a’, ‘por trás de’, ‘no meio de’, ‘ao lado de’, ‘próximo de’, ‘através de’, ‘à volta de’, ‘à margem de’, ‘antes de’, ‘depois de’, ‘já não’, ‘recentemente’. São os formativos *epi-*, *sobre-*, *supra-*, *infra-*, *sub-*, *soto-*, *cis-*, *trans-*, *ultra-*, *meta-*, *en-*, *ex-*, *extra-*, *intra-*, *ante-*, *pré-*, *pós-*, *inter-*, *meso-*, *justa-*, *dia-*, *per-*, *circum-*, *peri-*, *anfi-*, *para-*, *recém-* e *retro-*. Rio-Torto observa que vários desses prefixos têm escopo tanto espacial quanto temporal e não apresentam restrições categoriais. Sublinha, ademais, que *en-*, *epi-* e *soto-* não estão mais disponíveis para a emergência de novas lexias.

No **capítulo 8** da obra (p. 157-174), comenta-se a prefixação voltada ao âmbito semântico da ordenação escalar, abarcando macro-noções como as de hierarquia/taxonomia e avaliação. Para os sentidos circunscritos à ordenação escalar hierárquico-taxonomica, operam no português atual os prefixos *arqui-*, *sobre-*, *supra-*, *super-*, *infra-*, *sub-*, *hiper-* e *hipo-*; por sua vez, para os sentidos de ordenação escalar avaliativa, atuam os formativos *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *hipo-*, *infra-*, *médio-*, *meso-*, *semi-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *ultra-*, *para-* e *quase-*.

No **capítulo 9** da obra (p. 175-178), Rio-Torto debruça-se sobre os prefixos dimensionais: *macro-*, *micro-*, *maxi-*, *mini-* e *mega-*. Essas unidades prefixais são dotadas de policategorialidade

(embora haja preferência por bases nominais) e podem expressar valores de ordenação hierárquico-taxonômica, avaliação (positiva ou negativa), quantificação (precisa ou não) e intensificação (esses dois últimos sentidos, exclusivos para *mega-*). Aponta a autora que *macro-*, *maxi-* e *mega-* são empregados recorrentemente no campo da publicidade, enquanto *micro-* é utilizado com frequência para a qualificação de produtos de alta tecnologia.

No **capítulo 10** do livro (p. 179-187), explana-se sobre a prefixação quantificadora, responsável por abarcar uma série de sentidos dessa ordem, como a cardinalidade (prefixos *uni-*, *mono-*, *bi-*, *tri-*, *quadr(i)-*, *tetra-*, *penta-*, *hexa-*, *hepta-*, *ambi-* etc.), a multiplicidade (prefixos *deca-*, *hecto-*, *quilo-*, *mega-*, *giga-*), a fracionalidade (prefixos *deci-*, *centi-*, *mili-*, *micro-*, *nano-*, *hemi-*, *semi-* etc.), a holonímia ou universalidade (prefixos *omni-* e *pan-*) e, ainda, a quantificação imprecisa (prefixos *multi-*, *pluri-* e *poli-*). Para além da descrição de cada uma dessas unidades prefixais, são interessantes os escólios quanto à produtividade de *multi-*, quanto ao sentido peculiar atrelado à forma vernacular *bis-* (se comparada à variante etimológica *bi-*) e quanto a sentidos não composicionais de alguns derivados com *nano-*.

No **capítulo 11** da obra (p. 189-191), Rio-Torto aborda a prefixação codificadora de identidade – (dis)semelhança, falsidade – e de dissonância ou desconformidade. As partículas que servem à expressão desses sentidos são *equi-*, *homo-*, *iso-*, *para-*, *hetero-*, *dis-* e *pseudo-*, formativos situados na fronteira entre a prefixação e a composição, como observa a autora.

No **capítulo 12** da obra (p. 193-194), comenta-se a expressão prefixal de reflexividade, a cargo de um único formativo: *auto-*. Trata-se de um prefixo policategorial e de grande produtividade na língua contemporânea, cujo semanticismo se concentra exatamente no valor reflexivo correferencial de ‘a si mesmo, a si próprio’.

O **capítulo 13** da obra (p. 195-198) incide sobre a prefixação denotadora de bilateralidade/reciprocidade, manifestada pelo elemento *inter-* e, residualmente, por sua variante *entre-*. Os derivados *interministerial*, *intercomutar*, *entreolhar* e *entrechocar* são alguns dos exemplos elencados para o matiz de reciprocidade ou bilateralidade expressado pelos prefixos aludidos, não se confundindo, portanto, com o valor locativo que esses mesmos formativos podem veicular (como em *interdental* ou em *entrelinha*).

O **capítulo 14** da obra (p. 199-200) aborda a prefixação codificadora do sentido de marginalidade/limiaridade/proximidade ontológica, que deriva do sentido matricial de marginalidade/limiaridade/proximidade locativa, mediante translações de ordem cognitivo-conceptual. As partículas que servem a esse fulcro no português contemporâneo são *para-* e *quase-*, em produtos lexicais como *paramédico*, *paraolímpico*, *quase morte* e *quase falência*.

O **capítulo 15** da obra (p. 201-205) é o seu conspecto final, no qual se sobressai a observação do funcionamento em rede das unidades prefixais, com uma gama de inter-relações, plasmada por complementaridades, mesclas, sobreposições e interinfluências. Dita teia prefixal mostra-se muito bem representada na figura à página 202 (quadro 56. *Relações de interface heterossêmica*), que esboça

as ligações entre cinco macro-domínios semânticos mapeados pela afixação prefixal: atitudinalidade, avaliação, localização, hierarquização e taxonomia. Também merece destaque o quadro 57. *Conspecto geral da distribuição dos prefixos por classes semânticas* (p. 205), que, como o próprio título anuncia, fornece uma visão panorâmica da prefixação no português contemporâneo, com o arrolamento das unidades prefixais e os respectivos domínios e subdomínios semânticos a que se vinculam.

Finalmente, no **capítulo 16** (p. 207-236), a autora oferece aos leitores da obra dezoito exercícios dedicados à derivação prefixal, sucedidos pelas respectivas propostas de resolução. Nessa série de atividades, voltada especialmente a docentes, discentes de nível superior ou médio e conhecedores da língua portuguesa, ora se trabalham as restrições categoriais de adjunção de dado elemento prefixal, ora se abordam aspectos morfológicos ou semânticos vários atinentes a esse processo lexicogenético.

4. Considerações finais

São ainda escassos os estudos de monta sobre a prefixação em língua portuguesa, sobretudo quando comparados ao grande número de pesquisas e publicações concernentes à sufixação e a procedimentos extra-morfológicos de geração lexical (acronímia, truncamento etc.). O livro de Rio-Torto (2019) vem juntar-se ao rol dos poucos estudos robustos e gerais que se encontram disponíveis sobre a prefixação em português, entre os quais se destacam as obras de Duarte (1999), Alves (2000), Ganança (2017) e Lopes (2018).

A um grande desafio lançou-se Rio-Torto, o qual derivou, afortunadamente, uma grande obra, uma verdadeira enciclopédia sobre a prefixação na língua portuguesa contemporânea, que passa a figurar como referência de consulta obrigatória para uma compreensão mais atilada desse processo morfolexical. Tal como a *Gramática derivacional do português* (2016), da qual foi coordenadora e coautora, e que abarca o conjunto de operações canônicas da lexicogênese de ordem morfológica, a comunidade acadêmica e os interessados em geral têm diante de si outro estudo lapidar, que promove de modo claro, sistemático e metódico uma interessante e imperdível aproximação ao fenômeno prefixal.

Sem dúvida, como afirma a própria autora, “Muito fica ainda por explorar no campo de prefixação.” (p. 201), porém, com o livro que publicou, contribuiu com avanços valiosos para uma compreensão mais lúcida da derivação prefixal. Sua obra deve, com justiça, ser colocada no rol de referências elementais para uma observação mais acurada da prefixação.

O que mais se pode dizer? Duas coisas, para encerrar. A primeira: que a leitura de *Prefixação na língua portuguesa contemporânea* é uma oportunidade de mergulhar no conhecimento da lexicogênese prefixal vernacular, contando com a condução segura e magistral de uma pesquisadora experimentada nos estudos sobre a formação de palavras no português. A segunda: que é uma honra apresentar à comunidade acadêmica e ao público em geral a primeira revisão publicada a respeito de tão importante obra.

Referências

- ALVES, Ieda. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo*. 2000. 594 f. Tese de Livre-Docência – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2000.tde-17072023-125209>. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-17072023-125209/pt-br.php>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- ANDRADE, Ana Rebello de. Os corpora linguísticos: uma nova forma de “fazer lexicografia”? In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 18, 2002. Porto, *Actas...* Lisboa: APL, 2003. pp. 103-110.
- BASILIO, Margarida Maria de Paula. Morfologia: uma entrevista com Margarida Basílio. *ReVEL*, [s.l.], v. 7, n. 12, pp. 1-8, mar. 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=14>. Acesso em: 14 dez. 2024.
- BORBA, Francisco da Silva. Lexicografia e descrição da língua. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 5, 1990. Recife, *Anais...* Porto Alegre: ANPOLL, 1991. pp. 81-86.
- CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu *corpus*, eu te direi qual é a tua problemática. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 10, pp. 1-23, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932>. Acesso em: 3 maio 2025.
- DUARTE, Paulo. *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: UFC, 1999.
- GANANÇA, João. *Um estudo da prefixação em unidades lexicais neológicas coletadas de blogs da internet*. 2017. 277 f. Dissertação (Mestrado em Filologia Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05072017-105742/pt-br.php>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- LOPES, Mailson. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 2018. 5 v. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29879>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- LOPES, Mailson. Uma trajetória entre palavras: entrevista com Graça Rio-Torto. *Alfa*, São Paulo, v. 67, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/17786>. Acesso em: 2 maio 2025.
- MARTIN, Robert. *Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2003.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2010 [1989].
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O renovado impulso nos estudos históricos do português: temas e problemas. *A cor das letras*, Feira de Santana, n. 2, pp. 15-28, 1998.
- MONTERO CURIEL, María Luisa. *La prefijación negativa en español*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1999.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. Prefácio. In: RIO-TORTO, Graça. *Prefixação na língua portuguesa contemporânea*. São Paulo: Cortez, 2019. pp. 17-20.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

RIO-TORTO, Graça. *Formação de palavras em português*. Aspectos da construção de avaliativos. 1993. 977 f. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/98743>. Acesso em: 16 dez. 2024.

RIO-TORTO, Graça. A prefixação na tradição gramatical portuguesa. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 47, pp. 13-39, 2014a. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.v1i47.31>. Acesso em: 4 dez. 2024.

RIO-TORTO, Graça. Prefixação e composição: fronteiras de um contínuo. *Verba*, Santiago de Compostela, v. 41, pp. 103-121, 2014b. DOI: <https://doi.org/10.15304/verba.41.1786>. Acesso em: 2 abr. 2025.

RIO-TORTO, Graça et al. *Gramática derivacional do português*. 2. ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016. DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0864-8>. Acesso em: 14 dez. 2024.

RIO-TORTO, Graça. *Prefixação na língua portuguesa contemporânea*. São Paulo: Cortez, 2019.

ENTREVISTA COM LILIAN FERRARI¹

INTERVIEW WITH LILIAN FERRARI

Lilian Vieira Ferrari²

Flávia Medeiros Álvaro Machado³

Veridiane Pinto Ribeiro⁴

Paulo Henrique Duque⁵

RESUMO

Esta entrevista aborda a trajetória acadêmica da Profa. Lilian Ferrari, detalhando as principais etapas envolvidas nesse percurso até o contato inicial com a Linguística Cognitiva e a opção por concentrar suas pesquisas nessa área. Mais especificamente, considerando-se as vertentes teóricas que constituem o campo, apontam-se publicações relevantes associadas à Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997; Fauconnier; Turner, 2002) e à Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991), bem como a publicação do livro “Introdução à Linguística Cognitiva” (Ferrari, 2011). Detalham-se, ainda, pesquisas e publicações mais recentes relacionadas à multimodalidade, enfocando-se, principalmente, as relações entre metáfora e gestos (Cienki; Müller, 2008). Por fim, o diálogo entre a Linguística Cognitiva e áreas afins (Psicologia, Filosofia, Ciências da Computação, etc.) é abordado, bem como as possíveis contribuições da área em relação ao ensino de língua materna e estrangeira, tradução, interpretação, Língua de Sinais Brasileira (Libras) e questões sociais relacionadas ao preconceito linguístico.

ABSTRACT

This interview discusses the academic journey of Professor Lilian Ferrari, detailing the main stages of this path up to her initial contact with Cognitive Linguistics and her decision to focus her research in this área. More specifically, considering the theoretical strands that make up the field, relevant publications associated with Mental Spaces Theory (Fauconnier, 1994, 1997; Fauconnier; Turner, 2002) and Cognitive Grammar (Langacker, 1987, 1991) are highlighted, as well as the publication of the book ‘Introdução à Linguística Cognitiva’ (Ferrari, 2011). The interview also details more recent research and publications related to multimodality, focusing mainly on the relationship between metaphor and gestures (Cienki; Müller, 2008). Finally, the dialogue between Cognitive Linguistics and related fields (Psychology, Philosophy, Computer Science, etc.) is discussed, as well as possible contributions of the field to the teaching of first and foreign languages, translation, interpretation, Brazilian Sign Language (Libras), and social issues related to linguistic prejudice.

¹ A entrevista foi planejada e conduzida pelos organizadores do dossiê da Revista Linguística.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lilianferrari@uol.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-7808-4425>.

³ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), fmachado.ufes@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7838-1227>.

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), veridiane.ribeiro@ifsc.edu.br, <https://orcid.org/0000-0003-3981-3909>.

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), duqueph@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7100-0556>.

REVISTA LINGUÍSTICA: Como foi seu caminho acadêmico até chegar à Linguística Cognitiva?

LILIAN FERRARI: Minha trajetória acadêmica teve início com a graduação em Psicologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ao finalizar a Graduação, decidi fazer Mestrado e, em seguida, Doutorado, na área de Linguística, também na UFRJ. Na dissertação de Mestrado, desenvolvi a pesquisa no âmbito do Funcionalismo e, no Doutorado, optei pela Sociolinguística, que eram as vertentes que estavam mais de acordo com meus interesses naquele momento. A chegada à Linguística Cognitiva coincidiu com o início de minha atuação como docente no Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), quando tomei conhecimento de publicações fundadoras da área e percebi que aquela proposta teórica conjugava meus interesses nas áreas de linguagem e cognição.

REVISTA LINGUÍSTICA: O que despertou seu interesse por essa área específica?

LILIAN FERRARI: Como mencionei anteriormente, minha graduação foi em Psicologia. No curso, tive contato com várias áreas afins que despertaram meu interesse, como a Filosofia, a Antropologia e, especialmente, a Psicolinguística, tendo tomado conhecimento do célebre questionamento de Noam Chomsky às ideias do psicólogo behaviorista B. F. Skinner sobre aquisição de linguagem. Enquanto esse último ressaltava o papel da imitação na aquisição da linguagem, de acordo com o modelo behaviorista estímulo-resposta, Chomsky se opunha a essas ideias, a partir do argumento de que a criança produz sequências nunca ouvidas antes e comete ‘erros inteligentes’ (por exemplo, “eu sabo”, “eu fazi”, etc.), em que verbos irregulares acabam sendo conjugados de acordo com o padrão dos verbos regulares terminados em -er (por exemplo, “eu como”, “eu bebi”, etc.).

Ao perceber que tinha particular interesse em questões relacionadas à linguagem, decidi fazer Mestrado na área de Linguística, também na UFRJ. Como, na época, a Linguística Cognitiva ainda não havia se configurado oficialmente como uma vertente teórica, minha dissertação adotou a perspectiva funcionalista, que era a que mais se aproximava de meus interesses naquele momento. Enfoquei a interferência da fala na escrita, observando a repetição na produção de textos. Entretanto, curiosamente, já tinha interesse em aspectos cognitivos relacionados a esse objeto de estudo, de modo que o título da dissertação foi “Aspectos cognitivos da interferência da fala na escrita: a repetição na produção de textos”. No doutorado, que teve início na *University of Southern California (USC)*, mas foi finalizado na UFRJ, voltei-me para a área de Sociolinguística, e desenvolvi a tese “Variação linguística e redes sociais no Morro dos Caboclos, RJ”. A tese enfocou a comunidade relativamente isolada do Morro dos Caboclos, situada no Maciço da Pedra Branca/Campo Grande, na cidade do Rio de Janeiro. Analisei, principalmente, a variação fonológica na fala dos moradores da área, relacionando-as a graus de coesão das redes sociais desses indivíduos, classificados a partir da avaliação de maior convivência com os demais moradores da região (alto grau de coesão da rede) ou com moradores de outras regiões (graus menores de coesão). Embora as variáveis analisadas fossem fonológicas, acabei incluindo uma

variável morfossintática que não havia sido prevista inicialmente: a variação da preposição “em” com a forma “ni”; por exemplo, “Vou lá *ni* Ana”; “Ele foi *ni* médico”, etc. O interessante é que, anos mais tarde, percebi que esse era um fenômeno que seria melhor analisado no âmbito da Linguística Cognitiva, e voltei a analisar o fenômeno, tendo publicado um artigo, na Revista da Anpoll (1997), destacando que o uso de “ni” está relacionado a um processo figurativo; em especial, sinaliza um processo cognitivo de base metonímica (no caso, PESSOA POR LOCAL).

Essa publicação foi possível porque, em 1995, passei a lecionar no Departamento de Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde teve início o meu contato efetivo com a Linguística Cognitiva, por intermédio da Profa. Margarida Salomão, que acabava de voltar de um PhD nos Estados Unidos, orientada por Charles Fillmore. A professora propôs a criação do grupo de pesquisas “Gramática e Cognição”, na UFJF, do qual participavam também professoras da UFRJ e Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Com vistas a desenvolver pesquisas na área, passamos a ler os principais textos fundadores da Linguística Cognitiva, como “*Metaphors we live by*”, de George Lakoff e Mark Johnson (1980), “*Foundations of Cognitive Grammar*”, de Ronald Langacker (1987, 1991), e também os livros que embasam a Teoria dos Espaços Mentais, de Gilles Fauconnier, *Mental Spaces* (1994) e *Mappings in Thought and Language* (1997).

Em 2000, retornei, já como docente, para a UFRJ e, em 2003, fundei o “Laboratório de Pesquisas em Linguística Cognitiva” (LINC/UFRJ), no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística. A partir de 2013, o LINC/UFRJ passou a ser coliderado pelo Prof. Diogo Pinheiro, que fez o doutorado sob minha orientação e passou a ser também docente do Departamento de Linguística e Filologia/UFRJ e membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística/UFRJ.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Quais foram seus principais desafios e aprendizados ao longo da carreira?

LILIAN FERRARI: Os principais desafios foram relacionados ao fato de que, quando decidi me dedicar à Linguística Cognitiva, a área era ainda incipiente no Brasil. Nesse sentido, passei a participar de congressos internacionais organizados pela *International Cognitive Linguistics Association* (ICLA) e pela *UK Cognitive Linguistics Association* (UK-CLA). Nesses congressos, apresentava e discutia as pesquisas que estava desenvolvendo, e também tinha acesso a uma série de pesquisas que eram desenvolvidas na área em várias partes do mundo.

A participação nesses congressos permitiu, ainda, que eu tivesse contato com vários fundadores da área, como Ronald Langacker, Eve Sweetser, George Lakoff, Gilles Fauconnier, Mark Turner; a partir daí, foi possível manter intercâmbios acadêmicos com muitos deles. Em especial, Eve Sweetser foi minha supervisora de pós-doutorado, na *University of California, Berkeley*, Ronald Langacker participou como palestrante de congresso organizado pelo LINC/UFRJ. Mais recentemente, em função de nosso interesse em relação ao estudo de recursos multimodais que acompanham a fala (gestos, expressões faciais, etc.), perspectiva que vem ganhando força em Linguística Cognitiva,

passamos a integrar o *Distributed Red Hen Laboratory*, laboratório que reúne dados videogravados de várias línguas, sediado na biblioteca da *University of California, Los Angeles*, coordenado por Francis Steen e Mark Turner. Desenvolvemos, então, o *Red Hen, Brazil*, em parceria com Maíra Avelar (Universidade Estadual do Sudoeste Da Bahia - UESB), Gustavo Guedes (CEFET/RJ) e, mais recentemente, Tiago Torrent, da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde está sediado o laboratório.

REVISTA LINGUÍSTICA: Para o público leigo, como a senhora explicaria o que é a Linguística Cognitiva?

LILIAN FERRARI: A Linguística Cognitiva, como o próprio termo sugere, é uma área voltada para o estudo dos aspectos cognitivos que atuam na produção e compreensão das línguas humanas. Em especial, a área busca descrever e explicar as relações entre as estruturas linguísticas (palavras, expressões, sentenças, etc.) e processos mentais que atuam na construção do significado a partir dessas estruturas. Nesse sentido, foi necessário desenvolver uma Semântica Cognitiva, com base no célebre aforismo cunhado por um importante teórico da área, Gilles Fauconnier: “a linguagem visível é a ponta do iceberg da construção invisível do significado”. Para ilustrar esse ponto, podemos observar a expressão “lápiz vermelho”. Embora tendamos a pensar que o significado da expressão é simples e direto, bastando unir os significados de “lápiz” e “vermelho”, na verdade, a expressão é apenas uma pista (ou, se quisermos, “a ponta do iceberg”) para uma série de significados que podem ser construídos em contexto: “um lápis que produz uma escrita em vermelho”, “um lápis cuja parte externa é vermelha”, “um lápis que é usado pelo time cujo uniforme é vermelho”, e assim por diante.

REVISTA LINGUÍSTICA: Quais são as diferenças fundamentais entre a Linguística Cognitiva e outras abordagens, como a linguística formal ou estruturalista?

LILIAN FERRARI: Como aponto no primeiro capítulo do livro “Introdução à Linguística Cognitiva”, o termo escolhido para a área bem poderia ter sido escolhido para a Gramática Gerativa. Na verdade, o teórico que estabeleceu uma ruptura com o estruturalismo e propôs uma linguística formal como a GG, Noam Chomsky, foi o responsável pela guinada cognitivista em Linguística, tendo afirmado, inclusive, que seu interesse pelo estudo da linguagem derivava, na verdade, do fato de que “a linguagem é um espelho da mente”. O que diferencia a Linguística Cognitiva da Gramática Gerativa, então, não é a abordagem cognitiva propriamente dita, mas a hipótese que se estabelece em relação à cognição. Como detalhado no livro *The linguistic wars; Chomsky, Lakoff and the battle over deep structure* (“Guerras Linguísticas; Chomsky, Lakoff e a batalha sobre estrutura profunda”), de Randy Harris (1993), os principais proponentes da Linguística Cognitiva eram alunos de Chomsky, e tinham atuação expressiva na Gramática Gerativa. Esse era o caso de George Lakoff, por exemplo, cujos debates com Chomsky em função de questionamentos à Gramática Gerativa tornaram-se célebres. A principal discordância era, justamente, o fato de que para a Gramática Gerativa, a cognição

é modular, de modo que a linguagem é um módulo cognitivo, diferente de outros módulos cognitivos (ex. raciocínio matemático, percepção, etc.), com regras e princípios próprios e diferentes das regras e princípios de funcionamento dos outros módulos. Da mesma forma, no âmbito da linguagem, os módulos sintáticos, morfológico, semântico, etc. atuam com base em regras e princípios próprios, sendo que a sintaxe tem primazia. Desse modo, não é possível fornecer uma explicação semântica para um fenômeno sintático. George Lakoff questionou essa assunção, demonstrando que havia casos em que era necessário recorrer à semântica para explicar a sintaxe. Para exemplificar, podemos considerar o sintagma nominal “uma xícara de chá”. Já que todo sintagma nominal deve ter como núcleo um nome, qual seria o núcleo nesse caso: “xícara” ou “chá”? Com base em casos como esse, Lakoff argumenta, então, que não é possível determinar o núcleo sem considerar aspectos semânticos, já que se o contexto for “Eu quebrei uma xícara de chá”, “xícara” é o núcleo, na medida em que o que se quebra é a “xícara” (“de chá” apenas caracteriza o tipo de xícara); já em “Eu bebi uma xícara de chá”, obviamente, o núcleo precisa ser aquilo que se bebe, no caso, o “chá” (“xícara de” constitui uma indicação metonímica da quantidade de chá que foi bebida).

REVISTA LINGÜÍSTICA: Como a linguagem revela aspectos do funcionamento da mente humana, segundo essa perspectiva?

LILIAN FERRARI: Com base em questionamentos semelhantes aos apresentados na resposta anterior, a Linguística Cognitiva começou a ser criada, tendo como um de seus objetivos principais, como já mencionei, descrever e explicar a linguagem, a partir de processos mentais envolvidos em uma concepção não-modular da cognição. Nesse sentido, a LC constitui um “arquipélago teórico”, como apontou Geeraerts (2006), em que diferentes vertentes teóricas abordam diferentes aspectos das relações entre linguagem e cognição, tomando por base a não-modularidade.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Quais são as principais linhas de pesquisa em Linguística Cognitiva atualmente no Brasil e no mundo?

LILIAN FERRARI: Para lidar com a complexidade das questões levantadas, a área desenvolveu uma série de vertentes inter-relacionadas capazes de lidar com aspectos sintáticos e semântico-pragmáticos das estruturas linguísticas. Entre essas vertentes, é possível destacar a Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por George Lakoff e Mark Johnson, a partir do livro *Metaphors we live by*, publicado em 1980, que representou uma guinada na abordagem da metáfora como processo de pensamento. No que se refere às relações entre construções gramaticais e estruturas conceptuais, as principais vertentes são a Gramática Cognitiva, proposta por Ronald Langacker (1987, 1991) e a Gramática de Construções Cognitiva, que tem em Adèle Goldberg um dos seus principais expoentes (1995, 2006); por fim, a Teoria dos Espaços Mentais, proposta por Gilles Fauconnier (1994, 1997), destaca que espaços mentais são criados à medida que o discurso se desenvolve, a partir de construtores de espaços mentais (*space builders*) – elementos linguísticos que ativam espaços

geográficos, temporais, condicionais, contrafactuais, etc. A teoria foi aprofundada a partir da parceria de Fauconnier com Mark Turner (2002), que permitiu que o processo de mesclagem, já descrito anteriormente por Fauconnier, fosse detalhado. Mais recentemente, o estudo da multimodalidade vem ganhando força na área, a partir de estudos que relacionam linguagem verbal e recursos multimodais (gestos, expressões faciais, etc.). Em especial, as pesquisas que relacionam metáfora e gesto trouxeram evidências adicionais sobre a natureza cognitiva da metáfora, como destacado no livro *Metaphor and gesture*, de Alan Cienki e Cornelia Müller (2008).

REVISTA LINGUÍSTICA: Quais trabalhos ou pesquisas suas a senhora destacaria como mais relevantes ou transformadores?

LILIAN FERRARI: O trabalho que tem maior impacto nacionalmente é o livro “Introdução à Linguística Cognitiva”, publicado pela Editora Contexto, em 2011. O livro busca traçar um panorama da área, destacando as vertentes básicas que a compõem. Mais recentemente, vale destacar, ainda, o capítulo Linguística Cognitiva, publicado no livro “A linguística hoje; múltiplos domínios” (Othero & Flores, Ed. Contexto, 2023). Quanto a pesquisas específicas, minhas publicações enfocam, principalmente, os seguintes tópicos: (i) análises de construções gramaticais do português brasileiro, em especial construções condicionais; (ii) análise de construções gramaticais com base em relações entre *frames e ponto de vista*; (iii) análise de fenômenos relacionados à metáfora e/ou mesclagem conceptual; (iv) investigação de elementos dêiticos (principalmente, dêiticos pessoais e locativos); (v) associação de fenômenos de subjetividade/ intersubjetividade e ponto de vista à linguagem verbal e/ou multimodal.

Com relação aos trabalhos publicados sobre esses temas e suas inter-relações, destaco as seguintes publicações:

- *Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes condicionais* – o trabalho relaciona as noções de ponto de vista e subjetividade a diferentes construções condicionais que apresentam estrutura semântica FUTURO-FUTURO no português brasileiro. Capítulo publicado no livro *A cognição na linguagem*, organizado por Heronides Moura e Rosângela Gabriel (Florianópolis: Insular, 2012).

- *Events of motion and talmyan typology: verb-framed and satellite-framed patterns in portuguese* – O trabalho enfoca construções que indicam movimento na área fronteira entre a terra e o mar, questionando a assumpção de que a língua portuguesa é uma língua exclusivamente *verb-framed* (ex. costear, margear, etc.), com base no argumento de que o Português Europeu está mudando em direção à uma língua *satellite-framing* (ex. *seguir pela costa, caminhar pela margem*, etc.) - Artigo publicado em parceria com Hanna Batoréo, da Universidade Nova de Lisboa no periódico internacional *Cognitive Semantics* (2016).

- *Entre alinhavos e alfinetes: a metáfora de corte-e-costura na comunicação verbal* – o trabalho destaca a metáfora de corte-e-costura (exs. alinhar um acordo, tecer um comentário, etc.), que ainda não havia sido descrita para o português brasileiro. Capítulo publicado no livro *Linguagem-cognição-cultura: teorias, aplicações e diálogos com foco na língua portuguesa*, organizado por Hanna Batoréo (Centro de Letras da Universidade Nova de Lisboa, 2022).

- *Subjectivity and upwards projection in mental space structure* – o trabalho, em parceria com Eve Sweetser (University of California, Berkeley) argumenta que construções gramaticais semanticamente semelhantes podem apresentar diferentes graus de subjetividade com base nas noções de Rede de Espaços Comunicativos Básicos e Ponto de Vista. Capítulo publicado no livro *Viewpoint in language: a multimodal perspective*, organizado por Barbara Dancygier e Eve Sweetser (Cambridge University Press, 2012).

- *Prototypical and metaphorical uses for locative deixis in Brazilian Portuguese and American English: a verbo-gestural data analyses* – o trabalho, em parceria com Maíra Avelar e Vera Pacheco, relaciona usos prototípicos e metafóricos de dêiticos locativos na fala e nos gestos. Publicado no livro *Metaphorical conceptualizations; (inter)cultural perspectives*, organizado por Ulrike Schröder, Milene Oliveira, Adriana Tenuta (Walter de Gruyter, 2022).

REVISTA LINGÜÍSTICA: Como a professora vê o diálogo entre a Linguística Cognitiva e áreas como Psicologia, Filosofia, Ciências da Computação e/ou outras áreas?

LILIAN FERRARI: O diálogo com a Psicologia e a Filosofia faz parte do próprio surgimento da Linguística Cognitiva. O conceito de categoria radial, que fundamenta a Semântica Cognitiva, deriva de pesquisas experimentais realizadas no âmbito da Psicologia Experimental por Eleanor Rosch e colaboradores, que também se alinham aos estudos antropológicos de Berlin e Kay sobre os termos utilizados para cores em diferentes línguas, e apontam a existência de cores focais e não-focais. Essas pesquisas, por sua vez, dialogam com a proposta do filósofo Wittgenstein, que se opôs à visão clássica de categorização, em termos de “tudo ou nada”, e propôs que as categorias se organizam em termos de semelhanças familiares. No âmbito das Ciências da Computação, também, há uma estreita parceria desde o estabelecimento da Linguística Cognitiva, na medida em que Charles Fillmore criou o Projeto *Framenet*, com o objetivo de desenvolver uma lexicografia computacional com base na Semântica de *Frames*.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Que contribuições a Linguística Cognitiva oferece para o ensino de línguas (materna ou estrangeira)?

LILIAN FERRARI: Com certeza, a Linguística Cognitiva pode contribuir de muitas formas para o ensino de línguas. Embora não tenha sido esse o foco principal da minha pesquisa, é possível destacar um aspecto que costumo abordar em minhas aulas sobre o conceito de *Frame* (Fillmore, 1977, 1982, 1985), proposto por Charles Fillmore, que constitui um dos pilares da Semântica Cognitiva.

Ao relacionar o significado das palavras a *frames*, caracterizados como conjuntos de conhecimento armazenados na memória de longo prazo e culturalmente compartilhados, a Linguística Cognitiva pode auxiliar na descrição e explicação das diferentes inter-relações entre estrutura linguística e significado evidenciadas em diferentes línguas, ou mesmo entre variedades de uma mesma língua. Para dar um exemplo, gostaria de citar uma pesquisa que realizei em parceria com a Profa Hanna Batoréo, da Universidade Aberta de Lisboa, sobre a expressão “ao fundo”. Ocorre que, em determinados contextos, a expressão ativa significados diferentes no Português Europeu e no Português Brasileiro, o que pode levar a problemas de comunicação entre falantes das duas variedades. Em artigo publicado sobre o tema (Batoréo & Ferrari, 2015), apontamos que a expressão “ao fundo” abre um *frame* de trajetória em um espaço tridimensional, sinalizando o ponto final dessa trajetória. No caso de uma trajetória vertical, ambas as variedades fazem um uso não-dêitico da expressão, indicando o ponto final dessa trajetória (Ex. “O barco acaba de chegar ao fundo”); entretanto, é quando se trata de trajetória horizontal, as variedades diferem. Enquanto o Português Brasileiro continua fazendo um uso não-dêitico da expressão, indicando o ponto final de uma trajetória horizontal, o Português Europeu usa a expressão para indicar movimento fictivo do olhar do falante, indicando o local mais longe que sua “visão mental” pode alcançar, a partir de seu ponto de vista. Trata-se, portanto, de um uso dêitico da expressão e, em muitas situações comunicativas, ao ouvir algo como “Para chegar ao museu, caminhe por essa rua e, ao fundo, vire à direita”, um brasileiro tenderá a caminhar até encontrar o “ponto final” da rua; entretanto, a sentença, no Português Europeu, é uma indicação para virar à direita no local em que o olhar do falante consegue alcançar, a partir de sua localização naquele momento.

Em suma, uma das possíveis contribuições da Linguística Cognitiva ao ensino de línguas é a disponibilização de embasamento teórico para que se possa descrever e explicar a existência de expressões aparentemente sinônimas que apresentam diferenças semântico-pragmáticas significativas em uma mesma variedade linguística (ex. gosto e sabor no Português Brasileiro, Ferrari, 2021), em uma mesma língua (ex. as preposições “em” e “ni” em variedades distintas do Português Brasileiro, Ferrari, 1997) ou em línguas distintas (ex. *vegetables*, em Inglês, e *legumes/verduras* em Português).

REVISTA LINGÜÍSTICA: Como essa área pode ajudar na compreensão e no enfrentamento de desafios sociais, como preconceito linguístico ou inclusão?

LILIAN FERRARI: As situações mencionadas na resposta à pergunta anterior estão diretamente relacionadas a um dos postulados básicos da Linguística. O estudo das mais variadas línguas do mundo, demonstrou que todas as línguas (e todas as variedades linguísticas existentes) são bem formadas, lógicas e governadas por regras. Sendo assim, o que faz uma variedade ter maior prestígio e, possivelmente ser representada na escrita, tem relação estreita com aspectos socioculturais, e não linguísticos. Há, inclusive, casos em que variantes de menor prestígio podem ter aspectos linguisticamente mais complexos do que a própria variante de prestígio. Para citar um exemplo,

a variação entre as preposições “em” e “ni”, mencionada anteriormente, ilustra claramente essa situação. Enquanto “em” é uma preposição locativa utilizada no Português Padrão, variedades rurais do Português Brasileiro estabelecem duas variantes para os contextos de uso dessa preposição: as variantes “em” e “ni”. Essa variação é motivada pelo fato de que os locais indicados pela preposição podem ser localizações concretas ou localizações abstratas (figurativas). Por exemplo, na variedade padrão, pode-se dizer que “Maria foi na casa da Ana” ou que “Maria foi na Ana”, em que “na” é uma contração da preposição “em” com o artigo definido “a”. A variedade rural, por sua vez, utiliza variáveis distintas nesses contextos: “Maria vai na casa da Ana”, indicando um lugar (isto é, “casa”), mas “Maria vai *ni* Ana”. O uso de “ni”, nesse caso, visa a sinalizar um processo figurativo e, mais especificamente, uma metonímia (PESSOA POR LOCAL). Portanto, sob esse aspecto, a variedade rural apresenta um detalhamento semântico-pragmático maior com relação a essa preposição locativa do que a variedade padrão. Esse caso se torna ainda mais interessante na medida em que se observa variação semelhante no Francês Padrão; as traduções das sentenças anteriores são, respectivamente “*Marie vais à la maison d’Anne*” e “*Marie vais chez Anne*”. É possível, portanto, traçar um paralelo entre “em” e “a”, para locativos concretos, e “ni” e “*chez*”, para locativos metonímicos, na variedade rural do Português Brasileiro e no Francês Padrão.

Em suma, a variação existente na variedade padrão de uma língua pode ser estigmatizada em outra por ser uma variação que ocorre em uma variedade não prestigiada. Fica muito claro, portanto, que a motivação para a estigmatização deriva de preconceito em relação ao grupo social em que a variação ocorre e não de nenhuma “deficiência” de caráter linguístico.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Existe espaço para colaboração com áreas como tradução, interpretação ou Libras?

LILIAN FERRARI: Com certeza. Pelos motivos elencados nas respostas às perguntas anteriores, o fato de que a Linguística Cognitiva fornece um arsenal teórico elaborado para o tratamento das relações entre sintaxe, semântica e pragmática abre muitas possibilidades de colaboração com todas essas áreas. Em especial, os estudos mais recentes sobre gestos no âmbito da Linguística Cognitiva têm levantado questões importantes sobre o papel da metáfora como fenômeno cognitivo, demonstrando relações entre metáforas e gestos tanto em línguas orais, como fazem Alan Cienki e Cornelia Müller, no livro *Metaphor and Gesture* (2008), como também em Línguas de Sinais, como apontado por Barbara Dancygier e Eve Sweetser (2014), no livro *Figurative Language*.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Como a professora enxerga a formação atual de linguistas no Brasil?

LILIAN FERRARI: No que se refere à pesquisa propriamente dita, acredito que os Programas de Pós-graduação devem incentivar os alunos a valorizarem uma formação consistente em todas as linhas de pesquisa existentes na área, e não apenas na linha a ser adotada em suas dissertações e/ou teses. Como apontado por Saussure, “é o ponto de vista que cria o objeto”. Sendo assim, no caso da

Linguística, todas as vertentes teóricas constituem pontos de vista distintos de delimitação do objeto de estudo. Nesse sentido, quanto mais abrangente for a formação do linguista, maior a consistência de sua escolha por uma determinada vertente. Obviamente, a partir dessa escolha, a pesquisa deve apresentar coerência em relação ao ponto de vista escolhido. E com pesquisas coerentes e consistentes em cada uma das vertentes, o fortalecimento da área é inevitável.

REVISTA LINGUÍSTICA: Que conselho daria para estudantes que querem seguir carreira em Linguística Cognitiva?

LILIAN FERRARI: O conselho inicial é o estudo dos textos fundadores que compõem a área. Inicialmente, os textos de Charles Fillmore que estabelecem a noção de *frame*, os artigos de Eleanor Rosch e colaboradores sobre categorização e a proposta inovadora sobre metáfora como processo cognitivo, apresentada no livro *Metaphors we live by* de George Lakoff e Mark Johnson (1980). Para tomar conhecimento das diferentes vertentes inter-relacionadas existentes na área, sugiro os dois volumes do livro *Foundations of Cognitive Grammar*, de Ronald Langacker (1987, 1991), que estabelecem as bases da “Gramática Cognitiva”, a proposta de Adèle Goldberg no âmbito da “Gramática de Construções Cognitiva” - *Construcions: a construction grammar approach to argument structure* (1995) e *Constructions at work: the nature of generalization in language* (2006). Por fim, os livros de Gilles Fauconnier que propõem a “Teoria dos Espaços Mentais” - *Mental Spaces* (1994) e *Mappings in thought and language* (1997) - e, no já âmbito dessa teoria, o detalhamento do processo de mesclagem conceptual que tem, como marco inicial, o livro *Mappings in thought and language: the mind's hidden complexities*, de Gilles Fauconnier e Mark Turner (2002).

REVISTA LINGUÍSTICA: Qual é o papel da divulgação científica para aproximar a linguística do público geral?

LILIAN FERRARI: A divulgação científica é sempre bem-vinda e deve ser cada vez mais praticada pelos professores e pesquisadores da área. Em especial, a Linguística pode ter um papel importante no combate ao preconceito linguístico, cujo principal motivo é o desconhecimento de que a análise de um grande número de línguas praticada na área demonstrou, claramente, que todas as línguas (e variedades linguísticas) são bem-formadas, lógicas e governadas por regras. Sendo assim, a motivação para que uma determinada variedade seja escolhida como padrão (e, eventualmente, representada na escrita) tem raízes históricas e socioculturais, mas não estritamente linguísticas. Como não se trata de uma área efetivamente conhecida pelo público em geral, a divulgação tem papel realmente importante.

Para exemplificar, gostaria de mencionar uma iniciativa do Departamento de Linguística da UFRJ, do qual faço parte, que foi a criação do *blog* de divulgação científica “Nós da Linguística”. No *blog*, publicam-se, mensalmente, trabalhos de autoria de pesquisadores (professores e estudantes de pós-graduação), que tratam dos mais diversos temas investigados na área. Em especial,

organizou-se um *e-book*, reunindo uma seleção de 21 trabalhos publicados no período 2020-2022. (https://lefufjrj.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/12/1702995734270_ebook_nos-linguistica.pdf)

REVISTA LINGUÍSTICA: Quais são, na sua visão, os maiores desafios e as maiores oportunidades para a Linguística Cognitiva nos próximos anos?

LILIAN FERRARI: Como já apontei, uma perspectiva relativamente recente que vem ganhando força na área é o reconhecimento do caráter multimodal da comunicação humana. Esse reconhecimento da existência de uma articulação entre comunicação verbal e não-verbal (gestos, expressões faciais, postura corporal, etc.), a meu ver, estabelece tanto desafios quanto oportunidades, na medida em que contribui para a expansão do escopo daquilo que conta como dado para a análise em Linguística Cognitiva. Em linhas gerais, uma importante questão é levantada: afinal, o que conta como língua? Esse questionamento leva ao reconhecimento de que o conjunto de expressões que formam um evento de uso é muito amplo, e inclui desde os detalhes fonéticos da fala até outros tipos de sinais, como gestos e linguagem corporal. Como apontado por Langacker (2008), o reconhecimento da multimodalidade permite o estabelecimento de uma nova abordagem teórica não mais puramente linguística, com um escopo semiótico mais amplo, trazendo tantos desafios como oportunidades de aprofundamento do campo.

REVISTA LINGUÍSTICA: Como a tecnologia (IA) pode impactar os estudos nessa área?

LILIAN FERRARI: A área tem um relacionamento com a Inteligência Artificial desde o início, na medida em que o Projeto *Framenet* foi criado por Charles Fillmore em 1997, com sede no Instituto Internacional de Ciências da Computação, da Universidade da Califórnia, Berkeley. Fillmore criou o projeto com base na teoria do significado que desenvolveu, a *Semântica de Frames*. O objetivo foi estabelecer um projeto de lexicografia computacional capaz de extrair informações sobre as propriedades sintáticas e semânticas inter-relacionadas de uma ampla gama de palavras do Inglês. Em 2008, foi criado o *Framenet*, Brasil, atualmente sob a coordenação de Tiago Torrent, da Universidade Federal de Juiz de Fora, com o objetivo de desenvolver a contraparte linguística do FrameNet para o português brasileiro.

REVISTA LINGUÍSTICA: O que ainda gostaria de descobrir ou compreender sobre a relação entre linguagem e cognição?

LILIAN FERRARI: A área é fascinante e o que se pode compreender sobre a relação entre linguagem e cognição parece inesgotável. Nesse sentido, não é possível delimitar um aspecto específico a ser compreendido, mas o caminho inicial parece ser dar continuidade à ampliação do escopo da Linguística Cognitiva em direção à multimodalidade. Além disso, fica claro que a vocação da área, desde seu início, de dialogar com áreas afins, como a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia e a Inteligência Artificial, entre outras, é fundamental e pode ser sempre ampliada e aprofundada

para uma melhor descrição e explicação das características específicas da cognição humana, que tem na linguagem e estratégias comunicativas associadas uma âncora material inestimável para a compreensão do percurso histórico-cultural dos seres humanos.

REVISTA LINGUÍSTICA: Existe algum autor ou autora que tenha marcado especialmente sua trajetória?

LILIAN FERRARI: Em primeiro lugar, a Profa. Eve Sweetser, da Universidade da Califórnia/Berkeley, é uma importante pesquisadora, desde os momentos iniciais da Linguística Cognitiva, que teve papel especialmente marcante na minha trajetória. Nos conhecemos no final dos anos 90, em um congresso para o qual ela foi convidada aqui no Brasil. Nesse primeiro contato, percebemos que, coincidentemente, ambas investigavam construções condicionais em suas respectivas línguas e passamos a conversar sobre o tema. Em 2006, fui para Berkeley fazer o pós-doutorado sob sua supervisão, com um projeto sobre condicionais no Português Brasileiro. Além disso, a partir de 2001, passei a participar dos congressos internacionais da área, organizados pela *International Cognitive Linguistics Association* (ICLA) a cada dois anos, onde pude interagir com vários dos principais pesquisadores da área: Ronald Langacker, Gilles Fauconnier, Mark Turner, Barbara Dancygier, George Lakoff, entre outros. Nesses congressos, tive oportunidade não apenas de tomar conhecimento de detalhamentos das propostas teóricas desses autores, como também de trocar ideias sobre minha própria pesquisa em andamento.

REVISTA LINGUÍSTICA: Se pudesse mudar algo no cenário acadêmico brasileiro, o que seria?

LILIAN FERRARI: A principal mudança é um investimento maior nas universidades públicas, não apenas no momento atual, mas a criação de um projeto consistente e constante ao longo do tempo, com vistas a solucionar problemas estruturais, como também promover a melhoria contínua de ensino, pesquisa e extensão.

Referências

AVELAR, Maíra; FERRARI, Lilian; PACHECO, Vera. Prototypical and metaphorical uses for locative deixis in Brazilian Portuguese and American English: a verbo-gestural data analyses. In: SCHRÖDER, Ulriche; OLIVEIRA, Milene; TENUTA, Adriana (org.). *Metaphorical conceptualizations: (Inter)cultural perspectives*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2022. pp. 223-249.

BATORÉO, Hanna; FERRARI, Lilian. «Quão fundo é o fundo?»; perspectivação no caso das expressões com ‘ao fundo’ em português europeu e português do Brasil. *Estudos Linguísticos* (Lisboa), v. 10, pp. 145-154, 2015.

BATORÉO, Hanna; FERRARI, Lilian. Events of motion and Talmyan typology: verb-framed and satellite-framed patterns in Portuguese. *Cognitive Semantics*, v. 2, pp. 59-79, 2016.

- CHOMSKY, Noam. A Review of B. F. Skinner's *Verbal Behavior*. *Language*, v. 35, n. 1, pp. 26-58, 1959.
- CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. *Metaphor and Gesture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- DANCYGIER, Barbara.; SWEETSER, Eve. *Figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, Lilian. *Aspectos cognitivos da interferência da fala na escrita: a repetição na produção de textos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985.
- FERRARI, Lilian. *Variação linguística e redes sociais no Morro dos Caboclos, RJ*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
- FERRARI, Lilian. Variação e cognição: o caso das preposições locativas *em* e *ni* no português do Brasil. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, pp. 121-133, 1997.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRARI, Lilian. Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes condicionais. In: MOURA, Heronides; GABRIEL, Rosângela. (org.), *A cognição na linguagem*. Florianópolis: Insular, 2012. pp. 43-62.
- FERRARI, Lilian; SWEETSER, Eve. Viewpoint and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve (ed.), *Viewpoint in language: A multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. pp. 47-48.
- FERRARI, Lilian. Ponto de vista e (inter)subjetividade: *frames* alternativos em “gosto” e “sabor”. In: CAVALCANTE, Sandra; GABRIEL, Rosângela; MOURA, Heronides (org.), *Linguagem, cognição e cultura: estudos em interface*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 157-178, 2021.
- FERRARI, Lilian. Entre alinhavos e alfinetes: a metáfora de corte-e-costura na comunicação verbal. In: BATORÉO, Hanna (org.), *Linguagem-cognição-cultura: teorias, aplicações e diálogos com foco na língua portuguesa*, Centro de Letras da Universidade Nova de Lisboa, 2022.
- FERRARI, Lilian. Linguística Cognitiva. In: OTHERO, Gabriel; FLORES, Valdir (org.), *A linguística hoje: múltiplos domínios*. São Paulo: Contexto, 2023. pp. 75-82.
- FILLMORE, Charles. Scenes-and-frame semantics. In: ZAMPOLLI, Antonio (ed.), *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North Holland, 1977, pp. 55-81.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: *Linguistic Society of Korea* (ed.), *Linguistics in the morning calm*. Hanshin: Seoul, 1982, pp. 111-138.
- FILLMORE, Charles. Frames and the semantics of understanding, *Quaderni di Semantica*, v. 6, pp. 222-254, 1985.

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: Basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GOLDBERG, Adèle. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adèle. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HARRIS, Randy. *The linguistic wars: Chomsky, Lakoff and the battle over deep structure*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: descriptive applications*. v. 2, Stanford CA: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SKINNER, Frederic. *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts. 1957.